Ele Andou Entre Nós



Evidências do Jesus Histórico

JOSH McDOWELL
& BILL WILSON

ELE ANDOU ENTRE NÓS

JOSH McDOWELL
& BILL WILSON

Editora
Candeia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

McDowell, Josh
Ele andou entre nós /Josh McDowell & Bill Wilson ; [tradução Neyd Siqueira] . São Paulo : Editora Candeia, 1998.

Título original: He walked among us.

1. Jesus Cristo – Historicidade I. Wilson, Bill. II. Título.

98-5407 CDD-232.908

Índices para catálogo sistemático:

1. Historicidade de Jesus : Cristologia 232.908

ISBN - 85.7352-068-X
Título do original em inglês:
He Walked Among Us

Copyright © 1988, Josh McDowell e Bill Wilson

Coordenador de produção: Mauro Wanderley Terrengui

Tradução: Neyd Siqueira
Revisão de provas: Isly Carvalho Marino Franco
Foto da capa: Otávio Blandy Figueiredo

Composição, fotolito, impressão e acabamento:
Associação Religiosa Imprensa da Fé

1ª Edição: 1995 - 3.000 exemplares
Reimpressão: Janeiro 1999 - 2.000 exemplares

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:
EDITORA E DISTRIBUIDORA CANDEIA
Rua Belarmino Cardoso de Andrade, 108
Interlagos - São Paulo, SP
Cep.: 04809-270

Gostaríamos de saber sua opinião sobre este livro. Escreva para a Editora Candeia.

PREFÁCIO

Jamais houve um tempo em que ataques mais blasfemos tivessem sido feitos contra Jesus Cristo, o Messias. Cada fase do Seu messiado está sendo desafiada: Seu nascimento, Sua vida, Seus milagres, Sua morte, Sua ressurreição... tudo foi questionado. Desde o Movimento da Nova Era até o filme infame, "A Última Tentação de Cristo", surge esta pergunta: Jesus existe?

Para responder a essa pergunta vital por meio de uma poderosa erudição apologética, a Trinity Broadcasting Network voltou-se para os escritos de dois eruditos modernos e está apresentando aos seus associados o trabalho destacado de Josh McDowell e Bill Wilson: ELE ANDOU ENTRE NÓS.

É nossa esperança e oração que este dom de amor fortaleça cada um de vocês para uma vida vitoriosa, testemunho mais dinâmico e resposta ponderada ao ataque do ceticismo da Nova Era que busca desestabilizar os próprios fundamentos da Igreja nestes últimos dias.

Paul e Jan Crouch
Presidente/Fundadores
TRINITY BROADCASTING NETWORK

CONHEÇA O VERDADEIRO JESUS DA HISTÓRIA!

A versão hollywoodiana de Jesus Cristo não se compara ao *verdadeiro* Jesus da história.

Os céticos que afirmam que Jesus jamais viveu realmente, ou que Ele não era o Filho de Deus, não examinaram a evidência.

Aqui está essa evidência — o caso do Jesus histórico.

Josh McDowell, um dos principais apologistas cristãos do mundo, associou-se ao escritor-pesquisador Bill Wilson para dar a você uma análise completa, a fim de documentar que Jesus Cristo realmente andou nesta terra, e que Ele era de fato quem dizia ser: o Filho de Deus.

A sua fé será fortalecida, enquanto esses dois autores oferecerem respostas poderosas às inexatidões das obras

A Última Tentação de Cristo
O Santo Graal
Jesus — A Evidência

Você vai encontrar o verdadeiro Jesus da história. E saberá, sem sombra de dúvida, que

ELE ANDOU ENTRE NÓS

ELE ANDOU ENTRE NÓS

Evidência para o Jesus Histórico

REISBOOK
DIGITALIZAÇÃO



ÍNDICE

Agradecimentos 13
Introdução 15
• *Qual o Verdadeiro Problema?* • *Por que a Historicidade de Jesus É Importante?* • *Busca Histórica do Jesus Histórico* • *Descrições Recentes de Jesus* • *Visão Geral*

Parte 1: Evidência Extrabíblica sobre Jesus

1. Natureza Estranha das Referências Extrabíblicas sobre Jesus 27
• *E os Relatórios de Pilatos?* • *Quantos realmente Sobreviveram?* • *Que Sensação Jesus Provocou?* • *Qual a Notícia Quente?* • *Falsas Expectativas quanto às Referências a Jesus* • *A Ausência de Evidência É Evidência de Ausência?* • *Por que Muitas das Referências Extrabíblicas a Jesus Têm um Tom Negativo?*

2. Referências a Jesus pelos Escritores Seculares da Antigüidade 41
• *Thallus e Phlegon* • *Josefo* • *Plínio, o Jovem* • *Cornélio Tácito* • *Adriano* • *Suetônio* • *Luciano de Samosata* • *Mara Bar-Serapion*

3. Referências dos Rabinos 63
• *Escritos dos Rabinos* • *Referências Não Confiáveis a Jesus* • *Referências Históricas Confiáveis sobre Jesus*

4. Mártires, Confessores e Primeiros Líderes da Igreja 81
• *Fraquezas dos Escritores Pós-Apostólicos* • *Pontos Fortes dos Escritores Pós-Apostólicos* • *Vidas e Ensinos dos Escritores Pós-Apostólicos* • *Avaliando a Evidência*

5. Ágrafos, Apócrifos e Pseudepígrafes 103
• Definições • Valor • Materiais que Confirmam os Relatos dos Evangelhos • Ágrafos possivelmente Confiáveis • Acréscimos Não Confiáveis aos Evangelhos • Conclusões

Parte 2: A Confiabilidade Histórica da Evidência do Novo Testamento

6. Os Registros Bíblicos São Confiáveis? 123
• Teste Bibliográfico • Teste de Evidência Interna • Teste de Evidência Externa • Quem Morreria por uma Mentira? • De que Vale um Messias Morto?

7. Alta Crítica: Quão "Seguros" São os Resultados? 141
• O que É a Alta Crítica? • Crítica de Redação • Conclusões dos Eruditos sobre a Alta Crítica

8. O Evangelho Anterior aos Evangelhos 169
• Presos numa Cultura Literária • O Período Formativo • Como a Informação Foi Preservada? • Evidência • Conclusão

9. História e Mito 195
• Características Básicas das Religiões Secretas: Até que Ponto Elas Se Assemelham aos Evangelhos? • Supostas Raízes Míticas da Doutrina e Prática Cristãs • Falácias ao Associar o Cristianismo com as Religiões Secretas • Peculiaridade das Descrições de Jesus no Evangelho • Conclusões

10. Evidência da Geografia Histórica 221
• Geografia Histórica • A Questão de Quirino • Geografia • Supostas Contradições Geográficas • Verificação do Novo Testamento?

11. Evidência da Arqueologia 237
• Pessoas • Lugares • Detalhes • Acontecimentos • Documentos do Mar Morto • Conclusões Eruditas

12. O Fator Judeu 259
• Sabor Semítico dos Relatos do Evangelho • Caracterizações Hebraicas de Jesus • Perguntas a Respeito do Judaísmo de Jesus • Conclusão

13. Jesus e os Milagres 289
• Os Milagres São Possíveis? • Avaliando as Reivindicações de Milagres

14. A Confiabilidade dos Registros da Ressurreição 307
• *Origem Primitiva* • *Natureza Histórica* • *Crença Cristã Primitiva* • *Conclusão*

15. Messias e Filho de Deus? 321
• *Expectativas Messiânicas* • *Jesus Pensava que Era o Messias?* • *Filho do Homem Quem É Ele?* • *Jesus Era o Messias?* • *Filho de Deus* • *Jesus Acreditava realmente que Ele Era Deus?* • *Jesus Era o Deus que Julgava Ser?*

Parte 3: Aplicações e Conclusões

16. Jesus e a Imprensa Popular 351
• *O que Há, então, de Errado com o que É Popular?* • *Armadilhas dos Populistas* • *Falsos Retratos da Vida de Jesus* • *Conclusão* • *Um Novo Começo*

Apêndice: Você Gostaria de Conhecer a Deus Pessoalmente?

Notas

Bibliografia

AGRADECIMENTOS

Agradecemos especialmente

A: Joe Bristow	**POR:** Datilografar as 719 páginas do primeiro rascunho do manuscrito;
A: Jean Bryant	**POR:** Seu trabalho diligente e perceptivo na revisão e formatação do livro;
A: Steve Gillespie Marcus Maranto, Jim Pourchot, e Leroy Tennison	**POR:** Fazerem a pesquisa em outras áreas, enquanto concentrávamos a atenção necessária neste assunto;
A: Steve Dunn	**POR:** Seu discernimento e trabalho em áreas especializadas do projeto;
E particularmente **A nossas esposas:** Dottie McDowell Sharon Wilson	**POR:** Sua dedicação, diligência e ajuda em transmitir a nossos filhos o que recebemos, as boas notícias sobre Jesus.

EXPLICAÇÃO DOS CÓDIGOS DE REFERÊNCIA

Depois de muitas citações neste livro, você vai ver um código de referência em letras pequenas, tal como: (GreM.MA 23-24).

As primeiras letras maiúscula e minúscula são extraídas do último nome do autor (Gre=Green), e a letra ou letras seguintes (antes do ponto final) são do primeiro nome do autor (M=Michael).

As letras depois do ponto referem-se ao título (MA=*Man Alive*!), e os números (23-24) reportam-se às páginas da obra específica citada.

Assim sendo, o exemplo acima levaria você às páginas 23 e 24 do livro *Man Alive*!, escrito por Michael Green.

Algumas referências são seguidas por (AS), (RS) ou (R). Essas abreviações indicam a seção da bibliografia onde a obra se encontra: AS=Fontes Antigas; RS=Fontes Rabínicas; R=Obras de Referência.

Uma lista completa dos códigos e das fontes às quais se referem será encontrada na Bibliografia.

INTRODUÇÃO

Quantas vezes você fez a si mesmo estas perguntas: Quem era Jesus, afinal? Como Ele era realmente? Ou, como indaga o erudito inglês do Novo Testamento, R. T. France:

> Quanto da nossa compreensão tradicional de Jesus é um produto da imaginação e do sentimentalismo piedoso e não dos registros históricos? De que forma isso tem o efeito de transformar Jesus em um homem de nossa própria cultura, ou, pior ainda, de cultura alguma, cortando-o, assim, efetivamente da vida real?...Não estamos ainda um tanto chocados com a idéia de que Jesus talvez tivesse um verdadeiro senso de humor, ou conceitos políticos? (FrR.E 158)

Você se preocupou alguma vez, os críticos vão perguntar, com o fato de existirem relativamente poucas referências a Jesus fora dos escritos cristãos? Quase tudo que sabemos sobre Ele provém de documentos cristãos e isto levou alguns eruditos a negarem a Sua existência. Bruno Bauer, Paul Couchoud, G. Gurev, R. Augsten, e mais recentemente, G. A. Wells, argumentaram contra a existência de Jesus. Outros, como o Professor Charlesworth, do Seminário Teológico de Princeton, diz: "gostaria certamente de fazer a seguinte pergunta: Não é evidente que uma das conclusões dos estudos sobre o Novo Testamento é que nada pode ser conhecido com certeza sobre o Jesus da História?" (ChJ.R 9)

QUAL O VERDADEIRO PROBLEMA?

Jesus viveu algum dia? A maioria dos eruditos admite que um homem conhecido como Jesus de Nazaré viveu realmente no século 1° e que a sua vida foi a fonte de vários relatórios que circularam a respeito dele. Só alguns insistem em que Jesus jamais viveu.

A questão calorosamente debatida hoje é, porém, esta: "Jesus de

Nazaré viveu na realidade o tipo de vida que os relatos do evangelho dizem que viveu?" Seria Ele, na verdade, a espécie de pessoa que a Bíblia retrata? Um fluxo de novos livros continua a apresentar Jesus como qualquer outra coisa, exceto como a figura descrita nas narrativas do evangelho. Ele é descrito como um mágico, um zelote, um essênio, um guru e viajante, alguém que usava a hipnose, e como o marido de Maria Madalena com quem procriou uma linhagem secreta e uma sociedade para governar o mundo. Ele é apresentado como um gnóstico, um astronauta extraterreno, um enganador que planejou sua própria ressurreição, e como nada mais do que um nome de código para um cogumelo sagrado alucinógeno supostamente usado pelos primeiros cristãos.

Nós desejamos, por outro lado, apresentar uma evidência confiável para descrever tão exatamente quanto possível como era o Jesus histórico.

POR QUE A HISTORICIDADE DE JESUS É IMPORTANTE?

Considere uma declaração de John Gibbin em seu livro popular, *In Search of the Double Helix: Quantum Physics and Life* ("Em Busca da Hélice Dupla: Física Quântica e Vida"):

> Pergunte aos cristãos piedosos se eles crêem que Jesus morreu e ressuscitou, e naturalmente dirão que sim. Peça a eles evidência e ficarão confusos com a pergunta. Não se trata de uma questão de evidência, mas de fé; pedir evidência indica dúvida, e onde há dúvida não há fé. (GiJ.IS 21-23)

Gibbin evidentemente confunde a fé e a natureza da evidência. Ter fé não é simplesmente crer em algo na ausência de evidência — um aspecto da fé bíblica é crer no que a Bíblia diz, baseado na evidência à nossa disposição. Esta é a razão de o professor de religião e filosofia, Charles Anderson, estar certo:

> Não é possível reforçar em demasia o fato de o cristianismo ser uma religião histórica e estar ligado de tal forma à história que, se for provado que a credibilidade histórica das suas fontes é falsa, ele desmoronará imediatamente como possível pretendente à nossa lealdade. (AnC.CQ 55)

E. M. Blaiklock, ex-professor de Filologia Antiga na University College, de Auckland, Nova Zelândia, acrescenta: "Desde que a fé cristã está arraigada na história, causar distúrbios na história iria inevitavelmente provocar distúrbios na fé." (BlE. MM 48)

A evidência apresentada neste livro deve ajudar a responder às

perguntas que você talvez tenha sobre a vida de Jesus, enquanto Ele andava entre o povo do século 1°.

Se você não tem um relacionamento pessoal com Deus por intermédio de Jesus, pedimos que mantenha a mente aberta. Acreditamos que Deus nos deu suficiente evidência da Sua intervenção na história para permitir que tenhamos uma forte convicção, baseados em uma probabilidade esmagadora, embora não tão forte a ponto de forçar alguém a crer contra a sua vontade. Segundo o físico e filósofo francês, Blaise Pascal:

> Ele (Deus) controla de tal modo o conhecimento de Si mesmo que deu sinais de Si mesmo, visíveis aos que O buscam e não aos que não O buscam. Há bastante obscuridade para aqueles que têm uma disposição contrária. (TrW.PP 430)

BUSCA HISTÓRICA DO JESUS HISTÓRICO

Por que alguns eruditos de hoje são tão céticos com respeito aos relatos do evangelho? O que aconteceu no passado para provocar tanto ceticismo? I. Howard Marshall, professor de Exegese do Novo Testamento na Universidade de Aberdeen, examinou convenientemente a "busca do Jesus histórico" através dos últimos duzentos anos. (MaIH.IB 110-42) Vamos tocar apenas nos pontos altos aqui, mas recomendamos bastante a obra de Marshall para novos estudos e para referências quanto à história dos eruditos sobre este assunto.

A publicação póstuma dos escritos de H. S. Reimarus, em 1778, marcou o início definido das abordagens críticas quanto à historicidade de Jesus. Reimarus, professor de hebraico e línguas orientais em Hamburgo, Alemanha, considerava Jesus como um zelote judeu que fracassou em estabelecer seu reino messiânico. Seus discípulos, diz Reimarus, roubaram o seu corpo e inventaram as histórias da sua ressurreição. Em 1835, o erudito de Tübingen, David Friedrich Strauss, aos 27 anos, publicou *The Life of Jesus* ("A Vida de Jesus"). Esta obra importante, altamente influenciada pelo racionalismo, expressou fortes dúvidas quanto a considerar os evangelhos como fontes históricas. Harnack, juntamente com outros teólogos liberais do século 19, apresentou suas descrições de maneira tal que Jesus tornou-se o que tem sido descrito como o "Jesus liberal", perfeitamente à vontade como um inofensivo professor de escola do século 19. William Temple, Arcebispo de Canterbury, mais tarde atacou esta posição, dizendo: "Por que alguém teria tido o trabalho de crucificar o Cristo do Protestantismo Liberal tem sido sempre um mistério". (TeW.RIJ 24)

Em 1901, William Wrede, um estudioso alemão do Novo Testa-

mento, publicou a obra *The Messianic Secret* ("O Segredo Messiânico"). Segundo Wrede, Jesus não poderia ter realmente dito a Seus discípulos e outros para se calarem sobre as curas realizadas por Ele e sobre o Seu messiado. Assim sendo, essas devem ser declarações falsas acrescentadas por Marcos no interesse da teologia. Os evangelhos eram, então, pouco mais que fantasias teológicas.

Em 1906, Albert Schweitzer publicou *The Quest of the Historical Jesus* ("A Busca do Jesus Histórico"). Embora Schweitzer tivesse tido êxito em refutar as várias "Vidas de Jesus" populares até os seus dias, ele deixou atrás de si apenas um Jesus enganado, esperando a chegada do fim da história e morrendo em desespero quando isso não aconteceu. Conforme suas palavras:

> O Jesus de Nazaré que apareceu publicamente como o Messias, que pregou a ética do Reino de Deus, que fundou o Reino dos Céus na terra, e morreu para dar à Sua obra a sua consagração final, jamais existiu. Ele é uma figura projetada pelo racionalismo, dotada de vida pelo liberalismo, e vestida pela teologia moderna com trajes históricos. (ScA.QHJ 398)

A contribuição de Schweitzer, porém, tinha a finalidade de reconhecer que o Jesus histórico poderia ter sido alguém diferente do homem moderno.

Quase na mesma época de Wrede e Schweitzer, a *religionsgeschichtliche Schule* ("Escola de Religiões") procurou traçar paralelos entre os primeiros cristãos e outras seitas religiosas do Mediterrâneo Oriental. A abordagem não incluía as seitas judaicas. Segundo essa escola, poderes divinos foram conferidos a Jesus pelos escritores do evangelho que estavam sob a influência das lendas pagãs sobre "homens divinos" com poderes para operar milagres.

Depois da 1ª Guerra Mundial, a crítica de forma começou a exercer uma influência considerável e crescente.[1] Em 1919, K. L. Schmidt afirmou que quase todos os detalhes de tempo e lugar nos evangelhos tinham sido construídos artificialmente pelos escritores e não eram necessariamente históricos.[2] Martin Dibelius, em 1919, e Rudolf Bultmann, em 1921, publicaram trabalhos que procuravam analisar as várias unidades individuais dentro das tradições do evangelho segundo a sua forma, em lugar do seu conteúdo.[3]

Comum à maior parte da crítica de forma era (1) a suposição de que a tradição oral das palavras e feitos de Jesus sofreram adições, cancelamentos e mudanças antes de serem finalmente registradas; (2) a suposição de que a "situação vivencial" (*Sitz im Leben*) da igreja primitiva controlava o conteúdo e a maneira pela qual os relatos do evangelho

foram escritos; (3) a crença de que os escritores do evangelho tomaram de empréstimo aspectos de outra literatura antiga para incorporar em seu relato; (4) a suposição (particularmente de Bultmann e outros que o seguiram) de que o racionalismo havia abolido completamente a possibilidade de milagres; e (5) a conclusão (novamente, em especial, de Bultmann e seus seguidores) de que bem pouco nos evangelhos podia ser considerado como narrativa histórica confiável.

Bultmann formulou a abordagem geral de que se alguém, antes ou depois de Jesus, pudesse ter dito algo que os evangelhos atribuíssem a Ele, então Jesus provavelmente não o disse. Os poucos atos e palavras de Jesus que permaneceram, foram publicados por Bultmann num folheto traduzido para o inglês, em 1934, como *Jesus and the Word* ("Jesus e a Palavra"). Lohmeyer, outro erudito alemão, descreveu-o como "um livro de Jesus sem Jesus". (Veja KüWG.NT 375ss). Marshall resume:

> Se A. Schweitzer tivesse pronunciado o obituário sobre a busca do Jesus histórico, poderia ser dito que Bultmann colocou a lápide no lugar. O efeito geral da sua obra foi afirmar que a busca pelo Jesus histórico era impossível. Bultmann deu ainda outro passo, declarando que a procura era ilegítima e desnecessária. (MaIH.IB 126)

Em reação ao pessimismo de Bultmann quanto a um possível material histórico nos evangelhos, alguns escritores mantiveram um ponto de vista mais conservador e otimista. Entre eles estavam Dibelius (só um pouco mais conservador), Dodd, T. W. Manson, W. Manson, e V. Taylor.[4] Em vários graus, esses e outros eruditos procuraram reclamar algumas partes do evangelho como historicamente confiáveis. Mesmo dentre os seguidores de Bultmann, E. Käsemann e G. Bornkamm declararam que parte do material era historicamente confiável, mas N. Perrin manteve o pessimismo de Bultmann. Outros, fora do círculo de Bultmann, inclusive Jeremias, Goppelt e Guthrie, argumentaram com a finalidade de preservar grande parte do material do evangelho como autêntico.

DESCRIÇÕES RECENTES DE JESUS

Um dos maiores "thrillers" norte-americanos em anos recentes foi o filme épico *Caçadores da Arca Perdida*. Esta aventura de arqueólogos rivais descobrindo a arca perdida dos judeus cativou as audiências em todo o país. Embora *Caçadores da Arca Perdida* fosse apenas ficção, nas últimas décadas a imprensa popular tem feito inúmeras tentativas para descobrir, não um artefato judeu, mas a realidade de um personagem judeu histórico: Jesus de Nazaré. Poderíamos chamá-los de "Caçadores do Jesus Perdido".

Em vista dos inumeráveis mistérios que cercam a proposição de que Jesus de Nazaré poderia ser (segundo a crença cristã) o Messias há muito esperado, não é surpreendente que incontáveis autores tenham escrito várias hipóteses para explicar a vida de Jesus. Todavia, temos de concordar com o estudioso do Novo Testamento, Michael Green, quando ele diz:

> Fico surpreso ao ver que livros são constantemente publicados e programas de televisão produzidos, os quais apresentam interpretações as mais bizarras de Jesus de Nazaré apoiadas em evidência escassa. (FrR.E 7, Prefácio do Editor)

Considere, por exemplo, *The Lost Years of Jesus* ("Os Anos Perdidos de Jesus"), uma reconstrução popularista da vida de Jesus com a publicidade típica: "Um avanço histórico que vai abalar os próprios fundamentos do cristianismo moderno!" (PrE.LY) Este livro recentemente publicado, de Elizabeth Clare Prophet, fantasia que Jesus passou dezessete anos de sua vida, entre os treze e trinta anos, na Índia. A autora apresenta as declarações de quatro testemunhas que viram documentos (qual a sua idade ninguém parece saber) que preservam esta tradição na Índia. Os estudiosos não vão levar provavelmente o livro a sério.

Uma apresentação um pouco melhor documentada é "o chocante *best-seller* internacional" de 1982, *Holy Blood, Holy Grail* ("O Sangue Santo, o Santo Graal"). O livro cativa os leitores com uma teia de especulações sobre Maria Madalena como esposa de Jesus e a possibilidade de eles terem tido seis filhos. Por mais sedutora que seja a hipótese do livro para os leitores ingênuos, a evidência clara para apoiar a posição do autor não se encontra nele. De fato, os próprios autores praticamente admitem que leram nos relatos dos evangelhos aquilo que desejavam ver:

> Não era nossa intenção desacreditar os evangelhos. Procuramos peneirá-los, a fim de localizar certos fragmentos de verdade possível ou provável e extraí-los dos ornamentos que os rodeavam. Estávamos buscando, além disso, fragmentos de um caráter muito exato — fragmentos que pudessem confirmar um casamento entre Jesus e a mulher conhecida como Maria Madalena. Tais atestados, porém, desnecessário é dizer, não seriam explícitos. Compreendemos que, para encontrá-los, *seríamos obrigados a ler nas entrelinhas, encher certos espaços, justificar certas pausas e elipses. Teríamos de tratar com omissões, insinuações, referências, na melhor das hipóteses, oblíquas.* (BaM.HB 330; ênfase nossa)

Os autores deram, na parte enfatizada acima, quase uma definição precisa do que os eruditos bíblicos chamam de *exegese*, a prática de ler num texto um pensamento que não se encontra nele!

Sobre evidência quase tão escassa, Thomas Sheehan exige o reconhecimento de Jesus como simplesmente um homem que pregou que toda a religião deveria acabar. A tese inteira do seu livro, *The First Coming* ("O Primeiro Advento"), é baseada numa interpretação extravagante de Marcos 1.15 ("O tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho"), um versículo que, quando separado do seu contexto bíblico, tem sido muito empregado para introduzir reinterpretações novas do evangelho. (ShT.TFC) Sheehan, um filósofo, produziu uma obra de filosofia especulativa e não de investigação histórica.

Num ângulo diferente, Morton Smith, Professor de História da Antigüidade da Universidade de Colúmbia, representa Jesus como um mágico que influenciou seus seguidores usando ilusão e hipnose. Em *Jesus the Magician* ("Jesus, o Mágico"), Smith reinterpreta textos bíblicos à luz de um fragmento de uma carta de Clemente de Alexandria descoberta por ele, em 1958. (SmM.JTM) Smith, como outros que negam a credibilidade dos relatos evangélicos, declara enfaticamente "Os evangelhos repetidamente se contradizem uns aos outros". (SmM.JTM 3)

Embora essa afirmativa seja certamente discutível, uma observação muitas vezes negligenciada é a maneira como várias reconstruções populares da vida de Jesus contradizem umas às outras. Por exemplo, em *Holy Blood, Holy Grail*, o casamento em Caná é supostamente o de Jesus e Maria Madalena. Smith, por outro lado, descarta todo o relato, dizendo: "A história em Caná é provavelmente também fantasiosa; foi mostrado que seguiu o modelo de um mito dionisíaco". (SmM.JTM 25. Veja o cap. 16, *Jesus and the Popular Press* — "Jesus e a Imprensa Popular" — para responder a esta afirmação de Smith.) O preconceito de Wilson contra a idéia de encontrar coisa confiável nos relatos do evangelho brilha, entretanto, claramente através dos seus escritos.

Várias conjeturas de Smith foram usadas por Ian Wilson em seu livro *Jesus: The Evidence* ("Jesus, a Evidência"), e ainda mais na série de TV britânica sob o mesmo título. No livro, Wilson se apóia nos estudiosos liberais do século 19 e na crítica de forma do século 20 para lançar dúvidas sobre a confiabilidade dos relatos do evangelho como fontes históricas. Mesmo assim, a evidência o forçou a concluir que Jesus existiu, mas favorecendo a hipótese de Smith de Jesus ter realizado milagres com o uso de magia. Wilson brinca com idéias de possível hipnose em massa para explicar as aparições pós-ressurreição, e a possibilidade de que o túmulo não estivesse vazio; todavia, ele finalmente concluiu que a ressurreição em si deve continuar um mistério.

Há mais de 60 anos, o francês Paul Louis Couchoud publicou o seu livro *Le Mystere de Jesus* ("O Mistério de Jesus"). Segundo François Amiot, ele "convidou alegremente os fiéis para se livrarem da doutrina

do Filho encarnado de Deus e admitirem que a personalidade de Jesus era completamente falsa, uma construção engenhosa formada por oráculos proféticos prevendo o futuro Messias".

Mais recentemente, G. A. Wells escreveu três livros com uma conclusão similar: *The Jesus of the Early Christians* ("O Jesus dos Primeiros Cristãos") (1971); *Did Jesus Exist?* ("Jesus Existiu?") (1975); e *The Historical Evidence for Jesus* ("A Evidência Histórica a Favor de Jesus") (1982). Ao datar todos os livros do Novo Testamento de 90 a.D. e mais tarde, ele determinou "mostrar que obras recentes de teólogos críticos fornecem, elas mesmas, uma base para levar a sério a hipótese de que o cristianismo não começou com um Jesus que vivia na terra". (WeG.HE 218) A posição de Wells, a propósito, foi rejeitada por Ian Wilson em *Jesus: The Evidence.*

John Allegro, um estudioso semita competente, estabeleceu recentemente uma abordagem nova. No livro *The Sacred Mushroom and the Cross* ("O Cogumelo Sagrado e a Cruz"), Jesus não é uma pessoa histórica, mas uma espécie de nome em código aludindo ao uso de uma droga alucinógena feita com o cogumelo de cabeça vermelha, *Amanita Muscaria.* Os escritores do Novo Testamento eram supostamente membros de um antigo culto da fertilidade que colocaram seus segredos por escrito num elaborado criptograma, o próprio Novo Testamento. G. A. Wells (acima) rejeitou completamente esta hipótese. (WeG.HE 221-23)

E a lista continua. O rabino ortodoxo Harvey Falk escreveu a obra *Jesus the Pharisee: A New Look at the Jewishness of Jesus* ("Jesus, o Fariseu: Um Novo Olhar para o Lado Judeu de Jesus"). Há também os seminários de Jesus, onde os estudiosos se encontram semestralmente para classificar vários segmentos dos evangelhos quanto à sua confiabilidade. Em 1985, a publicação humanista secular, *Free Inquiry,* ajudou no patrocínio do "Simpósio Internacional sobre Jesus e os Evangelhos", na Universidade de Michigan. A revista anunciou que a conferência "Jesus na História e na Mitologia" seria uma reunião de "importantes eruditos bíblicos, cientistas e céticos pela primeira vez para debater esta questão".[5] Mas, na verdade, os estudiosos cristãos conservadores não foram absolutamente representados, e um dos poucos oradores a apoiar qualquer coisa nos evangelhos como sendo histórica também anunciou claramente sua rejeição do nascimento virgem e da ressurreição corporal de Jesus.

Em anos futuros, o leigo, o estudante, o seminarista e o pastor no púlpito, terão todos de ficar cada vez mais alertas quanto a esses tipos de ataque à verdade do Novo Testamento sobre a existência real de Jesus. A crítica erudita (de natureza destrutiva) está profundamente entrincheirada em muitas faculdades e seminários. E, vamos enfrentar os fatos, a mídia consegue criar muito mais excitação por meio de uma nova e extravagante representação de Jesus do que de qualquer outra

coisa que ela coloque na seção religiosa.

A maior parte das vidas populistas de Jesus tem vários pontos em comum. R. T. France resume:

> Todas essas reconstruções de Jesus têm necessariamente em comum um extremo ceticismo com relação à evidência principal relativa a Ele, os evangelhos canônicos, que são considerados como uma distorção deliberada da verdade, a fim de oferecer à adoração cristã um Jesus adequado. Em vez disso, eles procuram insinuações de "evidência suprimida", e dão o lugar central a detalhes históricos incidentais e a tradições "apócrifas" tardias conhecidos dos eruditos bíblicos tradicionais, mas que têm sido geralmente considerados como periféricos na melhor das hipóteses e, em muitos casos, bem pouco confiáveis. A credulidade com a qual é aceita esta "evidência suprimida", que recebe um lugar de honra na reconstrução do "verdadeiro" Jesus, é ainda mais notável quando contrastada com o excessivo ceticismo mostrado em relação aos evangelhos canônicos. (FrR.E 14)

Em *The Screwtape Letters* ("Cartas de Screwtape"), C. S. Lewis talvez tenha feito a avaliação mais exata da produção contínua de vidas populistas de Jesus. Na história, Screwtape, um demônio mais velho, aconselha seu sobrinho sobre uma das muitas estratégias do engano:

> Na última geração, promovemos a construção de ... um "Jesus histórico" em linhas liberais e humanitárias. Estamos produzindo agora um novo "Jesus histórico" de acordo com as linhas marxista, catastrófica e revolucionária. As vantagens dessas construções, que pretendemos mudar a cada trinta anos mais ou menos, são múltiplas. Em primeiro lugar, todas elas tendem a dirigir a devoção do homem para algo que não existe, pois nenhum "Jesus histórico" é histórico. Os documentos dizem o que dizem e nada pode ser acrescentado a eles; cada novo "Jesus histórico", portanto, tem de ser extraído deles por supressão em um ponto e exagero em outro, e através desse tipo de adivinhação (brilhante é o adjetivo que ensinamos os humanos a aplicarem a ele) em que ninguém arrisca dez centavos na vida normal, mas que é suficiente para produzir uma safra de novos Napoleões, novos Shakespeares, e novos Swifts, na lista de outono de cada editor. (LeC.SL. 117)

VISÃO GERAL

Você já deve ter ouvido (ou perguntado): "Como sabemos que Jesus existiu e, se existiu, como ele era?" A afirmação muito repetida é: "As únicas referências históricas a ele estão contidas em fontes cristãs preconceituosas".

Fato ou ficção? Para responder a essa pergunta, vamos examinar primeiro, na Parte 1 deste livro, as várias referências a Jesus na literatura secular e judaica. Vamos examinar também o valor das referências a Jesus nos escritos dos primeiros pais da igreja e nos livros Apócrifos, Ágrafos e Pseudepígrafos.

Na Parte 2, investigaremos a confiabilidade histórica do que o Novo Testamento nos conta sobre Jesus. Por que alguns eruditos duvidam da autenticidade das referências históricas no Novo Testamento? Devemos desqualificar os escritores do evangelho por causa do seu suposto preconceito cristão? Como podemos saber se eles não inventaram a história de Jesus, ou que ela não passava de uma lenda que se desenvolveu entre os anos em que Jesus viveu e a época em que alguém finalmente se preocupou em escrevê-la? Por que não a escreveram imediatamente? O que é crítica de forma e, suas conclusões são corretas? O que dizer de todos os mitos pagãos sobre deuses que vieram ao mundo mediante nascimentos virgens e realizaram milagres? Poderiam os escritores do evangelho ter extraído deles a sua história? Onde obtiveram o seu material sobre Jesus, afinal de contas? Como a geografia da Palestina nos ajuda a compreender algumas das coisas que se afirma terem sido ditas por Jesus? A arqueologia é útil? E o pano de fundo judeu do evangelho? Pode alguém confiar seriamente nos documentos cheios de relatórios sobre os milagres, especialmente a ressurreição de Jesus? Finalmente, é possível confiar que os escritores que declaram que Jesus é tanto o Messias como o Filho de Deus transmitiram corretamente a sua história?

No capítulo final, aplicaremos toda a evidência acumulada às várias descrições populares de Jesus. Durante o processo, avaliaremos até que ponto essas obras são dignas de confiança.

Parte 1

EVIDÊNCIA EXTRABÍBLICA SOBRE JESUS

1

NATUREZA ESTRANHA DAS REFERÊNCIAS EXTRABÍBLICAS SOBRE JESUS

Recebi recentemente uma carta de alguém que escreveu: "Sou quase crente, mas não quero ter uma fé cega... O senhor pode documentar para mim relatos históricos não bíblicos da ressurreição de Cristo?"

Um correspondente do Professor F. F. Bruce, ex-professor de Rylands de Crítica Bíblica e Exegese da Universidade de Manchester, apresentou a questão um pouco mais amplamente:

> Que prova colateral existe do fato histórico da vida de Jesus Cristo? (BrF.JCO 17)

Depois deste capítulo, o restante da Parte 1 é dedicado à documentação e avaliação das referências extrabíblicas à vida de Jesus. A fim de podermos apreciar plenamente essas referências, precisamos responder a várias perguntas importantes. As respostas a elas vão responder à questão mais abrangente: Devemos, de fato, esperar que os registros da história secular dos dias de Jesus tenham preservado qualquer menção da vida dEle e, caso positivo, que tipo de referências podemos aguardar?

E OS RELATÓRIOS DE PILATOS?

Se a Bíblia retrata corretamente a vida, morte e ressurreição de Jesus, Pôncio Pilatos, mais do que qualquer outro, não teria feito um relatório sobre isso? O conhecido erudito, F. F. Bruce, responde:

> As pessoas perguntam freqüentemente se qualquer registro foi preservado do relatório que, conforme se supõe, Pôncio Pilatos, prefeito da Judéia, enviou a Roma a respeito do julgamento e execução de Jesus de Nazaré. A resposta é negativa. Mas queremos acrescentar imediatamente que nenhum registro oficial foi preservado de **qualquer** relatório que Pôncio Pilatos, **ou qualquer outro governador da Judéia**, tenha enviado a Roma sobre **qualquer coisa**. E só raramente um relatório oficial de um

> governador de alguma província romana sobreviveu. Eles podem ter enviado seus relatórios regularmente; mas na maioria das vezes esses papéis não passavam de documentos transitórios e, no devido tempo, eles desapareceram. (BrF.JCO 17; ênfase nossa)

É interessante notar que, embora não tenhamos hoje nenhum relatório de Pilatos ou de qualquer outro governador romano da Judéia a respeito de qualquer assunto, os primeiros cristãos tinham aparentemente bastante conhecimento dos registros de Pilatos sobre Jesus. Justino Mártir, escrevendo cerca do ano 150 a.D., informa o imperador Antonino Pio do cumprimento do Salmo 22.16:

> As palavras: "Traspassaram-me as mãos e os pés", referem-se aos cravos colocados nas mãos e pés de Jesus na cruz; e depois que ele foi crucificado, seus executores lançaram sortes sobre as suas roupas, dividindo-as entre eles. É possível aprender que essas coisas aconteceram nos "Atos" registrados sob Pôncio Pilatos.[1]

Justino diz também:

> O fato de Ele ter realizado esses milagres pode ser facilmente verificado pelos "Atos" de Pôncio Pilatos.[2]

Bruce continua:

> Da mesma forma, tanto Justino como Tertuliano, outro apologista cristão uma ou duas gerações mais tarde, estavam certos de que o censo realizado aproximadamente na ocasião do nascimento do Senhor foi registrado nos arquivos oficiais do reinado de Augusto, e que quem quer que se desse ao trabalho de examinar esses arquivos encontraria ali o registro de Maria e José. (BrF.JCO 20)[3]

A declaração de Justino é ousada, se de fato não existisse outro registro. Alguém pode imaginar um erudito respeitado, escrevendo ao Presidente dos Estados Unidos uma carta, que ele sabe vai ser cuidadosamente investigada, e construindo o seu caso sobre documentos federais oficiais inexistentes? Todavia, os cristãos do século 4° aparentemente se preocuparam porque este registro não estava à sua disposição na época. Um "Atos de Pilatos" evidentemente falso foi fabricado na ocasião. Uma indicação da sua falsidade: Ele foi dirigido a Cláudio, embora Tibério fosse o imperador quando Pilatos governou a Judéia.

Mas por que alguém do século 4° iria forjar um documento do século 1°? Em separado de uma visão deturpada do que as Escrituras ensinavam sobre honestidade, parte da razão está no fato de os documentos do século 1° serem muito raros.

QUANTOS REALMENTE SOBREVIVERAM?

Quanto material bíblico sobre qualquer assunto restou realmente do século 1°? E em que partes desse material esperaríamos encontrar referências a Jesus? Bruce relata novamente:

> Quando nos perguntam que "provas colaterais" existem da vida de Jesus Cristo, seria injusto começar fazendo outra pergunta? Em que autores contemporâneos — em que escritores surgidos durante os primeiros cinqüenta anos depois da morte de Cristo, por exemplo — o leitor esperaria encontrar a evidência colateral que está procurando? Talvez fosse bastante injusto, da mesma forma que dificilmente se poderia esperar que o cidadão na rua soubesse quem estava escrevendo no mundo greco-romano durante esses cinqüenta anos. Até o estudioso de obras clássicas iria coçar a cabeça, tentando lembrar quem eles eram. Pois é surpreendente como pouquíssimos escritos, falando de maneira comparativa, de um tipo que pudesse sequer ser remotamente esperado que mencionasse Cristo, sobreviveram desses anos. (Faço exceção, no presente, às cartas de Paulo e vários outros escritos do Novo Testamento.) (BrF.JCO 17)

Um escritor prolífico e contemporâneo de Jesus foi Filo. Ele nasceu cerca do ano 15 a.C. e viveu em Alexandria, no Egito, até sua morte pouco depois de 40 a.D. Suas obras consistiam principalmente de assuntos filosóficos e comentários sobre religião e escrituras judaicas, no que elas dizem respeito à cultura e filosofia gregas. Sua família era uma das mais ricas de Alexandria. Uma leitura do artigo sobre Filo na décima quinta edição da Enciclopédia Britânica vai confirmar facilmente a conclusão de Daniel Rops: "Não causa muita surpresa que tal indivíduo não desse grande atenção a um agitador surgido dentre a classe mais humilde, cuja doutrina, se é que tinha alguma, não estava de forma alguma ligada com a filosofia". (AmF.SLC 17-18)

E. M. Blaiklock catalogou os escritos não cristãos do império romano (não incluindo os de Filo) que sobreviveram ao século 1° e que não mencionam Jesus. Como pode ser visto pelo nosso resumo de Blaiklock nos parágrafos que se seguem, há muito poucos.

Da década de trinta praticamente nada restou. Velleius Paterculos, oficial reformado do exército de Tibério, publicou o que foi considerada uma história amadorística de Roma em 30 a.D. Só parte dela sobreviveu. Jesus estava apenas começando o Seu ministério.[4] Considerando a época em que foi escrita, e especialmente a segregação entre as cidades judias e romanas na Galiléia, é improvável que Paterculos tenha sequer ouvido falar de Jesus. Os escritores do evangelho não dão evidência de que Jesus jamais tenha posto os pés em Tiberíades ou qualquer outra

cidade romana da Galiléia. Também sobrevivente dos anos trintas é uma inscrição de Cesaréia contendo dois terços do nome de Pilatos.

Tudo que restou dos anos quarentas são fábulas escritas por Fedro, um liberto da Macedônia.

Blaiklock diz a respeito das décadas de cinqüenta e sessenta:

> Suportes para livros, colocados a trinta centímetros um do outro nesta mesa onde escrevo, iriam incluir obras desses anos significativos. Curiosamente, grande parte deles vem de emigrantes espanhóis em Roma, uma prelibação do que a península ibérica iria dar ao seu conquistador — senadores, escritores, e dois imperadores importantes, Trajano e Adriano. Paulo foi previdente ao incluir uma visita à Espanha em seu programa. (BlE.MM 13)

As obras deste período incluem os tratados filosóficos e cartas do estadista romano, escritor e tutor de Nero, Sêneca. O longo poema de seu sobrinho Lucano sobre a guerra civil entre Júlio César e Pompéia; um livro sobre agricultura pelo soldado aposentado, Columela, e grandes fragmentos do romance *Satyricon* pelo sensual Gaio Petrônio. Também sobreviventes desse período são algumas centenas de linhas do satirista romano, Pérsio; a *Historia Naturalis* ("uma coleção de fatos extravagantes sobre o mundo da natureza") de Plínio, o Velho; alguns fragmentos do comentário de Ascônio Pediano sobre Cícero; e a história de Alexandre o Grande pelo quase desconhecido Cursio Quinto. Blaiklock pergunta:

> Deste punhado de escritores, seria provável que algum mencionasse Cristo? Talvez Sêneca, se ele de fato encontrou e conversou com Paulo. Mas há pouca probabilidade de esta simpática lenda medieval ser verdadeira. Além disso, em 64 a.D., no verão do ano em que Nero observou os cristãos com hostilidade, Sêneca era um homem aflito e atormentado. Um ano mais tarde estava morto, impelido ao suicídio pelo jovem e louco tirano a quem tentara em vão domesticar. (BlE.MM 16)

Verifique as obras das décadas de setenta e oitenta para ver se haveria probabilidade de elas mencionarem um arruaceiro religioso judeu, morto havia quarenta anos: Tácito, que se tornaria um grande historiador, publicou um trabalho secundário sobre oratória, em 81 a.D. Várias centenas de poemas ou epigramas espirituosos escritos por Marcial em Roma sobrevivem, mas não mencionam claramente os cristãos. Depois da morte em massa de cristãos autorizada por Nero em 64 a.D., não é de admirar que poucos deles quisessem permanecer em Roma. Josefo escreveu durante esse período e examinaremos seus comentários sobre Jesus no capítulo seguinte. Duas de suas obras, por

boas razões, não mencionam Jesus: *Against Apion* ("Contra Apion") uma obra apologética, contrastando a fé judia com o pensamento grego, e *Wars of the Jews* ("Guerras dos Judeus"), uma história geral das guerras judias desde a época dos Macabeus até 70 a.D. A leitura dessas obras basta para mostrar que qualquer referência a Jesus em alguma delas teria ficado deslocada.

Na década de noventa, o poeta Estácio (Statius) publicou *Silvae;* Quintiliano publicou doze livros sobre oratória; e Tácito publicou dois livretos, uma monografia de seu sogro, Agrícola, e outra sobre o que é agora a Alemanha. O assunto em ambas não daria margem a qualquer comentário sobre Jesus. Juvenal começou a escrever sátiras pouco antes do fim do século. Ele não menciona os cristãos. Isto igualmente não surpreende; pois foram proscritos em Roma e, portanto, tinham de manter-se escondidos. Um escritor sempre aumenta a sua popularidade rindo das figuras importantes e não de desconhecidos.

Havia, além disso, alguns escritos da comunidade Cunrã do século 1°. Mas isto também não chega até nós como uma grande surpresa, pois era de esperar que eles não mencionassem Jesus. F. F. Bruce observa:

> A comunidade Cunrã retirou-se ao máximo da vida pública e vivia em seu retiro no deserto. Jesus exerceu o seu ministério em lugares onde as pessoas viviam e trabalhavam, misturando-se com indivíduos de toda espécie e condição e, por preferência (ao que parece) com homens e mulheres, cuja sociedade homens piedosos, como os de Cunrã, preferiam evitar. Mais importante ainda, praticamente todos os textos de Cunrã tratando de tópicos religiosos (até onde foram publicados até hoje) são atribuídos às décadas pré-cristãs com base na paleografia. (BrF.JCO 66-67)

Ao considerarmos a quantidade e conteúdo dos escritos do século 1° que sobreviveram, podemos compreender por que eles não possuem mais referências não cristãs a Jesus. R. T. France coloca o problema desta forma:

> Do ponto de vista da história romana do século 1°, Jesus era um ninguém. Um homem sem posição social. Alvo de breve atenção local numa pequena e pouco admirada província, como pregador e operador de milagres, e devidamente executado por ordem de um governador provincial inferior, ele dificilmente conseguiria chegar às manchetes do mundo romano. (FrR.G 82)

É praticamente certo que algumas obras do século 1° que não sobreviveram não continham quaisquer referências a Jesus. A única obra com uma boa oportunidade de mencionar Jesus, mas que aparentemente não o fez, foi a *Chronicle* ("Crônica") de Justo de Tiberíades. Ele nasceu perto da época em que Jesus morreu. Photius, no século 9°,

comenta que o seu silêncio se devia ao seu preconceito não cristão como judeu. (AmF.SLC 18) Quando um escritor da antigüidade queria desacreditar alguém, usava freqüentemente o método comum de não mencionar essa pessoa. Como resultado, a sua memória não seria preservada. Em algumas regiões do Oriente Médio, especialmente no Egito, os novos governantes geralmente tentavam apagar todos os traços da existência de um rei anterior, destruindo todas as inscrições e escritos sobre ele. Quer Justo tenha decidido ignorar Jesus de Nazaré deliberadamente é impossível dizer, desde que a sua obra não pode ser analisada. O fato de viver em Tiberíades pode ter colorido o que ele considerava importante. Ele pode ter também ignorado Jesus, juntamente com vários outros pretendentes messiânicos comuns naqueles dias.

Uma razão de ficarmos, então, surpreendidos por ter pelo menos algumas referências não cristãs sobre Jesus no século 1° é que praticamente nada sobre quaisquer eventos daqueles dias sobreviveu até nossa época. O que sobreviveu indica que os escritores não conheceram ou não estavam interessados na pessoa de Jesus.

QUE SENSAÇÃO JESUS PROVOCOU?

Os relatos do evangelho falam repetidamente de "multidões" seguindo Jesus. Mas isto significa que Ele havia necessariamente atraído muita atenção? O especialista em Evangelhos Sinópticos, Dr. Robert Lindsey, que vive e ensina em Israel, conta a história de como ele encontrou a sua resposta para esta questão:

> Gosto de lembrar como uma jovem e brilhante estudante israelita me deu a pista para o significado da estranha palavra grega *ochloi* ("multidões"). Esta palavra aparece freqüentemente nos evangelhos; todavia, os alunos e eruditos ficam igualmente perplexos porque a palavra "multidões" raramente parece ajustar-se ao contexto, se é que se ajusta.
>
> Certo dia, mencionei numa palestra que eu não entendia o uso incomum de *ochloi*, nem por que ele deveria aparecer no plural. "Ah", respondeu essa jovem, "isso soa exatamente como o hábito dos rabinos quando falam dos escritos antigos do povo em um dado lugar. O termo deles é *ochlosim*, uma forma plural, mas que significa simplesmente 'o povo de uma localidade'".
>
> Essa estudante, com toda a probabilidade, tinha razão. Na história da libertação de um endemoninhado por Jesus, tanto Mateus quanto Lucas dizem que, ao sair o demônio do homem, "as *ochloi* se admiravam". O significado não é claramente "multidões", mas, como diríamos em inglês, "os que o rodeavam".
>
> Mesmo durante a alimentação dos cinco mil, onde tanto

> Mateus quanto Lucas combinam novamente dizendo que "as *ochloi*" o seguiam, e onde havia de fato grande número de pessoas, parece melhor traduzir Mateus 14.19 como "tendo mandado que as pessoas se assentassem" em vez de "que a *multidão* se assentasse". Afinal de contas, era apenas uma multidão e não várias. *Ochloi* é simplesmente a interpretação literal em grego de um termo hebraico, *ochlosim* ("o povo da localidade"). (BiD.UDW, Prefácio)

O Léxico Grego, de Bauer, Arndt e Gingrich, confirma que o grego *ochlos* (no singular) é uma palavra tomada de empréstimo da literatura rabínica. Ou seja, o termo é originalmente grego e não hebraico, mas se tornou parte do vocabulário hebraico quando os mundos grego e hebraico foram reunidos na Palestina.

O que qualifica uma multidão? Certamente os cinco mil e quatro mil, mais as mulheres e crianças que Jesus alimentou em diferentes ocasiões iriam qualificar-se como multidões. E teriam atraído atenção se o episódio não tivesse ocorrido em um "lugar deserto" e se fosse uma coisa comum. Desde que os escritores dão os números "5 mil" e "4 mil", podemos estar certos de que se trataram de reuniões singulares. Note também que a alimentação dos cinco mil em Lucas 9 segue-se imediatamente à viagem de pregação e cura dos doze. A grande multidão provavelmente se reuniu como resultado dos que voltaram a Jesus, seguindo cada discípulo. Em muitas outras ocasiões, entretanto, um grupo de cinqüenta a cem, possivelmente 500, às vezes, seria suficiente.

O Novo Testamento confirma que a vida de Jesus não foi passada na obscuridade. Lucas 23.8 diz: "Herodes, vendo a Jesus, sobremaneira se alegrou, pois havia muito queria vê-lO, por ter ouvido falar a Seu respeito; esperava também vê-lO fazer algum sinal". Evidentemente, porém, para Herodes, Jesus era pouco mais que um mágico peregrino. Apesar de estar sendo divulgado que Jesus estava atraindo seguidores, os romanos e seus cronistas não deveriam ter dado muita atenção a isso pelo menos por duas razões.

Primeira, da mesma forma que em nossos dias, a imprensa secular do século 1° não levava a sério qualquer testemunho sobre fenômenos sobrenaturais. Os que produziam a literatura da Palestina do século 1° estavam mais preocupados com os grandes eventos e personalidades políticos. Para eles, Jesus não passava de um obscuro pregador itinerante de uma cidade quase desconhecida, Nazaré, que foi crucificado por ter provocado um distúrbio inexpressivo envolvendo brevemente o governador romano. Assim também, os líderes e jornalistas judeus provavelmente teriam considerado Jesus como um dentre os muitos pregadores camponeses, simplesmente tentando atrair atenção ao afirmar ser o Messias.

A segunda razão para Jesus não ter preocupado demasiadamente os romanos é que estes tinham problemas mais urgentes. Se tivessem de incomodar-se com multidões na Galiléia, não seria certamente com relação aos camponeses desarmados que ocasionalmente procuravam Jesus em Cafarnaum e seus arredores.

Cerca de 8 quilômetros a leste de Cafarnaum, cruzando a ponta norte do Mar da Galiléia, ficava a cidade fortificada de Gamala na montanha. Cerca de 8 quilômetros para o sul, os penhascos de Arbel se alteavam sobre o Mar da Galiléia. Tanto Arbel quanto Gamala eram fortalezas zelotes. Os romanos se preocupariam muito mais com as atividades nesses dois locais do que a respeito de quaisquer professores de religião percorrendo a zona rural. Aproximadamente setenta anos antes, um grupo de rebeldes pulou para a morte dos penhascos de Arbel, para não se submeterem a Herodes. Uns trinta e cinco anos depois da crucificação de Jesus, cinco mil terroristas zelotes, em Gamala, iriam saltar para a morte, a fim de não se submeterem aos romanos. O historiador judeu do século 1°, Josefo, conta-nos que em 6 a.D. Judas, "um galonita da cidade cujo nome era Gamala", liderou uma resistência armada contra os romanos a qual foi brutalmente esmagada.[5] Josefo identifica este Judas como "o autor" de uma quarta seita dos judeus que não menciona, mas está se referindo obviamente aos zelotes.

Jesus deveria ter cerca de dez anos, e as derrotas contínuas e sangrentas dos grupos zelotes devem ter sido um exemplo vívido para Ele do tipo de movimento que iria eventualmente falhar. Os romanos não veriam, então, em Jesus e Seus seguidores uma ameaça militar. Se tivessem, teriam crucificado os discípulos de Jesus juntamente com Ele. Desse modo, da perspectiva romana, classificamos os zelotes como "sob vigilância" e Jesus como "inofensivo".

Jesus tinha o cuidado de não atrair as atenções para Si mesmo em relação às expectativas messiânicas. Ele constantemente dizia aos judeus a quem curava que não contassem o fato a ninguém.[7] Quando as pessoas quiseram coroá-lO rei, Ele as deixou. Ele não dizia ser o "Messias" para grupos grandes, pois os líderes judeus criam que o Messias seria um rei que iria livrar o seu povo da opressão. E os romanos sabiam que era nisso que eles acreditavam! (É um contraste marcante Jesus ter dito ao endemoninhado a quem curou que fosse para a sua comunidade não judia e lhes dissesse tudo que Deus fizera em sua vida.[8] Eles não tinham as mesmas expectativas messiânicas que o povo judeu.)

Quando as multidões se tornavam muito grandes, Jesus retirava-se com os Seus discípulos para o campo "do outro lado" do Mar da Galiléia. Parece que Jesus passou a Sua vida na terra com profunda consciência da parábola da semente de mostarda. Durante a Sua vida, o Seu reino seria pequeno e relativamente obscuro. Mais tarde, ele iria

tornar-se como uma árvore que estende os seus ramos sobre todas as outras plantas no jardim.

QUAL A NOTÍCIA QUENTE?

Se a descrição bíblica das atividades de Jesus for exata, Jesus não teria atraído atenção suficiente para ser mencionado nos escritos do século 1°? Em separado do que foi dito acima, podemos também concordar com G. A. Wells, quando ele diz: "O cristianismo de hoje foi tão importante por tanto tempo que somos levados a supor que ele deve ter parecido importante para os pagãos cultos que viveram em 50-150 a.D." (WeG.DJE75 15)

Os jornalistas do século 1°, pelo menos aqueles cujas obras foram preservadas até hoje, indicam que estavam preocupados com coisas como os principais eventos políticos da época. Leiam partes das obras de Tácito, Suetônio, e até Josefo e outros desse mesmo período, e notarão em seguida que eles se ocupavam quase que exclusivamente das principais notícias políticas e internacionais de seus dias. Quando se trata de eventos religiosos, apenas aqueles que tinham ligação com os assuntos nacionais e internacionais "mais importantes" são mencionados.

Um exemplo perfeito é Atos 25.19, onde Festo, uma das figuras políticas mais próximas dos eventos do cristianismo do século 1°, diz, ao falar dos judeus e de Paulo: "Traziam contra ele algumas questões referentes à sua própria religião e particularmente a certo morto, chamado Jesus, a quem Paulo afirmava estar vivo". O que Lucas preserva aqui é a pouca importância relativa que as autoridades davam aos eventos religiosos na Palestina do século 1°, pelo menos aqueles que não pareciam ter resultados políticos. Em conseqüência, devemos esperar que a imprensa secular da época em Roma se preocupasse mais com as tentativas romanas de proteger as suas fronteiras do que com o que era considerado como divergências secundárias sobre religião. Nas palavras de France:

> A Galiléia e a Judéia eram, na época, duas regiões administrativas secundárias sob a grande província romana da Síria, que ficava na fronteira mais a leste do império. Os judeus, entre os quais Jesus vivera e morrera, eram um povo estranho e remoto, pouco compreendido e pouco apreciado pela maioria dos europeus daqueles dias, sendo com mais freqüência o alvo do humor romano do que de interesse sério. Os principais eventos da história judaica encontram eco nas histórias do período. Mas a vida de Jesus, do ponto de vista romano, seria um acontecimento importante? A morte de um insurreto, um líder judeu fracassado, era um evento bastante comum, e os pregadores religiosos

> podiam ser encontrados em grande número naquela parte do império, uma questão de curiosidade, mas dificilmente de interesse real por parte dos civilizados romanos. (FrR.E 20)

Existe um outro fator que faz o cristianismo descer ainda mais na lista de prioridades em termos de "notícias quentes". Este fator tem a ver com o fato de que mais conflitos são registrados nos evangelhos entre Jesus e os fariseus do que entre Jesus e qualquer outro grupo de pessoas. Todavia, um número cada vez maior de escritores tem começado a descobrir e revelar que o ensino de Jesus se identificava mais com pelo menos uma das escolas dos fariseus do que de qualquer outro grupo em Israel naquela época. Alguns fariseus eram, de fato, membros do Sinédrio, mas este grupo se compunha principalmente dos saduceus nos dias de Jesus. É razoável, portanto, concluir que um grande confronto entre Jesus e os fariseus não passaria de uma disputa religiosa inexpressiva para qualquer historiador do século 1° — inclusive Josefo.

O cristianismo era uma uma notícia quente no século 1°? Para os cristãos sim. Mas para o governo e a imprensa, na verdade, não. Como observa France:

> À luz da proeminência política que o cristianismo alcançou no século 4°, é natural para nós considerá-lo como um movimento impressivo desde o início. Mas estudos sociológicos indicam o cristianismo do século 1° como sendo um movimento predominantemente das classes inferiores, tendo um apelo muito limitado para as classes influentes. O leitor cuidadoso das cartas de Paulo e dos Atos dos Apóstolos não tem a impressão de um movimento de massa, mas sim, de pequenos grupos de cristãos, bastante isolados, que se reuniam para apoiar-se mutuamente num ambiente hostil. Tais grupos não eram do tipo que provoca notícias. (FrR.G 82)

FALSAS EXPECTATIVAS QUANTO ÀS REFERÊNCIAS A JESUS

Como fica claro, nossa dificuldade de entender os eventos e a literatura do século 1° é, no geral, resultado de expectativas erradas. Alguns, ao iniciarem o estudo da historicidade de Jesus, começam com diversas expectativas falsas. Aqui estão algumas que reforçam e são um acréscimo ao que foi dito acima.

1. *Esperar que as questões do século 1° sejam iguais às de hoje.* A questão da historicidade de Jesus surgiu apenas nas últimas centenas de anos. Durante vários séculos depois da morte de

Jesus, não havia indicação de que a sua existência histórica pudesse ser questionada. Os debates se concentravam principalmente em assuntos teológicos, procurando determinar o significado da sua vida e não o fato de Ele existir ou não.

2. *Esperar que a comunicação do século 1° seja igual à nossa.* O autor do livro *Future Shock* ("Choque Futuro"), Alvin Toffler, numa obra em seqüência, *The Third Wave* ("A Terceira Onda"), fala de três períodos distintos da história, três ondas de civilização: a era agrícola, a industrial e a era presente e futura da informática. Esta terceira onda, a era da informática, usa formas de comunicação que são muito mais detalhadas do que, por exemplo, os meios de comunicação disponíveis nos dias de Jesus. O erudito francês, Henry Daniel-Rops concorda:

> A nossa civilização é de comunicação rápida, o detalhe é regularmente cultuado. Pela imprensa, rádio e televisão, estamos acostumados a saber tudo o que acontece no mundo inteiro. A informação chega até nós e muitas vezes temos ocasião de ver coisas incidentais e pouco significativas. Isso ocorria há dois, ou até três mil anos? Antes desta "era de ampla informação", os que informavam os seus contemporâneos eram praticamente obrigados a se limitarem aos eventos que causavam grande estardalhaço. (AmF.SCL 13)

3. *Esperar que os costumes do século 1° sejam iguais aos nossos.* Vocês já imaginaram como Jesus era ou se alguém já fez um retrato dEle? Por que será que não temos representações artísticas de Jesus do século 1°? Você vai encontrar a resposta em Êxodo 20.4: "Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra". Os judeus piedosos dos dias de Jesus interpretavam isso como proibindo qualquer retrato ou escultura. Assim sendo, só no século 3° os cristãos gentios começaram a desenhar ou pintar vários conceitos de Jesus. É duvidoso que qualquer deles seja exato, pois quase sempre retratavam Jesus conforme a sua própria cultura, em lugar da cultura judia do século 1°.

4. *Esperar que outros eventos da história sejam confirmados por diversas evidências.* O Professor E. M. Blaiklock observa:

> Qual a dificuldade a respeito de um Jesus histórico? Não pode ser simplesmente o zelo do erudito pela verdade. Júlio César não é desprezado desse modo, nem seu reconhecimento fracassado através do Canal Inglês tido como lenda, não obstante

> nosso principal informante ser o próprio Júlio (num livro destinado a assegurar a sua reputação política) e a evidência confirmatória de essa campanha consistir simplesmente de um escudo no rio, em Chelsea, na travessia do Tâmisa, algumas linhas na volumosa correspondência de Cícero, e apenas um punhado de referências tardias.[9]

A AUSÊNCIA DE EVIDÊNCIA É EVIDÊNCIA DE AUSÊNCIA?

Ninguém nega que a igreja cristã existia no século 1°. Os eruditos reconhecem que, embora o cristianismo não tenha atraído muita atenção entre os escritores do século 1°, mesmo assim, seria impossível negar a sua existência. Alguns estudiosos, portanto, são inconsistentes ao defenderem a falta de historicidade de Jesus. Como diz France:

> Os que suspeitam da historicidade do Jesus dos evangelhos, por haver tão poucas referências não cristãs primitivas a ele, devem certamente, pelo mesmo argumento, ficar ainda mais céticos com respeito à igreja cristã ter existido no século1°. Mas nem George Wells quer negar isto! Como já tem sido tantas vezes notado, a ausência de evidência não é evidência de ausência. (FrR.E 44)

Em vista do que foi discutido neste capítulo, considere duas questões: (1) Que tipo de referência a Jesus por parte de um não cristão deveria existir, a fim de provar indiscutivelmente a Sua existência? (2) É provável que ainda sobreviva hoje qualquer referência desse tipo?

Uma referência indiscutível a Jesus teria de vir, em primeiro lugar, de uma testemunha de primeira mão. Mas, em separado do testemunho cristão, nenhuma literatura histórica sobreviveu que pudesse referir-se a Ele do ponto de vista de uma testemunha ocular direta. Assim sendo, o historiador moderno deve buscar evidência não cristã para a vida de Jesus pelo mesmo método aplicado a qualquer outro personagem antigo que fosse considerado pouco importante pelas autoridades da época. Esse método serve para analisar a credibilidade de relatórios de segunda mão.

No caso de Jesus, combinem os relatórios de segunda mão (tanto não cristãos como cristãos) com os das testemunhas oculares registrados nos evangelhos, e fica aparente que Jesus se compara bastante favoravelmente com outras pessoas na história cuja historicidade **não** é posta em dúvida. O Professor de Filosofia e Religião da Universidade Liberty, Gary Habermas, declara a respeito de Jesus:

> Podemos observar ainda melhor como falta base às especulações que negam a sua existência ou postulam uma quantidade *mínima de fatos sobre ele. Grande parte da história antiga está* baseada em um número muito menor de fontes, bem mais tardias do que os eventos por elas registrados... Enquanto alguns crêem que sabemos bem pouco sobre Jesus por fontes antigas, não neotestamentárias, este não é certamente o caso. Não só existem muitas dessas fontes, mas Jesus é uma das pessoas da história antiga sobre quem temos uma quantidade significativa de dados de qualidade. A vida dele é uma das mais mencionadas e mais consubstanciadas na antigüidade. (HaG.AE 169)

Blaiklock acrescenta:

> Os historiadores ficaram felizes em ter evidências autênticas, múltiplas e congruentes sobre mais personalidades e eventos da história antiga. (BIE.MM 12)

POR QUE MUITAS DAS REFERÊNCIAS EXTRABÍBLICAS A JESUS TÊM UM TOM NEGATIVO?

O indivíduo que nos escreveu também perguntou: "Existem relatos positivos, de primeira mão, sobre a vida de Cristo, que não tivessem sido incluídos na Bíblia?" Ele respondeu muito bem à sua própria pergunta, como segue:

> Para ser justo com vocês e para mostrar que minha mente está aberta para aceitar o que eu possa considerar como verdade, gostaria de dizer o seguinte: Se eu fosse um judeu cético, vivendo nos dias de Cristo, e visse Cristo ressuscitar Lázaro, ou visse Cristo alguns dias após a Sua crucificação e morte, então eu seria aquele que falaria dessa evidência a todos com quem entrasse em contato. Mais ainda, eu documentaria essa evidência de primeira mão e ela provavelmente acabaria numa Bíblia. O que estou querendo dizer é que há muita probabilidade de a evidência positiva de primeira mão acabar numa Bíblia compilada por cristãos, e a evidência negativa seria criada pelos não cristãos. Daí a falta de história não bíblica.

Bom ponto! Mas antes de examinarmos a confiabilidade das referências bíblicas, vamos considerar as referências a Jesus na literatura não bíblica.

2

REFERÊNCIAS A JESUS PELOS ESCRITORES SECULARES DA ANTIGÜIDADE

No último capítulo, falamos sobre as razões por que quase não encontramos quaisquer referências extrabíblicas a Jesus. Neste capítulo, focalizaremos apenas um grupo dessas referências: as dos escritores seculares da antigüidade. Esses escritores não eram necessariamente ímpios. Usamos o termo "escritores seculares" para indicar o tipo de literatura produzido por eles e não as suas respectivas crenças religiosas. Todos eles, porém, eram não cristãos ou até adversários do cristianismo.

THALLUS E PHLEGON

Um dos primeiros escritores a mencionar Jesus foi Thallus. Seus escritos históricos não sobreviveram até nossos dias, mas alguns dos primeiros pais da igreja citaram Thallus em vários pontos, preservando, assim, o pouco que sabemos dele. (MuC.FH 517ss, contém os fragmentos existentes das obras de Thallus.) Alguns eruditos estabelecem a data dessas obras em cerca de 52 a.D., outros em fins do século 1° ou início do século 2° (Veja BrF.JCO 30 e HaG.AE 93 para a primeira data. Veja WeG.HE 18 para a última). Júlio, o Africano, escrevendo cerca de 221 a.D., afirma com respeito à escuridão durante a crucificação de Jesus: "Thallus, no terceiro livro das suas histórias, explica esta escuridão como um eclipse do sol — sem justificativa, em minha opinião".[1] O Africano estava certo em sua objeção a Thallus. Não pode haver eclipse solar por ocasião da lua cheia, "e foi na época da lua cheia Pascal que Cristo morreu".[2]

A observação mais importante a ser feita sobre o comentário de Thallus, porém, é que ele não busca justificar a existência e a crucificação (com as trevas que a acompanharam) de Jesus. Thallus apresentou a crucificação como um evento histórico definido, embora necessitasse de uma explicação naturalista para as trevas que cobriram a terra por ocasião do evento. O Africano também afirma que Thallus data este evento do décimo quinto ano do reinado de César Tibério (provavelmente em 29 a.D.) (RiHA.TS 34:113)[3]. Lucas 3.1, no entanto, diz que esse

foi o ano em que João Batista começou o seu ministério, o que coloca a crucificação aproximadamente três a três anos e meio mais tarde. Ao que parece, então, em sua busca de uma explicação naturalista para a escuridão que prevaleceu na crucificação, Thallus estava disposto a procurar qualquer coisa no período geral da crucificação.

Outra obra similar à de Thallus e que não durou até o presente é a *Chronicles*, de Phlegon. Phlegon escreveu-a cerca de 140 a.D. Um pequeno fragmento dessa obra, que o Africano diz confirmar a escuridão sobre a terra na crucificação, aparece logo depois da declaração dele sobre Thallus. Africano diz que Phlegon se referiu ao mesmo eclipse quando "ele registrou que nos dias de César Tibério, por ocasião da lua cheia, houve um eclipse total do sol desde a sexta até a hora nona".[4]

Orígenes, um erudito cristão prolífico do início do século 3°, também menciona Phlegon várias vezes em *Against Celsus.* Em 2.33, Orígenes escreve:

> Com relação ao eclipe nos dias de César Tibério, em cujo reino parece que Jesus foi crucificado, e ao grande terremoto que teve então lugar, Phlegon também, penso eu, escreveu no décimo terceiro ou décimo quarto livro de suas Crônicas.[5]

Em 2.14, ele diz:

> Phlegon, no décimo terceiro ou décimo quarto livro, penso eu, de suas Crônicas, não só atribuiu a Jesus o conhecimento de eventos futuros (embora se confundindo sobre algumas coisas que se referem a Pedro, como se elas se referissem a Jesus), mas também testificou que o resultado correspondia às Suas predições. De modo que também ele, através dessas mesmas admissões relativas à presciência, como se contra a sua vontade, expressou sua opinião de que as doutrinas ensinadas pelos pais de nosso sistema não eram despidas de poder divino.[6]

Em 2.59, Orígenes fala sobre o terremoto e a escuridão:

> Com respeito a eles, fizemos nossa defesa nas páginas precedentes, conforme nossa possibilidade, aduzindo o testemunho de Phlegon, que relata que esses eventos tiveram lugar na ocasião em que o nosso Salvador sofreu.[7]

Um escritor do século 6°, Philopon, afirma: "E sobre estas trevas... Phlegon as recorda nas *Olympiads* (título da sua história)".

Precisamos ter cuidado ao usarmos Phlegon como uma referência do tipo "prova positiva" a Jesus. Inexatidões em seus relatórios demonstram que suas fontes para a vida de Jesus são incompletas. Mas Phlegon é uma referência significativa por causa de um fato importante. Da mesma forma que Thallus, ele não insinua absolutamente que nesse

primeiro período o fato da existência de Jesus (e até detalhes relativos, tais como a escuridão e a crucificação) fosse jamais posto em dúvida. Esses episódios eram aceitos como fatos históricos genuínos. A questão em debate era como esses fatos foram interpretados.

JOSEFO

Josefo nasceu apenas alguns anos depois da morte de Jesus. Conforme ele mesmo diz, era consultado pelos rabinos de Jerusalém aos treze anos, tornou-se um asceta no deserto aos dezesseis e obteve um comando militar na Galiléia em 66 a.D. Ele aparentemente viu o escrito na parede, desertou para os romanos e alcançou sua futura segurança profetizando que o comandante invasor, Vespasiano (a quem aceitou como o Messias de Israel), tornar-se-ia um dia imperador. Vespasiano tornou-se realmente imperador, e Flávio Josefo, como veio a ser conhecido depois de acrescentar o nome do seu proprietário ao seu próprio nome, ficou livre para continuar sua carreira de escritor. Ele terminou *As Antigüidades dos Judeus* em 93 a.D.

Três Passagens de Interesse para os Cristãos

Existem três passagens em *Antigüidades* que são de particular interesse e a ordem em que aparecem é importante. A primeira passagem — em ordem cronológica — é encontrada no livro 18, capítulo 3, parágrafo 3°, citada geralmente como *Antigüidades* 18.3.3.[8] Os estudiosos se referem a esta famosa passagem como *Testimonium Flavianum* por causa do seu testemunho de Jesus, mas discutiremos isso mais tarde.

Passagem n° 2 — *João Batista.* A passagem seguinte, em seqüência, também se acha no livro 18.5.2 (116-19). Os eruditos concordam que esta passagem é tão autêntica quanto qualquer outra em Josefo. O assunto é João Batista e o relato confirma vividamente a descrição dele nos registros dos evangelhos como podemos ver aqui:

> (2) Mas para alguns dos judeus a destruição do exército de Herodes parecia uma vingança divina, e certamente justa, pelo tratamento dado por ele a João, chamado o Batista. Pois Herodes o mandara executar, embora fosse um homem bom e exortasse os judeus a levarem vidas justas, praticarem a justiça para com os seus semelhantes e piedade para com Deus, e depois serem batizados. Em sua opinião, esta era uma preliminar necessária para que o batismo fosse aceito por Deus. Eles não deveriam fazer uso dele para obter perdão por quaisquer pecados cometidos, mas como uma consagração do corpo, implicando que a alma já estava completamente purificada mediante o reto procedimento. Quando

> outros também se juntaram às multidões em volta dele, por terem sido estimuladas ao máximo pelos seus sermões, Herodes ficou alarmado. A eloqüência que tinha um efeito tão forte sobre os homens poderia levar a alguma forma de sedição, pois parecia como se eles quisessem ser guiados por João em tudo que faziam. Herodes decidiu, portanto, que seria melhor atacar primeiro e livrar-se dele antes que suas obras levassem a uma rebelião, do que esperar por um motim, envolver-se numa situação difícil e verificar o erro cometido. Embora João, por causa das suspeitas de Herodes, fosse levado em algemas a Maquero (modernamente el-Mekawar), a fortaleza que mencionamos anteriormente, e ali executado, todavia, o veredito dos judeus era que a destruição do exército de Herodes era uma vingança de João, desde que Deus achou por bem infligir tal golpe sobre Herodes.

A única diferença possível entre os relatos de Josefo e do evangelho está na descrição deste último, afirmando que Herodes mandou matar João a pedido de Herodias e sua filha, e mostrando a sua tristeza com o pedido delas (Mt 14.6-12 e Mc 6.21-29). Mas tudo se reconcilia perfeitamente conforme duas observações: (1) Mateus 14.5 e Marcos 6.21 mostram que Herodes havia desejado matar João algum tempo **antes** do banquete: "E, querendo matá-lo, temia o povo, porque o tinham como profeta"; e (2) Mateus 14.6 e Marcos 6.21: "Tendo chegado o dia natalício de Herodes", indica que entre "a prisão em Maquero" e "ali executado" no relato de Josefo, pelo menos algum tempo se passou. Durante esse intervalo, Herodes parece ter abrandado a sua atitude para com João, enquanto Herodias continua buscando a sua execução.

Note agora os detalhes que concordam tão precisamente com o Novo Testamento: a justiça, pregação e popularidade de João entre o povo; e o Seu batismo, que prefigura o ensino da salvação no Novo Testamento "pela graça mediante a fé", seguido do batismo como uma expressão exterior da justificação perante Deus, e não como uma condição para a justificação. Embora esta passagem não fale de Jesus, ela evidencia que os escritores do evangelho retrataram corretamente a vida daqueles a quem descreveram. Se foram exatos sobre João Batista, por que não o seriam sobre Jesus?

Passagem nº 3 — *Tiago e Jesus:* A terceira passagem, em seqüência, (20.9.1) aparece dois livros depois da primeira referência de Josefo a Jesus e focaliza principalmente um certo Ananus (Ananias), que era o filho de um sumo sacerdote anterior, Ananus (Ananias). Este Ananus mais jovem, "que passou a ser sumo sacerdote, era um homem de temperamento ousado e muito insolente. Era também da seita dos saduceus, muito rigorosa em julgar os transgressores, mais do que todos os outros judeus." Festo acabara de morrer e seu substituto, Albino, não havia

chegado ainda a Jerusalém. Josefo continua seu relatório, dizendo que Ananus

> reuniu os juízes do Sinédrio e lhes apresentou um homem de nome Tiago, o irmão de Jesus chamado o Cristo, e certos outros. Ele os acusou de terem transgredido a lei e os entregou para serem apedrejados.

Louis Feldman, Professor de Filologia Clássica na Universidade de Yeshiva e tradutor da edição de Loeb de *Antigüidades*, afirma com relação à confiabilidade da passagem: "Poucos duvidaram da autenticidade desta passagem".[9]

Algumas das razões para a maioria dos eruditos, especialmente os que fazem estudos clássicos, que aceita esta passagem como genuína, incluem:

(1) A frase "Tiago, o irmão de Jesus chamado o Cristo" é reservada demais para ter sido inserida mais tarde por um interpolador cristão tardio, que desejasse confirmar o messiado de Jesus mais definitivamente, assim como negar as acusações contra Tiago. Para nossos propósitos ela demonstra a historicidade de Jesus, mas isto não constituía um problema até séculos recentes. Para os primeiros cristãos, esta frase não provava nada e não teria sido inserida. Assim sendo, deve ter-se originado com Josefo.

(2) Orígenes refere-se a esta passagem em seu *Commentary on Matthew* ("Comentário sobre Mateus") 10.17, dando evidência de que estava incluída em Josefo antes da sua época (aproximadamente em 200 a.D.).[10]

(3) O termo *Cristo* começou a ser usado como um nome próprio muito cedo entre os cristãos gentios. Isto pode ser visto até mesmo no Novo Testamento, mas a frase "chamado o Cristo", como Paul Winter (um conhecido erudito judeu, embora não fosse cristão) declara, "trai o conhecimento de que 'Messias' não era um nome próprio e, portanto, reflete o uso judeu e não gentio." (WiP. J 432) Josefo distingue simplesmente aqui este Jesus dos outros treze ou mais que ele menciona em seus escritos. Este Jesus, segundo Josefo, era "o chamado Cristo (isto é, Messias)".

G. A. Wells tenta mudar a passagem, fazendo que se refira simplesmente a um líder judeu chamado Tiago. Ele queria riscar as palavras "o irmão de Jesus, chamado o Cristo". Mas se a passagem dissesse simplesmente "Tiago e alguns outros" foram presos, o leitor seria obrigado a perguntar: "Que Tiago?" Tiago era outro nome muito comum, e Josefo quase sempre supria detalhes para localizar seus personagens na história. Se Josefo dissesse simplesmente "Tiago o irmão de Jesus", o leitor perguntaria: "Que Jesus? Você já mencionou pelo menos treze outros chamados Jesus". "Tiago, o irmão de Jesus,

chamado o Cristo" é a linguagem mais exata e consistente com o restante dos escritos de Josefo, e os eruditos não encontraram qualquer razão para duvidar da sua autenticidade. Esta passagem é, portanto, uma referência primitiva a Jesus muito importante.

A maioria dos eruditos concorda em outro ponto relativo à menção de Jesus por Josefo, em conjunto com Tiago. Winter diz o seguinte: "Se... Josefo se referiu a Tiago como sendo 'o irmão de Jesus chamado o Cristo', sem mais nada, temos de supor que numa passagem anterior ele já havia mencionado Jesus a seus leitores". (WiP. J 432)[11]

Até mesmo G. A. Wells diz que "é improvável que Josefo tivesse mencionado Jesus aqui simplesmente — por assim dizer — de passagem, quando não fez menção a ele em nenhum outro ponto". (WeG.DJE 11) Wells, naturalmente, estava tentando provar que Jesus não é mencionado de forma alguma por Josefo, mas sua declaração demonstra que até ele reconheceu que a passagem de Tiago fica incompleta sem o Testemunho ("Testimonium"). Desde que poucos estudiosos duvidam da autenticidade da passagem sobre Tiago, existe, então, um bom motivo para aceitar a autenticidade do Testimonium, pelo menos de alguma forma. R. T. France acrescenta:

> O importante para o nosso propósito é a maneira como Josefo registra este título de Jesus de passagem, sem comentário ou explicação. *O termo "Christos" não ocorre em nenhum outro lugar* em Josefo, exceto na passagem que devemos estudar em breve. Isto é notável em si mesmo, desde que sabemos que idéias messiânicas, e o próprio termo "Messias", foram muito investigados no judaísmo do século 1°. (FrR. E 26)

Josefo, escrevendo a favor do povo judeu, mas para uma audiência romana, teve provavelmente a máxima cautela ao apresentar a razão dos romanos para novas repressões aos judeus. Se ele mencionasse vários messias surgindo entre o povo judeu, isso só teria levado os romanos a acreditarem ainda mais que os judeus eram um povo rebelde que devia ser constantemente reprimido. Mas quando Josefo chegou à pessoa de Jesus, escrevendo em 93 a.D., o cristianismo se identificara de tal forma com os gentios que ele indiscutivelmente sentiu que Jesus como o "Christos" não representava uma ameaça de represálias romanas contra os judeus. De fato, ele pode ter possivelmente sentido que a perseguição romana contra os cristãos (isto é, a de 64 a.D. sob o reinado de Nero) era útil aos judeus em sua resistência ao cristianismo. Josefo diz, então, apenas que Jesus era "chamado o Cristo". O leitor fica com a sensação de que Josefo havia apresentado esse personagem antes, o que nos leva de volta à primeira passagem na seqüência de três mencionadas acima.

Passagem n° 1 — *A Identidade de Jesus:* Antigüidades 18.3.3 (63-4),

conhecida como o *Testimonium Flavianum* diz:

> Cerca dessa época viveu Jesus, um homem sábio, se de fato podemos chamá-lo homem. Pois ele foi alguém que realizou feitos surpreendentes e ensinou as pessoas que aceitavam alegremente a verdade. Ele atraiu muitos judeus e muitos gregos. Era o Messias. Quando Pilatos, depois de ouvir acusações contra ele feitas por homens das mais elevadas posições entre nós, condenou-o para ser crucificado, os que haviam passado a amá-lo não desistiram de sua afeição por ele. No terceiro dia, ele apareceu a eles restaurado à vida, pois os profetas de Deus haviam profetizado essas e inúmeras outras coisas sobre ele. A tribo dos cristãos, que recebeu esse nome por causa dele, ainda não desapareceu até hoje.[12]

Argumentos Favorecendo a Autenticidade do Testimonium

Segundo a literatura clássica, a evidência dos manuscritos no sentido de esta passagem ser realmente de Josefo é forte. Ela consta de todos os manuscritos existentes (ainda em existência) de Josefo, e Eusébio, conhecido como o "Pai da História da Igreja", faz menção dela em sua *História da Igreja*, escrita cerca de 325 a.D., e novamente em sua *Demonstração do Evangelho*, escrita pouco antes.[13] O vocabulário e o estilo, segundo o tradutor da Loeb, Louis Feldman, são, com algumas exceções, basicamente consistentes com outras partes de Josefo. (J.A/L 49). France elabora:

> Assim sendo, a descrição de Jesus como "homem sábio" não é tipicamente cristã, sendo usada por Josefo a respeito de Salomão e Daniel, por exemplo. Da mesma forma, os cristãos não se referiam aos milagres de Jesus como "feitos extraordinários" (*paradoxa erga*), mas exatamente a mesma expressão é usada por Josefo quanto aos milagres de Eliseu. A descrição dos cristãos como uma "tribo" (*phylon*) não ocorre em parte alguma na literatura cristã primitiva, enquanto Josefo usa a palavra tanto para a "raça" judia como para outros grupos nacionais ou comunitários. (FrR.E 30)

Além disso, a passagem coloca a culpa principal pela crucificação de Jesus sobre Pilatos, em lugar das autoridades judias. Isto difere muito do pensamento cristão dos séculos 2° e 3°, que condenava principalmente os judeus como instigadores da crucificação. Nas palavras de Winter: "A distinção entre as funções dos sacerdotes judeus e o governador romano demonstra certa percepção dos procedimentos legais na Judéia nos dias de Jesus". (WiP.J 433). Ele continua:

> Desde os dias dos escritores dos Atos dos Apóstolos e do Quarto Evangelho em diante, pregadores, apologistas e historiado-

> res cristãos afirmavam que os judeus não agiram apenas como acusadores de Jesus, mas também como seus juízes e executores. A série de acusações contra eles neste sentido é impressiva. Não é fácil acreditar que um falsário cristão, decidido a exaltar a posição de Jesus e rebaixar a dos judeus, pudesse ser o autor das palavras em questão. (WiP.J 433-34)

Objeções quanto à Autenticidade do Testimonium

Existem alguns argumentos sólidos contra a autenticidade do Testimonium, pelo menos como dado acima. **Primeiro**, é altamente improvável que Josefo tivesse escrito a respeito de Jesus: "Este era o Messias". Não só os seus empregadores romanos o teriam colocado sob suspeita de traição, como também ele não deu indicação alguma em qualquer outro ponto de que era cristão. Além disso, Orígenes que escreveu um século antes de Eusébio, afirma duas vezes que "Josefo não acreditava que Jesus era o Cristo".[14]

Segundo, o Testimonium, como dado acima, contém outras palavras que não seriam esperadas de Josefo a quem os críticos da passagem gostam de rotular de "judeu ortodoxo". Notamos momentaneamente que parece haver alguma dúvida sobre até que ponto Josefo era realmente ortodoxo. Ele parece ter aceitado o estilo de vida romano sem muito problema. Mesmo assim, as frases "se de fato podemos chamá-lo homem", "pessoas que aceitam a verdade", "alguém que realizou feitos surpreendentes" e "no terceiro dia apareceu a eles restaurado à vida", requerem que Josefo tenha sido um cristão pronto a sofrer pelo seu testemunho. Além disso, atribuir a profecia do Antigo Testamento a Jesus indica que essas partes foram escritas mais tarde por um copista cristão.

Terceiro, se a passagem, como a temos hoje, estava originalmente em Josefo, então Justino Mártir, Clemente de Alexandria, Tertuliano ou Orígenes a teriam citado, pois o seu valor apologético é enorme.[15] Como afirma Lardner:

> Um testemunho tão favorável a Jesus nas obras de Josefo, que viveu pouco depois dos dias do nosso Salvador, que tinha tamanho conhecimento dos negócios em seu país, que recebera tantos favores de Vespasiano e Tito, não poderia ter sido negligenciado ou ignorado por qualquer apologista cristão. (LaN.W 487)

Embora este argumento seja um argumento do silêncio, e embora muitas das obras de Orígenes e outros se tenham perdido na antigüidade e pudessem concebivelmente conter o Testimonium, mesmo assim o argumento continua sólido pois existem vários trechos em cada um desses autores citados acima, assim como em outros, em que esta

passagem teria sido de grande valor para provar o seu ponto.

Finalmente, alguns argumentam que a passagem interrompe o fluxo normal da narrativa de Josefo de forma que, "se ela fosse cortada, o argumento não perderia a sua seqüência", (WeG.DJE. 10) Gordon Stein, seguindo Nathaniel Lardner, afirma que "a passagem aparece no meio de uma coleção de histórias sobre calamidades sofridas pelos judeus". (StG.JH 2)

Respondendo às Objeções

Das quatro objeções acima, a última pode ser posta imediatamente de lado. Só dois dos cinco parágrafos no capítulo de Josefo que contêm o Testimonium são verdadeiras calamidades. O conteúdo dos cinco parágrafos do capítulo três é o seguinte: O parágrafo um fala de uma calamidade provável que foi vencida pela coragem dos judeus, quando protestaram contra Pilatos. De fato, foi uma vitória e não uma calamidade. O parágrafo dois fala de uma calamidade dos judeus, onde "um grande número deles" foi morto e outros feridos. O parágrafo três é o Testimonium. O parágrafo quatro descreve a sedução de uma mulher virtuosa no templo de Ísis em Roma e não tem absolutamente nada a ver com os judeus ou com qualquer outra coisa no capítulo.

Finalmente, o parágrafo cinco trata da expulsão dos judeus de Roma. Embora o parágrafo quatro comece com as palavras, "aproximadamente na mesma época outra triste calamidade tumultuou os judeus", Josefo torna claro que está se referindo ao que descreve no parágrafo cinco, que diz narrar após sua digressão na história sobre a sedução da mulher virtuosa no templo de Ísis. Essa narrativa sobre a mulher virtuosa, ocupando mais da metade do capítulo três inteiro, está tão fora do contexto que somos forçados a concluir que se alguma coisa deve ser removida deste capítulo será o parágrafo quatro e não o Testimonium. Todavia, o que o parágrafo quatro e outras passagens semelhantes em *Antigüidades* fazem é testificar sobre a tendência ocasional de Josefo de incluir histórias de interesse humano sempre que se encaixem na sua cronologia, sem levar em conta o seu ajuste no contexto maior. Temos de concordar com France, quando ele diz: "Tudo isto me faz imaginar como Wells pode afirmar que, se a passagem sobre Jesus for removida, 'o argumento não perde a seqüência.' " Assim sendo, há tanto mais razão para aceitar o Testimonium, embora, como veremos, num tom mais neutro ou negativo.

Grande número de estudiosos opta pela terceira alternativa.[16] Em lugar de rejeitar o documento como sendo falso ou aceitá-lo totalmente, eles afirmam que Josefo deve ter dito algo sobre Jesus que foi mais tarde, e infelizmente para nós, "manipulado" por algum copista cristão. Esta

posição responde às três outras objeções sobre a autenticidade acima, embora também concorde com as evidências a favor da autenticidade igualmente apresentadas antes.

Com a primeira objeção de que Josefo não teria chamado Jesus de "Cristo", esta posição concorda. Segundo E. M. Blaiklock, Josefo "provavelmente escreveu 'o chamado Messias' como fez quando, dois livros mais tarde, ele mencionou Cristo novamente, em conjunto com o assassinato de Tiago". (BlE.MM 29)

Esta afirmação não só concorda com o que Josefo provavelmente cria, mas, juntamente com o restante da informação no Testimonium, ela faz a necessária introdução a este Jesus requerida no livro 20, quando Josefo só diz brevemente a respeito dele, "aquele chamado Cristo".

Com respeito à segunda objeção, de que parte do vocabulário não é característica de Josefo, Bruce resume:

> À luz do contexto em que o parágrafo apareceu, foi argumentado que Josefo disse algo deste tipo:
>
> Surgiu nessa ocasião *uma fonte de maior perturbação* em um certo Jesus, um homem sábio que realizava obras surpreendentes, um mestre de homens que alegremente aceitam *coisas estranhas*. Ele desviou muitos judeus e também inúmeros gentios. Era o *chamado* Cristo. Quando Pilatos, agindo sobre a informação suprida pelos indivíduos mais importantes dentre nós, condenou-o à cruz, os que se haviam ligado a ele no princípio não cessaram de *causar problemas*, e a tribo dos cristãos, que tirou dele o seu nome, não se extinguiu até hoje.
>
> O teor desta interpretação provavelmente expressa melhor a intenção de Josefo. Ela inclui quatro emendas, sublinhadas acima. A primeira, sugerida por Robert Eisler (EiR.M 50ss; veja especificamente p.45), é a adição da frase "fonte de maior perturbação" na primeira sentença. Isto liga mais naturalmente o parágrafo ao que ocorreu antes, pois Josefo tem estado narrando vários problemas que surgiram durante o governo de Pilatos. A segunda, sugerida por H. ST. J. Thackeray, é a leitura "coisas estranhas" (gr. *aethe*) em lugar de "coisas verdadeiras" (gr. *alethe*). (ThH.JTM 144ss) Para Josefo, o cristianismo era, com toda a certeza, mais estranho do que verdadeiro. A terceira, sugerida por G. C. Richards e R. J. H. Shutt, é a inserção de "chamado" antes de "Cristo". (RiG.CN 31.176 e RiG.TJ 42.70-71)...Alguma referência para a designação do Senhor como "Cristo" é devida neste ponto. Caso contrário, os leitores de Josefo talvez não entendessem como a "tribo dos cristãos" tirou seu nome de Jesus. A quarta não é uma emenda no mesmo sentido que as outras. Josefo diz que os discípulos de Jesus "não cessaram", e temos de perguntar "não cessaram de fazer o quê"? A resposta será de acordo com o contexto, e no tipo de contexto que visualizamos, "não cessaram de causar problemas" faz sentido. (BrF.JCO 39-40)

A reconstrução de Bruce acima (ou outras como ela) também responde à segunda objeção à autenticidade: nenhum dos pais da igreja primitiva antes de Eusébio cita Josefo. O valor principal da passagem hoje é provar a existência histórica de Jesus e alguns fatos básicos da sua vida e morte sob o governo de Pilatos. Desde que esses fatos não foram postos em dúvida naqueles primeiros séculos, não existe, então, motivo para qualquer dos pais da igreja ter citado Josefo. Além disso, a passagem, como dada acima por Bruce, evidencia que Josefo não era cristão e há suficiente razão para Orígenes dizer que ele não cria em Jesus como sendo o Cristo. O proeminente erudito israelense, Schlomo Pines, declara:

> De fato, no que tange às probabilidades, nenhum cristão poderia ter produzido um texto assim neutro; para ele, o único ponto significativo a respeito poderia ter sido a confirmação da evidência histórica de Jesus. Mas o fato é que até os tempos modernos esta lebre específica não foi levantada. Nem mesmo os mais amargos oponentes do cristianismo jamais expressaram qualquer dúvida sobre Jesus ter realmente vivido. (PiS.AVT 69)

O Dr. James H. Charlesworth, do Seminário Teológico de Princeton, escreve sobre novas evidências que confirmam o relato de Josefo a respeito de Jesus:

> Durante anos, quis descobrir um texto das Antigüidades de Josefo que contivesse variantes no *Testimonium Flavianum*. Assim, talvez pudéssemos apoiar as especulações dos estudiosos com evidência factual. Na verdade, precisamente este sonho tem-nos ajudado. (ChJ.R 109)

O Professor Charlesworth continua descrevendo uma versão árabe do século 4° do Testimonium, que foi preservada no Kitāb al-'Unwān, de Agapio, no século 10°. Pines traduz a passagem:

> Nesta ocasião, havia um homem sábio chamado Jesus. A sua conduta era boa, e (ele) era tido como virtuoso. Muitas pessoas dentre os judeus e de outras nações se tornaram seus discípulos. Pilatos condenou-o a ser crucificado e a morrer. Os que se tornaram seus discípulos não abandonaram o seu discipulado. Eles anunciaram que ele lhes aparecera três dias depois da sua crucificação e que estava vivo; assim sendo, ele era talvez o Messias de quem os profetas falaram maravilhas. (PiS.AVT 16)

Uma versão do século 11 do Testimonium, à qual Pines se refere como o texto de Miguel, contém a sentença: "Julgava-se que era o Messias". Pines argumenta que esta sentença pode estar mais próxima do texto original de Josefo do que: "Ele era talvez o Messias" (como afirma o texto árabe).

A versão árabe, segundo Charlesworth, "oferece justificação textual para excluir as passagens cristãs e demonstrar que Josefo provavelmente discutiu sobre Jesus em seu *Antigüidades* 18." (ChJ.R 110)

Para concluir nossa discussão sobre Josefo, não só a sua menção de Jesus na passagem de Tiago é solidamente confiável, mas também o historiador Earle E. Cairns nota:

> Mesmo aceitando a interpolação por parte de cristãos, a maioria dos eruditos concorda que esta informação básica que acabamos de mencionar (que Jesus era um "sábio" condenado a morrer na cruz por Pilatos) é, com toda a probabilidade, um fragmento do texto original. Josefo não era certamente um amigo do cristianismo e, portanto, sua menção de Cristo tem mais valor histórico. (CaEE.CT 50)

PLÍNIO, O JOVEM

Plínio, o Jovem (Plinius Secundus), era sobrinho e filho adotivo de Plínio, o Velho, o historiador que morreu na erupção do Monte Vesúvio. Bruce diz a respeito dele: "Plínio é um dos maiores escritores de cartas do mundo. Cartas que, ao contrário das notas efêmeras que quase todos nós escrevemos, destinadas apenas à leitura atenta do recipiente, foram escritas com um olho num público maior e alcançaram a condição de clássicos literários". (BrF.JCO 24)

Dez volumes da correspondência de Plínio sobreviveram até o presente. No décimo volume há uma carta de Plínio ao imperador Trajano sobre os cristãos da sua província. Ela foi escrita cerca de 112 a.D., enquanto Plínio era governador da Bitínia na Ásia Menor. Citamos Plínio um tanto longamente, desde que a sua carta dá excelentes informações sobre o cristianismo primitivo de um ponto de vista não cristão. Ele escreve:

> É uma regra, senhor, que eu observo invariavelmente, dirigir-me ao senhor em todas as minhas dúvidas. Pois, quem é mais capaz de guiar minha incerteza ou informar minha ignorância? Jamais tendo estado presente em quaisquer julgamentos de cristãos, desconheço o método e os limites a serem observados, quer em examiná-los ou puni-los, quer alguma diferença deva ser feita em vista da idade, ou nenhuma distinção permitida entre o mais jovem e o adulto; quer o arrependimento leve ao perdão, ou se no caso de alguém já ter sido cristão, de nada vale retratar-se; se a simples confissão de cristianismo, embora crimes não tenham sido cometidos, ou apenas as acusações associadas a ela são passíveis de punição — em todos esses pontos me encontro em considerável perplexidade.

Nesse ínterim, o método que observei com relação aos que me foram denunciados como cristãos foi este: eu os interroguei para saber se eram de fato cristãos; quando confessavam, eu repetia a pergunta duas vezes, acrescentando a ameaça de pena capital; se perseveravam, eu ordenava que fossem executados. Pois qualquer fosse a natureza de sua crença, eu podia sentir pelo menos, sem sombra de dúvida, que a contumácia deliberada e a obstinação inflexível mereciam castigo. Havia também outros possuídos da mesma paixão, mas por serem cidadãos romanos, eu os enviei para serem julgados em Roma.

Essas acusações foram divulgadas (como geralmente acontece) pelo simples fato de o assunto estar sendo investigado, e várias formas de maldade foram praticadas. Uma placa foi colocada, sem qualquer assinatura, acusando inúmeras pessoas pelo nome. Os que negaram ser ou terem jamais sido cristãos, e que repetiram comigo uma invocação aos deuses, oferecendo adoração formal com libação e incenso diante da vossa estátua que eu ordenara fosse levada ao tribunal com esse propósito, juntamente com as dos deuses, e que finalmente amaldiçoaram Cristo — nenhum desses atos, segundo se diz, os que são realmente cristãos podem ser forçados a praticar — esses julguei, então, apropriado libertar. Outros que foram nomeados pelo informante anônimo, a princípio se confessaram cristãos, e depois negaram. É verdade que afirmaram ter participado dessa seita, mas a tinham deixado, alguns há três anos, outros há muitos anos, e uns poucos há já vinte e cinco anos. Todos eles adoraram a vossa estátua e as imagens dos deuses e amaldiçoaram Cristo.

Eles afirmaram, porém, que toda a sua culpa, ou o seu erro, era terem o hábito de se reunir num certo dia fixo, antes do amanhecer, para cantar em versos alternados um hino a Cristo, como se fosse um deus, e se comprometerem com juramento solene, a não realizar qualquer ato perverso, jamais cometer qualquer fraude, roubo ou adultério, jamais faltar à sua palavra, ou negar uma promessa quando chamados a cumpri-la; depois do que era costume deles se separarem e, em seguida, reunirem-se para participar de uma refeição — alimento de um tipo comum e inocente. Mesmo esta prática, no entanto, eles haviam abandonado depois da publicação do meu édito, pelo qual, segundo as vossas ordens, eu havia proibido reuniões políticas. Julguei, então, ainda mais necessário extrair toda a verdade, com a ajuda de tortura, de duas escravas, chamadas de diaconisas: mas nada pude descobrir, senão superstição depravada e excessiva.

Adiei, portanto, o processo e recorri imediatamente a vosso conselho. Pois o assunto me parecia suficientemente importante para ser transmitido a vossa pessoa — especialmente considerando o número de possíveis prejudicados. Pessoas de todas as classes e idades, de ambos os sexos, são e serão envolvidas na perseguição.

> Esta superstição contagiosa não está confinada apenas às cidades, mas tem-se espalhado através dos povoados e distritos rurais. Parece possível, porém, sustá-la e curá-la. É pelo menos certo que os templos, que estiveram quase desertos, comecem a ser agora freqüentados; e as festas sagradas, depois de um grande intervalo de tempo, serão restauradas; embora haja uma demanda geral de carne para o sacrifício, que por algum tempo foi pouco procurada. A partir daí é fácil imaginar que multidões poderão ser reclamadas desse erro, se for deixada uma porta aberta para o arrependimento.[17]

Em sua resposta, o imperador Trajano concordou que ser cristão era um crime que merecia castigo:

> Meu caro Segundo: Você agiu corretamente ao decidir os casos daqueles acusados de ser cristãos perante você. De fato, nenhuma decisão geral pode ser feita, a fim de estabelecer uma forma fixa para tratar com eles. Os tais não devem ser desentocados; se forem acusados e condenados, devem ser castigados, desde que quem quer que negue ser cristão e dê prova prática disso invocando os nossos deuses deve ser perdoado com base neste repúdio, sem levar em conta as suspeitas que possam ter existido contra ele no passado. Os documentos anônimos colocados à sua frente não devem receber atenção de qualquer forma; eles formam um mau precedente e são completamente indignos da era em que vivemos.[18]

Essas duas cartas confirmam vários detalhes do cristianismo primitivo encontrados ou implícitos no Novo Testamento. Por exemplo: (1) os cristãos que eram cidadãos romanos eram enviados para julgamento em Roma, como no caso de Paulo; (2) alguns desmentiam ser cristãos, como predito por Jesus na Parábola do Semeador; (3) eles afirmavam que Jesus era Deus; (4) eles possuíam caráter moral exemplar; (5) algumas mulheres na igreja exerciam o cargo de diaconisas; (6) um grande número de pessoas estava sendo acrescentado à igreja; e (7) a propagação do cristianismo teve repercussões financeiras negativas para o comércio ligado aos vários templos pagãos e religiões (por exemplo, os ourives de Atos 19).

G. A. Wells, porém, alega que "o testemunho de Plínio não tem ligação com a existência de Jesus... Ninguém duvida que cerca do ano 112 os cristãos adoravam Cristo e que a declaração de Plínio reproduziu as crenças cristãs". (WeG.HE 16) Mas Wells se esquece do testemunho de Plínio e Trajano quanto ao fato de que, dentro dos primeiros oitenta anos de cristianismo, inúmeros homens e mulheres ficaram tão convencidos de que a vida, morte e ressurreição de Jesus aconteceram realmente na história, que confirmaram essas convicções mesmo diante da certeza de serem executados.

CORNÉLIO TÁCITO

Os historiadores modernos se acostumaram a reunir as histórias de tempos e lugares antigos, apesar daqueles que as utilizaram terem feito uso de fontes fracas, não tiveram cuidado ao interpretarem e analisarem o seu material, e distorceram os fatos desses relatórios em virtude de idéias preconcebidas. Por esta razão, Tácito é "universalmente considerado o mais confiável dos historiadores, um homem em quem a sensibilidade e a imaginação, embora vívidos, jamais poderiam prejudicar um senso crítico raro em sua época e uma grande honestidade no exame de documentos". (AmF.SLC 16)

Tácito, nascido cerca de 52-55 a.D., tornou-se senador no reinado de Vespasiano, mais tarde ocupou o cargo de cônsul, e nos anos 112-13, foi procônsul, ou governador, da Ásia. Ele foi um orador respeitado e amigo íntimo de Plínio, o Jovem, que governava a província vizinha da Bitínia, pouco antes de Tácito tornar-se governador da Ásia.

Escrevendo em seus *Anais*, cerca de 116 a.D., Tácito descreve a reação do imperador Nero ao grande incêndio que varreu Roma em 64 a.D. Circulava um rumor persistente de que o próprio Nero era o incendiário e ele teve, então, de agir, a fim de sustar a história. Tácito fala dos atos de Nero para impedir que o rumor se espalhasse:

> Até o momento, as precauções tomadas foram sugeridas pela prudência humana. Agora, são buscados meios de aplacar a divindade e apelou-se para os livros Sibilinos; sob cuja recomendação foram oferecidas orações públicas a Vulcano, Ceres, Proserpina, enquanto Juno era propiciada pelas matronas, primeiro no Capitólio, depois no ponto mais próximo da praia, de onde foi tirada água para aspergir o templo e a imagem da deusa. Banquetes rituais e vigílias durante a noite inteira foram celebradas pelas mulheres casadas. Mas nem a ajuda humana, nem a munificência imperial, nem todos os meios de aplacar os céus puderam sufocar o escândalo ou dispersar a crença de que o incêndio fora provocado a mando de alguém. "Por conseguinte, Nero, para se livrar dos rumores, acusou de crime e castigou com torturas exageradas aquelas pessoas, odiosas por causa de práticas vergonhosas, a quem o vulgo chama cristãos. Cristo, autor desse nome, foi castigado pelo procurador Pôncio Pilatos, no reinado de Tibério; e a fatal superstição, reprimida por um pouco, irrompeu novamente, não só na Judéia, sede original desse mal, porém por toda a cidade (Roma), para onde de toda a parte tudo quanto é horrível ou vergonhoso aflui e cai na moda." (Extraído do Manual Bíblico de Henry Halley, Ed.Vida Nova, pág. 674.) Em primeiro lugar, então, os membros confessos da seita foram presos; a seguir, de acordo com as suas denúncias, inúmeras pessoas foram condenadas, não tanto por

> causa do incêndio, mas por seu ódio à raça humana. O escárnio acompanhou o seu fim: foram cobertos com peles de animais selvagens e estraçalhados por cães; ou foram pregados em cruzes, e, quando a luz do dia falhava, eram queimados para servir de lâmpadas à noite. Nero ofereceu os seus Jardins para o espetáculo e deu uma exibição em seu circo, misturando-se à multidão vestido de cocheiro, ou montado em seu carro. Desse modo, apesar de tratar-se de um crime que merecia o castigo mais exemplar, surgiu um sentimento de piedade, em virtude da impressão de que eles não estavam sendo sacrificados pelo bem-estar do Estado, mas por causa da ferocidade de um único homem.[19]

Aqui, novamente, temos um testemunho não cristão explícito quanto à origem e propagação do cristianismo. Mais importante ainda, este relatório de Tácito fornece evidência histórica firme de que os cristãos de Roma, só trinta anos depois da morte de Cristo, já estavam sendo mortos por causa da sua convicção de que Jesus viveu, morreu e ressuscitou a favor deles.

Alguns escritores tentaram atacar a autenticidade desta passagem, mas os seus argumentos geralmente caíram em ouvidos moucos. Ao consultarmos as principais autoridades clássicas que tratam deste assunto (por exemplo, o classicista de Oxford e notado especialista Tacitano, Henry Furneaux), concluímos que a evidência é bastante sólida no sentido de esta passagem ter sido escrita por Tácito. Quase todos (inclusive Wells) admitem que o estilo é claramente "latim tacitano". Além disso, desde que a passagem não fala bondosamente dos cristãos, não existe um motivo plausível para qualquer outro além de Tácito tê-la escrito.

Wells tenta atacar a passagem de um ângulo diferente. Ele argumenta que a declaração de Tácito sobre Jesus não tem valor histórico, desde que ele está provavelmente repetindo informação obtida dos próprios cristãos. Em vista de a vida de Jesus, segundo Wells, não passar de uma lenda, os cristãos contaram a Tácito como fato histórico o que era apenas imaginário.

Wells oferece três linhas de evidência como apoio. **Primeiro**, ele diz que Tácito "dá a Pilatos o título de 'procurador', que só se tornou corrente a partir da segunda metade do século 1º". (WeG.HE 16) Mas se esta informação veio dos cristãos, por que Tácito, em seu *Anais* 4.5, chama Lucilius Capito "procurador" quando ele também estava no cargo antes da mudança de nome? Ele chama também o imperador de "imperante" ("imperitante"), que Tácito, por ser senador, saberia não ser o título usado para os antigos imperadores. Tácito estava apenas empregando termos correntes em sua época, a fim de esclarecer para os leitores daqueles dias as posições mantidas pelos vários indivíduos.

Segundo, Wells diz que, se Tácito tivesse obtido esta informação dos registros oficiais, ele teria chamado Jesus pelo nome e não pelo título "Cristo". Mas se Tácito tivesse dito "Jesus", ele necessitaria de informação adicional para explicar como Jesus estava ligado aos cristãos. Furneaux afirma que "Christus", como nome, seria "apropriado para usar aqui, para explicar 'Christianus' ". (FuH.A 374) De fato, se Tácito tivesse recebido a sua informação dos cristãos, eles teriam mais probabilidade de usar "Jesus" ou possivelmente "Jesus Cristo" como uma referência mais íntima. Tácito poderia ter sido também motivado a usar "Christus" se fosse de conhecimento geral que os judeus tinham "oráculos antigos de que um Messias conquistador iria surgir". (GiE.D I:603). O uso do termo "Christus" iria, com certeza, focalizar mais o desagrado público nos cristãos.

Terceiro, Wells afirma que Tácito "ficou certamente alegre por aceitar o conceito dos cristãos de que o cristianismo era de origem recente, desde que as autoridades romanas estavam preparadas para tolerar apenas os cultos antigos". (WeG.HE 17) Wells está tentando argumentar que Tácito aceitou dos cristãos apenas a idéia de que Cristo morreu sob Pôncio Pilatos durante o reinado de Tibério. Mas existem muitas razões para crer que Tácito tinha outras informações além das ouvidas dos cristãos.

Primeiro, ele faz sua declaração sobre a morte de Cristo como um fato histórico, e não como algo que outrem tivesse afirmado ser verdade.

Segundo, como mencionado no capítulo anterior, tanto Justino[20] como Tertuliano[21] desafiaram os seus leitores a lerem por si mesmos os documentos oficiais seculares que consubstanciavam certos detalhes da vida de Jesus.

Terceiro, na qualidade de cidadão romano, Tácito deve ter tido certamente acesso aos melhores registros disponíveis no império romano da época.

Quarto, nos *Anais* 4.10, onde Tácito refuta um boato específico, ele diz que se reportou às "mais numerosas e fidedignas autoridades". Em 4.57 diz: "Segui a maioria dos historiadores".

Quinto, Tácito toma precauções ao registrar conflitos nas suas fontes. Em 15.38 ele fala de versões conflitantes quanto à origem do grande incêndio de Roma.

Sexto, Tácito não cita suas fontes sem criticá-las. Em *Anais* 4.57 ele questiona a maioria dos relatos dos historiadores. Em 15.53, considera absurda a declaração de Plínio, e em 13.20, cita o preconceito de Fabius Rusticus. B. Walker comenta que Tácito era "um cético obstinado quanto aos boatos populares, mesmo quando estes coincidiam com os seus próprios preconceitos" e cita *Anais* 2.68 como um exemplo. (WaB.AT 142)

Sétimo, Tácito evita dar opinião quando outros não o fazem.[22]

Oitavo, Tácito distingue entre boato e fato, usando expressões como: "Alguns registraram"; ou "Conforme opinião geral".[23] Ele também emprega termos como: "Foi dito" e "Dizem", quando não quer responsabilizar-se pela credibilidade de uma declaração.[24] Maurice Goguel, ex-Professor de Teologia da Universidade de Paris, nota que a ausência de palavras como "Foi dito", em *Anais* 15.44 (a passagem sobre Cristo), deveria levar-nos a crer que a fonte de Tácito era um documento. Ele afirma: "Um fato é certo, ou seja, Tácito conhecia um documento, que não era nem judeu nem cristão, o qual ligava o cristianismo com o Cristo crucificado por Pôncio Pilatos". (GoMa.JN 40)

Finalmente, ainda que Tácito não tivesse feito qualquer declaração independente sobre a pessoa de Cristo, mesmo assim, ele registra o fato de que homens e mulheres, vivendo trinta anos depois de Jesus ter sido crucificado, estavam dispostos a morrer pela fé em que Jesus tinha vivido há apenas trinta anos. Alguns deles, por exemplo Pedro, tinham até ouvido, visto, falado e andado com ele. De acordo com o comentário de J.N.D. Anderson, ex-Professor de Leis Orientais na Universidade de Londres:

> Não é na verdade fantástico sugerir que quando ele acrescenta que "a fatal superstição, reprimida por um pouco, irrompeu novamente", está apoiando um testemunho indireto e inconsciente da convicção da igreja primitiva no sentido de que Cristo fora crucificado e se levantara da sepultura. (AnJ.CTW 19)

ADRIANO

Durante o reinado de Adriano (117-38 a.D.), Serenius Granianus, procônsul da Ásia, escreveu ao imperador pedindo seu conselho para tratar de acusações contra os cristãos. Ele estava provavelmente passando pelos mesmos problemas mencionados por Plínio. Os cristãos, cheios de zelo em seu recém-alcançado relacionamento com o Jesus ressurreto, estavam levando outros a Cristo e afastando-os das práticas do culto pagão. Isso prejudicou alguns comerciantes, tais como os ourives, justamente no seu ponto fraco — o bolso. Como resultado, os cristãos muitas vezes iam a julgamento apenas por seguirem a um deus que o Estado não aceitava. Adriano respondeu ao sucessor de Granianus, Minucius Fundanus. Sua carta, preservada por Eusébio, é uma evidência indireta confirmando as mesmas coisas registradas por Plínio:

> Não quero, portanto, que a questão fique sem ser examinada, a fim de que esses indivíduos não sejam perseguidos, nem que uma oportunidade para procedimentos maldosos seja oferecida aos informantes. Se, no entanto, os provinciais puderem provar claramente as suas acusações contra os cristãos, de modo a respon-

derem diante do tribunal, que sigam apenas este curso, mas não em vista de simples petições, ou motins contra os cristãos. Pois é muito mais apropriado, no caso de alguém apresentar uma acusação, que você a examine.[25]

SUETÔNIO

Em aproximadamente 50 a.D., o apóstolo Paulo chegou a Corinto. Atos 18.2 registra que ele encontrou ali "certo judeu chamado Áqüila, natural do Ponto, recentemente chegado da Itália, com Priscila, sua mulher, em vista de ter Cláudio decretado que todos os judeus se retirassem de Roma". Em virtude da aparente maturidade espiritual de Áqüila e Priscila, observável em Atos 18.26, tudo indica que eles já eram cristãos durante sua estada em Roma antes de 49 a.D. Essa é a data em que Cláudio expulsou todos os judeus de Roma.

Suetônio, outro historiador romano e cronista da Casa Imperial, escreveu em 120 a.D. aproximadamente: "Desde que os judeus estavam promovendo distúrbios constantes por instigação de Chrestus, ele os expulsou de Roma".[26]

Quem é "Chrestus"? Tem havido alguma discussão sobre este assunto, desde que Chrestus parece ter sido um nome bastante comum, especialmente entre os escravos. Mas existem várias pistas indicando que Chrestus era provavelmente "Cristo" (grego: "Christus") soletrado erradamente:

> Primeiro, Chrestus é um nome *grego*. É claro que muitos judeus tinham nomes gregos, seja recebidos ao nascerem ou assumidos mais tarde (por exemplo, os discípulos galileus de Jesus, André e Filipe, e os sete "diáconos" nomeados em Atos 6.5, onde só um deles é reconhecido como prosélito); Chrestus, por outro lado, não é conhecido como um nome judeu.[27]
>
> Em segundo lugar, Chrestus deveria ter um som muito semelhante a Cristo; o qual, com o seu significado de "ungido", seria pouco familiar no mundo gentio, de modo que a substituição pelo nome grego familiar Chrestus não teria dificuldade em ser feita. Tertuliano ressalta que os oponentes do cristianismo, ao pronunciarem erradamente o nome como "Chrestianus", de fato testemunharam sobre a sua "doçura e bondade"! (FrR.E 41)

Outra pista surge no restante de Atos 18, onde Áqüila e Priscila se envolvem com Paulo em sua missão de "testemunhar aos judeus que o Cristo é Jesus". Muitos dos judeus reagiram negativamente e, se o resto do livro de Atos for típico daqueles dias, é provável que Áqüila e Priscila se envolvessem numa controvérsia semelhante em Roma no ano 49 a.D. Os judeus cristãos, ao darem testemunho aos outros judeus, provavelmente provocaram as hostilidades que levaram à expulsão de todos os

judeus de Roma. O escrivão do relatório policial deveria ter sido informado de que a violência fora instigada por "Christus". Mas desde que jamais ouvira falar de "Christus", ele escreveu "Chrestus", nome que lhe era familiar. Setenta anos mais tarde, quando Suetônio consultou o registro, ele anotou fielmente o que encontrara. Este registro, então, e o relatório dele feito por Suetônio, praticamente confirmam que dentro do período de dezesseis a vinte anos da morte de Jesus, os cristãos judeus da Judéia estavam contando a outros judeus em Roma sobre a Sua vida, morte e ressurreição.

Suetônio também confirma o relatório de Tácito sobre o grande incêndio de Roma. Em sua obra *Life of Nero* ("Vida de Nero"), Suetônio relata que depois do incêndio "Foram infligidos castigos aos cristãos, um grupo de pessoas adeptas de uma superstição nova e prejudicial".[28] Mais uma vez, uma fonte secular não cristã verifica que havia homens e mulheres em Roma apenas trinta anos depois da morte de Cristo que estavam sendo executados por sua convicção de que Jesus vivera, morrera e ressuscitara dentre os mortos.

LUCIANO DE SAMOSATA

Ao escrever por volta de 170 a.D., o satirista grego, Luciano, mencionou os primeiros cristãos e o seu "legislador". A natureza hostil do seu testemunho torna-o ainda mais valioso:

> Os cristãos, como todos sabem, adoram um homem até hoje — o distinto personagem que iniciou seus novos rituais — e foi crucificado por causa disso... Vejam bem, essas criaturas mal orientadas começam com a convicção geral de que são imortais para sempre, o que explica o desprezo pela morte e a dedicação voluntária de si mesmos, tão comuns entre eles. Foi também impresso sobre eles, pelo seu legislador original, que são todos irmãos, a partir do momento em que são convertidos; e negam os reis da Grécia, adoram o sábio crucificado, e vivem segundo as suas leis. Tudo isto eles aceitam pela fé, com o resultado de desprezarem todos os bens materiais, considerando-os simplesmente como propriedade comum.[29]

Luciano também menciona os cristãos várias vezes em seu livro *Alexander the False Prophet* ("Alexandre, o Falso Profeta"), seções 25 e 29.

MARA BAR-SERAPION

Decorrido algum tempo após 70 a.D., um sírio, provavelmente um filósofo estóico, escreveu da prisão a seu filho. Na tentativa de encorajar o filho a buscar sabedoria, ele fez as seguintes reflexões:

> Que vantagem os atenienses tiveram ao matarem Sócrates? A fome e a praga caíram sobre eles como castigo do seu crime. Que proveito os habitantes de Samos tiveram ao queimarem Pitágoras? Num momento a sua terra foi coberta pela areia. Que vantagem os judeus tiveram ao executarem o seu Rei sábio? Logo depois disso o seu reino foi destruído. Deus vingou com justiça esses três homens sábios: os atenientes morreram de fome; os samianos foram destruídos pelo mar; os judeus, arruinados e expulsos da sua terra, vivem completamente dispersos. Mas Sócrates não morreu para sempre; ele continuou vivendo nos ensinos de Platão. Pitágoras não morreu para sempre; ele continuou vivendo na estátua de Hera. Nem o Rei sábio morreu para sempre; ele continuou vivendo nos seus ensinamentos.[30]

O valor do testemunho desta carta quanto aos fatos históricos fica prejudicado pelo fato de Mara Bar-Serapion ter tido condições de obter a sua informação através da tradição cristã (o que não significa necessariamente que está errada) e pelo fato de sua informação sobre Atenas e Samos ser incorreta. Mas a carta pode ter sido escrita já no século 1° e o seu escritor não é definitivamente cristão, pois se refere em outros pontos aos "nossos deuses" e coloca Jesus no mesmo nível de Sócrates e Pitágoras. Ele também faz Jesus continuar vivendo em seus ensinos, em lugar da sua ressurreição. Ele parece ter sido influenciado por cristãos gentios, pois culpa os "judeus" de "executarem o Rei sábio". Mas até mesmo o judeu João, discípulo de Jesus, usava repetidamente as palavras "os judeus" para referir-se a determinados grupos ou líderes judaicos, a maioria dos quais se opunha a Jesus. Havia também os que ficavam maravilhados com Ele e outros que mostravam indiferença.

Não vamos fazer uma pesquisa de referências não cristãs além de 200 a.D. No capítulo anterior, vimos como é improvável que qualquer escritor cristão tivesse feito referência a Jesus ou a seus seguidores. A evidência deste capítulo indica que a mensagem da vida, morte e ressurreição real de Jesus devia ter começado a espalhar-se em todo o império romano imediatamente após a morte de Jesus, pois escritores não cristãos estavam relatando os seus efeitos num período de dezenove a trinta anos da sua comissão.

3

REFERÊNCIAS DOS RABINOS

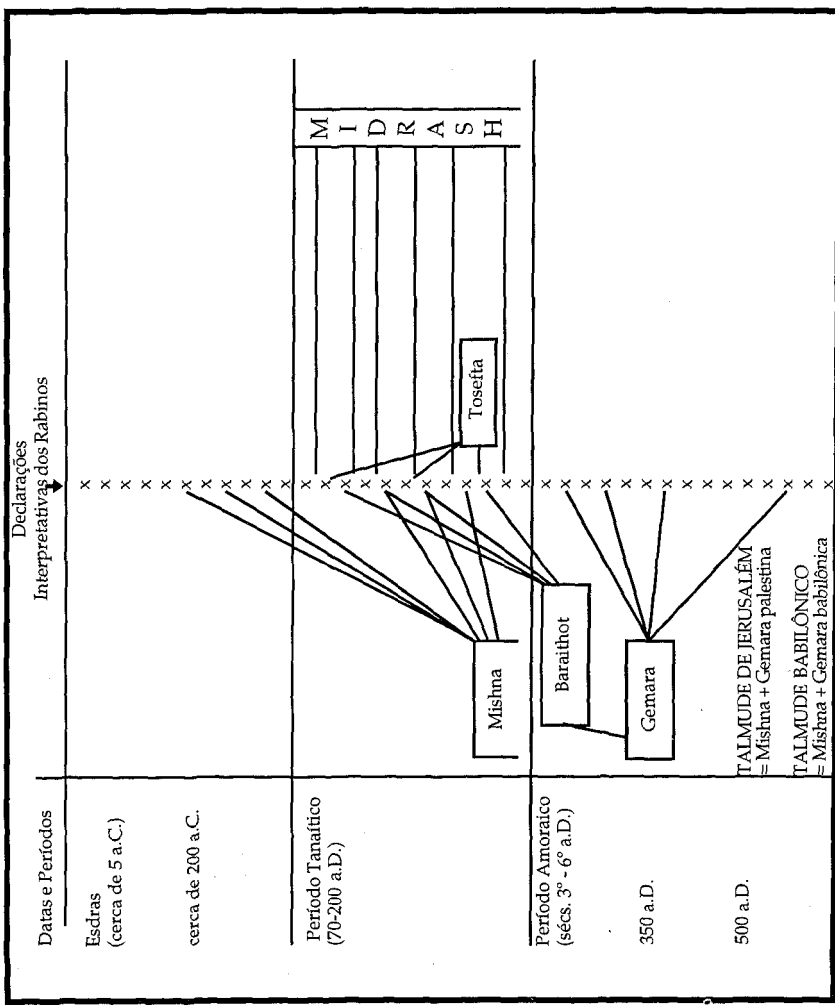
Rabínica é o estudo dos comentários dos rabinos judeus sobre as Escrituras do Antigo Testamento. Ela inclui comentários sobre o comentário das Escrituras. Desde que inúmeros rabinos comentaram sobre a Escritura ou sobre o comentário de algum outro rabino, eles ocasionalmente se referiam a pessoas e eventos de sua própria época. Um dos indivíduos a quem os rabinos se referiram foi Jesus. Este capítulo documenta referências históricas, tanto confiáveis como não confiáveis, a Jesus nos escritos rabínicos.

A rabínica pode ser um campo fascinante a ser explorado pelos estudantes do Antigo e Novo Testamento. Todavia, não se trata de um campo fácil de estudo. R. T. France adverte:

> Pesquisar dados na literatura rabínica sobre qualquer assunto histórico é uma tarefa assustadora. O volume de literatura, sua complexidade desconcertante e (para nós) sua falta de estrutura lógica, sua história oral e literária complicadas e a conseqüente incerteza sobre a data das tradições que ela preserva, tudo isso a torna uma área pouco convidativa para a maioria dos leitores não judeus. Acrescente a isto o fato de que a história como tal não é a sua preocupação; portanto, fragmentos de informação "histórica" ocorrem apenas como ilustrações de argumentos legais e teológicos confusos, quase sempre sem detalhes suficientes para tornar clara a situação histórica em vista, e a tarefa parece desanimadora. No caso da evidência a favor de Jesus, temos o novo fator de complicação de que ele era, para os rabinos, um professor e feiticeiro herege, cujo nome poderia escassamente ser mencionado sem contaminação, com o resultado de muitos eruditos crerem que as referências a ele eram feitas por meio de pseudônimos (p.ex., Ben Stada, ou Balaão) ou por expressões vagas como "Fulano". (FrR.E 32-33)

ESCRITOS DOS RABINOS

A fim de compreender exatamente as implicações das referências rabínicas a Jesus, é importante procurar primeiro as várias divisões da literatura produzida pelos rabinos. Enquanto caminhamos através do material introdutório que se segue, você talvez queira referir-se à tabela abaixo. Ela deve ajudar a reunir as peças do quebra-cabeça.



A partir da época de Esdras, depois da reconstrução dos muros de Jerusalém, vários sacerdotes escribas e rabinos começaram a comentar sobre o significado de passagens bíblicas. Neemias 8.7,8 cita vários indivíduos que, juntamente com os levitas e sob a orientação de Esdras, "ensinavam o povo na lei" e "Leram no Livro, na lei de Deus, claramente, dando explicações, de maneira que entendessem o que se lia". Geração após geração, estes ensinos foram memorizados e transmitidos, palavra por palavra, numa tradição oral ininterrupta. Em cada geração subseqüente, as interpretações dos rabinos eram acrescentadas à tradição sempre crescente.

Nos dias de Jesus, a quantidade de proscrições e prescrições detalhadas se tornara incrivelmente vasta, especialmente quando se considera que ela continuava sendo transmitida de memória, e não por escrito! Esta era a "tradição dos anciãos" à qual o Novo Testamento se refere.[1] Essas interpretações da Lei eram consideradas tão justas e com tanta autoridade quanto a Lei em si e levaram Jesus a dizer: "Jeitosamente rejeitais o preceito de Deus para guardardes a vossa própria tradição".[2] Deve ter sido uma tarefa consumidora de tempo para os estudiosos da lei memorizarem todas as suas interpretações rabínicas, sobrando pouco tempo para praticá-la. Talvez este fosse um dos motivos para Jesus desafiar os escribas, dizendo: "sobrecarregais os homens com fardos superiores às suas forças, mas vós mesmos nem com um dedo os tocais".[3] De acordo com Jesus, a prática original de Esdras tinha sido "dispor o coração para buscar a lei do Senhor *e para a cumprir*, e para ensinar em Israel os seus estatutos e os seus juízos".[4]

Quando Jerusalém e o templo foram destruídos em 70 a.D., os fariseus da escola de Hillel temeram que Israel viesse a perder as suas tradições e unidade. Com a permissão dos romanos, eles estabeleceram sua sede em Jamnia quase diretamente a oeste de Jerusalém, perto da costa do Mediterrâneo. Reformaram ali o Sinédrio, e Yohanan ben Zakkai tornou-se o seu novo presidente. Sua principal tarefa era escrever a tradição oral. O rabino Akiba teve êxito em arranjá-la por assuntos, mas foi torturado até a morte depois da rebelião do seu "Messias", ben-Kosebah, ter sido sufocada pelos romanos em 135 a.D. O pupilo de Akiba, rabino Meir, revisou e continuou o seu trabalho. Finalmente, cerca do ano 200 a.D., o rabino Judá o Patriarca terminou a compilação do que conhecemos hoje como a *Mishnah*.

Mishnah significa literalmente "ensino" ou "repetição". O material constante nela está dividido em seis *Sedarim*, cada *Seder* cobrindo o ensino sobre um determinado assunto. Os seis temas principais são agricultura, festas, mulheres, prejuízos, coisas santificadas, e pureza. Cada *Sedarim* divide-se em seções menores chamadas *tratados*.[5] Cada

tratado é dividido em capítulos chamados "seções", sendo cada seção um pouco mais longa que um versículo bíblico.

O *Midrash* é paralelo à *Mishna.* O seu nome vem do verbo *darash,* significando "buscar, explorar, ou interpretar". O *Midrash* é mais um comentário contínuo sobre a Escritura onde a *Mishna* pode ensinar certas interpretações independentes de sua base escriturística. Existem dois tipos de *Midrash*: o *Halakah,* mais legislativo, e o *Haggadah,* mais inspiracional em sua abordagem. Esses mesmos termos são muitas vezes usados para descrever a espécie de material contido na *Mishnah,* podendo quase todos ser chamados de *halakicos.*

Outro grupo de materiais, composto de comentários do período Tanaítico não selecionado para a *Mishnah,* é chamado *Tosefta,* significando "adição" ou "suplemento". Esses ensinos expandem ou dão versões paralelas dos provérbios apresentados na *Mishnah.*

O período que vai de 70 a 200 a.D. é chamado de período Tanaítico. O nome é derivado dos *Tanna'im* ou "repetidores" do material codificado na *Mishnah* e *Tosefta.* Durante o período Tanaítico, mais tradições foram produzidas fora ou externas à *Mishnah.* Essas tradições ficaram conhecidas como *Baraithoth* (singular, Baraitha) e foram preservadas na *Gemara* (comentário sobre a *Mishnah*) do período Amoraico.

O período Amoraico vai do século 3° até o 6° a.D. Os professores deste período, chamados Amoraim, produziram o comentário sobre a *Mishnah* chamado *Gemara.* O nome vem do hebraico *Gemar,* significando "terminar". Havia duas escolas de Amoraim independentes durante este período: uma na Babilônia e outra na Palestina. Cerca de 350 a 425 a.D., a escola palestiniana compilou a sua *Mishnah* (Período Tanaítico) e *Gemara* (Período Amoraico) no *Talmude* palestiniano ou de Jerusalém. A outra escola, a da Babilônia, permitiu que o seu comentário sobre a *Mishnah* continuasse expandindo até cerca de 500 a.D. A essa altura, a sua *Mishnah* e *Gemara* foram reunidas para formar o *Talmude* babilônico, uma coleção muito maior do que o *Talmude* palestiniano. O significado literal de *Talmude* é "aprender".

Com relação ao grande corpo de comentários rabínicos, tanto os eruditos cristãos como judeus concordam em que há várias passagens que se referem claramente a Jesus. Este fato é bastante excepcional em vista de vários fatores importantes.

Primeiro, só existe um pequeno número de cópias manuscritas do *Talmude* antigo. A igreja tem uma grande parcela de culpa por esta situação. Ao perseguir os judeus, a igreja freqüentemente confiscou manuscritos judeus e queimou-os.

Segundo, por causa das perseguições, as comunidades judias impuseram censura sobre si mesmas, a fim de remover as referências a Jesus em seus escritos, para não serem mais alvo de ataques. Morris

Goldstein, ex-Professor de Literatura do Antigo e Novo Testamento na Pacific School of Religion, relata:

> Desse modo, em1631, a Assembléia de Anciãos Judeus na Polônia declarou: "Fica proibido, sob a ameaça da grande interdição, publicar em qualquer nova edição da *Mishnah* ou da Gemara algo referente a Jesus de Nazaré...Se não obedecerem diligentemente a esta carta, mas a contrariarem, e continuarem publicando os nossos livros da mesma forma que até agora, poderão trazer sobre nós e sobre si mesmos sofrimentos ainda maiores do que anteriormente."
>
> A princípio, as partes eliminadas nos *Talmudes* impressos eram indicadas por pequenos círculos ou espaços em branco, mas com o tempo, isso também foi proibido pelos censores..
>
> Como resultado da dupla censura, os volumes usuais da literatura rabínica só continham um remanescente deturpado das supostas alusões a Jesus. (GoMo.JJT 4)

Terceiro, durante o "Período do Segundo Templo", os rabinos não se inclinavam a mencionar eventos e pessoas desse período, a não ser que fossem altamente relevantes para uma Escritura ou comentário que estivesse sendo explicado. O conhecido estudioso judeu, Joseph Klausner, que não era cristão e escrevendo principalmente para o povo judeu, afirma:

> No geral, as autoridades do *Talmude* se referem raramente aos eventos do período do Segundo Templo, e fazem isso apenas quando tais eventos são relevantes a alguma discussão halakica, ou os mencionam muito casualmente no curso de algum haggada. O que, por exemplo, saberíamos do grande conflito macabeu contra os reis da Síria se os livros apócrifos, I e II Macabeus, e os escritos gregos de Josefo não tivessem sobrevivido, e fôssemos obrigados a obter toda a nossa informação sobre este grande evento da história de Israel apenas do *Talmude*? Não teríamos sabido sequer o nome de Judas Macabeu! (KlJ.JN 19)

Desde que Jesus viveu no Período do Segundo Templo, as referências a ele são ainda mais dignas de nota.

Quarto, à luz da opressão romana sobre a nação judia, o aparecimento de Jesus foi relativamente sem importância para os rabinos. Novamente, nas palavras do erudito judeu Klausner:

> O aparecimento de Jesus durante o período dos distúrbios e confusão que sobrevieram à Judéia sob os Herodes e os Procuradores romanos, foi um evento tão inconspícuo que os contemporâneos de Jesus e seus primeiros discípulos mal o notaram; e na época em que o cristianismo se tornara uma seita grande e poderosa, os "Sábios do *Talmude*" já estavam bem longe dos dias

de Jesus. (KIJ.JN 19)

Os fatores acima, juntamente com outras razões, influenciam quão historicamente confiável uma declaração sobre Jesus na literatura rabínica pode ser. Assim sendo, nas duas seções seguintes, damos primeiro algumas das referências não confiáveis a Jesus, seguidas daquelas que podem ser aceitas como confiáveis.

REFERÊNCIAS NÃO CONFIÁVEIS A JESUS

Designamos como não confiáveis todas as passagens referentes a Jesus surgidas depois do período Tanaítico. Existem muitas dessas passagens; mas no período Amoraico, elas se referem primariamente a Jesus na doutrina cristã e não em sua existência histórica. Algumas passagens posteriores poderiam preservar um testemunho inicial, mas isto não pode ser geralmente demonstrado como verdadeiro. Abaixo, encontram-se referências específicas, geralmente reconhecidas como não confiáveis para nos contar algo sobre o Jesus histórico. Pode ser dito, porém, que essas passagens continuam falando de Jesus como uma pessoa histórica, embora os detalhes dados possam ser pouco exatos. Em outras palavras, elas demonstram novamente que a existência de Jesus jamais foi questionada nos tempos antigos.

Referências a "Ben Stada"

Durante séculos os cristãos e outros sentiram que as passagens sobre "Ben Stada" se referiam a Jesus. Como resultado, eles sempre criticavam os judeus pelos comentários que supostamente se referiam negativamente a Jesus. Parece agora claro que Ben Stada não era Jesus, mas o egípcio mencionado em Atos 21.38. O comandante romano diz ali a Paulo: "Não és, porventura, o egípcio que há tempos sublevou e conduziu ao deserto quatro mil sicários?" Josefo diz que este egípcio surgiu logo depois de Félix ter sido nomeado procurador da Judéia, em 52 a.D.:

> Além disso, saiu do Egito e foi para Jerusalém cerca desses dias, alguém que disse ser profeta, e aconselhou a plebe a acompanhá-lo até o Monte das Oliveiras, como era chamado, que fica do lado oposto da cidade e a uma distância de um quilômetro aproximadamente. Ele disse ainda que lhes mostraria, a partir de então, como, a um comando seu, os muros de Jerusalém cairiam e prometeu-lhes que acharia uma entrada na cidade para eles através daqueles muros, quando tivessem caído. Quando Félix foi informado dessas coisas, ordenou aos soldados que tomassem suas armas e fossem contra eles com um grande número de

> homens da cavalaria e infantaria, atacando o egípcio e o povo que estava com ele. Ele também matou quatrocentos deles e capturou duzentos vivos. Mas o egípcio conseguiu escapar e nunca mais apareceu.[6]

O egípcio não era obviamente Jesus! Mas a seguinte passagem do *Talmude* babilônico, *Shabbath 104b*, confunde ambos:

> "Aquele que corta a sua carne." É uma tradição Baraitha: o Rabino Eliezer disse aos Sábios: "Ben Stada não trouxe feitiçaria do Egito num corte em sua carne?" Eles responderam: "Ele era um louco, e não aduzimos provas de loucos". Ben Stada? Ele era Ben Pandera! (Variantes ortográficas deste nome incluem Pantira, Pantera, Panthera, Pantiri e Panteri.) Rab Hisda disse: "O marido era Stada; o amante, Pandera". Não era o marido Pappos ben Yehudah; sua mãe, Stada? Sua mãe era Miriam, cabeleireira de mulheres. Como dizem em Pumbeditha, "*Stath da* (esta desviou-se) do seu marido."

Desde que os Tanim jamais identificam Ben Stada com Jesus ou Ben Pandera, os eruditos concluíram que Rab Hisda e outros Amoraim confundiram o egípcio (ou Ben Stada) com Jesus. De fato, até mesmo "Rabbenu Tam (*Shabbath 104b*) declarou que este não era Jesus de Nazaré". (KlJ.JN 20) Klausner mostra que a natureza pouco confiável dos Amoraim pode ser vista no texto acima em que (1) eles confundem Pappas ben Yehuda (um contemporâneo de Akiba pouco antes de 135 a.D.) com o pai de Jesus; (2) eles confundem Maria Madalena com Maria, mãe de Jesus, chamando a esta de cabeleireira de mulheres (hebraico, *M'gadd'la N'shaya*); e (3) equacionam Stada com *S'tathda*, que significa "desviada", aplicando o nome a Maria, a mãe de Jesus. Desde que nenhuma das passagens Tanaíticas equaciona Ben Stada com Jesus ou Ben Pantera, e desde que as passagens Amoraicas não são dignas de crédito, então nenhuma das passagens sobre Ben Stada pode conter referências históricas confiáveis a Jesus.

Referências a Balaão

Várias passagens parecem referir-se a Jesus, usando o nome Balaão. Segundo Klausner, a referência a Jesus como Balaão tornou-se tão aceita entre os eruditos judeus a ponto de não mais exigirem provas. Isto não acontece mais. Considere as seguintes passagens da *Mishnah:*

> Três reis e quatro plebeus não terão parte no mundo vindouro. Os três reis são: Jeroboão, Acabe e Manassés... Os quatro homens comuns são: Balaão, Doegue, Aitofel e Geazi. (M. Sanhedrin 10, 2) (RS)
>
> Os discípulos de Balaão, o perverso, herdarão a Geena e

> irão para o abismo da destruição, pois foi dito: "Os homens de sangue e dolo não viverão metade dos seus dias". (M.Aboth 5, 19) (RS)

Não há motivo para equacionar Balaão a Jesus nessas passagens, desde que: (1) Não havia razão para os compiladores da *Mishnah* ocultarem a identidade de Jesus se estivessem falando dele. (2) Sempre que os rabinos queriam ocultar a identidade de Jesus, usavam o termo "aquele que". (3) Balaão não era israelita, mas Jesus era; (4) Se Balaão é um nome de fachada para alguém, ele poderia aplicar-se também a muitos outros. Ele não isola especificamente Jesus. (5) Algumas das passagens que equacionam Balaão com Jesus são tardias e, portanto, não confiáveis como referências históricas a Jesus.

A principal razão para Balaão não ser Jesus, porém, é que algumas passagens mencionam tanto Jesus quanto Balaão como dois indivíduos separados. Considere a seguinte passagem Tanaítica:

> R. Eliezer ha-Kappar disse: Deus deu força à sua (de Balaão) voz, de modo que ela foi de um lado do mundo para o outro, porque ele olhou e viu as nações que se inclinam perante o sol, a lua e as estrelas, diante de madeira e de pedras, e olhou e viu que havia um homem, nascido de mulher, que deveria levantar-se e buscar substituir a Deus, fazendo o mundo inteiro desviar-se. Deus, portanto, deu poder à voz de Balaão para que todos os povos pudessem ouvir, e ele então falou: Fiquem atentos para não seguir esse homem e se desviarem, pois está escrito: "Deus não é homem, para que minta". Se ele disser, pois, que é Deus, é um mentiroso; e vai enganar e dizer que partiu e voltará no fim. Ele diz e não cumprirá. Veja o que está escrito: Ele retomou a sua parábola e disse: "Quem viverá quando Deus fizer isto?" Balaão disse: "Quem viverá — de que nação que ouviu esse homem que usurpou o lugar de Deus?[7]

O rabino Eliezer ha-Kapper morreu aproximadamente em 260 a.D., de modo que o valor da sua declaração ao afirmar a historicidade de Jesus é restrita. Mas ela mostra que no período Tanaítico tardio e no início do período Amoraico, quando haveria maior razão para usar um pseudônimo para Jesus, o nome Balaão se referia a outra pessoa. No *Talmude* babilônico, uma passagem provavelmente do perído Amoraico (embora Klausner a coloque antes disso) torna as coisas ainda mais claras:

> Conta-se a história de "Onkelos, filho de Kalonymos, filho da irmã de Tito", que queria tornar-se um prosélito. Ele primeiro chamou Tito por meio de encantamentos. Tito aconselhou-o a não se tornar prosélito porque Israel tinha muitos mandamentos e ordens difíceis de observar; pelo contrário, recomendou que ele

fizesse oposição a eles. Onkelos, assim, chamou Balaão, que lhe disse irado contra Israel: "Não procure paz com eles nem o bem deles". Só então ele foi e "levantou Jesus por meio de encantamentos e lhe disse: Qual é a coisa mais importante do mundo? Ele respondeu: Israel. Balaão perguntou: E o que aconteceria se eu me juntasse a eles? Ele disse: Procure o bem deles e não o mal; quem quer que os fira será como ferir a menina dos olhos de Deus. A seguir, ele perguntou: E qual será o destino desse homem? Ele respondeu: Imundície fervente. Uma Baraitha declarou: Todo aquele que zombar das palavras do sábio é condenado à imundície fervente. Venha e veja o que há entre os transgressores e os profetas das nações do mundo."[8]

A História do Impudente

"O impudente." R. Eliezer afirma que isto significa um bastardo, enquanto R. Yehoshua diz que é um "filho da imundície" (*ben niddah*; veja Lv. xv.32); R. Akiba declara que é tanto uma coisa como outra. Os anciãos estavam, certa vez, sentados (na porta). Duas crianças passaram diante deles, uma cobriu a cabeça e a outra a descobriu. À que descobriu a cabeça, R. Eliezer chama de "bastardo"; R. Yehoshua, de "filho da imundície"; e R. Akiba, "bastardo e filho da imundície". Eles perguntaram a R. Akiba: Como ousa contradizer as conclusões de seus colegas? Ele respondeu que provaria o que estava dizendo. Procurou, então, a mãe da criança e a viu vendendo ervilhas no mercado. Ele lhe disse: Minha filha, se responder à minha pergunta, eu a levarei à vida do mundo por vir. Ela respondeu: Jure. R. Akiba jurou com os lábios, mas desfez o juramento no coração. Ele perguntou a ela: Qual a origem deste filho? Ela respondeu: Quando entrei na câmara nupcial estava impura e meu marido ficou longe de mim, e o padrinho do noivo veio a mim e tive este filho. O filho era, portanto, um bastardo e um "filho da imundície". Eles, então, disseram: Grande foi o R. Akiba que envergonhou seus professores. Naquela mesma hora, declararam: Bendito seja o Senhor Deus de Israel, que revelou o seu segredo a R. Akiba ben Yosef.[9]

Esta passagem só ocorre em dois tratados que foram reunidos num período bastante tardio e que contêm "muitos acréscimos que eram, então, recentes em substância ou corrompidos na forma". (KIJ.JN 31) Assim também, desde que R. Akiba foi executado pelos romanos em 135 a.D., não há meios de ele já ser um rabino respeitado, quando Jesus não passava de uma criança!

Toledoth Yeshu

"Toledoth Yeshu" significa "Vida de Jesus". Trata-se de um

folheto que "pretende narrar a história de Jesus". (GoMo.JJT 147) Ele pode ter sido primeiramente compilado já no século 5° a.D. A história fala de Jesus, um filho ilegítimo e impudente, aprendendo o "Nome inefável" no templo, escrevendo-o num pedaço de papel que costura na coxa, realizando por meio dele muitos milagres e atraindo seguidores. Os sábios de Israel fizeram, então, "Yehuda Iskarioto", um dos seus, aprender o "Nome inefável" e ir de encontro a Jesus com sinais e prodígios, incluindo uma batalha no céu onde Yehuda voa mais alto que Jesus e o torna impuro, de modo que ele cai na terra. Ocorrem outras aventuras estranhas, mas Jesus é eventualmente preso e enforcado na véspera da Páscoa num pé de couve. Depois de o seu corpo ser sepultado, um jardineiro o remove e o atira num canal de irrigação. Os discípulos, quando não encontraram o corpo de Jesus, começam a anunciar a ressurreição. Mas o Rabino Tanchuma (que historicamente viveu na verdade 400 anos depois de Jesus!) descobre o corpo e resolve revelar a fraude. Os discípulos fogem e levam a sua religião por todo o mundo. Shimeon kepha (Pedro) acaba vivendo numa torre construída para ele (a igreja de São Pedro, em Roma), onde compõe hinos e canções para serem enviados ao mundo inteiro.

Só precisamos citar a avaliação de Klausner:

> A leitura mais superficial deste livro serve para provar que não temos aqui senão uma peça de folclore, na qual estão entremeadas lendas e declarações primitivas e recentes do *Talmude* e da *Midrash* sobre Jesus, juntamente com relatos do evangelho (que o autor do *Tol'doth* perverte de maneira depreciativa para Jesus), e outras lendas populares, muitas das quais são mencionadas por Celso e Tertuliano e pelos Pais da Igreja tardios, e a qual Samuel Krauss rotula de "Motivo folclorista". Especialmente notável é a atitude adotada pelo *Tol'doth* quanto aos relatos do evangelho. Ele dificilmente nega qualquer coisa: simplesmente muda o bem em mal e o mal em bem. (KlJ.JN 51; os parênteses são de Klausner).

REFERÊNCIAS HISTÓRICAS CONFIÁVEIS SOBRE JESUS

"Na Véspera da Páscoa Eles Enforcaram Yeshu"

> Foi ensinado: Na véspera da Páscoa eles enforcaram Yeshu. E um arauto saiu, adiante dele, durante quarenta dias (dizendo): "Ele vai ser apedrejado por praticar feitiçaria e seduzir e desviar Israel. Quem quer que saiba qualquer coisa a favor dele, que venha e peça por ele". Mas não tendo encontrado nada a seu favor, eles o enforcaram na véspera da Páscoa.[10]

O manuscrito de Munique desta baraitha diz: "Yeshu o Nazareno". O termo grego "Yeshu", foi traduzido para o inglês como "Jesus". Morris Goldstein diz: "O cumprimento da pena de morte na véspera da Páscoa é uma forte verificação que aponta para Jesus, o Cristo do cristianismo". (GoMo.JJT 25)

A palavra *enforcar* também significava crucificação. Tanto Lucas 23.39 como Gálatas 3.13 fazem uso dela neste sentido. Esta baraitha também concorda com João 19.14 ao colocar a crucificação "na véspera da Páscoa". Mas por que as autoridades judias estavam "crucificando" Jesus em vez de apedrejá-lo, como prescrito na lei? A melhor explicação é que a palavra *crucificar* atesta a historicidade da crucificação de Jesus sob os romanos.

Esta passagem é significativa com base naquilo que ela não nega. Primeiro, não nega o envolvimento dos judeus na morte de Jesus. De fato, nem sequer menciona os romanos. Pelo contrário, ela procura demonstrar que as autoridades judaicas cumpriram a sentença, mas de maneira justa. O resultado é uma afirmação clara da historicidade de Jesus e sua morte. Segundo, esta passagem não nega que Jesus operou milagres. Em vez disso, ela tenta justificá-los, como sendo realizados mediante feitiçaria ou mágica. A mesma reação aos milagres de Jesus é relatada em Marcos 3.22 e Mateus 9.34; 12.24. Novamente, há uma clara afirmação da historicidade de Jesus, e desta vez também dos seus milagres.

Esta passagem afirma igualmente que Jesus conseguiu seguidores entre o povo judeu, dizendo que ele "seduziu e desviou Israel". Os quarenta dias podem ser apenas um estratagema apologético para negar que o julgamento tivesse sido precipitado. Mas ela poderia estar talvez ligada a um anúncio oficial de que Jesus estava sendo procurado pelas autoridades. João 8.58,59 e 10.31-33,39 indicam que os líderes judeus estavam tentando prendê-lo algum tempo antes da crucificação.

Depois da *baraitha,* 'Ulla Ammora, em fins do século 3º, comenta:

> Acreditaríeis que qualquer defesa seria, assim, tão zelosamente buscada para ele? Ele era um enganador, e o Todo-misericordioso diz: "Não o poupareis, nem o ocultareis". Com Jesus foi diferente, pois estava próximo da realeza.

A frase "próximo da realeza" foi tomada como uma referência à descendência genealógica de Jesus, de Davi, ou talvez seja uma referência ao ato simbólico de Pilatos lavar as mãos antes de entregar Jesus para ser crucificado.

"Yeshu Tinha Cinco Discípulos"

Também no Sinédrio 43*a*, imediatamente depois da primeira

baraitha referente a Jesus, há uma outra *baraitha* sobre ele:

> Nossos rabinos ensinaram: Yeshu tinha cinco discípulos — Mattai, Nakkai, Netzer, Buni, e Todah.

Segue-se a isso uma adição tardia amoraica de vários séculos depois da *baraitha*. O comentário está cheio de trocadilhos sobre os cinco nomes e tão afastado da realidade histórica que nenhum erudito virtualmente aceita a linha da história como digna de crédito. A *baraitha*, porém, originada em algum ponto entre 70 e 200 a.D., é aceita como uma referência confiável a Jesus e seus discípulos. Exceto por Mattai que pode ser equacionado com Mateus, seria difícil identificar os nomes dados com os nomes dos discípulos nos relatos evangélicos. A idéia de Jesus ter cinco discípulos pode ser explicada pelo fato de outros mestres no *Talmude*, a saber, Yohanan ben Zakkai e Akiba, serem também descritos como tendo cinco discípulos ou alunos. "Em qualquer caso", diz Goldstein, "temos aqui uma passagem primitiva citando Jesus e seus cinco discípulos". (GoMO.JJT 32)

Curas no Nome de Yeshua ben Pantera

> Uma serpente mordeu o rabino Elazar ben Damah, e Jacob, morador em Kefar Soma, foi curá-lo no nome de Yeshua ben Pantera; mas R. Ishmael não permitiu. Ele disse: "Você não tem permissão, Ben Damah". Este respondeu: "Vou dar-lhe provas de que ele pode me curar". Mas não teve oportunidade para dar provas, porque morreu. (Depois disso) R. Ishmael disse: "Feliz és tu, Ben Damah, pois partiste em paz e não quebraste a cerca dos Sábios; desde que todos que quebram essa cerca recebem finalmente castigo, como diz a Escritura: 'Aquele que quebrar uma cerca, uma serpente o morderá' ".[11]

Esta e outras passagens se referem a Jesus como "ben Pantera". Os eruditos debateram extensamente como Jesus veio a ter este nome acrescentado ao dele. Strauss julgava que vinha do termo grego *pentheros*, significando "genro". Klausner e Bruce adotam a postura de que *panthera* é uma corruptela do grego *parthenos*, significando "virgem". Klausner diz: "Os judeus ouviam constantemente que os cristãos (a maioria dos quais falava grego desde os primeiros tempos) chamavam Jesus de 'Filho da Virgem', ... e, portanto, zombando, eles o chamaram de *Ben ha-Pantera*, isto é, 'filho do leopardo.' " (KlJ.JN 23)

A teoria mais sensacional, mas menos aceita pelos eruditos sérios, foi dramatizada pela descoberta de um sepulcro do século 1° em Bingerbruck, Alemanha. A inscrição dizia: "Tibério Julio Abdes Pantera, arqueiro, nativo de Sidom, Fenícia, que em 9 C.E. foi transferido para servir na Alemanha." (DeA.LAE 73-74) Esta descoberta robusteceu a teoria de que Jesus era filho ilegítimo de Maria e do soldado, Panthera.

Até mesmo Orígenes escreve que seu oponente Celso, cerca de 178 a.D., disse ter ouvido de um judeu que "Miriam" ficara grávida de "Pantheras", um soldado romano; foi divorciada pelo marido, e deu Jesus à luz em segredo.[12]

Se "Pantheras" fosse um nome único, a história da gravidez de Maria pelo soldado romano poderia ser mais atraente para os eruditos. Adolf Deissmann, erudito alemão do Novo Testamento, em princípios do século 20, verificou, porém, mediante inscrições feitas no século 1°, "com absoluta certeza de que Panthera não era uma invenção dos escarnecedores judeus, mas um nome bastante conhecido entre os antigos." (DeA.LAE 73-74) O Rabino e Professor Morris Goldstein comenta que ele era tão comum quanto os nomes Wolf ou Fox são hoje. Ele comenta ainda:

> É digno de nota que se dê crédito ao próprio Orígenes pela tradição de Panther ser o nome de Tiago (Jacob), pai de José, pai de Jesus... Assim também, André o Cretense, João Damasceno, Epifânio o Monge, e o autor do *Diálogo de Andrônico de Constantinopla contra os Judeus*, citam Panther como ancestral de Jesus. (GoMo.JJT 38,39)

O fato de Jesus ser chamado pelo nome do avô também teria estado de acordo com uma declaração do *Talmude*, permitindo esta prática.[13] Enquanto a tradição cristã identificava Jesus pela sua cidade natal, a tradição judia, interessando-se mais pela identificação genealógica, parece ter preferido este método de identificar Jesus. Goldstein apresenta novas evidências para defender o caso convincentemente.

Esta passagem indica que ensinar e curar faziam parte do ministério dos discípulos de Jesus e, portanto, também do ministério de Jesus. Note a evidência da controvérsia entre os rabinos quanto à permissão para curar no nome de Jesus. O episódio provavelmente ocorreu no início do século 2° e indica a crescente separação entre as autoridades judias e os discípulos dos judeus cristãos. Cerca de 136 a.D., alguns judeus cristãos iriam ser duramente tratados por apoiar a rebelião do "Messias" de Israel, bar Kokebah.

Esta passagem de Tosefta apóia as baraithas anteriores, que diziam que Jesus "praticou feitiçaria", e concorda com as narrativas do Novo Testamento, descrevendo a reação judaica à atividade de cura de Jesus e seus discípulos.

Jacob, Discípulo de Jesus, como Minuth [14]

Nossos professores ensinaram: Quando R. Eliezer (o Gran-

de) foi preso por causa da *Minuth*, eles o levaram para ser julgado no tribunal. O Procurador lhe disse: Um velho como você se ocupa com assuntos tão triviais? Ele respondeu: Confio naquele que me julga. O Procurador pensou que falava dele, mas ele falava do seu pai celestial. O Procurador lhe disse: Desde que confia em mim está *dismissus*, absolvido. Quando voltou para casa, os discípulos foram consolá-lo, mas ele não quis aceitar a consolação deles. R. Akiba lhe disse: Permita que lhe diga uma coisa do que me ensinou. Ele respondeu: (Diga). Ele disse: Talvez a (uma palavra da) *minuth* veio sobre você e lhe foi agradável, dando causa à sua prisão. (*Tosefta* diz: Talvez um dos *Minim* houvesse dito alguma palavra da *Minuth* e ela o agradou?) Ele respondeu: Akiba, você me fez lembrar! Certa vez, eu estava andando ao longo do mercado superior (*Tosefta* diz "rua") de Séforis e encontrei um [dos discípulos de Jesus de Nazaré], Jacob de Kefar Sekanya (*Tosefta* diz "Sakanin") era o seu nome. Ele me disse: Está escrito em sua Lei, "Não trarás o aluguel de uma meretriz, etc.". O que seria feito com ele — uma latrina para o sumo sacerdote? Mas eu nada respondi. Ele me disse: [Jesus de Nazaré] me ensinou (*Tosefta* contém a leitura: "Yeshu ben Pantere"): "Do aluguel de uma meretriz ela os retirou, e voltarão para o aluguel de uma meretriz"; do lugar da imundície eles vêm, e para o lugar da imundície irão. E a afirmação me agradou e por causa disto fui preso pela *Minuth*. E transgredi contra o que está escrito na Lei: "Mantenha-se longe dela" — isso é, a *Minuth*; "e não chegue perto da porta da sua casa" — esse é o governo civil.[15]

Klausner mostra que o rabino Eliezer nasceu cerca de 40 ou possivelmente 30 a.D. Portanto, esta *baraitha* teria de ter-se originado muito cedo no período Tanaítico (70 a 200 a.D.) e o discípulo mencionado ou era da primeira ou da segunda geração dos discípulos de Jesus. Citamos, abaixo, Joseph Klausner. É importante saber que Klausner não era cristão e que, como erudito judeu do mais alto calibre, escreveu o monumental *Jesus de Nazaré* em hebraico e não para o prazer do mundo exterior. Ele sentiu que desta forma poderia assegurar a mais intensa objetividade. Nas suas palavras:

> Apesar das várias tentativas de M. Friedlander para nos persuadir de que "todo *talmudista* digno desse nome sabe que as poucas passagens *talmúdicas* que falam de Jesus são uma adição posterior", e as "fontes *talmúdicas* do século 1° e do primeiro quarto do 2° não oferecem a mínima evidência da existência de Jesus ou do cristianismo" — apesar disto, não pode haver dúvida de que as palavras "um dos discípulos de Jesus de Nazaré", e "assim sendo, Jesus de Nazaré me ensinou", são, na presente passagem, tanto recentes na data quanto fundamentais em sua ligação com a história; e o seu caráter primitivo não pode ser

> disputado com base nas pequenas variações das passagens paralelas. (KlJ.JN 38)

Klausner aceita a conclusão de que a prisão de R. Eliezer teve lugar em 95 a.D. e que Eliezer estava recapitulando o seu encontro com Jacob de Kefar Sekanya cerca de 60 a.D. Jacob teria aproximadamente 50 ou 60 anos de idade nessa época, caso tivesse ouvido Jesus ensinar cerca de 30 anos antes do encontro com Eliezer.

Na passagem, R. Eliezer é ensinado por um discípulo de Jesus, (possivelmente seu irmão Tiago, segundo Klausner), e o rabino gostou do que aprendeu. Isso o "agradou". Mas em sua velhice, ele tinha passado a considerar os cristãos como "minim", falsos mestres ou apóstatas. É interessante que num certo período os cristãos e os judeus tivessem podido conversar juntos apesar de sua convicção individual sobre quem era Jesus. Como vimos antes, Josefo também fala da alta consideração que os judeus tinham por Tiago, o irmão de Jesus.

Klausner responde a uma pergunta que naturalmente vem à tona sobre o conteúdo do ensinamento dos discípulos:

> Certamente, à primeira vista, esta exposição que trata do aluguel da meretriz e da latrina não concorda com o caráter dos ensinos de Jesus, como os conhecemos pelos evangelhos: estamos acostumados a vê-lo pregar ali apenas sobre ética e piedade pessoal... Não é só o *Talmude* que explica a Escritura de um modo que parece inadequado para o nosso paladar moderno. Mas mesmo Jesus, nos evangelhos, fala de necessidades humanas com uma liberdade inaceitável naqueles dias: "Tudo o que entra pela boca desce para o ventre, e depois é lançado em lugar escuso" (Mateus 15.17); "Tudo o que de fora entra no homem não o pode contaminar, porque não entra no coração, mas no ventre, e sai para lugar escuso" (Marcos 7.18-19). (KlJ.JN 43)

Esse tal

> Eles perguntaram a R. Eliezer: "E o que dizer desse tal com respeito ao mundo por vir?" Ele lhes disse: "Vocês só me perguntaram sobre esse tal... O que dizer de um bastardo em relação à herança? O que dizer dele quanto aos deveres do levirado? E quanto a branquear a sua casa? — O que dizer dele quanto a branquear a sua sepultura?" — não por ter-se esquivado deles com palavras, mas por jamais ter dito palavra que não tivesse ouvido do seu mestre.[16]

Esta passagem Tanaítica primitiva, segundo Klausner, refere-se a Jesus, desde que o termo "esse tal" é usado para Jesus no período amoraico. Alguns estudiosos pensam que R. Eliezer afirma aqui que

Jesus terá um lugar no mundo vindouro. As perguntas que ele faz aos que primeiro o interrogaram têm todas uma resposta positiva, indicando que sua resposta para elas é: "Sim, Jesus terá um lugar no mundo por vir". Outros eruditos, porém, pensam que Eliezer está-se esquivando à pergunta deles.

Outra passagem mostra novamente a reação natural dos oponentes de Jesus e seus discípulos ao relatório deles sobre o nascimento virgem:

> R. Shimeon ben 'Azzai disse: descobri um rolo genealógico em Jerusalém onde estava registrado: "Esse tal é um bastardo de uma adúltera".[17]

Se Maria não estava grávida de José, prossegue o argumento, então, estava grávida de outrem — isso é adultério — e Jesus era, portanto, ilegítimo. Até no Novo Testamento, os escribas e fariseus interrogam Jesus quanto ao seu nascimento: "Nós não somos bastardos...", implicando que o nascimento dele era ilegítimo.[18]

Talvez Celso (o oponente de Orígenes) tenha obtido sua informação de um judeu que tivesse citado essas palavras. A passagem traz à tona várias questões interessantes. O que Josefo colocou no registro de nascimento de Jesus no espaço em branco marcado "pai"? Quando José e Maria contaram a outros sobre o nascimento milagroso?

Que "esse tal" se refere a Jesus nesta passagem é geralmente aceito pelos eruditos. A passagem parece não ter sentido sem um nome, e esse tal era uma cobertura adequada para o nome de Jesus, quando a igreja começou a confiscar os escritos que criticavam Jesus.

O Jesus Histórico segundo os Primeiros Rabinos

Os primeiros rabinos judeus pensavam que Jesus era um mito ou uma lenda? Absolutamente não. Não existe o menor indício desta hipótese, sem levar em conta o que alguns filósofos e teólogos modernos possam concluir. De acordo com Klausner, as fontes rabínicas mais antigas e mais historicamente confiáveis dão-nos os seguintes fatos sobre quem eles pensavam que Jesus era: "Que o nome dele era Yeshu'a (Yeshu) de Nazaré; que ele 'praticava feitiçaria' (isto é, operava milagres, como era comum naqueles dias) e seduziu e desviou Israel; que ele zombava das palavras dos Sábios; que ele explicava a Escritura da mesma maneira que os fariseus; que ele tinha cinco discípulos; que disse não ter vindo para remover nada da Lei ou acrescentar qualquer coisa a ela; que ele foi enforcado (crucificado) como falso mestre e trapaceiro na véspera da Páscoa que ocorreu num sábado; e que os seus discípulos curavam os doentes em seu nome". (KlJ JN 46, os parênteses são de Klausner)

Klausner também conclui que a atitude dos primeiros e mais sábios dos Tanaim com relação a Jesus e seus ensinamentos não era amarga e hostil como a dos últimos rabinos. Embora haja muito nos escritos rabínicos que fale negativamente de Jesus, o fato mais revelador com respeito a essas fontes é que elas, em toda a parte, confirmam a existência histórica de um homem extraordinário, Jesus de Nazaré. France conclui:

> Apesar de pouco lisonjeira esta é, pelo menos, de maneira distorcida, evidência para o impacto feito pelos milagres e ensinos de Jesus. A conclusão de que ela depende inteiramente da reivindicação cristã, e que os "judeus do século 2º adotaram sem críticas a suposição cristã de que ele vivera realmente", é, com toda a certeza, ditada por um ceticismo dogmático. Tal polêmica, muitas vezes usando "fatos" bastante diferentes daqueles em que os cristãos acreditavam, não tem praticamente probabilidade de ter surgido em menos de um século com relação a um personagem inexistente. (FrR. E 39)

4

MÁRTIRES, CONFESSORES E PRIMEIROS LÍDERES DA IGREJA

Nos dois primeiros séculos depois do nascimento de Jesus, as coisas eram um tanto diferentes das de hoje em grande parte do mundo ocidental. Um ateu era alguém que não cria nos deuses do império romano — sendo o imperador um desses deuses. Outras religiões eram toleradas de tempos a tempos, mas elas ficavam inevitavelmente sujeitas a restrições e, às vezes, eram banidas. A política romana no geral permitia que outras religiões, especialmente em terras recém-conquistadas, praticassem as suas crenças desde que não causassem problemas para os romanos. Os cristãos, contudo, deram causa a problemas.

Os cristãos, porém, não provocaram problemas por desprezo ou resistência. Tinham uma mensagem diferente para o mundo, e à medida que os cultistas romanos eram atraídos para ele, a freqüência decrescia nos templos pagãos. Os ex-membros dos cultos deixaram de comprar estátuas dos deuses pagãos. Deixaram de comprar e oferecer sacrifícios para aqueles deuses. Em algumas regiões, como já vimos na carta de Plínio, o Jovem, ocorreu virtualmente uma crise econômica. Os que rejeitaram a mensagem cristã provocaram algumas vezes veemente oposição.

Esses e outros distúrbios motivaram as autoridades romanas a tomarem uma atitude com relação aos cristãos. Os cristãos foram reunidos e tiveram ordem de negar a Cristo, inclinar-se perante os deuses do império romano e queimar incenso diante deles. Os cristãos que não obedecessem eram torturados e mortos. Milhares foram queimados vivos ou jogados para servir de alimento aos leões famintos no Coliseu de Roma, tudo para "divertir" o povo. É difícil imaginar uma arena cheia de romanos da classe alta aplaudindo com entusiasmo, como se fosse um evento esportivo, enquanto outros seres humanos estavam sendo assassinados, queimados ou estraçalhados diante de seus olhos.

Tudo começou naturalmente com os primeiros apóstolos. A tradição nos conta que muitos dos apóstolos de Jesus e quase todos os

escritores do Novo Testamento sofreram martírio pela sua fé. Eles preferiram a morte das mãos dos perseguidores a negar os fatos da vida de Jesus que estavam transmitindo a uma nova geração de cristãos. Eusébio, considerado geralmente como exato em suas descrições, registra o martírio de Pedro (crucificado de cabeça para baixo), Paulo (decapitado), Tiago, irmão de Jesus (apedrejado e esbordoado), e Tiago, irmão de João (morto à espada). Atos 12.2 é uma fonte muito mais antiga para a morte de Tiago, o irmão de João, e Josefo é uma fonte muito mais antiga para a morte de Tiago, irmão de Jesus. A tradição conta que Tomé foi morto à espada e Tadeu, a flechadas. Conta-se que Bartolomeu foi esfolado vivo e crucificado de cabeça para baixo. Uma tradição do século 4º indica o martírio de Lucas. Outra tradição afirma que Marcos morreu como mártir no oitavo ano de Nero. João é tido como fervido em óleo, mas ressuscitando milagrosamente.

Para os cristãos, o sofrimento não era, no entanto, uma tragédia, mas uma oportunidade. Era exatamente a oportunidade que iria eventualmente assegurar a vitória do cristianismo em todo o império romano. O martírio, tortura e ameaças de morte sofridos pelos cristãos, na verdade, atraíram outros para a fé cristã. Os que testemunharam sua rendição pacífica e, em alguns casos, sua expectativa alegre do sofrimento, por causa de Jesus, foram confrontados com a realidade do que significava conhecer o Deus verdadeiro pessoalmente. O historiador Philip Schaff afirma:

> A vitória final do cristianismo sobre o judaísmo e o paganismo, e sobre o império mais poderoso do mundo antigo, uma vitória obtida sem violência física, mas mediante o poder moral da paciência e perseverança, da fé e do amor, é um dos espetáculos mais sublimes da história, e uma das evidências mais fortes da divindade e da vida indestrutível da nossa religião. (ScP.HCC 2.8)

Essa não parece ter sido uma realização consciente na ocasião, mas o sofrimento voluntário dos cristãos também confirmou para as gerações sucessivas sua sólida convicção de que os escritos e o testemunho oral transmitido a elas sobre Jesus eram verdadeiros.

Embora o cristianismo se espalhasse rapidamente entre os incultos, algumas das maiores mentes acadêmicas da história foram também atraídas para Jesus durante esse período. A questão máxima na mente deles, ao considerarem as reivindicações do nascimento, dos milagres, dos ensinos e da ressurreição dentre os mortos de Jesus, seria certamente: *Essas coisas realmente aconteceram*? Para compreender como esses cristãos cultos responderam a essa pergunta para a sua geração, e para as que se seguiram, precisamos de alguma base. Vamos examinar os pontos fracos e fortes dos escritores pós-apostólicos, os líderes da igreja

que seguiram os passos dos apóstolos.

FRAQUEZAS DOS ESCRITORES PÓS-APOSTÓLICOS

Schaff introduz esses escritores pós-apostólicos:

> Descendemos agora da igreja apostólica primitiva para o greco-romano; desde a cena da criação até a obra de preservação; desde a fonte de revelação divina até o fluxo do desenvolvimento humano; desde as inspirações dos apóstolos e profetas para as produções dos professores esclarecidos mais falíveis. (ScP.HCC 2.7)

Ao comparar esses escritores com os do Novo Testamento, ele afirma:

> Nenhum se compara, nem por um momento, com a profundidade e plenitude espiritual de um São Paulo ou São João; e toda a literatura patrística, com o seu incalculável valor, permanecerá sempre muito abaixo do Novo Testamento. A epístola aos Romanos ou o Evangelho de João vale mais do que todos os comentários, tratados doutrinários, polêmicos e ascéticos dos pais gregos e latinos, teólogos medievais, e reformadores. (ScP.HCC 2.629)

A maior fraqueza dos escritores pós-apostólicos poderia ser provavelmente descrita pela palavra *excesso*. Se um determinado escritor pensava ter visto uma alegoria usada nos escritos dos apóstolos, ele poderia inclinar-se a usar esse método de interpretação em um grau maior ou extremo. Justino, por exemplo, interpretou as doze campainhas no manto do sumo sacerdote como um tipo dos doze apóstolos, cujo som se estende a todo o mundo. Em vista de os apóstolos terem escrito sobre determinados eventos, como cumprindo profecias do Antigo Testamento, alguns escritores pós-apostólicos se inclinaram a extrair paralelos pouco usuais entre certos eventos na vida de Jesus ou da igreja e declarações específicas do Antigo Testamento. Esses são principalmente, porém, problemas de interpretação e não de fidelidade no registro de dados históricos que haviam sido transmitidos a eles.

Ocasionalmente, no entanto, encontramos esses escritores usando fontes duvidosas, citando obras apócrifas como Escritura, ou distorcendo informação retida na memória. Por exemplo, tanto Orígenes como Eusébio dizem que Josefo atribui a queda de Jerusalém ao tratamento cruel dado pelos judeus a Tiago, irmão de Jesus.[1] Mas esta declaração não aparece em nossas cópias de Josefo hoje, e o erudito moderno precisa ficar imaginando: será que Orígenes e Eusébio têm manuscritos melhores, manuscritos corruptos, ou lapsos de memória?

Talvez Orígenes, seguido por Eusébio, estivesse pensando na declaração de Josefo sobre a derrota do exército de Nero que foi atribuída por alguns à morte de João Batista às mãos de Herodes.[2]

É fácil para nós fazer um retrospecto de mais de dezenove séculos de debates e explicações teológicas, e julgar os erros de certos escritores pós-apostólicos. O que temos de lembrar é que eles foram os primeiros a enfrentar alguns pontos difíceis de interpretação na obra dos apóstolos. Apesar de esses homens poderem ter cometido erros em algumas interpretações, na maioria das vezes demonstraram uma decidida fidelidade ao registrarem fatos históricos transmitidos a eles.

PONTOS FORTES DOS ESCRITORES PÓS-APOSTÓLICOS

Os porta-vozes da igreja primitiva tinham vários pontos positivos e habilidades. Schaff escreve:

> Policarpo não se distingue pelo gênio ou conhecimento, mas pela simplicidade e dignidade patriarcais. Clemente de Roma, pelo dom da administração; Inácio, pela devoção impetuosa ao episcopado, unidade da igreja, e martírio dos cristãos; Justino, pelo zelo apologético e muita leitura; Irineu, pela doutrina sólida e moderação; Clemente de Alexandria, por estimular a fertilidade do pensamento; Orígenes, por seu conhecimento brilhante e especulações ousadas; Tertuliano, pelo frescor e energia do seu intelecto e força de caráter; Cipriano, por seu zelo na igreja; Eusébio, pela industriosidade literária na compilação; Lactâncio, pela elegância de estilo. (ScP.HCC 2.629)

Mais importante do que os dons e a habilidade, a literatura cristã dos dois primeiros séculos revela claramente o caráter exemplar dos primeiros cristãos. Esses escritores repetem muitas vezes como os não cristãos eram atraídos para a fé ao observarem como os cristãos enfrentavam seus perseguidores com confiança e inocência. Schaff escreve:

> Essas virtudes sofredoras estão entre os mais doces e nobres frutos da religião cristã. Não é tanto a quantidade de sofrimento que desafia a nossa admiração, embora este fosse bastante terrível, mas o espírito com que os primeiros cristãos o suportavam. Homens e mulheres de todas as classes, nobres senadores e bispos eruditos, artesãos iletrados e pobres escravos, mães amorosas e virgens delicadas, pastores grisalhos e crianças inocentes não enfrentavam a tortura com atitude indiferente e insensível, ou desafio obstinado; mas, como o seu divino Mestre, com calma, resignação humilde, mansidão amável, fé jubilosa, esperança triunfante, e espírito de perdão. Tais espetáculos devem ter

freqüentemente tocado até o executor desumano. (ScP.HCC 2.75-76)

Orígenes escreveu no prefácio do seu primeiro livro, *Against Celsus* ("Contra Celso"):

> Quando surgiu uma falsa testemunha contra o nosso bendito Salvador, o imaculado Jesus, ele manteve a sua paz, e quando foi acusado, não deu resposta, tendo plena convicção de que o teor da sua vida e conduta entre os judeus era a melhor defesa que podia ser feita a seu favor... Ainda agora ele preserva o mesmo silêncio e não dá outra resposta além da vida irrepreensível dos seguidores sinceros; eles são seus advogados mais entusiastas e bem-sucedidos, e a sua voz é tão alta que sufoca os clamores dos mais zelosos e fanáticos adversários.[3]

Um ditado muito comum entre aqueles primeiros cristãos dizia que o sangue dos mártires era a semente da igreja. Para os que caíam havia sempre outros para tomarem o seu lugar. Tertuliano chegou a desafiar os governadores pagãos:

> Mas continuai zelosamente... Matai, torturai, condenai, moei todos nós até o pó... Quanto mais formos ceifados por vós, tanto mais cresceremos em número; o sangue dos cristãos é semente... Pois quem a contempla sem sentir-se estimulado a perguntar o que está no fundo dela? quem, depois de perguntar, não abraça as nossas doutrinas? e depois de abraçá-las, deseja não sofrer?[4]

Outros confessaram Jesus sob ameaça de morte, mas não foram executados. Esses foram honrados como "confessores".

Alguns perguntaram se foram mesmo tantos os que sofreram o martírio. Schaff responde a isto:

> Orígenes escreveu em meados do século 3º que o número de mártires cristãos era pequeno e fácil de contar; não permitindo Deus que toda essa classe de homens fosse exterminada. Mas esta linguagem deve ser compreendida como se referindo principalmente aos reinos de Caracala, Heliogabalo, Alexandre Severo e Filippo Arabs, que não perseguiram os cristãos. Logo depois explodiu a terrível perseguição de Décio, durante a qual o próprio Orígenes foi lançado na prisão e tratado cruelmente. Com respeito às épocas anteriores, a sua declaração deve ser qualificada pelos igualmente válidos testemunhos de Tertuliano, Clemente de Alexandria (mestre de Orígenes), e o ainda mais velho Irineu, que diz expressamente que a igreja, pelo seu amor a Deus, "envia em todos os lugares e em todos os tempos uma multidão de mártires para o Pai". Até mesmo o ímpio Tácito fala de uma "imensa multidão" (*ingens multitudo*) de cristãos, assassinados só na cidade de Roma durante a perseguição de Nero em 64.

> A isto deve ser acrescentado o silencioso, mas eloqüente testemunho das catacumbas romanas que, segundo os cálculos de Marchi e Northcote, se estendiam por mais de 1.448 km e é dito que contêm quase sete milhões de túmulos, uma grande parte deles incluindo as relíquias dos mártires, como as inúmeras inscrições e instrumentos de morte testificam. Além disso, os sofrimentos da igreja durante esse período não podem de modo algum ser medidos simplesmente pelo número real de execuções, mas pelo maior número de insultos, calúnias, aflições, e torturas, que a crueldade dos pagãos desalmados e bárbaros podia inventar, ou qualquer tipo de instrumento podia infligir no corpo humano, e que em milhares de casos eram piores que a morte. (ScP.HCC 2.79-80)

É certamente verídico que muitas pessoas através da história morreram por aquilo que julgavam ser verdadeiro, embora talvez não fosse. Mas os mártires cristãos dos dois primeiros séculos a.D. confirmam pelo menos três fatos importantes. Primeiro, quaisquer dúvidas levantadas sobre a tradição recente ser pouco confiável quanto a certos apóstolos terem ou não sido martirizados, o testemunho dos mártires da segunda e terceira geração indica que a maioria dos apóstolos antes deles morreu por causa do seu testemunho. Se os alunos estavam dispostos a morrer pela sua fé, quanto mais os professores? Não precisamos esperar que todos os apóstolos, exceto João, tivessem sido martirizados, se a tradição der um testemunho fraco nesse sentido. Mas podemos confiar que os crentes da segunda e terceira geração seguiram o exemplo de martírio estabelecido pelos apóstolos originais. Além disso, os sofrimentos voluntários e as mortes das testemunhas oculares originais e dos discípulos de Jesus confirmam que a informação histórica básica por eles transmitida era verdadeira. Se soubessem, por exemplo, que Jesus não tinha operado milagres nem fora levantado dentre os mortos, em vista de eles mesmos terem roubado o corpo, qual seria a motivação que os levaria a morrer como mártires por terem espalhado essas mentiras?

Segundo, o incessante sofrimento e martírio da segunda, terceira e quarta geração de cristãos confirmam que, pelo menos, qualquer indivíduo pensante teria feito o máximo para verificar a exatidão dos registros do evangelho. Desde o início, uma tão vasta rede de multiplicação de cristãos se espalhou através do império, que seria fácil verificar os eventos históricos da vida de Jesus. Pelo menos um cristão piedoso, Policarpo, continuava vivo 120 anos após a morte de Cristo, e podia confirmar o que alguns dos discípulos originais de Jesus haviam registrado.

Um terceiro fato confirmado pelos registros primitivos é que os primeiros cristãos consideravam a integridade moral e ética mais

importante do que a própria vida. Esses cristãos não pareciam ser fanáticos selvagens, nem se dedicavam simples e piedosamente a uma filosofia particular de vida. São homens e mulheres que, no mínimo, estão dizendo ao derramarem o seu sangue: "Não posso negar que Jesus de Nazaré viveu, ensinou e morreu, e que ele foi ressuscitado para demonstrar que é Messias, Senhor e Deus".

VIDAS E ENSINOS DOS ESCRITORES PÓS-APOSTÓLICOS

Os historiadores da igreja geralmente dividem os escritores cristãos em três categorias: (1) os "pais" pós-apostólicos (século 1° e início do 2°); (2) os apologistas (século 2°) e (3) os controversistas contrários a heresias (fins do 2° e 3° século). Schaff diz com respeito ao primeiro grupo que eles

> foram os primeiros mestres da igreja depois dos apóstolos, que haviam gozado em parte intercurso pessoal com eles e formavam, assim, o elo de ligação entre eles e os apologistas do século 2°. Esta classe consiste de Barnabé, Clemente de Roma, Inácio, Policarpo, e, num sentido mais amplo, Hermas, Papias, e os autores desconhecidos da Epístola a Diogneto e da Didaquê.
>
> ...Eles eram obreiros fiéis e práticos, sendo, portanto, mais úteis para a igreja naqueles dias do que os pensadores profundos ou grandes eruditos têm sido. (ScP.HCC 2:633)

O segundo grupo, os apologistas, dirigiram seus escritos a imperadores (Adriano, Antonino o Pio, Marco Aurélio), a vários governadores, ao público letrado em geral. Eles queriam refutar as falsas acusações contra os cristãos e aliviar a perseguição feita contra eles. Estes incluíam Quadratus, Aristides, Justino Mártir, Irineu, Tertuliano e Orígenes. Os três últimos podem ser também colocados no terceiro grupo, o dos controversistas.

Os controversistas (ou polêmicos) procuraram responder a várias doutrinas discutíveis ou falsas que estavam se infiltrando dentro e fora da igreja. Nenhuma dessas doutrinas questionáveis, porém, negava que Jesus vivera segundo as descrições dos apóstolos. A questão focalizava mais como ele podia ser tanto Deus como homem ao mesmo tempo.

As citações documentadas nas 10 páginas seguintes mostram os líderes da igreja primitiva, mártires e confessores falando sobre as convicções pelas quais estavam preparados para morrer. As suas palavras confirmam a sua confiança no tipo de vida que Jesus viveu e a veracidade dos evangelhos. Enquanto descrevemos os escritores e o que eles disseram sobre o Jesus histórico, você pode referir-se à tabela no

final deste capítulo para ver como cada um está ligado aos demais.

Clemente de Roma (Morto cerca de 102 a.D.)

Este pode ser o Clemente mencionado por Paulo em Filipenses 4.3. Orígenes o chama de discípulo dos apóstolos.[5] Segundo Eusébio, ele foi bispo de Roma de 92 a 101 a.D. Tertuliano escreveu que Pedro o nomeou. A tradição tardia afirma ter sido martirizado, mas os primeiros escritores até Eusébio e Jerônimo nada mencionam sobre isso. No mínimo, teria sentido a pressão da liderança sobre uma *religio illicita*, ou religião não autorizada, no império romano. Talvez fosse o líder da congregação durante a perseguição sob Domiciano. "Em surpreendente contraste com as sangrentas crueldades praticadas por Domiciano, ele exorta à oração pelos governantes civis, para que Deus 'possa dar-lhes saúde, paz, harmonia, e estabilidade para a administração do governo dado a eles' ". (ScP.HCC 2:643)

A carta de Clemente aos coríntios é a única obra existente dele aceita como autêntica. Ela foi escrita cerca de 95 ou 96 a.D e registra o martírio de Paulo e Pedro. Significativamente, ele também faz citações de Mateus, Marcos, Lucas e Atos, assim como de 1 Coríntios, 1 Pedro, Hebreus e Tito.

Clemente comprova vários detalhes históricos da vida de Jesus. No parágrafo 32 ele fala de Jesus como sendo descendente de Jacó — em outras palavras, Jesus nasceu na raça dos judeus. Nos parágrafos 21 e 49 ele fala do "sangue de Cristo derramado para a nossa salvação".[6] O parágrafo 13 confirma parte dos ensinos de Jesus:

> Lembrando mais do que tudo das palavras do Senhor Jesus, que Ele falou ao ensinar tolerância e longanimidade; pois disse Ele: "Tende misericórdia, para receber misericórdia; perdoai, e sereis perdoados. Assim como fizerdes, vos será feito. Dai, e dar-se-vos-á. Como julgardes, assim sereis julgados. Quando mostrardes bondade, bondade vos será mostrada. Com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também".

O parágrafo 24 fala da ressurreição de Jesus e reflete os seus ensinos sobre um grão de trigo que deve cair na terra e morrer antes de produzir fruto. O único relato do evangelho que registra este ensinamento é o de João, mas Paulo também o utiliza em 1 Coríntios 15.36,37. Clemente confirma, então, não só a ressurreição física de Jesus como também parte de seus ensinos, transmitida por João e Paulo.

Clemente foi também uma testemunha ocular da transição da liderança, passando dos apóstolos originais de Jesus para os discípulos desses apóstolos. Ele registra isso no parágrafo 42:

> Os apóstolos receberam para nós o evangelho do Senhor

> Jesus Cristo. Jesus Cristo foi enviado por Deus. Cristo é, então, de Deus e os apóstolos são de Cristo. Eles vieram, portanto, de Deus na ordem indicada. Tendo recebido, assim, um encargo e sido plenamente assegurados mediante a ressurreição do Senhor Jesus Cristo e confirmados na palavra de Deus com plena confirmação do Espírito Santo, eles levaram as boas novas de que o reino de Deus viria. Pregando isso em toda a parte, no campo e nas cidades, eles nomearam as suas primícias, depois de prová-los pelo Espírito, para serem bispos e diáconos para os que viessem a crer.

Clemente confirma outros ensinos de Jesus:

> Lembrem-se das palavras de Jesus, nosso Senhor; pois Ele disse: "Ai desse homem; seria melhor para ele não ter nascido do que ofender um de Meus eleitos. Melhor fora que se lhe pendurasse no pescoço uma pedra de moinho, e fosse atirado no mar, do que perverter um de Meus eleitos."[7]

Clemente de Roma provavelmente escreveu mais do que esta carta que sobreviveu. Esta missiva foi escrita com o propósito específico de impedir uma divisão na igreja de Corinto, mas ela demonstra claramente que a fé possuída por Clemente se baseava em fatos históricos: Jesus nasceu judeu, pregou e ensinou, morreu, foi literalmente levantado dentre os mortos, e seus discípulos levaram a mensagem da sua vida e ensinamentos através das terras circunjacentes.

Inácio (Morto cerca de 117 a.D.)

A caminho do martírio em Roma, Inácio escreveu sete cartas, seis para igrejas e uma para seu amigo Policarpo. Ele havia sido bispo da igreja em Antioquia antes de ser preso e condenado à morte. Suas cartas refletem uma fé vitoriosa que anseia pela oportunidade de sofrer por Cristo. Alguns detalhes do seu martírio são postos em dúvida, mas não o fato desse martírio. O relato de Policarpo, cerca de 135 a.D., confirma que ele foi atirado aos leões no Coliseu em Roma para divertir o povo. A tradição o chama de discípulo de Pedro, Paulo e João.

Inácio escreve acerca de vários fatos históricos e faz citações de Mateus, João e Atos, assim como de muitas das cartas de Paulo, Tiago e 1 Pedro. Note a concentração de detalhes históricos:

> O Senhor foi ungido com óleo.[8]
>
> Pois o nosso Deus, Jesus o Cristo, foi concebido no ventre de Maria segundo uma dispensação, da semente de Davi, mas também do Espírito Santo; e Ele nasceu e foi batizado.[9]
>
> Podeis ficar plenamente convencidos com respeito ao nascimento, paixão e ressurreição, que tiveram lugar durante o

governo de Pôncio Pilatos; pois essas coisas foram verdadeiras e certamente feitas por Jesus, nossa esperança; com base nessa esperança, que nenhum de vós venha a ser rejeitado.[10]

Jesus Cristo, que era da raça de Davi, que era Filho de Maria, que nasceu realmente, comeu e bebeu, foi verdadeiramente perseguido sob Pôncio Pilatos, verdadeiramente crucificado e morreu à vista daqueles que estão no céu, dos que estão na terra e dos que estão sob a terra; que, além disso, foi verdadeiramente ressuscitado dentre os mortos, o Pai o levantou.[11]

Pois percebi que estais... plenamente convencidos com relação ao Senhor que Ele é verdadeiramente da raça de Davi, segundo a carne, mas Filho de Deus pela vontade e poder divinos, nascido realmente de uma virgem e batizado por João, a fim de que toda a justiça pudesse ser cumprida por Ele, verdadeiramente pregado na carne por nossa causa sob Pôncio Pilatos e Herodes, o tetrarca.[12]

Ele sofreu todas essas coisas por nossa causa (para que pudéssemos ser salvos); e Ele sofreu verdadeiramente, assim como levantou verdadeiramente a Si mesmo; e não como certos incrédulos dizem, que Ele sofreu só aparentemente.[13]

Sei e creio que Ele estava na carne mesmo antes da ressurreição; e quando apareceu a Pedro e seus companheiros, Ele lhes disse: "Apalpai-me e verificai que não sou um demônio sem corpo". Eles imediatamente O tocaram e creram, sendo unidos à Sua carne e ao Seu sangue. Daí por diante, eles também desprezaram a morte, mais ainda, passaram a ser superiores à morte. E depois da Sua ressurreição, Ele comeu e bebeu com eles, como sendo um só na carne, embora espiritualmente estivesse unido ao Pai.[14]

Pois se essas coisas foram feitas pelo Senhor só aparentemente, então eu também sou prisioneiro só na aparência. E por que, então, me entreguei à morte, ao fogo, à espada, aos animais selvagens? Mas junto à espada, junto de Deus; na companhia de animais ferozes, na companhia de Deus. Mas que tudo seja no nome de Jesus Cristo, para que possamos sofrer juntos com Ele. Eu suporto todas as coisas, vendo que Ele próprio me capacitou, que é Homem perfeito.[15]

Como podem ver, o fundamento da fé para Inácio eram os fatos inegáveis do nascimento, vida, morte e ressurreição física de Jesus. Inácio, como Clemente de Roma e Policarpo, estava suficientemente próximo dos apóstolos para receber pelo menos esses fatos básicos corretamente. Ele estava seguro o bastante a respeito deles, a ponto de morrer por eles.

Papias (cerca de 60 ou 70 a 130 ou 140 a.D.)

Papias era bispo de Hierápolis na Frígia e, segundo Irineu, discípulo de João e companheiro de Policarpo.[16] Eusébio comenta que Papias escreveu cinco livros intitulados *Interpretações dos Discursos do Senhor* ("Expositions of Oracles of the Lord"), e eles ainda existiam nos dias de Eusébio. Esses livros se perderam desde essa época, e que perda tremenda foi essa. O seu conteúdo pode ser imaginado pelo seguinte comentário de Papias, preservado por Eusébio:

> Em qualquer ocasião em que alguém se aproximava de mim, que tivesse sido um seguidor dos Anciãos, eu o inquiria sobre os discursos dos anciãos — o que havia sido dito por André, ou Pedro, ou Filipe (*sic.*) ou por Tomé ou Tiago, ou por João ou Mateus, ou por qualquer outro dos discípulos do Senhor, e o que Aristion e o Presbítero João, os discípulos do Senhor, dizem. Pois não achava que teria tanto proveito do conteúdo de livros como dos pronunciamentos de uma voz viva e permanente.[17]

Pelos fragmentos que restaram em Eusébio e Irineu, parece que Papias incluiu nesses livros várias tradições não escritas dos acima mencionados e das filhas de Filipe, o apóstolo em Hierápolis, assim como de outros. Eusébio preservou o que foi registrado por Papias com respeito à formação dos evangelhos de Marcos e Mateus. Ele escreveu sobre Marcos:

> E o Ancião disse também isto: Marcos, tendo-se tornado intérprete de Pedro, escreveu cuidadosamente tudo o que lembrava, sem, porém, registrar em ordem o que foi dito ou feito por Cristo. Pois ele nem ouviu o Senhor, nem O seguiu; mais tarde, porém, como eu disse, (atendeu) a Pedro, que adaptou suas instruções às necessidades (de seus ouvintes), mas não pretendia fazer um relato contínuo dos oráculos do Senhor. Marcos não cometeu, assim, nenhum erro, ao escrever algumas coisas como se lembrava delas; pois tomou o cuidado de não omitir nada que ouvira, ou registrar qualquer afirmativa falsa.[18]

Sobre Mateus: "Mateus, então, compôs os oráculos em hebreu e cada um os interpretava como podia".

Os críticos especularam quanto a Papias indicar literalmente o idioma hebraico ou o aramaico ao usar o termo "hebreu". Outras reminiscências históricas registradas, extraídas de Papias, incluem a história completa da mulher apanhada em adultério, que se encontra em João 8.1-11.[19] Desde que a história não se acha na maioria dos manuscritos mais antigos do evangelho de João, o registro de Papias é uma importante documentação primitiva deste detalhe histórico da vida de Jesus.

Policarpo (cerca de 69 a 155 a.D.)

Policarpo, discípulo de João, mantinha uma dedicação incansável

a Cristo e às Escrituras. Sua morte famosa como mártir demonstrou a sua confiança na exatidão das Escrituras. Foi presbítero-chefe (bispo) da igreja de Esmirna e professor de Irineu de Lyons. A descrição do seu martírio é dada numa carta da igreja de Esmirna para as outras igrejas. Exceto algumas inserções, a carta é tida pelos eruditos como genuína e substancialmente correta no seu conteúdo. Em um ponto, ela fala de Policarpo ter sido levado a um estádio e questionado diante do procônsul. Foi dito que as multidões se amotinaram, ao ouvirem que se tratava do "ateu" Policarpo.

O procônsul exigiu que ele "jurasse pela genialidade de César, se arrependesse e dissesse: Abaixo os Ateus".

Policarpo olhou para as massas, gesticulou na direção delas com a mão e, olhando para o céu, disse: "Abaixo os ateus". Quando foi exigido que injuriasse a Cristo, Policarpo respondeu: "Fui servo dEle por 86 anos, e Ele nunca me fez mal. Como posso, então, blasfemar o meu Rei que me salvou?" Depois de novas ameaças, Policarpo respondeu: "Vocês ameaçam com o fogo que queima durante algum tempo e depois se àpaga; pois não conhecem o fogo do juízo futuro e do castigo eterno, que é reservado aos ímpios. Mas por que se demoram? Venham e façam o que querem."[20] Neste ponto, Policarpo foi queimado na estaca e o traspassaram com uma espada.

A única obra sobrevivente de Policarpo é uma carta enviada aos *Filipenses*, escrita cerca de 110 a.D. Na carta, ele cita vários escritos do Novo Testamento aproximadamente 60 vezes. Em um ponto afirma:

> Vamos, pois, manter-nos sempre firmes na nossa esperança e com a certeza da nossa justiça, que é Jesus Cristo que levou os nossos pecados em Seu próprio corpo sobre o madeiro, que não pecou, nem dolo algum se achou em Sua boca, mas por nossa causa suportou todas as coisas, para que pudéssemos viver nEle. Vamos, portanto, tornar-nos imitadores da Sua firmeza; e se tivermos de sofrer pelo nome dEle, vamos glorificá-lO. Ele nos deu exemplo em Sua própria pessoa, e cremos nisto.[21] (Tradução livre)

O Didaquê (cerca de 95 a.D.)

O Didaquê, um manual da igreja, foi escrito quase no fim do século 1°. Ele faz citações do Sermão do Monte e da Oração do Senhor, dando outras instruções baseadas no material dos evangelhos. *O Didaquê* evidencia que a igreja primitiva, setenta anos depois da crucificação, cria que os relatos dos evangelhos eram descrições acuradas da vida do Jesus histórico.

A Epístola de Barnabé (entre 70 e 135 a.D.)

O nome Barnabé não aparece nesta carta em si. O autor é, portanto, desconhecido. Os eruditos têm negado constantemente que o Barnabé do Novo Testamento tivesse sido o seu autor. Pelo conteúdo da carta, pode ser determinado que a sua data de origem provavelmente se situa entre a primeira e a segunda rebelião dos judeus contra Roma, isto é, 70 e 135 a.D. (Esta carta é diferente de uma outra forjada mais tarde, o "Evangelho de Barnabé", muito apreciada pelos muçulmanos.)

O escritor da epístola é fortemente contrário àqueles que desejavam exigir que os cristãos guardassem a Lei do Antigo Testamento. Ele sustenta firmemente a harmonia entre os ensinos do Novo Testamento e os do Antigo Testamento, mas acusa os judaizantes de não interpretarem a Lei e os Profetas corretamente. Embora a carta seja genuína e exata em vários pontos, tipologia e alegoria são usadas em excesso em algumas interpretações do Antigo Testamento. Mas a carta é uma fonte valiosa, confirmando outra vez o que os cristãos dos séculos 1° e 2° sabiam sobre Jesus. Na seção 5, ele afirma:

> Mas Ele mesmo sofreu para que pudesse destruir e anunciar a ressurreição dos mortos; e para isso necessitava ser manifestado na carne; para que ao mesmo tempo pudesse cumprir a promessa feita aos pais e, ao preparar novas pessoas para Si mesmo pudesse mostrar, enquanto estava na terra, que, tendo efetuado a ressurreição, Ele mesmo vai exercer juízo. Ele também pregou, ensinando Israel e operando tantos prodígios e milagres, e o amou (Israel) muitíssimo. Quando escolheu Seus apóstolos para proclamarem o Seu evangelho, que, a fim de que Ele pudesse mostrar que não veio para chamar justos e sim pecadores, eram pecadores em todos os sentidos, então Se manifestou como o Filho de Deus. (Tradução livre.)

Na seção 7 ele acrescenta: "Quando foi crucificado, deram-Lhe fel e vinagre para beber".

Quadratus (138 a.D.?)

Schaff afirma que Quadratus foi um discípulo dos apóstolos e bispo da igreja de Atenas. Foi um dos primeiros "apologistas". Sua defesa da fé cristã, dirigida a Adriano, cerca de 125 a.D., não sobreviveu exceto por algumas linhas preservadas por Eusébio:

> Os feitos de nosso Salvador estão sempre diante de ti, pois foram verdadeiros milagres; os que foram curados, os que foram levantados dentre os mortos, que foram vistos, não só quando

> curados e ressuscitados, mas estiveram sempre presentes. Eles permaneceram vivos por longo tempo, não só enquanto o Senhor se achava na terra, mas também ao deixar este mundo. De modo que alguns deles viveram até os nossos tempos.[22] (Tradução livre.)

Aristides (Século 2º)

Eusébio diz que Aristides era um contemporâneo de Quadratus e que ele também fez a defesa da fé cristã junto ao imperador Adriano. A obra ficou perdida até o século 19, mas veio depois a ser encontrada em três versões separadas, uma em armênio, outra em siríaco e outra ainda em grego "inserida quase inteira num romance popular oriental cristão, 'Barlaam e Josafá'" .[23] As versões existentes são dirigidas a Antonino, o Pio (reinou em 138-61 a.D.), que sucedeu a Adriano. Uma parte descreve Cristo como

> o Filho do Deus Altíssimo, revelado pelo Espírito Santo, descido do céu, nascido de uma virgem hebréia. A carne recebeu da Virgem, e Ele se revelou em natureza humana como o Filho de Deus. Em sua bondade, trazendo as boas novas, ele ganhou o mundo inteiro pela sua pregação que dá vida... Ele escolheu doze apóstolos e ensinou o mundo inteiro por meio da sua verdade mediadora, iluminadora. E foi crucificado, sendo traspassado com cravos pelos judeus; e ressuscitou dos mortos e subiu aos céus. Ele enviou os apóstolos ao mundo inteiro e instruiu todos por intermédio de milagres divinos, cheios de sabedoria. A sua pregação produz flores e frutos até hoje e chama o mundo todo à iluminação. (ScP.HCC 2. 709-10) (Tradução livre.)

Justino Mártir (cerca de 100 a 166 a.D.)

Nascido em Neapolis (*Flavius Neapolis*), antiga Siquém, Justino teve uma boa educação, mas ignorava Moisés e o cristianismo. Ele chamava a si mesmo de Samaritano. Durante sua juventude, procurou sucessivamente tornar-se estóico, peripatético, pitagorista e finalmente platônico. Quando tinha ficado quase convencido da verdade do Platonismo, encontrou um cristão amável e idoso numa excursão não muito longe da costa. Ele relata que, ao investigar a fé cristã, comoveu-se com a coragem dos cristãos e sua firmeza ao enfrentarem a morte. Depois de se tornar cristão, passou a ser um defensor destemido e enérgico da fé cristã numa época em que ela estava sendo mais atacada do que nunca. Schaff considera que, como pregador leigo "ele fez muito mais pelo bem da igreja do que qualquer bispo ou presbítero conhecido em seus dias". (ScP.HCC 2.714) Em 166 a.D., juntamente com seis outros

em Roma, Justino selou seu testemunho com o seu próprio sangue. Eilo ali, açoitado e decapitado por instigação de um filósofo cínico (partidário do Cinismo), Crescente, a quem ele confrontara com a verdade do evangelho. (ScP.HCC 2. 715)

As obras autênticas de Justino Mártir "atestam em todo o lugar a sua honestidade e sinceridade, seu amor entusiasta pelo cristianismo e sua coragem na defesa dele contra os ataques externos e as perversões internas". (ScP.HCC 2. 715) Em seu *Diálogo com Trifo* ("Dialogue with Trypho"), Justino desafia seu amigável oponente com respeito à fé cristã não ser um mito vazio:

> Mas se estiverdes disposto a ouvir uma descrição dEle, como não fomos enganados e não deixaremos de confessá-lO — embora as censuras dos homens se amontoem sobre nós, embora o mais terrível tirano nos obrigue a negá-lO — eu vos provarei, enquanto se acha aqui de pé, que não cremos em fábulas mentirosas, ou palavras sem fundamento.[24]

Em todas as suas palavras, ele apóia os fatos históricos registrados nos relatos evangélicos (ele os chama de "Memórias dos Apóstolos"). Com base neles, cita vários eventos da vida de Cristo e os defende. Da mesma forma que os primeiros cristãos, ele apela para o Antigo Testamento como profetizando eventos que ocorreram na vida de Jesus. Mas se esses eventos jamais tivessem ocorrido, seria inútil procurar profecias no Antigo Testamento que supostamente indiquem os acontecimentos descritos nos evangelhos.

Justino também apelou para o conhecimento de seus ouvintes e para fontes não cristãs acessíveis a eles, no caso de desejarem constatar as suas afirmações. Com respeito ao nascimento de Jesus, diz: "Existe um povoado na terra dos judeus, a trinta e cinco estádios de Jerusalém, no qual Jesus Cristo nasceu, como podeis verificar nos registros dos impostos feito sob *Cyrenius*, vosso primeiro procurador na Judéia".[25] Quanto à morte de Jesus, ele escreve:

> E a expressão "Traspassaram minhas mãos e meus pés" foi usada com referência aos cravos da cruz colocados em Suas mãos e Seus pés. Depois de tê-lO crucificado, eles tiraram sorte sobre as Suas vestes, e os que O crucificaram repartiram-nas entre eles. Podeis verificar que essas coisas aconteceram nos Atos de Pôncio Pilatos.[26]

Esses "Atos de Pilatos" foram destruídos, possivelmente como resultado dos apelos feitos a eles pelos cristãos ou apenas por causa de sua aparente insignificância para uma administração romana posterior. Como mencionamos antes, um "Atos de Pilatos" apócrifo existente hoje foi forjado pelos clérigos dos séculos 4º ou mais tardios. É muito

improvável que alguém da capacidade acadêmica de Justino, que tivesse vivido cem anos depois de Jesus, morresse como mártir por fatos históricos que não pudessem ser verificados. Os críticos e eruditos modernos, removidos 1950 anos dos dias de Jesus e não tendo nada a perder (como pensam), podem querer explicar a vida de Jesus como sendo um mito ou lenda. Para Justino, a ampla evidência disponível forçou-o à conclusão de que os relatos da vida de Jesus nos evangelhos eram confiáveis. Mais ainda, valia a pena morrer por eles.

Hegesippus (meados do século 2°)

Eusébio conclui que Hegesippus era um judeu cristão e afirma que ele produziu uma obra de cinco volumes, *Memórias* ("Memoirs"), tendo aparentemente viajado muito através da Síria, Grécia e Itália, colecionando os "memoriais" dos apóstolos. Hegesippus valorizava tanto as tradições orais como as escritas. Sabe-se que seus livros sobreviveram até o século 16, mas estão agora perdidos. Se descobertos, eles iriam provavelmente fazer com que precedesse Eusébio como pai da história da igreja. Durante as suas viagens, parece ter-se dedicado a determinar se a verdadeira história fora transmitida pelos apóstolos aos seus sucessores. Eusébio cita-o como tendo dito:

> A igreja de Corinto continuou na verdadeira doutrina até que Primo se tornou bispo. Estive com eles em minha viagem a Roma e passei vários dias com os coríntios, durante os quais fomos reavivados na verdadeira doutrina. Ao chegar a Roma, estabeleci a sucessão desde Aniceto, cujo diácono era Eleutério, sendo Aniceto substituído por Sotero e este por Eleutério. Em cada linhagem de bispos e em cada cidade as coisas se harmonizam com a pregação da Lei, dos Profetas, e do Senhor.[27]

Irineu (120? a 190+ a.D.)

Irineu é geralmente aceito como o mais ortodoxo dos Pais antinicenos (líderes da igreja primitiva antes do concílio de Nicéia, em 325 a.D.). Ele é uma fonte valiosa de informação sobre a vida de Jesus, desde que era pupilo de Policarpo, um discípulo dos apóstolos originais. Pense bem. Ele podia dizer: "Meu professor foi discípulo de alguém que andou com Jesus". É quase certo que Irineu nasceu em Esmirna, provavelmente estudou e ensinou em Roma e foi presbítero da igreja em Lugdunum e Viena durante as perseguições de Marco Aurélio. Irineu foi sucessor do Bispo Pothinus quando este morreu na perseguição de 177-178 a.D. Em seu ministério, era missionário, escritor e estadista da igreja.

Em suas obras, ele se apóia pesadamente no Antigo Testamento,

em todos os evangelhos em quase todas as Epístolas. Quanto à origem dos evangelhos, escreve:

> Mateus também preparou um evangelho escrito entre os hebreus em seu próprio dialeto, enquanto Pedro e Paulo estavam pregando em Roma e colocando os fundamentos da Igreja. Depois da sua partida, Marcos, o discípulo e intérprete de Pedro, também nos entregou por escrito o que fora pregado por Pedro. Outrossim, Lucas, companheiro de Paulo, registrou num livro o evangelho pregado por ele. Mais tarde, João, o discípulo do Senhor que havia deitado em Seu peito, publicou também um evangelho durante o período em que morou em Éfeso, na Ásia.[28]

Note que Irineu, como outros escritores da antigüidade, preocupa-se em saber se os relatos sobre Jesus preparados pelos apóstolos são confiáveis. Ele continua dizendo que os que negam os ensinos dos apóstolos "blasfemam o seu Criador com excessiva imprudência!"[29]

Tertuliano (cerca de 160/79 a 215/20 a.D.)

Um moralista africano, apologista, teólogo e advogado, Tertuliano cita o Novo Testamento mais de sete mil vezes. Dentre as citações, 3.800 são dos evangelhos. Também relata que Tibério, certa vez, pareceu ficar impressionado com o que descobrira acerca do Jesus dos cristãos. Tertuliano escreve:

> Nessa conformidade, Tibério, em cujos dias o nome de cristão fez a sua entrada no mundo, tendo ele mesmo recebido informação dos eventos na Palestina mostrando claramente a verdade da divindade de Cristo, levou o assunto perante o senado, com a sua própria decisão a favor de Cristo. O senado, em vista de não ter, ele mesmo, feito a aprovação, rejeitou sua proposta. César encastelou-se na sua opinião, ameaçando castigar todos os acusadores dos cristãos.[30]

Caso este confronto tenha tido lugar, isso não significa que Tibério se tornara necessariamente um cristão. Ele pode apenas ter desejado acrescentar esse "novo deus" à longa lista de deuses romanos já existentes.

Orígenes (185 a cerca de 254 a.D.)

Orígenes teve uma das vidas cristãs mais intensas da história. Nasceu no Egito e foi educado por seu pai, Leonidas, provavelmente um retórico. Enquanto ainda criança, memorizou muitas passagens das Escrituras. Em 202 a.D., seu pai foi martirizado sob a perseguição de Sétimo Severo. Orígenes queria morrer com seu pai, mas foi impedido

de deixar a casa, quando a mãe escondeu suas roupas durante a noite. Orígenes teve uma brilhante carreira como escritor, professor e pregador. Um de seus adversários disse que ele havia escrito seis mil livros. Jerônimo afirma que ele escreveu mais livros do que as pessoas podiam ler. É certo que muitos não passavam de folhetos, cartas e homilias, assim como palestras que outros registraram e publicaram. Em seus escritos, ele cita o Novo Testamento mais de dezoito mil vezes.

Orígenes, um firme defensor da fé cristã, aceitou as palavras de Jesus literalmente e com seriedade. Ele só possuía uma muda de roupa e não tinha sapatos. Não se preocupava com o amanhã. Durante a perseguição de Décio, em 250 a.D., Orígenes foi "posto em cadeias e torturado, passou pela experiência do colar de ferro no pescoço, foi colocado no tronco e confinado em uma cela".[31] Morreu pouco depois disso — pelo menos um "confessor", caso não tivesse sido um mártir.

Eusébio (341/2 d.)

Terminamos com Eusébio por causa de sua obra de reunir as primeiras fontes na *História da Igreja Cristã* ("History of the Christian Church"), a mais antiga em existência. Embora algumas de suas interpretações bíblicas sejam discutíveis, sua obra como historiador é inestimável. Schaff escreve:

> O que quer que possa ser dito sobre os defeitos de Eusébio como um crítico histórico e escritor, seus conhecimentos e industriosidade são indiscutíveis, e sua *Church History* e *Chronicle* permanecerão sempre como uma coleção valiosíssima de informações não alcançadas por qualquer outro autor antigo. (ScP.HCC.2. 5)

AVALIANDO A EVIDÊNCIA

Os primeiros escritores da igreja, tanto por suas vidas como por suas palavras, afirmaram que os detalhes históricos da vida de Jesus, como apresentados nos relatos do evangelho, estão corretos e são confiáveis. Mas existem duas objeções levantadas pelos críticos quanto ao valor histórico de seu testemunho.

Primeira, desde que esses escritores obtiveram sua informação histórica através dos relatos do evangelho, como estes podem ser usados como evidência extrabíblica para os detalhes históricos sobre Jesus? Esta pergunta é, na verdade, um tanto enganadora. Considere estas perspectivas:

1. Os primeiros autores nem sempre usavam os evangelhos como

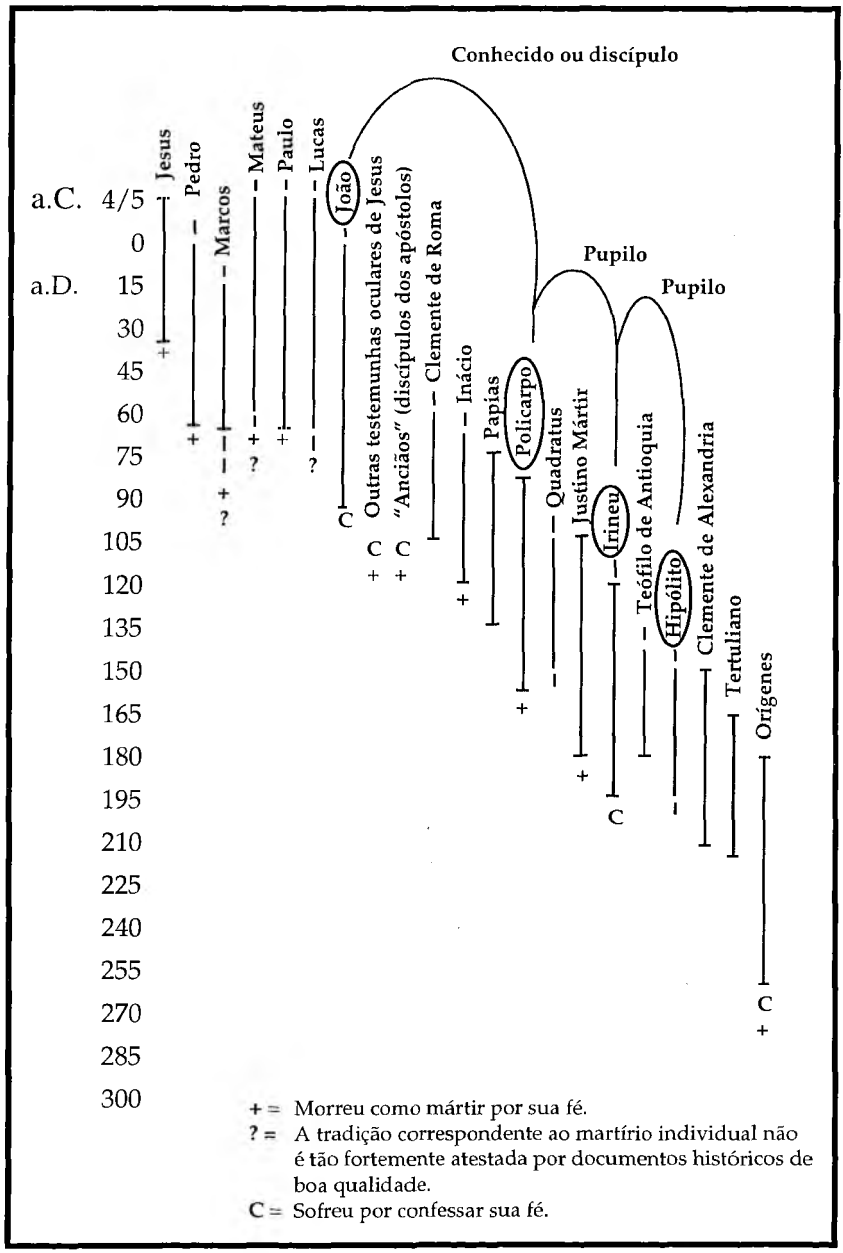
sua fonte. Você pode ter notado que foram os escritores mais recentes que citaram mais especificamente os relatos dos evangelhos como fontes *escritas*. Os primeiros escritores, Papias por exemplo, obtiveram sua informação de uma larga variedade de fontes e até consideraram a "voz viva e permanente" dos apóstolos, através de seus discípulos, como sendo mais valiosas do que as fontes escritas que podiam ser deturpadas. Isso é apenas normal. Se você quisesse a melhor informação sobre o seu tataravô, provavelmente consideraria as palavras de seu avô mais valiosas do que qualquer notícia de jornal que falasse de seu tataravô. Se houvesse um conflito, você tenderia a aceitar a história do seu avô, supondo que soubesse que ele era um homem verdadeiro. Quanto aos discípulos, eles arriscaram tudo em seu compromisso com a verdade dos relatos do evangelho que deixaram.

2. Uma vasta rede de multiplicação brotou de Jesus e dos primeiros apóstolos. Se qualquer deles incluísse erros históricos em seus registros, a literatura primitiva iria refletir a controvérsia sobre assuntos factuais a respeito do que realmente aconteceu. Não descobrimos este tipo de conflito em lugar algum na literatura primitiva. Houve controvérsia sobre como interpretar os fatos, os detalhes da vida de Jesus, mas nunca sobre os próprios fatos em si como eventos reais da história. A constatação de que a literatura primitiva revelou decididamente controvérsia quanto à interpretação da vida de Jesus mostra também que ninguém poderia suprimir o debate quanto ao fato da sua existência se tal polêmica jamais tivesse ocorrido.
3. Os primeiros autores apelaram constantemente para a disponibilidade da evidência para qualquer um que quisesse verificá-la. Eles citaram a existência de registros do governo. Os primeiros escritores recorreram a testemunhas oculares que podiam confirmar ou negar os fatos. Finalmente, apelaram para a integridade moral de sua própria vida. Eles nada tinham a ganhar espalhando mentiras. Eles se despojaram de seus bens e até de suas próprias vidas ao defenderem a verdade.

Mas, o crítico talvez pergunte, e esta é a segundo objeção possível, o testemunho dos primeiros cristãos era baseado nos fatos históricos ou apenas em sua experiência psicológica de um "Cristo" místico que os forçava a estabelecer Jesus como uma figura da história? Respondemos a esta pergunta com outra: Você abandonaria tudo, passaria por dificuldades, tortura e morte, a fim de divulgar mentiras, falsificações, ou até crenças que suspeitasse não serem verdadeiras? O que os críticos muitas

vezes deixam de lado, especialmente ao criticarem os relatos dos evangelhos, é que, se esses relatórios são falsos, então aqueles que os escreveram não faziam apenas uma interpretação errada, mas eram enganadores da pior espécie, que sabiam que os documentos eram forjados. Os primeiros escritores da igreja são tão dominados por temas de integridade moral e consistência ética que a propagação de falsificações conhecidas seria para eles uma impossibilidade psicológica. Da mesma forma, é duvidoso que tantos seguidores dos discípulos tivessem se submetido cegamente a uma experiência mística, sem primeiro se assegurarem de que os relatórios históricos sobre os quais se apoiava essa experiência eram confiáveis.

Houve alguns, porém, que tiveram suficiente motivo para produzirem relatos distorcidos. E este é o assunto do próximo capítulo.


Conhecido ou discípulo
Pupilo
Pupilo
a.C. 4/5
0
a.D. 15
30
45
60
75
90
105
120
135
150
165
180
195
210
225
240
255
270
285
300
Jesus
Pedro
Marcos
Mateus
Paulo
Lucas
João
Outras testemunhas oculares de Jesus
"Anciãos" (discípulos dos apóstolos)
Clemente de Roma
Inácio
Papias
Policarpo
Quadratus
Justino Mártir
Irineu
Teófilo de Antioquia
Hipólito
Clemente de Alexandria
Tertuliano
Orígenes
+ = Morreu como mártir por sua fé.
? = A tradição correspondente ao martírio individual não é tão fortemente atestada por documentos históricos de boa qualidade.
C = Sofreu por confessar sua fé.

5

ÁGRAFOS, APÓCRIFOS E PSEUDEPÍGRAFES

O fato de Jesus ter vivido na história deveria ser óbvio agora. E, como dissemos na introdução, o fato da existência de Jesus na história não é posto muito em dúvida pelos críticos eruditos. O ponto em debate é se os relatos do evangelho do Novo Testamento descrevem ou não corretamente o Jesus que viveu na história.

Alguns dos críticos mais populares e reconstrutores da vida de Jesus, ao apelarem para os escritos apócrifos e pseudepígrafes hoje, tentam mostrar que o Jesus da história era muito diferente do Jesus dos evangelhos. Assim sendo, alguém que tenha uma compreensão limitada desses escritos não canônicos terá dificuldade em discernir os erros contidos nas obras de muitos que promovem hoje um Jesus histórico não bíblico. Mas antes de podermos avaliar se essas fontes "extracanônicas" têm condições de informar-nos muito sobre o Jesus histórico, precisamos primeiro definir alguns termos.

DEFINIÇÕES

1. *Ágrafos:* Esta é uma palavra grega, significando "coisas não escritas". Nos estudos do Novo Testamento, ela se refere às supostas declarações de Jesus que não se encontram nos evangelhos canônicos—Mateus, Marcos, Lucas ou João.

2. *Apócrifos*: Esta palavra é derivada de um termo grego, significando "coisas ocultas". O termo Apócrifos, em si, normalmente se refere aos catorze (ou quinze)[1] livros de autenticidade e autoridade duvidosas, a maioria dos quais foi escrita entre 250 a.C. e os dias de Jesus. Esses livros são também chamados de Apócrifos do Antigo Testamento. Nossa preocupação aqui será com outro grupo de escritos muitas vezes chamados de Apócrifos do Novo Testamento. O termo *apocrypha* é apropriado para muitas dessas obras, pois elas têm freqüentemente como propósito contar detalhes secretos ou ocultos da vida e

ensinamentos de Jesus e seus discípulos.

3. *Pseudepígrafes*: O nome vem de palavra grega, significando "falsos escritos". Ele se aplica, no geral, a livros relacionados com o Antigo Testamento, mas também tem sido aplicado a várias obras apócrifas e outras que atribuem falsamente seu conteúdo a um autor apostólico. O termo *pseudonymous* ("pseudônimo"), significando "nome falso", é também aplicado a essas obras desde que afirmam falsamente terem sido escritas pelos verdadeiros profetas ou apóstolos.

4. *Cânon*: Os céticos freqüentemente acusam: Como os cristãos podem crer que vinte e sete livros designados como Escritura por homens falíveis, num concílio do século 4°, possam ser a palavra de Deus? Mas esta pergunta apresenta uma visão distorcida do cânon do Novo Testamento. A palavra "cânon" é uma transliteração de um termo grego com o sentido principal de bastão ou regra. Ela veio a ter o sentido de regra de fé, e mais tarde uma lista ou catálogo de livros autorizados do Novo Testamento. Muito antes, porém, dos concílios terem jamais se reunido, os cristãos, especialmente os presbíteros das igrejas locais, estavam constantemente colecionando, avaliando e decidindo quais dos muitos escritos de seus dias tinham a autoridade dos apóstolos.[2] A pergunta feita a qualquer escrito a ser lido nas igrejas era: Até que ponto este livro (epístola, narrativa, apocalipse, ou evangelho) é uma representação pura e autêntica da vida e dos ensinos de Jesus e seus apóstolos? Assim sendo, como diz Donald Guthrie: "O conteúdo do cânon foi determinado pelo uso geral e não mediante um pronunciamento autoritário".[3] F. F. Bruce afirma que

> quando um Concílio da Igreja — O Sínodo de Hippo, em 393 a.D. — finalmente listou os vinte e sete livros do Novo Testamento, não conferiu a eles autoridade que já não possuíssem, mas simplesmente registrou sua canonicidade previamente estabelecida. (A vigência do Sínodo de Hippo foi repromulgada quatro anos mais tarde pelo Terceiro Sínodo de Cartago. BrF.BP 113)

Geisler e Nix concluem: "A canonicidade é *determinada* ou fixada autoritariamente por Deus, sendo simplesmente *descoberta* pelo homem". (GeN.GIB 221)

Os cristãos do século 1° viram nas palavras de Jesus e nos escritos dos apóstolos uma autoridade de inspiração divina comparável à das Escrituras do Antigo Testamento. Isto era apenas natural, pois se Jesus era o longamente esperado Messias, então suas palavras deveriam ter em todos os aspectos tanta autoridade quanto as de Moisés e as dos profetas da antigüidade. Assim sendo, os registros dos evangelhos que continham os relatos de suas palavras e atos tornaram-se mais confiáveis

do que os do século 1°, desde que as testemunhas oculares podiam verificar oralmente a verdade do que estava escrito. Além disso, a morte dos apóstolos aumentou a importância de seus escritos, à medida que os cristãos viram a necessidade de preservar o que os apóstolos haviam registrado. Antes dessa época, de acordo com a prática judia comum, "O ensino oral era considerado mais importante do que o testemunho escrito".[4]

Com o passar do tempo, um número cada vez maior de livros reconhecidos como em desacordo com os ensinos dos apóstolos (isto é, heréticos) ou que não foram escritos por eles, embora o nome do apóstolo pudesse estar ligado a eles (isto é, pseudônimos), motivou os crentes a se interessarem cada vez mais pela identificação das obras autênticas dos apóstolos ou daqueles a quem seus ensinos foram confiados (a saber, Marcos para Pedro e Lucas para Paulo). O próprio fato de que muitos escritos heréticos ou não autênticos anexaram falsamente os nomes dos vários apóstolos como seus autores, demonstra como os primeiros cristãos estavam ansiosos para saber se o ensino recebido dos livros lidos em suas igrejas tinha, na verdade, sido originado pelos apóstolos de Jesus.

Os cristãos de hoje devem agradecer pelo fato de a formação final do cânon do Novo Testamento ter sido um processo longo e difícil. Foi tão difícil, na verdade, que houve um debate acalorado a respeito de Hebreus, Tiago, 2 e 3 João, 2 Pedro, Judas e Apocalipse serem verdadeiramente canônicos. Mas o exame cuidadoso a que foram submetidos os livros do Novo Testamento, antes de serem universalmente aceitos como autênticos, deve dar aos leitores de nossos dias maior confiança na credibilidade desses livros e nas coisas que eles relatam e ensinam.

Vamos citar abaixo várias obras apócrifas e pseudepígrafas pelo nome. Por enquanto, vocês podem achar útil distinguir entre os termos desta forma: Tanto os *pseudepigrapha* (escritos com falsos sobrescritos) como os *apocrypha* (escritos contendo coisas ocultas) podem caracterizar uma obra específica, mas essa obra necessariamente fica fora do *canon*, desde que é uma obra não autêntica ou, no mínimo, duvidosa de um apóstolo. Assim também, tanto os *pseudepigrapha* como os *apocrypha* podem conter *agrapha*, supostas palavras de Jesus, mas continuando fora dos evangelhos canônicos.

VALOR

Os escritos de autenticidade duvidosa são de algum modo valiosos na busca do Jesus histórico? Acreditamos que sim e daremos exemplos abaixo. Primeiro, porém, aqui estão várias razões para os escritos apócrifos e pseudepígrafos terem algum valor:

1. Fica claro que muitos desses documentos são falsos. A fim de ter um documento falso é necessário estar de posse primeiro do original autêntico. Dessa forma, mesmo alguns dos escritos mais duvidosos confirmam os canônicos. Guthrie comenta:

> Durante o primeiro período é possível selecionar alguma evidência de fontes heréticas com relação ao Novo Testamento. Quando escritores heterodoxos citam os livros canônicos, é uma evidência de que esses livros devem ter sido primeiro considerados como autoridade em círculos ortodoxos antes de serem apropriados e reinterpretados por seitas desviadas.[5]

2. Uma comparação entre os falsos escritos e os canônicos, no geral confirma imediatamente a superioridade e autenticidade óbvias dos evangelhos canônicos. Em outras palavras, uma comparação é suficiente para mostrar, segundo Guthrie, que a "inferioridade e falta de verdadeira apostolicidade dos (escritos falsos)... se evidenciam por si mesmas. A mera atribuição dos livros aos apóstolos não poderia ocultar esta distinção fundamental, e isto mostra por que as igrejas ortodoxas não foram enganadas".[6] Yamauchi declara: "O estudo dos ágrafos, especialmente nos evangelhos apócrifos, revela a pobreza relativa e a inferioridade da massa de literatura extracanônica e, por contraste, focaliza o grande valor dos evangelhos canônicos".[7]

3. Muitas das obras apócrifas citam os evangelhos canônicos palavra por palavra em certos pontos. Fica muitas vezes claro que os evangelhos canônicos foram o trampolim para os que queriam divulgar uma falsa doutrina. Assim sendo, os escritos falsos ajudam a confirmar a autenticidade dos canônicos.

4. O esforço que a igreja primitiva fez para separar os escritos falsos dos verdadeiros indica a preocupação precoce e vigilante da igreja com a preservação das palavras exatas de Jesus. Daniel-Rops explica:

> Desde que desvios doutrinários, "heresias", surgiram muito cedo na igreja, houve a tentação de tentar apoiá-los com textos que se supunha serem genuinamente apostólicos. A igreja evitou essas armadilhas. Ela reteve apenas os textos que gozavam da confiança praticamente unânime das igrejas e podiam exibir a garantia da origem ou aprovação apostólica como prova de seu caráter inspirado, rejeitando todo o resto. (AmF.SLC 41)

5. Alguns ágrafos possivelmente confiáveis, embora não façam citações extraídas dos relatos evangélicos, concordam em princípio ou contexto com outras coisas consideradas como sendo palavras de Jesus nos evangelhos, oferecendo, assim, evidência

limitada quanto ao tipo de coisas ditas por ele.

6. A origem de certas obras apócrifas dentre vários outros grupos, tais como judaizantes, anti-semitas, gnósticos e ascéticos, fornece nova evidência para o tipo de material acrescentado ou alterado nos escritos apostólicos, dando, assim, uma prova do que era confiável. *O Evangelho de Pedro*, por exemplo

> é significativo pela maneira como reflete a maré ascendente do anti-semitismo militante na igreja do século 2°, como evidenciado pela maneira como o escritor do evangelho sistematicamente alterou sua narrativa (supondo que ele se apoiasse nos evangelhos canônicos) para intensificar o desejo ardente dos líderes judeus de exterminarem Jesus, enquanto ao mesmo tempo alterava o papel desempenhado por Pilatos para fazê-lo aparentar inocência indefesa. (CaDR.DSG 83)

Vamos, agora, para exemplos específicos de declarações feitas nos escritos espúrios que ilustram os pontos acima, relativas ao valor desses escritos. As declarações se enquadram em três categorias: (1) material confirmando os relatos evangélicos; (2) ágrafos possivelmente confiáveis; e (3) acréscimos não confiáveis aos relatos dos evangelhos.

MATERIAIS QUE CONFIRMAM OS RELATOS DOS EVANGELHOS

O Evangelho de Tomé, que não é na realidade um evangelho narrativo, é uma coleção de 114 afirmações que ele alega terem sido ditadas pelo "Jesus vivo" a Judas Tomé. Alguns estabelecem a data da composição já em 140 a.D., outros até no século 1°. Ele foi provavelmente composto na Síria onde as tradições sobre Tomé floresceram e onde a heresia ascética ou "Encratite" foi introduzida muito cedo. Embora grande parte do material não tenha credibilidade, existem algumas declarações que confirmam os relatórios dos evangelhos canônicos e de Atos. A Declaração 9, por exemplo, é uma versão muito próxima da parábola do semeador:

> Jesus disse: "O semeador saiu, ele encheu as mãos e espalhou (sementes). Algumas caíram na estrada; as aves vieram e as comeram. Outras caíram em solo rochoso; elas não conseguiram fincar suas raízes na terra e não enviaram brotos para o céu. Algumas caíram entre os espinhos; eles sufocaram as sementes e os vermes as devoraram. Mas algumas caíram em boa terra, e deram bom fruto; ela produziu sessenta vezes e cem vezes mais".

A declaração 12, com alguns acréscimos lendários, confirma o que

já aprendemos em Josefo e Atos sobre Tiago ser o chefe da igreja de Jerusalém: "Jesus lhes disse: 'No lugar para onde vão, procurem Tiago, o Justo, em cujo benefício céus e terra foram feitos'".

A declaração 20 confirma Marcos 4.30-32, Mateus 13.31ss, e Lucas 13.18ss:

> Os discípulos disseram a Jesus: "Diga-nos como é o reino dos céus". Ele respondeu: "É como uma semente de mostarda, a menor de todas as sementes. Mas quando ela cai em solo cultivado lança um grande ramo e oferece abrigo para (as) aves do céu".

A declaração 26 confirma Mateus 7.3-5 e Lucas 6.41ss:

> Jesus disse: "Tu vês o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio olho. Tira primeiro a trave de teu olho e, então, verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão."

A declaração 54 confirma Lucas 6.20: "Jesus disse: 'Felizes vós os pobres, porque vosso é o reino dos céus'".

A declaração 63 resume a parábola em Lucas 12.16-21:

> Jesus disse: "Havia um homem muito rico, que tinha muitos haveres. Ele disse: 'Vou usar o meu dinheiro para semear, colher e plantar, enchendo meus celeiros de frutos, a fim de que nada me falte!' Ele pensou isso em seu coração. Mas durante a noite morreu. Aquele que tem ouvidos, ouça!"

A afirmação 90 abrevia Mateus 11.28-39: "Jesus disse: 'Vinde a mim, pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve, e achareis descanso.'"

A publicação *The Gospel of Truth*, possivelmente escrita pelo gnóstico Valentino, data de meados ou fins do século 2º. Este livro confirma certos detalhes históricos registrados nos evangelhos canônicos:

> Jesus suportou os sofrimentos com paciência... ele foi pregado num madeiro...
> Porque depois de o verem e ouvirem, ele permitiu que provassem e cheirassem e tocassem o Filho amado. Quando ele apareceu, dando-lhes instruções sobre o Pai... Pois ele veio em aparência humana. (RoJM.NHL 20:11-14,25-34; 30:27-33;31:4-6)

O Evangelho para os Hebreus, diz F. F. Bruce, "parece ter sido uma paráfrase do *Evangelho de Mateus*". (BrF.JCO 99) Orígenes o conhecia, assim como Hegesippus (cerca de 170 a.D.)[8] Mateus 18.15-22 é refletido no seguinte diálogo:

> "Se teu irmão pecar em palavras e pedir desculpas, aceite", disse ele, "sete vezes num dia".

> Seu discípulo Simão perguntou: "Sete vezes por dia?"
> O Senhor respondeu: "Sim, eu te digo, setenta vezes sete."[9]

O Papiro de Egerton 2 faz parte de uma coleção de papiros adquiridos pelo Museu Britânico, em 1934, e é tão recente quanto 150 a.D. "Sua letra é aparentemente mais semelhante a um documento não cristão datado precisamente de 94 a.D." (WiL.JTE 29) Um segmento reproduz Marcos 1.40-45 com algumas adições:

> Um leproso aproximou-se dele dizendo: "Mestre Jesus, enquanto viajava com leprosos e comia com eles na estalagem, tornei-me também leproso. Se, portanto, quiseres, ficarei limpo."
> O Senhor Jesus lhe disse: "Quero, fica limpo!" E imediatamente a lepra desapareceu, e o Senhor disse: "Vai, mostra-te aos sacerdotes". (BeH.FU)

O Evangelho de Pedro era tido em alta estima pela igreja de Rhossus (perto de Antioquia), próximo do final do século 2°. Ele continha grande quantidade de ensinamentos docéticos, mas se baseia claramente nos quatro evangelhos canônicos. (Veja BrF.JCO 8.) Uma parte descreve o sepultamento de Jesus:

> Eles tiraram, então, os cravos das mãos do Senhor e o depositaram no solo. A terra inteira tremeu e grande temor caiu sobre eles. A seguir, o sol brilhou e era a hora nona (15 horas). Os judeus se rejubilaram e deram o seu corpo a José para ser sepultado, desde que este presenciara todas as coisas boas que ele fizera. Levando, então, o Senhor, ele o lavou, envolveu-o em linho e levou-o ao seu próprio túmulo, chamado Jardim de José.

O Tratado da Ressurreição data de fins do século 2° a.D. O ensino gnóstico permeia o livro, mas retrocede novamente e confirma os relatórios originais sobre Jesus. Os textos em 46.14-21 e 48.10-19 confirmam o ensino evangélico canônico sobre a ressurreição de Jesus:

> Conhecemos o Filho do Homem, e cremos que ele se levantou dentre os mortos.
> Não pense que a ressurreição é uma ilusão. Não se trata de ilusão, mas é uma verdade. De fato, é mais adequado dizer que o mundo é uma ilusão, do que afirmar isso a respeito da ressurreição que surgiu por meio de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo.

Devemos enfatizar que uma citação de qualquer escrito apócrifo não tem grande valor para confirmar a vida histórica de Jesus. Mas ao enfrentar o grande volume de declarações de Jesus e sobre Jesus nos escritos apócrifos, o investigador honesto deve perguntar: "De onde se originou todo este material?" Cada vez mais fica claro que a única explicação lógica é que ele se originou dos primeiros relatos de primeira

mão dos próprios apóstolos, que outras pessoas com diferentes pontos de vista consideraram suficientemente confiáveis para usar como base de seus ensinos completamente heréticos, em muitos casos.

ÁGRAFOS POSSIVELMENTE CONFIÁVEIS

O apóstolo João escreveu em seu relato do evangelho: "Há, porém, ainda muitas coisas que Jesus fez. Se todas elas fossem relatadas uma por uma, creio eu que nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos"[10] É, portanto, normal pensar que possivelmente haveria outras coisas que Jesus tivesse dito enquanto na terra, as quais poderiam ter sido preservadas fora dos evangelhos canônicos. De fato, para os que aceitam a inspiração de todo o Novo Testamento, há pelo menos uma declaração de Jesus, preservada em Atos 20.35, que não se encontra nos evangelhos. Paulo diz ali aos presbíteros de Éfeso: "Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é mister socorrer aos necessitados, e recordar as palavras do próprio Senhor Jesus: Mais bem-aventurado é dar que receber". Desde que o termo *agrapha* é definido como declarações de Jesus fora dos *evangelhos* canônicos, os cristãos aceitam Atos 20.35 como um ágrafo verdadeiramente autêntico.

Muitos eruditos consideram João 7.53-8.11, a história da mulher apanhada em adultério, como um ágrafo. A passagem ocorre apenas em João e mesmo ali não é apoiada pelos manuscritos mais antigos. A evidência textual é bastante forte, apesar de que quase todas as versões bíblicas a incluem como parte do seu texto. Se não vier a ser aceita como parte do texto, muitos eruditos a aceitariam como um ágrafo autêntico. Como vimos no último capítulo, Papais citou a passagem bem cedo no século 2°.

Os estudiosos usam três critérios principais para avaliar a autenticidade de um ágrafo (LaW.CPAA 30.31): (1) multiplicidade de testemunhas: Quantas testemunhas registram que Jesus fez a declaração em questão? (2) autoridade das testemunhas: Até que ponto a testemunha está qualificada para atribuir a declaração a Jesus? Isto pode ser determinado pela proximidade entre a testemunha e a tradição primitiva e qual o cuidado que a testemunha demonstra ao registrar as palavras de Jesus; e (3) grau de acordo entre as testemunhas e os evangelhos canônicos. Todavia, se um ágrafo parece ser simplesmente uma paráfrase livre de uma declaração nos evangelhos canônicos, não pode ser, então, considerado um ágrafo autêntico. Ele simplesmente confirma o que se acha nos evangelhos canônicos.

Entre os vv.4 e 5 de Lucas 6, um manuscrito, o Códice D (chamado Beza), acrescenta:

> No mesmo dia, vendo alguém trabalhando no dia de sábado, ele (Jesus) lhe disse: "Homem, se sabes o que fazes, és abençoado; mas se não sabes, és amaldiçoado e um transgressor da lei". (MeB.TNT 50)

A passagem parece refletir a prática e o ensino de Jesus relativos ao sábado, salientando especialmente que este foi feito para o homem e não o homem para o sábado (Mc 2.27). Metzger conclui:

> Embora esta sentença, que não é encontrada em nenhum outro manuscrito, não possa ser considerada como parte do texto original de Lucas, ela pode perfeitamente expressar uma tradição do século 1°, uma das "muitas outras coisas que Jesus fez", mas que não foi escrita nos evangelhos (veja João 21.25). (MeB.TNT 50)

Um ágrafo citado aproximadamente setenta vezes pelos pais da igreja é a ordem: "Sede cambistas aprovados". Ele contém a idéia da pessoa ser como os cambistas habilitados que percebem as moedas falsas em meio às verdadeiras. O ágrafo se acha constantemente ligado à declaração de Paulo: "Julgai todas as cousas, retende o que é bom" (1 Ts 5.21). É concebível que alguém tenha originalmente ouvido Jesus dizer isto e mais tarde escreveu essas palavras na margem de uma cópia da primeira carta de Paulo aos Tessalonicenses, que foi, então, transmitida aos primeiros pais da igreja. Sabemos que Papias gostava de colecionar esses tipos de reminiscências dos "Presbíteros" que encontrava.

O Papiro Oxirrinco 840 pode ter preservado um confronto entre Jesus e um sumo sacerdote cheio de justiça própria:

> Ai de ti cego que não vês. Tu te banhaste em água lançada fora, nas quais os cães e os porcos se deitam noite e dia e tu te lavaste e esfregaste a tua pele exterior, a qual as prostitutas e as flautistas ungem, banham, esfregam e avermelham, a fim de excitar o desejo dos homens, mas em seu interior estão cheias de escorpiões e maldades de todos os tipos. Mas eu e meus discípulos, de quem disseste que não nos lavamos, fomos imersos na água... viva..

É concebível que Jesus tenha dito algo semelhante ao trecho acima. Os arqueólogos descobriram inúmeros banhos Mikvah em Jerusalém e em outros lugares. Esses banhos confirmam as inúmeras lavagens rituais dos líderes religiosos devotos nos dias de Jesus. Os evangelhos refletem muitas vezes que Jesus estava mais interessado na pureza interior do que na pureza ritual exterior.

No Papiro Oxirrinco 655, Jesus declara: "Ele mesmo vai dar-lhes as vossas vestes", cuja declaração concorda com Mateus 6.25-34. O apócrifo, *Atos de Pedro*, pode ter preservado uma ocasião em que Jesus

disse: "Ele mesmo lhes dará as suas vestes", palavras comparáveis às de Mateus 6.25-34. O livro apócrifo, *Atos de Pedro*, pode ter preservado uma ocasião em que Jesus disse: "Os que estão comigo não me compreenderam". Os evangelhos canônicos freqüentemente registram ocasiões em que os discípulos não entenderam o que Jesus queria dizer. Em vista de haver dúvidas a respeito da origem de tantos ágrafos, eles não têm valor devocional. Existe, porém, valor evidencial por mostrarem desde cedo o desejo de preservar as palavras de Jesus. William White enfatiza:

> Os evangelhos canônicos jamais afirmam que sejam completos ou abrangentes, mas indicam apenas que são capazes de produzir fé em Cristo e na Sua expiação. (Cf. Jo 21.25, etc.). À luz de tais textos e das alusões a ensinos do Senhor não mencionados nos evangelhos... é muito provável que fragmentos de discursos e sermões extrabíblicos se encontrem na literatura extrabíblica existente.[11]

Por outro lado, White adverte contra o uso de ágrafos para formar uma impressão de Jesus que não seja consistente com os relatos bíblicos:

> Supor que eles representem documentos perdidos que sejam fontes verdadeiras e com autoridade dos escritos canônicos é uma conclusão apenas plausível e altamente subjetiva.[12]

A conclusão de White está plenamente justificada em vista das descobertas apresentadas em seguida.

ACRÉSCIMOS NÃO CONFIÁVEIS AOS EVANGELHOS

A maior parte do material dos escritos apócrifos e pseudepígrafos não tem claramente credibilidade. Essas obras contêm ensinos que se desviam daqueles dos apóstolos, e que são muitas vezes apoiados por detalhes "históricos" da vida de Jesus, fantásticos além de tudo que se possa crer. France revela:

> A característica que se torna rapidamente óbvia ao lermos o que resta desses "evangelhos" apócrifos é que uma alta proporção deles se inclina claramente para uma interpretação gnóstica da vida e ensinos de Jesus. Isto é verdade, por exemplo, em relação a todo o material de Nag Hammadi, que representa claramente a biblioteca de um grupo gnóstico. Muito do que não é gnóstico é também claramente destinado a promover outras tendências doutrinárias que se sabe terem surgido no cristianismo do século 2º e mais recente, tal como a doutrina dos "horrores do inferno" ou da virgindade perpétua de Maria. (FrR.E 62)

Portanto, é altamente especulativo tentar reconstruir os detalhes da vida do Jesus histórico mediante essas histórias. É aqui que muitas das vidas "popularistas" de Jesus tropeçam. Ao ignorarem virtualmente os evangelhos canônicos e usarem material apócrifo como fundamento, elas constroem uma imagem de Jesus que, em vista da melhor evidência histórica, precisa de mais "fé" para ser acreditada do que a exigida para aceitar os relatos do Novo Testamento. Veja, por exemplo, estas histórias de *O Evangelho da Infância de Tomé* ("The Infancy Gospel of Thomas"), escrito cerca de 125 a.D.:

> 3. 1. O filho de Anás, o escriba, estava ali com José. Ele tomou um ramo de salgueiro e espalhou a água que Jesus havia arranjado. 2. Jesus viu o que ele fizera e ficou zangado, dizendo: "Ignorante, injusto, ímpio, o que os tanques e a água fizeram para prejudicar-te? Eis que tu também murcharás como uma árvore e não produzirás folhas nem raízes nem frutos." 3. E imediatamente a criança murchou.
>
> 4.1. Mais uma vez ele passava pelo povoado, e uma criança que corria deu-lhe um encontrão, batendo em seu ombro. Jesus irou-se e lhe disse: "Não continuarás teu caminho". A criança imediatamente caiu morta. Alguns viram o acontecido e comentaram: "De onde foi gerada essa criança, pois cada uma de suas palavras é um ato cumprido?" 2. Os pais do menino morto foram a José e se queixaram: "Por teres um filho assim, não podes mais morar conosco na cidade; a tua alternativa é ensiná-lo a abençoar e não a amaldiçoar, pois ele está matando nossos filhos."
>
> 5.1. José chamou a criança de lado e a advertiu, dizendo: "Por que fazes essas coisas? Essas pessoas estão sofrendo e elas nos odeiam e estão nos perseguindo! Jesus disse: "Sei que essas palavras não são tuas, mas por tua causa ficarei silencioso. Todavia, eles terão de suportar o seu castigo". Imediatamente os que o acusaram ficaram cegos. (CaDR.DSG 92-93)

Ao contrário dos evangelhos canônicos, não existe um ponto principal nessas histórias, nenhum significado ligado a elas. F. F. Bruce declara: "Os enfeites com que esses 'Evangelhos da Infância' enchem os escassos detalhes das histórias do nascimento em Mateus e Lucas são todos fabricados de tecido inteiro". (BrF.JCO 87) France acrescenta que os escritos apócrifos "não representam informação histórica adicional sobre Jesus, mas imaginação piedosa (ou algumas vezes bastante secular!) preenchendo as brechas deixadas pelos escritores canônicos, em vista de não contarem as histórias por elas mesmas". (FrR.E 75) O próprio fato de esses escritos apócrifos suprirem abundantes detalhes sobre a infância de Jesus contribui para a sua falta de credibilidade, pois os escritos do século 1°, no geral, omitiam a maior parte dos detalhes da infância até dos personagens mais famosos.

Em 1958, o Professor Morton Smith, da Universidade de Columbia, descobriu um documento parcial, agora conhecido como *O Evangelho Secreto de Marcos.* (Veja SmM.CA e SmM.TSG.) Mais exatamente, ele fazia parte do texto deste "Evangelho Secreto", sendo citado por um escritor que se fazia passar por Clemente de Alexandria.[13] Este Clemente escreveu perto do final do século 2°, mas esta cópia particular da carta está distante de seu tempo cerca de dezesseis séculos. Ela foi escrita por uma mão do século 18 nas costas de um livro do século 17.

A carta, conforme Ian Wilson em *Jesus: A Evidência* ("Jesus, The Evidence"), "levanta algumas questões intrigantes a respeito do fundador do cristianismo". (WiI.JTE 27) Elas são intrigantes para os que gostariam de colocar a hipótese de Jesus ser talvez homossexual. A carta descreve como Jesus ressuscitou um jovem rico dentre os mortos, evidentemente baseado no relato da ressurreição de Lázaro no Evangelho de João. Ela continua:

> Mas o jovem, olhando para ele, amou-o e começou a implorar-lhe que permitisse ficar com ele. Saindo do túmulo, foram à casa do jovem, pois era rico. Depois de seis dias, Jesus lhe disse o que deveria fazer e, à noite, o jovem o procurou, usando um lenço de linho sobre o (seu) corpo nu. E permaneceu com ele naquela noite, pois Jesus lhe ensinou o mistério do reino de Deus. Depois disso, ele voltou para o outro lado do Jordão. (WiI.JTE 27)

Ian Wilson resume as conclusões de Morton Smith, dizendo que desde que esta versão de Marcos contém a "história de Lázaro", e desde que o Evangelho de Marcos foi escrito antes do de João, então este *Evangelho Secreto de Marcos* deve ser a primeira versão de Marcos. Em outras palavras, o Marcos bíblico eliminou esta história da versão secreta.

Este cenário representa erradamente os fatos, sendo um bom exemplo de como a evidência discutível sobre Jesus é quase sempre distorcida com fins sensacionalistas. Em primeiro lugar, se este texto é realmente um evangelho apócrifo dos dois primeiros séculos, resta tão pouco dele que é pura especulação concluir ter sido um documento mais longo que Marcos condensou para produzir o seu evangelho canônico. É quase certo que o inverso seja verdade. Em outras palavras, a história de Lázaro em João foi adornada e inserida em *O Evangelho Secreto de Marcos.* De fato, este Clemente, quem quer que seja ele, chega até a declarar no documento que Marcos escreveu essa versão mais longa de seu evangelho canônico quando chegou a Alexandria, "produzindo, assim, um 'evangelho mais espiritual para uso daqueles que estavam sendo aperfeiçoados', destinado a 'levar os ouvintes ao santuário mais secreto daquela verdade oculta por sete véus'". (FrR.E 81) A linguagem

é obviamente gnóstica, o que seria de esperar porque o gnosticismo floresceu bem cedo em Alexandria.

Clemente de Alexandria, como muitos estudiosos aceitam, pode ter sido perfeitamente o autor desta carta. E esta é mais uma razão para a carta perder a credibilidade. France afirma:

> Outros escritos de Clemente mostram que ele era um apreciador das idéias secretas, ensinos esotéricos, experiências místicas e coisas semelhantes... Perspicaz como era em se opor ao que considerava como herético, Clemente parece não ter qualquer espírito crítico, a ponto de mostrar ingenuidade ao aceitar material que combinava com suas próprias predileções. (FrR.E 83)

Um outro problema com *O Evangelho Secreto de Marcos* é que ainda há dúvidas quanto à sua autenticidade. O Professor James D. G. Dunn, professor do Novo Testamento na Universidade de Durham, escreve que, embora muitos eruditos tenham aceitado a carta como sendo de Clemente de Alexandria, "até que mais especialistas tenham podido examinar e submeter o original a testes apropriados, a possibilidade de algum embuste elaborado não pode ser posta de lado". (DuJ.E 51)

Em vista da evidência contra a reivindicação de historicidade para *O Evangelho Secreto,* o Professor Henry Chadwick, da Universidade de Cambridge, descreve a hipótese de Morton Smith como: "Maravilhosamente implausível, deliciosa de ler; sem a mais remota chance de ser verdadeira".[14] Igualmente poderia ser dito quanto ao popular *Sangue Santo, Santo Graal* ("Holy Blood, Holy Grail") que se baseia nas opiniões de Morton Smith e outros como ele que elevam textos discutíveis desta espécie a um nível de confiabilidade histórica. (BaM.HB)

O Evangelho de Filipe é outro escrito apócrifo altamente gnóstico e historicamente não confiável. Os autores do livro *Holy Blood, Holy Grail* também se baseiam nesta obra para detalhes históricos, a fim de apoiarem sua elaborada hipótese. (BaM.HB 382) Mas mesmo Ian Wilson reconheceu a necessidade de repudiar a exatidão de *O Evangelho de Filipe,* dizendo: "Deve ser, porém, reconhecido que *O Evangelho de Filipe*... não tem nenhuma pretensão especial a uma data antiga e pode ser simplesmente uma fantasia de um tipo não muito raro na literatura apócrifas dos séculos 3° e 4°". (WiI.JTE 96-97)

Alguns evangelhos apócrifos foram escritos muito tarde e, portanto, não podem oferecer nenhuma evidência histórica sobre Jesus. Por exemplo, *O Evangelho Pseudo-Mateus* foi provavelmente escrito recentemente, no século 8° ou 9°, embora alguns pensem que se originou num período anterior. (CaDR.DSG) Ele se apóia pesadamente em *O Evangelho de Tiago* e *O Evangelho da Infância de Tomé.*

Uma obra mais antiga, *O Evangelho de Pedro,* veio a ser conhecida

cerca de 200 a.D. Ela parece ser baseada nos evangelhos canônicos, mas muda os detalhes para se ajustarem ao propósito do autor. Ela não só é doceta (a heresia de que o corpo de Jesus não era de carne e sangue reais), mas também busca todas as possibilidades para remover de Pilatos a culpa pela morte de Jesus e coloca essa culpa apenas sobre os judeus.

A sensacional série de TV: "Jesus: A Evidência", passada na Weekend Television de Londres, em 1984, afirmava que o cristianismo gnóstico era uma das formas mais antigas do cristianismo. A inferência é que ele é pelo menos um competidor equivalente para a forma original e verdadeira da fé cristã. Mas esta contenda, baseada principalmente em *O Evangelho de Tomé* não resiste à investigação.

O Evangelho de Tomé, provavelmente compilado pela primeira vez cerca de 150 a.D., é uma coleção de 114 pronunciamentos supostamente de Jesus (ágrafos). Ele começa com uma nota gnóstica: "estas são as palavras secretas que o Jesus vivo falou, e que Dídimo Judas Tomé escreveu". É possível sentir o óbvio sabor gnóstico desta obra nos seguintes segmentos:

> 70. Jesus disse: Quando geras em ti mesmo aquele que está em ti, ele te salvará. Se não o tiveres em teu interior, aquele que não tens em teu interior há de matar-te.
> 77. Jesus disse: Eu sou a luz que está sobre tudo. Eu sou o Tudo; o Tudo saiu de mim e o Tudo me alcançou. Corta a madeira, eu estou ali. Levanta a pedra, e tu me encontrarás ali.
> 82. Jesus disse: Aquele que fica próximo de mim está perto do fogo, e quem está longe de mim está distante do reino.
> 114. Simão Pedro lhes disse: Deixem que Maria se afaste de nós, pois as mulheres não merecem a vida. Jesus disse: Eis que eu a guiarei, a fim de torná-la um varão, para que ela também possa se tornar espírito vivente, semelhante a vós homens. Pois toda mulher que se torna homem entrará no reino dos céus. (Compilado por R. T. France em FrR.E 75-76)

Alguns eruditos, mais recentemente Joachim Jeremias e muito antes, Orígenes, reconheceram algumas declarações em *O Evangelho de Tomé* (por exemplo, a de nº 82 acima) como ágrafos autênticos. Orígenes, porém, rejeitou *O Evangelho de Tomé* em seu todo como um ágrafo autêntico. Ele parece ter tido boas razões para isso. Aproximadamente um quarto de *O Evangelho de Tomé* preserva a primeira tradição encontrada nos evangelhos de Mateus e Lucas.

Mas até o *Evangelho de Tomé* original foi submetido a um processo posterior de gnosticação. A versão em manuscrito encontrada em Nag Hammad é uma obra copta escrita depois do início do século 4º. Outra descoberta, os Papiros Oxirrinco, contém o que parece ser uma ou mais

edições **mais antigas** (fins do século 2° e início do 3°) da mesma obra. (Veja DuJ.E 101)

Como Dunn ilustra, podemos traçar as adições gnósticas examinando certos pronunciamentos. A versão mais antiga da Declaração 2, por exemplo, foi provavelmente Mateus 7.7-8 e 11.28: "Buscai e achareis...O que busca, encontra... Vinde a mim... e achareis descanso". Em fins do século 2° ou princípios do 3°, os Papiros Oxirrinco 654.5-9 alteraram a leitura do texto:

> (Jesus diz:) O que busca não cesse de (buscar até) que encontre; e quando encontrar, ficará surpreso (fora de si) e quando ficar surpreso, ele reinará; e (reinando), ele descansará.

Por ocasião do *Evangelho de Tomé* do século 4°, o texto diz:

> Jesus disse: O que busca não cesse de buscar até que encontre; e quando encontrar, ficará surpreso (fora de si); e quando ficar surpreso, irá admirar, e reinará sobre o Tudo.

A característica inteiramente gnóstica, "O Tudo", é o último elemento que foi acrescentado, confirmando que os aspectos gnósticos dos pronunciamentos não eram originais, mas tardios. Ao usarem este tipo de análise, os eruditos determinaram que longe de ser a forma original do cristianismo, o gnosticismo que veio a se desenvolver corrompeu a fé cristã. Assim sendo, as obras popularescas que constroem o seu conceito de Jesus sobre tradições gnósticas ou outras apócrifas estão certamente em terreno movediço.

CONCLUSÕES

Os críticos dos relatos evangélicos declaram que eles são lendários e não históricos. É, portanto, incrível que esses mesmos detratores, tais como os autores do livro *Holy Blood, Holy Grail,* aceitem com tanta facilidade a confiabilidade histórica dos evangelhos apócrifos. Essas obras foram produzidas mais tarde e com um preconceito teológico muito mais óbvio (gnóstico, doceta, etc.) do que os evangelhos canônicos.

Neste capítulo, vimos que alguns ágrafos simplesmente confirmam o material que já se encontra nos evangelhos canônicos. Quanto aos ágrafos restantes, fragmentos muito pequenos apresentam informação histórica genuína sobre Jesus, mas a vasta maioria não deve ser considerada historicamente confiável.

Alguns talvez fiquem imaginando se as lendas sobre Jesus nos evangelhos apócrifos mostram que os evangelhos canônicos são igualmente lendários. F. F. Bruce responde:

> Um caso paralelo é o de Alexandre o Grande, em volta de cujo nome se formou um ciclo de histórias românticas desde os inícios do século 3° a.D. até o século 15, da Bretanha até a Malásia. Este ciclo tem pouca relação com os fatos históricos da carreira de Alexandre, mas a sua existência de forma alguma prejudica a credibilidade dos fatos históricos. Pelo contrário, testemunha o excepcional impacto que a memória de Alexandre e suas conquistas fizeram através da Europa e da Ásia. Do mesmo modo, a proliferação das lendas sobre Jesus, nos evangelhos apócrifos e em outros lugares, de maneira alguma prejudica a validade histórica de sua vida e ministério. Pelo contrário, elas dão testemunho do impacto crescente de sua pessoa e feitos tanto dentro como fora das fronteiras do cristianismo, até mesmo entre indivíduos que não haviam experimentado a sua graça redentora. (BrF.JCO 204)

Você provavelmente perguntou ou lhe perguntaram: "Como podemos confiar em relatos do evangelho escritos muitos anos depois da morte de Jesus? Afinal de contas, todos sabem o que acontece a uma mensagem quando você a transmite em voz baixa num círculo". Os escritos apócrifos e pseudepígrafos demonstram que muitas coisas foram ditas e escritas sobre Jesus nos quatro primeiros séculos. Parte da informação estava certa, mas outra não. É como se um punhado de pessoas num auditório recebesse a mesma mensagem para passar a todos os demais no recinto. Cada pessoa tinha a liberdade de verificar com outras qual era a mensagem original e verdadeira. Nessas circunstâncias, seria de esperar que a pessoa desejosa de obter a mensagem exata certamente tivesse condições para isso.

France, falando dos escritos não canônicos sobre Jesus, resume:

> Ao avaliarmos quanto valor histórico pode ser atribuído a este material posterior, somos atirados de volta a uma escolha fundamental entre duas abordagens. Uma delas é tomar a evidência do Novo Testamento como nosso ponto de partida (que afinal de contas é indiscutivelmente a mais antiga) e usar o retrato de Jesus que ela oferece como nosso critério para julgar a plausibilidade dos relatos posteriores. Nesse caso, como já notamos, a balança pesa claramente contra qualquer alteração significativa do nosso conhecimento de Jesus, desde que quaisquer dados que não se conformem ao padrão do Novo Testamento serão automaticamente suspeitos.
>
> A outra abordagem é supor que a evidência do Novo Testamento seja igualmente tendenciosa e não confiável, representando uma reinterpretação deliberada de Jesus na direção do que mais tarde se tornou o cristianismo "ortodoxo", e que o Jesus "gnóstico" dos escritos do século 2° é a figura histórica subjacente a essa distorção primitiva. Nesse caso, a busca de "evidência suprimida" se torna

> o meio essencial de progresso em nosso conhecimento do verdadeiro Jesus, a fim de passar além da operação protetora notavelmente bem-sucedida e levada a efeito pelo "partido ortodoxo" vitorioso.
> Esta segunda abordagem é a adotada, de várias formas, por aqueles que estão agora defendendo uma reinterpretação de Jesus como um zelote, um mágico, um praticante da iniciação cúltica esotérica, e assim por diante. (FrR.E 84-85)

É interessante notar que esses autores vão a quase qualquer extremo, a fim de reduzir ou ignorar a confiabilidade histórica dos evangelhos canônicos, que são confirmados por muito maior e melhor evidência, e aceitam entusiasticamente os relatos apócrifos mais questionáveis.

Existe, no entanto, evidência suficiente para merecer a nossa aceitação dos evangelhos canônicos como historicamente confiáveis? A Parte 2 deste livro discute a evidência para a confiabilidade histórica da descrição de Jesus dada no Novo Testamento.

PARTE 2

A CONFIABILIDADE HISTÓRICA DA EVIDÊNCIA DO NOVO TESTAMENTO

6

OS REGISTROS BÍBLICOS SÃO CONFIÁVEIS?

Eu estava fazendo uma palestra na Universidade Estadual do Arizona, e um professor que levara a sua classe de literatura com ele aproximou-se de mim depois de uma preleção "de improviso" ao ar livre. Ele disse: "Sr. McDowell, o senhor está baseando todas as suas afirmações sobre Cristo num documento obsoleto do século 2°. Mostrei à classe hoje como o Novo Testamento foi escrito tanto tempo depois de Cristo que seus registros não podiam ser exatos".

Repliquei: "Suas opiniões e conclusões sobre o Novo Testamento estão vinte e cinco anos atrasadas".

As opiniões desse professor sobre os registros relativos a Jesus encontraram sua fonte nas conclusões de um crítico alemão, F. C. Baur. Baur supôs que a maioria das Escrituras do Novo Testamento não foi escrita senão em fins do século 2° a.D. Ele concluiu que esses escritos se apoiaram basicamente em mitos ou lendas desenvolvidos durante o longo intervalo entre a vida de Jesus e a época em que os relatos foram escritos.

No século 20, porém, descobertas arqueológicas haviam confirmado a exatidão dos manuscritos do Novo Testamento. Descobertas de manuscritos de papiros primitivos (o Manuscrito de John Ryland, 130 a.D.; os Papiros de Chester Beatty, ca. 155 a.D.; e os Papiros de Bodmer, 200 a.D.) cobriram a brecha entre a época de Jesus e os manuscritos existentes de datas posteriores.

Millar Burrows, de Yale diz: "Outro resultado de comparar o grego do Novo Testamento com a linguagem dos papiros (descobertas) foi o aumento da confiança na transmissão correta do texto do Novo Testa-

---

Este capítulo foi adaptado dos capítulos 4,5 e 6 do livro "More Than a Carpenter" ("Mais Que um Carpinteiro") de Josh McDowell (Tyndale House Publishers) e está sendo usado com permissão dos Editores.

mento em si". (BuM.WM 52.) Descobertas desse tipo aumentaram a confiança dos eruditos na credibilidade da Bíblia.

William Albright, em certa época o mais importante arqueólogo bíblico do mundo, escreveu: "Já podemos afirmar enfaticamente que não existe mais nenhuma base sólida para datar qualquer livro do Novo Testamento depois de aproximadamente 80 a.D., duas gerações completas antes da data entre 130 e 150 dada pelos críticos mais radicais do Novo Testamento hoje". (AlW.RD 136) Ele reitera este conceito numa entrevista para a publicação *Christianity Today:* "Em minha opinião, todo livro do Novo Testamento foi escrito por um judeu batizado entre as décadas de 40 e 80 do século 1° a.D. (muito provavelmente entre 50 e 75 a.D.)."[1]

Sir William Ramsay é considerado como um dos maiores arqueólogos que já viveram. Ele era aluno da escola histórica germânica que ensinava que o Livro de Atos era um produto de meados do século 2° a.D. e não do século 1° como pretende ser. Depois de ler as críticas modernas sobre o Livro de Atos, convenceu-se de que não se tratava de um relato fiel dos fatos daquela época (50 a.D.), não merecendo, portanto, a consideração de um historiador. Em sua pesquisa sobre a história da Ásia Menor, Ramsay deu, assim, pouca atenção ao Novo Testamento. Suas investigações o compeliram, porém, eventualmente a considerar os escritos de Lucas. Ele observou a exatidão meticulosa dos detalhes históricos e sua atitude para com o Livro de Atos começou a mudar. Viu-se forçado a concluir que "Lucas é um historiador de primeira classe... este autor deveria ser colocado junto dos maiores historiadores". (RaW.BRD15 222) Em vista da exatidão dos mínimos detalhes, Ramsay finalmente admitiu que Atos não podia ser um documento do século 2°, mas sim, um relato de meados do século 1°.

Muitos eruditos liberais estão sendo obrigados a considerar datas mais antigas para a origem do Novo Testamento. O teólogo britânico e estudioso do Novo Testamento John A. T. Robinson revela algumas conclusões surpreendentemente radicais em seu livro *Redatando o Novo Testamento* ("Redating the New Testament"). Sua pesquisa levou-o a concluir que o Novo Testamento inteiro foi escrito antes da queda de Jerusalém, em 70 a.D. (RoJa.RNT)

"Como um estudioso ocidental das Escrituras", observa o Dr. Peter Stuhlmacher, de Tübingen, "estou inclinado a duvidar dessas histórias (do evangelho), mas como historiador sou obrigado a aceitar a sua credibilidade."[2]

Stuhlmacher confessa hoje que "Os textos bíblicos como se encontram são a melhor hipótese que temos até agora para explicar o que realmente aconteceu."[3]

Os críticos de forma dizem hoje que o material foi transmitido

oralmente até ser escrito no formato dos evangelhos. Embora o período fosse muito mais curto do que se pensava antes, eles ainda concluíram que os relatos do evangelho tomaram a forma de literatura popular (lendas, contos, mitos e parábolas).

Uma das maiores críticas feitas pelos críticos de forma quanto ao conceito do desenvolvimento da tradição oral é que o período de tradição oral (como definido pelos críticos) não foi suficiente para permitir as alterações na tradição. Falando da brevidade do elemento tempo envolvido no preparo do Novo Testamento por escrito, Simon Kistemaker, professor da Bíblia da Dordt College, escreve:

> No geral, o acúmulo de folclore entre povos de cultura primitiva abrange várias gerações; trata-se de um processo gradual que se estende ao longo de séculos. Mas de conformidade com a opinião do crítico de forma, devemos concluir que as histórias do evangelho foram produzidas e colecionadas em pouco mais de uma geração. Em termos da abordagem do crítico de forma, a formação das unidades individuais do evangelho deve ser compreendida como um projeto telescópico com um curso de ação acelerado. (KiS.G 48-49)

A. H. McNeile, ex-Professor Regius de Divindade na Universidade de Dublin, desafia o conceito da tradição oral dos críticos de forma. Ele afirma que os críticos de forma não tratam da tradição das palavras de Jesus tão de perto quanto deveriam. Um olhar cuidadoso para 1 Coríntios 7.10, 12 e 25 mostra a cuidadosa preservação e a existência de uma genuína tradição no registro dessas palavras. Na religião judia era costume o aluno memorizar os ensinamentos do rabino. Um bom aluno era como uma "cisterna caiada que não deixa vazar uma gota" (*Mishna, Aboth*, 2,8). Se confiarmos na teoria de C. F. Burney (em *The Poetry of Our Lord*, 1925), podemos supor que grande parte dos ensinamentos do Senhor são na forma poética em aramaico, facilitando a memorização. (McA.IS 54)

Ao analisar a crítica de forma, Albright escreveu: "Só os estudiosos modernos, a quem falta método e perspectiva históricos, podem tecer uma rede tal de especulação como aquela com que os críticos de forma cercaram a tradição do evangelho". A conclusão de Albright foi que "um período de vinte a cinqüenta anos é muito pequeno para permitir qualquer corrupção apreciável do conteúdo essencial e até do fraseado específico das declarações de Jesus". (AlW.FSA 297-98)

Muitas vezes, quando falo com alguém sobre a Bíblia, as pessoas dizem sarcasticamente que não se pode confiar no que a Bíblia diz. Por quê? Ela foi escrita há quase dois mil anos. Está cheia de erros e discrepâncias. Eu respondo, então, que acredito que **posso** confiar nas Escrituras. A seguir, descrevo um incidente que ocorreu durante uma

palestra numa aula de história. Declarei que eu acreditava haver mais evidência da credibilidade do Novo Testamento do que de quaisquer outras dez peças de literatura clássica juntas. O professor ficou sentado em seu canto, dando uma risadinha irônica, como se dissesse: "Oh, vamos! Pare com isso!"

Exclamei: "Do que está rindo?"

Ele replicou: "Da audácia de declarar numa aula de história que o Novo Testamento é confiável. Isso é ridículo."

Eu até aprecio quando alguém faz uma afirmação desse tipo, porque sempre gosto de fazer esta pergunta (e nunca tive uma resposta positiva): "Diga-me, como historiador, quais são os testes que o senhor aplica a qualquer peça literária de história para determinar se ela é exata ou confiável?"

O surpreendente é que ele não fazia nenhum teste.

Continuei: "Tenho alguns testes".

Acredito que a confiabilidade histórica das Escrituras deveria ser testada com os mesmos critérios usados para todos os documentos históricos. O historiador militar C. Sanders lista e explica os três princípios básicos da historiografia. São eles: (1) teste bibliográfico; (2) teste da evidência interna; e (3) teste da evidência externa. (SaC.IR 143ss)

TESTE BIBLIOGRÁFICO

O teste bibliográfico é um exame da transmissão textual pela qual os documentos chegam até nós. Em outras palavras, não estando de posse dos documentos originais, quão confiáveis são as cópias que temos em relação ao número de manuscritos (MSS) e o intervalo de tempo entre o original e a cópia existente?

Podemos apreciar a tremenda riqueza de manuscritos com autoridade do Novo Testamento, comparando-os com o material textual de outras fontes notáveis e antigas.

Temos acesso à história de Tucídides (460-400 a.C.), mediante apenas oito MSS datados de cerca de 900 a.D., quase mil e trezentos anos depois de ele tê-la escrito. Os MSS da história de Heródoto são também recentes e escassos; todavia, como F. F. Bruce responde: "Nenhum erudito clássico daria atenção a um argumento de que a autenticidade de Heródoto ou Tucídides é posta em dúvida, porque os primeiros manuscritos de suas obras úteis para nós têm mais de mil e trezentos anos a mais que os originais. (BrF.NTD 16ss)

Aristóteles escreveu suas obras de ficção cerca de 343 a.C., mas a cópia mais antiga que temos é datada de 1100 a.D., um intervalo de quase mil e quatrocentos anos, e apenas cinco MSS sobreviveram.

César compôs sua história das Guerras Gaulesas entre 58 e 50 a.C.

e a autoridade do seu manuscrito se apóia em nove ou dez cópias datadas de mil anos após a sua morte.

Quando se trata da autoridade do manuscrito do Novo Testamento, a abundância de material é quase embaraçosa em contraste. Depois das primeiras descobertas dos manuscritos em papiro que cobriram o intervalo entre os dias de Jesus e o século 2°, uma abundância de outros MSS veio à luz. Mais de 22 mil cópias de manuscritos do Novo Testamento existem hoje. A *Ilíada* tem 643 MSS e é a segunda em autoridade de manuscrito depois do Novo Testamento.

Sir Frederic Kenyon, que foi diretor e principal bibliotecário do Museu Britânico, que se equipara aos melhores como autoridade em apresentar declarações sobre manuscritos, concluiu:

> O intervalo entre as datas da composição original e a primeira evidência existente se torna tão pequeno que acaba sendo de fato ínfimo, e o único fundamento para qualquer dúvida de que as Escrituras chegaram até nós praticamente como foram escritas foi agora removido. Tanto a autenticidade como a integridade dos livros do Novo Testamento de forma geral podem ser consideradas como finalmente estabelecidas. (KeF.BA 288-89)

O erudito do Novo Testamento Grego, J. Harold Greenlee, acrescenta:

> Desde que os estudiosos aceitam como geralmente confiáveis os escritos dos clássicos antigos, embora os primeiros MSS tivessem sido escritos tanto tempo depois dos originais, e do número de MSS existentes ser em muitos casos bastante pequeno, fica claro que a credibilidade do texto do Novo Testamento é da mesma forma assegurada. (GrJ.I 16)

A aplicação do teste bibliográfico ao Novo Testamento nos assegura que seu manuscrito tem mais autoridade do que qualquer peça literária antiga. Acrescentando a essa autoridade os mais de cem anos de crítica textual intensiva do Novo Testamento, podemos concluir que o texto autêntico do Novo Testamento foi estabelecido.

TESTE DE EVIDÊNCIA INTERNA

O teste bibliográfico determinou apenas que o texto que temos agora é essencialmente aquele originalmente registrado. Torna-se necessário determinar ainda se esse registro escrito é confiável e até que ponto. Esse é o problema da crítica interna; ou seja, o segundo teste de historicidade citado por C. Sanders.

Neste ponto, o crítico literário continua a seguir a máxima de

Aristóteles: "O benefício da dúvida deve ser dado ao documento propriamente dito e não usurpado pelo crítico, aplicando-o a si mesmo."[4] Em outras palavras, como resume John W. Montgomery: "É preciso ouvir as reivindicações do documento que está sendo analisado e não supor fraude ou erro, a não ser que o autor venha a desqualificar-se mediante contradições ou inexatidões factuais conhecidas."[5]

O Dr. Louis Gottschalk, ex-professor de história na Universidade de Chicago, esboça seu método histórico num guia usado para várias investigações históricas. Gottschalk ressalta que a capacidade do escritor ou testemunha em falar a verdade é útil ao historiador para determinar a credibilidade "mesmo que esteja contida num documento obtido por meio de força ou fraude, ou que seja de qualquer outra forma contestável, ou se baseie em evidência por ouvir dizer, ou de uma testemunha interessada." (GoL.UH 150,161,168)

Esta "capacidade para falar a verdade" está ligada de perto com a proximidade geográfica ou cronológica da testemunha aos eventos registrados. Os relatos do Novo Testamento sobre a vida e os ensinos de Jesus foram registrados por homens que haviam sido testemunhas oculares ou que relataram as descrições de testemunhas oculares dos eventos ou ensinos de Jesus.

> Lucas 1.1-3: Visto que muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram, conforme nos transmitiram os que desde o princípio foram deles testemunhas oculares, e ministros da palavra, igualmente a mim me pareceu bem, depois de acurada investigação de tudo desde sua origem, dar-te por escrito, excelentíssimo Teófilo, uma exposição em ordem.
>
> 2 Pedro 1.16: Porque não vos demos a conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas engenhosamente inventadas, mas nós mesmos fomos testemunhas oculares da Sua majestade.
>
> 1 João 1.3: O que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros, para que vós igualmente mantenhais comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo.
>
> João 19.35: Aquele que isto viu, testificou, sendo verdadeiro o seu testemunho; e ele sabe que diz a verdade, para que também vós creiais.
>
> Lucas 3.1: No décimo quinto ano do reinado de Tibério César, sendo Pôncio Pilatos governador da Judéia, Herodes tetrarca da Galiléia, seu irmão Filipe tetrarca da região da Ituréia e Traconites, e Lisânias tetrarca de Abilene...

Esta proximidade dos relatos registrados é um meio extremamente eficaz de verificar a exatidão do que é retido por uma testemunha. O

historiador, porém, deve também tratar com testemunhas oculares que consciente ou inconscientemente contam mentiras, embora estejam próximas do evento e sejam competentes para dizer a verdade.

Os relatos do Novo Testamento sobre Jesus começaram a circular enquanto ainda viviam alguns contemporâneos dele. Essas pessoas podiam certamente confirmar ou negar a exatidão dos relatos. Ao defenderem o evangelho, os apóstolos haviam apelado (mesmo ao confrontarem seus mais severos oponentes) para o conhecimento comum a respeito de Jesus. Eles não só disseram: "Olhem, vimos isto"; ou "Ouvimos aquilo"; mas em adição eles viraram o feitiço contra o feiticeiro e disseram diante dos críticos antagônicos: "Vocês também sabem dessas coisas...Vocês as viram; estão a par delas". É preciso cuidado ao dizer a um opositor "Você também sabe disto", porque se não estiver certo nos detalhes, vai perder o argumento.

> Atos 2.22: Varões israelitas, atendei a estas palavras: Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós, com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou por intermédio dele entre vós, como vós mesmo sabeis.
>
> Atos 26.24-28: Dizendo ele estas cousas em sua defesa, Festo o interrompeu em alta voz: Estás louco, Paulo; as muitas letras te fazem delirar. Paulo, porém, respondeu: Não estou louco, ó excelentíssimo Festo; pelo contrário, digo palavras de verdade e de bom senso. Porque tudo isto é do conhecimento do rei, a quem me dirijo com franqueza, pois estou persuadido de que nenhuma destas cousas lhe é oculta; porquanto nada se passou aí, nalgum recanto.

Com respeito ao valor de fonte primária dos registros do Novo Testamento, F. F. Bruce, ex-Professor de Crítica Bíblica e Exegese de Rylands, na Universidade de Manchester, diz:

> Os primeiros pregadores não tiveram apenas de considerar as testemunhas oculares amigas; havia outras bem menos dispostas que também conheciam os fatos principais do ministério e da morte de Jesus. Os discípulos não podiam arriscar inexatidões (sem falar da manipulação deliberada dos fatos), as quais seriam imediatamente expostas por aqueles que teriam prazer em fazê-lo. Pelo contrário, um dos pontos fortes da pregação apostólica original é o apelo confiante ao conhecimento dos ouvintes. Eles não só disseram: "Somos testemunhas das coisas", mas também: "Como vós mesmos sabeis" (At 2.22). Se houvesse alguma tendência para desviar-se dos fatos em qualquer aspecto material, a possível presença de testemunhas hostis na audiência serviria como um outro corretivo. (BrF.NTD 16ss,33)

Lawrence J. McGinley da Faculdade Saint Peter comenta sobre o

valor das testemunhas hostis com relação aos eventos registrados:

> Em primeiro lugar, as testemunhas oculares dos eventos em questão ainda estavam vivas quando a tradição se formou completamente; e entre essas testemunhas oculares havia fortes inimigos do novo movimento religioso. Todavia, a tradição afirmava narrar uma série de feitos bem conhecidos e doutrinas publicamente ensinadas numa época em que falsas declarações podiam ser e seriam desafiadas. (McL.FC 25)

O erudito do Novo Testamento Robert Grant, da Universidade de Chicago, conclui:

> Na ocasião em que eles (os evangelhos sinópticos) foram escritos ou se supõe que foram escritos, havia testemunhas oculares e o seu testemunho não foi completamente desconsiderado ... Isto significa que os evangelhos devem ser tidos como testemunhas bastante confiáveis quanto à vida, morte e ressurreição de Jesus. (GraR.HI 302)

O historiador Will Durant, que passou a vida analisando registros antigos, diz que a evidência literária indica a autenticidade histórica do Novo Testamento:

> Apesar das prevenções e preconceitos teológicos dos evangelistas, eles registram muitos incidentes que simples inventores teriam ocultado — a competição entre os apóstolos para obter lugares de destaque no Reino, sua fuga depois da prisão de Jesus, a negação de Pedro, a falha de Cristo em operar milagres na Galiléia, as referências de alguns ouvintes quanto à sua possível insanidade, sua incerteza inicial quanto à sua missão, suas confissões de ignorância quanto ao futuro, seus momentos de amargura, seu grito desesperado na cruz; ninguém que leia essas cenas pode duvidar da realidade da figura por trás delas. Que um punhado de homens simples pudesse em uma geração ter inventado uma personalidade tão poderosa e cativante, tão sublime e ética, e uma visão de fraternidade humana tão inspiradora, seria um milagre muito mais incrível do que qualquer outro registrado nos evangelhos. Depois de dois séculos de alta crítica, os traços da vida, caráter e ensinamentos de Cristo permanecem razoavelmente claros e constituem a característica mais fascinante na história do homem ocidental. (DuW.SC 3:557)

TESTE DE EVIDÊNCIA EXTERNA

O terceiro teste de historicidade é o da evidência externa — quer outro material histórico confirme ou negue o testemunho interno dos documentos em si. Em outras palavras, que fontes existem, além da

literatura sendo analisada, que consubstancie a sua exatidão, confiabilidade, e autenticidade?

Gottschalk argumenta que a "*conformidade* ou *acordo* com outros fatos históricos ou científicos conhecidos é, no geral, o teste decisivo da evidência, seja de uma ou mais testemunhas". (GoL.UH/50 168)

Dois amigos do apóstolo João confirmam a evidência interna dos relatos de João. O historiador Eusébio, como anteriormente citado, preservou escritos de Papias, bispo de Hierápolis (130 a.D.):

> O Presbítero (apóstolo João) costumava dizer também isto: "Marcos, tendo sido o intérprete de Pedro, escreveu cuidadosamente tudo o que ele (Pedro) mencionou, quer afirmações quer feitos de Cristo; mas não, porém, em ordem. Pois ele não foi ouvinte nem companheiro do Senhor; mas depois, como eu disse, acompanhou Pedro, que adaptou seus ensinos conforme necessário, e não como se estivesse fazendo uma compilação das declarações do Senhor. Marcos não cometeu, então, nenhum erro, escrevendo dessa forma algumas coisas quando ele as mencionava; pois atentou nisto: não omitir coisa alguma ouvida, não incluir quaisquer falsos testemunhos."[6]

Irineu, Bispo de Lyons, 180 a.D., era aluno de Policarpo, Bispo de Esmirna (que fora cristão durante 86 anos e era discípulo do apóstolo João), escreveu:

> Mateus publicou seu evangelho entre os hebreus (isto é, judeus) na própria língua deles, quando Pedro e Paulo estavam pregando o evangelho em Roma e fundando ali a igreja. Depois da partida deles (isto é, morte, que uma forte tradição situa na época da perseguição de Nero, em 64), Marcos, o discípulo e intérprete de Pedro, ele mesmo nos entregou por escrito a substância da pregação de Pedro. Lucas, seguidor de Paulo, colocou num livro o evangelho pregado por seu mestre. João, o discípulo do Senhor, que também se inclinou em seu peito (esta é uma referência a João 13.25 e 21.20), por sua vez produziu o seu evangelho, enquanto vivia em Éfeso, na Ásia.[7]

A arqueologia freqüentemente fornece evidência externa extremamente poderosa. Ela contribui para a crítica bíblica, não na área de inspiração e revelação, mas fornecendo evidência da exatidão dos eventos registrados. O arqueólogo Joseph Free escreve: "A arqueologia confirmou inúmeras passagens rejeitadas por críticos como sendo não históricas ou contraditórias aos fatos conhecidos." (FrJP.A 1)

Já vimos como a arqueologia levou Sir William Ramsay a mudar suas convicções inicialmente negativas sobre a historicidade de Lucas e chegar à conclusão de que o Livro de Atos estava correto em sua descrição da geografia, origens, e sociedade da Ásia Menor.

F. F. Bruce nota: "Onde Lucas foi suspeito de inexatidão, e a exatidão foi vindicada por alguma evidência de inscrição (externa), pode ser legítimo dizer que a arqueologia confirmou o registro do Novo Testamento." (BrF.AC 331)

A. N. Sherwin-White, um historiador versado nos clássicos, escreve que "para Atos a confirmação da historicidade é esmagadora". Ele continua dizendo que "qualquer tentativa de rejeitar a sua historicidade básica, até mesmo em questões de detalhe, parece agora absurda. Os historiadores romanos há muito o tomaram como certo." (ShA.RS 189)

Depois de tentar pessoalmente, por ser também um cético, destruir a historicidade e validade das Escrituras, tive de concluir que elas são historicamente dignas de crédito. Se alguém puser a Bíblia de lado por não ter credibilidade neste sentido, deverá, então, desconsiderar quase toda a literatura da antigüidade. Um problema que enfrento constantemente é o desejo da parte de muitos de aplicarem um padrão ou teste para a literatura secular e outro para a Bíblia. Precisamos aplicar o mesmo teste, quer a literatura sob investigação seja secular ou religiosa. Tendo feito isto, creio que podemos dizer: "A Bíblia é digna de crédito e historicamente confiável em seu testemunho a respeito de Jesus".

O Dr. Clark H. Pinnock afirma:

> Não existe outro documento do mundo antigo confirmado por tão excelente grupo de testemunhos textuais e históricos e oferecendo tão soberba lista de dados históricos sobre os quais uma decisão inteligente possa ser feita. Uma (pessoa) honesta não poderá descartar uma fonte deste tipo. O ceticismo com relação às credenciais históricas do cristianismo se baseia num preconceito irracional (isto é, anti-sobrenatural). (PiC.SF 58)

QUEM MORRERIA POR UMA MENTIRA?

Um aspecto muitas vezes negligenciado nos desafios ao cristianismo é a transformação dos apóstolos de Jesus. Suas vidas transformadas oferecem um testemunho sólido da validade de suas reivindicações. Desde que a fé cristã é histórica, para investigá-la devemos confiar pesadamente no testemunho, tanto escrito quanto oral.

Existem muitas definições de "história", mas a que eu prefiro é esta: "conhecimento do passado baseado em testemunho". Se alguém disser: "Não acho que essa seja uma boa definição", eu pergunto: "Você acredita que Napoleão viveu?"

Ele quase sempre responde: "Sim".

"Você o viu?" pergunto, e ele confessa que não.

"Como sabe, então?" Bem, está confiando nos testemunhos.

Esta definição particular de história contém um problema inerente. O testemunho deve ser confiável; caso contrário, o ouvinte ficará desinformado. O cristianismo envolve conhecimento do passado que se apóia sobre testemunho; e, portanto, devemos agora perguntar: "Os primeiros testemunhos orais sobre Jesus eram dignos de crédito? Podemos confiar que eles transmitiram corretamente o que Jesus disse e fez?" Eu creio que sim.

Posso confiar nos testemunhos dos apóstolos porque, daqueles doze homens, onze morreram como mártires com base em duas coisas: (1) a ressurreição de Jesus; e (2) sua crença nele como o Filho de Deus. Tradição confiável mostra que eles foram torturados e açoitados e que enfrentaram finalmente a morte mediante alguns dos métodos mais cruéis então conhecidos:

1. Pedro — crucificado
2. André — crucificado
3. Mateus — pela espada
4. João — morte natural
5. Tiago, filho de Alfeu — crucificado
6. Filipe — crucificado
7. Simão — crucificado
8. Tadeu — morto a flechadas
9. Tiago, irmão de Jesus — apedrejado
10. Tomé — traspassado com uma lança
11. Bartolomeu — crucificado
12. Tiago, filho de Zebedeu — pela espada

A resposta geralmente dada em coro é esta: "Uma porção de gente já morreu por causa de uma mentira; o que isso prova?"

É verdade, muitos morreram por uma mentira, mas eles julgavam que era verdade. Se, porém, a ressurreição não aconteceu (isto é, era falsa), os discípulos sabiam disso. Não encontro meios para demonstrar que eles podiam ter sido enganados. Portanto, esses onze homens não só morreram por uma mentira — e aqui está o problema — eles sabiam que era mentira. Seria difícil encontrar onze pessoas na história que morressem por uma mentira, sabendo que se tratava de mentira.

Precisamos ter conhecimento de vários fatores, a fim de apreciar o que eles fizeram. **Primeiro**, como já vimos, quando os apóstolos escreveram ou falaram, fizeram isso como testemunhas oculares dos eventos descritos.

O conteúdo principal das declarações dessas testemunhas oculares se referia à ressurreição. Os apóstolos foram testemunhas da vida ressurreta de Jesus.

Lucas 24.48	Atos 5.32	Atos 26.16
João 15.27	Atos 10.39	1 Coríntios 15.4-9
Atos 1.8	Atos 10.41	1 Coríntios 15.15
Atos 2.24,32	Atos 13.31	1 João 1.2
Atos 3.15	Atos 22.15	
Atos 4.33	Atos 23.11	

Segundo, os próprios apóstolos tiveram de ser convencidos de que Jesus ressuscitara dentre os mortos. No princípio, não haviam crido. Fugiram e se esconderam (Mc 14.50). Eles não hesitaram em expressar suas dúvidas. Só depois de evidência ampla e convincente eles passaram a crer. Tomé, por exemplo, disse que não creria que Jesus ressuscitara, enquanto não colocasse o dedo no sinal dos pregos. Tomé morreu mais tarde como mártir por Jesus. Ele foi enganado? Ele perdeu a vida para mostrar que não.

Temos também Pedro. Ele negou Jesus várias vezes durante o julgamento deste e finalmente desertou. Mas alguma coisa aconteceu com esse covarde. Pouco tempo depois da crucificação e sepultamento de Jesus, Pedro apareceu em Jerusalém, embora ameaçado de morte, pregando ousadamente que Jesus era o Cristo e havia ressuscitado. Pedro foi finalmente crucificado de cabeça para baixo. Será que ele foi enganado? O que o transformou tão dramaticamente num leão corajoso para Jesus? Por que estava disposto a morrer por ele? A única explicação que me satisfaz é 1 Coríntios 15.5 — "E apareceu a Cefas (Pedro)" (Jo 1.42).

O exemplo clássico de alguém convencido contra a sua vontade foi o de Tiago, o irmão de Jesus (Mt 13.55; Mc 6.3). Embora Tiago não fosse um dos doze apóstolos originais (Mt 10.2-4), ele veio a ser mais tarde reconhecido como apóstolo (Gl 1.19), como aconteceu com Paulo e Barnabé (At 14.14). Enquanto Jesus estava vivo, Tiago não acreditava em seu irmão (Jo 7.5). Ele, assim como seus outros irmãos e irmãs, podem ter até zombado de Jesus: "Quer que as pessoas creiam em você? Por que não vai para Jerusalém e mostra o que sabe fazer?" Deveria ter sido humilhante para Tiago ver Jesus andando pelas redondezas e ridicularizando o nome da família com suas afirmações estranhas ("Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim" — João 14.6; "Eu sou a videira, vós os ramos" — João 15.5; "Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim" — Jo 10.14). O que *você* diria se o seu irmão afirmasse coisas desse tipo?

Mas algo aconteceu com Tiago. Depois de Jesus ser crucificado e sepultado, Tiago apareceu pregando em Jerusalém. Sua mensagem dizia que Jesus morreu por causa dos pecados, havia ressuscitado, e estava vivo. Tiago veio a tornar-se mais tarde um dos líderes da igreja

de Jerusalém e escreveu um livro, a epístola de Tiago. Ele começou a carta, dizendo: "Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo, seu irmão". Tiago morreu eventualmente como mártir, apedrejado pelas mãos do sumo sacerdote Ananias (Josefo). Tiago foi enganado? Não, a única explicação plausível é 1 Coríntios 15.7 — "Depois foi visto por Tiago".

Se a ressurreição era uma mentira, os apóstolos sabiam disso. Estariam eles perpetuando um embuste colossal? Essa possibilidade é inconsistente com o que sabemos sobre suas vidas. Eles condenavam pessoalmente a mentira e salientavam a honestidade. Encorajavam as pessoas a conhecerem a verdade. O historiador Edward Gibbon, em sua famosa obra, *História do Declínio e Queda do Império Romano* ("The History of the Decline and Fall of the Roman Empire"), apresenta a "moral mais pura, porém austera dos primeiros cristãos" como uma das cinco principais razões para o rápido sucesso do cristianismo. Michael Green, reitor da St. John's College, de Nottingham, observa que a ressurreição

> foi uma crença que transformou os seguidores abatidos de um rabino crucificado em testemunhas corajosas e mártires da primeira igreja. Esta foi uma crença que separou os seguidores de Jesus dos judeus e os transformou na comunidade da ressurreição. Era possível prendê-los, açoitá-los e matá-los, mas ninguém conseguia fazê-los negar a sua convicção de que "no terceiro dia ele ressuscitou." (PaGE.IBR, Prefácio do Editor)

Terceiro, a conduta destemida dos apóstolos imediatamente depois de convencidos da ressurreição torna improvável que tudo não passasse de uma fraude. Pedro, que negara Jesus, levantou-se — mesmo sob ameaça de morte — e proclamou que Jesus estava vivo depois da ressurreição. As autoridades prenderam os seguidores de Jesus e os açoitaram, todavia, em breve estavam de volta às ruas falando sobre ele (At 5.40-42). Seus amigos notaram seu entusiasmo e seus inimigos notaram sua coragem. Eles também não pregaram em cidades obscuras, mas em Jerusalém.

Os seguidores de Jesus não podiam ter enfrentado a tortura e a morte, a não ser que estivessem convencidos da ressurreição dele. A unanimidade de sua mensagem e curso de ação eram surpreendentes. As possibilidades de qualquer grupo grande entrar em acordo são mínimas; todavia, todos eles concordaram quanto à verdade da ressurreição. Seria difícil explicar como nenhum se acovardou diante da pressão, se fossem realmente embusteiros.

Pascal, filósofo francês, escreve:

> A afirmação de que os apóstolos eram impostores é absolutamente absurda. Vamos seguir a acusação até a sua

> conclusão lógica: Imaginemos doze homens se reunindo após a morte de Jesus Cristo e entrando numa conspiração para dizer que Ele ressuscitou. Isso teria constituído um ataque tanto sobre as autoridades civis como religiosas. O coração do homem é estranhamente dado à volubilidade e mudança; ele é arrastado por promessas, tentado por coisas materiais. Se qualquer desses homens tivesse cedido a tentações tão sedutoras, ou se submetido aos argumentos mais fortes da prisão (ou) tortura, todos estariam perdidos. (Citado em GIR.EP 187)

"Como eles se transformaram quase da noite para o dia", pergunta Michael Green, "no bando indômito de entusiastas que enfrentaram a oposição, cinismo, ridículo, dificuldades, prisão e morte em três continentes, enquanto pregavam em toda a parte Jesus e a ressurreição?" (GreM.MA 23-24)

Um dos grandes historiadores da igreja que já viveu, Kenneth Scott Latourette, a princípio missionário na China, mais tarde professor na Universidade de Yale até 1953, escreveu:

> Os efeitos da ressurreição e da vinda do Espírito Santo sobre os discípulos foram... da maior importância. De homens e mulheres desanimados, desiludidos, que olhavam com tristeza para os dias passados quando esperavam que Jesus "fosse aquele que remiria Israel", eles se transformaram num grupo de testemunhas entusiasmadas. (LaK.HC I:59)

Escritor, professor e ativista cristão, Paul Little pergunta: "Esses homens, que ajudaram a transformar a estrutura moral da sociedade, eram mentirosos contumazes ou insensatos ludibriados? Essas alternativas são mais difíceis de acreditar do que o fato da ressurreição, e não há um traço sequer de evidência para apoiá-las." (LiP.KW 63)

A firmeza dos apóstolos até a morte não pode ser diminuída. Segundo a Enciclopédia Britânica, Orígenes registra a crucificação de Paulo de cabeça para baixo. O erudito inglês, Herbert Workman, descreve a morte de Pedro:

> Pedro, como dissera o Senhor, foi "cingido" por outrem e "levado" para morrer, ao longo da Via Aureliana, até um lugar junto aos jardins de Nero no monte Vaticano, onde tantos de seus irmãos já haviam sofrido morte cruel. A seu pedido, ele foi crucificado de cabeça para baixo, por julgar-se indigno de sofrer como o seu Mestre. (WoH.MEC 18-19)

Tertuliano escreveu que "ninguém estaria disposto a morrer, a não ser que soubesse que estava de posse da verdade". (FoG.TT 12)

O Dr. Simon Greenleaf, ex-Professor Régio de Direito da Universidade de Harvard e autor de uma série de três volumes sobre leis de

evidência legal, tendo ensinado durante anos como extrair a verdade de uma testemunha e determinar se ela estava ou não mentindo, observou que

> os anais da guerra militar têm poucos exemplos de constância heróica, paciência e coragem persistente. Eles tinham todos os motivos possíveis para revisar cuidadosamente as bases da sua fé e as evidências dos grandes fatos e verdades que afirmavam. (GrS.ET 29)

Os apóstolos passaram pelo teste da morte para confirmar as suas proclamações. Creio que posso confiar mais em seu testemunho do que no da maioria das pessoas que encontro hoje, as quais não estão dispostas a atravessar a rua pelo que crêem, muito menos morrer por causa disso.

DE QUE VALE UM MESSIAS MORTO?

Muitas pessoas morreram por uma boa causa. Observe o estudante em San Diego que pôs fogo em seu corpo e queimou até morrer em protesto contra a guerra do Vietnã. Na década de 60, inúmeros budistas incendiaram suas vestes e morreram queimados, a fim de chamar a atenção do mundo para o Sudoeste da Ásia.

O problema com os apóstolos é que a sua boa causa morreu na cruz. Eles criam que Jesus era o Messias. Estavam convencidos de que ele iria estabelecer o reino de Deus e reinar sobre o povo de Israel. Eles não pensavam que pudesse morrer.

A fim de entender o relacionamento dos apóstolos com Jesus e compreender por que a cruz era tão incompreensível para eles, você precisa ter uma idéia de qual era a atitude sobre o Messias naquela época.

A vida e os ensinamentos de Jesus estavam em enorme conflito com a especulação messiânica judia daqueles dias. Desde a infância, o judeu era ensinado que, quando o Messias chegasse ele seria um líder político de personalidade forte e vigorosa. Ele libertaria os judeus do cativeiro e restauraria Israel ao seu lugar de direito. Um Messias sofredor estava "completamente fora das cogitações judias sobre o messiado."[8]

E. F. Scott, ex-Professor de Teologia Bíblica no Seminário Teológico Union, em Nova Iorque, faz seu relato do cenário histórico nos dias de Jesus:

> Aqueles eram dias de intensa excitação. Os líderes religiosos achavam quase impossível restringir o ardor do povo, que aguardava em todo o lugar pelo aparecimento do Salvador prometido. Esta disposição de expectativa tinha sido, sem dúvida, aumentada pelos eventos da história recente.

> Por mais de uma geração, os romanos estavam reprimindo a liberdade dos judeus e suas medidas de repressão haviam estimulado o espírito de patriotismo, no sentido de uma vida mais ardente. O sonho de um livramento milagroso e de um rei messiânico que iria efetuar essa libertação, assumia um novo significado naquele momento crítico; mas isso em si não era novidade nenhuma. Por trás do fermento, do qual temos evidência nos evangelhos, podemos distinguir um longo período de crescente expectativa.
>
> Para o público em geral, o Messias permanecia o que fora para Isaías e seus contemporâneos — o Filho de Davi que traria vitória e prosperidade à nação judia. À luz das referências dos evangelhos, não se pode praticamente duvidar de que o conceito popular sobre o Messias era principalmente nacional e político. (ScEF.KM 55)

O erudito judeu, Joseph Klausner, escreve: "O Messias tornou-se cada vez mais um governante político preeminente e também um homem de qualidades morais preeminentes". (KlJ.MI 23)

Jacob Gartenhaus reflete as crenças judias prevalentes da época: "Os judeus aguardavam o Messias como aquele que os livraria da opressão romana... a esperança messiânica era basicamente de uma libertação nacional." (GaJ.JCM 8-10)

A *Enciclopédia Judaica* declara que os judeus "ansiavam pelo Salvador prometido da casa de Davi, que os libertaria do jugo do odiado usurpador estrangeiro, poria fim ao ímpio reinado romano, e estabeleceria Seu próprio reino de paz e justiça em lugar dele."[9]

Naquela ocasião, os judeus estavam encontrando refúgio nesse Messias prometido. Os apóstolos tinham as mesmas crenças que o povo ao seu redor. Como Millar Burrows afirmou: "Jesus era tão diferente de tudo que os judeus esperavam do filho de Davi que Seus próprios discípulos acharam quase impossível ligar a idéia do Messias com Ele." (BuM.ML/S 68) As graves comunicações feitas por Jesus sobre a sua crucificação não foram bem aceitas pelos seus discípulos (Lc 9.22). Parece "ter havido uma esperança", observa o teólogo escocês A. B. Bruce,

> de que a sua visão das coisas fosse muito sombria, e a sua preocupação não tivesse fundamento... um Cristo crucificado era um escândalo e uma contradição para os apóstolos; assim como continuou sendo para a maioria do povo judeu depois de o Senhor ter ascendido à glória. (BrA.TT 177)

É possível perceber no Novo Testamento a atitude dos apóstolos para com Jesus: Eles esperavam um Messias que reinasse. Depois de Jesus ter dito aos apóstolos que deveria ir a Jerusalém e sofrer, Tiago e

João lhe pediram para prometer que no seu reino eles sentariam à sua direita e à sua esquerda (Mc 10.32-38). Que tipo de Messias estavam esperando? Um Messias crucificado? Não, um governante político. Jesus indicou que eles haviam entendido mal o que lhe cabia fazer; não sabiam o que estavam pedindo. Quando Jesus preconizou a sua crucificação, os doze apóstolos não conseguiram entender o sentido de suas palavras (Lc 18.31-34). Em vista de seu ambiente e treinamento, eles criam que participavam de uma coisa boa. Mas veio, então, o Calvário. Todas as suas esperanças foram por água abaixo. Eles voltaram para casa profundamente desanimados.

O Dr. George Eldon Ladd, professor do Novo Testamento no Seminário Teológico Fuller, escreve:

> Também por isto os discípulos o abandonaram quando foi preso. A mente deles estava tão completamente imbuída com a idéia de um Messias vencedor cujo papel era subjugar os inimigos que, quando o viram lacerado e sangrando sob os açoites, um prisioneiro indefeso nas mãos de Pilatos, e quando o viram ser levado embora, pregado numa cruz, para morrer como um criminoso comum, todas as esperanças messiânicas quanto a Jesus desmoronaram. Um fato psicológico verdadeiro é que ouvimos somente aquilo que estamos preparados para ouvir. As predições de Jesus quanto ao seu sofrimento e morte caíram em ouvidos moucos. Os discípulos, apesar de sua advertência, não estavam preparados para isso. (LaGE.IBR 38)

Mas algumas semanas depois da crucificação, em contraste com as suas dúvidas anteriores, os discípulos se achavam em Jerusalém proclamando Jesus como Salvador e Senhor, o Messias. A única explicação plausível que posso ver para esta mudança é 1 Coríntios 15.5 — "(Ele) apareceu... aos doze". De que outro modo os discípulos desanimados poderiam se dispor a sofrer e morrer por um Messias crucificado? Ele certamente "se apresentou vivo, com muitas provas incontestáveis, aparecendo-lhes durante quarenta dias" (At 1.3).

É verdade, muitos morreram por uma boa causa; mas, para os apóstolos, a boa causa propriamente dita morrera na cruz. Só a sua ressurreição e resultante contato com seus seguidores os convenceria de que Jesus era o Messias. E eles testificaram quanto a isto, não só com os seus lábios e suas vidas, mas também com a sua morte.

7

ALTA CRÍTICA: QUÃO "SEGUROS" SÃO OS RESULTADOS?

Numa série recente de televisão, *Jesus: A Evidência*, uma imagem de gesso de um Jesus tradicional "cara descorada" (completo com cabelos longos e ondulados) foi mostrada repetidamente — explodindo — em câmara lenta. A mensagem básica da série era que a erudição moderna destruiu o Jesus tradicional do cristianismo.

O Jesus que viveu na história com toda a certeza não era realmente o personagem submisso e manso muitas vezes retratado na literatura religiosa. Muitos críticos modernos, porém, ultrapassaram essas distorções culturais e coletivamente aboliram todas as referências históricas a Jesus nos relatos dos evangelhos.

Não seria de esperar que a nossa melhor fonte de conhecimento a respeito de Jesus fossem aqueles que o conheceram ou ouviram sobre ele através de testemunhas oculares? Esperaríamos, então, que o conhecimento mais detalhado dele estivesse no Novo Testamento, especificamente nos quatro evangelhos.

Nos últimos séculos, todavia, vários estudiosos questionaram a credibilidade histórica da descrição de Jesus no Novo Testamento. Eles chamam a base do seu ceticismo de "resultados seguros da alta crítica". Quase todas as "Vidas de Jesus" populares e eruditas no mercado hoje se apóiam nos resultados obtidos por esses componentes da alta crítica.

A alta crítica ocorre de várias formas e tem sido promovida principalmente pelos eruditos alemães. Em tempos recentes, sua influência dominou as reportagens da mídia popular sobre os temas bíblicos.

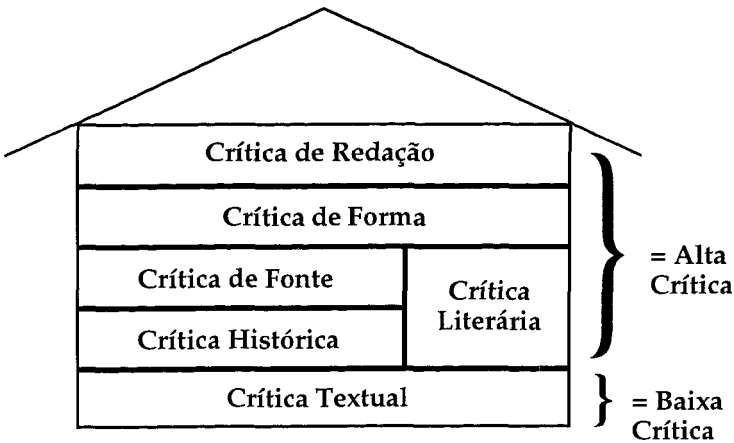
O que é a alta crítica? Quais são as suas divisões e características? De que maneira ela afeta o nosso conhecimento de Jesus como um personagem histórico?

O assunto é amplo, mas a seguinte condensação e avaliação de várias características principais da alta crítica devem ajudar a responder às indagações quanto à descoberta de o Jesus histórico ter-se tornado uma tarefa impossível para o crítico desse nível.

O QUE É A ALTA CRÍTICA

A alta crítica é uma divisão da crítica bíblica. O Dicionário Bíblico de Harper define a crítica bíblica como "o estudo e investigação dos escritos bíblicos que busca fazer juízos criteriosos e penetrantes sobre esses escritos."[1] O seu propósito é ser imparcial.

A crítica bíblica pode ser dividida em baixa e alta crítica, como indicado nesta tabela:



A baixa crítica é identificada com a crítica textual, já que esta é fundamental para todas as outras formas de crítica bíblica. A crítica textual busca determinar as palavras originais do texto bíblico, especialmente porque não temos os documentos originais (chamados "autógrafos"). Quem quer que saiba ler se envolve em crítica textual. Se, por exemplo, você notar um erro tipográfico enquanto lê esta página, corrigirá o erro em sua mente, sabendo que não foi originalmente essa a intenção dos autores. Este processo constitui essencialmente a crítica textual.

Ao edificar sobre a baixa crítica ou crítica textual, a alta crítica usa outros meios para avaliar o texto que a baixa crítica estabelece como a versão mais autêntica do original. Assim sendo, como na construção de uma casa, a alta crítica constrói sobre o fundamento estabelecido pela baixa crítica.

A alta crítica pode ser dividida em duas disciplinas abrangentes: crítica histórica e crítica literária. (McJ.ME/81)[2] A crítica literária busca analisar o texto como uma peça acabada de literatura. Ela avalia o sentido das palavras, a gramática e o estilo do texto. Também busca determinar o significado do texto e tem sido usada para especular sobre

o cenário, a situação vivencial e as circunstâncias do escritor. A crítica histórica estuda o cenário histórico que cerca a composição do texto. Ela busca responder a perguntas, tais como: (1) Quando e onde foi escrito? (2) Quem escreveu? (3) Que circunstâncias cercavam o autor ou autores? (4) A quem foi escrito?

A crítica de fonte emergiu da crítica histórica para ganhar uma posição de preeminência entre os componentes da alta crítica no século 18, enquanto os eruditos críticos favoreciam a hipótese documentária. Esta teoria propunha que pelo menos quatro fontes (denominadas "J", "E", "P", e "D") estivessem por trás da formação dos cinco primeiros livros do Antigo Testamento. A mesma metodologia foi, então, aplicada aos evangelhos durante o século 19, para sugerir várias fontes (por exemplo: "Q", "Marcos", e "Proto-Lucas") subjacentes aos relatos dos evangelhos.

A crítica de forma do Novo Testamento se originou na Alemanha imediatamente depois da 1ª Guerra Mundial. Apoiando-se grandemente na crítica de fonte, a crítica de forma combinou métodos tanto da crítica histórica quanto da literária.

Os alemães chamaram a crítica de forma de *Formgeschichte*, significando "história da forma". Seus principais proponentes foram Karl Ludwig Schmidt, Martin Dibelius e Rudolf Bultmann. Outros críticos de forma incluem R. H. Lightfoot e D. E. Nineham. Alguns dos críticos de forma mais moderados são Frederick Grant, B. S. Easton e Vincent Taylor.

Os críticos de forma do Novo Testamento geralmente opinam que os evangelhos foram compostos de pequenas unidades ou episódios independentes. Essas pequenas unidades individuais (perícopes) circularam independentemente. Os críticos ensinam que as unidades tomaram gradualmente a forma de vários tipos de literatura popular, tais como lendas, contos, mitos e parábolas.

Segundo a crítica de forma, a formação e preservação das unidades foram determinadas pelas necessidades da comunidade cristã. Em outras palavras, quando a comunidade tinha um problema, eles criavam ou preservavam uma declaração ou episódio de Jesus para satisfazer as necessidades desse problema em particular. Assim sendo, essas unidades não são basicamente testemunhos da vida de Jesus, mas reflexos das crenças e práticas da igreja primitiva.

A tarefa da crítica de forma é, então, descobrir as "leis da tradição" que governam a coleta, desenvolvimento e registro das unidades isoladas. A seguir, com a remoção da suposta estrutura artificial (editorial) da cronologia ou outras adições providas pela comunidade, os críticos de forma acreditam que podem recobrar a forma original das unidades

(perícopes) e determinar qual o propósito prático (*sitz-im-leben* — "situação vivencial") para o qual os cristãos a preservaram. Mediante este método julga-se ser possível "ir além das fontes escritas e alcançar o período de transmissão oral, chegando aos diferentes tipos de episódios que eventualmente se tornaram parte dos evangelhos." (FiJA.MM 23:445)

Onde a crítica de forma admitiu como possível o trabalho da "comunidade criativa" na formulação das várias perícopes, a crítica de redação, originária da crítica de forma, concentrou-se nos redatores finais (ou compiladores) dos evangelhos como autores de direito. Norman Perrin, um crítico de redação, define isso como "ocupado em estudar a motivação teológica do autor como revelada na coleta, arranjo, revisão, e modificação do material tradicional; assim como na composição de material novo ou na criação de novas formas dentro das tradições do cristianismo primitivo." (PeN.WRC 1)

Formas novas de alta crítica estão emergindo. Mas, em vista de quase todo tratamento recente do Jesus histórico se apoiar nas conclusões da crítica de forma e de redação, vamos usar o restante deste capítulo para investigar a validade das principais características ou áreas de concentração nessas duas disciplinas. Enquanto fizermos isso, tenha em mente que os críticos de forma e redação discordam entre si nos particulares. O que apresentamos aqui é o que esses críticos, no geral, postulam.

Característica nº 1: A Tradição Oral

O erudito inglês do Novo Testamento, James D. G. Dunn, observou que um aspecto positivo da abordagem da crítica de forma é que ela "nos tornou muito mais conscientes do período de tradição oral anterior aos evangelhos escritos, a tradição como era usada antes de seu registro escrito." (DuJ.HSG 9) A tradição oral tem sido definida como "qualquer ensino ou material similar transmitido de pessoa para pessoa, ou de geração para geração, de forma oral e não escrita; também o processo de tal transmissão." (SpR.ANT 463-66)

No capítulo seguinte, vamos discutir em maior detalhe o período oral, o intervalo de tempo entre a ressurreição de Jesus e a época em que os relatos sobre ele foram registrados. Temos de chamar a atenção aqui para algumas das maneiras como a crítica de forma distorceu a visão correta deste período.

A crítica de forma afirma que os primeiros evangelhos não foram compilados senão cerca de cinqüenta ou mais anos após a crucificação de Jesus. Em meados do século 1º, a escola de Tübingen, na Alemanha, admitiu a possibilidade de os evangelhos sinópticos serem documentos do século 2º, distantes da vida de Jesus cem ou mais anos. Porém, os

estudiosos estão cada vez mais optando por datas mais antigas de composição para os relatos dos evangelhos. Em particular, John A. T. Robinson, que não é um teólogo conservador, argumentou recentemente, com toda a impetuosidade, ser possível que cada livro do Novo Testamento tivesse sido completado cerca de 70 a.D., e Mateus, Marcos e Lucas completados cerca de 60 a.D. (Veja RoJA.RNT) O livro de Atos, escrito por Lucas, termina com os eventos de 62 a.D., levando os eruditos a crerem que esta foi a data da composição de Atos. Desde que Atos 1.1,2 indica que Lucas já havia escrito seu evangelho, ele deve ter sido, então, completado cerca de 60 a.D. o mais tardar. Lawrence McGinley escreveu: "O fato de o processo inteiro ter levado nada menos que trinta anos, e de sua parte essencial ter sido elaborada em uma década e meia, não encontra paralelo em qualquer tradição na qual os evangelhos sinópticos tenham sido comparados." (McL.FC 25)

Os críticos gostam de um período formativo o mais longo possível, a fim de consubstanciar sua crença de que erro, lenda e mito gradualmente destruíram os relatos dos evangelhos. Mas Simon Kistemaker observa: "Normalmente, o acúmulo de folclore entre os povos de cultura primitiva leva muitas gerações para formar-se: Trata-se de um processo gradual que se estende durante séculos." (KiS.G 48-49)

Com respeito à datação tardia dos evangelhos por parte de certos críticos, R. T. France comentou: "É interessante observar que essa data recente é, em geral, proporcional ao grau de ceticismo do erudito quanto ao seu valor histórico; o cínico poderia ficar se perguntando qual deles teria vindo primeiro!" (FrR.E 101)

Rudolf Bultmann, provavelmente o mais importante crítico de forma entre todos, distorce ainda mais a verdade relativa à tradição oral anterior aos evangelhos, quando lista suas quatro leis que governam a narrativa e a tradição. Em resumo, são elas: (1) Os narradores não fazem relatos longos, unificados, mas antes, quadros pequenos e únicos da maior simplicidade. (2) As narrativas passam de boca em boca, a sua caracterísitca fundamental permanece a mesma, mas os detalhes estão sujeitos ao controle da fantasia e são geralmente mais explícitos e definidos. (3) O discurso indireto tende a transformar-se em discurso direto durante o processo da transmissão. (4) Havia uma tendência para impor uma idéia esquemática sobre a tradição quanto ao curso das atividades de Jesus. (Veja BuR.FC)

Dibelius acrescenta que

> esses cristãos acreditavam que eram mais fiéis ao seu Mestre, quando explicavam Suas declarações, expandindo-as e depois pondo-as em prática com entendimento, em vez de rejeitarem qualquer adição e transmitirem a forma original de

Suas palavras. (DiM.FA 34-35)

O problema com esses pontos de vista é que eles se aplicam mais a uma cultura grega do que hebraica. Geza Vermes, renomado erudito judeu, não cristão, declara:

> A fraqueza principal do sistema está, penso eu, na ausência entre os seus promotores e praticantes de qualquer familiaridade real com a literatura, cultura, religião e, acima de tudo, com o espírito do judaísmo pós-bíblico no qual Jesus e seus primeiros discípulos nasceram. Em lugar disso, Bultmann e seus pupilos sentem-se mais à vontade no mundo helenista do cristianismo primitivo. (VeG.JWJ 19)

Além disso, os críticos de forma muitas vezes deixam de lado o fato de notícias sobre Jesus serem circuladas abertamente e não em segredo. Nos cultos da igreja primitiva, as histórias de Jesus eram repetidas tantas vezes que tinham de ser bem conhecidas. Alguns eruditos crêem que grande parte dos ensinamentos de Jesus foi transmitida de forma poética em aramaico ou hebraico, facilitando a memorização. Desde que a igreja primitiva era originalmente composta de judeus, é razoável acreditar que o período da tradição oral preservou cuidadosamente as palavras e obras de Jesus, da mesma forma que a cultura hebraica fizera durante séculos com seus próprios escritos religiosos.

Ao combinar a presença de testemunhas oculares com o curto período de tempo, E. B. Redlich, ele mesmo um crítico de forma, declara:

> Uma outra fraqueza da crítica de forma é que ela mal se apóia sobre os resultados da crítica literária e supõe que o período formativo durou cerca de duas gerações de quarenta anos. Assim sendo, em suas investigações existe uma tendência para desprezar a presença e a influência daqueles que foram testemunhas oculares e auriculares dos eventos da vida, morte, e ressurreição de Jesus, e poderiam, portanto, garantir o valor histórico da tradição. (ReE.FC 15-16)

James Martin, professor do Novo Testamento do Seminário Teológico Union, de Richmond, na Virgínia, enfatiza:

> Não houve tempo para o evangelho da história de Jesus ter sido produzido por adição lendária. O desenvolvimento da lenda é sempre algo lento e gradual. Mas nesta instância, a história de Jesus estava sendo proclamada, substancialmente como os evangelhos agora a registram, simultaneamente com o início da igreja. (MarJ. RG 103-4)

Característica nº 2: Perícopes de Unidades Autocontidas

A crítica de forma supõe que durante o período oral quase todas

as narrativas e declarações circularam principalmente em unidades isoladas, autocontidas, separadas, completas em si mesmas. Essas unidades foram chamadas de "perícopes". Dibelius diz o seguinte:

> Quando, porém, fazemos a tradição retroceder ao seu estágio inicial, não encontramos uma descrição da vida de Jesus, mas apenas parágrafos curtos ou perícopes. Esta é a hipótese fundamental do método da crítica de forma (*formgeschichtliche Methode*) como representativo do que estou afirmando aqui. (DiM.GCC 27)

Em resposta à asserção dos críticos de forma de que a estrutura cronológica da vida de Jesus se perdeu inteiramente durante o período oral, C. H. Dodd, provavelmente a figura mais influente entre os eruditos britânicos do Novo Testamento em meados do século 20, argumentou que "nenhum dos evangelhos teria jamais surgido se não fosse pelo fato de as peças individuais da tradição oral terem sido proclamadas desde o início como elementos de uma história coerente." (DoC.AP 55) O trabalho de Marcos em seu evangelho não foi feito "arbitrariamente" nem "irresponsavelmente", acrescentou Dodd,

> mas sob a orientação que ele pôde encontrar na tradição. É arriscado discutir com base na seqüência narrativa em detalhe; todavia, há boa razão para crer que em linhas abrangentes a ordem marcana representa de fato uma sucessão genuína de eventos, na qual movimento e desenvolvimento podem ser traçados. (DoC.FGN 43:400)

L. J. McGinley observa com relação a Mateus, Marcos e Lucas que

> se os evangelhos fossem meras compilações, sua origem heterogênea deveria destacar-se no teor da história. Todavia, o fato surpreendente é que nessas três narrativas convergentes e divergentes reina uma simples, mas indiscutível, consistência. Não há contradição na doutrina de Jesus nem em Suas obras, nenhuma inconsistência entre palavras e atos. A história do Seu sucesso e fracasso flui logicamente até o fim. A descrição da terra em que Ele viveu e o povo a quem encontrou—uma terra e um povo jamais vistos por muitos dos primeiros cristãos—nunca pôde ser acusada de inexata. Tal unanimidade de apresentação seria impossível numa coleção de unidades isoladas. (McL.FC 10)

Característica nº 3: Classificação segundo a Forma

Quando os críticos de forma falam de "formas", o que eles querem dizer especificamente com isso? É provavelmente mais fácil gostar mais de determinados tipos de formas do que definir precisamente as

"formas". Seguem-se cinco classificações de formas que Vincent Taylor delineou. Outros críticos de forma usam classificações similares, embora possivelmente com terminologia diferente e algumas diferenças nas categorias definidas.

1. *Histórias de Pronunciamentos*: Bultmann chamou-as de "apotegmas"; Dibelius as intitulou "paradigmas". Elas são, no geral, breves episódios, terminando com uma declaração famosa, tal como: "Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus" (Mc 12.17).
2. *Declarações e Parábolas:* Esta classificação inclui termos de sabedoria, ditos proféticos (quase sempre colocados na boca de Jesus por um escritor posterior, depois de ocorrido o evento profetizado), ensinando sobre os vários aspectos da vida do crente, declarações "Eu sou", e parábolas. Os críticos de forma diferem sobre até que ponto o conteúdo pode ser atribuído a Jesus, geralmente afirmando que a igreja posterior foi a matriz de grande parte do material.
3. *Histórias de Milagres*: Bultmann atribuiu as histórias de milagres a clérigos posteriores que foram influenciados pelas histórias de milagres da literatura grega.
4. *Histórias sobre Jesus:* Everett F. Harrison explica que elas
   > variam consideravelmente e, portanto, não são fáceis de classificar. Os críticos admitem facilmente que existem elementos mitológicos na descrição de Jesus, por exemplo, na transfiguração. A tendência é considerada como madura no quarto evangelho. A categoria de mito é aplicada àqueles elementos da exposição do evangelho de Jesus que o apresentam sob um aspecto que transcende o humano e o natural. (BeP.JG 148-49)
5. *História da Paixão:* Os críticos de forma diferem quanto a ser primariamente uma narrativa coesiva, autocontida ou um retalho de vários fragmentos tecidos juntos.

Uma coisa é dizer que uma perícope de um determinado evangelho possui uma certa forma literária. Outra coisa é dizer que em vista de ter realmente uma certa forma literária ela não pode ser original e deve ter sido tomada de empréstimo de outro lugar. Todavia, é exatamente isto que os críticos de forma radicais geralmente fazem. Bultmann, por exemplo, faz com que os escritores dos evangelhos e os editores dependam de fontes gnósticas, adições aos textos recebidos por eles e rearranjo do conteúdo dos evangelhos. (MuF.BR 207) As suposições de Bultmann têm sido justamente criticadas como infundadas desde que eliminam, *a priori* (de antemão), a possibilidade de as perícopes terem preservado cuidadosamente uma ocorrência histórica fatual.

A fragilidade da classificação segundo a forma é provavelmente melhor vista nas críticas que lhe são feitas pelos próprios críticos. Por exemplo, Dibelius concorda que "apesar de as testemunhas oculares poderem controlar e corrigir, uma relativa integridade dos paradigmas é garantida." (DiM.FTG 62) Ficamos nos perguntando por que ele não conclui que as testemunhas oculares realmente escreveram histórias descritivas em lugar de peças de literatura classificadas por formas.

Alguns dos críticos de forma moderados reconhecem quão subjetiva é a crítica de forma. Vincent Taylor, por exemplo, questiona as histórias de pronunciamentos como sendo produtos da imaginação:

> A distribuição das Histórias de Pronunciamentos tem alguma relação com o problema de sua circulação antiga e sua autenticidade. Existem pelo menos vinte em Marcos, sete ou nove na fonte especial de Lucas, quatro ou cinco em Q (o suposto documento subjacente ao material comum em Mateus e Lucas), uma em Mateus, e nenhuma em João. Se as histórias são produtos da imaginação cristã, por que elas não aumentam em número com o passar do tempo, e à medida que novos problemas confrontam a igreja em crescimento? Por que não existe uma história de pronunciamento sobre a necessidade da Cruz, ou da Missão aos Gentios, ou da fundação e organização da igreja? ...Se Bultmann está certo, a imaginação cristã foi forte onde havia menos necessidade, frágil ou omissa onde o silêncio pedia o seu exercício; ela deixou sem fazer coisas que deveriam ter sido feitas e fez aquilo que não precisava fazer. (TaV.FGT 86-87)

A respeito de mitos e lendas, Taylor observa francamente: " 'Mitos' e 'Lendas' são termos que não definem quaisquer formas estruturais definidas." (TaV.FGT 31-32)

Outro crítico de forma, Burton Scott Easton, comenta sobre as incontáveis formas que foram inventadas pelos críticos de forma para corresponder às necessidades de sua teoria:

> Paradigmas, histórias, lendas, lendas cúlticas, epifânias, apotegmas, milagres, parábolas, contos populares (folclore), controvérsias, diálogos, parêneses, "logia", pronunciamentos proféticos e apocalípticos, regras da igreja, declarações na primeira pessoa, alegorias, estrofes de poemas -— as pesquisas da última década mostraram não haver escassez de terminologia! Mas qual o proveito tirado disso tudo? Podemos realmente analisar as formas com tanta precisão a ponto de fazer da crítica de forma uma verdadeira disciplina? (EaB.GBG 61)

Outros eruditos fora da escola de crítica de forma também revelaram as falhas da classificação de formas. Em vista de Bultmann inclinar-se a rejeitar como uma corrupção tardia qualquer parte que não se

ajustava a uma classificação de forma, McGinley acusa que Bultmann finalmente

> rejeita como corrupções secundárias do tipo primitivo quase todos os detalhes de tempo e espaço, toda a iniciativa de Jesus, todos os nomes definidos e sua caracterização, a constante oposição dos escribas e fariseus. Ao agir assim, ele constrói um apotegma típico, mas destrói a razão para a sua existência. Jesus não vive em tempo e em lugar algum. Ele não faz nada por si mesmo; Ele se move num mundo de sombras impessoais; não há motivo para a sua rejeição, julgamento, execução. À medida que foram sendo moldados para ajustar-se à teoria, os fatos desapareceram. (McL.FC 43)

C. S. Lewis, ex-professor de Literatura Medieval e Renascentista da Universidade de Cambridge, escreveu uma resposta clássica à crítica bíblica moderna. O seguinte trecho é especialmente apropriado com respeito à subjetividade de grande parte da classificação de formas:

> Em primeiro lugar, o que quer que esses indivíduos possam ser como críticos bíblicos, eu desconfio deles como críticos. Parece que lhes falta discernimento literário e carecem de *sensibilidade quanto à categoria dos textos que estão lendo.* Parece estranho acusar homens que estiveram mergulhados nesses livros toda a sua vida. Mas esse pode ser justamente o problema. Alguém que passou a juventude e mocidade no estudo detalhado de textos do Novo Testamento e no estudo de outros sobre eles; a quem falte quaisquer padrões de comparação em sua experiência literária desses textos, como os que só podem surgir de um conhecimento amplo, profundo e genial da literatura como um todo, irá, penso eu, muito provavelmente perder de vista os pontos óbvios a respeito deles. Se ele me disser que algo em um evangelho é lenda ou romance, quero saber quantas lendas e romances ele leu, até que ponto seu paladar foi treinado para detectá-los pelo aroma e não quantos anos ele passou estudando esse evangelho. (LeC.CR 154)

Referindo-se ao evangelho de João, Lewis continua dizendo:

> Tenho lido poemas, romances, literatura visionária, lendas, mitos, toda a minha vida. Sei como são. Sei que nenhum deles é igual a este.
>
> ... Esses homens me pedem para crer que eles podem ler nas entrelinhas dos velhos textos. A evidência é sua óbvia incapacidade para ler (em qualquer sentido que valha a pena discutir) as linhas em si. Eles afirmam ver sementes de samambaia e não conseguem distinguir um elefante a 9,1 m de distância, em pleno dia. (LeC.CR 155)

Não seria surpreendente descobrir muitos dos discursos ou decla-

rações de Jesus em uma determinada forma. Robert Thomas e Stan Gundry comentaram:

> Quanto à forma poética de muitos dos pronunciamentos de Jesus, o que seria mais natural para Ele: falar aos judeus ou colocar suas declarações em forma poética? Esse era, de fato, o estilo semítico normal. Esta prática teria tornado mais fácil para os Seus seguidores, quer judeus ou não, lembrar de Suas palavras. Faz tanto senso, ou talvez mais, dizer que o real originador das formas dessas declarações atribuídas a Jesus é o próprio Jesus (ThR.H 285-86)

A classificação de forma em si não é injustificada. Quando se faz uso da classificação da forma como uma medida de autenticidade é que ela ultrapassa as suas fronteiras. A. M. Hunter, erudito escocês do Novo Testamento, diz que não

> devemos esquecer que a forma na qual uma história é contada jamais pode dizer-nos se a substância da história é verdadeira ou falsa. O método inteiro é muito subjetivo e especulativo para permitir que se torne para nós uma orientação segura. (HuA.INT 40)

A "crítica de forma", diz o professor do Novo Testamento, Robert Mounce, do Seminário Talbot,

> tem a aparência de um método científico. Se assim fosse, você iria encontrar consistência de interpretação. Mas as interpretações de um único pronunciamento variam muito. Não só as interpretações se difundem, como também os críticos de forma nem sempre concordam quanto a uma perícope ser uma história de milagres ou de pronunciamento — as duas podem ser tecidas juntas. Poder-se-ia esperar consistência numa reconstrução histórica, se a crítica de forma fosse uma verdadeira ciência.[3]

Característica nº 4: Comunidade Criativa

Se a classificação da forma é um dos elementos mais subjetivos da crítica de forma, o conceito de uma comunidade criativa é um de seus elementos menos realistas. A frase central que se repete aqui é *sitz-im-leben*, significando literalmente "assento na vida" ou situação vivencial. A crítica de forma geralmente sustenta a história de Jesus desenvolvida mediante a influência da primeira comunidade cristã e sua necessidade de explicar Jesus em termos das suas próprias necessidades ou situação vivencial. Os críticos de forma mais radicais sugerem que a influência desta comunidade criativa primitiva era tão grande, que não podemos saber praticamente nada sobre o verdadeiro Jesus histórico, somente o

que a igreja primitiva queria que ele, o Cristo da fé, fosse para ela em vista das necessidades que enfrentava. Os críticos de forma moderados acreditam que podemos saber algo sobre o Jesus histórico, mas que a comunidade criativa exerceu influência suficientemente longa sobre a formação dos evangelhos para que pelo menos parte da história fosse deturpada. Por exemplo, Vincent Taylor ensina que

> toda consideração relativa à vida dos primeiros cristãos deve ser levada em conta — as exigências práticas surgidas na vida diária, a necessidade de explicar a nova fé para si mesmos e para outros, as necessidades de defesa contra objeções e calúnias da parte de vizinhos pouco amigáveis e hostis. Estas e outras considerações determinaram a forma que a tradição tem hoje e as mudanças a que se submeteu; examinando esses componentes é muitas vezes possível explicar a razão deste ou daquele elemento na tradição ter sobrevivido e por que muito do que desejaríamos saber não nos foi transmitido. (TaV.FGT 36)

Bultmann, o crítico de forma mais radical e influente, demonstra o maior ceticismo, como se pode ver nas seguintes declarações dogmáticas feitas por ele:

> Na tradição sinóptica, uma série de declarações mostra que a obra de Jesus foi concebida como um acontecimento decisivo, especialmente ao falar dele como tendo vindo ou sendo enviado. Essas não são absolutamente palavras originais de Jesus (pelo menos na maioria dos casos), mas em grande parte produtos da igreja. (BuR.TNT 44)
>
> Não só muitas das declarações mais antigas de Jesus foram modificadas no curso da tradição, como também palavras foram colocadas com certa freqüência na sua boca; as quais, na realidade, foram ditas por outros professores judeus ou surgiram primeiramente na comunidade cristã. (BuR.FC 42)

Lembre-se de que tudo isto é baseado na análise literária (ou, talvez possamos dizer, conjectura) e não em evidência histórica externa. Como se pode imaginar, a crítica de forma poderia ser uma ferramenta muito prática para livrar-se de qualquer coisa que a pessoa não quisesse que Jesus pudesse ter dito a alguém!

A idéia de uma comunidade criativa é talvez o aspecto mais criticado da crítica de forma. O erudito do Novo Testamento, James D. G. Dunn afirmou que "a idéia de os primeiros cristãos não estarem interessados no Jesus pré-Páscoa é praticamente ridícula." (DuJ.HSG 11). É possível imaginar um cristão primitivo falando sobre Jesus a um amigo e este perguntando: "Mas espere um minuto, quem é esse Jesus?"

Se os críticos de forma estão certos e o cristão respondesse com sinceridade, ele teria de dizer algo como: "Bem, não temos tanta certeza,

mas se ele realmente viveu, pensamos que seria ótimo se ele fosse desse jeito".

O amigo provavelmente responderia: "E você está querendo que eu morra como mártir por ele?" Talvez seja esta a razão de o professor do Novo Testamento, Gerhard Kittel, da escola de Tübingen, replicar:

> O Cristo da fé não existe, não passa de ruído e fumaça, em separado da realidade do Jesus da história. Eles são absolutamente inseparáveis no Novo Testamento. Não se pode sequer pensar neles separadamente. Não há palavras sobre Cristo que não se refiram Àquele que sofreu sob Pôncio Pilatos, e que não tenha, ao mesmo tempo, o propósito de ser o evangelho aplicável a todos os homens de todo tempo e lugar. Quem quer que procure separar primeiro os dois e depois descrever apenas um deles, nada tem em comum com o Novo Testamento. (KiG.JH 49)

A fim de fechar a brecha entre o Cristo da fé e o Jesus da história, os críticos de forma fizeram uma suposição criticamente falsa. Eles supuseram que as comunidades criam. O professor alemão do Novo Testamento, Alfred Wikenhauser, responde:

> É falso atribuir a formação da tradição a forças anônimas, dizer que foi a comunidade e a fé por ela possuída que formaram e transmitiram a tradição sobre Jesus. O poder criativo não pertence à massa, mas apenas aos indivíduos que se sobressaem na massa. (WiA.NTI 277)

O Professor de Filosofia e História da Igreja, Stephen Neill, missionário durante 20 anos na Índia antes de voltar à Europa e a Nairóbi para lecionar, acrescenta:

> Resumir tanta verdade espiritual com tanta simplicidade, brevidade e por meio de imagens tão inesquecíveis exige gênio criativo do mais alto calibre. Quem dentre os primeiros grupos cristãos tinha tal gênio? Paulo, ocasionalmente, é capaz de vôos de esplendor lírico; mas ele não tem uma imaginação plástica, visual, do tipo que se expressa em formas tais como as da história da tentação. No século 1°, conhecemos um homem, e só um, que possuía esse tipo de imaginação e essa espécie de poder sobre as palavras. Seu nome era Jesus de Nazaré. (NeS.INT 251)

O trabalho da primeira comunidade cristã era, então, *comunicar* e não *criar* as palavras e obras de Jesus. Neste processo de comunicação, como o notável erudito do Novo Testamento, C. F. D. Moule, da Universidade de Cambridge, admitiu, "os evangelhos sinópticos representam principalmente o reconhecimento de que um elemento vital no evangelismo é a história simples do que aconteceu no ministério de Jesus." (MoCF.IE 175-176) Assim sendo, o papel das testemunhas oculares

tornou-se extremamente importante e foi esquecido ou ignorado pela maioria dos críticos de forma. Os professores de estudos bíblicos, Robert Thomas e Stan Gundry, acusam:

> Com efeito, os críticos de forma consideram o cristianismo como tendo sido separado de seu fundador e de Seus discípulos por uma inexplicável ignorância. A nova seita teve de inventar situações para as palavras de Jesus e colocar em Sua boca termos que a memória não podia verificar e que Ele talvez não tivesse dito. Mas mesmo naqueles primeiros dias, havia líderes e discípulos que tinham ouvido e visto aquilo que repetiram (At 2.1-4). O crítico de forma esquece ou ignora o fato de Jesus ter uma mãe e seguidores sobreviventes que possuíam muitas lembranças vivas de Sua vida e ministério. Não há razão para supor que os indivíduos mencionados em Marcos 3.31-35; 4.10; 15.40, e 16.1-8 não tivessem lembrado dessas coisas. (ThR.H 282)

Vincent Taylor reconheceu:

> Se os críticos de forma estão certos, os discípulos devem ter sido trasladados para o céu imediatamente após a ressurreição. Segundo Bultmann, a comunidade primitiva existe num vácuo, separada de seus fundadores pelos muros de uma inexplicável ignorância. (TaV.FGT/33 41)

Existem vários pontos de evidência que contradizem a opinião dos críticos de forma quanto à uma comunidade criativa. Um deles é a existência dos evangelhos em si. Desde que os críticos de forma afirmam que as necessidades de ensino ou didáticas da igreja primitiva moldaram a caricatura do Jesus criado por ela, Geza Vermes pergunta:

> Se os evangelistas estavam primeiramente preocupados em ensinar a doutrina cristã, como explicar sua escolha da biografia como um meio? Eles não podem ter sido influenciados pela tradição; não existe uma convenção judia quanto às declarações dos sábios terem de ser transmitidas deste modo. (VeG.JWJ 20)

Norman Anderson questiona:

> Não foi bastante inepto adotar o estilo literário biográfico, que oferece vida e cor, mas às custas da simplicidade e clareza? A história de Jesus deles está repleta de idéias e costumes palestinos, peculiaridades lingüísticas e "realia" de toda a espécie, incompreensível para os leitores não judeus e exigindo digressões interpretativas contínuas destinadas a serem catequeticamente prejudiciais... Os primeiros professores, como Paulo e Tiago, o autor do Didaquê, não descobriram vantagem em caso algum na "biografia" para a transmissão de exposições teológicas, exortações morais, e regras disciplinares ou litúrgicas, optando sensatamente por um método de comunicação direta. (AnN.JC 29)

A singularidade dos ensinos e da vida de Jesus é um segundo ponto de evidência contra a influência de uma comunidade criativa. "O Novo Testamento", diz W. D. Davies, Professor de Estudos Avançados e Pesquisa das Origens Cristãs, na Duke University,

> dá testemunho de comunidades cristãs viris e em expansão, é verdade, mas também de outras confusas e imaturas. É mais provável que a confiança, a criatividade e a originalidade subjacentes à tradição do evangelho sobre as obras e palavras de Jesus devam ser creditadas a Ele e não ao corpo de cristãos. O tipo de intuição penetrante preservado nos evangelhos não aponta para comunidades — mistas e, no geral, confusas em seu modo de pensar — mas para uma fonte suprema em uma única pessoa, Jesus, rabino e profeta. (DaW.IN 115)

Floyd V. Filson, professor e dean emérito em literatura, exegese e história do Novo Testamento do Seminário Teológico McCormick, ressalta, por exemplo, a peculiaridade das parábolas:

> Finalmente, todas as tentativas para tornar a era apostólica responsável pela criação de qualquer quantidade considerável de material do evangelho ficam destruídas pela evidência das parábolas. Esta é a forma de ensino característica dos evangelhos sinópticos. Ela está notavelmente ausente do resto do Novo Testamento e de outra literatura cristã primitiva. Se a era apostólica tivesse criado esses meios magistrais de ensino, outros escritos da mesma data iriam naturalmente refletir o mesmo método. Mas isso não ocorre. (FiF.OG 109)

Um terceiro ponto de evidência contra a influência de uma comunidade criativa é que existe nos evangelhos material "contraproducente", que a comunidade criativa teria toda a razão para excluir, caso os tivesse formado. O professor de Filosofia e Teologia J. P. Moreland detalha:

> A negativa de Jesus quanto a ser bom é um exemplo. As atitudes de Jesus com respeito ao legalismo, jejum, divórcio, pecadores e mulheres eram radicais e um tanto embaraçosas. Vários aspectos do caráter de Jesus constituíam uma pedra de tropeço, inclusive suas demonstrações de ira, seu batismo, sua morte na cruz, e o fato de ser um carpinteiro de Nazaré. A isto poderia ser acrescentada a oposição feita a Jesus por sua família. Outrossim, a descrição dos discípulos é com freqüência embaraçosa (isto é, quando eles se mostram incrédulos, covardes, ou têm dificuldades com os ensinos de Jesus). O pedido dos filhos de Zebedeu é com certeza autêntico, assim como Mateus 23.8,10, que parece condenar a prática de ter professores oficiais na igreja. (MoJP.S 145-46)

Em vista do material "doutrinariamente embaraçoso" contido nos evangelhos, o estudioso judeu, Geza Vermes, concluiu: "O pronunciamento de Bultmann sobre a impossibilidade de se saber algo sobre Jesus ou a sua personalidade, 'porque as fontes cristãs primitivas não mostram qualquer interesse nisso', torna-se um critério claramente errado." (VeG.JWJ 21)

Moreland também chama a atenção para a presença de material "irrelevante" que a comunidade gentia criativa teria negligenciado:

> Especialmente digna de nota é a atitude favorável de Jesus a Israel. Poder-se-ia acrescentar a isso o uso que ele fazia de frases, tais como: o reino de Deus e o filho do homem. As controvérsias de Jesus com os fariseus (isto é, sobre a guarda do sábado) e seus comentários sobre as práticas corbã não eram relevantes na época em que os evangelhos foram escritos. (MoJP.S 146)

Se os primeiros cristãos preservaram, assim, o que era irrelevante para eles, quanto mais o que era relevante. Eles adaptaram sua vida ao ensino, em lugar de adaptar este ao seu estilo de vida. Esta verdade pode ser vista outra vez "na falta de material relevante nos evangelhos — material que a comunidade criativa teria incluído, mas não fez. Por exemplo, os supostores editores dos evangelhos deixaram de colocar na boca de Jesus qualquer ensino sobre "circuncisão, dons carismáticos, batismo, leis sobre alimentos, missões para os gentios (Paulo não pôde apelar para um dito do Jesus histórico, a fim de justificar sua missão aos gentios), vários ministérios do Espírito Santo, regras governando as reuniões, e relações entre Igreja e Estado". (MoJP.S) Um grupo de material bastante significativo e relevante que a "comunidade criativa" deixou de incluir foi o dado pelo ativista enérgico e porta-voz, o apóstolo Paulo. T. W. Manson, ex-Professor de Crítica Bíblica de Rylands, na Universidade de Manchester, propôs que, caso haja pouco ou nada do que o apóstolo Paulo escreveu que se encontre na boca de Jesus nos relatos dos evangelhos, não podemos esperar que "a tradição sobre Jesus seja, em qualquer grau considerável, uma criação da comunidade cristã". (MaT.QHJ 7)

Devemos concluir, então, que se trata de uma suposição irreal da crítica de forma sugerir que a comunidade criativa moldou a história de Jesus conforme suas próprias necessidades.

Característica nº 5: Ausência de Interesse Biográfico

Grande parte dos críticos de forma afirma que a primeira comunidade cristã não tinha verdadeiro interesse biográfico; e, portanto,

os evangelhos têm pouco valor biográfico, cronológico ou geográfico, se é que têm algum. Dibelius proclama:

> As mais antigas tradições de Jesus passaram a existir porque a comunidade tinha necessidade delas — uma comunidade que não pensava em biografia ou história mundial, mas em salvação — uma comunidade que não tinha desejo de escrever livros, mas só de preservar tudo que era necessário para a pregação. (DiM.GCC 30)

Dibelius também escreveu: "O fato de Jesus ser um homem é decisivo para a fé; a maneira como viveu a sua vida terrena não parece ter importância". (DiM.GCC 30) Bultmann mostrou-se ainda mais cético:

> Penso, de fato, que não podemos praticamente conhecer agora nada da vida e personalidade de Jesus, desde que as primeiras fontes cristãs não mostram interesse em qualquer dessas coisas e são, além disso, fragmentárias e muitas vezes lendárias; não existindo outras fontes sobre Jesus. (BuR.JW 8)

Parte do problema do crítico de forma é que o termo *biográfico* não foi muito bem definido. Em resposta à acusação de Bultmann de que os evangelhos não são biografias, James Dunn replica:

> O que ele queria dizer ou deveria ter dito era que elas não são biografias *modernas*. Infelizmente, esta qualificação não foi reconhecida, e a declaração geral (os evangelhos não são biografias) se tornou um axioma básico na maioria dos estudos dos críticos de forma para as duas próximas gerações...
>
> De fato, porém, os evangelhos sinópticos se conformam de perto à forma e função da biografia *antiga*. O paralelo mais próximo no mundo greco-romano ao gênero do evangelho é o *bios* ou *vita* (vida). Enquanto a biografia moderna tem um interesse central no que se refere ao desenvolvimento da personalidade e na estrutura cronológica em que ela ocorre, a biografia antiga tinha um conceito muito mais estático da personalidade e só raramente expressava interesse em tal desenvolvimento. Pelo contrário, a personalidade humana era considerada como fixa e imutável. Além disso, uma suposição profundamente arraigada dos antigos era que o caráter da pessoa se revelava claramente em seus atos e obras. Em conseqüência, a principal tarefa do biógrafo era retratar o seu tema, relatando as coisas que ele fazia e dizia para descrever, assim, o seu caráter. (DuJ.HSG 8)

Os eruditos de há muito reconheceram que existe bastante evidência para mostrar que os escritores dos evangelhos tiveram interesse biográfico, no sentido antigo da palavra. Stan Gundry lista a seguinte evidência extraída das palavras de Paulo e Lucas:

1. Se não houvesse interesse biográfico na igreja primitiva, por

que Paulo distinguiu, então, entre as suas palavras e as do Senhor (1 Co 7.10,12,25)?
2. Se a igreja primitiva não tinha interesse biográfico, por que tantos decidiram preparar narrativas dos eventos da vida de Jesus (Lc 1.1-3)?
3. E por que usaram o material de testemunhas oculares (Lc 1.1,2)? Se foi esse o caso, por que Lucas incluiu em sua coleção um relato acurado do ministério do Senhor depois de ter feito a sua própria pesquisa cuidadosa (Lc 1.3,4)?
4. Se esses primeiros cristãos não tinham interesse biográfico, por que se incomodaram em apelar constantemente para o fato de serem testemunhas oculares daqueles eventos sobre os quais falavam?
5. Os críticos de forma devem rejeitar o livro de Atos e o prólogo de Lucas, se quiserem afirmar seriamente que a primeira igreja não tinha interesse biográfico. (GuS.C 489. 38)

Característica nº 6: Leis da Tradição

Ao compararem as formas pré-literárias da tradição oral em outras sociedades com as do evangelho, os críticos de forma acreditam que podem descobrir "as leis que operam como fatores formativos na tradição popular." (DiM.FTG 7) O erudito do Novo Testamento, W. S. Taylor, ex-Presidente do Union College of British Columbia, cita estas leis:

(1) À medida que o tempo passa, a tradição acaba deturpada pela elaboração de temas simples e pela adição de novos detalhes. Ela se torna tanto mais longa quanto mais complexa. Em conseqüência, a idéia de que "a versão mais simples representa o original" pode ser aceita como virtualmente axiomática.
(2) À medida que o tempo passa, existe uma tendência para o particular tornar-se geral, e para uma declaração com sentido local vir a ter significado universal. Na situação enfrentada pela igreja em expansão, esta tendência foi acentuada.
(3) À medida que o tempo passa, o material muda muitas vezes de forma, tornando-se mais dramático pela adição de detalhes vívidos, pela transformação da narração indireta em direta, etc.
(4) E, à medida que o tempo passa, são acrescentados conceitos que teriam sido pouco familiares e naturais na situação original. (TaW.MGT 15:471)

Note que cada lei começa com a frase: "À medida que o tempo passa". Como notamos antes, o período de tempo se refere a vários

séculos em outras histórias (mitos e lendas) comparado com 30, 20, ou até menos anos nos relatos dos evangelhos. O fator tempo, combinado com a presença de testemunhas oculares, fatalmente invalida a metodologia da crítica de forma. Todavia, conforme nota Stan Gundry:

> O crítico de forma ignora a possibilidade de testemunhas oculares, pois ele se ocupa inteiramente com as formas e o bom funcionamento de uma teoria. Ele não toma tempo para examinar a evidência histórica. (GuS.C 34-35)

F. F. Bruce nota o fator adicional das testemunhas hostis como um novo impedimento para quaisquer "leis da tradição" que possam deturpar o testemunho do evangelho:

> Um dos pontos fortes na pregação apostólica original é o apelo confiante feito ao conhecimento dos ouvintes. Eles não disseram apenas "Fomos testemunhas dessas coisas", mas também, "como vós mesmos sabeis" (At 2.22). Se houvesse qualquer tendência para afastar-se dos fatos em qualquer aspecto material, a possível presença de testemunhas hostis na audiência teria servido como um novo corretivo. (BrF.NTD 45-46)

James Martin acrescenta:

> Não pode haver a menor dúvida de que, se os cristãos tivessem sido culpados de inconsistência na repetição de sua tradição, seus inimigos poderiam expulsá-los ignominiosamente do campo, fazendo deles alvo público de ridículo e assegurando efetivamente que a sua pregação não fizesse impacto na mente de quem quer que a ouvisse. (MarJ.RG 68)

Característica nº 7: Critérios para Estabelecer a Autenticidade

O crítico de forma não usa só uma metodologia falha ao aplicar as "leis da tradição" aos evangelhos, mas ele também emprega uma metodologia falha ao analisar os evangelhos com respeito a pronunciamentos autênticos ou não autênticos de Jeus. A crítica de forma postula vários critérios que podem ser usados para determinar se uma declaração de Jesus encontrada nos evangelhos deve ser aceita como tendo sido pronunciada realmente por Jesus.

O mais usado desses critérios é o princípio da dissimilaridade. Norman Perrin afirma esse princípio desta forma: "Por definição, ele vai excluir todos os ensinamentos em que Jesus tenha concordado com o judaísmo ou a igreja primitiva com ele." (PeN.RTJ 43) Obviamente, isto é o mesmo que colocar os cavalos *atrás* do carro. Não deveríamos esperar que os seguidores de Jesus estivessem dizendo muita coisa que soasse como Ele? E se estivessem, não estaríamos desqualificando Jesus

a priori pela fidelidade de seus discípulos em refletirem exatamente os seus ensinamentos?

Enquanto Perrin reflete na citação acima, o mesmo princípio diria: "Se soa como o judaísmo antigo, então você também não pode confiar nele, como sendo originalmente de Jesus".

"O evangelho, porém", diz Robert Mounce, "se difundiu num ambiente judeu. De que outra forma Jesus poderia falar senão como um judeu?"[4]

Geza Vermes torna claro por que tantos cristãos assim como eruditos judeus se decepcionaram com várias aplicações dos críticos de forma:

> Até mesmo um escritor moderado como Norman Perrin proclama seu princípio geral como sendo: "Quando estiver em dúvida, rejeite", e afirma categoricamente que "o peso da prova sempre fica com a reivindicação de autenticidade." Ou seja, o que quer que não venha a ser provado como genuíno deve ser considerado como falso (*Rediscovering the Teaching of Jesus*, pp. 11-12). Tendo em mente o respeito judeu básico pela tradição em geral e a consideração pelas palavras de um mestre venerável em particular, eu mesmo defenderia *a priori* uma mente aberta, e não inclinaria a balança a favor da não-autenticidade. (VeG.JWJ 150)

France comenta: "O resultado inevitável é um Jesus que não concorda nem com a piedade judia em voga nem com a fé cristã subseqüente, um Jesus cujo ensino seus seguidores pelo menos deixaram de entender ou até desaprovaram ativamente". (FrR.E 105)

Moreland acrescenta:

> É no mínimo estranho que um pregador não pregue no idioma de sua época. É também estranho dizer que tal descontinuidade deveria ser vista entre Jesus e a igreja primitiva. (MoJP.S 154)

Característica nº 8: Ceticismo Histórico

Proeminente entre a maioria dos críticos de forma, encontramos um ceticismo histórico arraigado em um preconceito anti-sobrenatural. Em Bultmann, esta predisposição contra qualquer coisa sobrenatural é clara:

> Esta proximidade significa que o contínuo dos acontecimentos históricos não pode ser destruído pela interferência de poderes sobrenaturais, transcendentes, e que, portanto, não existe "milagre" neste sentido da palavra. Tal milagre seria um evento cuja causa não jaz na história...De acordo com um método assim é que a ciência da história trabalha em todos os documen-

> tos históricos. E não pode haver quaisquer exceções no caso de textos bíblicos, se os últimos devam ser absolutamente compreendidos (como) históricos. (BuR.EF 291-92)

Embora este argumento provavelmente venha direto de David Hume, Bultmann foi profundamente influenciado por Martin Heideggar e a filosofia existencial. Esta inclinação filosófica, e não a evidência histórica, foi que levou provavelmente Bultmann a rejeitar tantos eventos históricos relatados no Novo Testamento.

O erudito francês do Novo Testamento, Pierre Benoit, sediado em Jerusalém, argumenta contra Bultmann, quando pergunta:

> É crível que os convertidos tenham aceitado uma nova fé, que exigia tanto deles, baseados apenas em simples sessões de boatos, nas quais os pregadores de Dibelius e Bultmann inventaram declarações e obras que Jesus jamais pronunciou e jamais realizou, apenas para agradar a si mesmos? (BeP.JG 32)

Se Bultmann e outros críticos de forma estivessem realmente interessados na historicidade dos evangelhos, seria de esperar que eles tratassem da evidência histórica. Mas McGinley observa:

> O testemunho externo como o de Irineu, Tertuliano, e Orígenes não é praticamente mencionado. A observação de Justino, no sentido de que os evangelhos não passam de memoriais apostólicos ... é mencionada apenas para ser rejeitada como enganosa... O testemunho de Papias... sobre Mateus e Marcos não tem melhor tratamento. Bultmann comenta a referência de Papias a Marcos, na posição de intérprete de Pedro, como sendo um erro. Dibelius se refere ao testemunho de Papias quanto à autoria de Mateus e Marcos, mas conclui que ele foi levado a pensar que os evangelistas eram realmente autores... Esta negligência do testemunho histórico parece mostrar uma falta de inteireza e perspectiva.
>
> ...Nas palavras de De Grandmaison, "O método mais sábio nessas questões é preferir um grama de informação antiga que seja autêntica a um punhado de conjecturas eruditas."[5]

Os críticos de forma argumentam que, em sua opinião, desde que as tradições orais sobre Jesus circularam em unidades pequenas (perícopes), a maioria das referências cronológicas, geográficas, históricas e biográficas são adições fictícias feitas pelos evangelistas. "Todavia", dizem Thomas e Gundry,

> um exame das referências a lugares, tempos, seqüência, e pessoas mostra que elas estão entretecidas com outros materiais das unidades e apresentam uma seqüência ordenada tão natural, que considerá-las como criações editoriais dos evangelistas é

> altamente especulativo. Os contextos, assim como as declarações e eventos, estão arraigados na história. (ThR.H 285)

O argumento dos críticos de forma mais freqüentemente ouvido contra a exatidão histórica nos evangelhos é que desde que a primeira igreja só estava interessada em pregar a salvação, ela não se interessava em apresentar um retrato exato do Jesus histórico. Dibelius declara:

> Os primeiros cristãos não tinham interesse em relatar a vida e a paixão de Jesus objetivamente à humanidade...Eles não queriam nada além de ganhar tantos quanto possível para a salvação na última hora, pouco antes do fim do mundo, que eles criam estar próximo. Aqueles primeiros cristãos não estavam interessados na história. (DiM.GCC 16)

Admitimos com France:

> Ninguém que tenha lido os evangelhos com qualquer sensibilidade desejaria contestar os registros simples e desinteressados de fatos escritos com a objetividade clínica de um relatório científico moderno ou uma deposição legal. Os escritores dos evangelhos eram homens com uma mensagem. Eles escreveram, a fim de persuadir, converter, encorajar. (FrR.E 102)

Mas J. P. Moreland, autor da obra *Escalando a Cidade Secular* ("Scaling the Secular City"), argumenta:

> É uma falsa dicotomia dizer que algo tem de ser ou história ou um documento que promove uma mensagem. O fato de os evangelhos serem querigmáticos não elimina a sua dimensão histórica, especialmente quando eles enfatizam a inseparabilidade entre o que é histórico do que é teológico para compreender a encarnação. (MoJP.S 140)

Harold W. Hoehner, presidente do Departamento do Novo Testamento no Seminário Teológico de Dallas, e doutor no Novo Testamento pela Universidade de Cambridge, gosta de dizer aos seus alunos que é bom que Bultmann jamais tivesse tido de confiar nele ou em qualquer outro cristão como testemunha de um acidente automobilístico. Se uma convicção teológica cancela a exatidão histórica de alguém, os cristãos (ou, por assim dizer, qualquer teísta) não têm credibilidade a respeito de quase nada. O problema real da abordagem dos críticos de forma à história, escreve Hoehner, é que

> eles não permitem que o texto fale em seus próprios termos.Os teólogos modernos certamente não desejariam que lêssemos seus livros da maneira como querem que leiamos o Novo Testamento![6]

CRÍTICA DE REDAÇÃO

Norman Perrin resume as origens da crítica de redação:

> A crítica de redação floresceu na Alemanha imediatamente após a 2ª Guerra Mundial. Da mesma maneira como três eruditos emergiram com obras independentes, marcando o início da crítica de forma propriamente dita, depois do hiato causado pela 1ª Guerra Mundial, três eruditos surgiram também com obras independentes denotando o começo da crítica de redação após o hiato causado pela 2ª guerra Mundial. Os que surgiram em seguida à 1ª Grande Guerra, foram Karl Ludwig Schmidt, Martin Dibelius, e Rudolf Bultmann, como já notamos; depois da 2ª Grande Guerra, vieram Gunther Bornkamm, Hans Conzelmann, e Willi Marxsen. Embora trabalhando independentemente uns dos outros — Bornkamm em Mateus, Conzelmann em Lucas, e Marxsen em Marcos — eles avançaram na mesma direção geral. (PeN.WRC 25)[7]

A crítica de redação faz a crítica de forma avançar um passo. Enquanto os críticos de forma sugerem o trabalho de uma comunidade criativa para formar o conteúdo de perícopes individuais, os críticos de redação estabelecem o trabalho dos escritores dos evangelhos para editar, arranjar, compor e mudar o material nas perícopes, a fim de apoiar seu propósito teológico particular. A crítica de redação procura, portanto, determinar o ponto de vista teológico do evangelista que escreveu o evangelho. Os críticos tentam verificar quais as fontes escolhidas pelos escritores do evangelho e a razão para isso, e onde elas se ajustam em seu relato pessoal (conhecidas como "costuras"). Os críticos querem encontrar a "cola" teológica específica que os autores usaram no preparo de seus evangelhos.

Embora o crítico de redação tente determinar por que cada autor decidiu desenvolver seu evangelho da maneira como o fez, ele ignora completamente as reivindicações e razões do próprio autor ao escrever. Os críticos também não consideram os evangelhos como relatos históricos em qualquer sentido aceito da idéia. Os críticos passam julgamento sobre os documentos antes de permitirem que eles falem por si mesmos. Uma abordagem típica da crítica de redação à narrativa sobre Cesaréia de Filipe (Mc 8.27 — 9.1) é resumida aqui por Thomas e Gundry:

> O escritor narra as perguntas e respostas como se fossem dos lábios de Jesus e Pedro. Na verdade, afirma a crítica de redação, os títulos são do vocabulário cristológico da comunidade cristã primitiva. Além disso, embora as pessoas estejam de posse dos nomes dos indivíduos e grupos ligados ao ministério de Jesus, a referência principal é às circunstâncias na igreja em

> fins da década de sessenta. "Jesus" e Suas declarações representam o Senhor dos céus e Sua mensagem a esta igreja. "Pedro" representa os crentes desviados que confessam corretamente, mas interpretam erradamente sua própria confissão. "A multidão" representa o total de membros da igreja a quem é dirigido o ensino. Em outras palavras, a crítica de redação vê esta história como tendo a forma de uma história sobre Jesus, mas seu verdadeiro propósito era transmitir a mensagem do Senhor ressurreto à Sua igreja, como concebido por Marcos. A impressão histórica é apenas um veículo e não deve ser equacionada com os acontecimentos factuais. (ThR.H 289-90)

Em vista de a crítica de redação depender tanto da metodologia e das conclusões da crítica de forma, muitos eruditos expressaram a mesma espécie de dúvida quanto a ela como a que sentem pela crítica de forma. A crítica de redação quase universalmente se prende a uma opinião mundial rígida e supostamente científica, onde o sobrenatural é eliminado *a priori*. Contrariando as reivindicações dos líderes da igreja dos séculos 1° e 2°, e até os próprios escritores do evangelho, os críticos de redação pressupõem que o ponto de vista teológico do autor, e não os eventos históricos reais, moldaram o conteúdo de seu evangelho. Eles ignoram o ambiente cultural judeu dos evangelhos, deixando de ver que o pensamento judeu considerava Deus como um Deus que faz, tornando, assim, vital para o povo judeu preservar os atos históricos de Deus precisamente como aconteceram.

O Professor Hoehner faz a seguinte avaliação sumária de todas as acusações contra a crítica de forma:

1. A posição *sitz-im-leben* não é historicamente consubstanciada. A evidência aponta para o fato de que os evangelhos criaram a comunidade cristã em lugar destas terem criado o evangelho.
2. O papel das testemunhas oculares fica esquecido. Seu testemunho é claro nos evangelhos e, se uma delas estivesse errada, poderia ser corrigida. Os críticos acreditam que os teólogos deturpariam a história para ajustá-la à sua teologia. Este não é necessariamente o caso. Os críticos tentam reconstruir os relatos do evangelho totalmente em separado das testemunhas oculares que estavam lá.
3. A singularidade de Jesus é desvalorizada. Os críticos supõem que os escritores do evangelho fizeram as brilhantes declarações nos evangelhos em vez de Jesus.
4. A ética cristã é subestimada. Cristo enfatizou a verdade; todavia, os escritores do evangelho fabricaram uma história. Eles nos disseram que a história de Cristo aconteceu de um certo modo, mas na realidade não foi assim. Foi uma criação da comunidade. Uma pequena mentira pode ter pequenas

conseqüências; porém, a mentira deles aqui é acreditada por milhares, e milhares chegaram até a morrer por uma mentira.

5. Não há espaço para o Espírito Santo. Sua teologia naturalista praticamente exclui a obra de Deus na vida do crente.
6. Simplesmente porque os autores têm um propósito teológico ao escreverem, isso não nega a autenticidade ou a exatidão histórica.[8]

Ao concluirmos esta curta seção sobre crítica de redação, existe ainda um argumento que se aplica também à crítica de forma, que sentimos exigir ênfase especial. Hoehner mencionou-o acima (nº 4), e Thomas e Gundry aludem a ele em sua descrição da crítica de redação aqui:

> Os escritores eram, então, teólogos ou editores teológicos e não historiadores. É de pouca conseqüência para eles atribuir falsamente a Jesus e Seus associados muitas coisas que eles jamais disseram ou fizeram. Sua principal preocupação foi construir uma teologia que satisfizesse as necessidades da igreja, mesmo que fazer isso com êxito significasse fabricar uma vida de Jesus, a fim de dar mais credibilidade ao sistema. (ThR.H 290)

Parece de todo provável — de fato, parece de todo possível — que os escritores pudessem pregar um padrão ético tão elevado por meio de sua descrição de Jesus e depois, quando não existia um benefício econômico e social para isso, deturpar abertamente os fatos concernentes à vida de Jesus? Além disso, como esses escritores poderiam pedir aos seus ouvintes que arriscassem a vida por essa falsa mensagem? E, finalmente, por que, se eles sabiam que seu retrato de Jesus era forjado, estariam dispostos a arriscar suas vidas por uma tal perversão?

CONCLUSÕES DOS ERUDITOS SOBRE A ALTA CRÍTICA

Enquanto os reconstrutores da "Vida de Jesus" empregarem crítica especulativa de forma e redação, eles não podem persuadir os cristãos informados de que os relatos dos evangelhos sobre a vida de Jesus são historicamente inexatos. Os cristãos informados aprenderam que, como C. S. Lewis nos lembrou, é ilusório ler nas entrelinhas sem ler as linhas propriamente ditas! Todavia, esta parece ser a prática comum da maioria dos componentes da alta crítica.

Outros eruditos, porém, se opuseram à abordagem da alta crítica ao estudo dos evangelhos. McGinley resume:

> Ela (abordagem) falhou em desenvolver uma posição independente na teoria das Duas Fontes. Ela negligenciou as

diferenças essenciais entre os evangelhos e a *kleinliteratur*. Aceitou a teoria desacreditada da criação coletiva e aplicou-a a uma comunidade que não existiu nem poderia existir. Confundiu a simplicidade de estilo com compilação em retalhos. As formas foram definidas muito agudamente e ao preço de muitos cortes no texto. Uma situação vivencial (*sitz-im-leben*) foi buscada em cada fase da vida cristã primitiva, exceto na mais importante: o desejo do cristão de conhecer a vida de Jesus. Em toda ela, não há lugar para o testemunho histórico; a substância é negligenciada na preocupação com a forma; o fator controlador do tempo é desconsiderado; há preconceito contra o valor histórico de toda a história do evangelho. (McL.FC 154)

Filson inclui os seguintes pontos:

Não é feita justiça ao sentido histórico, inteligência e integridade dos primeiros cristãos. Embora reconheça corretamente o agrupamento tópico extenso do material nos evangelhos, ela vai longe demais ao desacreditar seu esboço básico do ministério de Jesus; embora aprecie a importância do primeiro período oral, ela praticamente não dá peso adequado ao fato de que num espaço de cerca de vinte anos foram iniciadas as fontes escritas e, portanto, o processo da tradição oral não foi tão longo quanto nas narrativas populares e nas primeiras histórias do Antigo Testamento; a sua tendência para supor distorção radical da tradição na igreja helenista é refutada pelo caráter semítico predominante da tradição sinóptica comum; e como os seus resultados são deformados por suposições não examinadas, tais como a de que as histórias de milagres não passam de criações tardias e que a cristologia explícita surgiu primeiro na igreja em vez de na mente de Jesus. (FiF.FC 1:436-37)

A. M. Hunter critica:

(1) Os críticos supuseram que toda a primeira tradição sobre Jesus era muito instável e relativamente não confiável, embora os primeiros cristãos, que eram judeus, cuidassem seriamente da transmissão fiel e controlada das palavras e obras do Senhor.

(2) Eles extraíram paralelos dúbios entre a tradição oral em outras culturas, onde o tempo de transmissão chega a séculos, e a tradição oral nos evangelhos, onde não passa de duas a três décadas.

...Eles tinham a tendência de supor que a forma da história ou declaração do evangelho era um critério confiável da sua autenticidade, que na verdade não é. (HuA.WWI 34)

F. G. Kenyon, um erudito experimentado, questiona o elemento tempo exigido pela hipótese da crítica de forma:

> Não há simplesmente tempo para os processos elaborados exigidos para a *Formgeschichte* de Dibelius, que obteve surpreendente popularidade, mas que pressupõe, primeiro a disseminação das histórias da vida e dos ensinos de Jesus, depois a sua compilação e classificação em grupos de acordo com o caráter deles e, por fim, a formação de narrativas contínuas nas quais elas foram utilizadas. (KeF.BMS 52)

Kistemaker, escrevendo sobre aqueles que receberam o Espírito Santo no Pentecostes, diz: "Essas pessoas não se desvaneceram, mas ficaram ativas em várias comunidades através da Palestina, pregando a palavra que haviam recebido de Jesus." (Kis.G 48-49)

E. M. Blaiklock nota a diferença entre os estudiosos clássicos e os da alta crítica em sua abordagem aos textos do evangelho:

> Um estudioso clássico acha difícil ter paciência com algumas das teorias exóticas da crítica literária que corromperam o estudo do Novo Testamento. Os historiadores clássicos têm-se mostrado um tanto irônicos em décadas recentes sobre o ceticismo calculado dos eruditos do Novo Testamento que se recusam a ver o que os clássicos observam tão naturalmente — um registro da vida no século 1°, caso não seja mais que isso, que deve receber pelo menos crédito pelo seu valor único como material histórico.
>
> Se os chamados críticos de forma tivessem confinado as suas atividades ao que talvez seja uma demonstração do óbvio — a parte desempenhada pela experiência e a prática da igreja em determinar as ênfases e a importância em um material necessária e admitidamente seletivo — eles poderiam perfeitamente ter lançado alguma luz sobre a mente das primeiras comunidades de cristãos. Até mesmo a arte rude das catacumbas selecionou e escolheu os temas que mais atraíam os cristãos italianos preparados para o combate. Mas quando a teoria crítica tenta convencer que as necessidades e aspirações litúrgicas e espirituais, tomando sua forma do nada e surgindo durante a vida daqueles que haviam visto a primeira metade do século 1°, criaram por si mesmas uma literatura suportiva, é proposta uma fantasia que provocaria o ridículo em qualquer esfera de crítica literária menos confinada e introvertida. (BIE.MM 34-35)

R. T. France questiona da mesma maneira o ceticismo excessivo dos altos críticos:

> Na raiz de tal ceticismo está uma compreensão geral da primeira igreja e de seus métodos de transmitir as tradições de Jesus, que outros eruditos questionaram seriamente. Quão provável é, no ambiente do judaísmo palestino do século 1°, que tal falta de interesse pela historicidade, tal tradição oral livre e

> criativa, e tão rápida perda de uma perspectiva histórica sobre Jesus pudesse ter ocorrido? Isto não seria atribuir à primeira igreja os valores de culturas completamente estranhas, não sendo a menor delas a filosofia existencialista do século 20? Teríamos razão, portanto, para esperar que os cristãos judeus do século 1° pensassem e se comportassem assim? (FrR.E 106)

Caso a alta crítica deva ser um edifício magnífico construído sobre o fundamento da baixa crítica, é preciso concluir que a estrutura do prédio não é sólida. Examinamos oito dos seus principais pilares e descobrimos que cada um deles foi questionado por eruditos informados. Devemos, então, concluir que os "resultados seguros da alta crítica" não são tão seguros assim.

8

O EVANGELHO ANTERIOR AOS EVANGELHOS

Notamos, no último capítulo, que um dos efeitos positivos da crítica de forma era focalizar, em retrospecto, a atenção no período de transmissão oral do evangelho antes de ele ser registrado nos quatro relatos do Novo Testamento. Francois Amiot, juntamente com vários outros, observou:

> Muito antes de tornar-se esse grande volume com capa de couro carregado pelo coroinha, o evangelho era uma palavra não escrita. Ele era falado, repetido, recitado aos homens a quem trazia uma revelação, pelos homens que dedicaram suas vidas inteiras à tarefa de passá-lo adiante. Esta mensagem direta, estas notícias eternamente espantosas, são na verdade algo que jamais devemos permitir que seja sepultado sob a poeira da rotina e dos murmúrios monótonos. Devemos estar sempre restaurando aquela expectativa trêmula, aquela curiosidade fresca e devoradora, a qual, quando o fato de pertencer a Cristo representava perigo, transformou em escravos amorosos os que se entregaram a Ele. (AmF.SLC 33)

Queremos examinar neste capítulo a condição do evangelho antes de os evangelhos terem sido registrados. Nosso alvo é determinar se os escritores do evangelho nos transmitiram um registro histórico exato das coisas que Jesus fez e disse, apesar do intervalo de tempo entre o fim da vida de Jesus e a formação dos primeiros registros escritos sobre ele.

Sabemos que é simples demais e até incorreto descrever Mateus, Marcos, Lucas e João seguindo Jesus pelos campos da Palestina, anotando as coisas que Ele disse ou fez, enquanto elas aconteciam, e eventualmente escrevendo as suas narrativas em quatro relatos contínuos e separados. Embora algumas notas tenham sido talvez tomadas, as semelhanças (com freqüência palavra por palavra), assim como as diferenças nesses quatro registros são tão surpreendentes que os eruditos debateram durante séculos várias explicações para a origem dos relatos dos evangelhos. Um escritor copiou do outro? Os últimos

escritores juntaram os relatos finais, depois de mudar os originais? Como podemos ter qualquer confiança em que sejam relatórios históricos acurados? Por exemplo, como qualquer dos escritores pode sequer saber o que aconteceu durante os julgamentos de Jesus, já que nenhum deles estava lá? Como os evangelhos *foram* formados?

Primeiro, é importante compreender que o plural *evangelhos* é estranho ao Novo Testamento. F. F. Bruce explica:

> Nossa palavra "evangelho" é uma forma simplificada do antigo termo inglês "godspell" que significava "boa história" no sentido de "boas novas". A velha palavra inglesa era equivalente ao latim *evangelium*, que, por sua vez, derivava do grego *evangelion*. Em grego o prefixo *eu* significa "bem" ou "bom", enquanto a segunda parte da palavra está associada ao verbo *angello*, "transmitir", "trazer uma mensagem", e ao substantivo *angelos*, "mensageiro"... O composto *euangelion* aparece, então, no Novo Testamento, no sentido de "boas novas" ou "boas notícias". (BrF.DG 1,4)

Não havia originalmente quatro evangelhos, somente um evangelho ou boas novas sobre Jesus Cristo. Embora os quatro relatos do evangelho passassem a ser considerados como tendo autoridade definida, os cristãos ainda continuavam reconhecendo apenas um evangelho, mas conforme as declarações de quatro evangelistas distintos. O erudito francês, Henri Daniel-Rops, *comenta:*

> Santo Irineu falou com muita exatidão do evangelho tetramórfico, ou seja, sob quatro formas. A partir dos meados do século 2°, com Clemente de Alexandria e o Cânon Muratório, era *prática — e a única prática correta — dizer*, o Evangelho segundo São Mateus, segundo São Marcos, segundo São Lucas, segundo São João, para tornar claro que este é um conjunto de verdade, substancialmente um e único, comunicado aos homens de diversas maneiras. (AmF.SLC 39)

Durante séculos os estudiosos lutaram para explicar como os vários relatos do evangelho passaram a existir. Em seu excelente livro, *As Raízes do Evangelho Sinóptico* ("The Roots of the Synoptic Gospels"), Bo Reicke, falecido professor do Novo Testamento na Universidade de Basel, resume as várias teorias que foram propostas até hoje: (*ReB.RSG*)[1]

> Primeiro, desde meados do século 19, a maioria dos eruditos baseou as suas investigações sinópticas na suposição de que os textos eram usados pelo evangelista como fontes *literárias*.
>
> (1) A teoria das duas fontes predomina largamente hoje, segundo a qual Marcos e um suposto documento chamado Q foram as

fontes comuns de Mateus e Lucas.
(2) Alguns eruditos contemporâneos, porém, rejeitaram esta posição e voltaram a uma tradição mais antiga que dava prioridade a Mateus.
(3) Outros preferem reconstruir várias fontes diferentes anteriores aos evangelhos, separando um proto Lucas de Lucas, um pré-Marcos de Marcos, ou dividindo o chamado documento Qem vários.

Essas abordagens literárias contradizem umas às outras, e seus defensores não conseguiram ainda convencer os adeptos das outras teorias. (ReB.RSG, Prefácio)

Por que será que após séculos de debates parecemos não estar mais próximos de determinar como os relatos dos evangelhos vieram a ser escritos? Acreditamos que isso acontece porque o homem moderno está preso a uma cultura literária. O que queremos dizer com isso?

PRESOS NUMA CULTURA LITERÁRIA

Tente imaginar que tivesse nascido numa cultura onde não existissem documentos escritos. Tudo o que sabe sobre o passado lhe é comunicado por seus pais ou outros anciãos em seu povoado. Você não possui documentos nem fontes escritas que possam refrescar sua memória quanto aos eventos factuais que ocorreram e as coisas que foram ditas no passado. Como transmitiria a seus filhos as informações que recebeu?

O que acontece numa cultura dessa espécie é que certos meios de expressão se tornam padronizados no processo da transmissão da história. Numa cultura literária como a nossa, sempre que comunicamos uma história oralmente em lugar de por escrito, tendemos a contar a história de modo um pouco diferente de cada vez, a fim de torná-la mais interessante. Isto é proibido numa cultura oral. Você cresce sabendo que a única maneira de seus filhos compreenderem seu passado é ouvindo de você a mesma história, nas mesmas palavras exatas, como ele lhe foi transmitido. Para nós, é difícil imaginar uma cultura assim, mas tais culturas eram comuns desde o início da história da humanidade. A cultura em que Jesus nasceu fez uso de documentos literários, mas tratava-se principalmente de uma cultura baseada na tradição oral. "Para entender isto", diz Daniel-Rops,

> devemos livrar-nos de nossos hábitos de homens modernos, homens da civilização do papel. Para nós, ler e escrever são duas operações tão automáticas que mal podemos imaginar como algumas sociedades quase conseguiram viver sem elas. Nossa memória, em conseqüência, tornou-se anêmica e rígida,

> mas isso não acontece entre muitos povos orientais que exigem mais dela; também não ocorria nos dias de Cristo. Memorizar e recitar eram as duas operações normais para a transmissão de um texto. Os grandes escritores de Israel eram, sem dúvida, literalmente, grandes oradores. Assim sendo, as profecias de Jeremias foram faladas durante um período de 22 anos antes de serem escritas. Mais tarde, da mesma forma, a Mishna, a parte mais essencial do *Talmude*, só foi escrita séculos depois da transmissão oral. Um "bom discípulo", diziam os rabinos, "é como uma cisterna bem construída: Ele não deixa cair uma só gota d'água do ensino do mestre". Devemos conceber a primeira instrução no evangelho do mesmo modo; o que os apóstolos acumulavam na memória, ensinavam infalivelmente a seus discípulos que, por sua vez, as repetiam ao seu coração. (AmF.SLC 35)

Esta dependência da tradição oral era um impedimento para os que viviam nos dias de Jesus? Eles não pareciam pensar assim. Já notamos como Papias dava mais valor à "voz viva e permanente" dos apóstolos e seus discípulos do que aos livros. A *Mishnah* defendia a tradição oral, advertindo que os documentos escritos podiam ser falsificados e preservar para sempre o erro. Daniel-Rops acrescenta:

> Assim também, Santo Irineu, bispo de Lyons, recorda a época em que ouviu São Policarpo, o grande bispo de Esmirna, contando o que lembrava de São João. Podemos sentir aqui o calor humano, a essência da própria vida. Quando, muito mais tarde, o texto escrito foi definitivamente imposto, depois de ter concorrido longo tempo com a palavra falada, podemos imaginar que nessas condições os dois pudessem ter diferido? O texto escrito preserva, para todos os que podem ouvir, o tom comovente desses testemunhos vivos. (AmF.SLC 37)

O PERÍODO FORMATIVO

O período formativo foi designado como aquele espaço de tempo entre a crucificação e o registro escrito dos evangelhos. Durante o apogeu da escola alemã de Tübingen, era comum datar os relatos dos evangelhos de cem ou mais anos depois da crucificação de Jesus. Isso não acontece mais. Quanto maior a evidência encontrada, os eruditos continuam a empurrar as datas de composição para o século 1°. Em 1955, o Dr. William F. Albright, reconhecido como um dos mais destacados arqueólogos bíblicos do mundo, escreveu:

> Já podemos afirmar enfaticamente que não existe mais uma base sólida para datar qualquer livro do Novo Testamento após cerca de 80 a.D., duas gerações completas antes da data entre 130 e 150 dada pelos críticos do Novo Testamento mais radicais

hoje. (AIW.RD 136)

Oito anos mais tarde, ele afirmou numa entrevista que a data em que todos os livros do Novo Testamento foram completados era "provavelmente algum intervalo de tempo entre 50 e 75 a.D."[2] Com a chegada da obra de John A. T. Robinson, *Redatando o Novo Testamento* ("Redating the New Testament" — 1976), que dá mais importância à evidência histórica do que o fizeram os críticos de forma, a data foi empurrada para trás até cerca de 40 a.D. para um possível primeiro rascunho de Mateus.[3] A maior parte dos estudiosos que não pressupõe uma data preconceituosa anti-sobrenatural data os evangelhos sinópticos geralmente da década de 60, outros um pouco mais cedo do que isso. Os que aceitam a existência de um documento da Fonte Q subjacente a Mateus e Marcos, geralmente o datam de antes de 50 a.D. (AnC.CQ 78) Existe, então, forte evidência no sentido de o período formativo não ter passado de 17 a 20 anos, possivelmente apenas sete ou dez anos para uma versão aramaica ou hebraica de Mateus, citada por Papias.

Esta conclusão é corroborada por várias peças de evidência, todas elas convergentes. Primeiro, como já notado, é evidente que o livro de Atos foi escrito aproximadamente em 62 a.D. Ele não menciona a queda de Jerusalém em 70 a.D., cujo evento teria sido impossível omitir desde que Jerusalém é central em grande parte de Atos. Nada é mencionado sobre a perseguição de Nero em 64 a.D. O livro termina com Paulo em Roma por ordem de Nero. Atos também não cita o martírio de três figuras principais no livro: Tiago (62 a.D.), Paulo (64 a.D.) e Pedro 65 a.D.). Por que suas mortes não foram incluídas, quando Atos registra a morte de Estêvão e de Tiago, o irmão de João?

Se o livro de Atos foi escrito em 62 a.D., o evangelho de Lucas deve ter, então, data mais antiga, provavelmente em fins da década de 50, pois Lucas se reporta ao seu relato anterior do evangelho a Teófilo, dizendo em Atos: "Escrevi o primeiro livro, ó Teófilo, relatando todas as cousas que Jesus fez e ensinou".[4] Lucas iniciara seu relato prévio do evangelho, dirigindo-se também a Teófilo nessa ocasião.[5]

Os primeiros pais da igreja afirmam que Mateus escreveu sua narrativa primeiro. Muitos críticos modernos dizem que Marcos foi quem escreveu primeiro. Em qualquer caso, quase todos concordam que ambos escreveram antes de Lucas, o que fixa as datas de sua composição não mais tarde que fins da década de 50. Manuscritos anteriores, manuscritos parcialmente escritos ou coleções das coisas ditas ou feitas por Jesus estiveram provavelmente em circulação durante anos antes de serem usados nos relatos dos evangelhos como os conhecemos. Esses relatórios possivelmente circularam nas décadas de 40 e 50. Repetimos, então, que o período formativo não poderia ser mais longo do que 17 a 20 anos. R. T. France, um erudito que não era dado

ao exagero ou à deturpação, conclui:

> Segundo creio, é provável que alguns e talvez todos os evangelhos tivessem sido escritos substancialmente na sua forma atual trinta anos após os eventos e que grande parte do material já tivesse sido coletado e escrito uma ou duas décadas antes disso. Se for esse o caso, não estamos tratando com uma longa tradição popular, mas com quatro registros paralelos de eventos bastante recentes, perfeitamente compatível com o período de vida de uma testemunha de meia-idade do ministério de Jesus. (FrR.E 121)

O período formativo não deveria ser considerado como aquela época em que o conteúdo dos evangelhos estava sendo formado por alguma "comunidade criativa". Como veremos abaixo, ele é aquele espaço de tempo em que a forma do material estava em transição de um meio oral para outro escrito. Concordamos, portanto, com Charles Anderson quando ele escreve:

> Estamos de acordo com os críticos no sentido de alguma transformação, como a que eles afirmam que poderia ter ocorrido no material, se o período formativo fosse de duzentos e não vinte anos, mas tal transformação no espaço de tempo disponível seria simplesmente impossível. (AnC.CQ 80)

COMO A INFORMAÇÃO FOI PRESERVADA?

Reconhecer a importância da tradição oral não é coisa absolutamente nova. Em 1796-97 Johann Gottfried von Herder deu publicidade às tradições orais subjacentes aos evangelhos. Ele escreveu:

> Toda a idéia de nossos evangelistas terem sido uma espécie de escribas (*scribae*) que colecionavam tratados e os suplementavam, aperfeiçoavam, verificavam, comparavam uns com os outros, é... extraordinariamente inconsistente e irreal com respeito à sua situação e intenção, assim como com o propósito dos seus respectivos evangelhos... Em última análise, não se sabe que evangelista copiou o outro, ou suplementou, abreviou, deturpou, aperfeiçoou, corrompeu ou até roubou dele... De fato, nenhum deles se empenhou em suplantar ou diminuir o outro, mas cada um apresentou simplesmente o seu relatório.[6]

Em 1818, Johann Carl Ludwig Giesler desenvolveu ainda mais a tese de Herder. Com respeito à importância da tradição oral anterior aos evangelhos, ele disse:

> Aceitar uma fonte oral comum é o meio mais conveniente de explicar como o seguinte estado de coisas surgiu: Quanto mais as histórias pareciam importantes para os discípulos, tanto mais

> elas eram contadas de maneira congruente. Essas unidades é que foram apresentadas mais vezes e, sendo repetidas freqüentemente, preservaram sua forma original de maneira mais pura do que fizeram outras histórias. Com relação às mais recentes, o assunto e não a forma é que foi revocado pelas pessoas. Mas aqui também as expressões notáveis são mais ou menos idênticas, enquanto antes e depois dessas expressões existe variação nas formas dos sinônimos. Esta tinha exatamente de ser a conseqüência natural de um protótipo oral.[7]

Os eruditos modernos, porém, acham mais fácil crer que as semelhanças entre os relatos dos evangelhos são por causa do fato de eles terem copiado uns dos outros ou de fontes comuns. A teoria mais difundida hoje, a das duas fontes, afirma que Mateus e Lucas (ou redatores que foram mais tarde tidos como sendo Mateus e Lucas) compuseram seus relatos, usando duas fontes primárias, o evangelho de Marcos e outra fonte chamada de Q. F. F. Bruce resume os detalhes que eles tentam explicar:

> Descobrimos, por exemplo, que o conteúdo de 606 dentre os 661 versículos de Marcos aparece em Mateus, e que cerca de 350 dos versículos de Marcos reaparecem com pequena diferença material em Lucas. Ou, em outras palavras, dos 1.068 versos de Mateus, cerca de 500 contêm material também encontrado em Marcos; dos 1.149 versos de Lucas, cerca de 350 encontram paralelo em Marcos. Ao todo, só existem 31 versos em Marcos que não têm paralelo, seja em Mateus ou Lucas.
>
> Quando comparamos Mateus e Lucas separadamente, descobrimos que os dois têm cerca de 250 versos contendo material comum sem paralelo em Marcos. Este material comum é colocado em linguagem algumas vezes praticamente idêntica em Mateus e Lucas, e outras vezes mostra considerável divergência. Ficamos, então, com cerca de 300 versos em Mateus, contendo narrativas e discursos peculiares a esse evangelho, e cerca de 500 versos em Lucas contendo material que não é encontrado nos outros evangelhos. (BrF.NTD 31)

Thomas e Gundry resumem convenientemente aqui os argumentos do erudito de Oxford, B. H. Streeter, em defesa do uso de Marcos por Mateus e Lucas.[8] Além disso, eles oferecem contra-argumentos aos raciocínios a favor da prioridade de Marcos e da teoria das duas fontes. Em vista de o seguinte material representar o centro da questão quanto à formação dos evangelhos, fazemos uma citação algo extensa:

1. A maior parte do material em Marcos (93% segundo Westcott) é encontrada em Mateus e Lucas. Desde que lhe parecia inconcebível que Marcos tivesse abreviado os outros dois, Streeter concluiu que Mateus e Lucas devem ter expandido Marcos.

Respostas a este argumento notam que Marcos pode ter tido uma razão especial para condensar um ou ambos dos outros evangelhos. Assim também, material comum a dois ou três evangelhos podem ter chegado ali por algum meio que não a cópia. Por exemplo, ele pode ser traçado até uma tradição oral comum. Em outras palavras, Marcos pode não ter visto os evangelhos de Mateus e Lucas antes de escrever o seu, e vice-versa.

2. Embora concordando muitas vezes com Marcos nas palavras usadas, Mateus e Lucas não concordam entre si quando divergem de Marcos. Permitindo exceções a esta generalização, Streeter explicou essas exceções como irrelevantes ou enganosas ou acordos feitos por causa de uma sobreposição de Marcos e Q (outra fonte principal de Mateus e Lucas), ou acordos por causa da corrupção textual. Esta diversidade mateana-lucana é usada para provar sua dependência de Marcos.

   Da mesma forma que a primeira proposição de Streeter, porém, esta também pode ser revertida para provar a prioridade de Mateus ou Lucas. Dependendo das passagens paralelas escolhidas e daquelas nas quais os dois evangelhos são comparados, é possível provar igualmente a prioridade de Mateus ou Lucas. Embora não sejam numerosos, os acordos entre Mateus e Lucas, onde Marcos mostra algo diferente, são suficientemente substanciais para indicar a sua independência de Marcos em quase todas as seções onde a teoria das duas fontes diz que eles são dependentes. Nenhuma explicação convincente que permita a permanência desta premissa justificou essas "exceções".

3. A ordem dos eventos em Marcos é original, pois onde quer que Mateus se afaste de Marcos, Lucas apóia a ordem em Marcos, e onde quer que Lucas se afaste, Mateus concorda com a ordem de Marcos. É dito que isto demonstra a prioridade de Marcos e que os outros dois evangelhos são secundários, desde que não seguem um ao outro quando se afastam da ordem de Marcos.

   Outra vez, no entanto, a conclusão não se segue necessariamente. Por exemplo: Marcos pode ter trabalhado a partir de Mateus e Lucas. Ele pode ter seguido a ordem deles quando estavam de acordo e seguido um ou outro deles quando discordavam. Outras explicações também oferecem alternativas plausíveis para os fenômenos observados. Uma opção que deve permanecer aberta é que os três estavam trabalhando a partir de uma ordem ditada por uma tradição aceita pelas testemunhas oculares e transmitida de várias maneiras entre os primeiros cristãos. Os três escritores, então, conforme surgiu a oportunidade, se desviaram desta seqüência tradicional em seus evangelhos.

4. A natureza primitiva de Marcos, quando comparada com Mateus e Lucas, demonstra a prioridade de Marcos. Para ilustrar, Mateus usa *kurie* ("Senhor") dezenove vezes e Lucas dezesseis, enquanto

o termo só aparece uma vez em Marcos. Isto é tido como indicando uma atitude de reverência mais desenvolvida e, portanto, uma data posterior para os dois evangelhos mais longos.

Todavia, o mesmo tipo de evidência pode ser usado de outro modo. Pode ser levantada uma dúvida quanto a uma conotação reverencial em *kurie*, desde que Mateus emprega essa forma sete vezes ao referir-se a simples homens (Mt 13.27; 21.29; 24.27-63; 25.11,20,22). Esta não era certamente uma forma que Mateus reservava para a divindade. Em conseqüência, nenhuma cronologia pode ser apoiada no seu uso ou falta de uso em qualquer dos evangelhos.

A mesma colocação pode ser feita quanto a outros supostos sinais de antigüidade, tais como os aramaísmos em Marcos. Segundo a maioria dos padrões de julgamento, Mateus é muito mais semítico que Marcos. Junte a isto os latinismos de Marcos e sua tradução de expressões aramaicas para os que não conheciam o idioma, e há uma boa razão para postular a prioridade de Mateus.

5. A distribuição de material marcano e não marcano em Mateus e Lucas mostra a sua dependência de Marcos. Mateus usa Marcos como uma estrutura e coloca o seu material nessa estrutura, enquanto Lucas oferece material marcano e não marcano em blocos alternados.

É da mesma forma plausível, entretanto, supor o procedimento oposto. Em lugar de Mateus extrair palavras ou frases aqui e ali e tecê-las numa narrativa fácil e polida, Marcos, ao apresentar seu relato, também pode ter tomado o livro de Mateus e acrescentado detalhes para obter maior vivacidade. Se a suposição da prioridade de Marcos for abandonada, pode ser mostrado como Lucas poderia ter extraído seções de Mateus e, por sua vez, Marcos poderia ter feito igualmente em Lucas. Outra explicação possível é que os três poderiam ter-se apoiado num núcleo de tradição entre os primeiros cristãos. (ThR.H 275-76)

Em adição ao Evangelho segundo Marcos, os estudiosos se referem geralmente hoje ao documento Q que é tido como sendo o outro documento do qual Mateus e Lucas obtiveram grande parte de seu material. A existência deste material *literário* é considerada tão forte por alguns, que poder-se-ia pensar que o tivessem em mãos. De fato, tudo o que realmente possuímos é uma coleção de vários versículos de Mateus e Lucas que são considerados como formando o documento Q baseado na crítica literária atual. Depois de apresentar pesados argumentos técnicos contra a existência de um documento literário Q, o professor Reicke declara:

> Essas tradições mateanas e lucanas específicas, de maneira nenhuma provaram ter origem num documento ou coleção de textos. Principalmente compostas de declarações, ou "logia", elas

> muitas vezes contêm também narrativas. A dispersão peculiar das 35 ou 31 mais 4 unidades, entre as quais só existem realmente 2 paralelos contextuais, mostra que qualquer suposição de uma fonte escrita subjacente às duplas tradições mateanas-lucanas, tal como a fonte Logia ou o suposto documento Q, é uma ilusão. (ReB.RSG 27)

Reicke continua:

> Só a suposição de tradições independentes, circulando livremente, e não tradições ordenadas das quais Mateus e Lucas extraíram unidades maiores e menores conforme a ocasião exigia, pode explicar a flexibilidade constitutiva das duplas tradições em Mateus e Lucas. (ReB.RSG 28)

A fim de explicar como grandes blocos de material em cada um dos evangelhos (especialmente Mateus e Lucas) descrevem eventos similares, mas que ocorrem em contextos diferentes, Reicke afirma:

> A explicação está no princípio da oferta e procura; isto é, cada escritor sinóptico tinha um certo material à sua disposição que fora transmitido e formulado de várias maneiras entre os cristãos e do qual ele se apropriou, eventualmente rearranjando, ampliando, ou limitando-o conforme seus interesses. (ReB.RSG 29)

Reicke não está dizendo aqui que os escritores dos evangelhos usaram algum material, a fim de preparar suas próprias histórias, mas sim, que eles combinaram as tradições orais de modo a focalizar as várias facetas da vida de Jesus que queriam ressaltar. Assim sendo, embora não encontremos nenhuma contradição nos detalhes históricos dos relatos do evangelho, vamos descobrir várias reorganizações do material que ajudaram cada escritor a comunicar a vida de Cristo aos ouvintes que ele tinha como propósito atingir.

Desse modo, a teoria das duas fontes parece conter sérias fraquezas na explicação dos detalhes. Thomas e Gundry resumiram novamente as novas adições à teoria das duas fontes como um todo:

1. A teoria das duas fontes não pode justificar o que foi rotulado de "A Grande Omissão". Se Lucas usou Marcos como fonte, não surgiu ainda uma explicação plausível para ele ter omitido quaisquer referências a Marcos 6.45—8.26. Esta importante seção inclui Jesus andando sobre a água, a cura em Genesaré, um conflito sério sobre a tradição dos anciãos, a fé demonstrada pela mulher sirofenícia, a cura de um homem surdo e mudo, a alimentação dos quatro mil, o pedido de um sinal por parte dos fariseus, a lição sobre o fermento dos fariseus e o de Herodes, e a cura de um cego em Betsaida.
2. Descobertas arqueológicas recentes e um melhor conhecimento

das condições na Palestina do século 1° tornaram cada vez mais difícil sustentar o argumento para Q como um corpo único de tradição escrita... É mais satisfatório explicar Q, caso o símbolo deva ser retido, como material evangélico pertencente a várias linhas de tradição, tanto escritas como orais.

3. Nas seções de tradição tripla (isto é, as cobertas por Mateus, Marcos e Lucas), um número considerável (cerca de 230) de acordos entre Mateus e Lucas diferem de uma porção paralela em Marcos. ("Diferem" não significa que Marcos contradiz os outros dois, mas que ele usa outras palavras.) ...Por exemplo, Mateus 9.1-8 e Lucas 5.17-26 concordam entre si palavra por palavra em nove expressões separadas, enquanto Marcos 2.1-12 registra palavras diferentes. Em Mateus 8.1-4 e Lucas 5.12-16 sete palavras ou expressões idênticas são encontradas, enquanto Marcos 1.40-45 se diverge... O fato é que a teoria das duas fontes não pode justificar tais acordos entre Mateus e Lucas, quando Marcos tem uma outra leitura.
4. A prioridade de Marcos propõe um sério desafio ao testemunho dos primeiros cristãos, que não tinha sido até agora desafiado, de que o apóstolo Mateus escreveu o primeiro evangelho. É preciso compreender que Mateus, uma testemunha ocular do ministério de Jesus, dependeu de Marcos, que não foi testemunha ocular, para sua informação. Esta dependência se estende até a idéia de Mateus confiar em Marcos para uma descrição de sua própria conversão.
5. A teoria das duas fontes não dá atenção suficiente aos contatos pessoais entre os escritores sinópticos... Mateus e Marcos devem ter tido uma associação íntima logo depois do Pentecostes, enquanto os cristãos de Jerusalém faziam uso da casa de Marcos como ponto de reunião (cf. At 12.12). Marcos e Lucas foram companheiros durante a prisão de Paulo em Roma (Cl 4.10,14). É muito provável que Lucas tenha encontrado Mateus durante sua estada de dois anos com Paulo na Palestina em fins da década de cinqüenta (cf. At 24.27). Caso negativo, ele deve ter falado com alguns que eram muito íntimos de Mateus. Os contatos pessoais como esses tornam desnecessária a dependência literária defendida pela teoria das duas fontes. (ThR.H 277-78)

Como podemos explicar as semelhanças e diferenças nos relatos dos evangelhos? A resposta está se tornando cada vez mais clara e não é simples. Os escritores dos evangelhos devem ter usado uma variedade de fontes, inclusive relatórios orais padronizados através das muitas transmissões, entrevistas pessoais, suas próprias lembranças, notas curtas e esboços extensos escritos rapidamente pelas testemunhas oculares, talvez uma ou mais delas tivesse visto um ou mais dos outros relatos. E por que toda esta atividade? Muito simples — para lembra-

rem! Nas palavras de D. G. Dunn:

> O ponto é este. As próprias tradições do evangelho mostram que a sua forma presente é o resultado de uma prática bem estabelecida de uso oral. Em outras palavras, elas dão testemunho de um interesse forte e predominante entre os primeiros cristãos no sentido de *lembrarem* de Jesus, de celebrar suas memórias, de retê-las em formas apropriadas, de estruturar suas tradições para revocá-las facilmente, mas acima de tudo para lembrar. (DuJ.HSG 10-11)

As seções que se seguem contêm evidência, demonstrando como os escritores dos evangelhos se empenharam em lembrar Jesus, transferindo uma descrição correta e confiável da vida dEle da forma oral para a escrita.

EVIDÊNCIA

Sitz-im-leben, a Verdadeira

Qual era a verdadeira situação vivencial da igreja primitiva? Quando nos esquecemos das atividades e enfeites da modernidade nas igrejas de hoje, como visualizamos as primeiras comunidades cristãs?

Se dermos pelo menos alguma atenção às cartas do Novo Testamento, ao livro de Atos, e até aos próprios evangelhos, veremos rapidamente que uma das atividades principais da igreja era a divulgação do evangelho, as boas novas. Esta pregação do evangelho tornaria "provável que 'tratados' relativamente compreensíveis das tradições sobre Jesus tivessem de ser compilados num estágio bem inicial para uso dos missionários e professores que saíam de Jerusalém." (AnC.CQ 80) Haveria uma demanda natural de informação correta sobre esse Jesus, em vista de novos crentes estarem sendo acrescentados à igreja diariamente e esses, por sua vez, transmitirem a palavra a outros.

A disseminação de material sobre Jesus, porém, não era confiada ao acaso a cristãos sem conhecimento que pudessem deturpar a mensagem. Quando houve necessidade de um sucessor para Judas Iscariotes, uma das qualificações aceitas pelos apóstolos era que o sucessor fosse uma testemunha ocular de todo o ministério de Jesus:

> É necessário, pois, que, dos homens que nos acompanharam todo o tempo que o Senhor Jesus andou entre nós, começando no batismo de João, até o dia em que dentre nós foi levado às alturas, um destes se torne testemunha conosco da sua ressurreição (At 1.21,22).

Harold Riesenfeld, o respeitado estudioso sueco do Novo Testamento, conclui que para os discípulos "as palavras e obras de Jesus eram

uma palavra santa, comparável com a do Antigo Testamento, e a transmissão desse precioso material foi confiada a pessoas especiais". (RiH.GT 19)

J. P. Moreland acrescenta:

> Quando comparamos os evangelhos sinópticos entre si, descobrimos que existe mais harmonia palavra-por-palavra nas declarações de Jesus do que nos detalhes incidentais da narrativa histórica circunjacente. É isto que seria de esperar, se o material fosse tratado como tradição santa. (MoJP.S 144)

Assim sendo, os discípulos seguiram a prática de suas comunidades judaicas ao escolherem pessoas especiais, comparáveis em muitos respeitos aos rabinos, para serem responsáveis por preservar e passar adiante a tradição "santa". A tarefa consumia tempo suficiente para que essas pessoas fossem liberadas de outros deveres domésticos, a fim de poderem dedicar tempo integral "à oração e ao ministério da palavra" (At 6.4).

O Ambiente Judeu

Muitas línguas eram faladas na terra da Palestina. A evidência mostra que o hebraico, o aramaico e o grego eram todos comuns e os eruditos discutem qual deles era mais usado em cada região. Nas épocas de festas, os judeus de várias nações, todas com línguas diferentes, se amontoavam em Jerusalém. Os eventos do Pentecostes, cinqüenta dias depois da ressurreição de Jesus, indicam que muito cedo na vida da igreja a tradição sobre Jesus teve de ser traduzida em outros idiomas. Até mesmo o passo único de traduzir do aramaico ou hebraico para o grego iria justificar algumas das diferenças entre os vários relatos do evangelho.

As testemunhas oculares da vida de Jesus começaram eventualmente a morrer. Ao mesmo tempo, a igreja crescia aos trancos e barrancos, especialmente entre os gentios. Enquanto os crentes judeus talvez se satisfizessem em permanecer com uma tradição oral, as comunidades de fala grega aparentemente preferiam um relatório escrito. Clemente de Alexandria (ca. 155-220 a.D.) registra o motivo de Marcos para escrever o seu evangelho:

> Quando estava em Roma, Pedro havia pregado abertamente a palavra e pelo Espírito proclamara o evangelho; a grande audiência pressionou Marcos, que o seguira por muito tempo e lembrava o que havia sido dito, a colocar tudo por escrito. Ele concordou, tornando o seu evangelho acessível a todos que o desejassem.[9]

Mesmo depois de os relatos dos evangelhos terem sido compostos,

a evidência mostra que o respeito pela tradição oral continuou. Poderíamos ficar imaginando a razão para isso, especialmente no que se refere aos três evangelhos sinópticos. Por que a igreja não combinou os três em um só relato fluente e livre de quaisquer contradições aparentes? Daniel-Rops responde:

> Houve ensaios nesta direção, um pelo menos, o do assírio Taciano, pupilo de Justino, foi composto com grande habilidade e se tornou rapidamente popular nas igrejas sírias. Ela talvez soubesse, com seu maravilhoso senso de realidade, que as pequenas diferenças entre os textos, longe de prejudicar a sua credibilidade, iriam fortalecê-la. E, acima de tudo, com seu profundo respeito pela tradição, ela sabia que não tinha o direito de fazer qualquer alteração em documentos obtidos diretamente das primeiras testemunhas. (AmF.SLC 39-40)

Para melhor compreender a *sitz-im-leben* ("situação vivencial") da igreja e a preservação da história do evangelho, é útil saber algo sobre a cultura judia nos dias dos apóstolos.

> Quando Paulo diz em Gálatas 4 que na plenitude do tempo Deus enviou o Seu Filho, nascido de mulher e nascido sob a Lei, ele está falando dogmaticamente. Mas, ao mesmo tempo, está sugerindo a existência de um fato que o historiador não pode negligenciar: Jesus nasceu de uma mulher judia e foi educado sob a Tora. Isso significa que ele estava familiarizado com a Tora e sujeito a ela.
>
> Uma das principais tarefas de todo erudito que quisesse traçar as origens, os desenvolvimentos e a tradição do evangelho deveria ser, portanto, determinar, em geral e em detalhe, a sua relação com a Tora. Poucos fatores têm sido tão importantes para a formação da tradição do evangelho como a crença de que as palavras e obras de Cristo eram o cumprimento da Lei e dos Profetas. Se nós, estudiosos modernos, soubéssemos o nosso Antigo Testamento (o texto hebraico, o targum aramaico e as traduções gregas) de memória, poderíamos observar isto em sua perspectiva correta. (GeB.MM 324-25)

Desse modo, o erudito sueco, Birger Gerhardsson, desafiou os estudiosos do evangelho com a publicação do seu livro *Memory and Manuscript* ("Memória e Manuscrito"). Na primeira metade do livro, Gerhardsson explica os procedimentos que as autoridades judias usaram para receber e transmitir corretamente a sua tradição oral. Na segunda metade do livro, ele revela a evidência para o uso de tais práticas de transmitir a tradição oral sobre Jesus pela primeira igreja.

Gerhardsson menciona várias citações rabínicas para demonstrar a importância na cultura judia de receber e transmitir corretamente a sua

tradição oral. Por exemplo, no *Talmude Babilônico*, o tratado Sotah 22*a* revela que os judeus se davam ao trabalho de memorizar até aquilo que não compreendiam: "O mágico murmura e não entende o que fala. Da mesma maneira o 'tanna' recita e não sabe o que diz". No mesmo *Talmude*, o tratado Abodah Zarah 19*a* diz: "Devemos sempre recitar, (embora esqueçamos) embora a pessoa não compreenda o que está dizendo". Em vários textos diferentes, um pupilo é descrito como tendo aprendido uma doutrina específica pelas palavras: "Aprendeu dele 'quarenta vezes', e se tornou para ele como se estivesse em sua bolsa".[10]

Em vários lugares, os rabinos dão a seus alunos recursos mnemônicos para ajudá-los a memorizar certas passagens. A fim de memorizar:

> Os pães para a oferta movida tinham sete (larguras da mão) de comprimento e quatro de largura e suas pontas tinham quatro larguras de dedo (de altura). Os pães da proposição tinham dez (larguras da mão) de comprimento e cinco de largura e suas pontas tinham sete larguras de dedo (de altura).

O rabino Judah (ben Ilai) recomenda: "para não cometer um erro (lembre da mnemônica): ZaDaD YaHaZ."[11] Essas letras representam os números 7,4,4,10,5 e 7.

Os que descobriram a técnica útil de memorizar repetindo em voz alta, reconhecem o valor deste conselho: "Deixe que seus ouvidos ouçam o que você permite que cruze os seus lábios."[12] R. Akiba enfatizou o estudo diário da Tora, dizendo: "Cante todos os dias, cante todos os dias."[13] Ainda hoje, os cristãos acham, no geral, mais fácil memorizar as Escrituras aprendendo vários hinos e coros bíblicos. Gerhardsson também menciona "expressões faciais didáticas que foram evidentemente usadas, assim como o uso de gestos e movimentos corporais para dar forma dramática ao material doutrinário." (GeB.MM 168)

Advertências severas contra o esquecimento incluíam esta de R. Meir: "Todo homem que esquecer uma única palavra da sua *Mishnah* (isto é, o que aprendeu), a Escritura o considera como se tivesse perdido a sua alma!"[14] Se um professor olvidasse o que sabia antes, por causa de má saúde, por exemplo, ele tinha de voltar e reaprender com seus próprios alunos o que olvidara. (GeB.MM 169)

É de admirar que por centenas de anos os judeus tivessem condições de preservar volumes de tradição oral? Eles finalmente registraram a *Mishnah* cerca de 200 a.D., o *Talmude de Jerusalém ou Palestino* em 350-425 a.D., e o *Talmude Babilônico* em 500 a.D. Quando pensamos por um momento que cada uma das testemunhas oculares da vida de Jesus teve pelo menos algum treinamento na infância como ilustrado acima, é quase ridículo pensar que eles teriam permitido que o erro se insinuasse

nas palavras de Jesus que desejavam preservar. Ficamos até imaginando por que Jesus precisou enviar o Espírito Santo que "vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito" (Jo 14.26).

Fica claro nos evangelhos que Jesus transmitiu seu ensino em segmentos fáceis de lembrar. As parábolas são geralmente concisas e lembradas com facilidade. Certas declarações, como em Mateus 11.17, indicam a habilidade de ensino de Jesus numa cultura oral: "Nós tocamos flauta, e não dançastes; entoamos lamentações, e não pranteastes." A história dos dois homens que construíram suas casas, uma na areia e a outra na rocha, contém paralelos e contrastes em fraseologia que permanece na memória do ouvinte (Mt 7.24-27).

Desde o início, embora os discípulos não compreendessem o sentido do messiado de Jesus, eles não duvidaram de que ele era o Messias. João provavelmente notou que os outros escritores do evangelho deixaram de registrar alguns eventos cruciais relativos à época antes de largarem suas redes para seguir Jesus. Ele fala, então, de André ter encontrado Pedro e anunciado: "Achamos o Messias" (Jo 1.41).

Quando Filipe contou a Natanael sobre Jesus, usou termos judeus claramente compreensíveis para se referir a Ele como o Messias: "Achamos aquele de quem Moisés escreveu na lei, e a quem se referiram os profetas" (Jo 1.45).

Ao empregar o termo grego para Messias, o evangelho de Mateus recorda o ensino de Jesus: "Nem sereis chamados guias, porque um só é vosso Guia, o Cristo."[15] Gerhardsson conclui:

> Toda probabilidade histórica está a favor dos discípulos de Jesus, e de *todos os primeiros cristãos, tendo dado às declarações* daquele que eles criam ser o Messias pelo menos o mesmo grau de respeito que os pupilos de um rabino davam às palavras de seu mestre!" (GeB.MM 332)

As Reivindicações de Lucas

Será mera conjectura supor que os escritores do evangelho usaram tradições orais exatas para compilar seus relatos da vida de Jesus? É provável que a peça mais valiosa de informação ao nosso dispor para responder a esta pergunta seja os primeiros quatro versículos do relato de Lucas. Nesta única sentença, Lucas, médico e companheiro de viagem de Paulo, revela como ele, e com toda a probabilidade como os outros escritores do evangelho, compilaram seus relatos. Ele diz:

> Visto que muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram, conforme nos transmitiram os que desde o princípio foram deles testemu-

> nhas oculares, e ministros da palavra, igualmente a mim me pareceu bem, depois de acurada investigação de tudo desde sua origem, dar-te por escrito, excelentíssimo Teófilo, uma exposição em ordem, para que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído (Lc 1.1-4).

Imagine por um momento que você é um cristão de fins do século 1°, lendo esta sentença. Nem os evangelhos nem o resto do Novo Testamento tinham sido ainda colecionados no que chamamos hoje de Novo Testamento, mas você está interessado em saber como Lucas compilou seu relato. Você iria observar vários pontos interessantes, especialmente se estiver lendo esta sentença na língua grega em que foi escrita.

Primeiro, a narrativa é claramente estabelecida como tendo sido feita por um único indivíduo. Qualquer tentativa de atribuir esta obra a um grupo de redatores é flagrantemente inconsistente com a sua sentença inicial. Desde que o escritor de Atos também se dirige a Teófilo e menciona uma narração anterior da vida de Jesus, e tendo em vista todas as semelhanças de estilo e temáticas, torna-se óbvio que tanto Atos como Lucas foram compilados pelo mesmo indivíduo. As várias passagens no plural "nós" (veja Atos 16.10), assim como Atos 20.5-21.15 e 27.1-28.15, indicam que Lucas foi mais provavelmente o autor do livro de Atos, sendo também o autor deste Evangelho segundo Lucas. Colossenses 4.14; Filemom 24; e 2 Timóteo 4.11 dão igualmente testemunho da identidade de Lucas como companheiro amado de Paulo e provável autor das duas obras, Lucas e Atos.

Segundo, você vai aprender que Lucas sabia de muitos outros que já haviam *empreendido* a narração por escrito da vida de Jesus. Lucas usa o verbo *epicheireo*, significando empreender, tentar, colocar a mão em, ou experimentar. No versículo um, então, Lucas está dizendo que, desde que muitos tentaram preparar uma narrativa sobre a vida de Jesus, ele achava que deveria também escrever um relato pois fizera uma investigação completa dos acontecimentos. Ele pode ter achado que as outras tentativas não foram suficientemente completas, continham material que julgava desnecessário, ou apresentaram arranjos confusos do conteúdo ou da seqüência cronológica, pelo menos para a audiência a quem se dirigia.

Terceiro, você vai aprender pela introdução de Lucas que, embora outros estivessem procurando produzir uma narrativa da vida de Jesus, eles não estavam necessariamente compilando relatos escritos. As palavras *uma narração coordenada* significam literalmente: "repetir na ordem apropriada a narrativa ou relato". Essas palavras, especialmente numa cultura onde o modo comum de expressão era oral e não escrito, simplesmente indicam que muitos dos primeiros cristãos estavam

engajados num processo de recordar ou recontar tudo o que ocorreu na vida terrena de Jesus e queriam preservar essa informação nalguma forma de ordem.

Quarto, você reconhece que Lucas obteve a sua informação de testemunhas oculares. Essas testemunhas oculares são conhecidas como tendo recebido a incumbência de transmitir fielmente as coisas que viram e ouviram. J. W. Wenham, um erudito inglês, detalhou certas evidências positivas mostrando que o próprio Lucas fora uma testemunha ocular de pelo menos parte do ministério de Jesus. (WeJW.GO 118-27)

Marcos também revela inconscientemente seu conhecimento de testemunhas confiáveis da vida de Jesus. Por exemplo, em Marcos 15.21 ele informa: "E obrigaram a Simão Cireneu que passava, vindo do campo (pai de Alexandre e de Rufo) a carregar-lhe a cruz." Não há razão para a referência parentética de Marcos a Alexandre e Rufo, além da sua expectativa de que seus leitores os conhecessem. Eles aparentemente haviam se tornado crentes, possivelmente mantendo posições de liderança em algum lugar na igreja primitiva. A referência casual de Marcos a eles indica seu conhecimento pessoal com testemunhas oculares ou auriculares que podiam confirmar a exatidão do seu relatório. Nem Mateus nem Lucas, registrando o mesmo evento, mencionaram Alexandre e Rufo. Eles aparentemente não esperavam que seus leitores os conhecessem, ou teriam talvez achado necessário ocultar a sua identidade, a fim de protegê-los de uma possível perseguição.

Quinto, você espera ver outros relatos do evangelho escritos por outros indivíduos. Ao ler a narração de Lucas, você já pode ter visto outras. Aqui, o emprego da palavra *kamoi*, "igualmente a mim", por Lucas, indica o seu conhecimento de outras tentativas para escrever as coisas acontecidas, desde que ele diz: "me pareceu bem... dar-te por escrito". Ele não teria usado a palavra *também* (esta palavra é inferida no texto da SBB), se não soubesse das outras tentativas para escrever, ou que estivessem provavelmente em circulação.

Sexto, no versículo três Lucas enfatiza a qualidade de suas fontes. A frase "depois de acurada investigação de tudo desde sua origem", pode ser também interpretada "tendo investigado ou traçado tudo desde a sua fonte".

Sétimo, você aprecia os esforços de Lucas para ser exato em tudo que registra. A palavra *acurada* no verso três, significa literalmente "exata".

Oitavo, você aprecia também os esforços de Lucas para conduzir a sua investigação de modo ordeiro e arranjar o seu relato nessa conformidade. No verso três, ele usa a palavra *kathexase*, significando "em ordem". É difícil dizer se este advérbio foi usado para indicar uma progressão cronológica no relato ou a metodologia lógica na sua investigação. Ele parece aplicar-se a ambas.

Nono, você observa que o propósito de Lucas é comunicar-lhe a certeza e exatidão de todos os eventos descritos. Nos versos três e quatro, ele diz a Teófilo (seja um homem chamado Teófilo ou alguém que "ama a Deus" [sentido literal de Teófilo]): "Para que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído".

Décimo, você entende as palavras no verso quatro, "das verdades em que foste instruído", como sendo aquelas coisas aprendidas anteriormente por meio da instrução oral. O estudo bíblico, como o compreendemos hoje, era estranho ao leigo do século 1°. Assim como os judeus, os primeiros cristãos se apoiavam na instrução oral e memorização para seu progresso contínuo na fé.

O Apóstolo Paulo

Quando chegamos ao apóstolo Paulo, descobrimos que alguns diriam ser ele a maior evidência quanto à verdade da fé cristã. Eis aqui um homem completamente integrado na cultura judia. Moldado por ela e imerso nela, ele foi provavelmente um dos mais intensos protagonistas da época a favor do judaísmo rabínico. Em suas próprias palavras: "Quanto ao judaísmo, avantajava-me a muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais."[16] A conversão súbita de Paulo, de perseguidor da igreja em seu mais notável primeiro missionário, é um dos desafios mais difíceis para um cético quanto ao cristianismo bíblico. Phillip Schaff comenta que até o "Dr. Baur, o espírito-mestre da crítica cética e fundador da 'Escola de Tübingen'", viu-se constrangido a admitir que " 'na repentina transformação de Paulo do mais violento adversário do cristianismo em seu mais determinado arauto' ele não podia ver 'senão um milagre' ". (ScP.HCC 315, citando BaF.CH 1:47)

Uma das principais razões para a evidência de Paulo ser tão forte é que ele produziu suas cartas muito cedo. A tabela na página seguinte compara as datas dadas por três eruditos reconhecidos no campo (representando tanto o ponto de vista liberal quanto o moderado) e ajuda a colocar as obras de Paulo em sua estrutura histórica de tempo.

Como pode ver, embora os diferentes estudiosos variem nas datas específicas, isso, no geral, não acontece por mais de dois ou três anos. (Kümmel evidentemente não aceita a autoria paulina de alguns dos livros do Novo Testamento atribuídos a Paulo.)[17]

As datas das cartas de Paulo se tornam especialmente significativas em vista das objeções que os críticos levantam contra os relatos dos evangelhos. Por exemplo, os críticos gostam de dar aos evangelhos uma data bem recente porque estes indicam supostamente uma visão mais sofisticada de Cristo ("alta Cristologia") que não deveria ter existido no cristianismo primitivo. Mas um dos principais indicadores de uma alta

Cristologia é o uso da palavra *Cristo* como um nome (como em "Jesus Cristo"), em lugar de um título (como em "Jesus, o Cristo"). É, então, estranho que Paulo, escrevendo supostamente antes dos escritores dos

Livro	Kümmel[18]	Guthrie[19]	Robinson
1 Tessalonicenses	50	51	Princípios 50
2 Tessalonicenses	50-51	51	50-51
1 Coríntios	54-55	57	Primavera 55
1 Timóteo	100+	61-64	Outono 55
2 Coríntios	55-56	57	Princípios 56
Gálatas	54-55	49-50	Fins 56
Romanos	55-56	57-58	Princípios 57
Tito	100+	61-64	Fins primavera 57
Filipenses	53-58	59-61	Primavera 58
Filemon	55-60	59-61	Verão 58
Colossenses	56-60	59-61	Fins verão 58
Efésios	80-100	59-61	Fins verão 58
2 Timóteo	100+	61-64	Outono 58

evangelhos, manifestasse esta alta Cristologia.

Mateus, Marcos, Lucas e João combinados usam o nome "Jesus Cristo" apenas cinco vezes. Paulo faz uso dele cerca de 125 vezes. Enquanto os escritores do evangelho quase sempre se refiram a Jesus só por esse nome, Paulo quase sempre emprega um termo tal como "Cristo Jesus", "Senhor Jesus", "Jesus Cristo" ou "nosso Senhor Jesus Cristo". Os escritores do evangelho só ocasionalmente chamam Jesus de "Cristo" como se fosse um nome.

Por quê?

Só há uma boa resposta. Os relatos do evangelho se originaram antes das cartas de Paulo (por mais antigas que estas fossem) e preservaram o fraseado das primeiras tradições orais por meio de seus estágios formativos até os relatos escritos estarem completos. Ao mesmo tempo, porém, a evidência demonstra que os primeiros cristãos se referiram a Jesus como o Messias em *várias* ocasiões.

Os céticos parecem sentir prazer em usar Paulo para afirmar que a igreja de sua época sabia pouco ou nada a respeito de um Jesus verdadeiro e histórico. G. A. Wells, por exemplo, escreve:

> As oito cartas paulinas que aceitei como legítimas silenci-

> am tão completamente sobre os eventos registrados mais tarde nos evangelhos, que sugerem que esses eventos não eram conhecidos de Paulo; embora este, porém, não pudesse ignorá-los, se tivessem realmente ocorrido. (WeG.HE 22)

Em separado dos argumentos discutíveis do Professor Wells para negar a autoria paulina de cinco das cartas, vários outros problemas ocorrem em virtude dos pontos de vista acima. Primeiro, Paulo tinha pouco desejo, intenção, ou motivo para comunicar em suas cartas informação factual, histórica sobre Jesus. Da mesma forma que seu companheiro de viagem, Lucas, ele estaria a par das tentativas feitas por outras pessoas para compilar registros sobre a vida de Jesus e que eram certamente mais qualificadas do que ele. Ele admite abertamente: "Porque eu não recebi, nem o aprendi de homem algum, mas mediante revelação de Jesus Cristo."[20] Ele estava suficientemente interessado na exatidão do seu evangelho para visitar Pedro e os outros em Jerusalém, uma vez três anos após a sua conversão e novamente pelo menos catorze anos depois da sua conversão.

Pedro, Tiago, João e os demais confirmaram a fidelidade de Paulo à mensagem do evangelho, mas suas cartas eram dirigidas a cristãos que já conheciam a vida terrena de Jesus. Portanto, o foco das epístolas era o Jesus ressurreto vivendo a sua vida através dos cristãos. Paulo não negou a vida de Jesus; ele se concentrou em aplicar a verdade da ressurreição: "Cristo em vós, a esperança da glória."[21] Em 2 Coríntios 5.16, Paulo torna claro que a sua concentração está no Cristo levantado: "E, se antes conhecemos a Cristo segundo a carne, já agora não o conhecemos deste modo".

Paulo não recebeu inicialmente o evangelho mediante a preservação histórica, e sua pedra de toque comum com os evangelhos históricos é, principalmente, que o Jesus ressurreto pregado por ele era o mesmo Jesus histórico que andou verdadeiramente pela terra.

Um segundo problema com o ponto de vista do Professor Wells é que Paulo apresenta vários fatos históricos sobre a vida de Jesus, e ele até faz uso do vocabulário rabínico padronizado para explicar como adquiriu estes informes. O fato de a principal informação de Paulo sobre o evangelho ter sido uma revelação direta de Jesus não impediu que ele empregasse suas habilidades de rabino para receber e transmitir o evangelho. Simon Kistemaker explica:

> Nas cartas de Paulo, as palavras "receber" e "entregar" são termos técnicos referentes à transmissão de um depósito sagrado. Assim sendo, Paulo dá instruções aos cristãos de Corinto quanto à celebração adequada da Ceia do Senhor, com as palavras: "Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei:

> que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão" (1 Co 11.23). E no capítulo 15 da mesma epístola, ele usa esses termos novamente: "Antes de tudo vos entreguei o que também recebi" (v.3). (KiS.G 48-49)

Este recebimento e entrega de um depósito sagrado se reporta a uma prática fundamental dos rabinos. Segundo Riesenfeld:

> Com relação à natureza desta tradição judaica e sua transmissão, somos, por coincidência, relativamente bem informados. Mas o que justifica tirarmos várias conclusões sobre o cristianismo primitivo é o fato de a terminologia usada no processo judeu da tradição reaparecer no Novo Testamento...
>
> *Paralambanein*, "receber", heb. *qibbel*, indica o ato de imprimir uma tradição doutrinária confiada à pessoa, enquanto *paradidomi*, "entregar", heb. *masar*, é o termo usado quanto à sua entrega a um determinado pupilo. A situação, como concebida aqui, não é a difusão vaga de narrativas, sagas, ou anedotas, como encontramos no folclore, mas a transmissão de material rigidamente transmitida, por parte de alguém que tem autoridade, para outrem especialmente escolhido para aprendê-lo. ... que foi passado deste modo, no que diz respeito ao conteúdo e forma, foi uma quantidade fixa de material... O pupilo ideal era aquele que não perdia nada da tradição. (RiH. GTB 17-18)

Se já houve um pupilo ideal, esse era Paulo. Durante catorze a dezessete anos ele estudou e pregou o evangelho nas várias regiões que rodeavam sua cidade natal, Tarso. Finalmente seguiu para Jerusalém, onde verificou que o evangelho que lhe fora revelado era igual ao dos primeiros apóstolos: "para de algum modo não correr, ou ter corrido, em vão."[22] O fato de sua mensagem ser igual à deles é confirmado por seu relatório:

> Quando viram que o evangelho da incircuncisão me fora *confiado, como a Pedro o da circuncisão*... e quando conheceram a graça que me foi dada, Tiago, Cefas e João, que eram reputados colunas, me estenderam, a mim e a Barnabé, a destra de comunhão, a fim de que nós fôssemos para os gentios e eles para a circuncisão.[23]

Paulo silenciou realmente sobre a vida terrena de Jesus, como tantos críticos afirmam? Norman Anderson cita algumas das referências históricas mais óbvias feitas por Paulo:

> Jesus era verdadeiro homem, "nascido de mulher, nascido sob a Lei" (Gl 4.4) — e, como vimos, da linhagem davídica (Rm 1.3). Sua "mansidão e benignidade" (2 Co 10.1) eram conhecidas e admiradas; no entanto, foi "traído" (1 Co 11.23) e crucificado

> pelos poderosos deste século (1 Co 2.8), sendo os próprios judeus basicamente responsáveis (1 Ts 2.14,15). A Última Ceia é em boa parte recapitulada (1 Co 11.23-25). Existem também indícios dos ensinamentos de Jesus — e.g., na ênfase dos apóstolos sobre o amor como cumprimento da lei (Rm 13.10; Gl 5.14), e sobre o pagamento de tributo a quem este é devido (Mc 12.16,17; Rm 13.7). Com relação ao casamento, além disso, o apóstolo distingue cuidadosamente entre o mandamento do Senhor e o seu (1 Co 7.10-12, 25,40). (AnN.JC 34)

Jesus também tinha irmãos, um deles chamado Tiago (1 Co 9.5; Gl 1.19. R. T. France acrescenta:

> O princípio do "trabalhador ser digno do seu salário" (Mt 10.10; Lc 10.7) é citado explicitamente (e como palavras da Escritura!), em 1 Timóteo 5.18, e o mesmo princípio é dado como sendo "uma ordem do Senhor", em 1 Coríntios 9.14. Paulo mostra aqui, novamente, não só conhecimento do que Jesus havia ensinado, como também um respeito especial pelo ensino, como estando num nível de autoridade diferente de suas próprias opiniões, simplesmente por Jesus ter dito essas coisas. (FrR.E 92)

Em várias ocasiões, Paulo transmite informação histórica que foi reconhecida pelos eruditos como sendo ainda mais antiga que os seus escritos. Moreland explica:

> As cartas de Paulo contêm vários credos e hinos (Rm 1.3,4; 1 Co 11.23ss; 15.3-8; Filipenses 2.6-11; Cl 1.15-18; 1 Tm 3.16; 2 Tm 2.8; veja também Jo 1.1-18; 1 Pe 3.18-22; 1 Jo 4.2). Três coisas podem ser ditas sobre eles. Primeiro, são pré-paulinos e muito antigos. Eles usam linguagem que não é caracteristicamente paulina, podendo ser traduzidos facilmente de volta para o aramaico, e mostram aspectos da poesia e formas de pensamento hebraicos. Isto significa que vieram a existir enquanto a igreja era fortemente judia e eles se tornaram credos e hinos reconhecidos e padronizados, muito antes de serem incorporados nas cartas de Paulo. A maioria dos eruditos data-os de 33 a 48 (a.D.). Alguns, como Hengel, datam muitos deles da primeira década após a morte de Jesus.
>
> Segundo, o conteúdo desses credos e hinos se concentra na morte, ressurreição e divindade de Cristo. Eles apresentam constantemente um retrato de um Jesus milagroso e divino que se levantou dentre os mortos. Terceiro, eles serviram como hinos de adoração na liturgia das primeiras assembléias e como expressões didáticas para ensinar a Cristologia da igreja.
>
> Em resumo, a idéia de um Jesus inteiramente divino, operador de milagres, que se levantou dentre os mortos, esteve presente durante a primeira década do cristianismo. Tal ponto de

> vista não era uma lenda que surgiu várias décadas depois da crucificação. (MoJP.S 148-49)

Outros hinos ou credos incluem Romanos 8.31-39 e 10.9,10.

O evangelho de Paulo se baseava em eventos históricos ou era simplesmente uma revelação espiritual? Paulo responde a essa pergunta nos termos mais claros possíveis, usando um credo que se reporta aos primeiros anos depois da morte e ressurreição de Jesus. Em 1 Coríntios 15.1-8, Paulo declara:

> Irmãos, venho lembrar-vos o evangelho que vos anunciei, o qual recebestes e no qual ainda perseverais; por ele também sois salvos, se retiverdes a palavra tal como vo-la preguei, a menos que tenhais crido em vão. Antes de tudo vos entreguei o que também recebi; que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. E apareceu a Cefas, e, depois, aos doze. Depois foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez, dos quais a maioria sobrevive até agora, porém, alguns já dormem. Depois foi visto por Tiago, mais tarde por todos os apóstolos, e, afinal, depois de todos, foi visto também por mim, como por um nascido fora de tempo.

Qualquer forma que o crítico empregue, uma coisa é óbvia. A mensagem do evangelho recebida, crida e entregue a outros por Paulo, se apoiava em fatos históricos sólidos. Moreland nota que há várias indicações de que grande parte de 1 Coríntios 15.1-8 era um credo pré-paulino:

1. As palavras *entreguei* e *recebi* são termos descritivos do tratamento rabínico da tradição santa, indicando que esta é uma tradição santa recebida por Paulo.
2. Várias frases primitivas e antigas, pré-paulinas, são usadas ("os doze", "ao terceiro dia", "foi visto", "pelos nossos pecados [plural], "ressuscitou"). Estas frases são bastante judias e primitivas.
3. O estilo poético é hebraico.
4. O aramaico *Cefas* é usado; este era um modo antigo de referir-se a Pedro. (MoJP.S 150)

Ele nota ainda:

> 1 Coríntios foi escrita em 55 (a.D.), e Paulo visitou os coríntios pela primeira vez em 50; portanto, a fórmula precede essa data. Ela já era uma declaração formal antes de Paulo tê-la compartilhado com os coríntios. A maioria dos eruditos data-a de três a oito anos depois da morte de Jesus. Esta data se ajusta

> bem com a menção de Tiago e Cefas, que foram também citados em Gálatas 1.18,19. Parece provável, portanto, que esta fórmula tenha sido dada a Paulo na reunião realizada três ou quatro anos depois da crucificação. Uma data de três a oito anos também se ajusta bem com o tom pesadamente semítico da fórmula. (Mo JP.S 150)

Em seguida às palavras "Depois foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez", Paulo acrescenta ao credo estas palavras: "dos quais a maioria sobrevive até agora, porém, alguns já dormem". Esses dificilmente seriam termos empregados por alguém que estivesse tentando encobrir um suposto evento histórico que jamais teve lugar. O historiador germânico Hans von Campenhausen declara com respeito a esta passagem: "Este relato satisfaz todas as exigências de confiabilidade histórica que possam ser feitas a tal texto." (VoH.EE 44)

C. H. Dodd conclui:

> A pregação de Paulo apresenta, então, uma corrente especial de tradição cristã derivada da tradição principal, num ponto bem próximo à sua origem. ... Quem quer que deseje afirmar que o evangelho cristão primitivo diferia fundamentalmente daquele que encontramos em Paulo deve sustentar o peso da prova. (DoC.AP 16)

CONCLUSÃO

À luz do período formativo, o tempo necessário para transferir os relatos sobre Jesus de uma forma oral para outra escrita, é possível, ou até provável, que os escritores do evangelho pudessem ter-nos transmitido um registro histórico exato das coisas que Jesus fez e disse? Procuramos primeiro observar a questão de uma cultura oral e não literária. A seguir, observamos que o período de formação era extremamente curto em comparação com o requerido para os mitos e lendas. Notamos os problemas inerentes à subordinação a uma teoria de dependência literária de uma narrativa do evangelho após outra para explicar a origem do material. Uma tradição oral exata surgiu, portanto, como o melhor meio de explicar a composição dos vários relatos do evangelho. Finalmente, examinamos a evidência confirmatória da verdadeira situação da igreja primitiva, o ambiente judeu dos primeiros cristãos, o relatório de Lucas, e o início do ministério e escritos do apóstolo Paulo.

A evidência disponível aponta para uma resposta afirmativa. Certamente podemos confiar em que os escritores do evangelho nos transmitiram um registro correto da vida de Jesus.

9

HISTÓRIA E MITO

Os escritores do evangelho nos deram uma descrição exata do Jesus que viveu na história? Podemos crer sinceramente nos aspectos sobrenaturais da vida que lhe atribuíram? Um dos principais argumentos contra a historicidade do Jesus do Novo Testamento tem sido a semelhança de elementos mitológicos encontrados nas religiões pagãs, durante o mesmo período em que a primeira igreja cristã estava em atividade. Uma fonte pergunta:

> Se vocês cristãos crêem nas histórias dos milagres de Jesus, se crêem na história do nascimento milagroso de Jesus, se crêem que Jesus foi ressuscitado dentre os mortos e subiu aos céus, então, como podem recusar-se a crer exatamente nas mesmas histórias quando são contadas sobre outros Deuses Salvadores: Heráclès, Asclépios, Dioscuri, Dionísio, e uma dúzia de outros que eu poderia citar? (CaDR.DSG 17)[1]

Os alunos dos colégios cristãos ficam freqüentemente abatidos, quando ouvem falar de religiões antigas que continham histórias de ressurreição, salvadores agonizantes, iniciações batismais, nascimentos milagrosos, e outras coisas desse tipo. A inferência é, naturalmente, que os primeiros escritores cristãos tomaram de empréstimo essas histórias e as atribuíram a Jesus, ao formularem a religião cristã. O erudito judeu Pinchas Lapide afirma:

> Se acrescentarmos a todos esses fatores inquietantes a declaração de que no mundo antigo havia nada menos que uma dúzia completa de divindades da natureza, heróis, filósofos e reis que, muito antes de Jesus, sofreram e morreram, e se levantaram de novo no terceiro dia, então o ceticismo da maioria dos não cristãos pode ser facilmente compreendido...
>
> O Tamuz babilônico, cujo culto havia chegado a Jerusalém, o Adonis sírio, o Attis frígio, o Osiris egípcio, o Dionísio da Trácia — para mencionar apenas as mais importantes divindades

> —, todos suportaram sofrimento e martírio, alguns morreram na cruz. A morte de algumas divindades tinha até poder expiatório. E, em quase todos o s casos, a sua ressurreição estava ligada com a esperança da imortalidade humana.
>
> A prisão do salvador do mundo, seu interrogatório, a condenação, os açoites, a execução no meio de criminosos, a descida ao inferno — até o sangue do agonizante jorrando por uma ferida aberta pela espada —, todos esses detalhes eram cridos por milhares de crentes da religião secreta Bel-Marduk, cuja divindade central era chamada de salvador enviado pelo Pai, aquele que ressuscita os mortos, o Senhor e o Bom Pastor. (LaP.R 40-41)

Os primeiros cristãos transformaram um Jesus humano numa figura sobrenatural, tomando de empréstimo elementos sobrenaturais das religiões misteriosas? Neste capítulo, tentaremos responder a essa pergunta, (1) observando alguns traços básicos das religiões secretas e comparando-os com o cristianismo; (2) examinando algumas raízes específicas e supostamente míticas da doutrina central e prática cristã; (3) identificando algumas falsidades cometidas por aqueles que associam o cristianismo com as religiões secretas; e (4) observando a peculiaridade da descrição do evangelho de Jesus quando comparado à literatura das religiões misteriosas.

CARACTERÍSTICAS BÁSICAS DAS RELIGIÕES SECRETAS: ATÉ QUE PONTO ELAS SE ASSEMELHAM AOS EVANGELHOS?

Nem todas as características básicas serão encontradas em todas as religiões secretas. Em geral, porém, você notará a maioria desses traços, aflorando em cada uma delas.

1. Tentativa para explicar os ciclos da natureza

O Dr. Ronald Nash, ex-chefe do Departamento de Filosofia e Religião da Universidade de Western Kentucky escreveu e editou treze livros sobre filosofia e religião. Em seu livro *Christianity and the Hellenistic World* ("O Cristianismo e o Mundo Helenista"), uma obra sobre a qual nos apoiaremos bastante neste capítulo, explica:

> Central para os mistérios era o uso do ciclo anual da vegetação, no qual a vida é renovada a cada primavera e morre a cada outono. Os seguidores do culto misterioso encontravam profundo significado simbólico no processo natural do crescimento, morte, degeneração e novo nascimento. (NaR.CHW 122)

E. M. Blaiklock chama isto de mito etiológico, "uma história contada para justificar uma situação, fato ou fenômeno existente". (BlE.MM 51) Por exemplo, os Mistérios Eleusios explicavam o ciclo da semeadura e colheita através da história de Demeter (Ceres), deusa dos cereais. A história faz com que Hades (Pluto ou Plutão), deus do mundo dos mortos ou inferno, rapte Kore (Perséfone), filha de Demeter (Ceres) para ser sua esposa. Demeter, enquanto procurava a filha, recusou-se a fazer com que o grão crescesse. Kore teve finalmente permissão para voltar à terra onde deu à luz um filho, Plutão, o símbolo de uma colheita farta. Mas em vista de Kore ter comido a semente de uma romã, o símbolo da morte e do nascimento, só lhe foi permitido passar dois terços do ano na terra; o outro terço teria de passar em Hades. Blaiklock nota:

> Obviamente, não existe nada no Novo Testamento que se assemelhe remotamente ao mito etiológico...
>
> Sugerir que histórias como a da Última Ceia foram inventadas para justificar uma prática misteriosa da igreja, ou que a confissão de Pedro foi forjada para incentivar uma doutrina que se havia inexplicavelmente desenvolvido, é um tipo de crítica literária que provocaria apenas um sorriso em qualquer outra esfera de erudição. A datação firme e inegável dos registros no século 1° cortou muita teoria pela raiz. Quando os eruditos liberais puderam postular uma data no século 2° para os documentos, abriu-se um campo um tanto mais largo para manobrar a fantasia. Esse espaço aberto desapareceu. (BlE.MM 54-55)

Até mesmo Ian Wilson, em seu livro recente que procura destruir a confiabilidade do Novo Testamento, admite:

> Os eruditos modernos salientaram que a história cristã sobre a morte e a ressurreição é muito diferente do simbolismo do ciclo da colheita que constituiu o núcleo das antigas religiões de fertilidade. Sob um exame mais cuidadoso, os paralelos são pouco importantes. (WiI.JTE 141)

2. Tentativa para explicar as qualidades superiores de um indivíduo notável

Blaiklock chama isto de mito do acréscimo:

> A ficção que, plantada e alimentada pela imaginação humana, cresce em volta de um núcleo central de verdade histórica. Os evangelhos apócrifos, por exemplo, contêm bastante material imaginativo, aglutinado como musgo na floresta que rodeia as árvores da verdade. (BlE.MM 55-56)

Outro bom exemplo deste tipo de mito é provido por Diógenes Laércio (3° século a.D.) em sua descrição do nascimento de Platão (cerca de 429-347 a.C.):

> Speusippos, em sua obra "A Festa do Funeral de Platão", Klearchos, em seu "Encômio sobre Platão", e Anaxilaides, no segundo livro "Sobre os Filósofos", todos dizem que havia uma história ateniense no sentido de que, quando Perikitione estava pronta (para ter filhos), Ariston tentou desesperadamente, mas não teve sucesso (em engravidá-la). Quando ele, então, deixou de esforçar-se, teve uma visão de Apolo. Ele se absteve, portanto, de quaisquer relações conjugais, até que ela tivesse tido um filho (de Apolo).
>
> E Platão nasceu, como diz Apolodoro em sua "Cronologia", na 88ª Olimpíada, no sétimo dia de Thargelion, que foi o dia em que os délios disseram que Apolo nasceu.[2]

Note que Diógenes escreveu cerca de 700 anos depois de Platão, e que sua descrição do suposto nascimento milagroso de Platão não afirma ter sido um nascimento virgem. Speusippos, sobrinho e bom amigo de Platão, também não estava disposto a confirmar a verdade do relato como testemunha ocular. Ele diz simplesmente que esta era uma história que circulava em Atenas.

A lenda de um nascimento milagroso era muito comum no mundo helenista. Alexandre o Grande foi supostamente concebido em Olímpias, sua mãe, pelo deus Zeus-Ammon.[3] Diodorus Siculus descreve o nascimento de Herakles, como segue:

> Dizem que Perseu era filho de Danae, que era filha de Akrisios e Zeus. Andrômeda, filha de Kepheos deitou-se com ele (Perseu) e deu à luz Elektryon. Então, Eurídice, filha de Pelops, coabitou com ele (Elektryon) e deu à luz Alkmene. Alkmene foi levada por Zeus mediante engano, e ela deu à luz Herakles. Assim sendo, a raiz da sua árvore genealógica, através de ambos os pais, é tida como se reportando ao maior dos deuses (isto é, Zeus), da maneira como mostramos.
>
> A excelência *(arete)* gerada em Herakles não é só vista em seus grandes atos (*praxeis*), mas já era conhecida antes do seu nascimento. Quando Zeus deitou-se com Alkmene, ele triplicou a duração da noite; e no espaço maior de tempo que passou gerando a criança, ele pressentiu o poder excepcional do filho que seria concebido.[4]

Existem várias diferenças entre essas histórias e o relato da concepção de Jesus. A coabitação de um deus com uma mulher é estranha ao Novo Testamento. Os nascimentos míticos não foram claramente nascimentos virgens. Não há nada de especialmente relevante na moral

dos deuses míticos. O realismo da vida e a autoridade dos relatos das testemunhas oculares estão ausentes a ponto de o leitor sentir que o autor não acredita de verdade naquilo que escreve. Cartlidge e Dungan escrevem com respeito à história do nascimento invulgar de Pitágoras:

> Foi dito que cem anos após a sua morte, cerca de 497 a.C., dificilmente alguém em Atenas ainda se lembrava de algo a respeito de Pitágoras de Samos; setecentos anos mais tarde, seus seguidores sabiam tudo sobre ele, inclusive a receita secreta de seus bolos de mel favoritos. O autor desse relato dos ancestrais e do nascimento de Pitágoras, o filósofo sírio neoplatônico Iamblichus, era um desses seguidores. Vivendo no século 4° a.D., ele foi um vigoroso oponente da religião cristã recém-emergente, escrevendo muitos livros sobre Pitágoras e seus ensinos. (CaDR.DSG 134)

Não é de admirar que Orígenes argumentasse contra Celso:

> Mas essas histórias são, na verdade, fábulas (mitos). As pessoas simplesmente fabricam coisas como essas sobre alguém a quem consideram como tendo mais sabedoria e poder do que muitos outros. Elas dizem, então, que eles receberam no início da composição do seu corpo um esperma superior e mais divino, como se isso fosse apropriado para aqueles que ultrapassam a natureza humana comum.[5]

3. Uso de cerimônias e procedimentos secretos

Os cultos antigos e secretos envolviam muitas de suas atividades em mistério. Segundo Nash, "Os ritos misteriosos uniam os iniciados, ao mesmo tempo que os separavam dos de fora". (NaR.CHW 123)

Os iniciados recebiam um segredo, explicando como se unirem com a divindade, geralmente na época da sua iniciação. A falta de abertura nessas religiões tornou algo difícil para os modernos pesquisadores descobrirem mais acuradamente como esses cultos operavam e no que eles criam. Em contraste, o Novo Testamento não fala de quaisquer cerimônias secretas. Os primeiros cristãos convidavam ousadamente a todos para dar suas vidas a Cristo e para ser suas testemunhas zelosas. Só depois da criação de algumas obras gnósticas apócrifas é que a religião se tornou novamente uma questão secreta.

4. Falta de base histórica

Quando lemos os textos das religiões misteriosas, notamos que uma frase (com variações) aparece um número surpreendente de vezes. Trata-se da frase "Foi dito"; ou "Dizem...". Iamblichos, em seu material

sobre Pitágoras começa: "É dito..."[6] Quando fala de Pitágoras dominar "o urso dauniano, que havia ferido gravemente os habitantes", Iamblichos começa novamente: "É dito que ele venceu o urso dauniano."[7] Mesmo quando não são usados termos vagos, existe tal escassez de convergência das fontes históricas que o leitor fica com a distinta impressão de que não foram muitos os que, durante ou pouco depois de a pessoa morrer, sentiam que ela era realmente divina. Esse era apenas um meio apropriado de honrar alguém supostamente tão importante que pudesse ser chamado de deus ou filho dos deuses. Além disso, as divindades gregas que se supunha haverem andado entre os homens não são descritas realisticamente; mas, sim, como um produto da imaginação o seria. Norman Anderson contende:

> A diferença essencial entre o cristianismo e os mistérios é a base histórica de um e o caráter mitológico dos outros. As divindades dos mistérios não eram mais que "figuras nebulosas de um passado imaginário"; enquanto o Cristo, a quem o querigma apostólico proclamava, teria vivido e morrido poucos anos antes de os documentos do Novo Testamento serem escritos. Mesmo quando o apóstolo Paulo escreveu a sua primeira carta aos coríntios, a maioria das cerca de quinhentas testemunhas da ressurreição ainda continuava viva. (AnN.CWR 53)

5. Tentativa de dar esperança para uma vida após a morte

Esta necessidade é universal, e não devemos surpreender-nos quando vários mitos falam de supostos deuses que morrem e ressuscitam subseqüentemente. Que melhor maneira de prover esperança para uma possível imortalidade? Mas, como afirma Anderson, "Há toda a diferença no mundo entre o renascimento de uma divindidade que simboliza a chegada da primavera (e o redespertar da natureza) e a ressurreição 'no terceiro dia' de um personagem histórico". (AnN.CWR 53) Vamos voltar abaixo ao assunto da ressurreição.

6. Ênfase nos aspectos emocionais em vez de doutrinários

Havia, certamente, seguidores cultuais de determinados filósofos mais preocupados com a ética e a crença corretas. Mas, no geral, as verdadeiras religiões misteriosas se ocupavam principalmente do estado emocional de seus seguidores:

> Os mistérios usavam diferentes meios para afetar as emoções e a imaginação dos seguidores, a fim de acelerar sua união com o deus: procissões, jejum, peças teatrais, atos de purificação, luzes brilhantes, e liturgias esotéricas. (NaR.CHW 124)

Nos cultos primitivos a Dionísio e a Cibele, as ênfases emocionais eram grandes. Foi dito que Dionísio nasceu de Zeus e teve mãe humana. Ele tornou-se, então, o deus da fertilidade e da vegetação (especialmente o vinho) e acreditava-se em sua incorporação em alguns animais. As festas incluíam a ingestão de vinho e participação em atividades sexuais. A iniciação parece estar associada com o início da vida sexual do indivíduo.

> Depois de uma procissão à luz de tochas, os participantes entraram em frenesi provocado pela embriaguez que levou os seguidores de Dionísio, na sua maioria mulheres, a um paroxismo orgíaco em que atacaram e desmembraram um animal, comeram crua a sua carne e beberam o seu sangue. Ao comerem o seu deus, que incorporava supostamente o animal que haviam estraçalhado, pensavam alcançar um estado de possessão divina que os tornava também divinos. (NaR.CHW 135)

Ah, diz o cético, será que foi daqui que Paulo e os primeiros cristãos obtiveram a Ceia do Senhor? De modo algum. Conforme coloca o grande professor do Novo Testamento, J. Gresham Machen, da Universidade de Princeton:

> Se Paulo depende do conceito pagão de comer o deus, ele deve ter desertado da prática religiosa que prevalecia em sua época, a fim de recorrer a um costume selvagem que fora há muito abandonado... Admite-se geralmente que até mesmo onde o cristianismo depende da religião helenista ele representa uma modificação espiritualizada da prática pagã. Mas neste ponto teria de ser suposto que a modificação cristã prosseguisse exatamente na direção oposta; longe de marcar uma espiritualização maior da prática pagã, ela representava a volta a uma condição selvagem de religião que até o paganismo havia desertado. (MaJG. OPR 282-83)

Nash destaca que tanto o significado quanto o simbolismo do ato cristão são adaptados da Páscoa do Antigo Testamento. (NaR.CHW 152)

O emocionalismo do culto a Cibele era ainda maior do que o do culto a Dionísico. Cibele, "a Grande Mãe", foi originalmente adorada como a deusa da natureza e, mais tarde, como a Mãe de todos os deuses e senhora de toda a vida. O emocionalismo no culto cibeleno

> ia além das orgias sexuais, que faziam parte do culto primitivo a Dionísio, à medida que os adoradores do sexo masculino frenéticos eram levados a castrar-se. Depois desse ato de automutilação, os seguidores de Cibele se tornavam "Galli", ou sacerdotes-eunucos do culto. (NaR.CHW 139)

7. Provisão de uma experiência mística, confirmando a união com o seu deus e a redenção ou salvação final e a imortalidade

Alguns eruditos tentaram novamente afirmar que as raízes da mensagem cristã da redenção são encontradas nas religiões misteriosas. Mas esta posição deixa de explicar as muitas diferenças entre a redenção cristã e a pagã.

Primeiro, o método cristão de redenção não dependia de uma experiência mística; tratava-se apenas de uma aceitação de Jesus, como o faria uma criança, e seu pagamento pelo pecado na cruz.

Segundo,

> a redenção nas religiões secretas se ocupava principalmente da libertação de fardos — tais como destino, necessidade, e morte — que formam os constrangimentos básicos da vida humana. Por outro lado, a doutrina cristã sustenta que os humanos precisam ser salvos do pecado. (NaR.CHW 180)

Os cristãos também afirmam que a sua fé não oferece libertações fantásticas. Pelo contrário, oferece soluções mais realistas para os problemas. Ela não oferece necessariamente liberdade das dificuldades ou da morte, mas sim, força **através** das dificuldades e vitória **sobre** a morte.

Terceiro, o homem não precisa só de salvação do poder do pecado, mas também da culpa do pecado.

Quarto, a redenção cristã levou a uma mudança da característica moral. A falta de influência moral no meio das religiões secretas, diz Nash, "não é realmente de surpreender, dada a sua origem nos antigos ritos de fertilidade repletos de sugestões sexuais." (NaR.CHW 181)

É certo, todavia, que tanto o cristianismo como as religiões secretas estavam interessados na redenção. A redenção, salvação e comunhão com Deus foram praticamente reconhecidas por todas as religiões do mundo como as necessidades centrais do homem. E Machen explica:

> Tem havido muitas religiões de redenção, em muitas épocas e entre muitos povos, as quais eram absolutamente independentes umas das outras. Não será provavelmente afirmado que o budismo primitivo se achava em qualquer relação causal básica com a piedade da era helenista. Todavia, o budismo primitivo era uma religião de redenção. (MaJG.OPR 274)

SUPOSTAS RAZÕES MÍTICAS DA DOUTRINA E PRÁTICA CRISTÃS

1. O "Tauróbolo"

O "tauróbolo" era principalmente associado ao culto de Cibele e

Attis. Foi sugerido como a fonte de inspiração para Apocalipse 7.14: "são estes os que... lavaram suas vestiduras", e 1 Pedro 1.2: "para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo". Foi igualmente sugerido como inspiração para o batismo cristão como explicado em Romanos 6. O rito, conforme descrito pelo escritor antigo, Prudêncio, exigia que o sumo sacerdote a ser consagrado fosse colocado numa cova profunda. O alto da cova era coberto com uma grade de madeira. A seguir, o peito de um touro imenso, enfeitado de flores, era traspassado

> com uma espada sagrada. A ferida aberta emite uma onda de sangue quente, e o rio fumegante corre para dentro da estrutura que lhe fica por baixo e flui livremente.
>
> ...A chuva escorria por um borrifador imundo, que o sacerdote prendia com presilhas, colocando sua cabeça infame sob as gotas, conspurcado em suas roupas e em todo o seu corpo.
>
> Ele joga o rosto para trás, colocando as faces no caminho do sangue; ele o coloca sob as orelhas e lábios, interpõe as narinas, lava até os olhos com o fluido, não poupa sequer a garganta e molha a língua, até que realmente bebe o sangue escuro.
>
> ...O pontífice, horrível na aparência, ressurge, e mostra sua cabeça molhada, com a barba pesada de sangue, as vestes enxarcadas e escorrendo em filetes.
>
> A esse homem, contaminado por tais contágios e imundo com o sangue coagulado do sacrifício recente, todos saúdam e adoram a distância, porque sangue profano e um boi morto o lavaram, enquanto oculto numa cova suja.[8]

Existem várias razões para o "tauróbolo" não ser a fonte de qualquer doutrina ou prática cristã.

Primeiro, a passagem descreve a consagração de um sumo sacerdote e não de um novo convertido.

Segundo, não há indicação de que os primeiros cristãos usassem sangue verdadeiro em seus rituais. O sangue era simplesmente um símbolo de Jesus derramando seu sangue pelos que eram seus, como pode ser visto quando acrescentamos as palavras de Apocalipse 7.14 que foram omitidas no primeiro parágrafo deste ponto: "lavaram suas vestiduras, *e as alvejaram* no sangue do Cordeiro".

Terceiro, os cristãos (especialmente os judeu-cristãos) ficariam repugnados com essa prática. Prudêncio era um cristão, e as palavras "canal imundo", "cabeça vergonhosa", "conspurcado em suas roupas e em todo o seu corpo", indicam que ele considerava todo o rito como grosseiro e blasfemo.

Quarto, e mais importante, o "tauróbolo" pós-data os escritos do Novo Testamento por quase cem anos. O erudito germânico, Günter Wagner escreveu a obra definitiva sobre o cristianismo e as religiões

misteriosas. Ele explica:

> O "tauróbolo" no culto a Attis é primeiro atestado nos dias de Antonino, o Pio, em 160 a.D. Até o ponto em que podemos afirmar presentemente, ele só se tornou uma consagração pessoal no início do século 3° a.D. A idéia de um renascimento mediante a instrumentalidade do "tauróbolo" só emerge em instâncias isoladas em fins do século 4° a.D. Ele não era originalmente associado com este banho de sangue. (WaG.PB 266)

Nash conclui a sua investigação, dizendo:

> Fica, então, claro que a ênfase do Novo Testamento sobre o derramamento de sangue não deve ser ligada a nenhuma fonte pagã. O ensino do Novo Testamento deve ser considerado no contexto do pano de fundo do Antigo Testamento — a Páscoa e os sacrifícios do templo. (NaR.CHW 156)

Em vista da data recente do "tauróbolo", se qualquer empréstimo foi tomado, suspeitamos de que foi **dos** cristãos e não **pelos** cristãos.

2. Batismo

As lavagens cerimoniais foram observadas como um meio de purificação pelas religiões em todo o mundo e desde muito antes dos dias de Jesus. Foi sugerido, portanto, que os cristãos teriam copiado o rito batismal das religiões pagãs que os cercavam. Mas essa é uma simplificação grosseira. Até extrair um paralelo estrito com o batismo judeu seria simplista. Para um tratamento completo do assunto, o livro *Batismo Paulino e os Mistérios Pagãos* ("Pauline Baptism and the Pagan Mysteries"), de Günter Wagner, deve ser consultado.

O batismo cristão expressa a identificação do crente com Jesus em sua morte, sepultamento e ressurreição. Nos cultos secretos era diferente. Herman Ridderbos, professor do Novo Testamento no Seminário Kampen na Holanda, declara que "em nenhum ponto das religiões secretas está presente tal simbolismo da morte no ritual do 'batismo'". (RiHN. POT 24)

Mais importante, a cronologia mais uma vez não concorda com uma visão sincretista. Nash indica:

> As lavagens cerimoniais que antedatam o Novo Testamento têm um sentido diferente do batismo do Novo Testamento, enquanto as lavagens pagãs depois de 100 a.D. são muito tardias para terem influenciado o Novo Testamento e, de fato, poderiam ter elas mesmas sido influenciadas pelo cristianismo. (NaR.CHW 151)

A evidência aponta para a prática do batismo cristão ter-se origi-

nado no batismo judeu, com o seu sentido arraigado nos eventos históricos da morte, sepultamento e ressurreição de Jesus.

3. Ressurreição

Um suposto exemplo de ressurreição no mito da antigüidade é provido pelo culto egípcio primitivo a Ísis e Osíris. O mito declara que Osíris foi morto por seu irmão Sete, que depois afunda no rio Nilo o caixão contendo o corpo de Osíris. A mulher de Osíris, Ísis, deusa do céu, da terra, do mar e do mundo invisível inferior, descobre o corpo do marido e o devolve ao Egito. Sete, porém, recupera o corpo, corta-o em catorze pedaços e os espalha. Ísis revida, recobrando as partes do corpo. Nash continua:

> É neste ponto que a linguagem usada para descrever o que se segue é crucial. Algumas vezes, os contadores da história ficam satisfeitos em dizer que Osíris voltou à vida. (Como explicarei mais adiante, até esta declaração é excessiva em seus reclamos.) Mas alguns escritores ultrapassam os limites e falam da "ressurreição" de Osíris. (NaR.CHW 137)

A discussão posterior de Nash continua:

> Que deuses misteriosos experimentaram realmente uma ressurreição dos mortos? Com certeza, nenhum texto primitivo se refere a qualquer ressurreição de Attis. As tentativas de ligar a adoração de Adônis a uma ressurreição são igualmente fracas. O caso para a ressurreição de Osíris também não é forte. Depois de Ísis ter recolhido os pedaços do corpo desmembrado de Osíris, ele tornou-se o "Senhor do Mundo Subterrâneo" (Inferno). Nas palavras de Metzger: "Se isto pode ser chamado corretamente de ressurreição é duvidoso, especialmente porque, segundo Plutarco, era desejo piedoso dos devotos serem enterrados no mesmo lugar em que, segundo a tradição local, o corpo de Osíris ainda jazia". Só se pode, então, falar de "ressurreição" nas histórias de Osíris, Attis e Adônis num sentido mais amplo. Não se pode naturalmente afirmar que Mithras fosse um deus que morresse e se levantasse. O erudito francês Andre Boulanger conclui: "A noção de que o deus morre e é ressuscitado, a fim de levar os seus fiéis para a vida eterna, é preservada na religião helenista misteriosa." (NaR.CHW 172-73)[9]

Se os "deuses-salvadores" mencionados acima podem ser considerados como ressurretos, então precisamos diferenciar a ressurreição de Jesus da deles. Jesus era um personagem da história, que se levantou dos mortos para jamais morrer novamente. Ele apareceu na carne várias vezes antes de sua ascensão, e a narrativa foi feita por testemunhas oculares. James D. G. Dunn conclui:

> O paralelo com visões de Ísis e Asclépio... não é suficientemente próximo. Essas eram figuras míticas do passado distante. Nas aparições de Jesus, estamos falando de um homem que morrera somente alguns dias antes. (DuJ.E 71)

Outra questão ligada à ressurreição tem a ver com o intervalo de tempo entre a crucificação e a ressurreição. Supõe-se que Attis voltou à vida quatro dias após a sua morte; um relato faz Osíris voltar à vida dois ou três dias depois de sua morte, sendo até sugerido que Adônis pode ter "ressuscitado" três dias após a sua morte. No caso dos três, não existe evidência antes do século 2° a.D. para a suposta "ressurreição" desses deuses misteriosos. Norman Anderson declara que

> se houve empréstimo de uma religião para outra, parece claro como isso aconteceu. Não há evidência alguma, que eu saiba, de as religiões misteriosas terem tido qualquer influência na Palestina nas primeiras décadas do século 1°. E a diferença entre as experiências mitológicas dessas figuras nebulosas e a crucificação "sob Pôncio Pilatos" de alguém sobre quem as testemunhas oculares deram testemunho, tanto da morte quanto da ressurreição, é novamente óbvia. (AnN.CWR 53-54)

4. Renascimento

Em 1925, Samuel Angus escreveu:

> Toda Religião Misteriosa, por ser uma religião de redenção, oferecia meios de suprimir o velho homem e transmitir ou vitalizar o princípio espiritual. Cada *mystes* ("iniciado") sério se aproximava do sacramento solene da Iniciação, crendo que ele o tornava, assim, "nascido duas vezes", uma "nova criatura", e o fazia passar num sentido real da morte para a vida por entrar numa misteriosa união com a divindade. (AnS.MRC 95-96)

Outros também afirmaram que o conceito do renascimento é central para as religiões secretas, e que o cristianismo dependia delas para a sua doutrina do novo nascimento. Mas a evidência para tais alegações é frágil. As abluções cerimoniais do culto eleusiano nunca se associaram à idéia de um renascimento. Só existe uma referência que liga o "renascimento" ao culto de Cibele e Attis. A referência é uma interpretação de Salustiano no século 4° a.D., quem se esperaria fosse influenciado pelo cristianismo e não vice-versa. Só duas referências discutíveis, ambas do século 2° a.D., "usam a imagem do renascimento". Nash continua:

> Embora haja várias fontes sugerindo que o Mithraísmo incluía uma noção do renascimento, todas elas são pós-cristãs.

> As mais primitivas... datam de fins do século 2° a.D.
>
> A Evidência mais freqüentemente discutida e alegada como prova do novo nascimento em uma religião misteriosa é uma inscrição num altar romano, que parece ligar o tauróbolo com a crença no renascimento. A inscrição latina *taurobolio criobiolioque in aeternum renatus* pode ser traduzida: "renascido para a eternidade no tauróbulo e crióbolo".
>
> ...Mas os problemas associados à hipótese são enormes. Por exemplo, o altar romano contendo as datas de inscrição são de 376 a.D. (Nar.CHW 174-76)

Antes de Nash, Machen havia repetido esta observação:

> Pode parecer chocante, portanto, para os leitores das recentes discussões, saber taxativamente que a frase não apareceu senão no século 4°, quando o cristianismo estava tomando o seu lugar como a religião estabelecida do mundo romano. Se existir qualquer dependência, será certamente a do tauróbolo sobre o cristianismo, e não a do cristianismo sobre o tauróbolo. (MaJG.OPR 240-41)

5. Morte Sacrificial da Divindade

Desde as primeiras mitologias gregas até a era romana, era comum atribuir divindade a indivíduos destacados. Alguns deles eram personagens mitológicos fictícios, outros eram humanos de elevada categoria, geralmente filósofos gregos ou imperadores romanos. Esta era a prática normal nas culturas politeístas.

Os judeus eram diferentes. Para eles só havia um Deus. É notável, portanto, que os judeus palestinos, e entre eles um de seus mais respeitados fariseus, começasse a proclamar a divindade de alguém que andara em seu meio. Já seria difícil começar a proclamar a mensagem no mundo romano. Mas, começar em Jerusalém, entre os judeus — isso era ridículo! Mesmo assim, a evidência mostra que o evangelho cristão brotou primeiro entre os judeus.

Será possível que esses judeus tivessem moldado a sua mensagem de acordo com os cultos misteriosos? Provavelmente não. A reivindicação de divindade nas religiões misteriosas, no geral, surgia de histórias relativas à morte do deus referido e sua volta à vida (pelo menos espiritualmente). Já vimos que a ressurreição de Jesus não tem paralelos nas religiões misteriosas exceto onde essas religiões tentavam copiar o cristianismo. Nash apresenta seis diferenças entre a morte dos chamados deuses-salvadores e a de Jesus:

(1) Nenhum dos chamados deuses-salvadores morreu por outrem. A idéia de o Filho de Deus morrer no lugar de suas criaturas é peculiar ao cristianismo.

(2) Só Jesus morreu pelo pecado. Nunca foi afirmado que qualquer das divindades pagãs tivesse morrido pelo pecado. Como observa Wagner, a nenhum dos deuses pagãos, "a intenção de ajudar os homens foi atribuída. A espécie de morte que tiveram é muito diferente (acidente de caça, auto-emasculação, etc.)".
(3) Jesus morreu de uma vez por todas (Hb 7.27; 9.25-28; 10.10-14). Em contraste, os deuses misteriosos eram divindades vegetais cuja morte e ressurreição repetidas descrevem o ciclo anual da natureza.
(4) A morte de Jesus foi um evento real na história. A morte do Deus descrito nos cultos pagãos é um drama mítico sem laços históricos.
(5) De modo diferente dos deuses misteriosos, Jesus morreu voluntariamente. Nada semelhante à morte voluntária de Jesus pode ser encontrado nos cultos secretos.
(6) E, finalmente, a morte de Jesus não foi uma derrota, mas uma vitória. O cristianismo se destaca inteiramente dos mistérios pagãos, em vista de o seu relato da morte de Jesus ser uma mensagem de triunfo. (NaR.CHW 171-72)

Onde os judeus palestinos obtiveram, então, a mensagem de um Messias deificado? A resposta a essa pergunta será dada no capítulo 15.

6. Milagres

André Kole, um dos maiores ilusionistas do mundo, sempre conta a suas audiências que, desde que surgiram pessoas na terra para serem enganadas, havia outras ao seu redor para enganá-las. Diante das várias alegações discutíveis para toda a história milagrosa, é compreensível que os críticos questionassem as reivindicações sobre os milagres de Jesus no evangelho.

Afirmações sobre milagres estão espalhadas em toda a literatura das religiões misteriosas e outros movimentos no mundo helenista antigo. Apolônio de Tyana, algumas vezes chamado de "Cristo pagão", era tido como havendo realizado muitos dos mesmos tipos de milagres que Jesus. Como devemos julgar essas afirmações? Em vista do tamanho e importância deste assunto, vamos cobri-lo em mais detalhe num capítulo posterior. Por agora, notamos apenas que existe uma grande diferença entre os milagres contidos na antiga mitologia e os da Bíblia. C. S. Lewis, um notável erudito literário que passou a maior parte de sua vida estudando a literatura mitológica, escreveu a respeito das histórias de milagres dos mitos: "As interferências imorais e algumas vezes tolas atribuídas aos deuses nas histórias pagãs, mesmo que

contivessem um traço de evidência histórica, só poderiam ser aceitas com a condição de aceitarmos um universo absolutamente sem significado." (LeC.M 133)

FALÁCIAS AO ASSOCIAR O CRISTIANISMO COM AS RELIGIÕES SECRETAS

> O que começa o pleito parece justo, até que vem outro e o examina.[10]

À primeira vista, algumas das semelhanças entre o cristianismo e várias religiões misteriosas são tão surpreendentes que nos sentimos compelidos a crer que o cristianismo tomou de empréstimo delas algumas frases, histórias, doutrinas ou práticas. Os críticos céticos, ao ignorarem ou reterem certos fatos, muitas vezes apresentam uma idéia distorcida da suposta relação do cristianismo com as religiões misteriosas. A seguinte declaração feita por Ian Wilson, por exemplo, dá uma noção deturpada das possíveis influências sofridas pelo cristianismo primitivo:

> Deve ser lembrado que a Galiléia havido sido pagã até o século 2° a.C., e só foi convertida à força à religião judaica durante o período asmoneano que se seguiu à revolta dos macabeus. É muito provável que entre o povo comum dos dias de Jesus houvesse ainda anseios supersticiosos pelo velho mito do Deus que morreu e ressuscitou, assim como no ocidente as velhas superstições e cultos de feitiçaria persistiram até muito tempo depois da introdução do cristianismo. (Wil.JTE 141)

Deve ter certamente havido alguns mitos e superstições nas terras pagãs adjacentes que *poderiam* ter moldado o cristianismo. Mas a evidência mostra que os primeiros arautos cristãos se recusaram firmemente a aceitar qualquer coisa contrária ao evangelho que lhes fora revelado. Observe Paulo e Barnabé em Listra. No momento em que um coxo foi curado por ordem de Paulo, a cidade inteira correu gritando

> em língua licaônica, dizendo: Os deuses, em forma de homens baixaram até nós.
>
> A Barnabé chamavam Júpiter, e a Paulo, Mercúrio, porque era este o principal portador da palavra.
>
> O sacerdote de Júpiter, cujo templo estava em frente da cidade, trazendo para junto das portas touros e grinaldas, queria sacrificar juntamente com as multidões.[11]

Que oportunidade! Se os cristãos primitivos tivessem querido tomar algo de empréstimo das religiões secretas (mesmo que fosse para atrair mais pessoas para a fé), eles poderiam ter tornado o cristianismo

politeísta nessa ocasião! Mas nada disso. Foram necessários para Paulo, ex-Saulo, o fariseu, três anos na Arábia e Damasco, a fim de reconciliar a idéia de um Messias sofredor, ressurreto e divino com as suas convicções monoteístas do Antigo Testamento.[12] E assim,

> Ouvindo isto, os apóstolos Barnabé e Paulo, rasgando as suas vestes, saltaram para o meio da multidão, clamando: Senhores, por que fazeis isto? Nós também somos homens como vós, anunciamos o evangelho para que destas cousas vãs vos convertais ao Deus vivo, QUE FEZ O CÉU, A TERRA, O MAR E TUDO O QUE HÁ NELES...Dizendo isto, foi ainda com dificuldade que impediram as multidões de lhes oferecer sacrifícios.[13]

A multidão volúvel estava tão decepcionada que já no dia seguinte foi persuadida a apedrejar Paulo e deixá-lo como morto fora dos portões da cidade.

Depois de observar algumas raízes supostamente específicas das religiões misteriosas, queremos mostrar agora as seis principais falácias daqueles que afirmam que o cristianismo foi influenciado por elas.

Falácia N° 1: Combinacionalismo ou Universalismo.

Este é o erro de combinar primeiro todas as características das diversas religiões secretas do século 15 a.C. até o século 5° a.D., e depois comparar esta caricatura com o cristianismo. Até Albert Schweitzer reconheceu este erro há anos, quando escreveu:

> Quase todos os escritos populares caem neste tipo de inexatidão. Eles fabricam com os vários fragmentos de informação uma espécie de religião misteriosa universal que na verdade nunca existiu, menos ainda nos dias de Paulo. (ScA.PI)

Algo que existiu numa religião misteriosa no século 15 a.C., mas que deixou de fazer parte dela ou de qualquer outra religião cerca de 1000 A.C., não vai evidentemente influenciar demasiado o cristianismo. Ou, algo existente em uma religião em outra cultura ou região do mundo pode ser completamente rechaçado pela cultura judia na Palestina. Elementos de diferentes religiões, quando combinados, podem ter também aparência de cristianismo, embora o traço combinado nunca tivesse existido como tal, até ser praticado ou crido pelos cristãos.

Falácia N° 2: Colorindo a Evidência.

Nash atribui este erro à linguagem descuidada. Ele observa:

> Encontramos freqüentemente eruditos que primeiro fazem uso da terminologia cristã para descrever crenças e práticas

> pagãs e depois se surpreendem com os espantosos paralelos que julgam ter descoberto. É possível avançar muito no sentido de "provar" a terminologia cristã primitiva. Um bom exemplo disto pode ser encontrado no livro recente de Godwin, *Religiões Misteriosas no Mundo Antigo* ("Mistery Religions in the Ancient World"), que descreve o *criobolium* como um "batismo de sangue" em que o iniciado é "lavado no sangue do cordeiro". O leitor desinformado pode ficar estupefato com essa notável semelhança com o cristianismo (veja Ap 7.14), enquanto um leitor com maior conhecimento vai considerar a descrição feita por Godwin como o reflexo de um preconceito forte e negativo contra o cristianismo. (NaR.CHW 126)

O "crióbolo" era essencialmente a mesma coisa que o "tauróbolo", exceto pelo uso de carneiros e não touros, provavelmente por razões econômicas. As referências a ele são também mais tardias que as fontes cristãs!

Falácia Nº 3: Excesso de Simplificação.

Os críticos tendem também a usar exageros e excesso de simplificação, a fim de comparar o cristianismo com os cultos secretos. Nash adverte:

> Vamos encontrar alegações exageradas sobre supostas semelhanças entre o batismo e a Ceia do Senhor com "sacramentos" similares em certos cultos secretos. As tentativas para encontrar analogias entre a ressurreição de Cristo e as supostas "ressurreições" das divindades misteriosas envolvem muito excesso de simplificação e negligência de detalhes. Além disso, as afirmações sobre a centralidade de uma noção de renascimento em certos mistérios são grandemente aumentadas. (NaR.CHW 126-27)

Falácia Nº 4: Quem Influencia Quem?

Este erro é possivelmente a falácia metodológica mais grave cometida pelos que acusam o cristianismo de ter tomado a sua doutrina e prática de empréstimo das religiões misteriosas. O erro aqui é propor que o cristianismo tenha adotado um aspecto particular de uma religião secreta, quando não existe evidência de ele ter existido nessa religião até depois de iniciado o cristianismo. O que muitos deixam de reconhecer é que o crescimento da igreja foi tão explosivo que as outras religiões adotaram elementos cristãos, a fim de atrair os cristãos e impedir que seus adeptos fossem para o cristianismo. Metzger atesta: "No que T. R. Glover chamou corretamente de 'conflito das religiões no Primeiro

Império Romano', era de esperar que os hierofantes dos cultos que estavam começando a perder devotos para a igreja em crescimento tomassem providências para deter a maré". (MeB.MR 11)

A chave aqui é a datação. A maioria dos supostos paralelos entre o cristianismo e as religiões de mistério, mediante escrutínio detalhado mostrará que os elementos cristãos são anteriores aos elementos mitológicos. Nos casos em que isso não acontece, no geral são os elementos judeus que antecedem o cristianismo e o mito, e que foram tomados de empréstimo por ambas as religiões.

Existe um outro lado da moeda. Depois do século 1° a.D., o mais importante rival do cristianismo era o mitraísmo ("mithraism"). Mitra, segundo os romanos, era o Sol Invictus (sol invencível). A adoração de Mitra tornou-se, então, associada ao sol, e, em 274 a.D., a data de sua festa principal foi marcada para 25 de dezembro, data do solstício de inverno. Aparentemente, "Em alguma época antes de 336 a igreja de Roma, incapaz de fazer desaparecer esta festa pagã espiritualizou-a como a Festa da Natividade do Sol da Justiça".[14] A data exata do nascimento de Jesus tem sido uma questão de debate há séculos, mas parece ter ficado claro que neste caso a data da celebração do Natal foi mais influenciada por fatores pragmáticos do que históricos. Além disso, depois do século 3°, há evidência cada vez maior de que doutrinas pagãs e seculares passaram a efetuar mudanças na fé cristã. Mas esses foram desenvolvimentos posteriores. Não há evidência de que a origem do cristianismo tivesse ocorrido por influência das religiões secretas. As suas raízes estavam profundamente mergulhadas no solo judeu.

Falácia N° 5: Atribuição Falsa.

Os eruditos muitas vezes deixam de reconhecer que a verdadeira fonte da prática cristã foi um evento histórico real, ou uma prática ou crença judaica. Em vista de alguma coisa se assemelhar numa religião oculta, ela acaba sendo atribuída como fonte da prática ou crença cristã. Discussões críticas sobre a fonte da Ceia do Senhor freqüentemente cometem este erro. Nash explica:

> De todos os cultos misteriosos, só o mitraísmo tinha algo que se comparava à Ceia do Senhor. Um pedaço de pão e um copo de água eram colocados diante dos iniciados, enquanto o sacerdote de Mitra dizia algumas palavras cerimoniais...Qualquer pesquisa quanto aos antecedentes históricos da Ceia do Senhor terá maior probabilidade de sucesso se ficar mais perto da base judaica da fé cristã do que se se desviar para as práticas dos cultos pagãos. Como notado no caso do batismo cristão, a Ceia do

> Senhor estava ligada a um personagem histórico e real e a algo que ele fez na história durante a Ceia do Senhor. Como todo estudante do Novo Testamento sabe, a ocasião para Jesus estabelecer a Ceia do Senhor cristã foi a festa da Páscoa judia. Metzger está certo quando nota que o "aspecto judeu da cena, seu caráter e piedade expressos no rito (cristão) predominam em todos os relatos sobre a origem da ceia". (NaR.CHW 159; Metzger cita: MeB.MSM 17)

Esta conclusão é ainda confirmada se evitarmos a Falácia Nº 4 acima. Segundo evidências disponíveis, o mitraísmo não se firmou no império romano até depois de 100 a.D. M. J. Vermaseren, um especialista no culto a Mitra, afirma: "Nenhum monumento mitraico pode ser datado de antes do fim do século 1º a.D., e nem mesmo investigações extensas na cidade de Pompéia, sepultada sob as cinzas do Vesúvio em 79 a.D., produziram até agora uma imagem sequer do deus". (VeM.MSG 29)

Da mesma forma, o historiador Edwin Yamauchi concluiu depois de várias investigações: "Além da visita do rei armênio, que era adorador de Mitra, a Nero, não há evidência da penetração de Mitra para o ocidente até o final do século 1º a.D." (YaE.PCG 112)

Não é de admirar que Justino Mártir, como Nash, nota: "se referiu à refeição mitraica como uma imitação satânica da ceia do Senhor."[15] Em vista da data recente para o culto de Mitra no império romano, podemos eliminá-lo com segurança como uma possível influência sobre as origens cristãs.

Falácia Nº 6: Deixar de Reconhecer a "Pedagogia de Deus".

Embora o cristianismo ensine que só existe um meio de relacionar-se com Deus, pode ser que Deus tenha, na verdade, usado alguns dos mitos pagãos para levar a cabo este processo de ensino nas culturas pagãs. Ao defender a ocorrência real da ressurreição de Jesus, o erudito judeu, não cristão, Pinchas Lapide raciocinou:

> Em virtude desta "pedagogia de Deus", não seria possível que o Senhor do universo tivesse usado o mito da ressurreição (que era bem conhecido de todos os pagãos) para "eliminar a idolatria no mundo pagão", por intermédio da verdadeira ressurreição de um homem justo e para levar "o conhecimento de Deus" aos quatro cantos da terra por meio da fé pascal? (LaP.R 122)

É claro que outros pensaram em ressurreição, mas ninguém ressuscitara ainda, não uma ressurreição verdadeira e física completa. Deus, ao ressuscitar Jesus, estava, entre outras coisas, desafiando

diretamente os falsos deuses dos greco-romanos.

Uma das excitantes e novas descobertas das missões cristãs confirma que Deus pode ter revelado, centenas de anos antes de ela ter lugar, os elementos essenciais da história do evangelho a várias culturas que, mais tarde, "mitologizaram" esses detalhes no correr dos séculos.

Don Richardson, reconhecido por sua obra antropológica e lingüística entre os povos sawi da idade da pedra de Irian Jaya, documentou a existência de lendas do evangelho entre tribos remotas em todo o mundo. Como um exemplo de como Deus preparou várias culturas para a aceitação do evangelho, citamos aqui uma das histórias fascinantes e verdadeiras encontrada no livro de Richardson, *A Eternidade em Seus Corações* ("Eternity in Their Hearts"):

> Bem no interior da região montanhosa sul-central da Etiópia vivem vários milhões de plantadores de café que, embora divididos em tribos diferentes, partilham da mesma crença em um ser bondoso chamado *Magano* — Criador onipotente de tudo que existe. Uma dessas tribos é chamada de Darassa ou, mais acuradamente, de povo Gedeo. Poucos dos quinhentos membros da tribo Gedeo oravam realmente a Magano. De fato, um observador casual teria descoberto que o povo se ocupava mais em apaziguar um ente maligno que chamavam de Sheit'an. Certo dia, Albert Brant perguntou a um grupo de gedeos: "Por que vocês respeitam tanto a Magano, mas fazem sacrifícios a Sheit'an?" Ele recebeu a seguinte resposta: "Não sacrificamos a Sheit'an pelo fato de amá-lo, mas porque não queremos laços tão fortes com Magano que nos permitam pôr Sheit'an de lado!"
>
> Pelo menos um gedeo, porém, procurou uma associação pessoal com Magano. Seu nome: Warrasa Wange. Sua posição: relacionado com a "família real" da tribo gedeo. Seu domicílio: Dilla, uma cidade localizada numa fronteira extrema da terra da tribo dos gedeos. Seu método de abordagem: uma simples oração, pedindo que Magano se revelasse, a Si mesmo, ao povo gedeo!
>
> Warrasa Wange obteve uma pronta resposta. Visões surpreendentes invadiram seu cérebro como tempestades. Ele viu dois estrangeiros de pele branca. ("Caucasófobos — pessoas que não gostam ou temem o "homem branco", comumente chamado de caucasiano — vão objetar, mas o que posso fazer? A história não deve ter previsto a tendência moderna para a caucasofobia!)
>
> Warrasa viu os dois brancos levantarem abrigos frágeis para si mesmos sob a sombra de um grande sicômoro perto de Dilla, sua cidade natal. Mais tarde, eles construíram estruturas mais permanentes com telhados brilhantes. Eventualmente essas estruturas pontilharam toda uma encosta de montanha! O

sonhador jamais tinha visto nada que se comparasse com as estrutura frágeis e temporárias nem com as permanentes de telhados brilhantes. Todas as casas na terra dos gedeos tinham cobertura de capim.

Warrasa ouviu em seguida uma voz: "Esses homens", disse ela, "lhe entregarão uma mensagem de Magano, o Deus que você busca. Espere por eles."

Numa cena final da sua visão, Warrasa viu a si mesmo removendo a estaca central de sua casa. No simbolismo gedeo, a estaca central da casa de um homem representa sua própria vida. Ele levou, então, a estaca para fora da cidade e colocou-a no chão, próximo de uma das moradas brilhantes dos estranhos.

Warrasa compreendeu a implicação: sua vida deveria mais tarde identificar-se com aqueles estrangeiros, sua mensagem, e com Magano que os enviaria.

Warrasa esperou. Oito anos se passaram. Durante esses oito anos vários videntes entre os gedeos profetizaram que estranhos logo chegariam com uma mensagem de Magano.

Num dia muito quente, em dezembro de 1948, o canadense de olhos azuis, Albert Brant, e seu colega Glen Cain, apareceram na linha do horizonte num velho e estropiado caminhão International.

Sua missão: começar uma obra missionária para a glória de Deus entre o povo gedeo. Eles esperavam obter permissão das autoridades etíopes para instalar a nova missão bem no centro da região dos gedeos, mas etíopes amigos dos missionários avisaram que tal pedido iria encontrar certa resistência por causa do clima político do momento.

"Peça para ir apenas até a cidade de Dilla", disseram os conselheiros com uma piscadela. "Ela fica bem distante do centro da tribo. Os opositores à sua missão vão pensar que vocês não conseguiram influenciar toda a tribo de uma cidade tão periférica!"

"Ali está ela", disse Brant a Cain. "Não passa da extrema periferia da população dos gedeos, mas terá de bastar."

Com um suspiro, ele virou o velho International na direção de Dilla. Glen Cain enxugou a testa. "Que calor! Albert", disse ele. "Espero que possamos encontrar uma sombra para armar nossas tendas!"

"Veja aquele velho sicômoro!" respondeu Albert. "Bem o que o médico recomendou!"

Brant levou o carro para uma subida, a fim de chegar até a árvore. Na distância, Warrasa Wange ouviu o som. Ele virou-se justamente a tempo de ver o velho caminhão de Brant parar sob os galhos espalhados do sicômoro. Warrasa encaminhou-se vagarosamente para lá, imaginando...

Três décadas mais tarde, Warrasa (agora um crente radiante em Jesus Cristo, Filho de Magano), juntamente com Albert

Brant e outros, contou mais de 200 igrejas entre o povo gedeo — igrejas com uma média de mais de 200 membros cada uma! Com a ajuda de Warrasa e de outros habitantes de Dilla, quase toda a tribo dos gedeos foi influenciada pelo evangelho — apesar da localização periférica da cidade! *(RiD.ETH 56-58)*

PECULIARIDADE DAS DESCRIÇÕES DE JESUS NO EVANGELHO

Estudiosos e leigos reconheceram durante quase dois milênios uma clara distinção entre os relatórios dos escritores do evangelho e os dos criadores dos mitos das religiões ocultas. Por exemplo, Walter Künneth, professor de teologia sistemática na Universidade de Erlangen, na Alemanha, declara a respeito da exclusividade do evangelho:

> Aos olhos do mundo contemporâneo, a mensagem da ressurreição não pareceu ser um dos costumeiros cultos lendários, apresentando Jesus Cristo como um novo herói de culto, colocado lado a lado com outros heróis "cult". Mas a mensagem era em termos de estrita exclusividade: Só um é o Kyrios ("Senhor"). A própria analogia falha neste ponto. Esta testemunha, em contraste com a tolerância de todo o mundo mítico, apresenta uma reivindicação de absolutismo que questiona a validade e a verdade de toda a mitologia. (KüW.TR 62)

Cartlidge e Dungan reconhecem a mesma coisa:

> Se os cristãos utilizaram conceitos e termos familiares para comunicar a sua fé, eles sempre lhes deram uma importância exclusiva. Quando adoravam Jesus como seu Salvador, o efeito era uma negativa poderosa: "Nem César, nem Asclépio, nem Heráclito, nem Dionísio, nem Ptolomeu, nem qualquer Deus é o Salvador do mundo — Jesus Cristo é!" (CaDR.DSG 21)

Leia alguns mitos gregos e depois leia os relatos do evangelho e vai notar uma diferença marcada no teor do material como um todo. Com respeito ao evangelho de João, geralmente a mais criticada das narrativas do evangelho, Blaiklock afirma:

> Eu o leio com freqüência em seu grego simples, sem traduzir, e sempre sinto uma impressão esmagadora de sua integridade, sua intimidade com o tema e com o leitor. Leia simplesmente a história das bodas de Caná (mas interpretando corretamente: "Mãe, o que isso tem a ver comigo?") e sinta a atmosfera doméstica, o embaraço de Maria, a leve brincadeira do mestre-sala (capítulo 2). Vá até a história do rabino (capítulo 3) que apareceu de noite e ficou a princípio aborrecido porque a

> resposta à pergunta que não pôde fazer foi dada pela alusão aos livros de Ezequiel e Números (Ez 36.25-27; Nm 21.4-9). E depois leia a história da samaritana, junto ao poço em Sicar, travando sua batalha de palavras perdida com o judeu mais estranho que já encontrara (capítulo 4). Continue lendo até o pungente relato da Semana da Paixão com o seu clímax nas vívidas histórias da ressurreição, só comparáveis pela simples realidade com a narrativa em Lucas. Apenas leia. Esses homens não estavam escrevendo ficção. Não é assim que o mito se apresenta. Isto é história e só foi escrita por tratar-se de um relatório. (BlE.MM 77-78)

O erudito e tradutor do Novo Testamento, J. B. Phillips, descreve sua experiência deste modo:

> Li, em grego e latim, inúmeros mitos, mas não encontro nenhum indício de mito aqui. Não há histeria, nem esforço cuidadoso para obter efeito, e nenhuma tentativa de conluio... Sente-se novamente aquela exposição suavizada que fomos ensinados a pensar que seja mais "britânica" do que oriental. O candor e a simplicidade são quase infantis, e o efeito total é tremendo. (PhJ.RT 77)

Blaiklock conclui:

> Só existe uma explicação fácil: Quatro homens, sob a forte compulsão de uma verdade que os libertava, escreveram sobre o que viram, ou sobre o que testemunhas oculares confiáveis lhes relataram. Conforme Rousseau: homens que pudessem inventar uma história dessas seriam maiores e mais surpreendentes do que a sua figura central. (BlE.MM 77)

CONCLUSÕES

Embora sobejem na literatura popular declarações no sentido de os cristãos terem tomado sua história do evangelho de empréstimo dos mitos do mundo pagão, a maré de opinião erudita voltou-se contra esta tese. Moreland coloca a questão nestes termos:

> Não se pode enfatizar, suficientemente, a idéia de que tais influências são vistas pelos eruditos do Novo Testamento atuais como tendo pouco ou nenhum papel em moldar o retrato de Jesus no Novo Testamento em geral, ou nas narrativas da ressurreição em particular. Tanto o ambiente geral dos evangelhos quanto os aspectos específicos das narrativas da ressurreição dão evidência esmagadora de que a igreja primitiva estava arraigada no judaísmo. Jesus, a igreja primitiva e seus escritos nasceram em solo judeu e a influência gentia foi mínima. (MoJP.S 181)

Quando a hipótese do sincretismo estava em seu auge, muitos dos principais eruditos não se convenceram. Adolf von Harnack, provavelmente o mais influente historiador e teólogo da igreja germânica de sua época, pouco depois da virada do século, escreveu:

> Devemos rejeitar a mitologia comparativa que encontra uma ligação causal entre tudo e tudo o mais, a qual derruba barreiras sólidas, constrói pontes sobre os abismos como se fosse uma brincadeira de criança, e tece combinações de semelhanças superficiais... Mediante tais métodos, podemos transformar Cristo num deus-sol num piscar de olhos, ou podemos inventar lendas para o nascimento de qualquer deus concebível, ou podemos apanhar toda a sorte de pombas mitológicas para fazer companhia à pomba batismal; e descobrir qualquer número de asnos celebrados para seguir o asno montado por Jesus até Jerusalém; e assim, com a varinha mágica da "religião comparativa", eliminar triunfalmente todo traço espontâneo de qualquer religião.[16]

Por que as religiões misteriosas que competiram com o cristianismo eventualmente pereceram, deixando o cristianismo como a principal religião do império romano? As respostas são várias, mas a que prevalece é a de que os cristãos pregaram a ressurreição de uma pessoa da história real e recente. As histórias mitológicas das religiões misteriosas não puderam simplesmente competir.

Tocamos em diversas evidências para apoiar as conclusões de que os primeiros cristãos não tomaram de empréstimo das religiões misteriosas para formar a sua história.

Primeiro, o intervalo de tempo entre o objeto do mito e as fontes que falam dele é muito longo, centenas de anos pelo menos. Em muitos casos, os objetos do mito não são sequer localizados na história.

Segundo, as fontes que parecem precursoras do cristianismo foram, na verdade, escritas depois de completado o cânon do Novo Testamento. Se houve empréstimo, foram as religiões misteriosas que emprestaram do cristianismo. Só mais tarde vemos a linguagem dessas religiões penetrando o vocabulário da igreja. Nash relata:

> No século 3°, e não antes, é que o primeiro encontro real teve lugar entre o cristianismo e as religiões ocultas. Só depois de 300 a.D. é que a terminologia dos cultos secretos começou a aparecer na linguagem da igreja. (NaR.CHW 129)

Com toda a probabilidade, então, as religiões misteriosas ao enfrentarem a perda de membros para a igreja em expansão, incorporaram elementos atraentes do cristianismo em sua literatura e prática.

Terceiro, as religiões misteriosas eram sincretistas, enquanto o cristianismo pregava a exclusão de elementos estranhos à sua revelação.

Quarto, como diz Moreland:

> As diferenças superam de longe as semelhanças. As religiões secretas têm uma consorte, uma divindade feminina que é central no mito. Elas não têm uma verdadeira ressurreição, apenas uma crua ressuscitação. Os mistérios têm pouco ou nenhum contexto moral, o que os ritos misteriosos procuravam induzir era a fertilidade. Os mistérios são politeístas, lendas sincretistas não associadas a indivíduos históricos. (MoJP.S 182)

Quinto, as religiões misteriosas estavam mais preocupadas com o estado emocional de seus adeptos do que com a doutrina correta.

Sexto, muitas supostas semelhanças entre o cristianismo e as religiões misteriosas aparecem apenas quando a terminologia cristã é usada para descrever uma prática ou mito dessas religiões.

Existem certamente indivíduos sinceros com indagações genuínas nesta área das religiões comparativas. Mas as "Vidas de Jesus" populares que continuam a ser publicadas hoje, freqüentemente não parecem ser mais do que uma desculpa para evitar a questão de Jesus e suas reivindicações. Nas palavras de Blaiklock:

> Será que vai haver sempre aqueles aborrecidos com a pressão e o impacto da Pessoa dominadora de Jesus Cristo ou que se sintam sondados e perscrutados por Suas palavras e procurem consolo em alguma esperança de os registros terem sido falsificados? Nesta expectativa de um engano vir a ser exposto, eles passam a atacar a historicidade de Jesus. O cristianismo triunfou sobre seu mais sério oponente, a adoração de Mitras pelos soldados, geralmente porque o cristianismo podia opor ao lendário Mitras a realidade histórica de Cristo. É necessariamente contra Ele que esses indivíduos dirigem seus dardos, aqueles que abrigam o estranho e mortal desejo de que a vida seja "só som e fúria, nada significando", e uma cova na grama úmida a fuga final. (BlE.MM 11)

10

EVIDÊNCIA DA GEOGRAFIA HISTÓRICA

Ao contrário dos relatos míticos de vários supostos deuses que foram discutidos no capítulo anterior, as narrativas do evangelho descrevem Jesus como um homem de carne e osso que viajou para locais geográficos verdadeiros e interagiu com pessoas históricas conhecidas. O fato de ele ter ocupado um lugar específico no tempo e no espaço se torna mais claro, à medida que estudamos a geografia histórica dos dias de Jesus. Os detalhes da história e geografia nos relatos do evangelho fornecem evidência clara de que os escritores não estavam inventando a sua narrativa. Este capítulo vai discutir parte da evidência e procurar responder a algumas das difíceis questões surgidas nessas áreas.

Nova evidência obtida do estudo da cultura palestina do século 1° está começando a lançar luz sobre o Jesus dos evangelhos. Esta nova evidência está forçando muitos a deixarem de lado o seu ceticismo com respeito ao que o Novo Testamento ensina sobre Jesus.

Bultmann, que considerou o Novo Testamento um documento historicamente falho, jamais visitara Israel e jamais considerara a influência da cultura judaica sobre Jesus. Martin Hengel, da Universidade de Tübingen, na Alemanha Ocidental, disse sobre a falta de considerar o elemento cultural que essa era uma "velha e errada tradição alemã com perigosos resultados."[1]

GEOGRAFIA HISTÓRICA

A geografia histórica busca associar eventos na história a sítios geográficos. Sabendo o que ocorreu num certo local no passado revela por que Jesus faria algo nesse local quando estivesse ali. Desde que seria praticamente impossível para um escritor gentio mais recente conhecer o contexto histórico-geográfico relativo a um evento na vida de Jesus, esses incidentes fornecem boa evidência de que os acontecimentos descritos pelos escritores do evangelho realmente ocorreram. Alguns exemplos:

Na cidade de Naim, Jesus ressuscitou o filho de uma viúva. Naim fica na região norte de um monte ao sul da Galiléia. Logo acima do monte, do lado sul, está o lugar onde Eliseu ressuscitou o filho da sunamita. Em vista de o povo dessa localidade estar especialmente ligado com esse milagre, Jesus pôde estabelecer sua autoridade, operando um milagre similar na cidade vizinha. O povo de Naim respondeu: "Grande profeta se levantou entre nós!" e: "Deus visitou o seu povo!" (Lc 7.16).

A fuga de Maria e José para o Egito com o menino Jesus não foi uma atitude estranha. Cerca de 85% dos judeus viviam fora de Israel, e a cidade de Alexandria, no Egito, continha uma grande e antiga população judia. José e Maria podem ter tido amigos ou parentes ali.

A cidade natal de Jesus, Nazaré, é significativa por várias razões. Primeiro, era um povoado obscuro, antiquado com talvez 20 ou 30 famílias morando nele. Isto é confirmado pela descoberta de 23 tumbas, acreditando-se que seja o cemitério do século 1º para toda a Nazaré. Nazaré não aparece em nenhuma das listas das cidades encontradas em Josefo, no Antigo Testamento, ou no *Talmude.* Não é de admirar que Natanael, quando Filipe lhe falou sobre Jesus, respondesse: "De Nazaré pode sair alguma cousa boa?"[2]

Segundo, Nazaré fica na encosta de uma elevada serra a cavaleiro do Vale de Jezreel. A geografia se ajusta bem com a descrição da cidade feita por Lucas, quando ele relata: "E levantando-se, expulsaram-nO da cidade e O levaram até ao cume do monte sobre o qual estava edificada, para de lá O precipitarem abaixo".[3]

Terceiro, o vale de Jezreel, também chamado Planície de Megido ou Armagedom, era literalmente o jardim da frente de Nazaré. Mais de 250 batalhas na história foram travadas nesse local, e os profetas predizem que a batalha final terá também lugar ali. Os exércitos podem entrar no vale por sete passagens principais, tornando-o um campo de combate ideal. Enquanto Jesus estava crescendo, ele deve ter cruzado o vale muitas vezes e talvez refletido ali freqüentemente que "se alguém matar à espada, necessário é que seja morto à espada."[4] É irônico, mas também típico da maneira como Deus com freqüência opera, que o chamado "Príncipe da Paz" devesse crescer olhando para o "campo de batalha da história."

Nazaré estava igualmente numa região onde as pessoas não aprovavam o uso de madeira como exploração da terra. As casas eram construídas principalmente com um abundante suprimento de seixos. A palavra grega para "carpinteiro" pode ser traduzida também como "pedreiro", "ferreiro", "artífice", ou "construtor em madeira, pedra ou metal". É, portanto, possível que José e Jesus fizessem mais construções de pedra do que de madeira. Como resultado, Jesus pode ter sido muito

forte e altaneiro de aparência. Isto, combinado com sua autoridade espiritual, sem dúvida o capacitou para viajar muito a pé, falar com multidões de até cinco mil pessoas, expulsar os vendilhões do templo, e atravessar pelo meio de uma multidão zangada que o queria lançar precipício abaixo.

A QUESTÃO DE QUIRINO

A questão histórica provavelmente mais aparente, associada aos evangelhos, refere-se ao relatório de Lucas sobre um censo feito quando Quirino governava a Síria (Lc 2.2). Ian Wilson censura Lucas, como segue:

> E depois de nos dizer que o anúncio do nascimento de Jesus e João Batista teve lugar no reinado de Herodes, o Grande, que se sabe ter morrido em 4 a.C., o autor Lucas tenta oferecer um trecho de impressivo detalhe histórico:
>
> "Naqueles dias foi publicado um decreto de César Augusto, convocando toda a população do império para recensear-se. Este, o primeiro recenseamento, foi feito quando Quirino era governador da Síria. Todos iam alistar-se, cada um à sua própria cidade (Lc 2.1-3).
>
> Infelizmente, embora o primeiro recenseamento tivesse sido feito de fato durante o governo de Quirino, ele não aconteceu nem poderia acontecer até pelo menos 6 a.D., o primeiro ano em que a Judéia ficou diretamente sob a autoridade romana, e foi registrado por Josefo como um evento sem precedentes naquele ano. Para dizer francamente, Lucas apelou para a invenção. (WiLJTE 55)

Para dizer francamente, o livro de Wilson, *Jesus: A Evidência* ("Jesus: The Evidence"), distorceu a evidência! Vamos investigar. O recenseamento levou José e Maria a viajarem para Belém antes do nascimento de Jesus. Em alguns pontos Wilson está correto. Tanto Mateus quanto Lucas concordam que Jesus nasceu antes do fim do reinado de Herodes, o Grande. Foi estabelecido com razoável certeza que a morte de Herodes teve lugar em março ou abril do ano 4 a.C. (Veja FiJ.BC 230ss; e HoH.C 12-13) Um recenseamento, não necessariamente o primeiro, foi feito por Quirino em 6 a.D. (FiJ.BC 234-36) Mas existem outras evidências que Wilson ignorou.

Fato N° 1:

Em Atos 5.37, Lucas se refere ao censo de 6 a.D., indicando que sabe onde ele se ajusta na cronologia do período. Lucas chama este censo de **o** recenseamento, isto é, o censo bem conhecido de 6 a.D.

Fato N° 2:

O texto grego de Lucas 2.2 sugere um recenseamento menos conhecido antes daquele de 6 a.D. A The New American Standard Version traduz Lucas 2.2, como segue: "Este foi o primeiro recenseamento feito enquanto Quirino era governador da Síria." Esta nos parece uma interpretação fiel do sentido do texto grego que, quase literalmente, contém a seguinte leitura: "Este recenseamento é o primeiro, acontecendo quando Quirino reina/lidera sobre a Síria." Desde que a língua grega no geral não inclui a palavra "é", ela precisa ser inserida e muito naturalmente se ajusta depois do termo recenseamento. A sentença diz literalmente: "Este recenseamento é o primeiro a ser feito enquanto Quirino governa a Síria." (Como na SBB—N.Trad.) Se houvesse apenas o censo bem conhecido de 6 a.D. sob Quirino, Lucas teria dito simplesmente: "Este foi *o* recenseamento ocorrido quando Quirino..." Não temos conhecimento de qualquer recenseamento depois de 6 a.D. Portanto, a gramática de Lucas 2.2 parece indicar definitivamente que Lucas queria que seus leitores desprezassem o censo de 6 a.D. e pensassem no recenseamento anterior, e menos conhecido, de aproximadamente 5 a.C.

Fato N° 3:

Josefo confirma que a rebelião de 6 a.D. foi uma resposta a um alistamento (censo) provavelmente realizado negligentemente.[5] Em contraste, o recenseamento anterior de Lucas 2.2 parece ter apelado para o costume dos judeus. Os romanos teriam tido dois problemas:

1. Herodes governava a Judéia, e não Quirino.
2. O povo não gostava de que os romanos interferissem nos seus assuntos.

Do ponto de vista dos romanos, a solução mais diplomática seria Quirino negociar um recenseamento executado sob os auspícios de Herodes e segundo a prática judia de registro por tribos. Assim sendo, José e Maria viajaram para Belém, a cidade de Davi e a "própria cidade" de José. A negociação deste arranjo por parte dos romanos é indicada pelo fato de eles normalmente conduzirem os alistamentos baseados na posse de terras, e não nas cidades natais. Ocasionalmente, porém, exceções eram feitas pelos romanos. Um papiro egípcio de 104 a.D. indica que foi exigida a volta dos egípcios à sua própria cidade para o recenseamento romano no Egito. (DeA.LAE 270-71) Mas será que Herodes estava disposto a aceitar tal arranjo? Absolutamente não, pois Josefo registra que ele caiu no desfavor de César Augusto, sendo demovido de "amigo" para "súdito".[6] Seria necessário que fizesse tudo o que os romanos mandassem, a fim de recuperar o favor de César.

Herodes estava próximo da morte e tinha problemas em decidir sobre um sucessor. (Ele mudou três vezes o seu testamento e matou três filhos antes de decidir por Arquelau cinco dias antes de morrer.) A morte iminente de Herodes era um novo incentivo para os romanos fazerem um recenseamento em preparação para uma mudança de governantes.

Fato N° 4:

Em 6 a.D., a Palestina não estava mais sob o governo de um rei, mas se dividira em várias tetrarquias. Assim sendo, teria sido quase impossível para José e Maria receberem ordem para irem de Nazaré a Belém como relatado por Lucas, a não ser que fosse antes da morte de Herodes, o Grande. A fim de viajar de Nazaré a Belém em 6 a.D., José e Maria teriam de deixar a Galiléia governada por Herodes Antipas e ir para a Judéia, agora sob o controle direto do governo romano que acabara de depor Arquelau. Mas, como o professor Brindle salienta, a viagem de Nazaré a Belém "só teria acontecido se houvesse uma autoridade central sobre a Palestina — tal como a existente durante o reinado de Herodes: o Grande". (BrW.CQ 27.51-52)

Fato N° 5:

Lucas 2.1 indica que o recenseamento foi feito de acordo com uma política geral para o império, no sentido de cadastrar todas as pessoas. Isto não especifica que todas as províncias foram alistadas ao mesmo tempo, apenas que Augusto foi, como declara Hoehner,

> O primeiro na história a ordenar um recenseamento ou cálculo de impostos de todo o império provincial. Isto é novamente confirmado pelo fato de Lucas usar o presente do indicativo, indicando que Augusto ordenou que recenseamentos fossem feitos regularmente e não uma única vez. (HoH.C 15)

O renomado arqueólogo, Sir William Ramsey, afirmou:

> O primeiro alistamento na Síria foi feito no ano 8-7 a.C., mas um exame da situação na Síria e Palestina mais ou menos nessa ocasião vai mostrar que o cadastramento no reinado de Herodes foi provavelmente adiado. (RaW.WCB 174)

Isto colocaria o censo de Lucas 2.2 em cerca de 6 a 5 a.C., pouco antes da morte de Herodes.

Fato N° 6:

Jesus tinha cerca de trinta anos (Lucas 3.23), quando iniciou seu

ministério, pouco depois de João Batista ter começado o seu no "décimo quinto ano do reinado de Tibério César" (Lc 3.1,2). Hoehner declara:

> Desde que o décimo quinto ano de Tibério pode ser datado de cerca de 27 a 29 a.D., isso significaria que se Cristo tivesse nascido em 6 a.D, Ele apenas teria 21 a 23 anos de idade e não trinta. (HoH.C 19)

Alguns argumentam que se tivesse ocorrido um alistamento em 5 ou 6 a.C., Josefo teria dito algo a respeito. Mas este é um argumento silencioso que fica invalidado pelo fato de a única razão de Josefo ter citado o recenseamento de 6 a.D. é que ele provavelmente foi salientado pelos tumultuosos eventos da deposição de Arquelau, o confisco romano de todos os seus bens materiais, e a revolta de Judas, o galileu (também chamado de "gaulanita").

O mistério de todo o problema, que Lucas parece conhecer e os arqueólogos ainda não descobriram, é como Quirino podia estar governando a Síria em cerca de 5 a.C. Os governadores da Síria são todos conhecidos de 12 a.C. até 4 a.C. Sabemos que Quirino foi um líder e administrador militar eficiente e que manteve várias posições do mais alto nível na Síria e arredores, já em 12 a.C. e até 7 a.D. Em algum período entre 12 a.C. e 1 a.D., Quirino ficou encarregado da Guerra Homanadensiana travada numa província próxima da Síria. Emil Schürer, um dos principais eruditos do século 19, demonstrou que a Síria era a província de onde Quirino teria a maior probabilidade de conduzir a guerra e colocou Quirino como governador da Síria para um primeiro termo de 3 a 2 a.C. (ScE.HJP/90 1:352) Ramsay, porém, baseado em evidências de inscrições, acreditava que Quirino fora co-governador cerca de 8 a 6 a.C. (RaW.BRD/15 292-300) Finegam conclui:

> A resistência dos homanadensianos deve ter sido destruída na época em que a rede de estradas romanas foi instalada na província da Galácia, em 6 a.C.; portanto, pelo menos a maior parte desta guerra deveria ter terminado até essa data... Quirino poderia ter ficado livre para atender a outros negócios no leste. (FiJ.BC 235-36)

O cônego inglês E. C. Hudson documentou que Quirino foi muito bem-sucedido em sua missão contra os homanadensianos. Mais de quatro mil prisioneiros foram levados, Quirino recebeu a distinção de um triunfo e os da colônia de Antioquia da Pisídia elegeram-no duúnviro honorário, ou magistrado-chefe, com um prefeito, M. Servilius, designado para atuar por ele. (HuE.PF 15:106)

A grande habilidade de Quirino contrasta vividamente com a inexperiência de Quintilius Varus, governador oficial da Síria de 7 ou 6

a.C. até 4 a.C. Blaiklock, tendo investigado a evidência a fundo, mostra que Varus

> era um homem por quem Augusto talvez não tenha tido justificavelmente grande consideração. Augusto, acima de tudo, era um hábil juiz de homens e foi Quintilius Varus quem, em 9 a.D., perdeu repreensivelmente três legiões na floresta Teutoburger, na Alemanha, um dos desastres mais chocantes do século para o exército romano. Supondo que Augusto tivesse algumas dúvidas sobre a capacidade de Varus cuidar de uma situação explosiva, é fácil ver o motivo de uma intrusão especial, sob outra direção, nos assuntos da província de Varus. Uma reconstrução razoável poderia supor que Varus chegou à Síria, em 7 a.C., um homem inexperiente. O censo devia ser feito na Palestina em 8 ou 7 a.C., e pode muito bem ser que Augusto ordenou ao homem que com tanto sucesso tratara do problema dos montanheses da Pisídia, que empreendesse essa tarefa delicada. Herodes I perdera recentemente o favor do imperador e poderia estar contemporizando a realização do recenseamento, cujo processo sempre enraivecia os difíceis judeus. A intervenção de Quirino, a organização requerida, e os preparativos para o recenseamento, poderiam ter facilmente adiado a data do cadastramento até fins de 5 a.C., uma data razoável.[7]

É, então, provável que Quirino mantivesse uma posição de autoridade sobre a Síria por comissão especial. Existe uma confirmação-chave para isto: Lucas 2.2 permite este arranjo de liderança, desde que o termo grego usado não especifica que Quirino era o governador oficial da Síria, mas apenas que de alguma forma estava governando, regendo ou dirigindo a Síria.

O ditado de Aristóteles, geralmente seguido em relação a todas as obras antigas, é que o benefício da dúvida deve ser dado ao autor e não atribuído ao próprio crítico.[8] A razão para os eruditos clássicos seguirem esta prática (e por que os críticos do Novo Testamento deveriam também segui-la) é que o autor de uma obra clássica, estando muito mais próximo do evento em questão, tem uma decidida vantagem por conhecer detalhes da situação que o crítico, distante séculos do evento, não tem possibilidade de conhecer. Portanto, uma coisa é afirmar a existência de uma contradição histórica e outra muito diferente é prová-la.

Desde que a documentação histórica dos tempos da antigüidade em geral e da Síria nesse período particular é escassa, podemos confiar na exatidão histórica de Lucas? Vamos checar seus registros.[9]

Os nomes das posições governamentais oficiais mudavam freqüentemente no século 1°. Apesar disto, Lucas identificou precisamente aqueles a quem nomeia, com seus títulos corretos. Por exemplo,

quando Chipre passou de província imperial para senatorial em 22 a.C., o título do governante também mudou. Todavia, Lucas identifica Sérgio Paulo corretamente como "procônsul" de Chipre, em vez de chamá-lo pelo seu antigo título, "legado imperial". Lucas também especifica corretamente os governadores da Acaia e da Ásia como procônsules, desde que estavam sob a jurisdição do senado em lugar da do imperador. A Acaia esteve primeiro sob o senado de 27 a.C. a 15 a.D., depois sob o imperador até 44 a.D. e novamente sob o senado a partir dessa data. Em Filipos, o termo "pretores", dado por Lucas ao primeiro magistrado, reflete uma prática vaidosa peculiar confirmada por Cícero: "Embora recebam o nome de duúnviros nas outras colônias, esses homens preferem ser chamados de pretores."[10] Com respeito à exatidão de Lucas em Atos 17.6, um erudito australiano, David Hayles, publicou uma revisão abrangente da questão sobre Quirino. Ele afirma:

> É relevante notar neste ponto que Lucas foi o único autor antigo a preservar o termo *politarches* (At 17.6). Quaisquer dúvidas sobre a sua confiabilidade neste respeito foram destruídas pela descoberta de dezenove inscrições diferentes confirmando o título em Tessalônica e na Macedônia em geral. (HaDJ.RS/11 30)

Em Atos 28.7, Lucas chama Públio de "homem principal da ilha", título esse confirmado pelas inscrições gregas e latinas como a referência correta ao governador de Malta naquela ocasião. Embora Mateus e Marcos registrem a designação popular para Herodes Antipas como "Rei", Lucas o chama pelo seu título oficial de "tetrarca". Por mais que Antipas quisesse, os romanos concederam a posição real a seu pai, Herodes, o Grande, e não a ele. Os críticos acusam Lucas de erro em Lucas 3.1 onde ele fala de Lisânias como sendo o tetrarca de Abilene. O único Lisânias de Abilene conhecido dos modernos historiadores até recentemente era um "rei" com esse nome, que foi executado por Marco Antônio, em 34 a.C. Mas Lucas prevaleceu novamente sobre os críticos, quando foi achada uma inscrição datada entre 14 e 29 a.D., referindo-se, você já pode adivinhar, ao "tetrarca Lisânias", um governante naquela época. (Veja RaW.BRD/15 297ss)

A exatidão de Lucas foi confirmada de outras maneiras. Ao falar das descrições de Lucas sobre a "cor e atmosfera" locais, Bruce relata:

> A exatidão que Lucas mostra nos detalhes que já examinamos se estende também à esfera mais geral da cor e atmosfera locais. Ele consegue sempre a atmosfera certa. Jerusalém, com suas multidões agitadas e intolerantes, apresenta um contraste marcante com o atarefado empório de Antioquia da Síria, onde pessoas de credos e nacionalidades diferentes convivem ombro a ombro, polindo, assim, suas arestas ásperas. Não ficamos,

> então, surpresos ao encontrarmos ali a igreja gentia, com judeus e não judeus se reunindo em tolerância e comunhão fraternais. A seguir, vem Filipos, uma colônia romana com seus importantes e convencidos magistrados e seus cidadãos vaidosos por serem romanos. E Atenas, com suas disputas infindáveis no mercado e sua sede insaciável das últimas notícias — uma sede que seus estadistas haviam repreendido três ou quatro séculos antes. Vemos depois Éfeso, com seu templo de Artemis, uma das sete maravilhas do mundo, e com tantos de seus cidadãos dependendo do culto da grande deusa para sobreviver. Com sua reputação de superstição e magia — uma reputação tão difundida no mundo antigo, que um nome comum para os fetiches e encantamentos escritos era *Ephesia grammata* ("cartas efésias"). Tratava-se, sem dúvida, de rolos contendo esses encantamentos, os quais foram queimados publicamente quando Paulo poderosamente anunciou uma fé que libertava os homens dos temores supersticiosos (At 19.19). (BrF.NTD 89)

Em 1848, James Smith, de Jordan Hill, uma iatista experiente e familiarizado com o mundo mediterrâneo onde o navio de Paulo havia navegado, publicou o que veio a tornar-se o trabalho padrão sobre o naufrágio do apóstolo, *A Viagem e Naufrágio de Paulo* ("The Voyage and Shipwreck of St. Paul"). Ele comenta no livro sobre a notável exatidão de Lucas; e, usando detalhes supridos por Lucas, determina o local exato do naufrágio perto da costa de Malta.

Devemos concluir que é muito mais seguro confiar na exatidão de Lucas como testemunha ocular, do que na do crítico moderno, distante quase dois milênios dos eventos e que possui escassa evidência arqueológica ou textual à sua disposição. Bruce diz:

> Todas essas evidências de exatidão não são acidentais. Um indivíduo cuja exatidão pode ser demonstrada em questões onde temos condições de testá-la vai ser provavelmente exato, mesmo quando os meios para esse teste não estejam disponíveis. A exatidão é um hábito mental, e sabemos mediante experiências felizes (ou infelizes) que algumas pessoas são habitualmente exatas da mesma forma que podemos ter a certeza de que outras serão quase sempre inexatas. O registro de Lucas lhe dá o direito de ser considerado como um escritor de habitual exatidão. (BrF.NTD 90)

GEOGRAFIA

Quem visita Israel descobre quase imediatamente a peculiaridade do país. Em nenhum outro lugar do mundo existe maior diversidade de clima e geografia numa área tão pequena do que na terra de Israel. Pode

estar nevando em Jerusalém e a poucos quilômetros de distância o tempo pode estar quente o bastante para se tomar sol nas adjacências do Mar Morto. O Mar Morto, a quase 396,24 m abaixo do nível do mar, é o lugar mais baixo em toda a superfície da terra. Ao norte, o Mar da Galiléia, a quase 213,36 m abaixo do nível do mar contrasta marcadamente com os mais de 2.743,2 m de altura do Monte Hermom que fica do outro lado da fronteira norte de Israel. Mas existem vários pontos obscuros de geografia que só os nativos da terra poderiam conhecer ou lembrar.

Os escritores dos evangelhos se referem casualmente e com freqüência a aspectos geográficos, indicando sua familiariedade com a terra. Mais importante, Jesus parece ter feito e dito certas coisas em relação ao ambiente que o circundava com o propósito de deixar mensagens inesquecíveis impressas vividamente na mente dos discípulos.

Por exemplo, na base do "rochedo" do Monte Hermom com 2.743,2 m de altura, Jesus diz a Pedro: "Tu és Pedro (gr. *Petros*, pedra), e sobre esta pedra (gr. *petra*, uma grande rocha, fundamento) edificarei a minha igreja, e as portas do inferno (Hades) não prevalecerão contra ela."[11] "Portas de Hades" era um termo rabínico, referindo-se às cidades gentias. Jesus estava predizendo que a missão confiada a seus apóstolos iria, no futuro, conquistar os gentios. Jesus fez também essa predição num lugar apropriado, pois a base do Monte Hermom, em Cesaréia de Filipe, contém inúmeras cavernas grandes, cavadas no penhasco, que abrigavam estátuas dos deuses do panteão greco-romano.

Mais tarde, em Jerusalém, os discípulos seriam outra vez lembrados do Monte Hermom, quando Jesus gritou: "Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva."[12] A maioria dos rios começa com um fio de água... mas não o Jordão. Quando a neve sobre o Monte Hermom derrete, a água corre montanha abaixo e depois jorra com toda a força pela base da montanha. Por observação pessoal, podemos verificar que algumas dessas fontes têm mais de 30,48 m de largo no ponto em que brotam de sob o Monte Hermom.

As terras ao redor do Mar da Galiléia tornaram os ensinamentos de Jesus ainda mais vívidos pela maneira como ele incorporou as regiões adjacentes nesses ensinos. Por exemplo, de Cafarnaum, no litoral a noroeste do mar, era possível ver várias cidades sobre as montanhas que o circundavam. Do lado diretamente oposto, no litoral sudeste ficava Hipo, a maior cidade visível para os que se encontravam em Cafarnaum. Sua primeira localização não tinha sido junto à água, mas bem alto num monte que olhava por sobre o mar. Havia várias outras cidades e vilarejos pendurados no alto dos montes em volta do Mar da Galiléia. Por exemplo, Gamala era a fortaleza dos zelotes ao leste. As luzes dessas cidades muitas vezes faziam os apóstolos se lembrarem do tempo em

que Jesus acenava para eles ao dizer: "Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte."[13]

João afirma que Jesus "veio para o que era seu, e os seus não o receberam."[14] Esta declaração é certamente confirmada por uma lista de cidades que Jesus visitou e não visitou. As cidades que visitou consistiam principalmente de judeus piedosos: Cafarnaum, Corazim, Betsaida, Genesaré, Caná e Nazaré. Em curioso contraste, não há registro de Jesus ter entrado nas cidades maiores, onde judeus helenizados se juntavam aos gentios: Hipo, Gadara, Julias (vizinha de Betsaida), Séforis (menos de 8,04 Km distante de Nazaré), Tiberíades, Citópolis e Cesaréia de Filipe (embora tenha visitado os arredores de Cesaréia de Filipe). Jesus indicou, em várias ocasiões, que sua missão ia além dos judeus todavia, ele conduziu seu ministério quase exclusivamente entre os judeus religiosos ou ortodoxos.

Ao redor do Mar da Galiléia, particularmente em Tiberíades e Gadara, fontes de águas quentes famosas atraíam os que precisavam de cura. As fontes termais de Gadara, também conhecidas como Emmatha, eram as maiores do mundo, além das de Veneza. O relato de Mateus se ajusta muito bem a este ambiente:

> Percorria Jesus toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda a sorte de doenças e enfermidades entre o povo. E a sua fama correu por toda a Síria; trouxeram-lhe, então, todos os doentes, acometidos de várias enfermidades e tormentos: endemoninhados, lunáticos e paralíticos. E ele os curou. E da Galiléia, Decápolis, Jerusalém, Judéia e dalém do Jordão numerosas multidões o seguiam.[15]

Gadara era a maior cidade da Decápolis ("dez cidades"); Tiberíades, a maior da Galiléia.

Mesmo alguns dos milagres mais estranhos de Jesus pareciam familiares nesse cenário em volta do Mar da Galiléia. Uma família de peixes que habitam nesse mar é chamada de *Cichlidae* — ou reprodutores pela boca. Ela só é encontrada no Lago Vitória (Uganda), ao longo do rio Nilo, e no Mar da Galiléia. O cartógrafo Dr. Jim Fleming, que dá aulas de arqueologia e geografia histórica na Universidade Hebraica de Jerusalém, explica o seu significado:

> A fêmea conserva os ovos na boca até que nasçam os filhotes. À medida que eles começam a crescer, ela os deixa sair de tempos a tempos para "arejar", mas os recolhe depressa, quando pressente perigo. A mãe jejua até quase a inanição, a fim de não engolir seus filhotes. Esses instintos fortes provocaram o nome hebreu "Peixe-Mãe" para a espécie. Depois de os filhotes estarem aptos para sobreviver sozinhos, a mãe muitas vezes mantém um substituto na boca. As fêmeas são algumas vezes

> apanhadas hoje com seixos ou tampas de garrafa na boca! O nome popular desses peixes é "peixe de São Pedro", por causa da história no evangelho de Mateus 17.24-27 sobre Pedro fisgar um peixe com uma moeda na boca. (FIJ.JAS 6)

A Galiléia é uma região vulcânica. Rochas vulcânicas podem ser encontradas em toda a parte, e espinhos crescem rapidamente ali durante os meses de verão. Quando Jesus contou sua parábola sobre os quatro tipos de solo, seus ouvintes estariam bem familiarizados com o que ele disse. Mais tarde, seus discípulos se lembrariam facilmente da parábola sempre que visitassem aquela região.

As coisas que Jesus fez e disse em Jerusalém e suas cercanias também se ajustam perfeitamente com o que é conhecido da geografia local. A pequena cidade de Betfagé fica na encosta do Monte das Oliveiras do outro lado de Jerusalém. Ela toma o seu nome de uma fruta temporã que cresce nas figueiras da região. A fruta é chamada *phage* em hebraico e aparece no início da primavera com as primeiras folhas. Você já se perguntou por que Jesus estava procurando figos na figueira, quando o texto diz especificamente: "porque não era tempo de figos"? A resposta é que embora não fosse a estação de figos (gr. *sukon*, significando figos maduros), o fato de a árvore ter folhas indicava que ela também deveria ter os figos temporãos (*phage*), que eram comestíveis. Desde que a árvore não tinha frutos, Jesus parece tê-la usado como uma lição objetiva para advertir contra mostrar algo pela nossa aparência, mas não ter fruto com que apoiá-lo.[16]

Dessa mesma região pode-se olhar para o sul e ver a fortaleza Heródia com o Mar Morto brilhando à distância por trás dela. Herodes mandou construir essa fortaleza palacial entre 24 e 15 a.C. A pequena montanha onde ela se encontra foi aumentada, usando parte de outro monte próximo. Imediatamente depois de maldizer a figueira em Betfagé, Jesus comentou: "Porque em verdade vos afirmo que se alguém disser a este monte: 'Ergue-te e lança-te no mar', e não duvidar no seu coração, mas crer que se fará o que diz, assim será com ele."[17] Jesus estava provavelmente apontando para a Heródia e o Mar Morto quando falou, indicando que nem sequer o poder de Herodes (ou de outros reis e autoridades) poderia impedir o estabelecimento do seu reino.

Árvores de mostarda ainda crescem em Israel, e pode-se observar que suas diminutas sementes (centenas podem aninhar-se na ponta de um dedo) e altura de 3,048 m se ajustam precisamente à parábola de Jesus:

> O reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda... o qual é, na verdade, a menor de todas as sementes, e, crescida, é maior do que as hortaliças, e se faz árvore, de modo que as aves

do céu vêm aninhar-se nos seus ramos.[18]

Em Jerusalém, dos degraus do lado sul do templo onde os rabinos geralmente se dirigiam a seus pupilos, as sepulturas caiadas de branco que cobrem o Monte das Oliveiras são claramente visíveis. Jesus provavelmente olhou nessa direção, quando disse:

> Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora se mostram belos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos, e de toda a imundícia. Assim também vós exteriormente pareceis justos aos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniqüidade.[19]

SUPOSTAS CONTRADIÇÕES GEOGRÁFICAS

Em *Jesus, a Evidência,* Ian Wilson acusa:

> O evangelho de Marcos mostra uma lamentável ignorância da geografia da Palestina. No capítulo sete, por exemplo, ele afirma que Jesus estava atravessando Sidom, indo de Tiro para o Mar da Galiléia. Sidom não só está na direção oposta, como não havia de fato uma estrada de Sidom para o Mar da Galiléia no século 1° a.D., só a que saía de Tiro.[20]

Sidom realmente pareceria ficar fora do caminho, se Jesus tivesse viajado diretamente do litoral noroeste do Mar da Galiléia do qual ele viera. Mas Marcos 7.31 indica que ele visitou muitos lugares e se aproximou do litoral sudeste do Mar da Galiléia por meio da região chamada Decápolis. Se observarmos o Mar da Galiléia como se ele fosse um relógio, a Decápolis (grego para "dez cidades") seria uma região que bordejava o mar no sentido de 3 para 6 horas.

Os judeus ortodoxos não viajavam normalmente por essa área, porque a região era quase inteiramente habitada por gentios e judeus helenistas. Jesus, porém, levou seus discípulos imediatamente para ali depois de terem estado em Sidom e Tiro. Uma importante pergunta a ser feita agora é esta: O que essas duas regiões tinham em comum?

O que elas tinham em comum era uma porção de gentios. Desde que se afirma que Jesus passou a maior parte do seu ministério em território judeu, é significativo o fato de essas áreas terem sido associadas. O que Mateus e Marcos estão provavelmente dizendo é que Jesus levou seus discípulos em uma última viagem ministerial através das regiões dos gentios. Esta missão estabeleceria um precedente para os discípulos se preocuparem mais tarde com serem Suas testemunhas "até aos confins da terra", mesmo entre os gentios.[21] A partir da costa

noroeste do Mar da Galiléia, eles teriam viajado na direção noroeste para Tiro, nordeste para Sidom, sudoeste para a região de Decápolis, e leste para o Mar da Galiléia. Em lugar de demonstrar "lamentável ignorância" da geografia da Palestina, a passagem ajuda a explicar por que Jesus não voltou diretamente para o litoral noroeste do Mar da Galiléia, identificado como seu lar.

O argumento seguinte de Wilson, de que não havia estrada de Sidom para o Mar da Galiléia, é igualmente imaterial. Os evangelhos descrevem inúmeras ocasiões em que Jesus subia montanhas ou ia para o deserto para orar e seu ministério foi constantemente conduzido em áreas rurais. Não há, portanto, razão para Jesus e os discípulos não terem andado os menos de 32,1 Km de Sidom para o Vale do Líbano. Sua rota, ao longo do lado sul do Monte Líbano, não teria sido muito difícil. Só mais ao norte as montanhas do Líbano se impõem. Este roteiro teria permitido a Jesus e seus discípulos um caminho mais direto para o sudeste do Mar da Galiléia.

Outra suposta contradição geográfica tratada injustamente por Wilson e outros é a descrição do endemoninhado que se encontra em Mateus 8.28-34, Marcos 5.1-20 e Lucas 8.26-39. Wilson acusa:

> Similarmente, o quinto capítulo se refere à costa leste do Mar da Galiléia como o país dos gerasenos; todavia, Gerasa, hoje Jerash, fica a mais de 48,2 Km a sudeste, distante demais para uma história cujo cenário exige uma cidade próxima com um declive íngreme em direção ao mar. (Wil.JTE 36)

O dicionário Bíblico de Harper também confirma:

> Gerasa... uma das três maiores cidades da Arábia romana... fica a 53,1 Km a sudeste do Mar da Galiléia nas montanhas de Gileade. Daí a identificação de Lucas, da cidade com a cura do endemoninhado (8.26), não pode estar correta.

Mas nem Lucas nem Marcos dizem que o evento aconteceu *em* Gerasa. Mateus também não diz que aconteceu *em* Gadara. Os três escritores usam a expressão "terra dos" seguida de "gadarenos" em Mateus, e "gerasenos" em Marcos e Lucas. Em outras palavras, os três escritores escolheram localizar, de modo geral, o evento em vez de identificar especificamente um local exato, e com boas razões!

A melhor, possivelmente a única localização ao longo do litoral leste do Mar da Galiléia, onde esse evento poderia ter ocorrido, é um ponto que fica aproximadamente a 1,6 Km ao norte da cidade da Decápolis, Hipo, e 3,2 Km ao sul da pequena cidade do século 1°, Gergesa. Neste ponto, a encosta se precipita abruptamente para dentro do mar. A fronteira entre Gaulanite ao norte e Decápolis ao sul dividia quase diretamente as duas cidades, embora pudesse ter havido confu-

são naquela época, como agora, sobre a sua exata localização. Parece que o local ficava logo depois da fronteira da Decápolis. Desde que Gadara, a aproximadamente 9,6 Km a sudeste do Mar da Galiléia, era a principal cidade da região imediata, Mateus aparentemente decidiu chamar a área de "terra dos gadarenos. A Decápolis pode ter sido também geralmente chamada de 'terra dos gerasenos' por causa da maior proeminência de Gerasa, a 53,1 Km a sudeste."[22] Lucas e Marcos usaram esta designação.

Alguns manuscritos subjacentes aos três relatos usam a designação "terra dos gergesenos", mas a mais forte evidência não confirma esta leitura. Ela parece ser uma emenda ou erro posterior introduzido por um copista que sabia da proximidade de Gergesa. Os discípulos, porém, podem ter usado as outras designações por saberem que estavam em Decápolis, e não Gaulanite que continha Gergesa. Em qualquer caso, eles merecem crédito por terem usado apenas a localização geral "terra dos", desde que não tinham certeza do local exato.

Acreditamos que a causa das aparentes contradições geográficas, e outras, é simplesmente ignorância ou falta de informação. Vejamos Sir William Ramsay que foi citado antes com respeito à exatidão do Novo Testamento. Ele é considerado como um dos maiores arqueólogos e geógrafos que já viveram. Foi aluno da escola histórica alemã de meados do século 19. Como resultado, acreditava que o Livro de Atos era produto de meados do século 2° a.D. Tinha plena convicção disto. Em sua pesquisa para fazer um estudo topográfico da Ásia Menor, foi compelido a estudar os escritos de Lucas. Depois disso, viu-se obrigado a fazer uma completa revisão de suas crenças, em vista da esmagadora evidência descoberta em sua pesquisa. Com relação à capacidade de Lucas como historiador, Ramsay concluiu, depois de trinta anos de estudo, que "Lucas é um historiador de primeira classe; não só as suas declarações são de fato confiáveis... como também este autor deve ser colocado ao lado dos maiores entre eles". (RaW.BRD/53 222) Ele acrescentou: "A história de Lucas é insuperável com relação à sua confiabilidade." (RaW.SPT 81)

VERIFICAÇÃO DO NOVO TESTAMENTO?

Alguns céticos gostam de usar o argumento: "Como é possível confiar nos relatos do evangelho? Afinal de contas, eles contêm tão pouca coisa que possa ser confirmada por um registro histórico imparcial." Esta é uma linha de argumento enganadora.

Primeiro, ela supõe que os cristãos, por serem parciais, escreveram inverdades. Sabemos por meio da história que muitos morreram por uma filosofia que criam ser verdadeira. Os zelotes judeus do século 1°

são excelentes exemplos. Sua coragem e recusa inflexível de ceder a seus inimigos em face das mais cruéis torturas falam admiravelmente a favor de seu compromisso com as suas crenças. Mas isto difere da acusação que está sendo lançada contra os escritores do Novo Testamento, especialmente os dos evangelhos. Esses homens são acusados de terem escrito material que sabiam ser falso.

Segundo, é inconcebível que tais homens morressem como mártires por algo cuja falsidade era do seu conhecimento. Quão mais fácil teria sido para Pedro, Mateus e outros dos primeiros mártires cristãos voltarem simplesmente às suas redes ou outras ocupações que não pusessem em perigo suas próprias vidas! Isso é certo, homens e mulheres morrem por aquilo que crêem ser verdade, mas apenas alguém que fosse absolutamente demente morreria por aquilo que soubesse ser mentira.

Terceiro, embora uma boa parte da informação nos registros do evangelho possa ser comparada com os relatórios históricos de outras fontes, é necessário, mesmo assim, uma precaução preliminar: Não devemos cair na armadilha de sentir que tudo nos evangelhos precisa ser "verificado" ou "confirmado" por algo numa fonte "não cristã". Por exemplo, Josefo dá bastante informação que concorda com as descrições do evangelho, mas os historiadores encontraram diversos erros em sua obra, assim como na de outros escritores da antigüidade.

Existem também muitas declarações na Bíblia contendo informação que não existe em qualquer outra fonte da antigüidade. Portanto, podemos nos sentir encorajados em vista das porções de informação histórica no registro do evangelho que são confirmadas por outras fontes, mas não devemos concluir que tudo que se encontra no registro do evangelho deve ser verificado por outra fonte antes de podermos confiar nele.

As narrativas do evangelho estão literalmente cobertas com as impressões digitais da história. Se esses escritores transmitiram informação histórica com tanta exatidão e em detalhes assim minuciosos, podemos certamente confiar neles para transmitir uma idéia apropriada das palavras e obras de sua figura central, Jesus de Nazaré.

11

EVIDÊNCIA DA ARQUEOLOGIA

A arqueologia é um campo de estudo estimulante, especialmente para o cristão. Os cristãos e os judeus podem aproximar-se desse campo com grande confiança pois, como afirmou o notável arqueólogo Nelson Glueck: "Pode ser declarado categoricamente que nenhuma descoberta arqueológica jamais rebateu uma referência bíblica. (GlN.RD 31) Millar Burrows, de Yale, que não é um cristão conservador, escreveu:

> A Bíblia é repetidamente apoiada pela evidência arqueológica. De modo geral, não pode haver dúvidas de que os resultados das escavações aumentaram o respeito dos eruditos pela Bíblia como uma coleção de documentos históricos. A confirmação é tanto geral quanto específica. O fato de o registro poder ser tantas vezes explicado ou ilustrado por dados arqueológicos mostra que ele se ajusta na estrutura da história como só um produto legítimo da vida antiga poderia fazer. Além desta autenticação genérica, porém, vemos o registro verificado repetidamente em pontos específicos. Os nomes de sítios e pessoas surgem nos períodos e lugares certos. (BuM.HAH 6)

H. M. Orlinsky, na obra *Ancient Israel* ("Israel Antiga"), discute o desenvolvimento de uma nova atitude com respeito aos resultados negativos da crítica radical anterior:

> O antigo conceito de que os dados bíblicos eram suspeitos e até provavelmente falsos, a não ser que confirmados por fatos extrabíblicos, está dando cada vez mais lugar a outro que defende a idéia de que os relatos bíblicos são mais provavelmente verdadeiros e não falsos, a não ser que evidência clara de outras fontes fora da Bíblia demonstre o contrário. (OrH.AI 6)

Embora a arqueologia bíblica possa ser excitante, os que se dedicam a esse campo sabem que o trabalho é no geral longo, quente, poeirento, cansativo e tedioso. Descobertas significativamente impor-

tantes ocorrem infreqüentemente. As descobertas são quase sempre experimentais, e as interpretações delas em uma geração são, às vezes, contrariadas por novas descobertas na geração seguinte. Uma limitação da arqueologia é a pobreza de evidências. Edwin Yamauchi adverte:

> Os historiadores da antigüidade, ao fazerem uso da evidência arqueológica, deixaram muitas vezes de compreender como é pequena a evidência à nossa disposição. Não seria exagero afirmar que temos apenas uma fração de uma segunda fração, de uma terceira fração, de uma quarta fração, de uma quinta fração, da evidência possível. (YaE.SSS 13:9)

Por esta razão, é imperativo que tanto os que apóiam quanto os que negam a confiabilidade histórica dos relatos dos evangelhos não ultrapassem a evidência fornecida pela arqueologia.

A arqueologia pode ser muito útil quando consideramos a confiabilidade histórica dos relatos dos evangelhos. Primeiro, ela confirma sítios, nomes, épocas e eventos como sendo acuradamente relatados nos registros dos evangelhos. Joseph Free, em seu livro "Arqueologia e Histórica Bíblica" (*Archaeology and Bible History*), declara: "A arqueologia confirmou inúmeras passagens que foram rejeitadas pelos críticos como não sendo históricas ou contradizendo fatos conhecidos." (FrJP.A 1)

Segundo, a arqueologia pode lançar luz sobre o contexto cultural dos dias de Jesus, costumes especiais, lugares e até artigos usados na vida diária podem esclarecer coisas que Jesus e seus contemporâneos disseram ou fizeram, de acordo com o que foi relatado.

Terceiro, a arqueologia pode prover ajuda lingüística e outras informações que sejam úteis para a tradução e interpretação exatas do texto do evangelho. Free declara novamente:

> Inúmeras passagens da Bíblia, que há muito confundiam os comentaristas, deixaram ver facilmente o seu significado quando a nova luz das descobertas arqueológicas incidiu sobre elas. Em outras palavras, a arqueologia ilumina o texto das Escrituras e faz, assim, valiosas contribuições para os campos da interpretação bíblica e da exegese. (FrJP.A 1)

Neste capítulo, veremos algumas das maneiras específicas em que a arqueologia ajudou a autenticar informação dada nos relatos dos evangelhos sobre: (1) o caráter ou existência de pessoas específicas; (2) lugares específicos; e (3) detalhes minuciosos mencionados de passagem. Também vamos observar como a arqueologia ajudou a resolver supostas contradições históricas nos relatos. Finalmente, discutiremos a momentosa importância da descoberta dos Rolos do Mar Morto.

PESSOAS

Herodes, o Grande

> Tendo ouvido isso, alarmou-se o rei Herodes e, com ele, toda a Jerusalém... Vendo-se iludido pelos magos, enfureceu-se Herodes grandemente, e mandou matar todos os meninos, de Belém e de todos os seus arredores, de dois anos para baixo, conforme o tempo do qual com precisão se informara dos magos (Mt 2.3,16).

Críticos radicais (assim como outros não tão radicais) muitas vezes atacam os "relatos da natividade" pelo fato de existir tão pouca evidência bíblica para "confirmar" os relatórios como sendo históricos. Como já notamos, esta atitude superestima demais a quantidade de fontes disponíveis para este período de tempo. A evidência extrabíblica disponível sugere que podemos ter confiança na exatidão dos evangelhos. Por exemplo, os versículos citados acima se ajustam com o que sabemos sobre Herodes. Uma moeda antiga, emitida sob Herodes e mostrando ramos de palmeira inclinando-se diante de uma estrela acima de um elmo macedônio, ilustra a sua obsessão de que ninguém mais usurpasse o seu trono. O professor Fleming explica que a moeda foi emitida em 40 a.C., o mesmo ano em que Herodes recebeu o título de "Rei" durante sua visita a Roma. Justamente nesse ano, o nascimento de um Messias era esperado em Roma, segundo a Quarta Égloga de Virgílio. Herodes, portanto, ao voltar, casou-se com Mariamne

> de modo a participar da bênção da estrela dos asmoneus que era, como a estrela dos macedônios, o símbolo dos reis messiânicos nascidos sob a conjunção Júpiter/Saturno. Ele enviou seus filhos a Roma para estudar na casa de Pollio, a família a quem fora profetizada por Virgílio a vinda do Messias. Herodes fez tudo para tornar-se o recipiente da profecia messiânica que ouvira. O elmo macedônio e a estrela macedônia/asmoneana em sua moeda cunhada em 40 a.C. tornam claro que as suas aspirações messiânicas retrocedem ao início da sua carreira. (FIJ.LJ 13)

Josefo, nos livros 17 e 18 das suas *Antigüidades*, detalha como toda a Jerusalém ficou perturbada quando Herodes chegou ao fim da sua vida e mandou matar três filhos por suspeitar que quisessem usurpar o seu reino. Mateus reflete, portanto, acuradamente a perturbação dos habitantes de Jerusalém ao ouvirem qualquer notícia de um possível usurpador do trono de Herodes.

Pilatos

> Sendo Pôncio Pilatos governador da Judéia...(Lc 3.1)

Até 1961 as únicas referências históricas a Pôncio Pilatos eram secundárias. Isto é, elas se referiam a Pôncio Pilatos, segundo se pensava, só porque os evangelhos o mencionavam. Dois arqueólogos italianos escavaram, então, a cidade portuária de Cesaréia, no Mediterrâneo, que servia como capital romana para a Palestina. Durante a escavação, eles descobriram uma inscrição em latim de 0,61 m por 0,91 m. Antonio Frova conseguiu reconstruir a inscrição. Para sua surpresa, ela dizia: "Pôncio Pilatos, Prefeito da Judéia, apresentou o Tibério aos cesareanos." Esta foi a primeira descoberta arqueológica de uma referência histórica para a existência de Pilatos.

O Indivíduo Comum

Os arqueólogos encontraram diversos ossuários (caixas com ossos) da época geral de Jesus. A partir das inscrições do lado externo dos ossuários, os lingüistas aprenderam muito sobre a linguagem das pessoas comuns, em contraste com os indivíduos letrados que deixaram obras que sobrevivem até hoje. A evidência mostra que o grego, aramaico e hebraico eram todos falados na Palestina nesse período.

"Essas inscrições", diz R. T. France, "ilustram quão comuns eram muitos dos nomes encontrados no Novo Testamento (Jesus, José, Simão, Judas, Ananias, etc.); eles até incluem, curiosamente, um 'Alexandre, filho de Simão', encontrado numa tumba perto de Jerusalém e provavelmente pertencendo a uma família judia cirenaica, descrita (em hebraico) como QRNYT, que pode talvez significar 'Cireneu' — poderia ser este o homem mencionado em Marcos 15.21?" (FrR.E. 145. Ver também AvN.IJ 12:9-12)

LUGARES

Nazaré

> Dispôs-se ele (José), tomou o menino e sua mãe, e regressou para a terra de Israel... E foi habitar numa cidade chamada Nazaré.[1]

Josué 19.10-15 lista as cidades da tribo de Zebulom. A cidade de Nazaré não aparece entre elas. Josefo dá o nome de 45 cidades e povoados da Galiléia, mas "Nazaré" não está entre eles. O *Talmude* menciona 63 cidades e vilarejos e novamente não aparece o nome de Nazaré. Compreendemos, então, o motivo de alguns críticos duvidarem da existência de uma "cidade chamada Nazaré" nos tempos do Novo Testamento.

Em 1962, durante as escavações de Michael Avi-Yonah, em Cesaréia,

foram encontrados os dois últimos fragmentos de uma inscrição de três fragmentos. Eles são chamados de inscrição de Nazaré, por ser a primeira inscrição conhecida citando o nome "Nazaré". Inscrita na placa de mármore, está uma lista de 24 turnos sacerdotais (1 Cr 25.7-18) com seus sobrenomes e os nomes das cidades ou povoados da Galiléia, para onde haviam mudado depois da destruição do Templo de Herodes pelos romanos, em 70 a.D. Ela oferece evidência incontestável da existência da cidade de Nazaré no século 1° a.D.

Escavações na moderna Nazaré mostram que ela fora habitada muito antes dos tempos romanos, mas era, como indicamos antes, uma cidade insignificante e muito pequena. A rainha Helena, mãe de Constantino, fez construir uma igreja no local indicado como sendo a habitação da família de Jesus. Era prática da rainha erigir igrejas nos sítios mencionados nos evangelhos, a fim de preservar a sua memória. Através das épocas, a igreja católica romana continuou a tradição de sempre construir uma igreja onde a anterior tivesse sido destruída.

Escavações sob a atual Igreja da Anunciação confirmaram novamente a autenticidade do sítio. Um pedestal da igreja primitiva continha as palavras "Salve Maria", a saudação do anjo Gabriel a Maria, mãe de Jesus. Remanescentes de um banho ritual ou *mikveh* indicam a presença já naquela época de judeus ortodoxos, possivelmente judeu-cristãos que construíram a sua própria sinagoga. Isto não deve surpreender, pois Tiago 2.2 diz: "Se, portanto, entrar na vossa sinagoga algum homem...", referindo-se a uma reunião de cristãos.

É uma regra prática comum considerar confiáveis as tradições anteriores ao Édito de Milão de Constantino (313 a.D.), desde que a intolerância oficial pelos cristãos antes de 313 removeu toda a motivação material para a preservação dos sítios cristãos. As descobertas em Nazaré colocam definitivamente na categoria de "confiáveis" as tradições a elas associadas. Uma inscrição em mosaico dizendo "Oferta de Conon, Diácono de Jerusalém" preserva a memória do famoso mártir de Nazaré morto sob Décio (249-51). É dito que Conon afirmou ser um descendente direto da família de José e Maria. (MeE.AREC 131) Um emboço do século 3° com uma inscrição suplicando "Senhor Cristo" indica a veneração cristã do lugar antes da visita da rainha Helena a ele. Embora os turistas da atual cidade de Nazaré possam sentir que ela passou a ser objeto de comercialização, a evidência arqueológica apóia fortemente a autenticidade do local.

Cafarnaum

E, deixando Nazaré, foi morar em Cafarnaum, situada à

beira-mar, nos confins de Zebulom e Naftali (Mt 4.13).

Marcos nos diz que "Dias depois, entrou Jesus de novo em Cafarnaum, e logo correu que ele estava em casa" (Mc 2.1). Jesus curou, então, o paralítico baixado pelo teto. Segundo Marcos 1.29-34, parece bastante provável que a "casa" de Jesus fosse o *insulus* (um conjunto de vários aposentos, muitas vezes usado por famílias grandes) da sogra de Pedro. Seria de esperar que fosse maior do que o normal pelas inferências sobre o comércio de pesca próspero de Pedro e o número de pessoas que aparentemente morava ali. Um *insulus* exatamente desse tipo foi preservado e escavado em Cafarnaum.

No período bizantino, os cristãos tinham o costume de construir uma igreja octogonal sobre um *loca sancta*, um lugar santo. Os remanescentes de uma dessas igrejas dos séculos 4° e 5° foram escavados em Cafarnaum. Diretamente debaixo da igreja estão os restos de um *insulus* que revelou ocupação contínua desde os dias de Jesus até a época em que a igreja foi construída. (Onze pisos foram revelados.) Paredes e aposentos adicionais foram acrescentados ao primeiro *insulus* para formar o que era aproximadamente uma igreja doméstica. Escavações dos alicerces da igreja bizantina revelaram reverência pela primeira estrutura, pois as suas paredes às vezes se arqueavam sobre as do primeiro *insulus*, a fim de não destruí-las. Os cuidadosos estudiosos de arqueologia, Drs. Eric Meyers e James Strange, declaram:

> A igreja em questão estava centralizada sobre um aposento do bloco inferior. Este recinto tem 7 metros por 6,5 metros, grande para uma casa antiga. (A sinagoga de Magdala mede 8,17 metros por 7,25 metros.) Os pisos mais baixos deste aposento tinham cerâmica romana antiga e moedas seladas entre eles, devendo significar que a fundação desse aposento e seu primeiro uso, e portanto de todo o bloco de casas, foi no século 1° a.C.E. Seja em fins do século 1° ou no início do século 2° C.E. este aposento foi bastante remodelado interiormente. Os assoalhos foram renovados e caiados, assim como as paredes. Em alguma época antes do século 4° C.E. a cerâmica deixou de ser composta apenas de itens domésticos. A cerâmica encontrada aqui, datada de depois do século 1°, tendia a ser composta de potes de conservas e outros utensílios "públicos". (MeE.AREC 60)

Eles continuam:

> Os escavadores concluem que a casa foi fundada cerca de 100 a.C.E. Em algum ponto perto de fins do século 1° C.E., alguém a emboçou três vezes, o que pode sugerir a conversão para um edifício público, em vez da simples remodelação de uma casa... Além disso, a ausência de cerâmica simples corresponde a um uso

público e não privado desta parte do prédio. (MeE.AREC 129)

Durante os 2° e 3° séculos, os peregrinos cristãos gravaram desenhos nas paredes de gesso da igreja doméstica. Escritos, incluindo o nome de Pedro e invocações a Jesus, foram encontrados em 134 fragmentos de gesso recuperado dessas paredes. A igreja doméstica aumentada era aparentemente a que Egeria viu em aproximadamente 380 a.D., quando ele descreveu: "Em Cafarnaum a casa do (príncipe dos apóstolos) foi transformada em igreja, e suas paredes originais ainda estão de pé." (FlJ.JAS 18)

Outros *insuli* foram descobertos em Cafarnaum, e R. T. France mostra como as suas características se ajustam aos detalhes contidos nos relatos dos evangelhos:

> Outros aspectos dessas casas em Cafarnaum ajudam a iluminar as histórias dos evangelhos. Elas se destinavam à vida comum e não à vida privada, e seu plano compacto deve ter tornado a privacidade impossível, daí a necessidade de Jesus sair da cidade para ficar sozinho (Mc 1.35, etc.). Seus pisos de blocos de basalto bruto deixavam grandes frestas, e as paredes escuras de basalto e pequenas janelas explicam o problema da mulher na parábola para encontrar sua moeda perdida em tal fresta (Lc 15.8,9). (FrR.E 148)

O Tanque de Betesda

> Ora, existe ali junto à porta das ovelhas, um tanque, chamado em hebraico Betesda, o qual tem cinco pavilhões. Nestes jazia uma multidão de enfermos, cegos, coxos, paralíticos (Jo 5.2,3).

A quarta parte da velha cidade de Jerusalém era chamada Betesda ("Cidade Nova") no século 1° a.D. Algumas escavações importantes perto da Igreja de S. Ana nesse distrito foram feitas há cem anos. Essas escavações descobriram os restos de uma igreja antiga que marcou o local de Betesda.

F. F. Bruce descreve escavações posteriores que

> identificaram o tanque propriamente dito, ou antes, tanques gêmeos, colocados ao norte e ao sul, com uma divisão de pedras entre eles. Pavilhões evidentemente ocupavam os quatro lados e a divisão. Um dos primeiros visitantes a Jerusalém, depois de ter ficado sob o controle cristão, o "Peregrino de Bordeau" (333 a.D), viu e descreveu os dois tanques. O "Rolo de Cobre" de Cunrã dá o nome no número hebraico duplo, Beth-

esh-dathain, "lugar dos dois jorros". Existem poucos sítios em Jerusalém, mencionados nos evangelhos, que podem ser identificados com tanta confiança. (BrF.NTD 94)

DETALHES

Mós de Moinho

As escavações em Cafarnaum também desenterraram um número significativo de mós do século 1°. De fato, tantas foram recuperadas que parece que os habitantes dali se aproveitaram da abundante rocha vulcânica para fazer e exportar mós de moinho para outras regiões. Os moinhos manuais podiam ser girados por duas mulheres. Jesus referiu-se a esses moinhos menores em Lucas 17.35: "Duas mulheres estarão juntas moendo; uma será tomada, e deixada a outra." Antes disso, enquanto ensinava em Cafarnaum, ele disse: "E quem fizer tropeçar a um destes pequeninos crentes", e aqui ele provavelmente apontou para um moinho maior movido por um jumento quando advertiu, "melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho" (literalmente, 'pedra de moinho movida por um jumento'), "e fosse lançado no mar."[2]

As Talhas de Pedra

> *Estavam ali seis talhas de pedra que os judeus usavam para as purificações, e cada uma levava duas ou três metretas* (Jo 2.6).

Durante as escavações da Cidade Alta em Jerusalém feitas por Nahman Avigad, Professor Emérito de Arqueologia na Universidade Hebraica de Jerusalém, vasos de pedra continuamente apareciam nos estratos do Período do Segundo Templo (aproximadamente 20 a.C. até 70 a.D.). Esses vasos de pedra foram previamente considerados como itens de luxo isolados; mas, por causa de sua descoberta em quase todas as casas, ficamos então sabendo que o seu uso era muito mais difundido. Avigad relata:

> A descoberta de vasos de pedra tornou-se rotineira em nosso trabalho, pois sempre que nos aproximávamos de um estrato do período do Segundo Templo, e um prédio queimado durante a destruição da cidade em 70 a.D. começava a revelar-se, eles invariavelmente também apareciam. Assim sendo, mesmo na ausência de outras pistas cronológicas específicas, podíamos freqüentemente datar uma estrutura como sendo herodiana apenas com base na presença de um único vaso de pedra — ou até

mesmo simples fragmentos. Geralmente, esses vasos são acompanhados por sinais de fogo, evidentemente da destruição de 70 a.D. (AvN.DJ 174)

O Barco Galileu

> Aconteceu que, num daqueles dias, entrou ele num barco em companhia dos seus discípulos, e disse-lhes: Passemos para a outra margem do lago; e partiram (Lc 8.22).

Moshe e Yuval Lufan, irmãos do Kibutz Ginosar, "amantes da arqueologia", mas não arqueólogos profissionais, têm um sentimento pela terra que os levou a importantes descobertas. Em janeiro de 1986, na costa do Mar da Galiléia, entre o Kibutz Ginosar e Moshava Migdal, eles encontraram um barco galileu primitivo datado do século 1° a.C. até o século 1° a.D. Ele era aparentemente usado para pesca, transporte de mercadorias e travessia de passageiros.

O barco mede quase 8,22 m de comprimento por 2,28 m de largura; com certeza, grande o bastante para uma tripulação de 13 pessoas. A sua descoberta tornou-se possível por causa do baixo nível da água no lago em virtude da falta de chuva. Durante os próximos cinco a sete anos o barco será submetido a tratamento num tanque especial em que cera sintética adicionada à água vai penetrar e fortalecer a madeira porosa.

Filactérios

Também encontraram-se, numa escavação arqueológica em Cunrã, pequenas caixas de filactérios de couro, contendo quatro pequenas bolsas nas quais rolos diminutos de pergaminho muito fino haviam sido antes colocados. Filactérios de um só compartimento foram também encontrados. As palavras de Jesus, "alargam os seus filactérios", ajustam-se confortavelmente no contexto cultural judeu.[3]

A Cadeira de Moisés

> Então falou Jesus às multidões e aos seus discípulos: Na cadeira de Moisés se assentaram os escribas e os fariseus. Fazei e guardai, pois, tudo quanto eles vos disserem, porém, não os imiteis nas suas obras; porque dizem e não fazem" (Mt 23.1-3).

A cadeira de Moisés não era apenas um termo figurado, referindo-se à autoridade de Moisés. Em Corazim, En-Gedi e Delos, foram encontradas cadeiras de Moisés esculpidas na pedra. O professor da sinagoga ensinava sentado nessa cadeira. A cadeira de Corazim tem

uma inscrição aramaica no frontispício, indicando a linguagem mais comum da cidade durante os séculos 2° e 3° a.D.

O Templo

> Ao sair Jesus do templo, disse-lhe um de seus discípulos: Mestre! Que pedras, que construções! (Mc 13.1)

Os discípulos de Jesus não eram os únicos a espantar-se com o templo. Um rabino, conforme registrado no *Talmude*, lembrou: "Costumava ser dito: Aquele que não viu o templo de Herodes jamais viu um belo edifício."[4] O Monte do Templo é o maior sítio de sua espécie no mundo antigo, cobrindo uma área de cerca de 25 a 30 campos de futebol. Os muros de proteção se elevavam até aproximadamente a altura de um prédio de dez andares acima do nível externo da rua. Os menores blocos de pedra usados para a construção dos muros pesavam de duas a cinco toneladas. Algumas das pedras maiores não têm igual em parte alguma do mundo antigo. Uma delas mede 12,2 m de comprimento, 3,9 m de largura, 3,0m de altura, e pesa quase 400 toneladas! Josefo fala da magnificência do templo no décimo quinto livro das *Antigüidades*. Ele descreve, por exemplo, as 162 colunas em quatro fileiras, cada coluna com 8,2 m de altura e "a espessura de cada coluna era tal que eram necessários três homens, com os braços estendidos, para rodeá-la."[5]

A exatidão de Lucas é confirmada por outra descoberta ligada com o templo. Em Atos 21 ele fala de Paulo submeter-se ao processo de purificação do templo. Quando alguns judeus da Ásia o viram ali, eles correram em sua direção procurando matá-lo e gritando: "Este é o homem que por toda a parte ensina todos a ser contra o povo, contra a lei e contra este lugar; ainda mais, introduziu até gregos no templo e profanou este recinto sagrado". Eles tinham visto Paulo antes com um gentio, Trófimo, e "supuseram que ele o tinha introduzido no templo". Com respeito à lei judia, proibindo que os gentios entrassem nos pátios internos do templo, Bruce relata a seguinte descoberta:

> Para que ninguém afirmasse ignorar a lei, avisos em grego e latim eram fixados nas barricadas que separavam os pátios externos dos internos, advertindo os gentios de que o castigo para a intrusão era a morte. Uma dessas inscrições gregas, encontrada em Jerusalém em 1871 por C. S. Clermont-Ganneau, está agora preservada em Istambul e diz o seguinte:
>
> NENHUM ESTRANGEIRO PODE ENTRAR NA BARRICADA E NO TERRENO DO TEMPLO. QUEM FOR APANHADO NESSE ATO TERÁ DE AGRADECER A SI MESMO POR SUA MORTE SUBSEQÜENTE. (BrF.NTD 93)

Sepulturas

As muitas sepulturas do século 1° encontradas confirmam vários detalhes nas narrativas do sepultamento de Jesus. As sepulturas, no geral, contêm vários túneis ou saliências onde os corpos são colocados para decomposição. Usualmente, depois de cerca de um ano, os membros da família voltam para colocar os ossos num ossuário. Jesus, porém, foi sepultado num "túmulo novo" (Mt 27.60), "no qual ninguém tinha sido ainda posto" (Jo 19.41). A abertura do túmulo era fechada ou com uma pedra grande ou com uma pedra redonda, em forma de disco, chamada *golel*, rolada para a frente da entrada. Os evangelhos indicam que o segundo tipo de pedra foi usado para o túmulo de Jesus. As aberturas algumas vezes não tinham mais que 0,91 m de altura, como pode ser visto pelos turistas hoje. Não é de admirar que João diga que ele "se abaixou e viu". [6]

ACONTECIMENTOS

Sicômoros em Jericó

> Entrando em Jericó, atravessava Jesus a cidade. Eis que um homem, chamado Zaqueu... Então, correndo adiante, subiu a um sicômoro, a fim de vê-lo, porque por ali havia de passar (Lc 19.1-4).

Em 1904, Julius Wellhausen escreveu que a declaração no início de Lucas contradiz tudo o que se seguiu porque, se Jesus já entrara na cidade, Zaqueu simplesmente o teria visto de um eirado, e não de um sicômoro. (WeJ.DE 103)

Mas o Professor Jack Finegan, um especialista altamente considerado na arqueologia do Novo Testamento, demonstrou que as críticas de Wellhausen estavam baseadas na falsa suposição de que Jericó era uma cidade de casas construídas umas junto das outras e que se abririam para Zaqueu. As escavações arqueológicas distinguiram claramente dois sítios separados para a Jericó do Antigo e do Novo Testamento. Finegan escreve que a concepção de Wellhausen

> se ajustaria aos prédios apertados um contra os outros encontrados quando a Jericó do A. T. foi escavada em Tell es-Sultan. Mas não se aplica às descobertas em *Tulul Abu el-'Alayiq*, onde os escavadores encontraram sua maior comparação com as cidades romanas, tais como: Roma, Tivoli e Pompéia. Da mesma forma que tais cidades, a Jericó do N. T. tinha, sem dúvida, seus parques e vilas, avenidas e praças públicas, onde cresciam belas árvores. Os sicômoros, em particular, crescem mais na costa da

> Palestina e no Vale do Jordão. Que eles eram bastante conhecidos na antiga Jericó é mostrado exatamente na descoberta deste tipo de madeira, que serve para ligar, em um dos fortes helenistas. (FiJ.ANT 85)

A Crucificação

> Quando chegaram ao lugar chamado Calvário, ali o crucificaram (Lc 23.33).
>
> Os soldados foram e quebraram as pernas ao primeiro e ao outro que com ele tinha sido crucificado (Jo 19.32).

Segundo as fontes literárias antigas, dez mil pessoas morreram crucificadas durante o império romano, tendo mil delas sido crucificadas apenas na Palestina. Até 1968, porém, nenhuma vítima de crucificação havia sido jamais verificada mediante os restos desencavados pelos arqueólogos. Além disso, muitos questionaram a exatidão histórica do pregar das mãos e dos pés. Por exemplo, o Dr. J. W. Hewitt, em seu artigo na *Harvard Theological Review* intitulado "O Uso de Cravos na Crucificação", disse: "Em resumo, existe surpreendentemente pouca evidência de que os pés do crucificado tenham jamais sido atravessados por pregos". (HeJ.UN 25:29-45) Ele continuou, dizendo que as mãos e os pés das vítimas eram amarrados com cordas à cruz.

Durante anos a declaração do Dr. Hewitt foi citada como a palavra final. O fato de Jesus ter sido pregado na cruz foi tido como falso e mal interpretado. A crucificação por meio de cravos iria rasgar a carne, não suportando o peso do corpo na cruz.

A seguir, uma descoberta arqueológica revolucionária foi feita em junho de 1968. O arqueólogo V. Tzaferis, sob a direção do Departamento de Antigüidades e Museus de Israel, descobriu quatro cavernas-túmulos no sítio de *Giv'at ha-Mivtar (Ras el-Masaref)* logo ao norte de Jerusalém, perto do Monte Escopo. Esses túmulos de famílias, entalhados em pedra calcária, datam de fins do século 2° a.C. a 70 a.D. Compostos de átrios que levavam às câmaras fúnebres, elas abrigavam 15 ossuários de pedra calcária que continham os ossos de 35 indivíduos.

A Tumba 1, datada do século 1° a.D. de acordo com a sua cerâmica, continha vários ossuários. No Ossuário 4, inscrito com o nome de Yohanan Ben Ha'galgal, foram encontrados os ossos de um homem adulto e uma criança. Os remanescentes do esqueleto foram examinados pelo Dr. N. Haas do departamento de Anatomia da Universidade Hebraica e da Escola de Medicina de Hadassah. O Dr. Haas relatou com respeito ao adulto:

> Os ossos de ambos os calcanhares estavam atravessados por um grande cravo de ferro. As canelas haviam sido

> propositadamente quebradas. Morte por crucificação. (HaN.AO 20:42)

Esta descoberta dos dias de Jesus é um acréscimo à evidência literária e à sólida evidência arqueológica de que o método de pregar indivíduos numa cruz de madeira como meio de execução, segundo mencionado no Novo Testamento, era indiscutivelmente praticado pelos romanos na Palestina.

Haas também concluiu que Yohanan teve os ossos de ambas as pernas quebrados por um *coup de grace*, e que "o choque, passando pelos ossos já fraturados da barriga da perna direita, foi um golpe cruel e cortante para a esquerda, por estarem ambas presas à cruz de madeira de bordas ásperas." (HaN.AO 20:57) Quando as autoridades queriam apressar a morte ou acabar com a tortura, as pernas da vítima eram quebradas abaixo dos joelhos com um porrete. Isto impedia que a vítima procurasse subir o corpo, a fim de aliviar a tensão nos músculos peitorais ou do peito. Seguia-se a rápida sufocação ou insuficiência coronariana. No caso de Jesus, as pernas dos dois ladrões crucificados com Ele foram quebradas, mas não as de Jesus, porque os executores verificaram que Ele já estava morto.

O Túmulo Vazio

Mateus escreve que alguns dos guardas que estavam junto à sepultura de Jesus entraram na cidade para contar aos principais sacerdotes o que havia acontecido. Depois de se reunirem em conselho, os principais sacerdotes e os anciãos

> deram grande soma de dinheiro aos soldados, recomendando-lhes que dissessem: Vieram de noite os discípulos dele e o roubaram, enquanto dormíamos. Caso isto chegue ao conhecimento do governador, nós o persuadiremos, e vos poremos em segurança. Eles, recebendo o dinheiro, fizeram como estavam instruídos. Esta versão divulgou-se entre os judeus até ao dia de hoje (Mt 28.11-15).

Ao que tudo indica as notícias chegaram aos ouvidos do governador ou, por algum outro meio, alcançaram Roma. O imperador, provavelmente Cláudio (41-54 a.D.), mandou notícias para a Palestina. O seu "decreto", originalmente escrito em latim e traduzido para o grego, foi colocado não menos do que no obscuro povoado de Nazaré, lar do "Nazareno". Em 1878, uma placa de mármore branco, inscrita com as seguintes palavras, foi encontrada em Nazaré:

> Ordem de César. Desejo que os sepulcros e túmulos permaneçam para sempre intocados por aqueles que os constru-

> íram para o culto de seus ancestrais, filhos, ou membros de sua casa. Se, porém, alguém acusar outrem de tê-los demolido, ou tiver de qualquer forma retirado o morto, ou mesmo transferido maliciosamente o corpo para outros lugares, a fim de insultá-los, ou tiver deslocado o selo de outras pedras, eu ordeno que seja instituído um inquérito contra tal indivíduo, tanto com respeito aos deuses como com respeito ao culto dos mortais. Pois será muito mais obrigatório honrar os que foram sepultados. Fica absolutamente proibido, para quem quer que seja, perturbá-los. Em caso de violação, desejo que o ofensor seja sentenciado à pena capital sob acusação de violação de sepultura. (MaP.FE 119)

Em vista de a inscrição conter letras pertencentes à segunda metade do século 1°, os estudiosos colocam a data da sua composição antes de 50 a.D. E desde que o governo central de Roma não assumiu a administração da Galiléia até depois da morte de Agripa, a inscrição deve datar de algum tempo depois de 44 a.D. Cláudio foi imperador de 41-54 a.D, sendo naturalmente o único candidato para o autor da inscrição. Em 49 a.D., Cláudio expulsou de Roma todos os judeus (e cristãos judeus). Ele parece ter estudado a questão judia, pelo menos até certo ponto, e considerou-a desagradável. Em uma das suas cartas remanescentes de 41 a.D., ele

> proíbe expressamente os judeus de Alexandria "a levar ou convidar judeus para irem à Síria por mar. Se não se abstiverem desta conduta", ameaça Cláudio, "tomarei providências contra eles por fomentarem um mal comum no mundo." (BlE.A 81)

Muitos estudiosos acreditam que as palavras de Cláudio, "mal comum ao mundo" é uma referência à crescente comunidade cristã através do império.

A evidência dada em mais detalhes por Blaiklock sugere, então, que Cláudio deve ter recebido uma carta do Procurador da Judéia ou da Síria com respeito à expansão da religião cristã, onde as autoridades judias argumentam que tudo começou quando os discípulos roubaram o corpo de Jesus de Nazaré do túmulo. Irritado, Cláudio expediu seu decreto com instruções para ser ele colocado na cidade de Nazaré. Sua irritação pode ser especialmente vista no fato de este tipo de ofensa não produzir nada que se aproximasse sequer do extremo castigo da pena capital.

DOCUMENTOS DO MAR MORTO

O conhecido arqueólogo norte-americano, William F. Albright,

chamou-os de "a maior descoberta de todos os tempos no que se refere a manuscritos. (AlW.BA 11:55) O estudioso francês, André Dupont-Sommer declarou: "Não se trata de uma simples revolução no estudo da exegese bíblica...(mas) de uma verdadeira cascata de revoluções." (DuA.DSS 96, citado em LaWS.DSS 13) Alguns reclamos são evidentemente sensacionalistas, mas não há dúvida de que a descoberta dos Rolos do Mar Morto foi a descoberta arqueológica de maior alcance em nosso século.

Não há igualmente dúvida de que ela gerou uma das mais veementes controvérsias desde há muito travadas a respeito da integridade dos eruditos. Por exemplo, William Sanford LaSor, professor emérito do Antigo Testamento no Seminário Teológico Fuller, acusou:

> No número de agosto de 1966 da revista *Harper*, Allegro contou uma história de falsificações, deturpações e insinuações, cujo efeito total era depreciar Jesus Cristo, desacreditar o Novo Testamento e acusar quase todos os que publicaram alguma coisa sobre os Documentos do Mar Morto de terem tamanho preconceito que seu trabalho não era confiável. Ele disse: "os eruditos temem o que é revelado nos documentos", e afirmou que "a mensagem principal dos documentos continua oculta quase vinte anos após a sua descoberta". Repetindo Edmund Wilson, ele afirmou que os eruditos do Novo Testamento boicotaram os Documentos (Rolos) e reclamaram que a maioria dos eruditos que trabalhava nesses documentos "havia tomado ordens cristãs ou sido treinada na tradição rabínica". Sugerindo, com efeito, que só ele era capaz de apresentar um relatório imparcial. Desde que não tinha compromisso religioso, ele fez um apelo, pedindo dinheiro, de modo que "uma nova geração de estudiosos não compromissados" pudesse ser "o meio de sondar o significado (dos Rolos) sem temer ou favorecer, sem medo da pressão religiosa ou acadêmica." (SaWS.DSS 20-21)[7]

John M. Allegro provou sua capacidade como erudito. Ele também possui seus próprios preconceitos, como fica óbvio mediante sua associação íntima com o movimento humanista secular e sua publicação de obras, tais como: *The Sacred Mushroom and the Cross: A Study of the Nature and Origins of Christianity Within the Fertility Cults of the Ancient Near East.* (AlJ.SM) Nas páginas seguintes, Allegro é citado sobre vários pontos. Como crítico da fé cristã suas declarações que consubstanciam reivindicações dessa fé não podem ser consideradas como preconceituosas quanto ao cristianismo. Desde que Allegro é citado por populistas como Ian Wilson (*Jesus: The Evidence*), isso também ajudará a colocar os comentários de Wilson na perspectiva certa. Mas primeiro, algum pano de fundo:

Na edição de 1948 do seu livro *Nossa Bíblia e os Manuscritos Antigos*, Sir Frederick Kenyon escreveu:

> Não há, de fato, nenhuma probabilidade de encontrarmos manuscritos do texto hebraico, retrocedendo a um período antes da formação do texto que conhecemos como massorético. Só podemos chegar a uma idéia, mediante o estudo das primeiras traduções feitas dele.[8]

Mas mesmo enquanto o livro de Kenyon estava sendo impresso, surgiram descobertas que tornariam impossíveis declarações similares. Na extremidade noroeste do Mar Morto, pastores beduínos da tribo Ta'amirah, haviam começado a tirar documentos antigos das cavernas de Cunrã. Meses e até anos de intrigas aos poucos levaram os documentos ao conhecimento público, enquanto os arqueólogos trabalhavam energicamente para recuperar os documentos intatos antes de serem fragmentados e vendidos como lembranças. Muitos se perderam, mas os que sobreviveram eram de grande importância. Antes da descoberta dos Documentos do Mar Morto, o primeiro manuscrito conhecido do Antigo Testamento em hebraico datava de fins do século 9° ou início do século 10° a.D. Agora, mediante uma magnífica descoberta, possuímos manuscritos datados já do século 3° a.C.

Confirmação da Exatidão

O que aprendemos dos Documentos do Mar Morto? Primeiro, eles confirmam que entre os séculos 1° e 9° a.D., o escriba judeu que copiou as Escrituras do Antigo Testamento cometeu bem poucos erros dignos de nota. Com exceção de um mínimo de erros de cópia aqui e ali, os manuscritos do Mar Morto evidenciaram leituras virtualmente idênticas aos seus equivalentes do século 9°. Isto significa que muitas das dúvidas dos eruditos relativas à exatidão do texto massorético (TM), como um reflexo do texto do século 1°, eram infundadas. Allegro relata:

> Os eruditos ficaram vibrando de entusiasmo, quando se soube, em 1948 que uma caverna perto do Mar Morto produzira textos pré-massoréticos da Bíblia. Será que iríamos conhecer finalmente tradições diferindo seriamente do texto padrão, o que lançaria alguma luz sobre este período obscuro das tradições variadas? Em alguns setores a pergunta foi levantada com alguma apreensão, especialmente quando jornalistas caçadores de notícias começaram a falar em mudar toda a Bíblia, em vista das recentes descobertas; porém, um exame mais minucioso mostrou que, ao todo, as diferenças mostradas pelo primeiro rolo de Isaías eram de *pequena* monta e podiam ser geralmente

> explicadas com base em erros cometidos pelos escribas, ou ortografia, sintaxe ou forma gramatical diferentes. (AlJ.DSS 65, ênfase nossa)

Citações do Antigo Testamento no Novo Testamento

Você já se perguntou alguma vez por que, quando o Novo Testamento cita o Antigo, a citação nem sempre parece corresponder exatamente ao seu equivalente no Antigo Testamento? Os Documentos do Mar Morto fornecem uma chave para responder a esta pergunta.

A maioria dos cristãos conhece os esforços dos eruditos no sentido de determinar, mediante a crítica textual, a interpretação mais exata do que os escritos originais do Novo Testamento (chamados de autógrafos) disseram. À luz das diferentes expressões nos vários manuscritos do século 1° que chegaram até nós, uma pergunta central que ocupa a atenção dos estudiosos do Novo Testamento tem sido obviamente esta: "O que os originais diziam?" Muitos cristãos, porém, tomam por certo que o texto do Antigo Testamento foi bastante estabelecido. O Texto Massorético foi aceito como a interpretação padrão confiável dos originais do A. T. e, como afirmado acima, os Rolos do Mar Morto confirmam os TM do século 9° como cópia exata do texto do século 1° a.D. Mas o que os Rolos do Mar Morto, também confirmam é que o texto do século 1° que apóia o TM não era a única tradição textual do Antigo Testamento.

Depois da destruição de Jerusalém, em 70 a.D., os líderes religiosos judeus reconheceram que o futuro do judaísmo, com o templo em Jerusalém então abolido, dependia da preservação da Lei do Antigo Testamento no coração do povo. Como afirma Allegro:

> Era essencial, portanto, para a unidade da Fé que o texto desta obra fosse padronizado e recebesse a autoridade da revisão favorecida, em relação à qual não haveria permissão para qualquer variante. Um sínodo reuniu-se em Jamnia, perto de Jafa, entre 90 e 100 a.D., durante o qual certas questões conflitantes sobre a aceitabilidade de alguns dos livros foram decididas. Nessa ocasião também, além do texto do cânon, deveria haver um acordo quanto ao tipo de texto a ser usado como padrão, e talvez até o tipo de escrita em que as futuras cópias da lei seriam escritas... Assim sendo, desde fins do século 1° o texto padrão da Bíblia foi mais ou menos estabelecido e preservado para nós até hoje com variações notavelmente insignificantes. (AlJ.DSS 60)

Mas desde que os Rolos do Mar Morto são anteriores ao concílio de Jamnia, eles confirmam que outras tradições textuais dos livros do Antigo Testamento haviam circulado em grande escala durante o período do século 1°.

A Septuaginta é uma tradução do Antigo Testamento hebraico para o grego. Alguns livros adicionais foram também incluídos. É difícil dizer, mediante a tradição, exatamente como a Septuaginta foi preparada, mas é geralmente aceito que a Tora foi traduzida por 72 anciãos judeus em Alexandria, ou em seus arredores, durante o reinado de Ptolomeu II Filadelfo, em meados do século 3° a.C. Várias partes do resto do Antigo Testamento foram traduzidas antes e depois dessa época. Pelo menos cerca de 117 a.C., toda a tradução do Antigo Testamento hebraico para o grego havia sido completada. (HaR.IOT 228ss.)

A versão Septuaginta (LXX), em lugar do TM, parece ser a mais citada pela maioria dos escritores do Novo Testamento em vários pontos. O Evangelho segundo Mateus pode ser o único livro do Novo Testamento que não tem citações do Antigo comparáveis às da LXX. O Evangelho segundo João e o livro de Atos contêm citações que concordam quase palavra por palavra com a LXX. Cerca da metade das citações que Paulo faz do Antigo Testamento concorda de perto com a LXX. Surge, então, naturalmente a pergunta: "Por que os escritores judeus, mergulhados como estavam na cultura hebraica, citam uma versão grega do Antigo Testamento, quando uma versão hebraica mais exata poderia ser mais fácil de obter?"

Os Rolos do Mar Morto dão evidência de que os escritores do Novo Testamento não são os únicos que consideravam a versão LXX tão confiável quanto a versão TM. Embora os documentos confirmem realmente que o TM é uma interpretação fiel dos textos hebraicos do século 1°, eles produzem evidência de que outros textos do A.T., contendo variantes daqueles subjacentes ao TM, estavam também circulando largamente entre os judeus durante o século 1° a.D. Em outras palavras, a LXX é uma tradução grega de outra versão hebraica do Antigo Testamento usada por muitos judeus.

A existência de várias traduções textuais diferentes do Antigo Testamento hebraico fez surgir várias outras traduções gregas do Antigo Testamento. Em meados do século 2° a.D., Áqüila deu a público uma tradução que concordava mais com o TM. Outra versão por Teodósio apareceu no início do século 3° e foi seguida depois de curto prazo por uma versão de Symmachus. Numa tentativa de reunir todas elas, Orígenes, na primeira metade do século 3° produziu a *Hexapla*. Esta versão continha seis colunas: a primeira para o hebraico do texto padrão corrente, a segunda para o hebraico transliterado em letras gregas, a terceira para a versão de Áqüila, a quarta para a de Symmachus, a quinta para a Septuaginta com revisões do próprio Orígenes, e a sexta para a versão grega de Teodósio.

O texto hebraico de alguns dos rolos encontrados em Cunrã, incluindo um datado provavelmente já de fins do século 3° a.C.,

concorda plenamente com a superioridade da LXX sobre o TM. Há também lugares nesses documentos em que o hebraico não concorda nem com o da LXX nem com o do MT. Em vista dessas descobertas, podemos concluir que durante o século 1° a.D. havia em circulação diferentes versões das Escrituras do Antigo Testamento nas comunidades judias e judias-cristãs. Geza Vermes registra:

> Os Rolos de Cunrã do Antigo Testamento representam várias tradições textuais ou revisionais e não uma única. Certos livros bíblicos confirmam o *textus receptus* da tradição massorética recente; outros, especialmente os livros de Samuel e Jeremias e a cronologia de Reis, fazem eco ao hebraico subjacente à Bíblia grega; outros ainda correspondem à versão samaritana. (VeG.JWJ 104)

Assim como em nossos dias diferentes cristãos fazem citações de versões diferentes da Bíblia, os judeus e os cristãos do século 1° também citavam de diferentes versões das Escrituras do Antigo Testamento. Não devemos surpreender-nos, então, que as citações do Novo Testamento não correspondam exatamente às Escrituras do Antigo Testamento. As diferenças não indicam uma falha na palavra de Deus; mas, pelo contrário, nossa incapacidade hoje de verificar o texto original, seja do Antigo ou do Novo Testamento. O significado disto para a erudição bíblica é que não só os estudiosos do Novo Testamento precisam empenhar-se para recuperar as interpretações mais fiéis do texto do Novo Testamento, como também os eruditos do Antigo Testamento devem continuar procurando descobrir o texto mais confiável que reflita os escritos originais do Antigo Testamento.

Nesses assuntos de crítica textual, devemos ter em mente que as diferenças entre as várias tradições textuais são motivadas por detalhes sem nenhuma ligação com as principais doutrinas da fé cristã ou judia.

João Foi Influenciado pelo Gnosticismo Grego?

O relato do evangelho mais criticado como sendo o que menos reflete o Jesus histórico tem sido o Evangelho segundo João. Os críticos muitas vezes denunciaram que o evangelho e as epístolas de João se apóiam grandemente no pensamento grego. Um artigo recente no *Atlantic Monthly*, por exemplo, fala de "seu modesto conteúdo biográfico e sua cobertura filosófica aparentemente helenista." (MuCu W. 42) Os Rolos do Mar Morto, todavia, lançam uma luz diferente sobre este assunto. Alegro declara:

> É um fato que a biblioteca de Cunrã afetou profundamente o estudo dos escritos joaninos e muitos conceitos, há muito

> enraizados, tiveram de ser radicalmente revisados. João não pode ser mais considerado como o mais helenista dos evangelistas; seu "gnosticismo" e toda a sua estrutura de pensamento são considerados, agora, como brotando diretamente de um sectarismo judeu arraigado no solo palestino, e seu material foi reconhecido como baseado nas primeiras camadas das tradições do evangelho. (AIJ.DSS 142-43)

Esta evidência de Cunrã confirmou a evidência arqueológica de anos anteriores. Como Ian Wilson indica corretamente:

> O primeiro choque para os alemães do século 19, com sua atitude negativa em relação ao evangelho de João, veio com a descoberta e publicação do fragmento de Rylands. Se uma cópia do evangelho de João estava em uso na província do Egito cerca de 125 a.D., o seu original, caso tivesse sido composto em Éfeso (pelo menos ninguém sugeriu que tivesse sido escrito no Egito), deve ter sido escrito significativamente antes, pelo menos uma década antes de 100 a.D., como muitos eruditos reconhecem agora. Um segundo choque foi a descoberta dos muito anunciados Rolos do Mar Morto. Embora geralmente tidos como escritos pelos essênios, uma seita judia contemporânea de Jesus, eles causaram grande decepção por lançarem muito pouca luz sobre Jesus e os primeiros cristãos, pelo menos de maneira direta. Os documentos não contêm uma menção reconhecível de Jesus, assim como os evangelhos cristãos, surpreendentemente deixam de se referir aos essênios. Mas o aspecto curioso dos Rolos é que os seus autores, inegavelmente judeus puro-sangue, estavam usando nos dias de Jesus exatamente o tipo de linguagem e imagens considerado anteriormente como "helenista" em João. Como se sabe muito bem, o prólogo do evangelho de João fala de um conflito entre a luz e as trevas. O evangelho inteiro está repleto de frases, tais como: "espírito da verdade", "luz da vida", "andar nas trevas", "filhos da luz", e "vida eterna". Uma abundância dessas frases e imagens ocorre no Manual de Disciplina dos Rolos do Mar Morto. (WiI.JTE 41)

Os estudiosos foram, então, forçados a reconhecer que as imagens usadas por João brotaram de raízes judias, e não gregas (helenistas) ou gnósticas. Além disso, os eruditos tinham de tratar com as "referências detalhadas e exatas a aspectos locais de Jerusalém e seus arredores, antes que a cidade e o seu templo fossem destruídos, em 70 a.D. (WiI.JTE 44) É João, por exemplo, quem especifica a localização de João Batista como sendo em Enom (significando "fonte", a que ficava perto de Salim), aproximadamente a 1,6 Km de distância (3.23). João diferencia Caná da Galiléia de Caná de Sidom (2.1). João não diz apenas que Jesus levou seus discípulos através de Samaria, mas também especifica a cidade de Sicar, e ainda mais especificamente, "perto das terras que Jacó dera a seu filho José.

Estava ali a fonte de Jacó", como continua estando até hoje (4.5,6). Só João menciona o tanque de Siloé (9.7) e o de Betesda com seus cinco pavilhões (5.2). Restos dos dois tanques foram encontrados em Jerusalém. João é também o único a distinguir "Betânia, doutro lado do Jordão" (11.18) de Betânia junto a Jerusalém, "cerca de quinze estádios perto de Jerusalém" (11.18). Não há dúvida de que João, como os outros escritores dos evangelhos, tinha propósitos teológicos definidos para o que escrevia. Contudo, reconhecendo este ponto, os eminentemente qualificados arqueólogos, Myers e Strange, concluem:

> Esses exemplos poderiam ser modificados várias vezes e completados com exemplos de folclore, costumes, e outros pedaços de informação conhecidos do autor deste evangelho. O ponto que queremos defender, porém, é simplesmente que uma leitura sem preconceitos deste Evangelho de João parece sugerir que ele está, de fato, baseado numa tradição histórica e geográfica, embora não seja do tipo que simplesmente repete as informações dos sinópticos. Em outras palavras, este evangelho, assim como os de Mateus, Marcos e Lucas, ancora firmemente a sua tradição na Israel terrena, e não na ideal e celestial Israel. (MeE.AREC 161)

Toda esta evidência corrobora o que o próprio João afirmou: "Este é o discípulo que dá testemunho a respeito destas coisas, e que as escreveu; e sabemos que o seu testemunho é verdadeiro."[9]

CONCLUSÕES ERUDITAS

A evidência arqueológica tem continuado a iluminar e confirmar cada vez mais a confiabilidade dos relatos do Novo Testamento. Ouça as conclusões de vários arqueólogos e eruditos da antigüidade. William F. Albright escreveu:

> O excessivo ceticismo mostrado em relação à Bíblia por escolas históricas importantes dos séculos 18 e 19, certas fases do qual ainda aparecem periodicamente, tem sido progressivamente desacreditado. Descoberta após descoberta estabeleceu a exatidão de inumeráveis detalhes, e trouxe cada vez mais reconhecimento do valor da Bíblia como uma fonte histórica. (AlW.AP 127-28)

Em outras obras, ele predisse o que continua sendo afirmado:

> À medida que o estudo crítico da Bíblia é cada vez mais influenciado pelo novo e rico material do Oriente Próximo da antigüidade, veremos um aumento constante do respeito pela importância histórica de passagens e detalhes hoje negligenciados ou desprezados no Antigo e Novo Testamento. (AlW.FSA 81)

O Dr. Otto Betz, de Tübingen, concluiu que "depois de os Docu-

mentos do Mar Morto terem sido descobertos, não foi mais possível dizer que não houve um Jesus histórico."[10]

Alguns liberais da abordagem da alta crítica se tornaram "céticos quanto ao ceticismo".

Merril Unger relata:

> O papel que a arqueologia está desempenhando na pesquisa do Novo Testamento (assim como a do Antigo Testamento) no sentido de acelerar o estudo científico, equilibrar a teoria crítica, ilustrar, elucidar, suplementar e autenticar o ambiente histórico e cultural, constitui o único ponto brilhante no futuro da crítica do texto Sagrado. (UnM.AOT 25-26)

Millar Burrows, um erudito de excepcional estatura, revela com respeito à sua atitude sobre os Rolos do Mar Morto:

> É absolutamente verdade que, como protestante liberal, não compartilho de todas as crenças de meus irmãos mais conservadores. É minha conclusão considerada, portanto, que se alguém examinar todas as declarações históricas da fé cristã não encontrará nada que tenha sido ou possa ser refutado pelos Documentos do Mar Morto. (BuM.ML/V 39)

O arqueólogo de Yale argumenta ainda:

> A obra arqueológica fortaleceu indiscutivelmente a fé na confiabilidade do registro das Escrituras. Mais de um arqueólogo viu aumentar o seu respeito pela Bíblia, mediante experiência nas escavações na Palestina. (BuM.WM 1)
>
> Em geral, evidência como a encontrada pela arqueologia até agora, especialmente provendo manuscritos adicionais e mais antigos dos livros da Bíblia, fortalece a nossa confiança na exatidão com que o texto foi transmitido através dos séculos. (BuM.WM 42)

Embora a arqueologia não possa responder a todas as nossas perguntas sobre o passado, ela oferece mais uma fonte de confirmação no sentido de que aquilo que o Novo Testamento registra é confiável e exato.

12

O FATOR JUDEU

Logo após a 2ª Guerra Mundial, um ministro escocês, R. A. Stewart, escreveu: "Uma compreensão histórica apropriada do Novo Testamento é impossível sem o conhecimento detalhado da literatura e pensamento judeus." (StRA.ERT 5)

Suas palavras provaram ser quase proféticas — muitos eruditos judeus hoje estão prontos a afirmar a historicidade de Jesus. Geza Vermes, David Flusser, S. Safrai e Pinchas Lapide foram os primeiros a aceitar Jesus como uma pessoa destacada do século 1°. Vermes até declara que "nenhum estudante objetivo e esclarecido dos evangelhos pode deixar de ser atingido pela incomparável superioridade de Jesus." (VeG.JTJ 224)

O Professor Donald A. Hagner, Professor Associado do Novo Testamento no Seminário Teológico Fuller, escreveu uma análise detalhada da atual recuperação de Jesus entre os eruditos judeus. Com respeito às contribuições providas pela perspectiva hebraica, ele declara:

> É evidente que os eruditos judeus se encontram numa posição particularmente vantajosa para compreender os ensinamentos de Jesus. Familiarizados com a Bíblia (Antigo Testamento), o desenvolvimento do judaísmo primitivo, o ambiente judeu dos evangelhos, e quase sempre conhecedores do mundo complexo da literatura rabínica, eles muitas vezes conseguem não só colocar Jesus no contexto histórico como também entrar no mundo mental de Jesus e capturar cada nuança judia em suas palavras. (HaDA.R 27)

O judaísmo de Jesus e a qualidade hebraica penetrante de seu ambiente sobem repetidamente à superfície nos relatos dos evangelhos. Todavia, grande parte dos eruditos do passado tem falhado em tratar deste aspecto crítico da vida do Jesus histórico. Se alguém deve ver Jesus de Nazaré como ele era realmente ao atravessar a terra da Palestina, essa pessoa não pode, então, ignorar a evidência do seu aspecto judeu. Neste capítulo, vamos focalizar o sabor semítico dos relatos do evangelho, as

caracterizações hebraicas de Jesus e as perguntas que acompanham o judaísmo de Jesus.

SABOR SEMÍTICO DOS RELATOS DO EVANGELHO

Elementos Lingüísticos

Existem boas indicações de que Jesus, assim como alguns de seus discípulos, era trilíngüe. Embora nossa idéia seja focalizar aqui as línguas aramaica e hebraica usadas por Jesus, existe evidência de que Ele pode ter também conversado em *grego*. É preciso enfatizar que expressar-se em grego não significava obrigatoriamente que a pessoa tivesse de ser grega ou helenizada. Mesmo que não seja por outra razão além da de estabelecer relações comerciais amigáveis com pessoas de outras línguas, seria de esperar que inúmeros judeus do século 1° tivessem aprendido a falar grego. Mais ao ponto ainda, há uma boa evidência, nos próprios relatos dos evangelhos, de que Jesus sabia falar grego. Em Marcos 7.24ss, Jesus diz para a mulher grega, de origem siro-fenícia: "Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos". A palavra grega para "cachorros" é um diminutivo descrevendo os cães domésticos ou filhotes, em lugar de cachorros selvagens ou sem lar. Nem o hebraico nem o aramaico têm uma forma correspondente para o diminutivo. Assim sendo, se Jesus não falava grego, o escritor grego usou uma expressão pouco natural ao traduzir suas palavras. Em João 7.35, os judeus questionam novamente a declaração de Jesus de que ele estava indo para um lugar onde não conseguiriam encontrá-lo. Eles perguntam:

> Para onde irá este que não o possamos achar? irá, porventura, para a Dispersão entre os gregos, com o fim de os ensinar?

Em vista do costume de Jesus de jantar com pecadores e cobradores de impostos, os judeus não devem ter tido dúvidas sobre a sua capacidade de falar o idioma grego.

Thomas e Gundry dão várias outras indicações nas narrativas do evangelho de que Jesus e pelo menos alguns de seus discípulo sabiam falar grego:

> João 12.20-23 sugere perfeitamente que Filipe, André e Jesus compreendiam e falavam grego... No texto grego de João 21, Jesus usa dois termos gregos diferentes para amor e para cuidar do rebanho, e Pedro emprega duas palavras diferentes para conhecer. Todavia, nenhum desses pares pode ser reproduzido em hebraico ou aramaico; essa foi aparentemente uma

> conversa travada originalmente em grego. Também, o jogo com as palavras gregas petra e petros, em Mateus 16.18, não pode ser reproduzido em hebraico ou aramaico e é melhor explicado como ocorrendo numa discussão originalmente travada em grego. Com toda a probabilidade, as conversas de Jesus com a mulher siro-fenícia, o centurião romano, e Pilatos foram em grego. Estêvão (Atos 7) e Tiago (Atos 15) citam a Septuaginta, evidenciando, assim, sua intimidade com o grego. (ThR.H 310-11)

Dando como certo que Jesus falava pelo menos um pouco de grego, não se pode apreciá-lo inteiramente como figura histórica, quando visto em separado daquelas que eram, sem dúvida, suas duas principais línguas: o aramaico e o hebraico.

Aramaico, uma linguagem semita muito similar ao hebraico, não é mais falada exceto numa forma muito modificada nos três pequenos povoados sírios de Malula, Bakha e Jabaadin. Mas o aramaico costumava ser a *língua franca* do império persa, e os eruditos concluíram geralmente que Jesus, como a maioria dos habitantes da Palestina, falava aramaico. Os relatos do evangelho refletem este pano de fundo semita de muitas maneiras:

1. Quando as declarações de Jesus e as histórias sobre ele são traduzidas de volta do grego para o aramaico, "Percebe-se que são marcadas por um ritmo poético regular e até mesmo rimam algumas vezes". (BrF.NTD 39) Essa qualidade indica a tradição oral por trás dos evangelhos.
2. Os relatos dos evangelhos contêm várias palavras que são definitivamente aramaicas e outras que julgamos sê-lo. Por exemplo: *talitha cumi*, "menina, levanta-te"; *abba*, "pai"; *ephphatha*, "abre-te"; *kepha*, "rocha"; *toma*, "Tomé"; *Kan'ana*, "o zelote", *Bar* (por exemplo, em Bartolomeu), "filho"; *rabuni*, "raboni"; *perisha* (significando separado), "fariseu"; *golgolta* (significando caveira), "Gólgota"; *hakel dema* (significando campo de sangue), "Aceldama"; *shiloha*, "Siloé"; e *reka* (significando louco), "raca". (DaG.JJ 11-14)

Hebraico, como uma linguagem falada que Jesus e outros judeus do século 1° usaram, é cada vez mais aceita por eruditos antes inflexíveis. Matthew Black, um firme defensor do aramaico como a língua principal, agora admite: "Devemos não obstante permitir possivelmente mais do que tem sido feito até agora o uso do hebraico em adição (ou em vez de) ao aramaico pelo próprio Jesus." (BlM.AA 47)

Alguns dos principais argumentos para o uso do hebraico incluem o seguinte:

1. Harris Birkeland, um erudito escandinavo de línguas semíticas,

argumenta que os evangelhos preservam as palavras aramaicas usadas por Jesus porque ele falava normalmente em hebraico. Quando o hebraico foi traduzido para o grego, o aramaico permaneceu (embora em forma transliterada). Seria como a tradução inglesa de uma obra escrita por um russo que empregasse ocasionalmente palavras francesas. O francês permaneceria em francês. (BaJ.WL 15)

2. As descobertas dos Documentos do Mar Morto "incluem material hebraico e aramaico, mas a predominância quantitativa parece ser hebraica (mesmo excluindo os textos bíblicos em si e contando apenas as composições recentes e originais)". (BaJ. WL.20) O hebraico foi usado tanto nos documentos religiosos como seculares encontrados e parece ser o vernáculo falado no século 1°.
3. Declarações rabínicas confirmam o uso do hebraico como uma língua falada. Na *Mishnah,* o tratado Eduyoth 1.3 afirma: "O homem deve falar na língua do seu professor", e sugere que o hebraico seria, então, naturalmente preservado. Mais definidas são as declarações como as do rabino Meir em meados do século 2° a.D.: "Todo aquele que se fixar na terra de Israel e falar o idioma sagrado... estará seguro de ser um filho da era vindoura."[1] Mais tarde, no século 2°, o rabino Judá, o Príncipe, argumentou: "Por que (usar) a língua Síria (isto é, o aramaico) na terra de Israel? Ou a língua sagrada ou a grega."[2]
4. Segundo Lucas 4.16-19, de acordo com a prática normal das sinagogas, Jesus teria de conhecer o hebraico, e muitos de seus ouvintes em Nazaré provavelmente entendiam o que ele lia em hebraico.
5. O fato de o hebraico ser uma língua de comunicação diária entre os membros da família é fortemente sugerido pelas inscrições nos ossuários de Dominus Flevit (no Monte das Oliveiras) e no Monte Escopus. Algumas das inscrições totalmente em hebraico dizem: "Marta, nossa mãe"; "Salomé, uma prosélita"; e "Salomé, mulher de Ananias, filho do nazireu." (MeE.AREC 68)

Além disso, inscrições em edifícios públicos (isto é, que deviam ser lidas pelo público) indicam o hebraico como um meio de comunicação regular. Uma pedra do canto superior, na ala sudoeste do templo (pináculo do templo), continha a seguinte inscrição em hebraico: "Pertencente ao lugar das trombetas". (MeE.AREC 69)

Os arqueólogos também recobraram vasos com os nomes de seus donos em hebraico. Esta evidência mostra novamente o uso do hebraico num nível diário pessoal entre os membros da família. (MeE.AREC 70)

6. A compilação da *Mishnah*, no início do século 3° a.D., numa linguagem hebraica viva (com exceção de cerca de 15 parágrafos e palavras esparsas extraídas de quase 800 páginas) sugere fortemente que os judeus continuavam a apegar-se ao seu idioma sagrado, apesar das guerras desastrosas com Roma em 70 e 135 a.D. James Barr, Professor de Línguas e Literatura Semítica na Universidade de Manchester, explica o declínio do uso do hebraico depois de 200 a.D., notando que os golpes ao orgulho nacional em 70 e 135 a.D. bastaram para enfraquecer o desejo da maioria dos judeus de continuarem apegados à língua hebraica, apesar de outros idiomas estarem sendo usados à sua volta. (BaJ.WL 28)
7. Nos relatos dos evangelhos propriamente ditos, aparecem mais palavras hebraicas do que aramaicas. Por exemplo: *levonah*, "incenso"; *mammon; Wai*, "Ai!"; *rabbi; Beelzebub; corban; Satan; cammon*, "cominho"; *raca* (era também listada em aramaico!); *moreh*, "rebel"; *bath* (medida para líquidos); *Kor* (medida para sólidos); *Zuneem*, "tara"; *mor* (mirra); *sheekmah*, "sicômoro"; e *amen* (usada aproximadamente cem vezes nos relatos do evangelho).
8. A ordem das palavras em muitos dos manuscritos gregos dos evangelhos é, na verdade, mais hebraica do que grega (LiRL. HT 9-10)

É importante notar que tanto o hebraico como o aramaico são línguas semíticas e possuem muitas semelhanças. Esses aspectos distintamente semíticos se mostram freqüentemente nos relatos dos evangelhos. Por exemplo, o uso repetido do *e* levou muitos eruditos à conclusão de que um original hebraico ou aramaico está por trás de pelo menos parte de nosso texto grego atual. Lucas 2.6-10 ilustra muito bem este ponto:

> (*E*) Estando eles ali, aconteceu completarem-se-lhe os dias, *e* ela deu à luz o seu filho primogênito, enfaixou-o *e* o deitou numa manjedoura porque não havia lugar para eles na hospedaria. (*E*) Havia naquela mesma região pastores que viviam nos campos *e* guardavam o seu rebanho durante as vigílias da noite. *E* um anjo do Senhor desceu aonde eles estavam *e* a glória do Senhor brilhou ao redor deles; *e* ficaram tomados de grande temor. (*E*) O anjo, porém, lhes disse...

Se o relato original tivesse sido composto em grego, o texto seria mais ou menos assim:

> Estando eles ali, aconteceu completarem-se-lhe os dias. Ela deu à luz o seu filho primogênito, enfaixou-o, deitando-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospeda-

> ria. Havia naquela mesma região pastores que viviam nos campos, guardando os seus rebanhos durante as vigílias da noite. Um anjo do Senhor desceu aonde eles estavam, a glória do Senhor brilhou ao redor deles. Ficaram tomados de grande temor. O anjo, porém, lhes disse...

Reunindo toda a evidência do aramaico e do hebraico, os relatos dos evangelhos e daqueles a quem descreve se tornam inegavelmente semíticos.

Quer Jesus tivesse falado hebraico, aramaico ou uma mistura de ambos, os argumentos acima confirmam a fidelidade dos textos dos evangelhos como relatórios confiáveis de testemunhas oculares das coisas que Jesus disse.

Elementos Pedagógicos

A erudição judia ajudou muito a identificar o judaísmo de Jesus, mostrando paralelos entre os seus ensinos e os ensinos rabínicos. Quando você compara esses ensinamentos, pode começar a ver como é falsa a idéia de que a vida de Jesus foi inventada por clérigos piedosos dos séculos 2° e 3°. Como a liderança da igreja mudou de Jerusalém para Antioquia e para Roma entre os séculos 1° e 4°, houve também uma mudança predominante de um cristianismo judeu para outro gentio. De fato, a história dos dois primeiros séculos da igreja confirma que ela tinha principalmente um caráter gentio no início do século 2° a.D. Seria, portanto, altamente improvável que um gentio do século 2° ou posterior compusesse um relato da vida de Jesus que refletisse completamente a cultura hebraica do século 1°.

Os judeus dos dias de Jesus eram educadores meticulosos, como o foram através da maior parte da sua história. Uma passagem da *Mishnah* (Aboth 5.15) demonstra seu interesse ativo no que seus alunos absorviam:

> Existem quatro tipos de pessoas que se assentam à frente dos sábios: A esponja, o funil, o coador e a peneira. A esponja — absorve tudo; o funil — recebe de um lado e solta do outro; o coador — deixa sair o vinho e retém os resíduos; e a peneira — deixa sair o pó de farelo e retém a farinha fina.

A fim de estimular o aluno a não "memorizar apenas as respostas certas", o professor, ou rabino, fazia perguntas aos seus alunos. Não se esperava apenas que estes respondessem às perguntas, mas deviam também respondê-las compondo perguntas igualmente boas, mostrando terem refletido bem sobre as perguntas originais. Talvez seja esta a razão de o rabino Hillel ter dito: "O estudante tímido não aprende."

(Aboth 2.6) David Bivin, diretor da Escola de Estudos Sinópticos de Jerusalém, escreve:

> Este padrão de responder a perguntas com outras era tão comum, que no hebraico dos dias de Jesus a palavra para "pergunta" veio a ser sinônimo de "resposta". (BiD.Q 5)

Biven dá vários exemplos que ilustram as profundas raízes judias do estilo de aprendizado e ensino de Jesus:

> *Jesus, aos doze anos, perdeu-se e foi finalmente descoberto* pelos pais, "no templo, assentado no meio dos mestres, ouvindo-os e interrogando-os" (Lc 2.46). O escritor do evangelho *comenta no versículo seguinte:* "E *todos os que o ouviam* muito se admiravam da sua inteligência e das suas respostas". Se Jesus estava apenas fazendo perguntas, como é que os ouvintes ficaram impressionados com as suas respostas? Isto pareceria, de fato, muito estranho se não soubéssemos que no mundo rabínico em que Jesus vivia, as respostas dos alunos eram dadas em forma de perguntas...
>
> Jesus respondeu a uma pergunta com outra em várias ocasiões. Quando as autoridades do templo lhe perguntaram que direito tinha de fazer "estas coisas" (purificar o templo), ele respondeu dizendo: "Também eu vos farei uma pergunta: dizei-me: o batismo de João era dos céus ou dos homens?" (Lc 20.3-4)...
>
> O melhor exemplo nos ensinos de Jesus quanto ao tipo de perguntas que um rabino geralmente faria a seus alunos é encontrado em Lucas 20.41-44, onde ele perguntou:
>
> Como podem dizer que o Cristo é filho de Davi? Visto como o próprio Davi afirma no livro dos Salmos: "Disse o Senhor ao meu Senhor: 'Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés.' " Assim, pois, Davi lhe chama Senhor, e como pode ser ele seu filho?
>
> Este é um enigma tipicamente rabínico, baseado numa aparente contradição numa passagem da Escritura. (BiD.Q 5)

A primeira das regras de interpretação de Hillel era chamada *kal vachomer* (simples e complexa). (BiD.PRI 1) Este princípio tem a ver com deduzir algo que não é muito aparente de algo aparente ou já sabido. Ela usa freqüentemente as palavras *quanto mais* como em "O silêncio convém ao erudito, *quanto mais* ao tolo" (Tosefta: Pesachim 9:2).

Mishnah: Sanhedrin 6.5 é outro exemplo:

> O rabino Meir disse: "Enquanto o homem está em agonia, o que diz a língua? 'Minha cabeça dói! Meu braço dói!' Se a Escritura falou: 'Agonizo sobre o sangue dos perversos', *quanto mais* sobre o sangue derramado dos justos?"

Jesus usou este mesmo estratagema rabínico em seus ensinamentos. Um exemplo é encontrado em Mateus 7.9-11, onde ele diz:

> Ou qual dentre vós é o homem que, se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará pedra? Ou se lhe pedir um peixe, lhe dará uma cobra? Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, *quanto mais* vosso Pai que está nos céus dará boas coisas aos que Lhe pedirem?

Em Mateus 6.28-30, Jesus diz:

> Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, *quanto mais* a vós outros, homens de pequena fé?

Por ser judeu e completamente familiarizado com os ensinos dos rabinos, Jesus faz várias declarações que têm paralelos próximos na literatura rabínica. O professor Gustaf Dalman, fundador do Instituto para Estudo da Antigüidade na Terra Santa, dá os seguintes entre muitos outros exemplos (DaG.JJ 22520):

Pois com o critério com que julgardes, sereis julgados (Mt 7.2; Mc 4.24, Lc 6.38).

vs.

Com a medida que tiverem medido, medirão também a eles (Sot. 1.7; Tos. Sot. 3.1,2; Siphre, 28*b*).

Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a lei e os profetas (Mt 7.12; Lc 6.31).

vs.

O que odiais fazer, não façais ao seu próximo. Esta é toda a Lei e o restante é a sua interpretação (Hillel.b.Sab.31a). [A "Regra de Ouro" foi ensinada de diferentes formas. A versão de Jesus é única, por ser uma abordagem positiva e não negativa. Ele não diz: "Não façais aos outros o que não quereis que vos façam", como Hillel. Esta abordagem apenas evita que a pessoa cometa atos maus. Pelo contrário, Jesus diz: "Fazei aquilo que desejais que os outros vos façam." Este método, além de eliminar os atos negativos, também acrescenta a responsabilidade de fazer atos de bondade, benevolência, etc., a outros.]

> Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia (Mt 5.7).
>
> vs.
>
> Sempre que fordes misericordiosos, Deus será misericordioso para convosco. (p. Bab. k. 6*c*).

> Pois todo o que se exalta será humilhado; e o que se humilha será exaltado (Lc 14.11).
>
> vs.
>
> A minha humilhação é a minha exaltação, e a minha exaltação é a minha humilhação (Hillel. Lev. R. I. (2b).

Embora as semelhanças entre os ensinamentos de Jesus e o dos rabinos forneçam substancial evidência para a historicidade de Jesus como um professor do século 1°, alguns podem ficar imaginando se havia algo inteiramente peculiar sobre Jesus. O rabino H. G. Enelow observou a seguinte tensão entre escritores judeus e cristãos:

> Os escritores judeus tentaram provar que tudo que foi ensinado por Jesus pode ser encontrado na literatura judaica, e que ele não podia ser, portanto, chamado original; enquanto os cristãos consideraram necessário defender Jesus contra as acusações de tomar de empréstimo ou reproduzir de fontes judias, com receio de que a sua originalidade fosse impugnada. (EnH.JV 14)

O povo judeu foi tradicionalmente ensinado que qualquer coisa boa nos evangelhos não é nada novo; tudo que é novo não é nada bom. A verdade é que há muita coisa derivada dos ensinamentos rabínicos, e muita coisa peculiar a Jesus. Um bom exemplo está no uso de parábolas feito por Jesus como um método de ensino.

As duas obras padrão de referências usadas como autoridade sobre as parábolas de Jesus são as de C. H. Dodd (*As Parábolas do Reino*) e as do professor do Novo Testamento e religião judia recente de Göttingen, Joachim Jeremias, (*As Parábolas de Jesus*). Ambos afirmam que os leitores devem interpretar as parábolas em seu cenário original. Eles defendem as parábolas de Jesus como sendo autênticas, pois o conteúdo delas emerge da situação histórica judia de Jesus em confronto com a situação da igreja primitiva.

Cristãos e não cristãos apreciaram quase universalmente as parábolas de Jesus como uma técnica de ensino suprema. Mas é importante entender que este método de instrução não era peculiar a Jesus. A literatura judia preserva mais de quatro mil parábolas rabínicas. Eis um exemplo de uma parábola desse tipo:

> A pessoa que realiza boas obras e que estudou extensamente a Tora, como é ela? Como o homem que constrói primeiro

> com pedras e depois com tijolos de barro. Mesmo que grande quantidade de água fique entre as pedras, elas não serão destruídas. Mas a pessoa que não faz boas obras, embora tenha estudado a Tora, como é ela? Um homem que constrói primeiro com tijolos de barro e depois com pedras. Mesmo que se ajunte apenas um pouco de água, a construção imediatamente desaba. (BiD.L 5)

Compare agora a parábola acima com a parábola de Jesus em Mateus 7.24-27:

> Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica, será comparado a um homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha. E todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica, será comparado a um homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia, e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto sobre aquela casa, e ela desabou, sendo grande a sua ruína.

O que torna, então, Jesus tão diferente? O que Jesus disse que parece ter prendido a atenção do mundo durante os últimos 1950 anos? Por que era diferente dos rabinos que o precederam? O especialista em estudos sinópticos, David Bivin, responde a essa pergunta aqui:

> Não era a maneira como ensinava nem o conteúdo geral do seu ensino que tornavam Jesus único entre os rabinos. O que *era* único em Jesus era quem ele alegava ser, e ele raramente ou nunca ensinou sem afirmar ser não só o Messias de Deus, porém, mais surpreendente ainda, *Emanuel:* "Deus conosco".
>
> É justamente esta alegação que faz diferença entre a parábola de Jesus sobre a casa construída na rocha e todas as demais parábolas rabínicas que tratam do mesmo tema. Todos os outros rabinos falavam de conhecer e praticar as palavras da Tora, mas Jesus iniciava as suas parábolas com as palavras: "E todo aquele que ouve *estas minhas palavras* e as pratica..." Não há registro de nenhum outro rabino que falasse desse modo ou de ter feito as afirmações inerentes às palavras de Jesus. Ele estava claramente falando como só Deus poderia falar, e nenhum de seus contemporâneos poderia ter perdido ou ignorado esse fato. (BiD.L 5)

Os paralelos rabínicos dos ditos de Jesus confirmam novamente que os relatos do evangelho nos dão um quadro confiável do Jesus histórico. O Jesus dos evangelhos não era um Jesus inventado pela igreja primitiva, mas um professor inteiramente judeu da própria cultura judia

e que, mesmo assim, falava de maneira singularmente profética.

Um elemento semítico final que observaremos no estilo de ensino de Jesus é o seu uso da hipérbole. Hipérbole é um meio de comunicação comum no Oriente Médio em que o orador exagera para obter efeito. Os ouvintes compreendem que a expressão não deve ser tomada literalmente, só o intento por trás da expressão.

George Lamsa, tradutor, comentarista e autor de mais de vinte livros, foi criado falando aramaico. Em seu livro *Uma Chave para o Evangelho Original* ("A Key to The Original Gospel"), ele dá vários exemplos do uso semítico da hipérbole. Entre eles:

> "Se você puder construir aquela casa em dois meses, eu me mato." Isto significa: "A tarefa não pode ser executada."
>
> "Se puder comprar este par de sapatos por menos de dois dólares, eu viro asno." Isto significa que os sapatos não podem ser comprados por menos.
>
> "Se você casar com aquela mulher, corto o meu braço direito." Isto significa: "É algo impossível."
>
> "Se eu não falar a verdade, você pode arrancar meu olho." Isto significa: "Estou dizendo a verdade".
>
> "Se eu casasse com aquela linda jovem, nunca morreria." Isto significa: "A felicidade no casamento elimina a idéia de morte." (LaG.I 79)

A hipérbole nos evangelhos é algumas vezes sutil a não ser que se conheça a cultura. Por exemplo, na parábola do filho pródigo, nada pode ser mais desagradável para um judeu do que servir a um gentio e cuidar de seus porcos.

Em outras ocasiões, a hipérbole é mais direta. Em Lucas 14.26, Jesus diz:

> Se alguém vem a mim, e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo.

Jesus evidentemente não quer dizer ódio (aborrece) pelos pais num sentido literal, pois ele ordenou a seus seguidores que amassem aos seus inimigos.[3] Ele está usando uma hipérbole para comunicar a profundidade do amor que o discípulo deve ter pela sua pessoa se lhe for realmente dedicado. O fato de os primeiros cristãos compreenderem isto é visto nas palavras de Paulo a Timóteo: "Ora, se alguém não tem cuidado dos seus e especialmente dos de sua própria casa, tem negado a fé, e é pior do que o descrente".[4] Mateus 10.37,38 comunica claramente ao leitor moderno o que Lucas relata que Jesus disse, mediante o uso da hipérbole: "Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim, não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim, não é digno de mim".

Robert Stein, professor do Novo Testamento no Seminário Teológico Betel, expressa uma razão pela qual o exagero ou hipérbole foi especialmente importante para Jesus:

> Às vezes, o exagero tem uma função muito útil no discurso e na literatura. Ele possui freqüentemente grande valor mnemônico desde que cria um quadro inesquecível. Quem pode se esquecer das figuras do argueiro em um olho e uma trava no outro, do camelo passando pelo buraco de uma agulha, de coar mosquitos e engolir camelos? Tais quadros ficam na lembrança longo tempo. Não há dúvida de que Jesus queria que tal linguagem ajudasse seus ouvintes a se lembrarem do que ele ensinava, pois sem acesso a lápis e papel ou gravadores cassete a vasta maioria de sua audiência não tinha meios de preservar o que ele ensinava senão decorando suas palavras. O uso do exagero facilitava a tarefa de lembrar. (StRH.DS 94)

Elementos Culturais

O arranjo dos quatro relatos do evangelho é indiscutivelmente hebraico e do século 1°. Alguns eventos parecem estranhos para nós, mas são perfeitamente naturais na cultura dos dias de Jesus. Por exemplo, Lucas 7.38 fala de uma mulher chorando e molhando os pés de Jesus com suas lágrimas. O choro era uma parte importante da cultura judaica. Pranteadores profissionais eram empregados para os funerais, e muitos judeus tinham "vasos de lágrimas" onde recolhiam as lágrimas da sua tristeza. A mulher descrita por Lucas pode ter literalmente derramado o conteúdo de seu vaso de lágrimas para mostrar a Jesus sua tristeza por ter pecado. Em nossos dias, quem visita Israel pode observar muitos desses vasos de lágrimas antigos nos museus dali.

Lucas 2.24 fala de uma outra das diversas práticas culturais mencionadas nas narrativas do evangelho. Em obediência a Levítico 12.2,6,8, José e Maria levaram o sacrifício exigido após o nascimento de um filho. A sua oferta de duas rolas ou pombinhos indica que eles estavam entre os pobres da terra.

Os costumes hebraicos relativos ao casamento ajudam a explicar o que de outro modo pareceria uma contradição em Mateus 1.18,19. No v.18, Maria está apenas comprometida com José, enquanto no v.19, José é chamado de seu "marido". O Reverendo James Freeman, que compilou uma vasta coleção de costumes bíblicos, explica:

> Os esponsais entre os hebreus significavam algo mais do que um simples noivado representa para nós. Eles eram considerados como o início de um casamento, uniam tão legalmente quanto o casamento propriamente dito e não podiam ser quebra-

> dos senão com uma carta de divórcio. Daí o motivo de José ser chamado de "marido" de Maria. (FrJM.M 330)

O confronto de Jesus com os saduceus em Marcos 12 está de acordo com o que sabemos sobre a atitude dos saduceus com relação ao casamento no regime de levirato. Em Yebamoth 4.6*b* do *Talmude Palestino*, os saduceus usam novamente o casamento em levirato, desta vez para zombar dos fariseus. Eles apresentam ali o problema hipotético de um dentre 13 irmãos que é obrigado a casar-se em levirato com as viúvas de seus 12 irmãos falecidos.

A descrição da mulher com hemorragia se torna muito mais significativa e realista à luz das leis judias de pureza.[5] A condição da mulher significava que ela estivera cerimonialmente impura durante 12 anos e que, pela lei, tocar as roupas de Jesus seria contaminá-lo. Ela fica compreensivelmente amedrontada ao ver que Jesus percebera o seu ato. Você pode imaginar o raro senso de compaixão que ela deve ter sentido, quando Jesus lhe disse: "Filha, a tua fé te salvou; vai-te em paz."[6]

Os evangelhos sinópticos falam de Jesus purificar o templo no início de sua última semana em Jerusalém. João indica que ele havia realizado a mesma operação no começo do seu ministério. Não se trata de Jesus objetar quanto à troca de dinheiro. Moedas romanas, que a maioria das pessoas levava consigo, estampadas com a imagem de César, não podiam ser usadas no templo em vista da prescrição mosaica contra imagens gravadas. Havia, portanto, uma necessidade legítima de cambistas — as pessoas precisavam das moedas judias porque elas continham apenas decorações geométricas, florais ou cerimoniais. Mas fontes judias nos contam que algumas das famílias dos sacerdotes tiravam lucros pessoais nessas operações de câmbio. (FlJ.JJ 13)[7] O que provocou a ira de Jesus foi a corrupção e o tumulto num lugar que deveria representar a majestade e pureza de Deus, um recinto que deveria ser supostamente usado para oração.

Um aspecto surpreendente das narrativas do evangelho é que elas falam de Jesus praticar o seu ministério apenas em cidades judias. Os relatos registram que Jesus só entrou em duas cidades que não eram principalmente judias e ortodoxas: a cidade gentia de Sidom e a cidade samaritana de Sicar. Como não ficamos sabendo de quaisquer incidentes ocorrendo em Sidom, não temos relatórios de qualquer ministério realizado por Jesus numa cidade gentia. É surpreendente que os evangelhos registrem a ida de Jesus a Betsaida, mas não a Júlias, provavelmente a 91,4 m de distância. Ele vai para a obscura Nazaré, mas não para a grande cidade de Séforis a aproximadamente 4,8 Km. Viaja para o campo ou as regiões de Decápolis, Cesaréia de Filipe e Tiro, mas não para as cidades gentias propriamente ditas. Tudo na situação geográfica histórica é essencialmente judeu — judeu ortodoxo.

Os evangelhos fazem, em vários pontos, comentários que mostram que Jesus era muito pró-semita; alguns até parecem antigentios. Em Mateus 15.26 e Marcos 7.27, Jesus se refere aos gentios como "cães", depois de declarar: "Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel" (Mt 15.24). Em Mateus 10.5,6, Jesus dá instruções aos discípulos para não irem "rumo aos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos". Em João 4.22, Jesus, falando como judeu a uma samaritana, diz: "Vós adorais o que não conheceis, nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus".

A cultura hebraica refletida nos relatos dos evangelhos não só ajuda a confirmar a sua autenticidade, como também é útil para estabelecer a importância dos eventos descritos. Um bom exemplo são as descrições dadas em relação à Última Ceia. Pinchas Lapide observa o evento através de olhos judaicos:

> Jesus, como judeu fiel às Escrituras, celebrou o "seder" na noite de Páscoa em Jerusalém, disse a bênção prescrita sobre o "pão da aflição" vicariamente por todos os companheiros de mesa, quebrou-o, comeu-o e distribuiu o restante aos seus discípulos que o comeram "inclinados", como convém a escravos que foram libertos. (LaP.R 76)

Note que a refeição da Páscoa foi comida em posição reclinada. Era assim que os ricos e livres comiam. Todos em Israel, ricos e pobres, deviam comer essa refeição nessa posição, como lembrança de sua libertação do cativeiro no Egito. Tudo a respeito da refeição era destinado a fazer com que os participantes se lembrassem do anjo da morte passando por sobre as casas marcadas com sangue de cordeiro na noite de sua libertação. Mas o que Jesus ordenou a seus discípulos que lembrassem? "Fazei isto em memória de mim."[8] A partir desse ponto, a refeição em memorial tinha o propósito de lembrar dele. Segundo a cronologia do evangelho de João, Jesus estava morrendo na cruz no dia seguinte na hora em que os cordeiros pascais estavam sendo sacrificados no templo. O povo chamava João Batista de profeta. Foi ele quem disse a respeito de Jesus cerca de três anos antes: "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!"[9]

CARACTERIZAÇÕES HEBRAICAS DE JESUS

Em vista do judaísmo de Jesus, têm sido feitas inúmeras tentativas para identificar o Jesus histórico com facções judias peculiares. Vamos examinar brevemente aqui as principais possibilidades sugeridas:

Jesus Era Essênio?

Com a descoberta comparativamente recente dos Rolos do Mar

Morto, alguns escritores tentaram identificar Jesus com os essênios e até com o Professor Essênio da Justiça. (Os eruditos quase unanimemente concordam que Cunrã era uma comunidade essênia.)[10] Já muito antes dos rolos serem descobertos, Renan é creditado em chamar o cristianismo de "uma espécie de essenismo bem-sucedido". (MiA.T 167) Outro francês, André Dupont-Sommer, seguindo os passos de Renan, avaliou a informação contida nos rolos desta forma:

> Tudo na Nova Aliança Judaica (como encontrada nos Rolos) anuncia e prepara o caminho para a Nova Aliança Cristã. O Mestre da Galiléia, como os escritos do Novo Testamento o apresentam a nós, aparece como uma reencarnação surpreendente do Mestre da Justiça (o Professor da Justiça) em muitos aspectos...Como ele, foi condenado e morto. Como ele, subiu ao céu, para junto de Deus...Como ele, será o supremo juiz no fim dos tempos. Como ele, fundou uma igreja cujos membros aguardavam ansiosamente sua volta gloriosa. (MiA.T 167)

Os eruditos reagiram fortemente contra este tipo de identificação do cristianismo com a comunidade de Cunrã, e com razão. Primeiro, não há indicação de que Jesus tivesse jamais visitado Cunrã. Segundo, quaisquer semelhanças entre ambos são facilmente explicadas pelas suas raízes respectivas no Antigo Testamento e não por tomarem de empréstimo um do outro. Terceiro, a interpretação de Dupont-Sommer do Professor da Justiça sendo "condenado e executado" *não* se encontra nos rolos. Como tradutor de um rolo, um comentário sobre o livro de Habacuque, Dupont-Sommer preencheu pessoalmente a brecha existente no texto com as palavras: "Ele perseguiu o Professor da Justiça". O Dr. William Sanford LaSor, professor emérito do Antigo Testamento no Seminário Teológico Fuller, critica a maneira como alguns tentaram identificar Jesus com Cunrã:

> Quero dar um exemplo, escolhido por ser muito mais óbvio do que alguns dos mais sutis da mesma natureza. Powell Davies, falando das refeições das seitas de Cunrã, diz (sem qualquer base textual) que o sacerdote pode ter dito, ao abençoar o pão: "Este é o meu corpo". A seguir, Davies afirma que os membros da seita podem ter pensado no vinho como o sangue do Messias. Ele, então, conclui: "Esta era, portanto, a refeição sagrada dos essênios, tão semelhante que quase chega a ser idêntica à refeição sagrada dos primeiros cristãos." Mas note que ele primeiro introduziu em Cunrã o que encontrou no Novo Testamento, e depois descobriu que o documento de Cunrã se assemelhava ao Novo Testamento. Este é um círculo vicioso de pensamento do tipo mais flagrante. (LaWS.DSS 25)

Existem semelhanças entre o cristianismo e os essênios, e Jesus

provavelmente teve algum contato com eles. (Veja ChJ.R 104) Ambos se opunham veementemente ao divórcio. Ambos ensinavam a respeito do fim dos tempos. Ambos exigiam completa rendição ao Deus vivo único e verdadeiro. Ambos praticavam o batismo, embora os essênios repetissem muitas vezes o seu, enquanto os cristãos não faziam isso. Ambos tinham refeições comunais — os essênios esperavam um banquete futuro com o Messias, enquanto os cristãos olhavam para trás, lembrando o seu Messias até que ele voltasse. Existem também algumas semelhanças organizacionais entre as comunidades essênias e as cristãs, embora possam ser igualmente feitos paralelos entre as igrejas locais e as sinagogas locais.

É concebível que Jesus tivesse amigos entre os essênios. Josefo indica a presença de uma comunidade essênia em Jerusalém, que pode ter mantido uma espécie de monastério para os seus adeptos. Os relatos do evangelho descrevem uma peça interessante de evidência, no sentido de Jesus ter mandado preparar a última ceia nesse local. O conhecimento dos costumes hebraicos do século 1° é especialmente útil aqui. O Professor Jim Fleming, preletor na Universidade Hebraica de Jerusalém, explica:

> Lembrem que os discípulos estavam seguindo um *homem* com um cântaro de água. Normalmente eram as mulheres e os asnos, temo que nessa ordem, que transportavam água. Mas os essênios não se casavam, e seria então possível encontrar mulheres, asnos e monges essênios em qualquer fonte de água. (FlJ.JJ)

Onde quer que os discípulos tivessem comido a última ceia, a habitação era grande e continha dois andares. Muitos desses tipos de casas estavam localizadas na Jerusalém do século 1° na "cidade alta" e foram descobertas por arqueólogos.

Finalmente, a instrução de Jesus aos discípulos: "Não leveis bolsa, nem alforje, nem sandálias...Ao entrardes numa casa, dizei antes de tudo: Paz seja nesta casa!" (Lc10.4,5), é similar à descrição dos essênios feita por Josefo:

> Eles não têm uma cidade certa, mas há muitos deles em cada cidade; e se alguém da sua seita chega de outros lugares, os seus bens se abrem para ele, como se lhe pertencessem. Fazem uso deles como nunca fizeram antes, como se estivessem de há muito familiarizados com eles. Por essa razão não carregam bagagem quando viajam para partes remotas, embora levem consigo suas armas, com medo dos ladrões. Assim sendo, em cada cidade onde moram, há alguém especialmente encarregado de cuidar dos estrangeiros e fornecer roupas e outras coisas que lhes sejam necessárias.[11]

"Devemos, então, concluir", pergunta outro erudito francês, Jean Danielou, "que ele (Jesus) foi essênio, pelo menos em algum período da sua vida? Os historiadores são aqui unânimes em afirmar o contrário." (AmF.SLC 28) As diferenças são muitas, e semelhanças também são encontradas entre outros judeus piedosos. Algumas das diferenças eram estas:

1. A comunidade Cunrã evidenciou um arranjo muito estrito no sentar à mesa por ordem de classe, enquanto Jesus ensinou os discípulos que procurassem os lugares mais inferiores.
2. Enquanto os essênios eram legalistas ao cumprirem seus deveres, Jesus, e os cristãos depois dele, praticavam e pregavam liberdade para seguir o espírito e não a letra da lei. O *Documento de Damasco* dos essênios, por exemplo, declara: "Se um animal cair num poço no sábado, que ninguém procure tirá-lo no sábado" (11,13). Em contraste, em Lucas 14.5, Jesus concordou com os fariseus, quando disse: "Qual de vós, se o filho ou o boi cair num poço, não o tirará logo, mesmo em dia de sábado?"
3. Enquanto os essênios aderiam estritamente às leis que governavam a pureza ritual, Jesus ensinou: "Não é o que entra pela boca o que contamina o homem, mas o que sai da boca, isto, sim, contamina o homem" (Mt 15.11). Ele com freqüência tocou leprosos e doentes, tornando-se *técnica e ritualmente impuro*.
4. Enquanto o Professor de Justiça revelou uma profunda percepção do seu próprio pecado, essa percepção não existia por parte de Jesus.
5. Os essênios se afastaram da sociedade e condenaram os pecadores, mas Jesus mostrou compaixão pelos pecadores e ensinou os discípulos a amarem os seus inimigos. O Professor James Charlesworth comenta:

> É concebível que Jesus possa ter pensado a respeito e rejeitado a exortação (dos essênios) para odiar os filhos das trevas, quando declarou: "Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo, e odiarás o teu inimigo" (Mt 5.43). O melhor e possivelmente o único verdadeiro paralelo judeu à regra para odiar outros é encontrado nos Rolos do Mar Morto. De fato, segundo a Regra da Comunidade na época da renovação anual, os essênios cantavam maldições sobre todos os filhos das trevas, especialmente os que não eram essênios, inclusive os judeus disfarçados em essênios. (ChJ.R 105)

Em vista de algumas semelhanças marcantes, assim como outras diferenças entre Jesus e a comunidade de Cunrã, é fácil para os escritores fazerem inferências erradas. Como afirma LaSor:

> Se, por exemplo, eu quiser demonstrar uma semelhança aproximada entre os Rolos do Mar Morto e o Novo Testamento, posso examinar os dois corpos de literatura e escolher as declarações mais similares. Os resultados serão impressivos.
>
> Por outro lado, se eu quiser demonstrar que não existe, na verdade, semelhança entre esses dois escritos religiosos, posso, então, listar todas as diferenças notáveis. Os resultados serão novamente impressivos. (LaWS.DSS 22)

Concluímos, portanto, que Jesus não era definitivamente essênio e, com certeza, não era o Professor de Justiça da seita do Mar Morto, embora seus ensinamentos fossem algo semelhantes aos deles, e ele pode ter tido contato com alguns dos membros da seita.

Jesus Era Zelote?

H. S. Reimarus, Robert Eisler e, mais recentemente, o Professor de Religião Comparativa da Universidade de Manchester, S. G. F. Brandon, estão entre os eruditos que descrevem Jesus em termos zelotes.[12] Desde que muito da atividade zelote (ou possivelmente pré-zelote rebelde) se concentrava na Galiléia, não muito longe do quartel-general de Jesus em Cafarnaum, Jesus teve de confrontar essa questão e, provavelmente, em várias ocasiões. France adverte:

> O que não podemos fazer é imaginar um Jesus que operou num mundo puramente pietista, anti-septicamente isolado das correntes violentas do judaísmo nacionalista de Judas, o Galileu, e seus companheiros. Sua ânsia apaixonada de independência para Israel e sua disposição para praticar atos de violência, a fim de alcançá-la, faz parte essencial do pano de fundo contra o qual um Jesus "real" deve ser compreendido. (FrR.E 54-55)

A não ser que planejemos usar a abordagem extrema da alta crítica de remover todas as passagens relevantes dos evangelhos, a evidência dessas fontes indica que Jesus não considerou a metodologia zelote como um meio de realizar com sucesso a sua missão. Em João 6.15, quando Ele percebeu que as pessoas o estavam vendo como *o* Profeta, isto é, o Messias, e preparando-se para levá-lo à força para fazê-lo rei, ele retirou-se.

Em Mateus 5.41, Jesus diz: "Se alguém te obrigar a andar uma milha, vai com ele duas". Um zelote dificilmente diria isso, pois se refere à lei dos romanos que permitia que o soldado obrigasse um judeu a levar a sua bagagem até a distância de 1,6 Km. Os zelotes odiavam com todas as forças esta prática.

France também explica outros ensinos não zelotes de Jesus.

> Ele pregava igualmente uma mensagem que não era de libertação para os judeus e sua capital, mas sim, de destruição. Suas repetidas ameaças do juízo que viria a cair sobre "esta geração perversa" eram equilibradas por sua predição de que as pessoas "do oriente e do ocidente" participariam do banquete messiânico, enquanto os judeus (que supunham iriam estar ali por direito) se veriam excluídos (Mateus 8.11,12). Várias de suas parábolas focalizam a rejeição daqueles que se consideravam como o povo de Deus, e sua substituição por aqueles que desprezavam (especialmente a surpreendente seqüência de três parábolas dirigidas contra a liderança judaica oficial, em Mateus 21.28—22.14). (FrR.E 162)

Em Marcos 12.13-17, alguns fariseus e herodianos se aproximam de Jesus para verificar suas tendências zelotes. Eles tentaram colocá-lo na parede, perguntando-lhe se era legal pagar imposto a César. Se ele dissesse que sim, eles supunham que o povo iria desertá-lo. Se dissesse que não, teriam toda a evidência necessária contra ele por instigar o povo à rebelião. Era fácil perceber o intuito deles. Jesus respondeu: "Por que me experimentais (armais uma armadilha para mim)?" Sua resposta clássica, "Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus", fez com que o povo o estimasse ainda mais. Porém, não era de forma alguma a resposta de um zelote.

Como vimos antes, Pedro e os outros discípulos, especialmente Simão, o Zelote, provavelmente tinham fortes tendências zelotes, ou pelo menos simpatias. Mas classificar Jesus entre os zelotes não se mantém diante das evidências.

Jesus Era Fariseu?

Em vista dos muitos confrontos de Jesus com os fariseus, a pergunta pode, a princípio, parecer ridícula. Mas além da observação psicológica de que as discussões mais acaloradas de um indivíduo freqüentemente ocorrem com aqueles mais próximos dele, existe bastante evidência que levou alguns eruditos a declararem que Jesus era fariseu. Joseph Klausner, Abraham Geiger, Daniel Chwolsohn, Martin Buber, Paul Winter, Ben-Chorin, e H. Maccoby, todos consideram Jesus como sendo um fariseu, embora alguns com qualificações. (Veja HaDA.R 230-32) Outros como Abrahams, Montefiore, Rabino Samuel Umen, e Asher Finkel, embora não considerem Jesus como fariseu, colocam-no em mesmo plano com muitos dos fariseus.

Muito do ímpeto de ver Jesus como fariseu ou próximo dos fariseus vem de estudos comparativos, mostrando que uma boa parte dos ensinos de Jesus era paralela à dos rabinos. O erudito judeu H.

Maccoby afirma:

> Jesus não só foi educado como fariseu; ele permaneceu fariseu toda a sua vida...Como rabino, Jesus era um típico professor fariseu. Tanto no estilo quanto no conteúdo, seus ensinos religiosos mostram uma indiscutível afinidade com o farisaísmo, e especialmente com os ensinamentos do grande apóstolo do farisaísmo, Hillel. (MaH.RJ 106-7)

Mais uma vez, porém, a única maneira de os estudiosos poderem fazer de Jesus um fariseu é usando a abordagem da alta crítica para os versículos dos evangelhos que demonstram que ele não era fariseu. Os eruditos judeus da alta crítica afirmam que esses versos (geralmente contendo declarações de Jesus) foram introduzidos mais tarde no material do evangelho por uma primeira igreja supostamente anti-semítica. A evidência mostra realmente uma certa identificação entre alguns dos ensinos de Jesus e o de certos fariseus, especialmente os da escola de Hillel. (Hillel era o professor de Gamaliel, que ensinou Paulo de Tarso.) Mas quando Jesus diferia dos fariseus, os pontos eram questões básicas importantes subjacentes a toda a abordagem e comportamento dos fariseus. Os embates repetidos de Jesus com os fariseus sobre a questão do sábado é um ótimo exemplo.

Mais importante ainda foi a questão da Sua própria identidade e a do Messias por vir. Por exemplo, não seria difícil para um fariseu concordar com Jesus que o compromisso mais importante era amar a Deus de todo o coração, alma e entendimento (Mt 22.37). Mas logo depois dessa instrução, Jesus faz aos fariseus uma pergunta com o propósito de esclarecer a identidade do Messias: "Que pensais vós do Cristo? de quem é filho?" (Mt 22.42) Quando eles respondem "De Davi", Jesus os envolve em um raciocínio dedutivo muito usado pelos rabinos: "Como, pois, Davi, pelo Espírito, chama-lhe Senhor, dizendo: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés?" Em outras palavras, o Messias seria apenas uma figura terrena da linhagem de Davi? Segundo o v.46, os fariseus nem responderam nem lhe fizeram mais perguntas.

Logo depois deste diálogo, provavelmente quando os escribas e fariseus se afastaram, Jesus se voltou para os discípulos e o povo ali reunido. Ele manda que primeiro obedeçam às ordens dos fariseus; mas, segundo, que não copiem o seu comportamento. Toda vez que Jesus diz que "os escribas e os fariseus" fazem isso e aquilo, ou "ai de vós escribas e fariseus", ele declara claramente não ser um deles.

Os relatos do evangelho revelam outra diferença marcante entre os fariseus e Jesus. No Sermão do Monte, Jesus afirma várias vezes: "Ouvistes que foi dito..." Ele está se referindo à prática rabínica de citar

a opinião de rabinos mais antigos como base do seu ensinamento. Quando Jesus continua, dizendo: "Eu, porém, vos digo..." a pergunta lógica na mente dos ouvintes seria: "Quem és tu, então?" Tudo o que Jesus fazia e falava apontava para a autoridade que lhe fora dada do alto e não de outros homens. Geza Vermes reconhece:

> Os três evangelhos sinópticos afirmam desde o início de sua carreira como pregador que seu estilo era diferente daquele dos escribas. O principal interesse destes estava em dar a toda a doutrina religiosa a mesma sanção da tradição, como fazendo parte de uma cadeia estritamente definida de transmissão que se originava — de fato, ou mediante engenho exegético — na Escritura e preferivelmente no Pentateuco. Jesus, em contraste, é tido como ensinando com *exousia*, com autoridade, sem sentir necessidade de uma justificação formal de suas palavras. (VeG.JWJ 31)

Mateus registra: "Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina, porque ele as ensinava como quem tem autoridade, e não como os escribas" (Mt 7.28,29)

Os relatos do evangelho contêm 89 referências aos fariseus, na maior parte negativas. A não ser que estejamos preparados para removê-las todas por meio de uma abordagem extrema da alta crítica, é impossível aceitar Jesus como fariseu.

Jesus Era um Galileu Hasideano?

A Galiléia era uma terra separada. A oeste e ao norte ficavam as terras gentias dos siro-fenícios. A noroeste se estendia o território gentio de Gaulonites, a sudeste, as terras gentias das cidades helenizadas da Decápolis, e finalmente, mas não por último, para o sul ficava Samaria, terra dos meio judeus, embora eles pudessem ter sido inteiramente gentios no que se referia aos judeus. A Galiléia era, então, isolada geograficamente da Judéia, e o isolamento se estendeu à ordem social. A Judéia, liderada por Jerusalém, era mais sofisticada, mais educada e mais inclinada à vida social. Seu único mar não abrigava vida, e grande parte da terra era árida, forçando o povo a ir para as cidades. A Galiléia era fértil e seu mar enxameava de peixes. Ela era, na sua maior parte, uma área rural, e as pessoas de Jerusalém parecem tê-la julgado com desprezo. Não é de admirar que as parábolas de Jesus contenham tantas alusões à agricultura e ao campo. Nas palavras de Vermes, ele estava "em casa entre as pessoas simples da Galiléia rural." (VeG.JTJ 49) Com respeito à língua, o dialeto da Galiléia era diferente daquele do sul de

Jerusalém, como pode ser visto pela acusação dos espectadores a Simão Pedro: "Você não fala como nós aqui" (Mt 26.73, levemente modificado).

Não só os dialetos eram diferentes, mas o judaísmo do norte diferia também daquele do sul. Embora os saduceus governassem Jerusalém, os fariseus conquistaram o coração do povo. Assim sendo, no sul a ênfase farisaica sobre as tradições dos anciãos imperava. Ao norte, antes de 70 a.D., os fariseus não se haviam estabelecido ainda como os primeiros na liderança espiritual. Vermes nos informa:

> Fragmentos da literatura rabínica apontam para uma presença farisaica esporádica na Galiléia e para a ausência de impacto durante o século 1° a.D. Yohanan ben Zakkai, o líder da restauração judia depois da destruição de Jerusalém, passou algum tempo na cidade de Arab, possivelmente antes de 50 A.D. Duas de suas leis concernentes à observância do sábado foram decretadas ali. Todavia, segundo uma tradição do século 3° a.D., ao compreender que apesar de dezoito anos de esforços não conseguira atingir seu objetivo, ele exclamou: "Galiléia, Galiléia, odiais a Tora!" (VeG.JTJ 49)

Josefo, por outro lado, apresenta o povo da Galiléia como profundamente dedicado à lei, tanto na teoria como na prática. (MeE.AREC 47) Se lembrarmos que o profeta Elias era dessa região e tido em grande estima, começa a emergir a idéia de um povo galileu honesto, dedicado à lei, mas especialmente aos profetas, não se importando muito com os raciocínios sofisticados dos fariseus praticados no sul de Jerusalém, mas intensamente comprometido com a aplicação prática da lei em suas vidas no espírito das prescrições dos profetas.[13] Jesus foi criado nesse ambiente e realizou ali a maior parte de seu ministério.

As raízes dos fariseus e essênios são vagas, mas muitos estudiosos crêem que ambos os grupos emergiram dos hasideanos (os piedosos) que ajudaram os macabeus a reconquistarem o templo no século 2° a.C. Eles aparentemente se afastaram mais tarde dos macabeus em vista do mundanismo destes. Durante os primeiros séculos a.C. e a.D., os hasideanos, independentemente dos fariseus e essênios, tornaram-se conhecidos por sua piedade e capacidade de efetuar mudanças por meio de respostas às orações e da operação de milagres. Antes da virada do século, Honi, o Fazedor de Círculos (Josefo o chama de Onias, o Justo) tornou-se conhecido por acabar com uma seca mediante suas orações. No século 1° a.D., o galileu Hanina ben Dosa ganhou reputação por sua habilidade em fazer milagres. Os eruditos judeus reconhecem a tensão existente entre os hasideanos e os fariseus, e Vermes resume tudo deste modo:

> S. Safrai, por exemplo, está preparado para admitir que a

> prática religiosa ensinada pelos hasideanos era "altamente individual e algumas vezes até oposta à geralmente predominante" e que, embora reverenciados pelos rabinos, não eram idênticos a eles. D. Flusser, num contexto algo diferente, também fala da "inevitável tensão entre milagres carismáticos...e o judaísmo institucional". (VEG.JTJ 80)
>
> Não é de surpreender que as histórias relativas a Honi e Hanina — para não mencionar Jesus — contenham muitas vezes um elemento de desaprovação franca ou velada, quando lembramos que toda a tradição rabínica passou pelo canal da "ortodoxia". (VeG.JTJ 80)

Ele continua:

> A familiaridade informal dos carismáticos com Deus e a confiança na eficácia das suas palavras era também profundamente censurada por aqueles cuja autoridade derivava de canais estabelecidoss. Simeon ben Shetah, líder dos fariseus no século 1° a.C., gostaria de excomungar Honi, mas não ousava fazê-lo. Do mesmo modo, a zombaria, "És tu profeta?" dirigida a Hanina, assim como a afirmação de que o "príncipe" Yohanan ben Zakkai era superior a ele, o "servo", tinham a intenção de neutralizar e eliminar um poder e autoridade aparentemente de origem divina, mas impossíveis de confirmar. (VeG.JTJ 81)

Seria Jesus um galileu hasideano? Em vista de esses "santos" serem tão individualistas, aparentemente não organizados num grupo de qualquer espécie, e bastante desconhecidos na literatura sobrevivente, não parece haver nenhuma razão para que Jesus não possa ser chamado de galileu hasideano. Todavia, existe uma outra designação que tem sido aceitavelmente aplicada a ele por alguns eruditos judeus.

Jesus Era Profeta?

> Não há profeta sem honra senão na sua terra e na sua casa (Mt 13.57).
>
> Importa, contudo, caminhar hoje, amanhã e depois, porque não se espera que um profeta morra fora de Jerusalém (Lc 13.33).

Não há dúvidas de que Jesus se julgava profeta.[14] As multidões também o reconheceram como profeta,[15] assim como consideraram João Batista um profeta.[16] Entre os eruditos judeus, Montefiore considerava Jesus "um dos maiores e mais originais de nossos profetas judeus." (MoCG.WJT 33:516) Outro erudito judeu, L. J. Edgar, escreveu: "Jesus não só era profeta, mas existem boas razões para crer que ele era um profeta leal à essência do judaísmo." (EdL.JVJ 6) Vermes declara: "A idéia de Jesus

ser profeta parece tão autêntica, especialmente à luz do ciclo de tradições Honi-Hanina..." (VeG.JTJ 90)

Se não extirparmos todo o material relevante nos evangelhos por meio de uma abordagem da alta crítica, Jesus certamente se qualifica como "um profeta de Israel". Geza Vermes demonstra que mesmo o adepto da alta crítica não pode negar de maneira lógica que os contemporâneos de Jesus o viam como profeta:

> A suposição comum mantida pelos intérpretes do Novo Testamento parece ser que a imagem profética de Jesus foi concebida por estranhos amigáveis; mas, em vista de não ser boa o suficiente, não ser suficientemente adequada ao círculo de seus companheiros mais íntimos, ela foi substituída por títulos mais aceitáveis. Que não foi, de fato, este o caso é demonstrado pelo obituário atribuído a um dos discípulos de Emaús, dois dias depois da morte de Jesus. Ele era, diz Cleopas, "varão profeta, poderoso em obras e palavras, diante de Deus e de todo o povo." (VeG.JTJ 88, citando Lucas 24.19)

É, portanto, razoável aceitar Jesus como profeta.

PERGUNTAS A RESPEITO DO JUDAÍSMO DE JESUS

A Aceitação dos Gentios por Parte de Jesus Foi Manufaturada pelos Escritores?

Existe um guia turístico em Israel que gosta de lembrar seus grupos de um ditado popular: "Como é estranho que Deus tenha escolhido os judeus", ao que ele responde com um brilho nos olhos, "Não é tanto assim, pois os 'goyim' (gentios) O aborrecem!" Outro traço de evidência para a confiabilidade das narrativas do evangelho é que elas comunicam corretamente a tensão racial que se sabe ter existido entre os judeus e gentios no século 1°.

Em pelo menos uma ocasião, esta tensão racial parece ser o único motivo de o povo judeu virar-se contra Jesus. Como um galileu hasideano operador de milagres e profeta, Jesus volta para pregar na cidade em que morara e é recebido de braços abertos. Afinal de contas, esta era a Galiléia, o lugar em que se criara o carismático hasideano. Lucas 4.15 diz que, enquanto ensinava nas sinagogas da Galiléia, Jesus era louvado por todos. Em Nazaré, ele apresenta uma leitura bastante controversa na manhã de sábado, por ter interrompido a leitura no meio

de um versículo, proclamando a chegada do ano favorável do Senhor em termos messiânicos definidos. Mesmo depois de dizer, "Hoje se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir" (Lc 4.21), o texto afirma: "Todos lhe davam testemunho" (v.22). Jesus continua pregando até o ponto em que fala de Elias sendo enviado a uma cidade gentia e a uma viúva gentia. Os murmúrios começam na congregação. Na sentença seguinte, ele fala de Eliseu não ter curado qualquer dos leprosos em Israel, só Naamã o sírio — um "goy"! O texto continua:

> Todos na sinagoga, ouvindo estas cousas, se encheram de ira. E levantando-se, expulsaram-no da cidade e o levaram até ao cume do monte sobre o qual estava edificada, para de lá o precipitarem abaixo.[17]

Que mudança de comportamento. A atitude favorável de Deus para com os "goyim" não aborreceu Jesus, mas com certeza atingiu em cheio a congregação!

João nos conta que mesmo antes do início do seu ministério na Galiléia, Jesus levou os discípulos a Samaria (Jo 4). Os judeus ortodoxos geralmente viajavam por uma estrada que ia para o norte, via Vale do Rio Jordão, evitando os samaritanos. Para Pedro e alguns dos outros, esta viagem era provavelmente ofensiva num sentido moral! Você já pensou na razão de Jesus ter enviado *todos* os seus discípulos para comprar alimento (v.8)? Pode imaginar que grupo imponente eles teriam sido em relação à "desdenhosa" mulher samaritana? Mas Jesus parece ter possuído, desde o começo de seu ministério, o único ingrediente que faltava à maior parte do judaísmo há mais de dois mil anos — Gênesis 12.3: "Em ti (a futura nação de Israel) serão benditas todas as famílias da terra". Jesus sabia que o plano de Deus para Israel era que deveriam ser uma bênção e não uma maldição para os gentios. Como resultado da sua conversa com a mulher, muitos dos samaritanos de sua cidade natal creram em Jesus. Que maneira de iniciar um ministério entre os judeus ortodoxos! Ao que tudo indica, nem mesmo a mulher meio gentia aborreceu Jesus.

Quando Jesus chegou a Cafarnaum, um centurião gentio enviou alguns anciãos dos judeus até ele (Lc 7.3). O centurião parece ter sido um homem compassivo, possivelmente até um prosélito do judaísmo, pois construiu a sinagoga para os judeus e mostrou grande interesse pela vida do seu escravo. A sua humildade e grande fé se evidenciam em sua mensagem a Jesus:

> Senhor, não te incomodes, porque não sou digno de que entres em minha casa. Por isso eu mesmo não me julguei digno de ir ter contigo; porém, manda com uma palavra, e o meu rapaz será curado. Porque também eu sou homem sujeito à autoridade,

> e tenho soldados às minhas ordens, e digo a este: Vai, e ele vai; e a outro: Vem, e ele vem; e ao meu servo: Faze isto, e ele o faz.[18]

Jesus não ficou aborrecido com esse "goy", mas maravilhou-se dele. Destacando a fé mostrada pelo homem, Jesus disse: "Nem mesmo em Israel achei fé como esta". Isso deve ter deixado um pouco vermelhas as orelhas dos amigos ortodoxos de Jesus. Só há mais um registro de Jesus se maravilhar com algo: Marcos 6.6, ao falar da atitude de seus vizinhos judeus em sua cidade natal; a Bíblia diz simplesmente: "Admirou-se da *incredulidade* deles".

Em Lucas 17.11-19, Jesus curou dez leprosos e só um voltou para agradecer. Jesus perguntou: "Não houve, porventura, quem voltasse para dar glória a Deus, senão este estrangeiro?" Sua atitude favorável para com o samaritano nos faz lembrar da parábola do bom samaritano.

O truque favorito da alta crítica para tratar com todas essas passagens é simplesmente afirmar que a igreja posterior, gentia na sua maior parte, inseriu-as nos relatos, a fim de favorecer Jesus aos olhos dos gentios. Mas se fossem fazer isso, por que não removeram também aqueles versículos onde Jesus diz coisas como "Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel"; ou "A salvação vem dos judeus"?[19] Observe especialmente a primeira das duas passagens. Juntando Mateus 15 e Marcos 7, podemos ver que a mulher sirofenícia chamou Jesus, enquanto ele estava no interior de uma casa. Mas ele pareceu ignorá-la. Sua declaração, "Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel", parece deslocada à luz de sua compaixão normal pelas pessoas. Alguns eruditos pensam que ele estava testando seus discípulos ou duvidando deles: "Não fui enviado senão...?" Mas a sua declaração seguinte parece invulgarmente dura: "Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos". Se os redatores gentios tivessem o hábito de enfeitar e extrair passagens dos evangelhos, seria certamente um grande milagre que eles não tivessem atacado esta primeiro. De fato, os diferentes detalhes nos dois relatos mostram que os escritores seguiram duas tradições separadas. Assim sendo, os redatores teriam sido duplamente negligentes em sua verificação.

A evidência de uma perspectiva hebraica é constrangedora. Os evangelhos são um registro confiável de um Jesus histórico que era inteiramente judeu e realizou um ministério para "os seus". Mas ele manteve também uma perspectiva mais ampla: Os "goyim" deviam ser incluídos entre os escolhidos de Deus. Quão estranha essa atitude de Deus!

Jesus Era Casado? Havia Necessidade Disso?

A sociedade judaica enfatizou a importância de "ser fecundo e

multiplicar-se" (Gn 1.28), e alguns populistas exploraram este fato. Os autores de *Holy Blood, Holy Grail* declaram:

> Se Jesus fosse, de fato, tão celibatário quanto afirma a tradição tardia, é extraordinário que não tenha havido referência a esse celibato. A ausência dessa referência sugere fortemente que Jesus, no que se refere à questão do celibato, se conformou às convençõess da sua época e cultura — insinuando, em resumo, que ele era casado. (BaM.HB 331)

Os autores passam a citar a *Mishnah* como dizendo, "O homem solteiro não pode ensinar", mas eles deixam de dar a referência na *Mishnah* ou de informar seus leitores que as declarações na *Mishnah* são feitas pelos rabinos que viveram, na sua maioria, no período depois de 70 a.D. De fato, um rabino solteiro na geração que se seguiu a essa época explica o seu celibato na Tosefta: Yebamoth 8.7: "Que farei? Amo a Tora. Outros poderão fazer com que o mundo continue existindo." Shmuel Safrai, professor da Universidade Hebraica e especialista em literatura judaica e história do período do Segundo Templo, dá uma idéia mais acurada daqueles dias. Segundo o Professor Safrai, os rabinos desse período muitas vezes aguardavam até os 30 ou 40 anos para casar-se, desde que tinham de passar muitos anos fora de casa como alunos e professores itinerantes.[20]

Qual o Dia da Última Ceia?

Os evangelhos sinópticos indicam que a última ceia foi uma refeição da Páscoa, aparentemente na quinta-feira, noite da prisão de Jesus. Mas João, falando sobre os eventos na sexta-feira pela manhã, diz que os líderes judeus "levaram Jesus da casa de Caifás para o pretório. Era cedo de manhã. Eles não entraram no pretório para não se contaminarem, mas poderem comer a páscoa".[21] Por que os discípulos, segundo os sinópticos, comeram a Páscoa na noite de quinta-feira, quando os líderes judeus (e o resto dos judeus) celebravam a Páscoa na noite de sexta-feira?

Hoehner dá provavelmente a revisão mais completa e concisa da evidência sobre esta questão. Ele sugere, e nós concordamos, que a melhor solução é reconhecer que os evangelhos sinópticos refletem o calendário galileu que era aparentemente seguido por Jesus e os fariseus. Por este método

> os galileus, e com eles Jesus e seus discípulos, mataram o cordeiro pascal no fim da tarde de quinta-feira, Nisã 14, e mais tarde nessa noite comeram a Páscoa com o pão sem fermento. Por outro lado, os judeus da Judéia que contavam de ocaso a ocaso,

> matariam o cordeiro na tarde de sexta-feira, que marcava o fim de Nisã 14, e comeriam o cordeiro pascal com o pão sem fermento naquela noite que se tornara Nisã 15. Assim sendo, Jesus havia comido a refeição da Páscoa, quando os seus inimigos, que não haviam ainda celebrado a Páscoa, o prenderam. (HoH.C 87)

Esta solução parece satisfazer não só os relatos do evangelho, mas também evidência da *Mishnah*, do *Talmude Babilônico* e de Josefo, todos citados por Hoehner. O ponto principal aqui é que a situação histórica da Jerusalém do século 1º era mais complexa do que muitos autores a pintam. Fragmentos e pedaços de informação no geral são úteis para juntar evidência que nos é relatada de maneira direta nos evangelhos.

Os Relatos do Julgamento de Jesus São Anti-Semitas?

A acusação é repetidamente feita no sentido de os relatos do evangelho representarem a atitude anti-semita dos cristãos gentios posteriores que redigiram os escritos. Maurice Goguel, por exemplo, acredita que os romanos colaboraram com os judeus, a fim de prender Jesus, e conclui: "A narrativa do evangelho que atribui esta iniciativa inteiramente aos judeus é uma perversão preconceituosa da tradição primitiva." (GoMa.LJ 469)

É importante saber, sempre que alguém reclama que uma determinada declaração é anti-semita, se o declarante é judeu ou não judeu. Ao ensinar a sua aula sobre o Novo Testamento aos alunos da Universidade Hebraica em Jerusalém, o Professor Fleming diz que ele começa

> dizendo: "Não sei por que alguns judeus são tão sensíveis quanto ao *suposto* anti-semitismo do Novo Testamento. Como alguém pode dizer que a frase, "lançar-vos-ei fora desta terra" é anti-semita? Como alguém pode dizer que as palavras, "As vossas orações ofendem as narinas de Deus" são anti-semitas? É claro que ficam todos perturbados. "Como pode dizer que não são anti-semitas?" Eu, então, os faço lembrar que estou citando Isaías e Jeremias.[22]

Se os escritores dos evangelhos quisessem encobrir as faltas dos romanos e difamar os judeus, é impossível explicar muitas declarações em suas narrativas. Por que eles teriam feito Pôncio Pilatos açoitar Jesus? Por que não fariam Pilatos tomar a responsabilidade e acabar com tudo? Ele certamente tinha autoridade para isso.

E o que dizer de todas as declarações pró-semitas nos relatos do evangelho? João, por exemplo, supostamente o mais anti-semita dos escritores do evangelho, faz Jesus dizer: "A salvação vem dos judeus".[23] Ou por que Lucas faz Jesus dizer a respeito dos que o crucificaram: "Pai,

perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem"?[24] Isso não soa como alguém tentando acumular condenação sobre os judeus.

Quando os escritores do evangelho (lembre-se de que eles também são judeus) dizem coisas negativas sobre os líderes judeus, não estão afirmando nada que outros judeus já não estejam dizendo. As escavações na cidade alta da antiga Jerusalém, que revelaram grandes residências dos judeus mais ricos e aristocratas, também trouxeram à luz pratos inscritos com o nome da família "Kathros". O nome aparece igualmente numa Baraita que revela o caráter das famílias sacerdotais predominantes nos dias de Jesus:

> Ai de mim por causa da casa de Hannan (Anás) por causa de suas murmurações! Ai de mim por causa da casa de Kathros, por causa de suas canetas! (uma provável referência ao preparo de documentos falsos)...pois são sumo sacerdotes e seus filhos tesoureiros, e seus genros (Caifás era genro de Anás) são supervisores, e seus servos espancam o povo com bastões. [25]

Os relatórios do evangelho são anti-semitas? A julgar pela reflexão rabínica acima, parece que mais pessoas do que simplesmente os escritores do evangelho estavam preocupadas com a corrupção na corte suprema. Sabe-se que os membros do Sinédrio no período herodiano eram nomeados por meio de favores políticos, e não é provável que um Sinédrio desse tipo agisse de maneira justa e piedosa. Os escritores do evangelho não eram anti-semitas. Eles simplesmente registravam o que outros de seus companheiros judeus já haviam observado.

Os escritores do Novo Testamento freqüentemente empregam o termo "os judeus". É um termo genérico, referindo-se a um grupo de pessoas judias, quase sempre líderes judeus e seus empregados ou servos, que estão envolvidos numa determinada ação. Quando um escritor do Novo Testamento declara que "os judeus" fizeram isso ou aquilo, ele não quer dizer toda a raça dos judeus, mas simplesmente os que ali se achavam. Por exemplo, foram todos os judeus em Jerusalém que exigiram a crucificação de Jesus? Claro que não. Os próprios discípulos de Jesus eram judeus. Foi simplesmente a multidão de judeus que se encontrava naquele lugar. Como diz Ian Wilson: "Com vinte mil servos trabalhando no templo e dezoito mil operários em sua folha de pagamento, os encarregados do templo dificilmente teriam alguma dificuldade para encontrar um grupo que dançasse segundo a música tocada por eles. (Wil.JTE 126) De fato, os escritores do evangelho não dizem sequer uma vez que "os judeus" crucificaram Jesus; mas se referem à multidão simplesmente como "eles". Além disso, escrevendo em Atos 4.24-28, Lucas demonstra conclusivamente que a igreja primitiva não via os judeus como "assassinos de Cristo". Quando Pedro e João

voltam aos seus amigos depois de terem sido presos e interrogados, todos concordam em oração:

> Tu, Soberano Senhor, que fizeste o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há; que disseste por intermédio do Espírito Santo, por boca do nosso pai Davi, teu servo:
>
> Por que se enfureceram os gentios, e os povos imaginaram cousas vãs? Levantaram-se os reis da terra e as autoridades ajuntaram-se à uma contra o Senhor e contra o seu Ungido;
>
> porque verdadeiramente se ajuntaram nesta cidade contra o teu santo Servo Jesus, ao qual ungiste, Herodes e Pôncio Pilatos, com gentios e povos de Israel, para fazerem tudo o que a tua mão e o teu propósito predeterminaram" (At 4.24-28).

O ponto dos relatos do evangelho não é determinar culpa. A mensagem que o Novo Testamento quer que seus leitores recebam é simplesmente esta: "Foram pessoas como eu que mataram Jesus; foi o meu pecado que o colocou na cruz". Assim sendo, Paulo escreveu: Antes de tudo vos entreguei o que também recebi, que Cristo morreu pelos *nossos* pecados".[26] Da mesma forma, Pedro registrou: "Carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os *nossos* pecados".[27]

CONCLUSÃO

À medida que lemos sobre o ambiente judeu do século 1°, torna-se aparente que os relatos do evangelho refletem os pontos de vista daqueles que vivem na cultura hebraica, não os que a observam, ou a fabricam do lado externo. Um conhecimento mais profundo deste fator judeu oferece maior segurança de que os escritores do evangelho registraram corretamente os eventos da vida de Jesus que tiveram realmente lugar. Ele também nos ajuda a ver para além de nossas idéias preconcebidas de como Jesus era. Nas palavras de France:

> Um estudo maior do judaísmo do período romano levou a alguns importantes esclarecimentos de grande parte de nossas idéias sobre Jesus. As formas tradicionais de visualizar as cenas do evangelho foram alteradas, e a figura de Jesus foi cada vez mais iluminada, mostrando-o como um homem do seu tempo. Enquanto aprendemos mais sobre ele como um judeu contemporâneo o teria visto, podemos esperar maior aproximação do verdadeiro Jesus. Se durante o processo perdermos alguns dos estereótipos que fariam de Jesus um caucasiano de olhos azuis com os valores e atitudes de um inglês da classe média, isto não é algo a ser lamentado. (FrR.E 15)

13

JESUS E OS MILAGRES

Desde o início deste livro, dissemos que a pergunta principal referente à historicidade de Jesus não era se ele existiu ou não. Pelo contrário, a questão é se Jesus viveu ou não o tipo de vida que os escritores do evangelho descrevem para ele. Esses escritores registram ousadamente que Jesus operou milagres.

Em vista de muitos hoje crerem que milagres são impossíveis, eles se sentem levados a duvidar da autenticidade dos relatos do evangelho. O historiador Michael Grant, por exemplo, falando do nascimento virginal de Jesus, afirma: "O historiador que não reconhece o seu nascimento milagroso da Virgem Maria, tem de concluir que seu pai era José, filho de Jacó (ou Heli)." (GraM.JHR 171)

F. F. Bruce observa: "Para muitos leitores essas histórias de milagres são a principal dificuldade na sua aceitação dos documentos do Novo Testamento como confiáveis." (BrF.NTD 62)

France explica:

> O motivo mais poderoso para questionar a confiabilidade histórica dos evangelhos, tem sido, sem dúvida, o fato de eles registrarem idéias e eventos estranhos à concepção dos eruditos ocidentais mais modernos daquilo que pode ser aceito como "histórico". No nível da narrativa encontramos anjos, milagres, ressurreição de mortos, experiência visionária de Jesus falando com homens mortos séculos antes, e a própria ressurreição física de Jesus. No nível do pensamento, os evangelhos imaginam um Deus que controla eventos, a quem os homens devem prestar contas, com uma perspectiva futura de céu ou inferno, e Jesus como aquele que determina o destino do homem. A cultura secular moderna não se sente confortável diante dessa visão mundial e total, fazendo com que muitos eruditos considerem que ela perdeu qualquer direito de ser considerada como "histórica". (FrR.G 86)

O termo *milagre* é um tanto difícil de compreender. Mesmo no

conciso *Webster's New World Dictionary* são dadas duas definições: "1. evento ou ação que aparentemente contradiz as leis científicas conhecidas; 2. uma coisa notável". (No Dicionário Aurélio, da Ed. Nova Fronteira, encontramos a seguinte definição: 1. Feito ou ocorrência extraordinária, que não se explica pelas leis da natureza; 2. Acontecimento admirável, espantoso; 3. Portento, prodígio, maravilha; etc. — N.Trad.) Quem quer que esteja familiarizado com os debates filosóficos sobre os milagres pode facilmente perceber que a definição escolhida faz com que os argumentos sigam em direções absolutamente diversas.

O Novo Testamento Grego e outras obras gregas da antigüidade usam duas palavras gregas diferentes para o termo *milagre*. A primeira é *dunamis*, significando literalmente "uma obra poderosa". A segunda, raramente usada por outros escritores gregos, mas bastante utilizada pelos escritores do evangelho, é *saymeion*, significando "sinal". Uma definição geral do Novo Testamento para *milagre* seria, então: "uma obra de poder raro ou invulgar que significa ou aponta para um fato significativo".

Os milagres de Jesus registrados nos evangelhos não tiveram o propósito de oferecer 100% de certeza objetiva aos curiosos hostis. Pelo contrário, Isaías 45.15 diz: "Verdadeiramente tu és Deus misterioso, ó Deus de Israel, ó Salvador". Jesus se recusou muitas vezes a operar milagres para aqueles que exigiam sinais dele, mas operou milagres para os humildes, abatidos, e os que geralmente seriam mais sinceros em sua aproximação de Deus. Isto estava de acordo com o caráter de Deus expresso em Jeremias 29.13: "Buscar-me-eis, e me achareis, quando me buscardes de todo o vosso coração".

OS MILAGRES SÃO POSSÍVEIS?

Descobrimos que uma atitude específica aparece repetidamente, quando a história está sendo observada. É o que chamamos de "ressaca de Hume". Trata-se do argumento do cético do século 18, David Hume, de que a crença pode ser justificada pela probabilidade e que a probabilidade está baseada na uniformidade ou consistência da natureza. Em outras palavras, estamos certos em crer nas experiências normais para a experiência humana ordinária. Qualquer coisa que seja única no que se refere à experiência humana normal — tal como um milagre — deve ser rejeitada.

Outro meio de expressar esta visão da história é que vivemos num universo fechado no qual nenhum elemento sobrenatural pode interferir. Em outras palavras, qualquer evento (passado, presente ou futuro) deve ter uma explicação natural. Isto descarta totalmente a intervenção do sobrenatural. Não importa o que aconteça ou quão forte seja a

evidência, esta atitude obriga a rejeição do que for sobrenatural ou miraculoso.

Uma análise detalhada do argumento de Hume revela uma abundância de inconsistências lógicas. Por exemplo, ele declara: "Mas é um milagre que um homem volte a viver, pois isso jamais foi observado em qualquer idade ou país". (HuD.IC 10.1) Não foi observado? Existem relatórios a respeito tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Não será mais o caso de Hume ter adotado uma abordagem onisciente de um *a priori*, excluindo como válidos todos os relatórios de milagres? E se, por exemplo, for provado conclusivamente que a ressurreição de Lázaro é autêntica? Então, segundo a definição de Hume, a ressurreição de Jesus não é mais um milagre. Não é de admirar que a Bíblia chame esses eventos de "obras poderosas" e "sinais de comprovação". Isso evita todos os conflitos filosóficos e nos leva de volta à evidência histórica.

Hume argumenta: "Como uma experiência uniforme significa uma prova, existe aqui uma prova direta e plena, através da natureza do fato, contra a existência de qualquer milagre". (HuD.IC 10.1) Mas uma experiência uniforme significa realmente uma prova absoluta contra os milagres? Se há um Deus, então a primeira vez na história que Ele realizar um determinado milagre será precedida por uma experiência uniforme contra esse milagre. Mas tal experiência uniforme não impede que um Deus Todo-Poderoso realize uma obra como essa.

A falha do argumento da "experiência uniforme" é que ele não se sustenta em todas as circunstâncias. Por exemplo, quando os exploradores voltaram à Austrália com relatórios de um mamífero semi-aquático, ovíparo, com uma cauda larga e achatada, pés palmados e um bico como o de pato, suas informações desafiaram toda a experiência uniforme anterior classificada sob as leis da taxionomia. Hume teria de dizer que "a experiência humana significa uma prova...uma prova direta e completa, através da natureza do fato, contra a existência de qualquer ornitorrinco com bico de pato! Mas o seu ceticismo quanto a esse animal não impediria a sua existência.

Na Parte 2 do seu argumento, Hume fala das exigências necessárias para obter "plena segurança". (HuD.IC 10.2) Mas se houver necessidade de que um fato seja 100% certo para ser digno de crédito, devemos, então, anular quase todos os fatos da história e da ciência como sendo confiáveis.

Hume continua no parágrafo seguinte da Parte 2:

> A paixão da surpresa e da admiração, advinda dos milagres, por ser uma emoção agradável, inclina sensivelmente o indivíduo a crer nos eventos dos quais ela deriva. Isto chega ao ponto de fazer com que até aqueles que não gozam imediatamente desse prazer, nem podem crer nos eventos miraculosos dos

> quais foram informados, gostem mesmo assim de participar da satisfação de segunda mão, ou reação tardia, e ter orgulho e prazer em suscitar a admiração de outros. (HuD.IC 10.2)

Este argumento pode ajustar-se à sociedade do século 18 de Hume, mas perde o sentido quando aplicado aos cristãos do século 1° a.D. Aqueles homens e mulheres receberam insultos, censuras, perseguição e morte por terem espalhado o "boato" da ressurreição e outros relatos milagrosos sobre Jesus.

Num parágrafo posterior, Hume declara: "As muitas instâncias de milagres, profecias e eventos sobrenaturais forjados...deveriam certamente gerar suspeita contra todas as relações deste tipo". (HuD.IC 10.2) Mas uma nota de cem dólares falsificada significa que devemos suspeitar que toda nota desse valor seja falsa?

> Dizer simplesmente que, por causa de alguns eventos sobrenaturais registrados serem ridículos e falsos, nenhuma ocorrência sobrenatural ou milagre é, portanto, verdadeira, seria denotar um raciocínio falho. Trata-se de "culpa" por associação ou um caso de jogar o bebê fora com a água do banho. (McJ.A. 74)

Hume argumenta contra a possibilidade de milagres, afirmando que "isso faria supor que todas as relações sobrenaturais e milagrosas são quase sempre observadas entre os povos ignorantes e bárbaros" (HuD.IC 10. 2) Mas Hume simplesmente deixa de reconhecer aqui as diferenças entre superstição e efeitos mágicos, e eventos sobrenaturais que levam as marcas da autenticidade. Colin Brown, Professor de Teologia Sistemática no Seminário Teológico Fuller, afirma:

> Seria igualmente ingênuo para o homem moderno pensar que os milagres foram de alguma forma mais fáceis de aceitar no mundo antigo do que hoje. Se os milagres fossem tão comuns na antigüidade como popularmente supomos, dificilmente seriam considerados milagres e não se distinguiriam do curso normal dos eventos. Na verdade, os milagres no Antigo Testamento são raros e distanciados entre si. Naqueles mencionados, é dada freqüentemente ênfase ao controle da natureza por Javé (como nas pragas do Egito e na travessia do Mar Vermelho) em vez das violações da natureza. Se havia uma diferença entre atitudes antigas e modernas com relação a milagres, ela não se transformou em testemunho real do que é milagroso. Apesar da enorme diferença quanto à compreensão da natureza e da ciência por parte do homem moderno e do antigo, o miraculoso continuava ainda miraculoso para o homem da antigüidade. (BrC.M. 281)

O argumento de Hume parece persuasivo como um todo, principalmente por causa da sua habilidade como escritor. Todavia, as

inconsistências lógicas do seu argumento exigem que a sua conclusão seja rejeitada.

O Dr. Lawrence Burkholder, ex-presidente do Departamento da Igreja da Harvard Divinity School, admite que sua abordagem da história foi grandemente influenciada pelo argumento de Hume: para que algo seja verdadeiro ele deve conformar-se à uniformidade da natureza. Depois de compreender que cada evento histórico é único até certo ponto e de certo modo, ele confessou: "Estou começando a sentir as limitações de Hume." (BuL.DCR 12:6)

O Dr. Burkholder diz que o argumento de Hume contra os milagres

> limita a possibilidade de aceitar o que em períodos e eventos posteriores descobri ter sido um fato. Ele está me dizendo que não posso, na verdade, crer em coisa alguma a não ser que isso corresponda à experiência passada. Mas sinto-me cada vez mais inclinado a recusar-me a prever o futuro. Estou me tornando cada vez mais modesto, quando se trata de dizer o que é ou o que não é possível, o que pode ou o que não pode acontecer no futuro. Esta mesma modéstia está começando a tomar a forma de uma relutância de minha parte em dizer o que poderia ter acontecido ou não no passado. (BuL.DCR 12:6)

O Professor Burkholder acrescenta: "Parece que tenho pelo menos algum direito de aceitar a possibilidade de que possa ter acontecido algo que, por analogia, chamaríamos de ressurreição." (BuL.DCR 12:7)

O Professor Clark Pinnock, falando de sua confiança na metodologia de Hume e da necessidade de naturalizar todos os eventos históricos, salienta que

> a experiência contra os milagres só é uniforme se soubermos que todos os relatos sobre milagres são falsos, e isto não sabemos. Ninguém tem um conhecimento infalível das "leis naturais", de modo a poder excluir desde o início a possibilidade de eventos únicos. A ciência pode dizer-nos o que *aconteceu*, mas não o que *pode* ou *não* acontecer. Ela observa os eventos; ela não os cria. O historiador não dita o que a história contém; ele fica aberto para tudo o que as testemunhas relatarem. Apelar para Hume evidencia ignorância da história. (PiC.TT 12:8)

O Dr. Wolfhart Pannenberg, da Universidade de Munique, acrescenta: "A questão...de algo ter acontecido ou não num determinado espaço de tempo há milhares de anos só pode ser estabelecida pelo argumento histórico." (PaW.DC 12:10)

O Dr. John Warwick Montgomery, escrevendo sobre aqueles que ainda aderem a um sistema fechado (todos os eventos têm explicação natural), exclama:

> Desde Einstein, nenhum homem moderno teve o direito de eliminar a possibilidade dos eventos por causa de um conhecimento anterior da "lei natural". A única maneira de sabermos se um evento *pode* ocorrer é verificar se ele de fato *ocorreu*. O problema dos milagres deve ser, então, resolvido na esfera da investigação histórica e não na da especulação filosófica. (MoJW.WHG 71)

Com o passar da época newtoniana, precisamos deixar espaço para o elemento imprevisível, inesperado e incalculável no universo. (NeW.RB 33)

O Dr. Vincent Taylor, um crítico proeminente do Novo Testamento, adverte contra o excesso de dogmatismo. Com respeito às limitações da ciência para avaliar o miraculoso, ele escreve:

> Nos últimos 50 anos fomos muitas vezes abalados por descobertas que antes eram consideradas impossíveis. Vivemos para presenciar a fragmentação do átomo e ver os próprios cientistas falando do universo "mais como um grande pensamento do que como uma grande máquina". Esta mudança de opinião não reconhece naturalmente o miraculoso, significando, no entanto, que, sob as condições certas, os milagres não são impossíveis; nenhum dogma científico ou filosófico serve de obstáculo. (TaV.FGT 135)

O francês Ernest Renan condenou a ressurreição de Jesus. Ele admitiu ter começado sua pesquisa da vida de Jesus supondo: "Milagre é coisa que não existe. Portanto, a ressurreição não teve lugar." Tal atitude jamais seria tolerada num tribunal. A conclusão de Renan sobre a ressurreição de Jesus *não* se baseou numa investigação histórica, mas numa especulação filosófica.

Este conceito se parece com o do homem que disse: "Já tomei minha decisão — não me confunda com fatos!"

AVALIANDO AS REIVINDICAÇÕES DE MILAGRES

Reivindicações Helenistas de Milagres

> Existe um velho teatro e santuário de Dionísio entre a praça do mercado e o Menius. A estátua do deus é obra de Praxíteles. Os eleanos, dentre os deuses, adoram especialmente Dionísio; de fato, eles dizem que os seus deuses invadem o Thyia (um templo de Dionísio) durante a festa anual...Os sacerdotes levam três chaleiras vazias para o prédio e as colocam lá dentro, na presença dos cidadãos e dos estrangeiros, caso estejam ali. Os sacerdotes e quaisquer outros que assim o desejarem, colocam um selo nas portas do edifício. De manhã, eles se aproximam

> para ler os sinais e, quando entram no prédio, encontram as chaleiras cheias de vinho. Essas coisas os homens mais dignos de confiança de Eli, e também os estrangeiros, juram ter acontecido. Isto foi contado oralmente; eu mesmo não compareci a um festival.[1]

Se alguém acreditar que os milagres são pelo menos possíveis, então o passo seguinte é avaliar a evidência para as reivindicações de milagres que forem feitas. David Hume tinha razão em sustentar que tanto a credulidade do homem quanto o desejo de enganar outros têm sido extensamente revelados através de toda a história.

O relato acima é típico das reivindicações de milagres na cultura grega. É também suspeito em vários pontos. Primeiro, Pausânio (escritor do século 2°) admite jamais ter observado o evento em pessoa, e a palavra "oralmente" sugere que os relatos foram provavelmente no nível dos boatos. Segundo, o suposto milagre é tão semelhante ao de Jesus nas bodas de Caná que ficamos imaginando se os sacerdotes de Dionísio haviam inventado algo para persuadir seus adeptos a não adotarem a fé cristã que crescia em ritmo rápido. Terceiro, o incidente tem muito do toque de um ato de mágica. Ele não é espontâneo e poderia ter sido realizado facilmente por alguém que tivesse permanecido no templo num compartimento oculto e colocasse o vinho nas chaleiras durante a noite. Em contraste, as obras espontâneas de Jesus funcionaram como sinais e satisfizeram as necessidades imediatas das pessoas. No casamento em Caná, Jesus foi aparentemente pressionado e estava prestando ajuda a um anfitrião constrangido que ficara sem vinho. O "milagre" de Dionísio parece ter sido, no entanto, uma produção encenada.

A vida de Apolônio (ou Apolonios) de Tyana, um neopitagórico que se sobressaiu na segunda metade do século 1° a.D., parece ter uma credibilidade bastante maior. Tudo que sabemos dele está contido em *The Life of Apollonius of Tyana* ("Vida de Apolônio de Tiana), uma biografia preparada por Flávio Filostrato, escrita não antes de 217 a.D. Filostrato nascera na cidade de Lemnos, cerca de 172 a.D., estudando retórica em Atenas. Mudou-se depois para Roma, onde adquiriu reputação como sofista e foi atraído para o "salão" da imperatriz literária e filosófica, Julia Domna, esposa de Sétimo Severo e mãe do imperador Caracalla. Caracalla doou fundos para a construção de um templo a Apolônio, em Tyana, e Julia encarregou Filostrato de escrever uma biografia adequada da vida de Apolônio. É importante notar que Filostrato estava sendo pago por aqueles que o encarregaram de escrever sobre alguém considerado um deus. Cartlidge e Dungan descrevem o resultado:

> Em outras palavras, justamente quando os arquitetos de

> Caracalla construíram um santuário de mármore para Apolônio, um dos retóricos da sua corte construiu um templo de palavras — com o mesmo propósito, isto é, celebrar a natureza divina de Apolônio e inspirar reverência por ele. Assim sendo, a narrativa de Filostrato é um catálogo virtual de cada artifício retórico conhecido dos escritores sofistas profissionais da época: presságios sobrenaturais súbitos, minidiálogos sobre os tópicos favoritos correntes, fragmentos coloridos da tradição arqueológica, muita magia, cenas de ação rápida, descrições surpreendentes de terras fabulosas, distantes, toques ocasionais de erotismo malicioso, e toda uma série de cenas "filosóficas": o Filósofo prega aos discípulos sobre a disposição de morrer pela verdade; o Filósofo é abandonado por seus discípulos covardes; o Filósofo confronta o tirano; o destemido Filósofo está sozinho e sem medo na prisão; o Filósofo defende a si mesmo vitoriosamente no tribunal, e assim por diante. Filostrato incluiu suficientes detalhes corretos para dar ao seu trabalho um toque de autenticidade. Mas mesclada com as pessoas e lugares reais se achava toda a sorte de cartas "oficiais" imaginárias, inscrições, decretos, e éditos, tudo amarrado por um diário de "testemunha ocular". Finalmente, para dar-lhe o sabor sobrenatural apropriado, ele incluiu várias ocorrências milagrosas, sobrenaturais: sonhos, previsão, "teleportation", exorcismo e, finalmente, desaparecendo da terra para só aparecer mais tarde no céu, a fim de convencer um discípulo hesitante sobre a imortalidade da alma. (CaDR.DSG 205-6)

A semelhança de tantos supostos milagres de Apolônio com os de Jesus faz o leitor suspeitar de que entre as fontes usadas por Filostrato estavam os vários relatos do evangelho e o livro de Atos. A obra de Filostrato poderia ser melhor descrita como ficção semi-histórica. Ela dificilmente seria a evidência necessária para sustentar uma crença séria nos milagres que descreve. Uma estudiosa do mito grego, Elizabeth Haight, concluiu que Filostrato escreveu

> com pleno conhecimento da biografia romântica de Xenofonte a respeito de Ciro, o Grande, como o rei ideal, das novelas gregas de guerra e aventuras, dos romances de amor gregos...e dos Atos Cristãos com um santo por herói. (Em vista de todas essas possibilidades) Filostrato preferiu apresentar um *theios aner*, um sábio divino, um filósofo pitagórico, como centro da sua história. Para tornar interessante a vida do seu herói e divulgar a sua filosofia, ele usou cada artifício dos romances gregos e latinos do séculos 2° e 3°. A credulidade, os discursos, as aspirações dos seus personagens pertencem tanto aos três primeiros séculos do império como à era dos Severos (quando ele escreveu). Com base nos anseios inquietos dessa época, Filostrato escreveu outro romance para ajudar os homens a escaparem do

> fardo de seus temores e se voltarem para as possibilidades mais agradáveis da vida. (HaE.ME 111ss)

Antes de terminar esta seção, precisamos enfatizar que a maioria dos relatos da atividade sobrenatural pode ser avaliada com base na evidência que sustenta (1) se o evento ocorreu ou não; e (2) se o efeito foi produzido por algum artifício ou engano do suposto operador de milagres. Ao mesmo tempo, é importante reconhecer que, se ocorrer um evento sobrenatural, isso não significa necessariamente que Deus está por trás dele. Em anos recentes, o interesse e participação acentuados na feitiçaria e no ocultismo confirmou para muitos a realidade de uma fonte sobrenatural descrita na Bíblia como "Satanás", "o diabo", e muitos outros termos afins. Se a visão mundial bíblica for correta, podemos esperar que efeitos sobrenaturais tenham ocorrido através de toda a história e cuja fonte é satânica.[2]

Milagres no Contexto Judeu

> Certa vez, disseram a Honi, o desenhista de círculos: "Ore para que chova"...Ele orou, mas não choveu. O que fez, então? Desenhou um círculo e ficou dentro dele, dizendo diante de Deus: "Senhor do mundo, teus filhos vieram a mim porque sou como um filho da casa diante de ti. Juro pelo teu grande nome que não me moverei até que sejas misericordioso para com teus filhos". Começou, então, a chuviscar. "Não pedi isto", disse ele, "mas por chuva para encher cisternas, covas e cavidades da rocha." Veio um aguaceiro. "Não pedi isto, mas uma chuva de graça, bênçãos e dons." Choveu, então, normalmente.[3]

Honi, o Fazedor de Círculos, chamado Onias, o Justo, por Josefo, era um dos hasideanos do século 1° a.C. Como outros dos homens santos carismáticos, ele não se tornou simpático a todos os judeus de sua época. De fato, Josefo relata que ele foi apedrejado até a morte por um grupo de judeus perversos. Em seguida à descrição acima, novos comentários mostram que os líderes religiosos toleravam mais Honi do que gostavam dele. Eles julgavam que ele se portava como uma criança mimada diante de Deus; não obstante, sabiam que Deus respondia às suas orações.

Em vista do que já dissemos sobre a tradição oral entre os judeus, esse relato de Honi parece historicamente crível. Ele foi feito por testemunhas oculares que eram menos do que admiradores amigáveis e foi transmitido de maneira confiável. O evento não parece ter sido ensaiado ou operado por um mágico. Pelo contrário, parece que Honi se classifica na linha de profetas do nível de Elias que também orou para que chovesse e cessasse a chuva. Não parece haver razão para negar que

o Deus de Israel podia ter operado este milagre.

Outra figura ainda mais próxima de Jesus no que se refere a tempo e localização geográfica foi Hanina ben Dosa. Hanina era um galileu do século 1°, de uma cidade que ficava 16,1 Km ao norte de Nazaré. Toda esta atividade registrada ocorreu antes de 70 a.D. Ele teria sido contemporâneo do apóstolo Paulo, embora não exista evidência de que eles tenham jamais se encontrado. É dito que curou, certa vez, o filho de Gamaliel, provavelmente o mesmo Gamaliel que Paulo afirmou ter sido seu professor. A história diz o seguinte:

> Nossos rabinos dizem que, certa vez, o filho de Rabban Gamaliel ficou doente. Ele enviou dois eruditos ao rabino Chanina ben Dosa para pedir-lhe a misericórdia de Deus para o filho. O rabino os viu chegar e foi para um quarto no alto da casa, onde pediu misericórdia para o enfermo. Quando desceu disse aos homens: "Vão, a febre o deixou". Eles responderam: "O quê? O senhor é profeta?" Ele disse: "Não sou profeta nem filho de profeta. Mas recebi isto através da tradição: Se minha oração intercessória jorrar de minha boca sem hesitação, sei que será respondida; caso contrário, sei que será rejeitada". Eles sentaram e escreveram o momento exato em que ele disse isso, e quando voltaram a Rabban Gamaliel este exclamou: "Pelo serviço do templo! Vocês não estão nem adiantados nem atrasados, mas foi isto que aconteceu: nesse momento exato a febre o deixou, e ele pediu água!"[4]

Hanina, como outros hasideanos carismáticos, ignorava algumas ou muitas das tradições da lei oral. Ele novamente parece posicionar-se na tradição dos profetas e exibir as marcas de uma relação verdadeira com o Deus de Israel. Vermes diz a respeito dele:

> A tradição apresenta Hanina como alguém que, para grande desgosto da esposa, vivia na mais extrema pobreza. Um contemporâneo mais jovem dele, o Rabino Eleazar de Modiim, considerava Hanina e os que eram como ele como a encarnação de "homens da verdade que odiavam o lucro perverso": isto é, aqueles que "odiavam o seu dinheiro e, mais ainda, o mamom de outras pessoas." A mesma falta de cobiça, de fato a mesma aceitação positiva da pobreza, inspirada pela absoluta confiança em Deus, é fundamental para que se tenha a perspectiva e prática de Jesus. *(VeG.JTJ 77)*

Não vemos necessidade de negar que o Deus de Israel possa ter perfeitamente operado por meio da vida de Hanina com respostas sobrenaturais à oração, como a citada acima. O relato tem as marcas do realismo e parece ter sido transmitido corretamente. Existem na literatura rabínica registros que parecem ser obviamente construídos

mais com o propósito de alcançar um objetivo do que para relatar informação histórica. Mas o episódio de cura de Hanina parece ser claramente o relato de um incidente histórico real.

Em contraste com os milagres helenistas, muitos dos milagres judeus, tais como o citado acima, possuem várias marcas de credibilidade. Uma delas se refere à questão do motivo. No mundo helenista, os milagres eram considerados como prova da autoridade divina. O mundo helenista também cria em muitos deuses e que grandes personalidades, como imperadores e imperatrizes, podiam tornar-se deuses ou deusas. Esses dois fatores operavam como forças motivadoras para os admiradores de certos indivíduos ou para que os próprios indivíduos enfeitassem as suas vidas com histórias de milagres. Isso não acontecia no mundo judeu. Para os judeu, os milagres eram sinais apontando para verdades particulares que Deus desejava revelar. Além disso, o povo judeu compreendia que nem todos os milagres vinham de Deus. Era necessário que eles provassem os profetas:

> Quando um profeta ou sonhador se levantar no meio de ti, e te anunciar um sinal ou prodígio, e suceder o tal sinal ou prodígio, de que te houver falado, e disser: Vamos após outros deuses, que não conheceste, e sirvamo-los, não ouvirás as palavras *desse profeta ou sonhador*; porquanto o SENHOR vosso Deus vos prova, para saber se amais o SENHOR vosso Deus de todo o vosso coração e toda a vossa alma. Andareis após o SENHOR vosso Deus e a ele temereis; guardareis os seus mandamentos, ouvireis a Sua voz, a ele servireis e a ele vos achegareis. Esse profeta ou sonhador será morto, pois pregou rebeldia contra o SENHOR *vosso Deus, que vos tirou da terra do Egito*, e vos resgatou da casa da servidão, para vos apartar do caminho que vos ordenou o SENHOR vosso Deus para andardes nele. Assim eliminarás o mal do meio de ti.[5]

Como resultado da atitude dos judeus em relação aos milagres, não havia motivo para eles atribuírem a qualquer indivíduo um feito sobrenatural, a não ser que tal incidente tivesse realmente ocorrido.

A atitude dos judeus em relação aos milagres também ajuda a explicar a razão de as autoridades nos dias de Jesus não ficarem muito impressionadas com os milagres dele. Até mesmo no *Talmud*, como notamos na Parte 1, os rabinos parecem aceitar totalmente o fato de Jesus e seus discípulos poderem realizar curas. Da mesma forma, como notamos antes, a parte confiável da menção de Jesus por Josefo atribui a ele "obras maravilhosas", cuja expressão é usada também para milagres. Os relatos do evangelho igualmente indicam que a preocupação dos fariseus não era se Jesus havia operado os milagres, mas sim, qual a fonte do seu poder.[6] Desde que eles concluíram que a fonte do

poder de Jesus não era Deus, cabia-lhes obedecer a Deuteronômio 13.1-5 e mandar matar Jesus. Embora tanto as fontes judias como as evangélicas indiquem que os membros aristocráticos do Sinédrio tinham razões egoístas para querer matar Jesus, os cristãos deveriam também reconhecer que havia provavelmente judeus piedosos no Sinédrio, os quais acreditavam sinceramente que Jesus era culpado de uma ofensa capital. Colin Brown enfatiza:

> Para o judaísmo oficial dos dias de Jesus, ele era um blasfemador que trabalhava às ocultas e que foi, então, justamente sentenciado à morte, especialmente se as suas atividades pudessem provocar um conflito desastroso com as autoridades romanas. Talvez a igreja cristã jamais tivesse apreciado completamente a importância de Deuteronômio 13 para a idéia oficial que os judeus faziam de Jesus. A passagem oferece uma pista todo importante para a atitude dos líderes judeus. A decisão de livrar-se de Jesus não foi só devida à inveja e à malícia. Aos olhos deles, Jesus era um pretendente messiânico e falso profeta que buscava justificar seus ensinos e práticas desviados por meio de sinais e prodígios. Para os líderes judeus, sinais e prodígios eram prova de culpa, fornecendo evidência clara (caso conseguissem testemunhas competentes para testificar) para justificar o expurgo do mal do meio do povo de Deus. (BrC.M 288)

Por último, a atitude judaica com relação aos milagres é profundamente significativa para um estudo acurado dos textos do evangelho. Os quatro escritores do evangelho refletem uma perspectiva judaica e não helenista. Como tal, os milagres que aparecem em seus textos não se encontram neles como adornos ou sequer provas da veracidade de seus relatos. Eles se encontram ali porque, quer gostassem ou não, os escritores do evangelho *tiveram* de incluí-los, caso devessem refletir o que ocorreu na vida terrena de Jesus.

Tentativas Naturalistas para Explicar os Milagres do Evangelho

Quando chega aos capítulos sobre os milagres e a ressurreição de Jesus em seu livro popular, *Jesus: A Evidência*, é que Ian Wilson fica mais desesperado. Concordamos com ele, quando diz: "Que Jesus realizou obras chamadas de 'milagres' pelos homens é, portanto, um dos itens de informação mais atestados sobre ele." (Wil.JTE 99) Não podemos, porém, concordar com a sua tentativa de explicação sobre como Jesus operou esses milagres.

Wilson teoriza, dizendo que Jesus era um mestre da hipnose que realizou seus milagres por meio do hipnotismo. Wilson focaliza principalmente os milagres de cura, mas ele tenta aplicar a teoria de hipnose à

transfiguração e à mudança de água em vinho em Caná. Ele sugere que os convidados bêbados na festa de casamento eram bastante passíveis à hipnose em massa. Quanto aos outros milagres na natureza, tais como Jesus andar sobre a água, acalmar a tempestade, e fazer murchar a figueira, não há menção deles. Ele talvez tivesse achado excessivo sugerir que Jesus tivesse hipnotizado a figueira!

Wilson introduz primeiro a histeria como causa de muitos tipos diferentes de doenças, inclusive "problemas deformantes de pele, cegueira, aparente incapacidade para ouvir ou falar, e todo o tipo de sintomas de moléstia mental." (WiI.JTE 102) Para apoiar este ponto, ele refere a seus leitores um capítulo do livro de Gordon Ambroses e George Newbold, *Handbook of Medical Hypnosis* ("Manual de Hipnoses Médicas"). (AmG.HMH) Isso não basta certamente para convencer um leitor objetivo de que Jesus viajou através de uma zona rural da Palestina cheia de pessoas histéricas. O que Wilson não diz, mas que deve ser verdade para que a sua teoria possa funcionar, é que cada pessoa curada por Jesus tinha de ser histérica. Já seria, então, um milagre o fato de Jesus possuir tamanha capacidade para detectar exatamente quem era ou não histérico!

O passo seguinte de Wilson é sugerir hipnose como a cura usada por Jesus em seus milagres. Um problema imediato com esta tese são as pessoas, tais como o servo do centurião e a filha da mulher sirofenícia, que Jesus curou a distância. Wilson não dá evidência de que a hipnose pode ser aplicada em alguém que não esteja presente.

Wilson dá exemplos de curas realizadas por meio da hipnose, mas até o seu exemplo mais celebrado (um indivíduo com ictiose, uma doença de pele bastante rara) teve um índice sucesso de apenas 50%-95% na área do corpo desse indivíduo que serviu como alvo do hipnotizador. Este cenário não se ajusta à informação dada nos relatos do evangelho. As curas de Jesus eram súbitas (com uma exceção) e completas, não havendo qualquer evidência de que ele tivesse feito uso de técnicas de hipnotismo.

Na página 106, Wilson faz uma fraca tentativa para sugerir que Jesus pode ter adquirido o seu conhecimento de hipnotismo dos egípcios e/ ou das religiões misteriosas. A evidência para o uso do hipnotismo no mundo antigo é tão escassa que Wilson sentiu-se aparentemente compelido a mudar apressadamente para outro tópico. Não há qualquer declaração em ponto algum de que o hipnotismo seja usado para efetuar o tipo de cura operado por Jesus.

A seguir, temos uma das afirmações mais incorretas de Wilson:

> Fica muito evidente através dos próprios evangelhos que, seja o que for que Jesus estivesse usando para os seus milagres,

> não era um elemento exclusivo da divindade, mas estava perfeitamente dentro da capacidade dos homens comuns. Os evangelhos o descrevem como enviando os discípulos para fazer o mesmo trabalho de cura que ele: "Tendo chamado os seus doze discípulos, deu-lhes Jesus autoridade sobre espíritos imundos para os expelir, e para curar toda a sorte de doenças e enfermidades" (Mt 10.1).

A citação ignora completamente o propósito da passagem em Mateus. Primeiro, a intenção do escritor era dizer que esta autoridade não "estava no poder dos homens comuns"; assim sendo, eles tinham de recebê-la de Jesus. Segundo, como já dissemos, os milagres de Jesus não pretendiam ser, nem teriam sido interpretados pelos judeus como prova positiva da divindade de Jesus. Terceiro, se Jesus podia curar a longa distância, ele certamente podia, então, dar a seus discípulos autoridade para efetuar curas em seu nome. Sugerir que Jesus simplesmente ensinou o hipnotismo a seus discípulos não só ignora o ponto da passagem, mas também torna mentirosos os evangelistas, embora eles estivessem dispostos a morrer por suas mentiras e sem lucrar nada com isso. Este ponto também se relaciona com o comentário de Wilson na página 13:

> Morton Smith interpretaria deste modo a "viagem" encomendada a Lázaro: os quatro dias no túmulo não foram passados em morte real, mas num transe semelhante à morte, muito fácil de induzir na hipnose. Isso pode ser até feito a distância, mediante sugestão pós-hipnótica.

Se Jesus colocou Lázaro num transe pós-hipnótico, semelhante à morte, Ele não foi, então, uma das maiores figuras da história, mas um dos mentirosos mais desprezíveis da história.

Na página 109, Wilson interpreta erradamente outra passagem:

> Jesus não era, portanto, de forma alguma, o único a possuir o poder de exorcisar. Tais práticas eram relativamente comuns e nem sempre bem-sucedidas, como fica perfeitamente ilustrado por um relato de uma tentativa frustrada de exorcismo pelos filhos do sumo sacerdote judeu Ceva, no livro de Atos: "E o possesso do espírito maligno saltou sobre eles, subjugando a todos, e, de tal modo prevaleceu contra eles, que, desnudos e feridos, fugiram daquela casa" (At 19.13-16).

O ponto desta passagem é que os filhos de Ceva (que estavam também tentando usar o nome de Jesus para realizar o exorcismo) não tinham a autoridade singular de Jesus para praticar o exorcismo. O leitor objetivo da passagem jamais extrairia dela a conclusão de que "tais práticas eram relativamente comuns".

Na página 143, no capítulo de Wilson sobre a ressurreição de Jesus, ele declara:

> No caso de as teorias do Dr. Morton Smith serem válidas, é possível que Estêvão tenha recebido uma das iniciações hipnóticas especiais, pois ele é certamente tido como um operador de "prodígios e grandes sinais" (At 6.8). Uma característica notável da hipnose é uma mudança facial surpreendente do indivíduo, enquanto no estado de "transe", cujo fenômeno pode explicar a informação em Atos de que, quando Estêvão se achava diante do Sinédrio, viram "seu rosto como se fosse rosto de anjo" (At 6.15)

É necessário dizer mais alguma coisa? O leitor sensível não vai reconhecer que a evidência está sendo aumentada para acomodar uma teoria impraticável?

Na página 144, falando da experiência de conversão de Paulo, Wilson declara que "a referência de Paulo a esse evento indica que ele mudara de direção por causa de algo com força hipnótica considerável". Como Paulo recebeu essa força hipnótica? Ele não estava absolutamente disposto (a disposição do paciente é um pré-requisito-chave para a hipnose bem-sucedida), e ele jamais se colocou sob um dos chamados iniciados, a fim de recebê-la. Devemos concluir que é necessário mais fé para crer na teoria de Wilson do que para acreditar nos relatos do evangelho de que Deus realizou todas essas coisas pelo Seu poder.

Marcas da Autenticidade nos Milagres do Evangelho

O contexto das narrativas sobre milagres no evangelho é a cultura judia e seu cenário do Antigo Testamento. Reisenfeld enfatiza:

> Se analisarmos os motivos que formam o conteúdo das narrativas dos milagres — e devemos interpretar os milagres como atos com um propósito simbólico que têm suas claras contrapartidas nos atos simbólicos análogos dos profetas do Antigo Testamento — descobrimos que o simbolismo de todos os milagres que ocorrem e são descritos nos evangelhos se apóia numa base genuína judia e do Antigo Testamento. Ele certamente não surgiu num meio helenista. (RiH.GTB 9)

Já citamos testemunhas hostis ao evangelho que indicaram que Jesus era, de fato, um operador de milagres. Essas referências incluíam: (1) a parte confiável do Testemunho Flaviano;[7] (2) uma referência do rabino Eliezer ben Hircano cerca de 95 a.D.;[8] (3) uma discussão rabínica cerca de 110 a.D. a respeito de ser permitido curar no nome de Jesus;[9] (4) uma declaração talmúdica de que "Jesus praticava a magia (referência judaica aos milagres satânicos) e desviou Israel";[10] e (5) a atribuição dos

milagres de Jesus à feitiçaria por Celso, crítico do século 2°.[11]

Os primeiros cristãos não tiveram de provar que Jesus realizara milagres. Eles simplesmente apelaram para o conhecimento de seus ouvintes. Menos de dois meses depois da crucificação de Jesus, no Dia de Pentecostes, Simão Pedro disse a uma grande multidão "Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós, com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou por intermédio dele entre vós, como vós mesmos sabeis..."[12] Pedro, portanto, apela para o conhecimento de testemunhas hostis, pois elas mesmas têm conhecimento dos milagres de Jesus. O fato de ele não ter sido imediatamente silenciado demonstra que os prodígios realizados por Jesus eram bem conhecidos. É significativo que este tipo de testemunho de primeira mão sobre os milagres não ocorra em outras religiões nem na mitologia grega ou romana.

Charles Anderson nota as seguintes marcas de autenticidade nos relatos do evangelho:

> Na sua maior parte, os milagres não foram realizados em particular. Em inúmeras ocasiões, havia incrédulos presentes, quando um milagre era operado. Os milagres de Jesus eram diversos em seu caráter, realizados em diferentes lugares, e durante um certo período de tempo. (AnC.CQ 130)

Além disso, as palavras e obras de Jesus estão de tal forma ligadas que grande parte do evangelho teria pouco ou nenhum sentido se os milagres fossem removidos.

Outra marca de autenticidade sobre os milagres de Jesus é que eles não foram obviamente realizados para inspirar temor, mas para confirmar uma mensagem. Bruce nota:

> Nosso Senhor não dava muita consideração à fé que tinha sua origem simplesmente no testemunho de milagres.[13] Seu desejo era que os homens compreendessem o significado dessas coisas. Eram sinais da era messiânica, tais como haviam sido prognosticados pelos profetas da antigüidade. (BrF.NTD 69)

Os milagres de Jesus estão de acordo com a realidade. Eles não aparecem como fantasias da imaginação. Pelo contrário, são apresentados como eventos históricos sérios que poderíamos esperar que ocorressem se um Deus sobrenatural estivesse tentando confirmar uma verdade interferindo na ordem natural. Bruce observa novamente:

> Existem, na literatura, muitas espécies diferentes de histórias de milagres; mas os evangelhos não pedem que creiamos que Jesus fez o sol viajar do ocidente para o oriente em certa ocasião, ou qualquer coisa desse tipo. Eles nem sequer Lhe atribuem monstruosidades como as que encontramos nos evan-

> gelhos apócrifos do século 2º. Em geral, eles se conformam ao seu "caráter" — isto é, à espécie de obras que pode ser esperada de uma pessoa do tipo que os evangelhos representam Jesus como sendo. Já vimos que nem mesmo nos primeiros extratos dos evangelhos encontramos um Jesus que não seja sobrenatural, e não devemos ficar surpresos se obras sobrenaturais Lhe forem atribuídas. (BrF.NTD 62)

Anderson afirma: "Não temos aqui exibição, fraude, tentativa de bajular o ego, coisas que tão completamente acompanham os milagres de outros fundadores de religiões." (AnC.CQ 127) Os milagres do evangelho também não refletem os elementos supersticiosos que são descritos em literatura cristã posterior, especialmente os da Idade Média.

Em vista dessas marcas de autenticidade dos milagres do evangelho, é razoável concluir, como faz Anthony Harvey, um importante erudito anglicano:

> Pode-se, em geral, dizer que as histórias de milagres nos evangelhos são diferentes de tudo o mais na literatura antiga...Elas não exageram o milagre nem acrescentam detalhes sensacionais, como acontece com os autores da hagiografia cristã primitiva (vidas de santos); mas também não mostram o tipo de indiferença, chegando às vezes perto do ceticismo, que é encontrado em Heródoto ou Luciano...A um grau raro nos escritos antigos, podemos dizer, para usar uma frase moderna, que elas contam a história como ela é. (HaA.J 110)

14

A CONFIABILIDADE DOS REGISTROS DA RESSURREIÇÃO

A ressurreição de Jesus de Nazaré é uma das fraudes mais perversas, viciosas, cruéis jamais impingidas à mente da humanidade... OU... o mais importante fato da história. Além disso, os escritores do evangelho que relatam a ressurreição física real de Jesus foram maldosamente enganosos, absolutamente iludidos, ou corajosamente honestos.

Como podemos crer na historicidade do Jesus dos evangelhos, quando os relatos da sua vida contêm uma história tão incrível sobre a sua ressurreição física e literal dentre os mortos? Se aceitarmos a historicidade de Jesus, devemos ter boas razões para crer que os escritores do evangelho escreveram corretamente sobre a ressurreição de Jesus. Se não fizeram isso, temos pouca esperança de nos haverem transmitido uma descrição exata do restante de sua vida.

Um volume anterior, *O Fator Ressurreição* ("The Resurrection Factor"), tratou da evidência para a ressurreição de Jesus. (Veja McJ.RF) Neste capítulo, vamos estreitar nosso foco para investigar apenas a evidência para a confiabilidade dos relatórios da ressurreição. Vamos investigar três áreas especiais de evidência: (1) a origem primitiva dos relatórios; (2) a natureza histórica dos relatórios; e (3) a crença cristã primitiva na ressurreição de Jesus.

ORIGEM PRIMITIVA

As Cartas de Paulo

Falamos principalmente neste livro sobre os relatos do evangelho da vida de Jesus. Todavia, os eruditos são virtualmente unânimes em aceitar que a primeira carta de Paulo aos Coríntios, assim como outras cartas que ele escreveu, são anteriores à forma acabada dos relatos do evangelho. Tanto Gálatas (escrita provavelmente em 48 ou 49 a.D., de Antioquia da Síria) como 1 Tessalonicenses (escrita mais provavelmente

em 50 ou 51 a.D., de Corinto) contêm declarações claras de que Deus levantou Jesus dentre os mortos. Paulo estava, então, escrevendo num período de 15 a 21 anos depois de a ressurreição ter realmente ocorrido. O primeiro testemunho de Paulo sobre a ressurreição, porém, reporta-se a aproximadamente três anos de sua ocorrência. Vamos explicar. Em 1 Coríntios 15.3-8 (escrita cerca de 55 a.D.), ele diz:

> Antes de tudo vos entreguei o que também recebi; que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. E apareceu a Cefas, e, depois, aos doze. Depois foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez, dos quais a maioria sobrevive até agora, porém, alguns já dormem. Depois foi visto por Tiago, mais tarde por todos os apóstolos, e, afinal, depois de todos, foi visto também por mim, como por um nascido fora de tempo.

Os eruditos não viram, nesta passagem, as palavras de Paulo, mas um relatório ou credo muito antigo que foi, de fato, "recebido" das primeiras testemunhas e que Paulo, então, "entrega" da mesma forma que lhe havia sido dado. O erudito judeu, Pinchas Lapide, menciona oito fatores lingüísticos que dão evidência do fato de Paulo estar transmitindo um relatório muito primitivo com respeito à ressurreição:

1. O vocabulário, estrutura da frase, e estilo não são claramente paulinos.
2. O paralelismo das três declarações individuais é formulado biblicamente.
3. Os três "*e que*" caracterizam o modo de narrar do aramaico e hebraico na "Mishna".
4. O "passivo divino" de "ser levantado" parafraseia o ato de salvação de Deus, a fim de não mencionar Deus, de acordo com o temor judeu desse nome.
5. A forma aramaica do nome "Cefas" e não Simão, conforme Lucas na passagem paralela 24.32, parece mais original.
6. A referência dupla "segundo as Escrituras" apóia duas vezes em três linhas tanto a morte como a ressurreição de Jesus — pois provavelmente corresponde à fidelidade da igreja primitiva à Bíblia hebraica.
7. "Os doze" (significa)... um grupo fechado das primeiras testemunhas...
8. Finalmente, a declaração, que em suas características básicas é repetida em quase todos os relatos posteriores da ressurreição, narra o curso de quatro eventos compreendidos como proporcionando salvação: Ele morreu pelos nossos pecados... foi

sepultado... ressuscitou... e apareceu... (LaP.R 98-99)

O erudito britânico, Professor James D. G. Dunn, afirma com respeito a 1 Coríntios 15.3-8:

> Paulo foi convertido dentro de um período dois a três anos depois da morte de Jesus, talvez num espaço ainda menor de dezoito meses depois das primeiras notícias de que Jesus fora visto vivo após a sua morte. E quase com toda a certeza ele recebeu este esboço básico do evangelho logo depois de sua conversão, como parte de sua instrução inicial. Em outras palavras, o testemunho de 1 Coríntios 15.3-8 se reporta a dois ou três anos depois dos eventos descritos. (DuJ.E 70)

Cinco anos após a crucificação, Paulo se encontrava em Jerusalém e teve oportunidade para confirmar com Pedro e Tiago esta declaração em forma de credo .[1] Ainda mais convincente é o desafio de Paulo que subjaz à frase: "Depois foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez, dos quais a maioria sobrevive até agora". Nas palavras de Sir Norman Anderson:

> Com essas palavras, ele pôs em risco toda a sua credibilidade; pois o que escreveu era, com efeito, um convite implícito a todos os que duvidavam de sua declaração poderem comprová-la, desde que a maioria das 500 testemunhas estava ainda viva para ser interrogada. No mundo antigo não seria uma tarefa assim tão difícil entrar em contato com algumas delas. (AnN.JC 121)

Em vista do testemunho anterior de Paulo sobre a ressurreição de Jesus, qualquer argumento alegando que este evento não passava de uma lenda é inconcebível. As lendas se desenvolvem no correr de muitas gerações e séculos e não no espaço de alguns anos.

Paulo também verifica se os leitores entenderam que ele está falando de uma ressurreição física. O Professor Robert Gundry, que ensina grego e literatura grega e estudos no Novo Testamento no Westmont College, mostra que Paulo "ao justapor o sepultamento e a ressurreição de Jesus, que significa literalmente 'levantar', deixa implícito que a sua ressurreição indica o levantar do seu corpo sepultado". (GuR.PR 4) Gundry continua:

> Na parte seguinte de 1 Coríntios 15, Paulo escreve sobre a futura ressurreição de crentes, de acordo com o padrão e com base na ressurreição de Jesus. O seu uso do termo grego *soma* nesta discussão diz, portanto, alguma coisa da natureza da ressurreição de Jesus. Se a futura ressurreição de crentes for somática, assim terá sido também a ressurreição de Jesus, pois é apenas natural deduzir isso da acima citada justaposição do

> sepultamento e levantamento. *Soma* significa corpo físico. Mesmo como metáfora, ela indica o corpo físico e apenas este como uma analogia para outra coisa qualquer. Bem aqui em 1 Coríntios, por exemplo, a famosa metáfora de Paulo sobre o corpo da igreja desce aos detalhes físicos das diferentes partes do corpo — cabeça, olhos, ouvidos, nariz, pés, mãos, etc. (12.12-27). (GuR.PR 5)

O Evangelho segundo Marcos

Embora as cartas de Paulo tivessem sido provavelmente escritas antes de completados os relatos do evangelho, há novamente forte evidência de que a narrativa de Marcos está baseada numa tradição muito antiga que se reporta às verdadeiras testemunhas.[2] A evidência inclui:

1. As partes da narrativa da paixão não fazem sentido quando separadas do resto. Assim sendo, os eruditos a aceitaram como um todo unido que já existia antes de Marcos escrever seu evangelho.
2. José de Arimatéia é especificamente mencionado pelo nome. Desde que, como membro do Sinédrio, seu nome teria sido bem conhecido, alguém que inventasse a história provavelmente não teria feito uso dele. Moreland afirma: "Ninguém poderia ter inventado uma pessoa que não existe e dizer que ela fazia parte do Sinédrio, se não fosse esse o caso." (MoJP.S 167) Qualquer um em Jerusalém poderia ir à sua casa e verificar pessoalmente a história.
3. A sepultura de Jesus está de acordo com o que a arqueologia vem revelando a respeito dos cemitérios judeus do século 1°.
4. Citar determinadas mulheres como as primeiras testemunhas do túmulo vazio era algo muito embaraçoso para os judeus do primeiro século. O testemunho feminino era considerado como praticamente inválido no tribunal, sendo dificilmente permitido. Nenhuma história inventada teria mencionado mulheres como as primeiras testemunhas, se quisesse alcançar credibilidade. Moreland nota: "Isto provavelmente explica por que as mulheres não são mencionadas em 1 Coríntios 15 e nos discursos de Atos, desde que esses discursos são evangelísticos." (MoJP.S 168) Além disso, o fato de Maria Madalena (alguém previamente possessa de demônios) ser citada teria erodido ainda mais a confiança no relato. A única razão possível para um escritor incluir esta informação seria por sentir-se obrigado a contar a verdade, toda a verdade, e

nada mais que a verdade.

5. A narrativa é restrita e despida das reflexões teológicas e enfeites mitológicos que sobejam nos evangelhos apócrifos. Por exemplo, em *O Evangelho de Pedro*, Jesus deixa o túmulo amparado por dois homens descidos do céu. As cabeças deles alcançam o céu, mas a de Jesus se estende para além das nuvens. Uma cruz acompanha os três. Ela responde sim a uma voz que pergunta: "Tu pregaste aos que dormem?"
6. A dificuldade de harmonizar todos os detalhes nos quatro relatos do evangelho mostra que os escritores os colocaram, quando eles (ou suas fontes) os viram.
7. A presença de formas semíticas de falar nega qualquer possibilidade posterior de influências helenistas mitológicas.

Este tipo de evidência indica que os relatos da ressurreição são tão primitivos que devem ter-se originado, como afirmam, dos próprios eventos que descrevem.

NATUREZA HISTÓRICA

Além da evidência indicando uma origem muito primitiva dos relatos da ressurreição, outra evidência demonstra que eles são históricos e não mitológicos, lendários, ou de natureza fictícia.

Falta de Adornos

A credibilidade dos relatos da ressurreição, tanto os dos escritores dos evangelhos como o de Paulo, é aumentada pela falta de adornos que normalmente se esperaria que acompanhassem um evento dessa magnitude. O erudito judeu, Pinchas Lapide, escrevendo de uma perspectiva judia, declara:

> O evento em nenhum lugar é chamado de "milagre", de evento de salvação, ou de obra de Deus, um fato que tende a apoiar a plausibilidade do relato para o leitor desinteressado. Não estamos lendo sobre os primeiros testemunhos de um espetáculo apocalíptico, sensações extremas ou o impacto transformador de um evento cósmico. (LaP.R 100)
>
> Segundo todos os relatos do Novo Testamento, nenhum olho humano viu a ressurreição em si, nenhum ser humano se achava presente, e nenhum dos discípulos foi tido como apreendendo o fato, muito menos compreendendo a sua maneira e natureza. Como teria sido fácil para eles ou seus sucessores imediatos preencherem esta lacuna escandalosa na concatenação dos eventos, por meio de enfeites fantasiosos! Mas precisamente

> porque nenhum dos evangelistas ousou "melhorar" ou enfeitar esta ressurreição não vista, o quadro total dos evangelhos é ainda mais digno de crédito. (LaP.R 97)

Esta é uma declaração notável, feita por alguém que não tem interesses pessoais a tratar. Continuando ao longo dessas mesmas linhas, Sir Norman Andersen pergunta:

> Que inventor de lendas iria atribuir a primeira entrevista com o Cristo ressurreto a Maria Madalena, uma mulher que não tinha uma posição muito importante na igreja cristã primitiva? Não iria ele atribuir tal honra a Pedro, o principal apóstolo; ou a João, "o discípulo que Jesus amava"; ou, mais provavelmente ainda, talvez, a Maria, mãe do Senhor? E quem pode ler a história da aparição a Maria Madalena, ou o incidente em que o Cristo ressurreto apareceu a dois discípulos na Páscoa, durante um passeio à tarde até Emaús, ou o episódio em que Pedro e Paulo apostaram corrida até o túmulo, e concluir seriamente que se trata de lendas? Elas são muito dignificadas e moderadas; muito reais em relação à vida e à psicologia. A diferença entre elas e a espécie de histórias registradas nos evangelhos apócrifos de um ou dois séculos mais tarde é tanto surpreendente como significativa. (AnN.JC 123)

A idéia de que a história da ressurreição derivou-se das religiões pagãs misteriosas e dos mitos gregos não é mais levada a sério. William Craig, Professor de Filosofia do Westmont College, tendo completado dois doutorados em estudos relacionados com esta área, tem um bom conhecimento da teoria helenista mítica e dos que a propagaram. Numa palestra recente em Peoria, Illinois, ele declarou: "Não conheço nenhum erudito ou historiador conceituado hoje que continuasse defendendo o ponto de vista de que as idéias cristãs da ressurreição foram derivadas das religiões pagãs paralelas."

Honestidade com Relação às Falhas dos Discípulos

Os relatos da ressurreição alcançam credibilidade ainda maior por causa da sua sinceridade ao informarem o leitor da falha dos discípulos em apreender o sentido da ressurreição ou em crer em Jesus após a ressurreição. As mulheres, a caminho do túmulo, não dão nenhuma indicação de esperar que Jesus tivesse ressuscitado fisicamente, mostrando não terem compreendido as predições dele sobre levantar-se dentre os mortos. Maria Madalena diz mais de uma vez: "Tiraram do sepulcro o Senhor e não sabemos onde o puseram" (Jo 20.2; cf. Jo 20.15).

Lucas 24.11 diz que as palavras das mulheres pareceram insensatas aos discípulos. Só o "outro discípulo" (provavelmente João), que

correu para o túmulo com Pedro, teve o mérito de "crer". Marcos 16.11 afirma que, quando os discípulos ouviram o relato das mulheres, eles "não acreditaram". E por que deveriam? Maria Madalena havia sofrido antes de instabilidade mental, uma condição da qual só fora curada por Jesus ter expulsado sete demônios dela. Os discípulos talvez pensassem que ela sofrera uma recaída.

Depois de Cleopas e outro discípulo se encontrarem com Jesus ressuscitado na estrada de Emaús, eles voltaram para contar aos outros discípulos o que haviam visto. "Mas também a estes dois eles não deram crédito", diz Marcos 16.13.

Jesus veio, então, colocar-se em seu meio e "censurou-lhes a incredulidade e dureza de coração, porque não deram crédito aos que o tinham visto ressuscitado" (Mc 16.14). Lucas 24.38-46 descreve as tentativas de Jesus para vencer a incredulidade deles. João 20.20 diz simplesmente: "lhes mostrou as mãos e o lado".

Temos, a seguir, Tomé. Desde que ele não estava presente ao primeiro encontro de Jesus com todos os discípulos reunidos, ele responde à narrativa dos outros discípulos: "Se eu não vir nas suas mãos o sinal dos cravos, e ali não puser o meu dedo, e não puser a minha mão no seu lado, de modo algum acreditarei" (Jo 20.25). Jesus apareceu, portanto, a todos os discípulos, inclusive Tomé, oito dias mais tarde.

Mas nem tudo isso bastou para os discípulos. Se a nossa cronologia estiver correta, só depois dos eventos descritos acima é que os discípulos, em obediência às instruções originais de Jesus, prosseguem para a Galiléia "para o monte que Jesus lhes designara" (Mt 28.16). Você pode imaginar os discípulos esperando Jesus aparecer? Os dias se passam e ele não vem. Esse monte provavelmente ficava acima do Mar da Galiléia e, sem dúvida, alguns dos pescadores do grupo olhavam as águas, refletindo como seria bom fazer uma boa pescaria. Pedro diz finalmente o que os outros deveriam estar pensando: "Vou pescar". Tomé, Natanael, João, Tiago e dois outros discípulos foram com ele.

Enquanto estão pescando, Jesus aparece, dizendo a eles onde lançar a rede, a fim de obter uma boa pesca. A seguir, depois de comer e conversar com Pedro e os outros que haviam estado pescando, parece que Jesus deve ter ido de volta com eles para o lugar onde os outros ainda aguardavam no monte. Mas Mateus 28.17 declara: "E, quando o viram, o adoraram; *mas alguns duvidaram*".

A honestidade dos escritores do evangelho em descrever todas essas dúvidas dos discípulos fala alto e bom som que esses relatos são de natureza histórica, bem diferentes das mitologias populares que cercavam as religiões pagãs.

Contraste com as Lendas Judias

Pinchas Lapide, fortemente dedicado à fé judia, tem, no entanto, cuidado ao distinguir entre a natureza histórica da ressurreição nos evangelhos e as narrativas enfeitadas que encontra nos targuns e na midrash judeus. Ele explica:

> Os targuns são traduções dos textos bíblicos na linguagem aramaica popular, feitas antes dos dias de Jesus. Eles adornavam essa tradução mediante declarações parafrásticas, ampliações e explanações. Outro exemplo é a midrash — essa "investigação das Escrituras" que freqüentemente usa o texto bíblico apenas como um ponto de partida para uma pletora de ensinos morais, homilias, lendas e contos, a fim de aprofundar as Escrituras Sagradas e "trazer o céu para mais perto da comunidade". (LaP.R 101)
>
> Acusar os rabinos e evangelistas de fraudar ou de mentir seria tão estranho para os judeus e os judeu-cristãos daquela época, quanto uma acusação de "embelezamento" contra a peça *Macbeth* seria para nós. A melhor prova da fé sólida na ressurreição é, provavelmente, a maneira realista em que os dois evangelhos mais antigos descrevem a morte penosa e o grito de desespero de Jesus na cruz: "Mas Jesus, dando um grande brado, expirou" (Mc 15.37). (LaP.R 109-10)

Outras Evidências

Outras evidências para a natureza histórica dos relatos da ressurreição incluem:

1. Não há menção de o túmulo de Jesus jamais ter sido venerado, como foram aqueles de pelo menos 50 outros profetas, inclusive, mais tarde, Hanina ben Dosa. A única explicação plausível é que os ossos de Jesus não estavam mais ali. YaE.EMH 4:4-16
2. Mateus registra que a única reação judia à pregação da ressurreição foi acusarem os discípulos de terem roubado o corpo. Este é um reconhecimento implícito de que o túmulo estava vazio como descrevem os relatos da ressurreição.
3. Da mesma forma, teria sido impossível pregar a ressurreição em Jerusalém, se o túmulo ainda contivesse o corpo de Jesus. A grande pergunta é, então, esta: "Quem ficou com o corpo?" Esta questão é tratada no livro *The Resurrection Factor*. Por agora, basta verificar que os registros do túmulo vazio são confirmados pelas situações históricas.
4. Se alguém inventou a história da ressurreição, os discípulos iriam, com certeza, estar nas ruas no dia seguinte proclamando-a. Mas os escritores do evangelho incluem uma demora de

dezessete semanas, durante as quais os discípulos estavam se reunindo para orar e ver aparições ocasionais de Jesus. Durante esse período, eles parecem estar geralmente confusos e impotentes com respeito à sua missão. Só depois de terem recebido o Espírito Santo no Pentecostes é que se tornaram testemunhas corajosas. Falta, então, às narrativas sinais de terem sido fabricadas. Suas descrições de circunstâncias anormais atestam a sua veracidade.

Mas, e as Contradições?

Embora Lapide argumente a favor da ressurreição física literal de Jesus, ele, contudo, acompanha outros eruditos críticos, quando fala sobre a ressurreição nos evangelhos:

> Em nenhuma outra área da narrativa do Novo Testamento as contradições são tão berrantes. Em nenhum outro lugar as oposições são tão óbvias e as descrições contrastantes tão discutíveis como na esfera da ressurreição de Jesus. (LaP.R 34-35)

Ian Wilson acusa: "Os vários relatos da cena no túmulo vazio, na primeira manhã de Páscoa, são tão cheios de inconsistências que é fácil ridicularizá-los." Na verdade, os que enxergam contradições nos relatos da ressurreição, com freqüência deixam ver que eles os estudaram apenas superficialmente. Ian Wilson, por exemplo, acusa: "O escritor do evangelho de João descreve Maria Madalena chegando sozinha ao túmulo... O autor de Mateus relata que Maria Madalena estava acompanhada de 'Maria, mãe de Tiago e José'" (WiI.JTE 138) Não há, de fato, qualquer contradição aqui. Seria possível resolver o problema, dizendo apenas que João focalizou unicamente Maria Madalena, enquanto Mateus focalizou o grupo. Na verdade, a contradição aparente é apenas uma de uma série de pistas que ajudam a responder a perguntas, tais como onde as mulheres ficaram no sábado e que caminhos elas tomaram para o sepulcro na manhã de domingo. Toda a cena é impressivamente revelada pelo renomado erudito britânico do Novo Testamento, John Wenham, em seu livro *Easter Enigma* ("Enigma da Páscoa"). (WeJW.EE) Ele reúne nessa obra a evidência disponível para demonstrar que os registros da ressurreição não contêm contradições, mas pistas para as muitas atividades individuais e em grupo das testemunhas-chave dos eventos da crucificação e ressurreição de Jesus.

Qualquer advogado que tenha enfrentado a tarefa de reunir testemunho aparentemente conflitante no tribunal, pode compreender como é difícil reconciliar uma contradição entre duas testemunhas.

Durante vários anos, até a sua aposentadoria, Sir Norman Anderson foi Diretor do Instituto de Estudos Legais Avançados na Universidade de Londres. Como alguém perfeitamente familiarizado com os aparentes conflitos nas declarações de diferentes testemunhas, ele afirma:

> Devo confessar que estou estarrecido com a maneira como algumas pessoas — eruditos bíblicos entre elas — estão preparadas para fazer as declarações mais categóricas de que não é possível reconciliar esta história com aquela, ou que tais e tais declarações são completamente irreconciliáveis, quando um leve interrogatório das testemunhas, se isto fosse possível, poderia clarear perfeitamente todo o problema. Algumas vezes, uma solução experimental talvez não esteja, de fato, tão longe, mesmo sem esse interrogatório, embora a reconciliação sugerida não possa ser naturalmente provada. Em outros casos, pode muito bem haver uma solução satisfatória que nos foge. (AnN.JC 139)

As soluções para as aparentes contradições bíblicas nos fazem acreditar que outros supostos conflitos também tenham solução. Com freqüência, as soluções revelam quão precisamente Deus se comunicou conosco na Bíblia. As aparentes contradições se tornam confirmações seguras da exatidão minuciosa e confiabilidade da Bíblia.[3]

CRENÇA CRISTÃ PRIMITIVA

Quase todos os eruditos bíblicos concordam virtualmente hoje que, se Jesus foi ou não ressuscitado dentre os mortos, pelo menos os primeiros discípulos criam sinceramente que isso ocorrera. A pergunta é, então: de onde os primeiros cristãos extraíram essa crença na ressurreição? Craig declara:

> Se não fosse pela crença na ressurreição de Jesus, o cristianismo jamais teria nascido. A crucificação poderia ter permanecido como a tragédia final na vida sem esperança de Jesus. A origem do cristianismo está ligada à crença desses primeiros discípulos de que Jesus se levantara dentre os mortos. Surge, agora, inevitavelmente a pergunta: Como se explica a origem dessa crença? R. H. Fuller insta, até o crítico mais cético deve postular algum X misterioso para fazer com que o movimento avance, mas a questão é, o que era esse X? (CrW.RO93)

Os eruditos, especialmente na Alemanha, experimentaram e acharam falhas na teoria de que o cristianismo tomou de empréstimo a sua história da ressurreição dos mitos gregos e religiões pagãs misteriosas. Portanto, os eruditos estão cada vez mais procurando as raízes judias dos relatos da ressurreição.

Não há dúvida de que os líderes religiosos judeus criam numa

ressurreição física. Craig resume parte da evidência mais importante:

> A doutrina judaica da ressurreição é confirmada três vezes no Antigo Testamento (Ez 37; Is 26-29; Dn 12.2) e vicejou durante o período intertestamentário (2 Macabeu 7.9-42; 12.43-5; 1 Enoque 5.7; 22.1-14; 51.1; 61.5; 90.33; 91.9-10; 100.4-5; Testamento dos Doze Patriarcas (Judá) 25.1,4; (Zebulon) 10.2; (Benjamin) 10.16-18; 2 Baruque 30.2-5; 50.1; 4 Esdras 7.26-44). Isso não resultou provavelmente de influências iranianas, mas do desenvolvimento lógico do poder de Javé sobre a morte e o futuro (Sl 16.10; 49.16; Is 25.8; 49.16). A morte dos mártires judeus constituiu um estímulo poderoso para o desenvolvimento dessa doutrina. Nos dias de Jesus, a crença na ressurreição corporal se tornara uma esperança difundida, sendo apoiada pelos fariseus, a quem Jesus favorecera nessa divergência contra os saduceus (Mt 22.23-33; cf. At 23.8). (CrW.RO 4)

Existem duas diferenças significativas, porém, entre a crença judia na ressurreição física e a crença cristã na ressurreição de Jesus. Primeiro, embora a história bíblica judaica contivesse registros de ressurreição, o povo judeu acreditava que a verdadeira ressurreição corporal só ocorreria no fim dos tempos ou da história e não dentro da história como um evento histórico. Toda pessoa "ressuscitada" eventualmente morria outra vez. Segundo, a visão judaica da ressurreição era concebida como sendo geral e não de um único indivíduo. Esses dois aspectos, de que a ressurreição seria (1) geral e (2) no fim da história, estão sempre em vista na percepção judia da ressurreição. Nas palavras de Craig:

> Assim sendo, quando Jesus assegura a Marta que seu irmão Lázaro viverá novamente, ela responde: "Eu sei que ele há de ressurgir na ressurreição, no último dia" (Jo 11.24). Ela não tem idéia de que Jesus irá trazê-lo de volta à vida. Da mesma forma, quando Jesus diz aos seus discípulos que ele se levantará dentre os mortos, eles pensam que ele fala do fim do mundo (Mc 9.9-13). (CrW.CS 93)

Dunn enfatiza:

> A ressurreição que os fariseus aguardavam era a dos mortos no fim da história, a "ressurreição geral" — a ressurreição da qual Daniel fala: "Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e horror eternos" (Dn 12.2). O aspecto invulgar da reivindicação cristã era a sua crença de que só Jesus fora levantado antes do fim. (CuJ.E 73)

De acordo com a crença judia, não existe, portanto, nenhuma razão para os primeiros cristãos terem passado a crer na ressurreição corporal

(1) dentro da história, ou (2) de um só indivíduo, a saber, Jesus. Segundo Craig, "O X misterioso ainda está faltando". (CrW.RO 6) Somos, então, levados de volta aos relatos da ressurreição para obter uma explicação.

Além disso, embora os primeiros cristãos, quase todos judeus, continuassem a adorar nas sinagogas e a observar o sábado como dia de descanso, eles também começaram a se reunir no primeiro dia da semana (At 20.7) para "partir o pão", mais provavelmente para celebrarem a ressurreição de Jesus. (Veja CaDA.FS 280-302) Esta prática aponta novamente para as narrativas da ressurreição como única explicação.

Finalmente, as vidas dramaticamente mudadas dos primeiros cristãos exigem uma explicação igualmente dramática como uma causa provável. Neste sentido, o testemunho do erudito judeu não cristão Pinchas Lapide é muito poderoso. Não usamos o termo "não cristão" com desprezo, mas sim, no sentido de que Lapide não crê em Jesus como o Messias. Todavia, num gesto forte de reconciliação com aqueles que julga serem seus irmãos na fé no Deus vivo e verdadeiro de Abraão, Isaque e Jacó, Lapide expressa sua firme convicção na realidade histórica da ressurreição física de Jesus:

> Como pode ser explicado que, contra todas as probabilidades, os seus adeptos *não* acabaram se dispersando, *não* foram esquecidos, e a causa de Jesus *não* chegou ao seu final infame na cruz?
>
> Como alguém que proclamava a salvação, três vezes decepcionado, três vezes decepcionante, poderia tornar-se o ponto de partida da maior e mais influente religião mundial?
>
> Como foi possível a seus discípulos, que de forma alguma se sobressaíam na inteligência, eloqüência, ou firmeza na fé, começarem a sua vitoriosa marcha de conversão só *depois* do esmagador fiasco no Gólgota — cuja marcha colocou todos os seus sucessos antes da Páscoa completamente na sombra?
>
> Em outras palavras: Como os adeptos de Jesus puderam, mesmo assim, vencer essa medonha decepção, como Jesus apesar de tudo se tornou o Salvador da igreja, embora as suas predições não fossem cumpridas e sua esperada parousia não tivesse tido lugar? (LaP.R 69)

Lapide responde a essas perguntas, revendo seus próprios conflitos e as conclusões a que o levaram este estudo:

> Com relação à futura ressurreição dos mortos, sou e continuo sendo um fariseu. (Os fariseus acreditavam na ressurreição corporal.) Com respeito à ressurreição de Jesus no domingo de Páscoa, fui durante décadas um saduceu. (Os saduceus não criam na ressurreição corporal.) Não sou mais um saduceu desde que a seguinte deliberação me fez refletir melhor sobre isto. Em

> nenhum dos casos em que a literatura rabínica fala de tais visões, elas resultaram numa mudança essencial na vida do ressuscitado ou daqueles que as experimentaram. Só resta a visão, recapitulada com admiração e fé e algumas vezes enfeitada, mas que não teve quaisquer conseqüências notáveis.
>
> As coisas foram diferentes com os discípulos de Jesus naquele domingo de Páscoa... Desde que aquele grupo assustado e amedrontado de apóstolos, prestes a abandonar tudo e voltar em desespero para a Galiléia, desde que aqueles camponeses, pastores e pescadores, que traíram e negaram seu mestre e depois falharam miseravelmente para com ele, puderam mudar repentinamente da noite para o dia, transformando-se em uma sociedade missionária confiante, convencida da salvação e capaz de trabalhar com muito maior sucesso depois da Páscoa do que antes, então nenhuma visão ou alucinação é suficiente para explicar uma mudança assim tão revolucionária. Para uma seita, escola ou ordem, talvez uma única visão pudesse bastar — mas não para uma religião mundial que foi capaz de conquistar o ocidente, graças à fé pascal. (LaP.R 125-26)

O erudito britânico, C. F. D. Moule declara sobre o mesmo ponto:

> Se o nascimento do Nazareno, um fenômeno inegavelmente confirmado pelo Novo Testamento, abre um grande orifício na história, um buraco do tamanho e forma da ressurreição, o que o historiador secular propõe para tapá-lo?... O nascimento e crescimento rápido da igreja cristã... permanece *um enigma insolúvel para qualquer historiador que se recusa a levar a sério a única explicação oferecida pela própria igreja.* (MoCF.PNT 3,13)

CONCLUSÃO

A evidência disponível aponta para uma origem bastante primitiva dos registros da ressurreição de Jesus. Os relatórios são tão antigos, de fato, que tiveram de originar-se com os próprios discípulos, falando de suas experiências daquela manhã de domingo, quando encontraram o túmulo vazio. Os relatos que fizeram eram de natureza histórica e não mitológica ou lendária. Esses relatos falam da ressurreição de Jesus de tal forma que a história não poderia ter sido tomada de empréstimo seja das expectativas helenistas ou judias. É, portanto, mais lógico aceitá-los como aqueles feitos por homens e mulheres simplesmente transmitindo as coisas que haviam observado. Em outras palavras, os relatos da ressurreição de Jesus são fontes históricas confiáveis do que realmente teve lugar.

15

MESSIAS E FILHO DE DEUS?

Os escritores dos quatro evangelhos referem-se repetidamente a Jesus como "Cristo", tradução grega para o hebraico "Messias" ou "Ungido". Ainda mais alarmante para a mente hebréia é o fato de os escritores do evangelho se referirem repetidamente a Jesus como o Filho de Deus. Colocando ambos juntos, Marcos começa seu relato: "Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus". Segundo Mateus 16.16, Pedro fez a mesma coisa, quando respondeu a Jesus: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo".

Essas declarações nas narrativas do evangelho (assim como os primeiros ensinos de Paulo e de outros) fazem surgir uma pergunta crítica quanto à questão da historicidade de Jesus: Se os escritores do evangelho escreveram erradamente sobre Jesus como Messias, Filho de Deus, e até mesmo Deus, é possível confiar em que nos darão uma descrição exata do Jesus histórico? Devemos discutir, portanto, se os escritores do evangelho estavam ou não errados em atribuir messiado e divindade a Jesus.

A idéia de que escritores judeus pudessem atribuir divindade a outro ser humano acarretou muitas críticas aos relatos do evangelho. Ian Wilson, em seu livro *Jesus, The Evidence,* deu a um capítulo o título "Como Ele Se Tornou Deus". Ele chega a afirmar nele que "nenhum evangelho considerou Jesus como Deus e nem mesmo Paulo fez isso." (WILJTE 168) Segundo Wilson, a deificação de Jesus foi primariamente um produto do Concílio de Nicéia no século 4° e não a crença dos primeiros cristãos.

Neste capítulo, portanto, é necessário classificar os detalhes históricos relacionados ao suposto messiado e divindade de Jesus. Ele pensava em si mesmo como Messias e Filho de Deus? O que ele queria dizer com "Filho de Deus" e "Filho do Homem"? O que o povo entendia que ele queria dizer com isso? A fim de responder a essas perguntas, temos de primeiro compreender como o povo esperava que o Messias fosse.

EXPECTATIVAS MESSIÂNICAS

Durante cerca de cem anos, a partir de 164 a.C., o povo judeu gozou de independência. O Professor Jim Fleming, refletindo sobre a perda da soberania nacional judaica, declara:

> Embora este período tivesse terminado abruptamente com a campanha dos romanos e do general Pompeu (63 a.C.), a esperança de restauração jamais desaparecera por completo. Jesus nasceu numa época em que o povo esperava a vinda do Messias (cf. Cantares de Salomão 17) e a libertação do jugo romano. (FIJ.LF 5)

Uma das melhores análises das expectativas messiânicas do século 1° foi feita por Geza Vermes. Ele observa que nesse período havia tanto uma crença popular difusa sobre como seria o Messias quanto várias opiniões divididas da minoria: "Pareceria mais adequado ter em mente a diferença entre as expectativas messiânicas dos judeus palestinos em geral e as especulações messiânicas peculiares e características de certas minorias instruídas e/ou esotéricas. (VeG.JTJ 130)

A fim de determinar que tipo de Messias as massas judaicas geralmente esperavam, Vermes adverte: "Uma resposta confiável pode ser encontrada na menos acadêmica, e ao mesmo tempo a mais normativa, forma literária: a oração".

Desse modo, uma das melhores fontes sobreviventes das expectativas messiânicas durante essa época são os *Salmos de Salomão,* provavelmente escritos pouco depois da conquista da Judéia pelos romanos em 63 a.C. Esses salmos (que não foram obviamente escritos por Salomão) refletem a opinião comum de um Messias justo, que reinaria e iria restabelecer militarmente a soberania de Israel e restaurar um governo justo sobre a nação:

> Ouve, Senhor, e levanta diante deles o seu rei, o filho de Davi... Cinge-o com a tua força, para que possa esmagar os reis injustos... Com vara de ferro quebrará em pedaços tudo o que eles possuem, destruirá as nações ímpias com a palavra da sua boca... E reunirá um povo santo... Fará com que as nações pagãs sirvam sob o seu jugo.. Será um rei justo, ensinado por Deus... Não haverá injustiça em seus dias no meio deles, pois todos serão santos e seu rei o Ungido (do) Senhor.[1]

O Salmo de Salomão 18 fala do Ungido de Deus que vai "usar a sua 'vara' para instilar o 'temor do Senhor' em cada homem e dirigi-lo para as 'obras de justiça' " (VeG.JTJ 131)

Fleming nota:

> Uma "brochura" popular, escrita talvez há uma geração

> ou duas antes de Jesus, reflete os pensamentos de muitos que se aproximaram de Jesus ao longo da planície de Genesaré..."Um rei santo virá e reinará sobre todo o mundo — depois a sua ira será derramada sobre os povos do Lácio, e Roma será arrasada até o chão... Ó como sou pobre e me sinto desolado! Quando chegará o dia, o dia do juízo do Deus eterno, do grande rei? (Sibilinos Oráculos). (FlJ.JAS 21)

Os zelotes, ou *sicários*, encontraram nesta expectativa comum um solo fértil para o cultivo de sua causa militar. Outros, como os fariseus, ficaram satisfeitos em esperar por alguém mais semelhante ao rei Davi. "Filho de Davi" era o termo popular, tirado do Antigo Testamento, para o esperado Messias. A descrição do Messias esperado feita por Filo, talvez expresse melhor as proezas militares daquele que virá. Em seu livro *Rewards and Punishment* ("Recompensas e Castigo"), ele interpreta a profecia de Balaão, em Números 24.7, desta forma: "Pois virá um homem", diz o oráculo, "que, levando o seu exército para a guerra, vai subjugar grandes e populosas nações, porque Deus enviou em sua ajuda o reforço que cabe aos santos, isto é, coragem indomável de alma e força todo-poderosa de corpo, sendo que ambas amedrontam o inimigo e as duas, quando unidas, são irresistíveis".[2] Vermes conclui:

> As orações judias antigas e a interpretação bíblica demonstram indiscutivelmente que se no período intertestamentário alguém afirmava ser ou era proclamado como sendo "o Messias", seus ouvintes iriam naturalmente supor que ele estava se referindo ao Redentor davídico e esperariam encontrar à sua frente alguém dotado de talento para realizar proezas militares, combinando isso com retidão e santidade. (VeG.JTJ 134)

É, portanto, compreensível que, especialmente em vista da ocupação romana da terra de Israel, a maioria do povo judeu não visse em Jesus o que esperavam do Messias.

Millar Burrows, de Yale escreveu: "Jesus era tão diferente de tudo quanto os judeus esperavam que o filho de Davi fosse, que seus próprios discípulos acharam quase impossível identificá-lo com a sua idéia do Messias". (BuM.ML(V) 68) E, finalmente, como coloca o erudito judeu Samuel Sandmel: "Quaisquer reivindicações feitas durante a vida de Jesus, no sentido de ele ser o Messias aguardado pelos judeus, dificilmente poderiam ser defendidas após a sua crucificação e o fracasso de todo aspecto político do seu movimento, assim como em vista da triste realidade da Palestina continuar sob o domínio romano." (SaS.JU 33)

O conceito popular do Messias como um salvador militar reinante era, então, um obstáculo natural para a maioria do povo judeu poder considerar Jesus como o Messias. A pergunta é: O conceito popular era exato?

Fica claro que nem todos os judeus dos dias de Jesus concordavam com a maioria. Vermes observa: "Além do conceito real, a especulação messiânica no judaísmo antigo incluía noções de um Messias sacerdotal e profético e, em alguns casos, uma figura messiânica que iria desempenhar todas essas funções juntas". (VeG.JTJ 135) O *Testamento de Levi*, por exemplo, dizia:

> O Senhor levantará, então, um novo sacerdote... E ele executará um julgamento justo sobre a terra. E sua estrela subirá no céu como a de um rei... E haverá paz em toda a terra... E o conhecimento do Senhor será derramado... como a água dos mares... E o espírito de entendimento e santificação repousará sobre ele.[3]

A comunidade de Cunrã parece ter esperado três figuras messiânicas. Um de seus documentos prediz: "Até que venha o Profeta e os Messias de Arão e Israel". (VeG.DSS 87) Segundo Baruque 30.1 fala do Messias voltando "em glória" da terra presumivelmente para o céu, e 4 Esdras 14.9 fala de um Messias ("meu Filho"), habitando aparentemente no céu. Quarto Esdras 7.29 fala da morte do Messias, assim como fazem outras referências, algumas das quais podem ser mais recentes do que 135 a.D e, portanto, aludindo à morte de Simon bar Kosiba (Kochba) a quem o rabino Akiba considerava como sendo o Messias.

O ponto importante é que nem todos apoiavam o conceito popular do longamente esperado Messias. Havia bastante obscuridade no que o Messias deveria ser, a ponto de vários judeus, especialmente religiosos, descobrirem que o carisma de Jesus se ajustava à sua figura do Messias. O fato de eles também esperarem que ele livrasse Israel da opressão romana tornou a principal missão de Jesus mais complicada. Fleming explica:

> As multidões do "nosso lado" (do Mar da Galiléia) se comprimiam tão constantemente contra Jesus, que ele teve dificuldade para ensinar o povo. A sua reputação como rabino que fazia curas precedeu o seu desejo de ser conhecido como professor. Quando Jesus está do "nosso lado", ele geralmente diz às pessoas a quem cura que permaneçam caladas para que as massas não se reúnam para ver curas, sinais e prodígios. Muitos judeus associavam os dons de cura de Jesus com os de um Messias que poderia fazer o país rebelar-se contra Roma. Muitos nas multidões estavam provavelmente curiosos para ver qual a posição que ele ia tomar com respeito à opressão romana. (FIJ.JAS 21)

Alguém pode perguntar se Jesus queria ou não ser conhecido como professor. O que fica claro é que o conceito popular do Messias não se ajustava ao conceito que ele fazia do Messias.

Combinado com um outro fator, fica perfeitamente clara a razão de Jesus não ter anunciado publicamente: "Eu sou o Messias, siga-me". O grande problema eram os romanos. Eles conheciam muito bem as expectativas messiânicas do povo judeu. Tácito (escrevendo no início do século 2° a.D.) registra: "Havia firmes convicções.. que justamente nessa época o Leste se tornaria poderoso, e governantes vindos da Judéia adquiririam um império universal."[4] Quase na mesma época, escrevendo sobre a década que se seguiu à destruição do templo em 70 a.D., Suetônio escreveu: "Uma crença antiga e estabelecida se difundira por todo o Oriente, que estava determinado que nessa ocasião homens vindos da Judéia iriam reinar sobre o mundo."[5] Fica óbvio que os romanos estavam preparados para esmagar rapidamente qualquer rebelião messiânica. Não é de admirar que Jesus não tenha caminhado por toda a parte anunciando: "Sou o Messias". Como vamos ver, ele tinha meios muito mais eficazes para dar essa notícia.

Os evangelhos revelam, com freqüência, as expectativas messiânicas das pessoas. Desde o início da vida terrena de Jesus, quando Simeão identificou Jesus no templo como o muito esperado Messais, até o fim, quando muitos o honraram como o Messias na entrada triunfal em Jerusalém, os relatos do evangelho refletem corretamente essas expectativas.

As esperanças messiânicas do povo judeu oferecem uma das mais fortes razões para confiar na exatidão dos relatos do evangelho, quando descrevem as atividades de Jesus. Os céticos muitas vezes afirmam que a vida de Jesus descrita no evangelho é demasiado sobrenatural para ser aceita. O que eles esquecem, com freqüência, é que a grande causa dos discípulos morreu na cruz. Jesus certamente não cumpriu as expectativas messiânicas de seus discípulos. Alguma coisa tinha de acontecer, algo não menos poderoso do que aquilo que foi registrado nos relatos do evangelho, a fim de motivar os judeus, homens e mulheres, a arriscarem as suas vidas para propagar esta mensagem tão diametralmente oposta à opinião messiânica predominante na época.

JESUS PENSAVA QUE ERA O MESSIAS?

> De fato, desde que a figura do Messias não parece ter sido central para os ensinos de Jesus, e desde que nenhum registro sobreviveu a respeito de qualquer desafio negativo com relação à sua posição messiânica antes de seus últimos dias em Jerusalém; desde que, além disso, ele deliberadamente não aprovou a confissão de Pedro e, de forma geral, deixou de declarar que era o Cristo, existe muita razão para ficar imaginando se ele realmente se julgava como tal. (VeG.JTJ 149)

Nesta declaração, Geza Vermes levanta as quatro objeções seguin-

tes à proposição de que Jesus cria ser o Messias:

1. a figura do Messias não era central nos ensinos de Jesus;
2. não restou registro de nenhum desafio hostil para a posição messiânica de Jesus, antes dos seus últimos dias em Jerusalém;
3. Jesus recusou deliberadamente aprovar a confissão de Pedro de que Ele era o Cristo;
4. De forma geral, Jesus deixou de declarar que era o Cristo.

Vamos avaliar cada ponto separadamente.

Objeção N° 1. "A figura do Messias não parece ser central nos ensinamentos de Jesus."

Coloque-se nas sandálias de Jesus. Se você fosse o Messias, teria focalizado todos os seus ensinamentos na conceituação correta do Messias? Considere estes pontos:

(a) O seu ministério é itinerante e você sabe que sempre que usa a palavra *Messias* todos os presentes vão interpretar mal o que está dizendo. É uma palavra perigosa.

(b) Do seu ponto vantajoso (como Messias) você sabe que o conceito do Messias feito pelo povo não é a única coisa errada. Mais importante ainda, a idéia geral do reino de Deus se tornou deturpada para eles. Uma leitura casual da impressão em vermelho, numa edição com trechos em vermelho, no livro de Mateus, vai revelar quanto mais coisas Jesus precisava ensinar ao povo além de uma noção correta do Messias.

(c) As ações falam mais alto do que as palavras. Se você fosse realmente o Messias, não seria mais eficaz demonstrar isso do que simplesmente ensinar a respeito?

(d) De um modo indireto, mas eficiente, Jesus esclareceu o verdadeiro sentido e propósito do papel do Messias pelo que ele disse. Verificando novamente apenas o evangelho de Mateus, ele mostrou que

- o Messias deve cumprir toda a justiça (3.15);
- o Messias é quem revela o reino dos céus (4.17);
- o Messias faz dos homens pescadores de homens (4.19);
- o Messias ensina com suprema autoridade, isto é, "Ouvistes que foi dito... Eu, porém, vos digo..." (capítulos 5-7);
- o Messias veio para cumprir a Lei e os Profetas (5.17).

Poderíamos continuar, mas isso basta. Tudo o que Jesus disse apontava para uma visão correta do Reino de Deus que estava sendo estabelecido por ele como Messias.

Mais diretamente, porém, Jesus tentou esclarecer, por meio de seus ensinamentos, a identidade do Messias. Os três evangelhos sinópticos

registram a sua pergunta a um grupo de rabinos: "Que pensais vós do Cristo? de quem é filho?"[6]

Quando eles respondem "De Davi", ele pergunta: "Como, pois, Davi, pelo Espírito Santo, chama-lhe Senhor, dizendo: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés? Se Davi, pois, lhe chama Senhor, como é ele seu filho?" Ninguém lhe deu resposta. Jesus estava falando de algo que ficava além das categorias possíveis para os fariseus. Poderia o Messias ser SENHOR de Davi, em outras palavras, da eternidade? A resposta: "Sem comentários!" É como se um indivíduo se aproximasse de um ator famoso, por exemplo Jack Nicholson, e exclamasse: "Alguém já lhe disse que você se parece muito com Jack Nicholson?"

Quando Jack responde: "Talvez seja porque eu sou Jack Nicholson", o homem retruca: "Não, não pode ser. Jack Nicholson tem mais cabelo."

O que você poderia responder? O homem já tem as suas categorias e você não se enquadra nelas.

Jesus estava se dirigindo ao mesmo assunto mais tarde, quando falou à multidão que o rodeava. No meio do seu ensinamento, ele declarou: "Nem sereis chamados guias, porque um só é vosso Guia, o Cristo."[7] Ainda depois disso, ele falou a seus discípulos sobre como reconhecer os falsos messias e até identifica o Filho do Homem, seu termo favorito para referir-se a si mesmo, como o Messias.[8] A clara sugestão das suas palavras é que o Messias é mais do que uma figura terrena. Em João 7.25-29, Jesus busca esclarecer a natureza do Messias. Desta vez, a resposta foi uma ordem para os soldados o levarem preso.[9]

Em João 17, quando Jesus ora diante dos discípulos, faz várias declarações surpreendentes. Referindo-se claramente a si mesmo, ele afirma entre outras coisas:

(1) que Deus lhe deu autoridade sobre todos os homens (v.2);
(2) que ele, Jesus, é o doador da vida eterna (v.3);
(3) que a vida eterna consiste em conhecê-lo da mesma forma que conhecemos a Deus (v.3);
(4) que Jesus estava na glória com Deus Pai antes que houvesse mundo (v.5);
(5) que Jesus veio de Deus Pai (v.8);
(6) que Jesus é um com Deus Pai (v.8);
(7) que Jesus vai voltar a Deus Pai (v.13; e
(8) que Deus Pai está em Jesus. Em vista dessas reivindicações, o Messias puramente humano da crença popular é uma figura extremamente insignificante.

Portanto, quando Vermes diz que Jesus não tornou a figura do Messias central ao seu ensino, devemos discordar. Ele não fez de um Messias puramente humano a figura central do seu ensino; mas, como

desenvolvido abaixo, ele torna a sua identidade central ao seu ensino, como mais do que um Messias puramente humano.

Objeção Nº 2. "Não restou registro de nenhum desafio hostil para a posição messiânica de Jesus, antes dos seus últimos dias em Jerusalém."

Se Jesus evita especificamente usar o termo *Messias* por causa da sua conotação errada e em vista da ocupação romana, então, por que devemos esperar qualquer registro de confronto sobre a questão messiânica? Em vista das obras e reivindicações de Jesus, as testemunhas hostis estavam preocupadas com um assunto bem mais importante — blasfêmia! Como resultado, o registro mostra efetivamente que os confrontos quase sempre focalizavam a questão da autoridade de Jesus para ensinar e fazer as coisas que disse e fez.

Objeção Nº 3. "Jesus recusou deliberadamente aprovar a confissão de Pedro."

Como alguém pode dizer que Jesus não expressou aprovação da confissão de Pedro, "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo"? Mateus, uma testemunha ocular, registra que Jesus louvou Pedro pelo menos de quatro maneiras:[10]

1. Ele afirma especificamente que Pedro é abençoado por reconhecer que Jesus é o Messias. Jesus teria chamado Pedro de abençoado, se ele fizesse uma confissão falsa?
2. Em todo o ministério de Jesus, o desafio entre os judeus foi ajudá-los a afastar os olhos de um reino terreno onde iriam reinar supremos sobre os goyim (gentios) e colocá-los num reino espiritual cumprindo a promessa de Deus a Abraão: "Em ti serão benditas todas as famílias da terra" (Gn 12.3). Quando Pedro reconhece Jesus como o Messias, apesar de sua abordagem pacífica, Jesus o louva: "Não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai que está nos céus" (Mt 16.17). (Note o "meu Pai". Isso era definitivamente pouco convencional. Os judeus tradicionais diziam apenas: "Nosso Pai".)
3. Jesus louvou Pedro: "Também eu te digo que tu és Pedro (significando uma 'pedra'), e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela". Isso é louvor!
4. Jesus declara que dará a Pedro as chaves do reino dos céus e

autoridade para "ligar" e "desligar" o que tiver de ser ligado e desligado no céu. Essa é novamente uma grande recomendação. De fato, uma recompensa por ter os olhos adequadamente fixados nos interesses de Deus. Para que o leitor não pense que Jesus é incapaz de repreender uma declaração falsa, veja apenas quatro versículos abaixo um exemplo da reprovação de Jesus, quando Pedro fixa os olhos em um reino centrado no homem. Quando Pedro diz que Jesus não deveria estar falando de ir a Jerusalém para sofrer e morrer, Jesus lhe responde:

> Arreda! Satanás; tu és para mim pedra de tropeço, porque não cogitas das coisas de Deus, e, *sim*, das dos homens. (Mt 16.23)

Se Pedro tivesse chamado Jesus erradamente de Messias, Jesus estaria, com certeza, pronto e disposto a censurar com veemência a Pedro por isso! Devemos, portanto, concluir que Jesus louvou definitivamente a Pedro.

Objeção N° 4. "De forma geral, Jesus deixou de declarar que era o Cristo (Messias)."

A evidência dos relatos de primeira mão da vida terrena de Jesus é novamente sólida contra esta proposição. Já notamos as razões importantes para Jesus geralmente evitar fazer afirmações patentes de que ele era o Messias e por que "advertiu os discípulos de que a ninguém dissessem ser ele o Cristo" (Mt 16.20). Mas isto é diferente de não se declarar Messias. De maneiras mais sutis e poderosas, Jesus declara ser o Messias em quase cada página dos relatos do evangelho.

Já na idade de doze anos, Jesus se refere a Deus como "meu Pai".[11] Ele continua a usar o termo através de todas as narrativas do evangelho — num total de 40 vezes! O erudito de Jerusalém, Dr. Robert Lindsey, explica o significado dessa expressão:

> As orações da sinagoga contêm a expressão "Pai nosso (*Avinu*) que estás nos céus", muitas vezes, e Jesus ensinou seus discípulos a fazerem uma oração que também começa com "Nosso Pai que estás nos céus". A expressão "Meu Pai" (*avi*), porém, deve ter certamente parecido imprópria para os judeus desse período. Só uma vez na Escritura hebraica Deus é mencionado como "meu Pai", e isso no Salmo 89, que fala do Messias vindouro. O v.26 diz: "Ele me invocará, *'Avi ata'*, dizendo: 'Tu és meu pai' ". O Messias tem o direito de chamar Deus de "meu Pai". Estou certo de que os rabinos dos dias de Jesus ensinavam o povo a dizer "Pai *nosso* que estás nos céus", por afirmarem que "meu Pai" estava reservado apenas para o Messias.

> Segundo Samuel 7.14 contém igualmente uma profecia sobre o Messias: "Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho". Este verso marca o início de um Messias que virá e que é o filho de Deus.
>
> De acordo com o Salmo 89.26, 2 Samuel 7.14 e Salmo 2.7, sabia-se que o Messias seria filho de Deus, mas esses versículos não contêm a expressão "filho de Deus". Os termos usados são: "Ele me invocará, tu és meu pai"; "Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho"; e "Tu és meu filho, eu hoje te gerei". Essa é a forma hebraica de expressar o messiado — é a maneira como o Espírito falava e como Jesus falava. (LiR.MC 11)

Jesus também declarou ser o Messias pelas coisas que fez. Veja João Batista em João 11. João está sentado na prisão de Herodes e tem algum tempo livre nas mãos. Ele começa a rever os eventos da sua vida e reflete especialmente sobre se deveria ou não ter enviado seus discípulos a Jesus alguns meses antes.[12] Por ter certas dúvidas, ele envia uma pergunta a Jesus por meio de seus discípulos: "És tu aquele que estava para vir, ou havemos de esperar outro?"[13] Jesus diz aos discípulos de João:

> Ide, e anunciai a João o que estais ouvindo e vendo: Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho.[14]

Jesus extraiu essas palavras de dois versículos em Isaías. O primeiro, 35.5, ocorre em meio a uma passagem que fala da chegada do reino de Deus em Sião. O segundo, 61.1, é encontrado num contexto, anunciando o ano favorável do Senhor. João, portanto, teria compreendido que Jesus disse não somente "Sim, sou o Messias", mas também, "Estou disposto a dar-lhe provas de que ninguém mais pode alegar que minhas declarações são verdadeiras". Neste sentido, cada vez que Jesus curava alguém ou realizava algum sinal confirmatório, ele estava declarando que era o Messias.

Mencionamos antes como Jesus declarou ser o Messias na entrada triunfal. Um verso no *Talmude Babilônico*, Menahoth 78b, faz o rabino Yohanan explicar que "fora do muro" de Jerusalém significa não além do muro de Betfagé. Quando Jesus monta a cria de jumento em Betfagé e vai para Jerusalém, ele está fazendo uma afirmação definida de que julga ser o Messias. Ele pretende claramente cumprir Zacarias 9.9:

> Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém; eis aí te vem o teu Rei, justo e salvador, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta.

O povo entendeu claramente as intenções de Jesus. Fleming diz:

> A palmeira tornou-se um símbolo do nacionalismo judeu. Mas no Domingo de Ramos, a população pobre de Jerusalém estava sentindo o peso do braço de Roma sobre ela. Havia uma noção popular entre os judeus dos dias de Jesus de que o Messias viria durante a Páscoa. (Você lembra no evangelho de João que depois de Jesus alimentar os cinco mil, o povo "queria proclamá-lo rei porque era a Páscoa"?) O papel a ser desempenhado pelo Messias na esperança do populacho era o de livrar o povo da opressões... como nos dias do êxodo do Egito. Ao levar os ramos de palmeira, o povo estava de certa forma dizendo: "Jesus, esta- mos todos do seu lado... o Senhor tem suficientes seguidores para tomar uma decisão sobre a guarnição romana em Jerusalém." (FIJ.JJ 7)

Cinco incidentes foram registrados nos relatos dos evangelhos, citados por Vermes como os mais proeminentes, os quais poderiam ser usados para mostrar que Jesus declarou ser o Messias. (Veja VeG.JTJ 140-43) O primeiro e único que Vermes aceita como autêntico é a ocasião da pergunta de Jesus sobre a referência de Davi a "seu filho" como "Senhor".[15] Ele considera isso simplesmente um "argumento exegético *ad hominem*", isto é, um argumento no qual ele queria mostrar apenas que os fariseus usavam métodos incorretos de interpretar as Escrituras, e não que ele necessariamente concordasse em que o filho de Davi fosse uma espécie de senhor sobre-humano. Mas Jesus está definitivamente ressaltando a idéia da natureza do Messias, pois ele começa a conversa perguntando-lhes: "Que pensais vós do Cristo? de quem é filho?" A conclusão lógica é esta: se ele é filho de Davi, e vocês estão ainda esperando por ele, e se Davi o chama "SENHOR", então o Messias já deveria existir antes de entrar na história humana. Jesus está definitivamente ressaltando um ponto, o qual ele declara mais diretamente aos seus discípulos ao orar: "Saí de ti (Deus)".[16]

Vermes não considera as outras quatro passagens como autênticas, sem qualquer razão, exceto que não acredita que Jesus disse o que os escritores do evangelho o fazem dizer. Este é um estratagema favorito da alta crítica, quando a evidência é, na maior parte, contrária ao seu modo de pensar. As passagens são: (1) o anúncio feito por Jesus de sua segunda vinda;[17] (2) A promessa de Jesus: "Porquanto, aquele que vos der de beber um copo de água, em meu nome, porque sois de Cristo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão;[18] (3) e (4) A instrução de Jesus para os dois discípulos na estrada de Emaús: "Porventura não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória?"[19] e, "Assim está escrito, que o Cristo havia de padecer, e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia".[20] Vermes deveria, no mínimo, descontar as duas últimas como não tendo acontecido durante a vida terrena de Jesus. Mas as quatro referências vistas no contexto são

declarações definidas de Jesus quanto a considerar-se o Messias.

Em João 4, Jesus falou com uma samaritana fora da cidade de Sicar. No curso da conversa, a mulher disse a Jesus: "Eu sei que há de vir o Messias, chamado Cristo; quando ele vier nos anunciará todas as coisas". Jesus provavelmente sentiu-se mais livre para revelar a sua identidade em Samaria. As esperanças messiânicas eram ali bastante reduzidas, desde que os samaritanos só criam no Pentateuco. Jesus revelou, então, à mulher: "Eu o sou, eu que falo contigo".[21] Não havia dúvidas a respeito. Jesus declarou claramente que era o Messias.

Outra declaração de Jesus de que era o Messias ocorreu em seu julgamento diante do sumo sacerdote Caifás, dos principais sacerdotes e dos anciãos e escribas.[22] No relato de Marcos, quando o sumo sacerdote finalmente perguntou diretamente a Jesus: "És tu o Cristo, o Filho do Deus Bendito?", Jesus respondeu: "Eu sou, e vereis o Filho do homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo com as nuvens do céu". Note que Jesus falou claramente de si mesmo. O termo "Filho do Homem" era o modo como ele se referia geralmente à sua própria pessoa.[23] Note também que Jesus se identificou claramente como aquele sobre quem Daniel profetizou ao revelar:

> Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do homem, e dirigiu-se ao Ancião de dias, e o fizeram chegar até ele. Foi-lhe dado domínio e glória e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem; o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído.[24]

Nessa passagem Daniel revela aquele que virá, e Jesus reivindica para si mesmo: (1) ele virá com as nuvens do céu ou sobre elas; e (2) ele receberá autoridade suprema sobre todos os homens por toda a eternidade. Para os saduceus, que controlavam o Sinédrio naquela época e para quem "a esperança messiânica não contava"[25], esta alegação era praticamente blasfema. (A blasfêmia não significava apenas a alegação de ser Deus, mas também incluía calúnias contra Deus e até contra outras pessoas.) Embora o conceito de Messias pudesse ser interpretado diferentemente por Jesus, pelos escribas (fariseus) presentes e pelos saduceus, não pode haver dúvidas de que Jesus proclamou claramente que ele era esse Filho do Homem que viria, o Messias.

O fato de Jesus ter alegado ser o Messias é confirmado pelo relatório que o Sinédrio deve ter entregado a Pilatos, em vista dessa afirmação. Norman Anderson explica:

> A crucificação, porém, parece fornecer prova convincente de um ponto sobre o qual os eruditos do Novo Testamento têm estado muito divididos — e ao qual já foi feita referência de

> passagem: a saber, que o próprio Jesus cria ser o Messias. É certo que ele não fez tal declaração explicitamente em sua pregação pública — parcialmente, sem dúvida, por razões políticas, mas em sua maior parte por causa das expectativas enganosas que isto teria feito surgir entre os seus ouvintes. Foi, no entanto, claramente como uma ameaça em potencial a Roma que Pilatos e seus asseclas o enviaram a uma morte geralmente reservada para "o ladrão armado e o insurgente político" (Betz, p.84). Isto fica explícito na inscrição sobre a cruz: "JESUS NAZARENO, O REI DOS JUDEUS" (Jo 19.19), que parecia fazer eco ao relatório dos evangelistas de que parte da conversa entre Pilatos e Jesus fora exatamente sobre este ponto (Mt 27.11; Mc 15.2; Lc 23.3; Jo 18.33-37). E isto, por sua vez, deve ter sido instigado pelo fato de que a "blasfêmia", pela qual o Sinédrio o condenara, fora a sua resposta à pergunta (feita sob juramento pelo sumo sacerdote): "És tu o Cristo, o Filho do Deus Bendito?" com as palavras: "Eu sou, e vereis o Filho do homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo com as nuvens do céu" (Mc 14.61-64) — cuja afirmação devia ter naturalmente sido transmitida pelos principais sacerdotes a Pilatos em termos eminentemente políticos. (AnN.JC 82-83)

Embora vários eruditos judeus tenham procurado negar anteriormente que Jesus se julgava o Messias, outros agora apóiam a sua consciência messiânica. Um deles é Samuel Sandmel, reconhecido como a principal autoridade judia nos Estados Unidos sobre o Novo Testamento e o cristianismo primitivo. Ele foi professor da Universidade de Yale e mais tarde do Hebrew Union College, em Cincinnatti até sua morte, em 1979. Sandmel concluiu: "Creio que ele acreditava ser o Messias e que os eruditos que negam isto estão errados." (SaS.WJ/65 109)

David Flusser, professor de religião comparativa na Universidade Hebraica de Jerusalém, da mesma forma que outros eruditos judeus, vê passagens "não autênticas" no texto dos evangelhos. Mas, mesmo assim, ele afirma que "outras declarações aparentemente autênticas de Jesus só podem ser compreendidas se supuser que Jesus acreditava ser o Filho do Homem."[26] Para Flusser, o conceito de "Filho do Homem" para Jesus era tanto messiânico quanto divino. (HaDA.R 254)

Enquanto estamos nesse assunto, vamos fazer uma pequena pausa para considerar o significado do termo *Filho do Homem.*

FILHO DO HOMEM — QUEM É ELE?

Com o termo *Filho do Homem,* temos um conceito simples e profundo terrivelmente confundido pelos estudiosos modernos. Vermes escreve:

> Os eruditos do Novo Testamento contemporâneos gastaram muito esforço, erudição e tinta, para não concordar finalmente com quase nada, exceto que o Filho do Homem é um título vitalmente importante. (VeG.JTJ 186)

Mas o próprio Vermes confunde ainda mais a questão, ao afirmar que a frase não retém um "uso titular" como empregado por Jesus.

Vamos propor uma definição simples e ver se ela se ajusta a todos os usos bíblicos do termo. No mínimo denominador comum, filho do homem é simplesmente aquele que nasce da humanidade. Nasce da raça humana. No Antigo Testamento, a expressão é usada quase sempre desse modo. Por exemplo, lemos no Salmo 144.3: "Senhor, que é o homem para que dele tomes conhecimento? e o filho do homem para que o estimes?" O termo freqüentemente ocorre no paralelismo que vemos neste verso, isto é, filho do homem = homem. "Filho do homem" no Antigo Testamento sempre contém o sentido geral de alguém nascido da humanidade ou um representante da humanidade. Com mais freqüência, ele se refere a um indivíduo específico. Das suas 106 ocorrências, 91 se referem a Ezequiel e uma a Daniel.

Em uma única dessas ocorrências ele é usado para descrever alguém com proporções mais que simplesmente humanas. É isso mesmo; o texto é Daniel 7.13, citado acima. Este ser foi descrito como sendo **como** o filho do homem, isto é, tendo a forma de homem. Mas este personagem vem "com as nuvens do céu". "Foi-lhe dado domínio e glória, e o reino, para que os povos, nações de homens de todas as línguas o servissem; o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído". Ele recebe domínio como rei. Nos vv.18,22 e 27 aprendemos que "os santos do Altíssimo receberão o reino", obviamente como seus súditos. Não admira que este personagem fosse comumente aceito como o Messias vindouro.

Das mais de 80 referências ao Filho do Homem no Novo Testamento, todas menos uma se referem a Jesus. Só três são encontradas fora dos evangelhos.[27] Hebreus 2.6 cita Salmo 8.4 referindo-se a alguém nascido da humanidade. Todo o resto se refere a Jesus de um ou outro modo. Algumas refletem apenas sobre a sua humanidade, como não tendo, por exemplo, onde repousar a cabeça (Mt 8.20; Lc 9.58), ou comendo e bebendo com os cobradores de impostos e pecadores (Mt 11.19; Lc 7.34). Aqui, o Filho do Homem é claramente identificado com a humanidade.

Na maioria dos textos dos evangelhos, porém, o Filho do Homem toma dimensões mais do que simplesmente humanas. Ele tem autoridade para perdoar pecados, é chamado de Senhor do Sábado, sua ressurreição é predita muitas vezes, ele tem autoridade para executar juízo, ele dá alimento imperecível e deve ser glorificado.

A observação mais notável, porém, é que pelo menos 27 das referências ao Filho do Homem nos relatos do evangelho aludem, de alguma forma, a Daniel 7.13,14. As tentativas da alta crítica de descartar essas passagens são quase cômicas. Para Jesus e seus discípulos, o Filho do Homem era uma figura completamente humana, mas que tomava dimensões messiânicas além das expectativas populares daquela época sobre o Messias.

JESUS ERA O MESSIAS?

No Antigo Testamento, existem centenas de profecias sobre a vinda do Messias e alusões a ela. O brilhante professor de Oxford, do século 19, cônego Henry Liddon, encontrou 332 "predições distintas que foram literalmente cumpridas em (Jesus)."[28]

Por exemplo, Daniel 9.25,26 indica que o Messias tinha de vir antes que o segundo templo fosse destruído (70 a.D.). Miquéias 5.2 fala do lugar de nascimento do Messias como sendo Belém Efrata, a cidade onde Jesus nasceu. Isaías 35.5,6 fala dos cegos, surdos, coxos e mudos sendo curados. Isaías 42.6 e 49.6 fala do Messias como uma luz para os gentios. Zacarias 9.9 prediz que o Messias viria humildemente, "montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta." O Salmo 22 oferece uma descrição gráfica de alguém sendo crucificado (embora a crucificação fosse desconhecida para o salmista), e Jesus citou o seu primeiro verso, enquanto se achava pendurado na cruz. Zacarias 12.9,10 até menciona em uma passagem as duas vindas separadas do Messias:

> Naquele dia procurarei destruir todas as nações que vierem contra Jerusalém (segunda vinda). E sobre a casa de Davi, e sobre os habitantes de Jerusalém, derramarei o espírito de graça e de súplicas; olharão para mim, a quem traspassaram (ocorreu na primeira vinda); pranteá-lo-ão como quem pranteia por um unigênito, e chorarão por ele, como se chora amargamente pelo primogênito.

Mas o cristão deve ter cuidado para não exagerar. Existem centenas de outras profecias messiânicas no Antigo Testamento que não encontraram ainda o seu cumprimento em Jesus. Isto é necessário, pois foi profetizado que o Messias tinha de sofrer e morrer, mas subseqüentemente reinaria sobre um reino eterno (pelo menos parte do qual é estabelecido na terra), segue-se, então, que o Messias deve ressurgir de alguma forma dentre os mortos e voltar. A pergunta mais importante e ignorada é: O Antigo Testamento prediz que o Messias deve primeiro

sofrer e morrer?

Os cristãos e os críticos de hoje focalizam tanto a questão da ressurreição de Jesus, que se esquecem da outra metade da pregação dos apóstolos. Pedro pregou no templo: "Mas Deus, assim, cumpriu o que dantes anunciara por boca de todos os profetas que o seu Cristo havia de **padecer.**"[29]

Paulo argumentou com os tessalonicenses em suas sinagogas, "expondo e demonstrando ter sido necessário que o Cristo **padecesse** e ressurgisse dentre os mortos; e que este é o Cristo, Jesus, que eu vos anuncio."[30] Diante do rei Agripa, Paulo declarou:

> Mas, alcançando socorro de Deus, permaneço até ao dia de hoje, dando testemunho, tanto a pequeno como a grande, nada dizendo senão o que os profetas e Moisés disseram haver de acontecer, isto é, que o Cristo **devia padecer**, e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, anunciaria a luz ao povo e aos gentios.[31]

Os apóstolos não estavam dizendo nada de novo. O próprio Jesus havia afirmado repetidamente que tinha de ir para Jerusalém para sofrer, morrer e ressurgir dentre os mortos.[32] Mas onde isto foi profetizado no Antigo Testamento?

Muitos judeus ficam surpresos hoje ao descobrirem a seguinte passagem na Bíblia judia, que os cristãos chamam de Antigo Testamento:

> Eis que o meu Servo procederá com prudência; será exaltado e elevado, e será mui sublime. Como pasmaram muitos à vista dele — pois o seu aspecto estava mui desfigurado, mais do que o de outro qualquer, e a sua aparência mais do que a dos outros filhos dos homens — assim, causará admiração às nações, e os reis fecharão as suas bocas por causa dele; porque aquilo que não lhes foi anunciado verão, e aquilo que não ouviram entenderão.
>
> Quem creu em nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do Senhor? Porque foi subindo como renovo perante ele, e como raiz duma terra seca; não tinha aparência nem formosura; olhamo-lo, mas nenhuma beleza havia que nos agradasse. Era desprezado, e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer; e como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e dele não fizemos caso.
>
> Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido. Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniqüidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados. Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada

> um se desviava pelo caminho, mas o Senhor fez cair sobre ele a iniqüidade de nós todos.
>
> Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro foi levado ao matadouro; e, como ovelha, muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a sua boca. Por juízo opressor foi arrebatado, e de sua linhagem quem dela cogitou? porquanto foi cortado da terra dos viventes; por causa da transgressão do meu povo foi ele ferido. Designaram-lhe a sepultura com os perversos, mas com o rico esteve na sua morte, posto que nunca fez injustiça, nem dolo algum se achou em sua boca.
>
> Todavia, ao Senhor agradou moê-lo, fazendo-o enfermar; quando der ele a sua alma como oferta pelo pecado, verá a sua posteridade e prolongará os seus dias; e a vontade do Senhor prosperará nas suas mãos. Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma, e ficará satisfeito; o meu Servo, o Justo, com o seu conhecimento, justificará a muitos, porque as iniqüidades deles levará sobre si. Por isso eu lhe darei muitos como a sua parte e com os poderosos repartirá ele o despojo, porquanto derramou a sua alma na morte; foi contado com os transgressores, contudo levou sobre si o pecado de muitos, e pelos transgressores intercedeu.[33]

Por mais de 1700 anos os rabinos judeus interpretaram essa passagem quase unanimemente como referindo-se ao Messias. Esse fato é inteiramente documentado na obra de S. R. Driver e Adolf Neubauer, *The Fifty-Third Chapter of Isaiah According to the Jewish Interpreters* ("Qüinquagésimo Terceiro Capítulo de Isaías, segundo os Intérpretes Judeus"). (DrS.F 37-39) Eles citam inúmeros rabinos durante este período que equipararam o servo de Isaías 53 ao Messias.

Só no século 12 a.D., sem dúvida, quando os judeus estavam sofrendo nas mãos dos cruzados, é que um intérprete judeu afirmou que Isaías 52.13 — 53.12 se refere à nação de Israel inteira, interpretação que é hoje a mais comum entre os eruditos judeus. Porém, mesmo depois de Rashi (Rabino Solomon Yazchaki) ter proposto essa interpretação, muitos outros intérpretes judeus mantiveram até o presente, o conceito talmúdico tradicional de que Isaías 53 fala do Messias.[34] Um dos mais respeitados intelectuais judeus de toda a história, Moses Maimonides (1135-1204 a.D.) rejeitou a interpretação de Rashi e ensinou que a passagem era messiânica. (MoS.LM 25:364-65)

Rashi e outros intérpretes judeus não estão necessariamente se apoiando em ninharias para sugerir que o servo é a nação de Israel. Isaías 43.10 diz ao povo de Israel: "Vós sois as minhas testemunhas, diz o Senhor, o meu servo a quem escolhi". Certamente, então, o servo deve ser Israel.

O fato de essa interpretação estar errada pode ser visto em Isaías 52.14, onde a nação de Israel é comparada ao servo: "Como pasmaram

muitos à tua vista, meu povo, o seu aspecto estava mui desfigurado, mais do que o de outro qualquer" (Trad.literal, a Bíblia da SBB não contém as palavras "meu povo"). Em 53.8, o servo recebe o castigo que devia ser aplicado ao "meu povo" (obviamente Israel). Não faz sentido a nação de Israel sofrer castigo vicário pela nação de Israel. Israel não pode ser, portanto, o servo de Isaías 52.13 — 53.12.

Mas, e Isaías 49.3: "E me disse: Tu és o meu servo, és Israel em quem mostrarei a minha glória"? (Trad.literal) Bom ponto! A chave para identificar o servo em Isaías 52.13 — 53.12 é ver quem ele é nos "cânticos do servo" anteriores, em Isaías 42.1-9; 49.1-12; e 50.4-9. Desde que essas passagens falam do servo, por exemplo, estabelecendo justiça na terra (Is 42.4) e reunindo o povo judeu do exílio em todo o mundo (Is 49.8-13), os intérpretes judeus tradicionalmente mantiveram os cânticos do servo como referindo-se ao Messias e não à nação de Israel. Mesmo Isaías 49.3 não diz que Israel é o servo; pelo contrário, diz que o servo (Messias) é o verdadeiro Israel! Nos vv.5 e 6, lemos: "Mas agora diz o Senhor, que me formou desde o ventre para ser seu servo... para *restaurares as tribos de Jacó, e tornares a trazer os remanescentes de Israel*". O ponto é que Jacó (Israel) se desviara, especialmente da comissão que Deus lhe dera: "Em ti e na tua descendência serão abençoadas todas as famílias da terra" (Gn 28.14). O Servo (Messias) deveria agora substituir Israel para fazer duas coisas: (1) levar a nação de Israel de volta a Deus (Is 49.5); e (2) ser uma luz para as nações, como visto no v.6:

> Pouco é seres meu servo... também te dei como luz para os gentios, para seres a minha salvação até à extremidade da terra.

Se você percebeu o que está acontecendo nesse trecho de Isaías, provavelmente estará compreendendo agora por que Jesus apelou ou aludiu tantas vezes a esse profeta. O Servo é o Messias. O Messias tinha de sofrer e morrer por muitos. Ele tinha também de ressurgir dos mortos (Sl 16.10). Quando o evento monumental da ressurreição teve lugar e os discípulos foram cheios do Espírito de Deus no Pentecostes, eles pregaram em toda a parte a mensagem "que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras".[35] Ao julgar de acordo com a primeira literatura cristã que sobreviveu, 1 Tessalonicenses, eles também pregaram a volta do Messias.

Jesus era o Messias? Caso negativo, não haverá, então, Messias. Ninguém antes de 70 a.D. tinha as suas credenciais. Todas as profecias que podiam ser cumpridas em sua primeira vinda foram cumpridas em Jesus. E ele selou tudo com a sua própria ressurreição dos mortos. É, portanto, adequado referir-se a Jesus como o Cristo, se usarmos a terminologia grega, ou como o Messias, se usarmos a hebraica.

FILHO DE DEUS

No geral, os cristãos rapidamente interpretam este termo como significando divindade. Mas existem inúmeras ocorrências da expressão "Filho de Deus" nos evangelhos, e no resto da Bíblia, onde o termo não significa provável ou definitivamente "divindade" para quem faz uso dele ou pelo menos para quem o ouve. Colin Brown afirma que a evidência do evangelho por si só sugere que "Filho de Deus" tinha uma série de conotações que não eram necessariamente divinas. É simplificar demais dizer que o título "Filho de Deus" expressa a divindade de Jesus e "Filho do Homem", a sua humanidade. (BrC.M 295)

De fato, podemos avançar ainda mais e dizer que quase ninguém no mundo judeu dos dias de Jesus, que ouviu ou usou o termo "Filho de Deus", pensava nele no sentido de divindade. Depois de examinar o Antigo Testamento e a literatura intertestamentária, Geza Vermes concluiu, e achamos que muito acuradamente: "Em análise final, parece que um judeu palestino do século 1° a.D., ouvindo a frase *filho de Deus*, teria pensado em primeiro lugar num ser angélico ou celestial, e depois, quando a ligação humana ficasse clara, em um homem justo e santo." (VeG.JTJ 200)

Mesmo nos relatos do evangelho, a conclusão de Vermes, é bastante correta. Lucas chama Adão de "filho de Deus", mas ninguém pensaria em Adão num sentido divino.[36] Quando o centurião aos pés da cruz exclamou: "Verdadeiramente este era Filho de Deus" (Mt 27.54; Mc 15.39), ele provavelmente falou isso no sentido em que Lucas registra: "Verdadeiramente este homem era justo" (Lc 23.47). Até mesmo Pedro, quando respondeu a Jesus: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt 16.16), pode não ter entendido o termo num sentido divino, pelo menos naquela ocasião, pois alguns versos mais tarde ele demonstrou que ainda pensava em termos de um reino messiânico terreno. Pedro utilizou o termo no sentido da mensagem de Deus a Davi sobre seu filho, Salomão: "Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho" (2 Sm 7.14).

Esse mesmo versículo, 2 Samuel 7.14, também prediz a queda de Salomão na iniqüidade e o castigo resultante que ocorreu através do reino dividido. Mas os versos imediatamente precedentes falam de um reino eterno sendo estabelecido através da descendência de Davi. Assim sendo, embora Pedro provavelmente pensasse em Jesus como o Messias de um reino terreno, deve ter havido alguma dúvida em sua mente sobre como o Messias continuaria a reinar "para sempre". Há sugestões desse tipo em todo o Antigo Testamento, no sentido de o Messias vir a ser mais do que um simples homem mortal. Por exemplo, Isaías 9.6, uma passagem claramente messiânica, deve ter levado pelo menos alguns judeus a coçarem a cabeça:

> Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz.

O Dr. Norman Geisler, professor de Filosofia da Religião no Seminário Teológico de Dallas, afirma com respeito ao Antigo Testamento que

> o Messias é identificado com Javé ou Divindade em muitas passagens. Ele é chamado "Deus Forte" em Isaías 9.6 e Javé em Zacarias 12.10 e novamente em 14.3-9. O Messias é rotulado "Senhor" (Adonai) em Salmo 110.1 e "Deus" (Elohim) em Salmo 45.6 (cf. Hb 1.8). Segundo Miquéias 5.2, Ele já existia antes de Belém. Ele é também identificado com o anjo de Javé do Antigo Testamento (Is 63.7-10) que é o Eu Sou de Êxodo 3.14 (cf. vv. 3-5). (GeN.IC 6)

Sem dúvida, o firme monoteísmo dos rabinos judeus levou-os a buscar outras interpretações dessas passagens, em vez de lutar com a questão de como atribuir divindade ao Messias, embora mantendo o ensino claro do Antigo Testamento de que há um só Deus. Para a maioria dos judeus dos dias de Jesus, portanto, Messias significava rei, mas certamente não Deus.

Em vista de passagens messiânicas, tais como 2 Samuel 7.14 e Salmo 2.7 ("Tu és Meu Filho, eu hoje te gerei"), o termo *Filho de Deus* tornou-se naturalmente associado com o de Messias. Foi assim que Caifás perguntou a Jesus: "Eu te conjuro pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus."[37] Ele não perguntou se Jesus era uma divindade, apenas se era o Messias. Mas Jesus deu a ele e ao resto do Sinédrio mais do que eles poderiam desejar. Quebrando o silêncio sobre a pergunta anterior, Jesus resumiu os aspectos mais importantes de seus ensinamentos e crença sobre a sua própria identidade. Ele respondeu, segundo Marcos: "Eu sou (heb. *Ani hu*), e vereis o Filho do homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo com as nuvens do céu."[38]

Lembre-se de que só alguns dias antes Jesus havia interrompido completamente as atividades no templo. Agora, os membros do Sinédrio ouvem este galileu sublevador de massas afirmar

- que Messias, Filho de Deus (Filho do Deus Bendito), e Filho do Homem são tudo a mesma coisa e se referem a ele;
- que ele iria sentar-se à direita do Deus Todo-Poderoso, reinando sobre todos os seus inimigos (Sl 110.1,2);
- que ele era "sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedeque (Sl 110.4);
- que ele fazia o que fazia pela autoridade e poder de Deus (Sl 110.5-7);

- que ele voltaria com as nuvens dos céus; e, mais importante ainda,
- Que ele era, de fato, Deus.

Jon Buell e Quentin Hyder explicam:

> As palavras de Jesus, embora ditas em voz baixa, são surpreendentes pela sua coragem. *Ani hu* nesta passagem é interpretado simplesmente por "Eu Sou" em muitas traduções, como se fosse uma simples resposta para a indagação de Caifás: "És tu....?" Todavia, trata-se da mesma frase usada da mesma forma, que vimos traduzida em outros pontos "Eu sou". Jesus, com certeza, reconhece que os seus ouvintes, intensos em sua busca de evidências contra ele, interpretarão as suas palavras no pleno sentido do seu significado teofânico. É uma reivindicação clara da divindade e, embora não fosse exatamente o que Caifás esperava, uma blasfêmia ainda maior para os seus ouvidos. (Bu&H.J 34)

JESUS ACREDITAVA REALMENTE QUE ELE ERA DEUS?

Os que escreveram os relatos históricos da vida de Jesus eram totalmente judeus. Os relatos propriamente ditos evidenciam claramente que a tendência natural das testemunhas era ver Jesus numa postura messiânica de conquistador e não messiânica divina. Até mesmo na noite da prisão de Jesus, os discípulos levaram espadas para ele.[39] Como adoradores piedosos de Javé, deve ter sido muito difícil para esses homens registrarem algumas coisas que Jesus disse e fez e que atribuíam divindade a si mesmo. Vermes declara com respeito à alegada divindade de Jesus: "A identificação de uma figura histórica contemporânea com Deus teria sido inconcebível para um judeu palestino do século 1° a.D." (VeG.JTJ 212) O ponto das conclusões de Vermes é que o próprio Jesus jamais teria imaginado ser Deus. Vamos examinar a evidência.

Em Mateus 12.6, Jesus diz aos fariseu: "Aqui está quem é maior que o templo." Quão maior? Veja o v.8. Referindo-se à sua pessoa, Jesus declara: "Porque o Filho do homem é senhor do sábado." Como poderia alguém ser Senhor do Sábado exceto Deus que o instituiu? Essa é uma reivindicação direta à divindade.

Em Mateus 23.37, Jesus fala como se tivesse observado pessoalmente toda a história de Jerusalém:

> Jerusalém, Jerusalém! que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! quantas vezes quis eu reunir os teus

> filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!

Em Marcos 2.1-12, Jesus diz a um paralítico: "Filho, os teus pecados estão perdoados." Alguns escribas assentados ali perto entenderam o intento óbvio das palavras de Jesus e argumentaram:

> Por que fala ele deste modo? Isto é blasfêmia! Quem pode perdoar pecados, senão um, que é Deus?

Jesus os desafiou:

> Qual é mais fácil, dizer ao paralítico: Estão perdoados os teus pecados, ou dizer: Levanta-te, toma o teu leito, e anda? Ora, para que saibais que o Filho do homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados...

E Jesus curou, então, o paralítico. A implicação era evidente. Ninguém perdoa pecados senão Deus. Qualquer um pode afirmar que é capaz de perdoar pecados, mas Jesus provou que tinha poder para isso ao curar o homem. Jesus estava claramente reivindicando divindade para si mesmo. O preletor Jon A. Buell e o co-autor O. Quentin Hyder afirmam que

> não há um único verso no Antigo Testamento (ou outra literatura judia) que claramente atribua ao Messias o poder para perdoar pecados, embora a mesma literatura atribua este poder a Jeová! Ao perdoar pecados, Jesus estava, então, confirmando o referido poder de divindade e não de messiado. (Bu&H.J 23)

De volta a Mateus, no fim do Sermão do Monte (7.21-23), Jesus falou de si mesmo como o derradeiro juiz que terá autoridade para negar entrada no reino dos céus.

No parágrafo seguinte, em lugar de dizer: "Todo aquele que ouvir as palavras de Deus ou da Tora terá lançado um forte fundamento para a sua vida", Jesus declara: "Todo aquele, pois, que ouve estas Minhas palavras..."

David Biven, pesquisador do cenário hebraico dos relatos do evangelho, conclui:

> Não era o seu modo de ensinar ou sequer o conteúdo geral do seu ensino que tornou Jesus único entre os rabinos. O que *era* único em Jesus era o que ele afirmava ser, e ele raramente ensinou sem alegar ser não apenas o Messias de Deus, mas ainda mais espantoso, *Immanuel*, "Deus conosco." (BiD.L 5)

É surpreendente como os críticos tentam rejeitar as referências constantes de Jesus a si mesmo como divindade. Ian Wilson, por exemplo, escreve:

> No evangelho de Marcos, o mais consistente na transmissão da humanidade de Jesus, um homem é apresentado como correndo para ele e chamando-o de "Bom Mestre". A resposta de Jesus é uma censura firme: "Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão um só, que é Deus" (Mc 10.18). (Wil.JTE 176)

A interpretação de Wilson está 180 graus na direção errada. Visto no contexto da situação, Jesus está usando obviamente de ironia. Em essência, ele está argumentando: (1) Se ninguém é bom senão Deus, e (2) se eu sou bom, então, (3) eu devo ser Deus.

Muitas vezes Jesus é adorado e nada faz para desencorajar essa adoração (veja Mt 14.33; Jo 9.39). Seria de imaginar que alguém que repreendeu severamente Pedro por tentar impedi-lo de cumprir a vontade de Deus para que fosse crucificado, censurasse também severamente quem lhe oferecesse adoração, a qual deveria ser unicamente oferecida ao Deus vivo e verdadeiro. Paulo reagiu energicamente, quando tentaram fazer dele um deus em Listra (At 14.8-18). Quanto mais deveria Jesus ter reagido se fosse apenas um simples homem? Ele não citou Deuteronômio 6.13 a Satanás durante a sua tentação: "Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás"?

Uma ocorrência notável em que Jesus aceitou adoração se encontra em Mateus 21.15,16. Crianças louvam Jesus, gritando: "Hosana ao filho de Davi". Alguns comentaristas interpretam "Hosana" em um sentido estritamente literal: "Salve-nos, Filho de Davi". Mas isto não pode ser, pois (1) a sentença seria, então, na verdade: "Salve-nos, para o Filho de Davi", o que faz pouco ou nenhum sentido; (2) os principais sacerdotes e escribas que viram Jesus recebendo o louvor "indignaram-se, e perguntaram-lhe: Ouves o que estes estão dizendo?", como se Jesus devesse silenciá-los; e, mais importante, (3) Jesus respondeu, atribuindo a si mesmo algo que só era dado a Deus. Ele replica: "Nunca lestes: Da boca de pequeninos e crianças de peito tiraste (Deus) perfeito louvor para ti mesmo (Deus)?" Você entendeu o que Jesus disse? Basicamente foi isto: "Quando essas crianças me louvam, elas estão louvando a Deus."

De todos os escritores do evangelho, João percebeu mais claramente os indícios dados por Jesus sobre a sua identidade. Em vista de seu esforço para registrar essas pistas, ele tem sido o escritor do evangelho mais criticado de todos, supostamente envolvido por influências helenistas. Os eruditos de hoje, porém, começaram a compreender a falácia desta acusação. Em João 8.58, quando Jesus proclamou para uma audiência judia: "Em verdade, em verdade eu vos digo: Antes que Abraão existisse, eu sou", ele estava reivindicando dois aspectos da divindade para si mesmo:

- a existência eterna de Deus; e
- o nome de Deus.

Jesus estava reportando seus ouvintes a Êxodo 3.13,14, onde Moisés diz a Deus:

> *Eis que quando eu vier aos filhos de Israel e lhes disser:* O Deus de vossos pais me enviou a vós outros; e eles me perguntarem: Qual é o seu nome? Que lhes direi?

Deus respondeu a Moisés:

> SOU o que SOU...Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós outros.

Qualquer judeu teria ouvido a alegação de divindade de Jesus em alto e bom som. Essa a razão de o versículo seguinte do relato de João dizer: "Então pegaram em pedras para atirarem nele".

Ao todo, Jesus usa o termo *Eu sou* (gr., *Ego eimi*) mais de dezenove vezes com referência a si mesmo no evangelho segundo João.[40] Ele é muitas vezes usado para fazer afirmações sobre si mesmo que só seriam normalmente apropriadas para Deus. Por exemplo: "Eu sou o pão da vida; o que vem a mim, jamais terá fome; e o que crê em mim, jamais terá sede" (6.35); "Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará nas trevas, pelo contrário terá a luz da vida" (8.12); "Porque se não crerdes que eu sou morrereis nos vossos pecados" (8.24); "Eu sou o bom pastor" (10.11-14) (cf. Sl 23:1: "O Senhor é o meu pastor"); "Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá" (11.25).

Um pouco antes, em João 5.17, Jesus afirmou estar dando continuidade ao trabalho do Pai. Ele também chamou Deus de "Meu Pai". Em João 10.28-30, Jesus chamou novamente Deus de "Meu Pai". Ele também afirmou ser o doador da vida eterna e ser um com o Pai. Em ambas as ocasiões, as multidões de judeus pegaram pedras para atirar nele porque, como diziam: "Sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo" (Jo 10.33; cf. 5.18).

Em João 14.16, Jesus não disse apenas que estava ensinando a verdade aos homens, mas afirmou que ele era a verdade. Em João 14.9, Jesus advertiu Filipe: "Quem me vê a mim vê o pai". Em Isaías 42.8, Deus disse: "Eu sou o Senhor, este é o meu nome; a minha glória, pois, não a darei a outrem." Mas em João 17.5, Jesus orou: "E agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo."

Em João 5.19ss, Jesus faz um longo monólogo no qual repetidamente afirma estar no mesmo nível de autoridade que Deus Pai.

"Mesmo nas suas parábolas", diz Norman Geisler, "Jesus reivindicou funções reservadas apenas para *Javé* no Antigo Testamento, tais como: Pastor (Lc 15), Rocha (Mt 7.24-27), e Semeador (Mt 13.24-30)." (GeN.IC 14)

C. S. Lewis coloca todas essas alegações na perspectiva apropria-

da, quando lembra seus leitores de que Jesus era um judeu entre judeus:

> Entre aqueles judeus, de repente, surge um homem que anda em volta, falando como se fosse Deus. Ele afirma perdoar pecados. Ele diz que sempre existiu. Ele diz que virá julgar o mundo no fim dos tempos. Vamos pôr isto em pratos limpos. Entre os panteístas, como os indianos, qualquer um pode dizer que faz parte de Deus, ou é um com Deus: não haveria nada de estranho nisso. Mas esse homem, desde que era judeu, não poderia significar esse tipo de Deus. Deus, na linguagem deles, significava o Ser fora do mundo que o fizera e era infinitamente diferente de tudo o mais. Quando você tiver compreendido isso, verá que o que esse homem disse foi simplesmente a coisa mais chocante que já pronunciada por lábios humanos. (LeC.M 54-55)

JESUS ERA O DEUS QUE JULGAVA SER?

A pergunta: Jesus é Deus? é fundamentalmente diferente da pergunta: Deus é Jesus? Na última, Deus fica limitado à terra durante a vida terrena de Jesus. Na primeira, Deus simplesmente manifesta a si mesmo em figura humana. Isto significa claramente que uma teologia trinitária (ou pelo menos uma teologia de dupla personalidade) deve ser adotada, a fim de impedir que Deus deixe vago o seu domínio soberano sobre o universo durante a vida de Jesus.

Muitos eruditos judeus não criticam mais hoje os cristãos por serem triteístas. Embora esses estudiosos quase universalmente rejeitem a doutrina da trindade, eles não negam geralmente a possibilidade lógica de um deus único, manifestando-se em mais do que uma personalidade.

Este não é o lugar para demonstrar a doutrina da trindade, mas ela é necessária para ver que um tal conceito não é eliminado pelas Escrituras do Antigo Testamento. Se o Antigo Testamento elimina tal doutrina, será, então, ridículo pensar na possibilidade de Jesus ser Deus.

De fato, o Antigo Testamento, na verdade, sugere uma pluralidade de personalidade em um único Deus desde o início. Gênesis 1.26 declara: "Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança." Os eruditos do Antigo Testamento, Keil e Delitzsch, revisaram os argumentos propostos contra este versículo e descobriram que eram falhos. (KeC.COT I:61-62) Basta dizer que, se a passagem não exige uma concepção de múltipla personalidade, ela certamente permite isso, e a leitura mais natural da passagem a apóia.

Uma das maiores objeções à trindade usualmente deriva do versículo mais recitado entre o povo judeu, Deuteronômio 6.4: "Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor". O termo hebraico usado

aqui para "único" é *echod*, significando uma unidade *composta*. Trata-se da mesma palavra usada em Gênesis 2.24, onde o marido e a esposa recebem ordem para tornar-se *uma só* carne. Se o escritor de Deuteronômio tivesse querido expressar uma unidade *absoluta*, poderia ter empregado a palavra hebraica, *yachid*.

Existem também inúmeras passagens que sugerem ou requerem que o Messias seja visto como uma divindade. O Salmo 45, por exemplo, começa um cântico, celebrando "o casamento do Rei". Todavia, no v.3, ele parece mover-se para uma figura do tipo Messias e nos vv.6 e 7, lemos:

> O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre; cetro de eqüidade é o cetro do teu reino. Amas a justiça e odeias a iniqüidade; por isso Deus, o teu Deus te ungiu com o óleo de alegria como a nenhum dos teus companheiros.

Sir Normam Anderson examinou várias das outras passagens relativas ao Messias:

> Sua influência não seria apenas universal (Sl 2.8), mas também eterna (Is 9.7), e até divina (Sl 45.6, 7). O profeta Miquéias fala da sua pré-existência (Mq 5.2); Jeremias o descreve como "Senhor Justiça Nossa" (Jr 23.6); e Isaías fala dele como "Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai Eterno, Príncipe da Paz" (Is 9.6)... É interessante notar neste contexto que a declaração em Hebreus 1.6 ("E, novamente, ao introduzir o Primogênito no mundo, diz: E todos os anjos de Deus o adorem.") quase com toda a certeza representa uma citação tirada da "Septuaginta", versão grega do Antigo Testamento — palavras omitidas do final de Deuteronômio 32.43 no texto hebraico ou "massorético" agora oficial, mas presentes no texto dos Documentos do Mar Morto. (AnN.JC 73-74)

Alguns tentaram interpretar "Deus Forte", de Isaías 9.6, como "Guerreiro Poderoso". Não é a tradução mais natural e pareceria entrar em conflito com "Príncipe da Paz". A tradução de 1917 da Jewish Publication Society de Isaías 9.6 (9.5 nas versões judias), diz: "Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome é maravilhoso no conselho, é Deus Forte, o Pai eterno, o Príncipe da Paz (a última parte deste versículo é encontrada na nota de rodapé). O "é" encontrado entre "conselho" e "Deus" é puramente arbitrário e quebra a continuidade da sentença. O texto hebraico não dá indicação de que ele deveria estar ali. Além disso, o "no" entre "maravilhoso" e "conselho" não se acha no texto hebraico. A grande força do verso não pode ser destruída.

O Salmo 2.12 ordena que o Messias seja adorado:

> Beijai o Filho para que se não irrite, e não pereçais no

> caminho, porque dentro em pouco se lhe inflamará a ira. Bem-aventurados todos os que nele se refugiam!

Em Zacarias 12.10, Deus diz: "olharão para mim, a quem traspassaram". Como pode alguém traspassar Deus a não ser que Ele se manifeste na carne? Nos outros dez lugares em que "traspassar" é usado, pelo menos nove vezes a pessoa é atravessada por uma arma ou ferida até a morte; a ocorrência restante refere-se a soldados feridos.

Em Daniel 7.14, o Messias recebe um reino eterno, "para que os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem". Mas se todos estiverem servindo o Messias, então não ficaria ninguém para servir o Senhor, a não ser que o Senhor e o Messias estejam de alguma forma unidos.

Podemos dizer, então, que o Antigo Testamento, pelo menos em alguns pontos, permitiu e em outros exigiu que o Messias vindouro fosse identificado como Deus eterno. Assim sendo, se Jesus era o Messias, e se o Messias era Deus, então, Jesus tinha de ser Deus.

Voltando aos primeiros discípulos, E. M. Blaiklock observa:

> Uma das fontes da desilusão dos jovens é o halo ao redor da cabeça de algum herói humano que desvanece, o qual ele procurou precipitadamente adorar. Isso não aconteceu com Cristo e Seus discípulos. Durante três anos, eles andaram juntos pelas vielas e caminhos da Galiléia e da Judéia. Subiram juntos estradas íngremes até Jerusalém, sentaram-se juntos na grama verde acima de Tabgha. Juntos suportaram o calor de Jericó e os ventos cortantes do lago da Galiléia. Eles compartilharam o Seu repouso gelado debaixo das estrelas, Sua refeição na praia. Juntos enfrentaram as tempestades e as tensões na cidade santa, juntos gozaram da hospitalidade na casa de Betânia. Certamente, essas foram provas suficientes para que homens perspicazes viessem a conhecê-lO. O que aconteceu? Longe de perceberem o defeito oculto, a explosão humana de aborrecimento no fim de um dia cansativo, a ambição pessoal traída por uma palavra casual ou uma confidência insensata, longe de encontrar nEle defeitos decepcionantes, eles descobriram que seu sentimento de admiração e reverência crescia. (BIE. MM 85)

É espantoso que a mensagem de Jesus, inclusive a sua divindade, foi divulgada no exterior por esses homens e mulheres judeus. Nas palavras de James D. G. Dunn, Professor de Divindade na Universidade de Durham na Inglaterra:

> O testemunho não vem dos gentios para quem a deificação de um imperador era mais como uma promoção para a "câmara superior". Ele vem dos judeus. E os judeus eram a raça mais ferozmente monoteísta daquela época. Para um judeu falar de

> um homem, Jesus, em termos que o mostrassem compartilhando da divindade de Deus, era um aspecto realmente espantoso do cristianismo primitivo. (DuJ. E 61-62)

É suficientemente notável que um judeu com Tomé chegasse ao ponto de chamar Jesus de "Meu Senhor e meu Deus!" [41] Mas havia também Paulo. É incrível como os críticos tendem a esquecer que ele era um judeu (*par excellence*). Paulo foi treinado no judaísmo por ninguém mais senão o rabino Gamaliel. Ele era tão zeloso de sua fé monoteísta, que começou a perseguir os cristãos. Seu alvo na vida era ajudar a cumprir Isaías 45.22, 23, onde Deus diz por meio do profeta: "Eu sou Deus, e não há outro... *Diante de mim se dobrará todo joelho*, e jurará toda língua" (ênfase nossa). Paulo descobriu, então, que este ser saíra da eternidade e entrara no tempo, escrevendo, assim, sobre ele:

> Pois ele, subsistindo em forma de homem... a si mesmo se esvaziou... tornando-se em semelhança de homens... a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte, e morte de cruz... *para que ao nome de Jesus se tobre todo joelho... e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai* (ênfase nossa). [42]

Fica claro que Paulo queria dizer "Deus" com o termo *Senhor*, quando lemos Romanos 10.13, onde ele cita Joel 2.32: "Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo." Em Joel 2.32, o Senhor é claramente Deus.

Esses homens e mulheres judeus do século 1° vieram a aceitar Jesus como o Deus de sua fé monoteísta. Por quê? Certamente tinham sido atraídos para ele pelos seus ensinos e milagres confirmadores. Em algum ponto eles evidentemente verificaram que Jesus, o Filho do Homem, era também o Messias, esse Messias era Deus e, portanto, esse Jesus devia também ser Deus. Mas foi a ressurreição que solidificou a sua convicção. Norman Anderson resume:

> Ele fez freqüentemente reivindicações que teriam soado absurdas e blasfemas para os ouvidos judeus, mesmo saídas dos lábios do maior dos profetas. Ele disse que existira desde antes de Abraão e que era "senhor" do sábado. Ele afirmou perdoar pecados; identificou-se muitas vezes (em seu trabalho, sua pessoa e sua glória) com aquele que chamava de seu Pai celestial. Ele aceitou a adoração dos homens e disse que seria o juiz da humanidade no último dia, quando o seu destino eterno iria depender da sua atitude para com ele. Depois morreu. Parece indiscutível, portanto, que a sua ressurreição deva ser interpretada como a vindicação decisiva de Deus dessas afirmações, enquanto que a alternativa — a finalidade da cruz — iria necessariamente implicar no repúdio de suas asserções presunçosas e até blasfemas. (AnN.JC 113-14)

Parece, portanto, apenas justo que ao falarmos de Jesus nós nos refiramos a Ele com um *E* maiúsculo.

PARTE 3

APLICAÇÕES E CONCLUSÕES

16

JESUS E A IMPRENSA POPULAR

Não há nada de errado em tornar uma coisa popular. Os argumentos eruditos dos estudiosos muitas vezes precisam ser traduzidos na linguagem e conceito correntes.

O QUE HÁ, ENTÃO, DE ERRADO COM O QUE É POPULAR?

O "populista" com freqüência seleciona apenas aquela informação ou aqueles eruditos que apóiam seus próprios preconceitos sem tratar com os argumentos levantados pelos estudiosos da oposição. Todos os populistas são, até certo ponto, culpados dessa tendência. Portanto, o leigo deve cuidar para que o livro que lê apresente uma descrição correta de ambos os lados de uma questão e razões sólidas para que concorde com um desses lados e não com o outro.

Outro problema com muitas abordagens populistas, seja em relação a Jesus, à ciência, ou qualquer outro assunto, é que o escritor talvez faça declarações ou promova posições que foram desde há muito rejeitadas pelos estudiosos instruídos. Ele só consegue "emplacar" por causa da falta de conhecimento do público sobre o assunto. Surge, então, a necessidade de outros livros igualmente populares que possam "endireitar as coisas".

Nosso desejo tem sido o de compilar suficiente informação para permitir que o estudante médio ou o leigo possam avaliar corretamente livros, palestras, filmes e artigos sobre o Jesus histórico. Pois, como escreveu Louis Cassels no *Detroit News* há vários anos:

> Você pode contar com isso. Em alguns anos, algum "erudito" vai provocar sensação, publicando um livro que diz algo estranho sobre Jesus. (CaL.DJ 7A)

Com isso em foco, vamos examinar algumas falácias comuns que estão surgindo novamente nos livros populares (assim como nos que

não são tão populares) a respeito de Jesus.

ARMADILHAS DOS POPULISTAS

1. *A Abordagem "Self-Service"* (Bufê por quilo) é o método pelo qual o escritor ou crítico simplesmente tira do material do evangelho aquilo que lhe agrada. Cassels comenta novamente:

> O surpreendente sobre todos esses livros sensacionalistas é que eles só aceitam o que acham conveniente nos registros do evangelho e ignoram ou repudiam as outras partes do mesmo documento que contradiz as suas noções. (CaL.DJ 7A)

Essa abordagem é especialmente notada naqueles que adotam uma visão naturalista dos relatos do evangelho. A teologia liberal do século 19, por exemplo, tendia a aceitar tudo nas narrativas do evangelho, exceto os elementos sobrenaturais e quaisquer declarações, apoiando a divindade de Cristo. No século 20, Rudolph Bultmann, fortalecido pelos argumentos contra os milagres que foram também usados pelos liberais do século 19, concluiu: "Não podemos saber quase nada sobre a vida e personalidade de Jesus". (BuR.JW 8) Pelo menos ele era consistente. Pois se você remover o sobrenatural dos relatos do evangelho, nada mais faz, virtualmente, sentido nele. Os ensinos de Jesus sobre a fé, o reino dos céus e muitos outros assuntos tornam-se praticamente absurdos. A igreja se torna pouco mais que um clube social em lugar de uma comunidade de pessoas que consideram Deus como estando vivo e ativo em seu meio.

Os que estudam a crítica de forma e redação vão também observar a abordagem "Self-Service" em operação. As decisões tomadas sobre o que é "autêntico" ou "não é autêntico" nos registros do evangelho são bastante arbitrárias, baseadas numa intolerância preconcebida e apoiadas por conclusões arbitrárias anteriores. Os "resultados seguros da alta crítica" não são tão seguros como muitos pensam.

Os escritores e jornalistas populares adotam, às vezes, "conclusões eruditas" que são principalmente opiniões apoiadas por evidência "self-service" e registram como fato aquelas conclusões que lhes agradam mais e conclusões preconcebidas. Um jornalista influente, por exemplo, interpretou recentemente a pergunta de Jesus "E vós quem dizeis que eu sou?" da seguinte maneira:

> Ao que tudo indica, trata-se da pergunta de alguém que deseja perturbar, mas que está também perturbado. Alguém que se achou de alguma forma em águas mais profundas do que esperava; um homem perplexo e intrigado por um destino que pode ter começado a vislumbrar, mas do qual não tem pleno

> conhecimento. Desse modo, buscando orientação, tentando talvez limitar a escala de possibilidades, Jesus faz a pergunta aos seus seguidores. (MuCu.W 37)

Se alguém ler os três relatos do evangelho, descrevendo o incidente, é difícil ver como o escritor pôde chegar à sua conclusão. Como vimos, em Mateus, Jesus louva Pedro sucessivamente por sua resposta e o censura por tentar persuadir o Mestre para que não fosse a Jerusalém. Especialmente em vista das expectativas messiânicas do povo, Jesus aparece no perfeito comando de Seus sentidos, completamente instruído sobre o que está à Sua espera, claro em Suas convicções, sem necessidade de qualquer orientação pessoal, mas buscando preparar o Seu rebanho para aquilo que aguardava a todos eles em Jerusalém.

2. *A Confiança nos Resultados Discutíveis da Alta Crítica* é, sem dúvida, o engano mais comum das representações mais populares, eruditas e semi-eruditas de Jesus. Quando o escritor deseja distorcer, ou ignorar como não autêntico, certo material nas narrativas do evangelho, o método invariavelmente utilizado é fazê-lo soar como se todos os estudiosos modernos concordassem plenamente com as conclusões da alta crítica. Montgomery observa:

> Além do mais, as "autoridades modernas"... são consistentemente de um determinado tipo: Elas representam uma tradição radical da crítica do Novo Testamento que reflete as pressuposições racionalistas do século 19 (p.ex., A. Schweitzer), e que se baseia na escola de crítica de forma (*formgeschichtliche Methode*) de Dibelius e Bultmann, cuja abordagem é considerada como enganosa e fora de moda por grande parte dos eruditos bíblicos recentes. (MoJW.HC 18)

Especialmente irritantes são as tentativas de classificar todos os eruditos que crêem nos evangelhos como "fundamentalistas" desinformados, ignorando por completo os argumentos e raciocínios sólidos de estudiosos conservadores e altamente qualificados. Em 1985, por exemplo, num simpósio quase inteiramente integrado por defensores da "livre expressão de pensamento" e eruditos humanistas seculares, os crentes no evangelho eram constantemente chamados de "fundamentalistas", seguindo-se adjetivos e insinuações depreciativos.[1] Foi divertido num ponto em que fizeram uma pergunta a um orador, a qual ele disse não poder responder, pois seria necessário o conhecimento de vários idiomas antigos para dar uma resposta. Ele e muitos outros no recinto riram diante da impossibilidade e prosseguiram com outras perguntas.

É interessante, porém, que alguns dos mais decididos defensores da fé cristã sejam aqueles que aprenderam as línguas antigas relativas

aos textos bíblicos. Por exemplo, o Dr. Gleason Archer, professor do Antigo Testamento na Trinity Evangelical Divinity School, é fluente em pelo menos vinte línguas antigas e indo-européias. O professor de Princeton, em fins do século 19 e início do 20, Dr. Robert Dick Wilson, dominou 45 línguas e dialetos, a fim de estudar e defender a confiabilidade do Antigo Testamento. Quando estudava no seminário, ele lia o Novo Testamento em nove idiomas diferentes, inclusive uma tradução hebraica que memorizou sílaba por sílaba. Enquanto muitos estudantes foram para a Alemanha para aprender as teorias da alta crítica da época, Wilson afirmou que estudava na Alemanha, a fim de que não houvesse professor na terra que ditasse a lei para ele. No caso de Robert Wilson e Gleason Archer serem "fundamentalistas desinformados", esperamos que o seu número cresça.

3. *A Rejeição ou Ignorância da Evidência Histórica* é, também, geralmente vista em várias abordagens de Jesus. Um bom exemplo é a atitude de muitos eruditos e populistas com respeito ao apóstolo Paulo. Acusações têm sido repetidamente feitas de que o fundador do cristianismo foi Paulo e não Jesus, e que Paulo era tão helenizado, que todos os escritos do Novo Testamento refletem a sua teologia não judaica em vez da história verídica. Mas, como vimos, as reivindicações de um Messias deificado se originam no Antigo Testamento e não em Paulo. A teologia de Paulo tinha sua fonte em suas reflexões rabinicamente treinadas sobre a vida de Jesus como o cumprimento das predições e alusões do Antigo Testamento ao Messias. Esperaríamos que tanto Paulo como os evangelhos refletissem uma teologia similar como irmãos em uma fé comum, mas existe um excesso de impressões digitais históricas nos relatos do evangelho para atribuí-los a uma fonte não confiável.

Bultmann, confiando quase inteiramente na crítica literária e numa predisposição filosófica contra o sobrenatural, ignora virtualmente tudo que é histórico sobre a ressurreição de Jesus. Gary Habermas, Professor de Apologética e Filosofia na Universidade Liberty, declara:

> O tratamento dado por Bultmann à ressurreição de Jesus é feito sem qualquer investigação histórica. Ele concluiu desde o início: "Não é um evento mítico puro e simples? Evidentemente não é um evento da história passada." (HaG.AE 37; citando BuR.KM 38)

John Macquarrie, notável comentarista sobre a teologia de Rudolph Bultmann, declara:

> Aqui devemos censurar severamente Bultmann pelo que parece ser uma recusa arbitrária da possibilidade de compreender a ressurreição como um evento histórico objetivo... A falácia de tal argumento é óbvia. O único meio válido de verificar se um

> certo evento teve ou não lugar, não é apresentando uma suposição abrangente para mostrar que ele não poderia ter ocorrido, mas considerando a evidência histórica disponível, e decidindo a respeito. (MacJ.ET 185-86)

No restante deste capítulo, vamos examinar alguns dos principais enganos encontrados nos vários tratamentos da vida de Jesus hoje.

FALSOS RETRATOS DA VIDA DE JESUS

Ian Wilson e JESUS: A EVIDÊNCIA

O livro *Jesus: A Evidência* não é de todo mau. Wilson evidentemente teve de ler bastante para reunir uma tão grande quantidade de material. Ele oferece em alguns lugares informação de boa qualidade, tal como as frases do Manual de Disciplina dos Rolos do Mar Morto, mostrando que João não foi assim tão influenciado pelos helenistas como se pensava antes (p.41). Ele contém igualmente boas refutações de posições tais como a de G. A. Wells (que Jesus jamais existiu).

O tom do seu livro, porém, trai constantemente o que parece ser uma tentativa deliberada de destruir a integridade do Novo Testamento e dos primeiros cristãos. Wilson usa, muitas vezes, o astuto artifício de descrever a posição de outra pessoa, utilizando a evidência produzida por ela contra o evangelho; mas, no final, embora não concorde necessariamente com a posição da pessoa, ele deixa o leitor cheio de dúvidas produzidas pela evidência. Ele não diz se existe ou não qualquer evidência contrária nem a produz. Ao descrever, por exemplo, a posição de Bultmann, ele declara:

> A famosa declaração de Jesus: "Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a lei, e os profetas" (Mt 7.12) pode ser encontrada quase exatamente num ditado do grande rabino judeu Hillel, menos de um século antes de Jesus: "O que quer que considere odioso, não faça ao seu semelhante. Esta é toda a lei" (Tora). Não podemos, pois, jamais ter certeza de que isto foi dito por Jesus. (Wil.JTE 38)

Ele poderia ter dito pelo menos a seus leitores (1) que a declaração de Hillel confirma a historicidade da afirmativa de Jesus, mostrando o Seu judaísmo; e (2) que a declaração de Jesus difere de todos os outros ensinos similares conhecidos, por ser apresentada de forma positiva e não negativa.

Um dos principais problemas do livro é que Wilson é excessivamente influenciado pelos argumentos da alta crítica. Falando do

Evangelho de Marcos, por exemplo, ele afirma:

> Ele demonstra uma característica predominante, o descrédito dos judeus e a ocultação das falhas dos romanos. Quem escreveu Marcos retrata os discípulos judeus de Jesus como um grupo obtuso e briguento, sempre disputando posições, não compreendendo Jesus. Todo o estabelecimento judeu, fariseus, saduceus, principais sacerdotes e escribas, é representado como desejando matar Jesus... Em contraste, Pilatos, o romano, é descrito como positivamente suplicando pela vida de Jesus: "Que mal fez ele?" (Mc 15.14). (WiI.JTE 46)

O propósito desse argumento é naturalmente mostrar que Marcos, ao escrever seu evangelho em Roma, não registrou a história exata, mas propaganda distorcida e destinada a obter favor dos romanos. O argumento está realmente distorcido. É possível que Marcos tenha tentado registrar de maneira verídica todo o bem que pôde a respeito dos romanos. Mas Mateus mostrou Pilatos fazendo a mesma pergunta (27.23), e Mateus escreve para persuadir os judeus.

Além disso, os outros evangelhos também relacionam as falhas dos discípulos e o desejo dos fariseus, saduceus, principais sacerdotes e escribas de matarem Jesus. Marcos faz Pilatos capitular diante da multidão, algo bem pouco digno de um líder romano, e Marcos faz com que os soldados romanos espanquem, zombem, cuspam, e crucifiquem Jesus. Em outras palavras, eles eram tão culpados quanto os líderes judeus. Você acaba sentindo que não importa o que os escritores do evangelho escrevessem, os adeptos da alta crítica tentariam estraçalhá-los — a não ser, naturalmente, que eliminassem o sobrenatural e a divindade de Cristo.

Wilson usa terminologia tal como: "Para atenuar um pouco o golpe, Marcos sentiu-se obrigado a acrescentar..." e "Mateus alterou a última frase para..." e "Lucas deu o passo bem pouco respeitável de substituir todo o relato...tentando aparentemente justificar o incidente". (WiI.JTE 109) Ele, juntamente com a alta crítica, está basicamente dizendo que os escritores do evangelho são desonestos, mas raramente dizem isso às claras.

Os escritores do evangelho tinham um problema que Wilson e outros críticos deixaram de perceber: o de contar uma história inconcebível, mas verdadeira. Toda vez em que eles relatam algo anormal, por menor que seja, pode apostar que serão criticados. Wilson escreve em outro lugar:

> Segundo Marcos e os outros escritores sinópticos, o julgamento foi conduzido pelos "principais sacerdotes, anciãos e escribas...todo o Sinédrio" (Mc 14.53-55). Todavia, como salien-

> tado muito convincentemente pela maioria dos eruditos judeus, a autenticidade histórica de um encontro noturno de todo o Sinédrio, a suprema corte judia, nessa ocasião, é extremamente duvidoso. Nenhum encontro normal do Sinédrio jamais se realizou à noite, e as dificuldades de tirar representantes apropriados de suas camas em dias de festa teria sido muito maior do que simplesmente prender Jesus por aquela noite, ou até mesmo várias noites, se tivesse havido um julgamento verdadeiro. (WiLJTE 121)

Mas esse é justamente o ponto. Aquele não foi um encontro normal do Sinédrio. Já vimos em fontes judias que a casa dos principais sacerdotes não era nenhum bastião de integridade. De fato, sabendo da conspiração de Judas, eles planejaram o encontro antecipadamente. Note Mateus 26.57: "E os que prenderam a Jesus o levaram à casa de Caifás, o sumo sacerdote, onde se haviam *reunido* os escribas e os anciãos" (ênfase nossa).

Finalmente, Wilson extrai algumas conclusões muito forçadas, especialmente quando diz:

> Em vista dos poderes hipnóticos de Jesus, discutidos no capítulo seis, é possível que ele tivesse preparado seus discípulos para a sua ressurreição, usando a técnica que os hipnotizadores modernos chamam de sugestão pós-hipnótica. Por esse meio, ele poderia tê-los eficazmente condicionado a ter alucinações da Sua presença em resposta a certos sinais pré-arranjados (o partir do pão?), durante um período predeterminado após a sua morte. (WiL.JTE 141)

Em separado do fato de que uma leitura honesta dos relatos do evangelho mostra que tal truque era completamente contrário ao caráter de Jesus, ele também ignora a evidência. Tão logo os discípulos, no cenáculo, ou na estrada de Emaús, ou no Mar da Galiléia, olhassem para ver as espinhas de peixe no prato de Jesus, eles teriam compreendido que não estavam tendo alucinações.

JESUS: A EVIDÊNCIA — Cena Dois!

Em abril de 1984, a London Weekend Television levou ao ar uma série em três capítulos destinada a acompanhar o livro de Ian Wilson. Suas conclusões foram tão diferentes das dele, porém, que ele se dissociou da posição das versões da TV. Peter Foster, um professor sênior da Universidade de Durham disse: "Cada página do *script* está cheia de suposições discutíveis ou erros patentes."[2]

Estes são alguns exemplos do seu programa: Ele declara que as

ressurreições eram comuns nas religiões antigas. Mas, como vimos, essas ressurreições eram completamente diferentes da de Jesus (elas eram mais como ressuscitações repetidas com a mudança das estações) e não foram registradas como eventos históricos por testemunhas de primeira mão. Encontramos a alegação comum de contradições entre os relatos da ressurreição, ignorando completamente as explicações de John Wenham em *Easter Enigma*. Ele tenta explicar o túmulo vazio em termos de os judeus ou de os cristãos terem roubado o corpo, teorias essas há muito rejeitadas como insustentáveis. E sugere ainda que o *Evangelho Apócrifo de Tomé* é mais confiável do que os evangelhos canônicos. Bem poucos eruditos apoiariam essa conclusão.

G. A. Wells e A EXISTÊNCIA DE JESUS

Sem virtualmente nenhum apoio em qualquer parte do mundo, o Professor Wells continua a afirmar avidamente que não existe evidência de que Jesus tivesse jamais vivido. Ele parece ter o monopólio dessa posição, tendo agora escrito três livros a respeito para não mais de um dos outros escritores. (WeG.JEC, WeG.DJE, e WeG.HE) A Promotheus Books, uma publicadora secular humanista, parece estar apta a suprir um número suficiente de leitores para Well continuar publicando o seu material. Todavia, como reflete o Professor Habermas:

> Bem poucos estudiosos comparativamente postulam que Jesus jamais tivesse nascido. Tais posições são vistas hoje como um uso errado e espalhafatoso dos dados históricos disponíveis. (HaG.AE 31)

A fim de manter a sua posição, Wells tem de avançar as datas dos evangelhos até cerca de 100 a.D. As suas opiniões estão quase cem anos fora da data, desde que hoje até os estudiosos mais radicais geralmente datam os sinópticos entre 65 e 80 a.D., e alguns eruditos recentes (não necessariamente conservadores) estão empurrando as datas para os anos cinqüentas. R. T. France escreve sobre a metodologia de Wells:

> Os livros de Wells são escritos com atenção cuidadosa aos detalhes e em um tom calmo e racional, mas o seu método é de alguém que sabe aonde vai e que, portanto, escolhe sempre do leque de estudos do Novo Testamento aquelas posições extremas que melhor se ajustam às suas teses. Ele as tece depois em um relato global que não teria o apoio de nenhum daqueles que mencionou. (FrR.E 12)

O Professor James Dunn responde a um dos argumentos centrais de Wells:

> G. A. Wells, professor de alemão na Universidade de

> Londres, concluiu, a partir do silêncio virtual de Paulo sobre o ministério e os ensinamentos de Jesus, que o Jesus dos evangelhos nunca existiu...Basta sublinhar o fato de que o silêncio relativo de Paulo sobre "o Jesus histórico" é bem conhecido de todos os eruditos trabalhando nessa área. Ninguém que conheço compartilha a opinião do Dr. Wells. Outras explicações são muito mais plausíveis. Por exemplo, Paulo estava tão absorvido pela sua fé no Cristo ressurreto e exaltado, que teve pouca necessidade ou ocasião de reportar-se ao ministério terreno de Jesus em separado do episódio central da sua morte e ressurreição. Ou, que as tradições sobre Jesus eram suficientemente familiares às suas congregações e não apresentavam controvérsias, de modo que não precisava mais que aludir a elas, como o faz com tanta freqüência.
>
> A tese alternativa de que num prazo de trinta anos surgira um complexo tão coerente e consistente de tradições sobre uma figura fictícia, tal como o que temos nas fontes dos evangelhos, é demasiado implausível. (DuJ.E 29)

Interpretações Bizarras

Existem quatro descrições não relacionadas de Jesus que agrupamos por causa das suas conclusões bizarras. A primeira da lista é a obra de J. M. Allegro, *The Sacred Mushroom and The Cross* ("O Cogumelo Sagrado e a Cruz"). (AlJ.SM) Allegro argumenta aqui que "Jesus" era originalmente um nome em código para um cogumelo alucinógeno antigo usado pelas pessoas que se tornaram os primeiros cristãos. Embora Allegro tenha mostrado ser um lingüista competente, seus esforços nesse livro receberam a distinção da seguinte crítica dos outros eruditos (a maioria dos quais não é formada por cristãos evangélicos), publicada em alguns dos principais jornais da Grã-Bretanha:

> Do Professor Sir Godfrey Driver, F.B.A., e outros:
> Senhor,
>
> Muita publicidade tem sido dada recentemente a um livro (*The Sacred Mushroom and the Cross*) por J. M. Allegro, ex-preletor na Universidade de Manchester.
>
> Esta é uma obra que os eruditos não desejariam normalmente comentar. Mas os abaixo assinados, especialistas em várias disciplinas relevantes e homens de várias crenças e de nenhuma crença, consideram seu dever tornar conhecido que o livro não se baseia em qualquer evidência filológica ou outra que possam aceitar como erudita.
>
> Em sua opinião, este trabalho é um ensaio na fantasia em vez de filologia.

> (Assinado) G. R. Driver, Professor Emérito da Universidade de Filologia Semítica de Oxford; P. R. Ackroyd, Professor de Estudos no Antigo Testamento, Universidade de Londres; G. W. Anderson, Professor do Antigo Testamento, Universidade de Edimburgo; J. N. D. Anderson, Professor de Leis Orientais, Universidade de Londres; James Barr, Professor de Línguas Semíticas, Universidade de Manchester; C. F. Beckingham, Professor de Estudos Islâmicos, Universidade de Londres; Henry Chadwick, Reitor da Igreja de Cristo, Universidade de Oxford; John Emerton, Regius Professor de Hebraico, Universidade de Cambridge; O. R. Gurney, Professor de Assiriologia, Universidade de Oxford; E. G. Parrinder, Leitor de Estudos Comparativos de Religiões, Universidade de Londres; D. Winton Thomas, Professor Emérito de Hebraico, Universidade de Cambridge; Edward Ullendorff, Professor de Estudos Etíopes, Universidade de Londres; G. Vermes, Leitor de Estudos Judaicos, Universidade de Oxford; e D. J. Wiseman, Professor de Assiriologia, Universidade de Londres. (BIE.MM 8-9)

The Passover Plot, de Hugh Schonfield, obteve rápida popularidade quando foi publicado. (ScH.TPP) Não existe evidência histórica em apoio desta abordagem. (Veja McJ.RF) O autor simplesmente inventa um jovem desconhecido que aparece convenientemente sempre que é necessária uma explicação para um novo sepultamento ou aparição de Jesus. O fato de a vida dos discípulos ser tão irreversivelmente transformada por tal fraude faz deles pessoas inconcebivelmente crédulas.

Em *Holy Blood, Holy Grail,* os autores admitem claramente o uso da abordagem "self-service". Eles afirmam:

> Não era nossa intenção desacreditar os evangelhos. Procuramos apenas peneirá-los — a fim de localizar certos fragmentos de verdade possível ou provável e extrair deles a fonte dos exageros que os cercam. Estávamos buscando fragmentos de um caráter muito preciso, acima de tudo. Fragmentos que pudessem confirmar o casamento de Jesus com a mulher conhecida como Madalena. Tais confirmações, desnecessário é dizer, não seriam explícitas. Já sabíamos que iríamos ser obrigados a ler nas entrelinhas, preencher certas lacunas, justificar certas interrupções e elipses. Teríamos de tratar com omissões, insinuações, referências que eram, em sua maior parte, oblíquas. Não teríamos apenas de investigar a evidência de um casamento, mas também evidências das circunstâncias que pudessem parecer conduzir a um casamento. (BaM.HB 330)

Seria difícil encontrar uma explicação mais completa do pecado cardeal da interpretação bíblica: exegese, ou inserir elementos no texto.

Os autores não estão obviamente abordando o texto com uma disposição objetiva de descobrir o intento real de quem o escreveu. O Professor Habermas descreve o resultado:

> Afirma-se que, desde que Jesus e sua mãe foram chamados para um casamento, em João 2.1-11, e desde que desempenham um papel importante, ele deve ser automaticamente o casamento de Jesus. Aparentemente, ninguém pode ter um papel de destaque no casamento de outrem, mesmo que possa operar milagres! No relato da ressurreição de Lázaro, em João 11.1-46, fica confirmado que, desde que Marta correu para saudar Jesus na sua chegada, enquanto Maria esperou na casa até que Jesus perguntou por ela (vv. 20,28), Maria deve ser a esposa de Jesus! Os autores chegam até a admitir um argumento ilógico através de tal raciocínio.
>
> Fica evidente que, nessas teses, as conclusões são muitas vezes obtidas, subtraindo do evangelho ou até fazendo acréscimos a eles do que a pessoa gostaria de achar. No caso em pauta, os autores até admitem esse procedimento. (HaG.AE 77)

Uma quarta abordagem bizarra à vida de Jesus faz dele um viajante internacional para a Índia, Tibete e até Japão. O livro mais recente que vimos ao longo dessas linhas é *The Lost Years of Jesus* ("Os Últimos Anos de Jesus"), por Elizabeth Clare Prophet. (PrE.LY) Recomendamos expressamente este livro a todos os críticos de forma. É uma excelente oportunidade para observar, em primeira mão, como são, na verdade, o mito e a lenda! O problema principal com este livro é que o leitor é levado através de 350 páginas e cada vez que uma evidência concreta está para ser revelada, ela se desvanece no ar. Não fica nada. O livro é basicamente uma espécie de chamariz para uma religião oriental mística, pseudocristã. Ignora completamente o judaísmo de Jesus, fazendo com que Ele permaneça no Oriente desde os 13 até os 29 anos. Este "avanço histórico que abalará os fundamentos do cristianismo moderno" é, na verdade, longo em conjeturas e curto em história. Muito curto!

"A Última Tentação de Cristo"

Um aviso no início do filme de 1988, "A Última Tentação de Cristo", afirma que ele não é baseado nos evangelhos, mas na novela de 1955, de Nikos Kazantzakis com o mesmo nome. O espectador com certo conhecimento descobre em breve que o filme quase não possui detalhes históricos corretos. Vamos apresentar três exemplos:

1. A geografia e os costumes do povo são mais africanos que semitas do primeiro século.
2. Embora tenha sido feita uma tentativa definida em relação ao

realismo, o resultado só pode ser descrito como ineficaz. Como alguém pode ser convencido pelo delírio do João Batista do filme, pelos sermões passivos de Jesus, ou pela pregação neo-ortodoxa de Paulo ("Não importa qual a verdadeira aparência de Jesus, só importa o que as pessoas crêem a respeito dele"), é o verdadeiro mistério desse filme.

3. João Batista, conhecido nos evangelhos como sendo seis meses mais velho que Jesus, é retratado como tendo 40 anos a mais que Jesus.

Os produtores de filmes geralmente parecem ter ignorado boas fontes históricas tais como Josefo, para não citar os evangelhos.

Se os escritores dos evangelhos revelaram um retrato exato do Jesus que viveu na história, a "Tentação" não é, então, apenas fictícia, ela é também anticristã. Por exemplo, o Jesus da história ensinou que "qualquer que olhe para uma mulher com intenção impura, no coração já adulterou com ela" (Mt 5.28). O Jesus de "Tentação" muitas vezes comete adultério em seu coração e afirma que o único motivo para não praticar o ato físico é porque tem medo.

Vários outros enganos existem. Por exemplo:

> Jesus...anuncia que a sua morte vai pagar pelos seus próprios pecados e não pelos da humanidade. Ele pega torrões de terra e pedras e diz: "Este é o meu corpo, também", o que aparentemente o torna um fundador do panteísmo: assim como do cristianismo. (LeJ.HF 36)

Jesus é descrito como mentalmente perturbado e tão confuso, que ninguém de bom senso iria segui-lo, muito menos morrer por ele.

A única pergunta substancial levantada pelo filme é provavelmente se os produtores de filmes e autores têm o direito de destruir a reputação de uma famosa figura histórica por causa de seus próprios interesses criativos. Como colocou o colunista Patrick Buchanan, "pode alguém

> defender um filme intitulado "A Vida Secreta de Martin Luther King", que descrevesse o líder de direitos humanos assassinado como um maníaco sexual implacável...ou um filme mostrando Anne Frank como uma adolescente sensual, fantasiando romances com alguns guardas da SS em Auschwitz? Claro que não. (BuP.CB A-9)

Jesus o Semizelote

O livro de S. G. F. Brandon, *Jesus and the Zealots,* foi escrito mais a nível erudito do que em abordagens populares típicas da vida de Jesus.

O curioso sobre o livro é que em todo ele, Brandon parece estar argumentando para defender Jesus como zelote, mas não consegue ir até o fim em seu empenho.

Apesar do nível erudito dessa obra, ela está crivada de especulações e raciocínios falsos. Por exemplo, Brandon ridiculariza o Evangelho segundo Marcos de um modo típico dos críticos de forma:

> O historiador judeu Josefo registra várias ocasiões, que vamos notar em maiores detalhes mais tarde, de pretendentes messiânicos que instigaram o povo com promessas de salvação e foram destruídos pelos romanos. Em nenhum desses casos as autoridades judias os prenderam, condenaram por blasfêmia ou os entregaram aos romanos. Por que, então, deveriam ter agido assim com Jesus, como Marcos descreve que fazem? Isso é, portanto, ainda mais notável. (BrS.JZ 7)

Na verdade, não é assim tão notável, pois existem algumas diferenças profundas entre Jesus e os pretendentes messiânicos típicos do estilo zelote. Número um, eles não andavam por toda a parte, afirmando ser Deus e rejeitando decididamente os ensinos dos líderes religiosos judaicos. Número dois, eles dirigiam seus ataques contra os romanos. Mas Jesus, em duas ocasiões distintas, dirigiu contra o templo a única agressão física registrada a respeito dEle. O templo era o principal centro de coleta de rendas do estabelecimento judeu.

Brandon constrói grande parte de seu caso sobre detalhes, tais como: "Lucas registra similarmente um incidente que Marcos poderia perfeitamente ter considerado político suprimir, a saber, que Jesus tomou a precaução de verificar que seus discípulos estivessem armados antes de ir para o Getsêmani." (BrS.JZ 16,324) Veja bem! Quando os discípulos disseram: "Senhor, eis aqui duas espadas", Jesus respondeu: "Basta" (Lc 22.38). Você está tentando dizer que com aquelas duas espadas os discípulos de Jesus estavam suficientemente armados para enfrentar todo o exército romano, a maior máquina de guerra do mundo?

Outro fato sobre o qual Brandon constrói o seu caso é que Jesus "tinha entre seus discípulos um zelote professo." (BrS.JZ 78) Mas Jesus também tinha entre Seus discípulos um cobrador de impostos. Devemos, então, julgar que Jesus era um agente da Receita Federal romana?

Outros eruditos não se convenceram de que Jesus tinha algo em comum com os zelotes. O Dr. Vermes declara:

> Não existe evidência, em minha leitura dos evangelhos, que possa apontar para qualquer envolvimento particular de Jesus nas questões revolucionárias dos zelotes, embora seja provável que alguns de seus seguidores estivessem comprome-

> tidos com eles e desejassem proclamá-lo como o Rei Messias destinado a libertar seu povo oprimido. (VeG.JWJ 12)

Até mesmo Ian Wilson concorda, ao resumir:

> Se ele estivesse envolvido na política, poderíamos pelo menos esperar que seus pronunciamentos fossem salpicados de referências a eventos históricos do passado, tais como a captura de Jerusalém por Pompeu, ou a colaboração de Herodes, o Grande, com os romanos, mesmo que ele evitasse qualquer coisa sediciosa quanto às questões correntes. Mas tais assuntos não fazem simplesmente parte do seu vocabulário. (Wil.JTE 114)

Além do fato de o livro ser eivado de especulações, seu principal problema é que ele não faz nenhum sentido com respeito às declarações de Jesus, tal como as Suas palavras a Pilatos:

> O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus ministros se empenhariam por mim, para que não fosse eu entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui.[3]

E o que dizer da censura feita por Jesus a Pedro na noite em que Ele foi preso? "Embainha a tua espada; pois todos os que lançam mão da espada, à espada perecerão."[4] Essas declarações, quando comparadas a outras dadas por Jesus (*e.g.*, o Sermão do Monte) são inegavelmente autênticas para um pesquisador imparcial.

Em última análise, *Jesus and the Zealots* é um bom exemplo de reconstrução especulativa da vida de Jesus e de como os autores dessas obras procuram construir o seu caso. Eles inevitavelmente fazem uso dos seguintes passos:

1. Apoiados nos "resultados corretos da alta crítica", eles tentam destruir a confiabilidade histórica abrangente das narrativas do evangelho, atribuindo o seu desenvolvimento a camadas sucessivas das crenças, mitos e lendas da primeira igreja.
2. O passo um deixa a porta aberta para a abordagem "self-service" de extrair e escolher quais as partes das narrativas do evangelho que serão mais convenientes para a sua tese particular. Os textos selecionados são tidos como a "semente" do material historicamente confiável nos relatos do evangelho.
3. Finalmente, várias "evidências" fora do Novo Testamento são promovidas e aplicadas. Brandon usa pelo menos fontes bastante confiáveis da cultura romana e judaica; outros empregam material muito mais discutível de evangelhos "secretos" e outros.

A fim de colocar os pingos nos seus devidos lugares, Brandon

repudiou qualquer alegação de que Jesus fosse um zelote em um artigo posterior: "Jesus e os Zelotes: Uma Correção". (BrS.JZC 17:453)

Jesus, o Mágico

A coisa provavelmente mais irritante sobre a obra de Morton Smith, *Jesus, o Mágico*, talvez seja a arrogância direta com que o autor declara teorias como sendo conclusões. "Em primeiro lugar", afirma Smith, "os evangelhos repetidamente se contradizem uns aos outros, até mesmo quanto ao curso dos eventos". (SmM.JTM 3)

Pelos exemplos citados, fica claro que ele quer dizer "parecem contradizer uns aos outros", pois não demonstra, de forma alguma, uma contradição identificável, somente ênfases diferentes ou os métodos de registro usados pelos diferentes escritores do evangelho.

"Em segundo lugar, os evangelhos foram escritos, não apenas para registrar eventos, mas também para produzir e confirmar a fé em Jesus, o Messias (isto é, o Cristo), o Filho de Deus — não uma figura histórica, mas mitológica". (SmM.JTM 3) Isto é novamente apresentado como uma declaração verdadeira, embora muitos eruditos discordem dela, como já vimos através de nosso estudo.

Com respeito às questões relativas à ressurreição de Jesus, Sua afirmação de ser o Messias, e Seus ensinos, Smith confirma: "Nesses e em outros aspectos similares, a evidência dos evangelhos é sempre suspeita e muitas vezes contraditória". (SmM.JTM 17) Fica evidente que Smith, ao terminar seu livro na Universidade de Tübingen, onde Strauss completou sua *Vida de Jesus* há mais de cem anos, não levou em consideração que grande parte dos eruditos discordaram de Strauss nesse intervalo de tempo. Smith faz as mesmas velhas acusações, por exemplo: "Não é provável que os cristãos tivessem relatórios confiáveis do que foi dito no Sinédrio." (SmM.JTM 20) Verdade? Havia pelo menos um, talvez dois, simpatizantes cristãos naquele encontro. Os textos dizem que "todo" o conselho estava reunido. Isto teria incluído José de Arimatéia e provavelmente também Nicodemos. Eles poderiam muito bem ter dado testemunhos oculares do ocorrido.

Como seria de esperar, Smith confia nas idéias críticas mais radicais, a fim de suprimir a evidência dos relatos do evangelho. Ele confia especialmente em datas posteriores para os evangelhos: "Escrito cerca de 75 a.D., Marcos foi usado nas décadas de 80 e 90, tanto por Mateus como por Lucas". (SmM.JTM 11) Como vimos, a maioria dos eruditos não mais aceitaria tais datas de origem.

As distorções da evidência que parecem ocorrer em quase todos os parágrafos, fazem Smith parecer alguém disposto a provar a sua teoria sem levar em conta o que a evidência diz. Por exemplo, falando sobre

Jesus transformar a água em vinho, Smith confirma: "A história de Caná é também provavelmente uma ficção; foi mostrado que teve como modelo um mito dionisíaco". (SmM.JTM 25) Mas, como vimos antes, o mito dionisíaco é que usou provavelmente como modelo a história de Caná, pois a origem desse mito é certamente posterior à dos registros do milagre de Jesus. O leitor deve compreender que o mito teve quase certamente origem no século 2º e foi provavelmente uma tentativa deliberada para impedir que os adoradores de Dionísio se tornassem cristãos.

Outra distorção fica evidente na comparação que Smith faz de Jesus com Apolônio de Tiana. (SmM.JTM 84ss.) Já examinamos parte dos problemas associados com a vida de Apolônio. A evidência de confiabilidade é extremamente suspeita e falha lamentavelmente em comparação com a confiabilidade dos relatos do evangelho.

Até a maneira como Smith trata o Novo Testamento deve fazer com que os leitores tenham cautela. Ao citar Atos 19.19, ele declara: "Muita magia era praticada nas primeiras igrejas". Mas o texto prova justamente o oposto. O contexto da passagem indica que a magia era praticada entre o povo de Éfeso, provavelmente tanto judeus como gregos, até o ponto em que alguns exorcistas chegaram a usar, sem sucesso, o nome de Jesus para realizar os exorcismos; e como o povo acreditava sinceramente em Jesus, eles estavam confessando os seus pecados e levando seus livros de magia para serem queimados. A igreja não encorajava a mágica, ela a condenava!

Smith produz muita "evidência" à qual grande número de leitores não tem acesso, textos de antigas práticas mágicas no Egito e nas culturas helenistas próximas à Palestina. Smith raramente discute as datas de origem dessas fontes ou oferece argumentos objetivos a favor ou contra os pontos apresentados por ele. Até mesmo o sistema de notas usado (também seguido por Ian Wilson) é obscuro, pois não há indicação no texto quando Smith coloca novas informações em uma nota de rodapé. *Jesus, o Mágico* confunde mais do que esclarece, deturpa mais do que avalia corretamente a evidência.

Uma última fraqueza do livro é que Smith aborda a evidência do evangelho com um preconceito claramente helenista. Ele ignora quase completamente o judaísmo dos escritores do evangelho, as obras produzidas por eles, e a Pessoa de Jesus.

CONCLUSÃO

Muitas outras descrições da vida de Jesus poderiam ser examinadas aqui. Mas este capítulo ficaria, então, infindável. Nosso desejo é que

este livro ofereça a você suficiente informação para avaliar quaisquer abordagens à vida de Jesus que vierem a confrontá-lo. Depois de avaliar a evidência para o Jesus que realmente viveu na história, é nossa firme convicção que os escritores do evangelho descreveram corretamente a vida que Ele viveu na terra. Esperamos que essa também seja a sua convicção.

UM NOVO COMEÇO

Conhecer Jesus através da história é conhecê-lO a distância. É só receber informação *a respeito* dEle e não realmente **conhecê-lO**. Todavia, o registro histórico da Sua vida revela que Ele desejava intensamente que "toda a humanidade" pudesse conhecê-lO pessoalmente. Na véspera da Sua crucificação, quando Ele soube que a morte estava iminente e os mais importantes pensamentos encheram Sua mente, nós O descobrimos orando diante dos discípulos:

> Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti; assim como lhe conferiste autoridade sobre toda a carne, a fim de que ele conceda a vida eterna a todos os que lhe deste. E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.[5]

Ou Jesus era supremamente egoísta ou Ele estava revelando todo o propósito da Sua vida na história humana: para que todos os que fazem parte da humanidade possam aproximar-se dEle. Não apenas para saber a respeito dEle, mas para conhecê-lO realmente de maneira pessoal.

Uma das mais poderosas evidências de que Jesus viveu, morreu e ressurgiu dos mortos é a vida transformada de Seus discípulos, desde aqueles do século 1° até os do presente. Centenas de milhares de pessoas, através da história, puderam dizer que passaram a conhecê-lO e que Ele mudou as suas vidas.

Durante o século 19, os críticos eruditos colocaram uma linha divisória entre o Jesus da história e o Cristo da fé. Nossa experiência, juntamente com a dos cristãos em toda a história, é que tal barreira não existe. Por causa da ressurreição, o Jesus histórico continua a viver na história. Nas palavras do apóstolo Paulo, "Jesus Cristo ontem e hoje é o mesmo, e o será para sempre".[6]

Podemos compreender a razão de Paulo não dedicar tanto espaço em seus escritos para a vida terrena de Jesus. Conhecer Jesus no presente é extremamente excitante! Se você ainda não fez a maravilhosa descoberta de conhecer a Cristo pessoalmente, convidamos você a ler o Apêndice para ficar sabendo como fazer isso. A descoberta do Jesus histórico em nossa experiência diária é, sem dúvida, a maior descoberta que podemos fazer!

VOCÊ GOSTARIA DE CONHECER A DEUS PESSOALMENTE?

Os quatro princípios abaixo ajudarão você a descobrir como conhecer a Deus pessoalmente e experimentar a vida abundante prometida por Ele.

1 DEUS **AMA** VOCÊ E O CRIOU PARA CONHECÊ-LO PESSOALMENTE.
(As referências contidas nestas páginas devem ser lidas no contexto da Bíblia, sempre que possível.)

O Amor de Deus

"Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (João 3.16).

O Plano de Deus

"E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (João 17.3).

O que nos impede de conhecer a Deus pessoalmente?

2 O HOMEM É **PECADOR** E **SEPARADO** DE DEUS, PORTANTO, NÃO PODEMOS CONHECÊ-LO PESSOALMENTE NEM EXPERIMENTAR O SEU AMOR.

O Homem É Pecador

"Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus" (Romanos 3.23).

O homem foi criado para ter comunhão com Deus; mas por causa da sua teimosia, ele preferiu seguir seu próprio caminho, e a comunhão com Deus cessou. Esta vontade obstinada, caracterizada por uma atitude de rebelião ativa ou indiferença passiva, é uma evidência do que a Bíblia chama de pecado.

O Homem Está Separado

"Porque o salário do pecado é a morte" (separação espiritual de Deus) (Romanos 6.23).



Este diagrama ilustra a idéia de como Deus é santo e o homem, pecador. Um grande abismo separa os dois. A flecha mostra que o homem está sempre tentando alcançar a Deus e estabelecer uma relação pessoal com Ele por meio de seus próprios esforços, tais como uma vida boa, filosofia e religião.

O terceiro princípio explica a única maneira de fechar esse abismo...

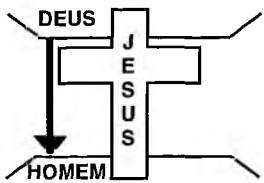
3 JESUS CRISTO É A **ÚNICA** PROVISÃO DE DEUS PARA O PECADO DO HOMEM. SÓ POR MEIO DELE PODEMOS CONHECER A DEUS PESSOALMENTE E EXPERIMENTAR O SEU AMOR.

Ele Morreu em Nosso Lugar

"Cristo morreu pelos nossos pecados...foi sepultado...ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras...Apareceu a Cefas, e, depois, aos doze. Depois foi visto por mais de quinhentos" (1 Coríntios 15.3-6).

Ele É o Único Caminho para Deus

"Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14.6).



Este diagrama ilustra como Deus fechou o abismo que nos separava dEle, enviando seu *Filho, Jesus Cristo,* para morrer na cruz em nosso lugar, a fim de pagar o preço pelos nossos pecados.

Não basta conhecer apenas essas verdades...

4 DEVEMOS **RECEBER** JESUS CRISTO COMO SALVADOR E SENHOR; PODENDO, ASSIM, CONHECER A DEUS PESSOALMENTE E EXPERIMENTAR O SEU AMOR.

Devemos Receber a Cristo

"Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; a saber, aos que crêem no seu nome" (João 1. 12).

Recebemos a Cristo pela Fé

"Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie" (Efésios 2.8,9).

Quando Recebemos a Cristo, Nascemos de Novo. (Leia João 3.1-8.)

Recebemos a Cristo mediante Convite Pessoal

(Cristo falando): "Eis que estou à porta, e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa" (Ap 3.20).
Receber a Cristo envolve voltar-se de si mesmo para Deus (arrependimento) e confiar em Cristo para entrar em nossa vida e perdoar nossos pecados, fazendo de nós o tipo de pessoas que Ele quer que sejamos. Apenas concordar intelectualmente que Jesus é o Filho de Deus e que Ele morreu na cruz pelos nossos pecados não basta. Também não é suficiente ter uma experiência emocional. Recebemos a Cristo pela fé, como um ato da vontade.
Esses dois círculos representam dois estilos de vida:

VIDA DIRIGIDA PELO "EU"
E — O "eu" no trono
! — Cristo está do lado de fora da vida
. — Os interesses são dirigidos pelo "eu", resultando freqüentemente em discórdia e frustração.



VIDA DIRIGIDA POR CRISTO
! — Cristo está na vida e no trono
E — O "eu" está entregue a Cristo
. — Os interesses são dirigidos por Cristo, resultando em harmonia com o *plano de Deus.*

Que círculo representa melhor a sua vida? Que círculo você gostaria de que representasse a sua vida?

Vamos explicar, a seguir, como você pode convidar a Jesus Cristo para entrar em sua vida.

VOCÊ PODE RECEBER A CRISTO AGORA, PELA FÉ E MEDIANTE ORAÇÃO

(Orar é falar com Deus)

Deus conhece o seu coração e não está tão interessado nas suas palavras como na atitude do seu coração. Abaixo, encontra-se uma sugestão de oração:

> "Senhor Jesus, quero conhecê-lO pessoalmente. Obrigado por ter morrido na cruz pelos meus pecados. Abro a porta da minha vida para recebê-lO como meu Salvador e Senhor. Obrigado por perdoar os meus pecados e me dar a vida eterna. Tome posse do trono da minha vida. Faça de mim o tipo de pessoa que quer que eu seja."

Essa oração expressa o desejo do seu coração? Caso positivo, faça essa oração neste momento mesmo, e Cristo entrará em sua vida como prometeu.

Como Saber que Cristo Está na Sua Vida

Você recebeu a Cristo em sua vida? Segundo a Sua promessa em Apocalipse 3.20, onde Cristo está agora em relação a você? Cristo disse que Ele entraria na sua vida e seria seu amigo, a fim de que pudesse conhecê-lO pessoalmente. Ele o enganaria? Com que autoridade você sabe que Deus respondeu à sua oração? (A fidelidade de Deus e a Sua Palavra.)

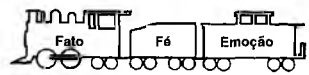
A Bíblia Promete a Vida Eterna a Todos os que Recebem a Cristo

"E o testemunho é este, que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no seu Filho. Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida. Estas coisas vos escrevi, a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus" (1 João 5.11-13).

Agradeça sempre a Deus por Cristo estar na sua vida e porque Ele nunca o deixará (Hebreus 13.5). Você pode saber, de acordo com a Sua promessa, que Cristo vive em você e que você tem a vida eterna, a partir do momento em que O convidar. Ele não decepcionará você.

NÃO DEPENDA DOS SENTIMENTOS

A promessa da Palavra de Deus, a Bíblia — e não os nossos sentimentos — é a nossa autoridade. O cristão vive pela fé (confiança) na fidelidade de Deus e da Sua Palavra. Este diagrama em forma de trem ilustra a relação entre o fato (Deus e a Sua Palavra), a fé (nossa confiança em Deus e na Sua Palavra), e o sentimento (o resultado de nossa fé e obediência) (João 14.21).



O trem opera com ou sem o vagão de carga. Todavia, seria inútil tentar puxar o trem por meio desse vagão. Da mesma forma, nós, cristãos, não dependemos de sentimentos ou emoções, mas colocamos nossa fé (confiança) na fidelidade de Deus e nas promessas da Sua Palavra.

Comunhão numa Boa Igreja

A Palavra de Deus nos adverte para não abandonarmos "a congregação" (Hb 10.25). Várias toras queimam alegremente juntas, mas deixe uma de lado na terra fria e o fogo se apaga. O mesmo acontece com o seu relacionamento com outros cristãos. Se não pertence ainda a uma igreja, não espere ser convidado. Tome a iniciativa; visite o pastor de uma igreja próxima onde Cristo é honrado e a Sua Palavra é pregada. Comece esta semana e faça planos para atender regularmente.

Sugestões para o Crescimento Cristão

O crescimento espiritual resulta da confiança em Jesus Cristo. "O justo viverá pela fé" (Gálatas 3.11). Uma vida de fé capacitará você a confiar cada vez mais em Deus com cada detalhe da sua vida.

*****

NOTAS

Para explicação dos códigos usados, por favor, veja a página 14, oposta à da Introdução. Para a chave desses códigos, veja a bibliografia.

Introdução

1. Veja TaV.FGT, BaW.GA, e McKE.WFC para boas pesquisas sobre a crítica de forma.
2. K.L. Schmidt, *Der Rahmen der Geschichte Jesu* (Berlim: Trowitzsch and Sohn, 1919). Não foi publicado em inglês.
3. As traduções respectivas em inglês são: Martin Dibelius, *From Tradition to Gospel*, traduzido por Bertram Lee Woolf (Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1935, e R. Bultmann, *The History of the Synoptic Tradition*, traduzido por John Marsh (Nova Iorque: Harper and Row, 1963).
4. Os livros aqui referidos incluem *Jesus* por M. Dibelius, *The Founder of Christianity* de C.H.Dodd, *The Servant-Messiah* de T. W. Manson, *Jesus the Messias* de W. Manson, e *The Formation of the Gospel Tradition* e *The Life and Ministry of Jesus*, ambos por Vincent Taylor.
5. *Free Inquiry* (Buffalo, NY; Primavera 1985), 5:23.

Capítulo 1

1. Justino Mártir, *First Apology 35.7-9, em RoA.ANF. (AS)*
2. Ibid., 48.3.
3. Veja Justino Mártir, *First Apology* 34.2; Tertuliano, *Against Marcion* 4.7,19, em RoA.ANF. (AS)
4. Veja Harold W. Hoehner, *Chronological Aspects of the Life of Christ* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1977), especialmente o capítulo 2, mas praticamente todo o livro se aplica ao reunir adequadamente os detalhes cronológicos. Excelente documentação. Lucas 3.1-3 diz que João Batista deu início ao seu ministério no décimo quinto ano de Tibério, que se sabe ter sido 29 a.D. Jesus começou o seu ministério pouco tempo depois.
5. Josefo, *Antigüidades* 18.1.1 (4-10). (AS)
6. Ibid., 18.1.6 (23).
7. E.g. Mateus 8.4; 9.30; Mc 5.43.
8. Mc 5.19.
9. E.M. Blaiklock, *Jesus Christ: Man or Myth?* p.10. Sua referência em Cicero é *De Bello Gallico* 4.20-36; 5.8-23. (AS)

Capítulo 2

1. Júlio, o Africano, *Chronography* 18.1, em RoA.ANF. (AS)
2. Ibid.
3. Para a data de 29 a.D. ser o começo do ministério de Jesus, veja as opções e argumentos resumidos em *Chronological Aspects of the Life of Christ*, de Harold W. Hoehner.
4. Africano, *Chronography* 18.1, em Roa.ANF. (AS)
5. Orígenes, *Against Celsus* 2.33, em RoA.ANF. (AS)
6. Ibid., 2.14.
7. Ibid., 2.59.
8. A referência geralmente citada pelos eruditos que tratam do texto grego, e.g., na edição Loeb, é XVIII, 63-64, e se refere às seções 63 e 64 do livro 18 no texto grego de *Antigüidades*. Vamos dar as duas referências em todas as citações seguintes, mencionando em parênteses a referência usada pelo texto grego. Esta passagem é, então, 18.3.3 (63-64).
9. Josefo, *Antigüidades*, edição Loeb, vol. IX, p. 496.

Nathaniel Lardner (veja La N.W) foi um dos poucos que julgaram que a menção de Tiago e Jesus nesta passagem foi inserida pelos copistas cristãos antes de 200 a.D. Ele achou que a descrição feita por Josefo sobre a morte de Tiago não se comparava à de Hegesipo, que é encontrada na *The History of the Church*, de Eusébio 2.23. (AS)

Mas este não é claramente o caso, pois o relato de Josefo se ocupa principalmente com as atividades de Ananias e sua remoção subseqüente do sacerdócio. O apedrejamento de Tiago não passa de um detalhe de uma sentença no relato. Hegesipo, por outro lado, focaliza a pessoa de Tiago e desenvolve bastante extensamente o contexto. Ele confirma tudo que Josefo disse, isto é, que Tiago foi entregue para ser apedrejado, mas acrescenta detalhes adicionais, tais como o fato de alguns do Sinédrio desejarem utilizar Tiago para persuadir a multidão a se afastar de Cristo. Que antes de ser apedrejado Tiago foi atirado do parapeito do muro da cidade. Que, sobrevivendo à queda, ele foi apedrejado enquanto orava, pedindo perdão para seus executores; e que, continuando vivo, sua morte foi completada por um golpe na cabeça desferido com um bastão de ferreiro. Os relatos são completamente compatíveis. Eles apenas contradizem uns aos outros, quando alguém os força a dizer o que necessariamente não dizem. Além disso, se um interpolador cristão inseriu mais tarde a menção de Tiago em Josefo neste ponto, poderíamos pensar que se teria esforçado mais para fazer com que o relato de Josefo sobre a morte de Tiago se harmonizasse melhor com o de Hegesipo. Como se encontram agora as duas narrativas, cada uma relatando detalhes diferentes sem, no entanto, contradizer diretamente uma à outra, a evidência é tão conclusiva quanto seria de se esperar no sentido de que nenhum dos relatos foi manipulado e que ambos podem ser aceitos como se encontram hoje.

10. Orígenes (assim como Eusébio um século depois) também cita Josefo como tendo dito: "Essas coisas aconteceram aos judeus para vingar Tiago, o Justo, que era irmão de Jesus conhecido como Cristo, pois embora fosse o mais probo dos homens, os judeus o mataram" (*Against Celsus* 1.47 em RoA.ANF) (AS)
11. Paul Winter, "Excursus II — Josefo sobre Jesus e Tiago". Este artigo é um recurso bibliográfico valioso. Winter cita 47 das obras de referência mais importantes sobre este assunto: 9 defendendo a autenticidade do Testemunho, 17 contra a autenticidade, e 21 afirmando que a passagem estava originalmente em Josefo e que foi apenas modificada e não inserida por um copista posterior.
12. Josefo, *Antigüidades*, edição Loeb. Desde que esta passagem é muito discutida, usamos a tradução considerada como tendo mais autoridade.
13. Eusébio, *The History of the Church* 1.11.7; *Demonstration of the Gospel* 3.5.105. (AS)
14. Orígenes, *Against Celsus* 1.47 e *Commentary on Matthew* 10.17, em RoA.ANF. (AS)
15. É importante notar que o valor apologético desses primeiros cristãos não era a historicidade de Jesus, mas que alguém numa posição respeitada no império romano olhasse com favor a pessoa e os ensinos de Jesus. A historicidade de Jesus não se tornou um problema senão em séculos recentes.
16. Ao que parece, os que desejam rejeitar toda a passagem têm o hábito de escrever como se virtualmente todos os outros eruditos os apoiassem. Este não é, porém, o caso. A maioria dos eruditos que estudaram este assunto opta pela terceira alternativa. Para uma biografia excelente e respeitada de eruditos que apóiam as várias posições, veja WiP.J em ScE.HJP/73 428-30
17. Plínio, *Epistles* 10. 96.
18. Ibid., 10.97.
19. Tácito, *Annals*, edição Loeb 15.44.
20. Justino Mártir, *First Apology* 34.2; 48.3. (Encontrado em RoA.ANF. (AS)
21. Tertuliano, *Against Marcion* 4.7, 19. (Também encontrado em RoA. ANF.) (AS)
22. Considere as suas declarações sobre o incêndio em Roma em comparação com a *Life of Nero* 38, de Suetônio e *Natural Histories*, de Plínio 17.5. (AS)
23. Veja *Annals of Tacitus* 15.15,20,45,54,64,73 (WaB.AT). (AS)
24. Veja *Annals* 15.10 e 16 (WAB/AT). (AS)
25. Eusébio, *The History of the Church* 4.9. (AS)
26. Suetônio, *Life of Claudius* 25.4. (AS)
27. E.g., Josefo não menciona nenhum judeu chamado Cresto.
28. Suetônio, *Life of Nero* 16. (AS)
29. Lucian, *The Death of Peregrine* 11-13. (AS)
30. Museu Britânico MS Siríaco. Adição 14.658. A data do *manuscrito* é do século 7°, mas a carta propriamente dita é do século 2° ou 3°.

Capítulo 3

1. E.g., Mateus 15.2; Marcos 7.5.
2. Marcos 7.9.
3. Lucas 11.46.
4. Esdras 7.10.
5. Cinco tratados são chamados de órfãos por não se ajustarem estritamente sob os *seder*

em que foram colocados.
6. Josefo, *Antigüidades* 20.8.6 (169-72). (AS)
7. *Yalkut Shimeon:* (Salonica) Seção 725 sobre *wayissa mishalo* (Num.23.7), segundo a *Midrash Y'lamm'denue.* (RS)
8. *Talmude Babilônico:* Gittin 56*b*-57*a*. (RS)
9. KIJ.JN 31 dá referências, como segue: *Tractate Kallah,* ed., Koronel p.18*b* (*Hamishshah Kuntresim,* Viena, 1864, p.3*b*); *Kallah, Talmud,* ed., Ram., p.51*a*; *Bate Midrashoth,* ed., S.A. Wertheimer Jerusalém, 1895; III, 23; Dalman, apêndice de Laible, pp. 7-8.(RS)
10. *Talmude Babilônico:* Sandhedrin 43*a*. (RS)
11. *Tosefta:* Hullin 2.22. Também no *Talmude de Jerusalém:* Shabbath 14*d* e Abodah Zarah 40*d*, 41*a*; e *Talmude Babilônico:* Abodah Zarah 27*b*. R.= Rabbi. (RS)
12. Orígenes, *Against Celsus* 1.32, em RoA.ANF. (AS)
13. *Talmude Babilônico:* Yebamoth 62*b*. (RS)
14. *Minuth* significa "heresia".
15. Baraitha — *Talmude Babilônico:* Abodah Zarah 16*b*, 17*a*. Também em *Tosefta:* Hullin 2.24. As palavras entre parênteses são do manuscrito de Munique. (RS)
16. *Tosefta:* Yebamoth 3.3. (RS)
17. *Talmude Babilônico:* Yebamoth 4.49*a*. (RS)
18. João 8.41.

Capítulo 4

1. Veja Orígenes, *Against Celsus* 1.47, e Eusébio, *The History of the Church* 2.23, respectivamente, em RoA.ANF. (AS)
2. Veja a citação de Josefo, *Antigüidades* 18.5.2 (116-19), que aparece no capítulo 2 acima.
3. Orígenes, *Against Celsus,* Prefácio. 1, em RoA.ANF. (AS)
4. Tertuliano, *Apology* 50. (AS)
5. Orígenes, *De Principiis* 2.3.6, em RoA.ANF (AS)
6. Todas as citações e referências são da tradução de J.B.Lightfoot, a não ser que mencionado de outra forma.
7. Clemente, *Corinthians,* 46, em RoA.ANF. (AS)
8. Inácio, *Ephesians,* 17, em RoA.ANF. (AS)
9. Inácio, *Ephesians,* 67, em RoA.ANF. (AS)
10. Inácio, *Magnesians,* 1, RoA.ANF. (AS)
11. Inácio, *Trallians, 9, em* RoA.ANF. (AS)
12. Inácio, *Smyrnaeans,* 1, em RoA.ANF (AS)
13. Inácio, *Smyrnaeans,* 2, em RoA.ANF. (AS)
14. Inácio, *Smyrnaeans,* 3, em RoA.ANF. (AF)
15. Inácio, *Smyrnaeans,* 4, em RoA.ANF. (AS)
16. Eusébio, *The History of the Church* 3.39. (AS)
17. Ibid.
18. Ibid.
19. Ibid. Refere-se à reprodução desta história por Papias.
20. *Letter of (from) the Smyrnaeans* 9.11, em RoA.ANF. (AS)
21. Policarpo, *Philippians* 8. (AS)
22. Eusébio, *The History of the Church* 4.3. (AS)
23. *New International Dictionary of the Christian Church,* J.D. Douglas, "Aristides" (R)
24. Justino Mártir, *Dialogue with Tripho,* 9, em RoA.ANF (AS)
25. Justino Mártir, *First Apology,* 34,em RoA.ANF. (AS)
26. Ibid. 35.
27. Eusébio, *The History of the Church* 9.22.2 (AS)
28. Irineu, *Against Heresies* 3.1.1, em RoA.ANF. (AS)
29. Ibid., 3.2.2.
30. Tertuliano, *Apology* 5, em RoA.ANF (AS)
31. *New International Dictionary of the Christian Church,* J.D. Douglas, "Orígenes". (R)

Capítulo 5

1. Os livros são os mesmos, mas são numerados de forma diferente nas diferentes coleções.
2. Cf. Colossenses 4.16; 2 Pedro 3.15,16.
3. *New International Dictionary of the Christian Church,* Donald Guthrie, "Canon of Scripture". (R)
4. *Zondervan Pictorial Encyclopedia,* Donald Guthrie, "Canon of the New Testament." (R)
5. Ibid.
6. Ibid.
7. *International Standard Bible Encyclopedia,* E.M. Yamauchi, "Agrapha". (R)
8. Eusébio, *The History of the Church* 4.22.8. (AS)
9. Jerônimo, *Against the Pelagians* 3.2., em RoA.ANF. (AS)
10. João 21.25.
11. *Zondervan Pictorial Encyclopedia,* William White, "Agrapha". (R)
12. Ibid.
13. O cabeçalho da carta diz: "Extraído de Cartas de Clemente, autor do Stromateis (Miscelâneas) para Theodoro". Veja BrF.JCO 184.
14. DuJ.E52. Citando comentários de Chadwick sobre um programa de TV acompanhando a série "*Jesus, The Evidence*".

Capítulo 6

1. William F. Albright, "Uma Visão Mais Conservadora", *Christianity Today* 7 (18 de janeiro de 1963): 3.
2. Registrado por Michael P. Harris, Marlin Levin e James Willwerth em "Quem Era Jesus?" *Time* (15 de agosto de 1988), p.41.
3. Ibid.
4. MoJW.HC 29, resumindo Aristóteles, *Art of Poetry (De Arte Poetica),* 1460*b*-61*b*.
5. Ibid.
6. Eusébio, *The History of the Church,* 3, 39. (AS)
7. Irineu, *Against Heresies* 3.1.1 (AS)
8. Enciclopédia Internacional 4:407. (R)

9. Enciclopédia Judaica 8:508. (R)

Capítulo 7

1. *Harper's Bible Dictionary*, Paul Achtemeier, ed. "Biblical Criticism". (R)
2. Veja Josh McDowell, *More Evidence*, pp. 185-326, para mais informação sobre crítica de forma e de redação, as duas disciplinas mais proeminentes da alta crítica a partir da metade do século 20.
3. Robert Mounce, entrevista pessoal, 2 de julho de 1974.
4. Entrevista de Mounce.
5. A última sentença de McGinley é citada de *Jesus Christ* (1935), I.115 de De Grandmaison.
6. Resposta de Harold W. Hoehner no fim da NaR.CF, 159.
7. Para uma descrição concisa, mas com autoridade da origem e desenvolvimento da crítica de redação, veja a Introdução do comentário de William L. Lane, *The Gospel According to Mark* (LaW.GAM).
8. Preleção de Harold W. Hoehner, "Jesus, Fonte ou Produto do Cristianismo?" na Universidade da Califórnia em San Diego, La Jolla, Califórnia, 22 de janeiro de 1976.

Capítulo 8

1. Mateus, Marcos e Lucas são chamados evangelhos "sinópticos", em vista de os seus textos paralelos apresentarem uma "sinopse" (gr. *sunopsis*, significando "visão conjunta") que "revela suas semelhanças e diferenças."
2. William F. Albright, "Um Ponto de Vista Mais Conservador", *Christianity Today* 7 (18 de janeiro de 1963): 3.
3. Robinson não é um cristão conservador, mas é conhecido como erudito que tenta pesar as evidências com exatidão. Muitos estudiosos tomaram, então, cuidado ao criticarem as suas conclusões.
4. Atos 1.1.
5. Lucas 1.1-3.
6. J.G. Herder, *Christliche Schriften* (Riga, 1796), 2:191-93, citado em ReB.RSG 10-11.
7. J.C.L. Giesler, *Historisch-kritischer Versuch über die Entsthung und die frühesten Schicksale der schriftlichen Evangelien* (Leipzig: Engelmann, 1818) p.90, citado em ReB.RSG 11.
8. StB.TFG. (Os argumentos de Streeter são encontrados neste trabalho.)
9. Eusébio, *The History of the Church*, 6.14. (AS)
10. *Talmude Babilônico*: Megillah 7*b*, Ketuboth 50*a*, Berakhoth 28*a*, e outros. (RS)
11. *Mishnah*: Menahoth 11.4. (RS)
12. *Talmude Babilônico*: Berakhoth 13*a*. (RS)
13. *Talmude Babilônico*: Sanhedrin 99*b*. (RS)
14. *Mishnah*: Aboth 3.9. (RS)
15. Mateus 23.10.
16. Gálatas 1.14.
17. Tabela das notas de classe de Harold W. Hoener.
18. Werner Georg Kümmel, *Introduction to the New Testament*, ed.rev., Howard Clark Kee, trad. (Nashville: Abingdon Press, 1875).
19. Donald Guthrie, *New Testament Introduction*, 3a. ed. (Downers Grove, IL: Inter-Varsity, 1970).
20. Gálatas 1.12.
21. Colossenses 1.27.
22. Gálatas 2.2.
23. Gálatas 2.7-9.

Capítulo 9

1. Os autores atribuem a citação ao filósofo Celsus do século 2°. Na realidade, ela não aparece em ponto algum na única fonte existente dos escritos de Celsus, *Against Celsus*, de Orígenes. Na melhor das hipóteses é um resumo parafraseado de argumentos similares aos levantados por Celsus contra os cristãos seus contemporâneos.
2. Diogenes Laertius, *Lives of Eminent Philosophers* 3.1-2. (AS), citado em CaDR.DSG 129.
3. Veja Plutarco, *Parallel Lives*, Alexander 2.1–3.2. (AS)
4. Diodorus Siculus, *Library of History*, 4.9.1-10 (AS), citado em CaDR.DSG 135.
5. Orígenes, *Against Celsus*, 1.37, in RoA.ANF. (AS)
6. Iamblichos, *The Life of Pythagoras* 3. (AS)
7. Ibid., 60-61.
8. Prudêncio, *Peristephanon* 10.1011-50. (AS)
9. Nash cita de Boulanger, *Orphee: Rapports de l'orphisme et du christianisme* (Paris, 1925), p.102.
10. Provérbios 18.17.
11. Atos 14.11-13.
12. Gálatas 1.17,18.
13. Atos 14.14,15,18.
14. *New International Dictionary of the Christian Church*, s.v. "Natal", de James Taylor. O termo *Sol da Justiça* é de Malaquias 4.2. (R)
15. Justino Mártir, *First Apology* 66, em RoA.ANF. (AS)
16. Adolf von Harnack, *Wissenchaft und Leben* (Giessen, 1911), 2:191, citado em NaR.CHW 118-19.

Capítulo 10

1. Registrado por Michael P. Harris, Marlin Levin e James Willwerth em "Quem Era Jesus?" *Time* (15 de agosto de 1988), p.38.
2. João 1.46.
3. Lucas 4.29.
4. Ap 13.10.
5. Josefo, *Antigüidades* 18.1.1 (1-8). (AS)
6. Ibid., 16.9.3 (286-90). (AS)
7. *Zondervan Pictorial Encyclopedia*, E.M.

Blaiklock, "Quirino". (R)
8. Aristóteles, *Art of Poetry* (De Arte Poetica), 14606-16. (AS)
9. Para mais detalhes sobre os exemplos dados no texto, veja BrF.NTD 82-91.
10. Cícero, *De Lege Agraria*, 34. (AS)
11. Mateus 16.18.
12. João 7.38.
13. Mateus 5.14.
14. João 1.11.
15. Mateus 4.23-25.
16. Veja Marcos 11.12-14 e Mateus 21.18,19.
17. Marcos 11.23.
18. Mateus 13:31,32.
19. Mateus 23.27,28.
20. A Palavra marcada "de" substitui o "para" de Wilson, um evidente erro tipográfico ou inadvertido. A sentença corrigida é uma suposta contradição geralmente citada pelos críticos.
21. Atos 1.8.
22. *Zondervan Pictorial Encyclopedia*, J.C. DeYoung, "Gadara, Gadarenos". (R)

Capítulo 11

1. Mateus 2.21,23.
2. Mateus 18.6; Marcos 9.42: Lucas 17.2
3. Mateus 23.5.
4. *Talmude Babilônico*: Baba Bathra 4*a*. (RS)
5. Josefo, *Antigüidades* 15. 11. 5 (413). (AS)
6. João 20.5.
7. Este livro é um dos melhores recursos básicos sobre o assunto.
8. A citação também aparece em impressões anteriores do livro. Veja, por exemplo, *Our Bible and the Ancient Manuscripts*, de Frederick Kenyon (New York: Harper & Brothers Publishers, 1941), p.48.
9. João 21.24.
10. Registrado por Michael P. Harris, Marlin Levin e James Willwerth em "Quem Foi Jesus?" *Time* (15 de agosto de 1988), p.39.

Capítulo 12

1. *Talmude Palestino*: Shekalim 3.3 (R)
2. *Talmude Babilônico*: Baba Kamma 82*b*-83*a*, Sotah 49*b*. (RS)
3. Mateus 5.43,44.
4. 1 Timóteo 5.8.
5. Mateus 9.20-22; Marcos 5.25-34; Lucas 8.43-48.
6. Lucas 8.48.
7. Veja sob "Os Relatos do Julgamento de Jesus São Anti-Semíticos?" na página 259, para um comentário antigo judeu a este respeito.
8. Lucas 2.19.
9. João 1.29.
10. Veja VeG.JWJ 123,128 para um avaliação concisa das questões.
11. Josefo, *Wars of the Jews* 2.8.4 (124-125). (AS)
12. Por meio deste trabalho, o autor tenta identificar Jesus com a causa dos zelotes, mas não chega ao ponto de chamá-lo de zelote completo.
13. Quando falamos de Jerusalém, situando-a no sul, estamos sendo mais americanos que judeus. Para os judeus, a pessoa *subia* para Jerusalém por causa da sua elevação topográfica.
14. Veja também Marcos 6.4; Lucas 4.24; João 4.44.
15. Veja Mateus 4.19; 21.11,46; Marcos 6.15; Lucas 7.16; 24.19; João 4.19; 6.14; 7.40; 9.17.
16. Mateus 14.5; 21.26; Marcos 11.32; Lucas 1.76; 20.6.
17. Lucas 4.28,29.
18. Lucas 7.6-8.
19. Mateus 15.24 e João 4.22.
20. Shmuel Safrai, "A Jewish Bachelor", *Jerusalem Perspective 1* (outubro, 1987): 4.
21. João 18.28.
22. Jim Fleming numa palestra no Centro de Estudos Bíblicos de Jerusalém, Israel, janeiro, 1987.
23. João 4.22.
24. Lucas 23.34.
25. *Talmude Babilônico:* Pesahim 57*a*.
26. 1 Coríntios 15.3 (ênfase nossa).
27. 1 Pedro 2.24 (ênfase nossa).

Capítulo 13

1. Pausânio, *Description of Greece* 6.26.1ss. (AS)
2. Veja Josh McDowell, *Understanding the Occult*, para mais informações sobre esse assunto.
3. *Mishnah*: Taanith 3.8. (RS)
4. *Talmude Babilônico:* Berakhoth 34*b* (RS); *Gamliel* é outra maneira de grafar Gamaliel.
5. Deuteronômio 13.1-5.
6. Veja Mateus 9.34; 12.24; Marcos 3.22; Lucas 11.15.
7. Josefo, *Antigüidades*: 18.3.3 (63-64). (AS)
8. *Talmude Babilônico:* Shabbath 104*b*; *Tosefta:* Shabbath 11.15. (RS)
9. *Babylonian Talmud*: Abodah Zarah 27*b*, *Tosephta*: Hullin 2.22ss. (RS)
10. *Talmude Babilônico:* Sanhedrin 43*a*, 107*b*. (RS)
11. Orígenes, *Against Celsus* 1.38; 2.48, em RoA.ANF. (AS)
12. Atos 2.22.
13. Cf. João 2.23-25; 6.26.

Capítulo 14

1. Gálatas 1.18,19.
2. Os seguintes pontos são dados em mais detalhes em MoJP.S 166-70, e mais originalmente em BoE.FE.
3. Os seguintes recursos podem ser muito úteis para resolver contradições bíblicas aparentes:

Gleason L. Archer, *Encyclopedia of Bible Difficulties.* Especialmente útil para as discrepâncias causadas por peculiaridades idiomáticas.
W.F.Arndt, *Bible2 Difficulties.*
W.F.Arndt, *Does the Bible Contradict Itself?*
Johnston M. Cheney, *The Life of Christ in Stereo.*
Jack Finegan, *Handbook of Biblical Chronology.* Este livro contém abundante informação sobre datas dos eventos bíblios e acontecimentos históricos que cercam esses eventos. É uma obra modelo sobre a cronologia bíblica e nunca foi superada.
John W. Haley, *Alleged Discrepancies of the Bible.* Este livro foi publicado há bastante tempo e contém boas informações sobre as causas das aparentes discrepâncias, assim como soluções propostas para a maioria das supostas contradições na Bíblia.
Zondervan Pictorial Encyclopedia, Merrill C. Tenney, ed., 5 vols.(R) Uma das melhores enciclopédias bíblicas existentes.
Robert L. Thomas e Stanley N. Gundry, *A Harmony of the Gospels.* O material adicional no fim da enciclopédia é excelente. Veja, por exemplo, o ensaio "The Genealogies in Matthew and Luke", para quatro possíveis soluções para esta suposta contradição. Além das obras acima, recomendamos que leia bons comentários sobre livros específicos da Bíblia. Os estudiosos que têm tempo e capacidade para concentrar sua atenção em determinados livros bíblicos e assuntos contidos neles podem oferecer percepções que solucionem a maioria das supostas contradições na Bíblia.

Capítulo 15

1. Salmos de Salomão 17.23-36 (21-32), como citado em VeG.JTJ 251.
2. Filo, *De Praemiis* 95. (AS)
3. *Testament of Levi* 18.2-7, como citado em VeG.JTJ 136.
4. Tácito, *Histories* 5.13. (AS)
5. Suetônio, *Life of Vespasian* 4.5. (AS)
6. Mateus 22.41-46; Marcos 12.35-37; Lucas 20.41-44.
7. Mateus 23.10.
8. Mateus 24.5,23-27 (e referências cruzadas).
9. João 7.32.
10. Veja Mateus 16.13-20.
11. Lucas 2.49.
12. João 1.35-37.
13. Mateus 11.3.
14. Mateus 11.5.
15. Mateus 22.41-46; Marcos 12.35-37; Lucas 20.41-44.
16. João 17.9.
17. Mateus 24.3-5,23-27 (e referências cruzadas).
18. Marcos 9.41.
19. Lucas 24.26.
20. Lucas 24.46.
21. João 4.26. A historicade desta passagem é fortalecida pela declaração da mulher: "Nossos pais adoravam neste monte; vós, entretanto, dizeis que em Jerusalém é o lugar onde se deve adorar". Historicamente, a diferença teológica central entre os judeus e os samaritanos era que os primeiros reivindicam Jerusalém como o centro adequado da adoração, enquanto os últimos reivindicavam o Monte Gerizim do lado ocidental de Sicar.
22. Mateus 26.57-68; Marcos 14.53-65.
23. "Filho do Homem" ocorre 81 vezes nos relatos do evangelho.
24. Daniel 7.13,14.
25. *Zondervan Pictorial Encyclopedia,* D. H. Hagner, "Sadducees". (R)
26. *Encyclopedia Judaica,* David Flusser, "Jesus", 10:14. (R)
27. Atos 7.56; Hebreus 2.6; Apocalipse 1.13.
28. HaF. B 160. Veja Josh McDowell, *Evidence That Demands a Verdict,* pp. 145-75 para profecias específicas.
29. Atos 3.18.
30. Atos 17.3.
31. Atos 26.22,23.
32. Mateus 16.21; 17.12; Marcos 8.31; 9.12; Lucas 9.22; 17.25; 22.15; 24. 26, 47.
33. Do Profeta Isaías 52.13–53.12, escrito cerca de 700 a.C., na *New International Version.*
34. Antes de Rashi, havia alguns rabinos que interpretaram a passagem como referente a outrem, por exemplo, Moisés ou Ezequias. Esta era uma opinião praticamente da minoria.
35. 1 Coríntios 15.3,4.
36. Lucas 3.38.
37. Mateus 26.63 – cf. Marcos 14.61; Lucas 22.67.
38. Marcos 14.62 – cf. Mateus 26.64; Lucas 22.69,70.
39. Lucas 22.38.
40. João 4.26; 6.35,41,48,51; 8.12,18,24,28,58; 10.7,9,11,14; 11.25; 13.9; 14.6; 15.1.
41. João 20.28.
42. Filipenses 2.6-11.

Capítulo 16

1. "Jesus im History and Myth", conferência realizada na Universidade de Michigan sob os auspícios do Projeto de pesquisas de Crítica Bíblica do Comitê de Investigações Científicas da Religião, 19 e 20 de abril de 1985.
2. Peter Foster é citado num artigo de jornal intitulado, "Ridicularizada Série de TV", que apareceu na publicação *Universe de* 6 de abril

de 1984, sem o nome do autor.
3. João 18.36.
4. Mateus 26.52; João 18.10 identificam Pedro como aquele que brandiu a espada.
5. João 17.1-3 com a tradução das formas inglesas antigas substituída pelo inglês moderno.
6. Hebreus 13.8.

BIBLIOGRAFIA

EXPLICAÇÃO DO CÓDIGO

Depois de muitas das citações deste livro aparece um código de referência, tal como: (GreM.MA 23-24). Para compreensão do código ver a p.14, oposta à primeira página da Introdução. O código para cada uma das obras nesta lista bibliográfica citada no livro é mostrado na coluna em frente da obra listada.

Fontes Modernas:

AlW.AP Albright, W.F. *The Archaelogy of Palestine.* Edição revisada. Harmondsworth, Middlesex: Pelican Books, 1960.

AlW.BA Albright, W.F. *Biblical Archaelogist* 11 (1948).

AlW.FSA Albright, W.F. *From the Stone Age to Christianity.* Baltimore: John Hopkins Press, 1946.

AlW.RD Albright, William F. *Recent Discoveries in Bible Lands.* Nova Iorque: Funk and Wagnalls, 1955.

AlW.CT Albright W.F. "Toward a More Conservative View." *Christianity Today* 7 (18 de janeiro de 1983).

AlJSM Allegro, John M. *The Sacred Mushroom and the Cross: A Study of the Nature and Origins of Christianity Within the Fertility Cults of the Ancient Near East.* Londres: Hodder & Stoughton, 1970.

AlJ.DSS Allegro, John. *The Dead Sea Scrolls: A Reappraisal.* Nova Iorque: Penguin Books, 1964.

AmG.HMH Ambrose, Gordon and Newbold, George. *Handbook of Medical Hypnosis.* Londres: Bailliere Tindall & Cassell, 1968.

AmF.SLC Amiot, Francois; Brunot, Amedee; Danielou, Jean; e Daniel-Rops, Henri, *The Sources For The Life of Christ.* Traduzido por P.J.Hepburne-Scott. Nova Iorque: Hawthorn Books, 1962.

AnsC.CQ Anderson, Charles C. *The Historical Jesus: A Continuing Quest.* Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1972. Anderson, Hugh, ed. *Jesus.* Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1967.

AnJ.CTW Anderson, J.N.D. *Christianity: The Witness of History.* Downers Grove: Inter-Varsity Press, 1970.

AnN.CWR Anderson, Norman. *Christianity and World Religions.* Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 1984.

AnN.JC Anderson, Norman. *Jesus Christ: The Witness of History.* Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 1985.

AnS.MRC Angus, Samuel. *Mistery-Religions and Christianity.* Londres: J. Murray, 1925. Reimpresso, New Hyde Park, NY: University Books, 1967.

ArG.EBD Archer, Gleason L. *Encyclopedia of Bible Difficulties.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1982.

ArG.LF Archer, Gleason L. "Linguistic Factors in the New Testament Witness to Jesus Christ". Artigo lido na conferência "Jesus Cristo: Deus e Homem", um encontro internacional de eruditos em Dallas, 13 a 16 de novembro de 1986.

ArA.G Argyle, A.W. "Greek Among the Jews of Palestine in New Testament Times." *New Testament Studies* 20 (out. 1973): 87-89.

ArW.DC Arndt, W.F. *Bible Difficulties,* St. Louis: Concordia Press, 1971.

ArW.DC Arndt, W.F. *Does de Bible Contradict Itself?* 5a. Edição. Revisada. St. Louis: Concordia Press, 1955. Arnold, Thomas. *Christian Life — Its Hopes, Its Fears, and Its Close.* Londres: T. Fellowes, 1859. 6a. Edição.

AvN.IJ Avigad, N. *Israel Exploration Journal* 12 (1962).

AvN.DJ Avigad, Nahman. *Discovering Jerusalem.* Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1983.

BaM.HB Baigent, Michael; Leigh, Richard; e Lincoln, Henry. *Holy Blood, Holy Grail.* Nova Iorque: Dell Publishing Co., 1983. Barbet, Pierre. *A Doctor at Calvary.* Nova Iorque: P.S. Kennedy and Sons, 1953.

BaW.GA Barclay, W. *The Gospels and Acts.* Londres, 1976.

BaWE.GC Barnes, W.E. *Gospel Criticism and Form Criticism.* Edimburgo: T. & T. Clark, 1936.

BaJ.WL Barr, James. "Which Language Did Jesus Speak?" *Bulletin of the John Rylands Library* 53 (outono de 1970).

BaCK.NTB Barrett, C.K. *The New Testament Background.* Nova Iorque: Harper & Row Publishers, 1961.

BaH.KM Bartsch, Hans-Werner, ed. *Kerygma and Myth.* Traduzido por Reginald H. Fuller. Londres: S P C K, 1962.

BaF.CH Baur, Ferdinand C. *Church History of the First Three Centuries.* Segunda edição. Tübingen, Tradução inglesa de Allan Menzies. Londres, 1878.

BeH.FU Bell, H.I. e Skeat, T.C., eds. *Fragments of an Unknown Gospel and Other Early Christian Papyri.* Publicado por Trustees of the British Museum, 1935. Bender, A.P. "Beliefs, Rites, and Customs of the Jews, Connected With Death Burial, and Mourning." *The Jewish Quarterly Review* 7 (1895).

BeP.JG Benoit, Pierre. *Jesus and the Gospels,* vol. 1. Trad. por Benet Weatherhead. Nova Iorque: Herder and Herder, 1973. Bergsma, Stuart. "Did Jesus Die of a Broken Heart?" *The Calvin Forum.* Março, 1948.

BeE.TI Best, Ernest, e Wilson, R.McL., ed. *Text and Interpretation.* Cambridge, Inglaterra: Cambridge University Press, 1979.

BiD.L Biven, David. "Looking Behind Rabbinic Parables". *Through Their Eyes* 1 (novembro de 1986): 5.

BiD.PRI Biven, David. "Principles of Rabbinic Interpretation." *Through Their Eyes* 2 (abril de 1987)

BiD.Q Biven, David. "Question for Question." *Through Their Eyes* 2 (janeiro, de 1987): 5.

BiD.UDW Biven, David, e Blizzard, Roy Jr. *Understanding the Difficult Words of Jesus: New Insights from a Hebraic Perspective.* Austin: Center for Judaic-Christian Studies, 1983.

BlM.AA Black, Matthew. *An Aramaic Approach to the Gospels and Acts.* Terceira edição. Oxford: Clarendon Press, 1967.

BlE.A Blaiklock, E.M. *The Archaeology of the New Testament.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1970.

BlE.CSU Blaiklock, E.M. "The Christmas Story Unearthed". *Eternity* (dezembro de 1976), pp.16-17.

BlE.MM Blaiklock, E.M. *Jesus Christ: Man or Myth?* Nashville: Thomas Nelson Publishers. 1984.

BlR.JR Blizzard, Roy e Bivin, David. "Study Shows Jesus as Rabbi." *Through Their Eyes* 1 (setembro de 1986): 1,6.

BoE.FE Bode, Edward L. *The First Easter Morning.* Roma: Biblical Institute Press, 1970.

BoE.WV Bode, Edward Lynn. "The First Easter Morning: Women Visit the Empty Tomb of Jesus". Ensaio lido na conferência "Jesus Cristo: Deus e Homem", um encontro internacional de estudiosos em Dallas, 13 a 16 de novembro de 1986.

BrS.JZ Brandon, S.G.F. *Jesus and the Zealots.* Manchester: Manchester University Press, 1967.

BrS.JZC Brandon, S.G.F. "Jesus and the Zealots: A Correction." *New Testament Studies* 17 (julho de 1971).

BrW.CQ Brindle, Wayne. "The Census and Quirinius: Luke 2.2." *Journal of the Evangelical Theological Society* 27 (março de 1984) 43-52.

BrC.M Brown, Colin. *Miracles and the Critical Mind.* Grand Rapids: William B. Eerdmans

Publishing Co., 1984.

BrA.TT Bruce, A.B. *The Training of the Twelve.* Reimpressão do original de 1984. Grand Rapids: Kregel Publications, 1971.

BrF.AC Bruce, F.F. "Archaeological Confirmation of the New Testament." Em *Revelation and the Bible.* Revisado por Carl Henry. Grand Rapids: Baker Book House, 1969.

BrF.BP Bruce, F.F. *The Books and the Parchments.* Ed.Revisada. Westwood: Fleming H. Revell Co., 1963.

BrF.DG Bruce, F.F. *The Defense of the Gospel in the New Testament.* Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1977.

BrF.HS Bruce, F.F. *The Hard Sayings of Jesus.* Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 1983.

BrF.JCO Bruce, F.F. *Jesus and Christian Origins Outside the New Testament.* Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1974.

BrF.NTD Bruce, F.F. *The New Testament Documents: Are They Reliable?* 5a. ed. revisada. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1985.

BrF.NTD Bruce, F.F. *New Testament History.* Londres: Hodder & Stoughton, 1980.

BrF.T Bruce, F.F. *Tradition Old and New.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1970.

BuP.CB Buchanan, Patrick J. "Christian-bashing a popular sport in Hollywood." *Glendale News Press* (27 de julho de 1988).

BuH.J Buell, John A. e Hyder, O. Quentin. *Jesus: God, Ghost or Guru?* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1978.

BuR.EF Bultmann, Rudolf. *Existence and Faith: Shorter Writings of Rudolph Bultmann.* Selecionado, traduzido e apresentado por Schubert M. Ogden. Cleveland e Nova Iorque: Meridien Books — The World Publishing Co., 1960.

BuR.HST Bultmann, Rudolf. *The History of the Synoptic Tradition.* Trad. John Marsh. Nova Iorque: Harper & Row Publishers, 1963.

BuR.JCM Bultmann, Rudolf. *Jesus Christ and Mythology.* Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1958.

BuR.JW Bultmann, Rudolf. *Jesus and the Word.* Trad. Louise Pettibone Smith e Erminie Huntress Lantero. Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1958.

BuR.KM Bultmann, Rudolf. "New Testament and Mythology." *Kerygma and Myth.* Editado por Hans-Werner Bartsch; trad. Reginald H. Fuller. Nova Iorque: Harper & Row Publishers, 1961.

BuR.TNT Bultmann, Rudolf. *Theology of the New Testament,* vol. 2. Trad. Kendrick Grobel. Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1951.

BuR.FC Bultmann, Rudolf e Kundsin, Karl. *Form Criticism.* Trad. F.C. Grant. (Originalmente publicado por Willet, Clark, and Co., 1934.) Nova Iorque: Harper and Brothers — Torchbook Edition, 1962.

BuL.DCR Burkholder, Lawrence. Em "A Dialogue on Christ's Resurrection." *Christianity Today* 12 (12 de abril de 1958).

BuM.HAH Burrows, Milar. "How Archaeology Helps the Student of the Bible. *Workers with Youth* (Abril, 1948).

BuM.ML Burrows, Millar. *More Light on the Dead Sea Scrolls.* Nova Iorque: Viking, 1958.

BuM.WM Burrows, Millar. *What Means These Stones?* Nova Iorque: Meridian Books, 1956. Cairns, David. *A Gospel Without Myth?* Londres: SCM Press Ltd., 1960.

CaEE.CT Cairns, Earle E. *Christianity Through the Centuries.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1967.

CaEL.LC Camus, E.L. *The Life of Christ,* vol. III. Nova Iorque: Cathedral Library Assn., 1908.

CaDA.FS Carson, D.A. *From Sabbath to Lord's Day.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1982.

CaDR.DSG Cartlidge, David R., e Dungan, David L. *Documents for the Study of the Gospels.* Filadélfia: Fortress Press, 1980.

CaL.DJ Cassels, Louis. "Debunkers of Jesus Still Trying." *Detroit News* (23 de junho de 1973).

ChJ.R Charlesworth, James H. "Research on the Historical Jesus Today: Jesus and the Pseudepigrapha, the Dead Sea Scrolls, the Nag Hammadi Codices, Josephus and Archaeology." *Princeton Seminary Bulletin,* vol. VI, no.2, pp.98-115.

ChJM.L Cheney, Johnston M. *The Life of Christ in Stereo.* Revisado por Stanley A. Ellisen. Portland: Western Baptist Seminary Press, 1969.

CrW.CS Craig, William L. "Contemporary Scholarship and the Historical Evidence for the Resurrection of Jesus Christ." *Truth* 1.89-95. Craig, William L. *The Historical Argument for*

the Resurrection of Jesus During the Deist Controversy. Lewiston, NY: E. Mellen Press, 1985.
CrW.RO Craig, William L. "The Resurrection of Jesus and the Origin of the Christian Way." Ensaio lido na conferência "Jesus Cristo: Deus e Homem", um encontro internacional de eruditos em Dallas, 13 a 16 de novembro de 1986. Craig, William L. *The Son Rises.* Chicago: Moody Press, 1981. Currie, George. *The Military Discipline of the Romans From the Founding of the City to the Close of the Republic.* Extraído da tese publicada sob os auspícios do Graduate Council of Indiana University, 1928.
DaG.JJ Dalman, Gustaf. *Jesus — Jeshua.* Trad. por Paul P. Levertoff (publicado pela primeira vez em 1929). Nova Iorque: Ktav Publishing House, 1971.
DaW.IN Davies, W.D. *Invitation to the New Testament.* Londres: Hodder & Stoughton, 1966. Davis, C. Truman. "The Crucifixion of Jesus." *Arizona Medicine* (março de 1965), pp. 185-86.
DeA.LAE Deissmann, Adolf. *Light from the Ancient East.* Quarta edição. Trad. R.M.Strachen. Nova Iorque: Doran, 1927.
DiM.FA Dibelius, Martin. *A Fresh Approach to the New Testament and Early Christian Literature.* Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1936.
DiM.FTG Dibelius, Martin. *From Tradition to Gospel.* Trad. Bertram Lee Woolf. Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1935.
DiM.GCC Dibelius, Martin. *Gospel Criticism and Christology.* Londres: Ivor Nicholson and Watson, Ltd., 1935.
DiM.J Dibelius, M. *Jesus.* Originalmente publicado em alemão em 1939. Ed.Revisada. Londres: SCM Press Ltd., 1963.
DoC.AP Dodd, C.H. *The Apostolic Preaching and Its Developments.* Londres: Hodder & Stoughton, 1936. Reimpresso, Grand Rapids: Baker Book House, 1980.
DoC.FC Dodd, C.H. *The Founder of Christianity.* Londres: The MacMillan Co., 1971.
DoC.FGN Dodd, C.H. "The Framework of the Gospel Narrative." *Expository Times* 43 (junho de 1932). Dodd, C.H. *The Parables of the Kingdom.* Ed.Revisada. Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1961.
DrS.F Driver, S.R. e Neubauer, Adolf. *The Fifty-third Chapter of Isaiah According to the Jewish Interpreters.* Nova Iorque: Ktav Publishing House, 1969. Reimpressão Oxford, 1876-77 ed.
DuJ.E Dunn, James. D.G. *The Evidence for Jesus.* Filadélfia: The Westminster Press, 1985.
DuJ.HSG Dunn, James D.G. "The Historicity of the Synoptic Gospels." Ensaio lido na conferência "Jesus Cristo: Deus e Homem", uma conferência de eruditos em Dallas, 13 a 16 de novembro de 1986.
DuA.DSS Dupont-Sommer, A. *The Dead Sea Scrolls.* Oxford: Blackwell, 1952.
DuW.SC Durant, Will. *Caesar and Christ.* Vol. 3 na série *História da Civilização.* Nova Iorque: Simon & Schuster, 1944.
EaB.GBG Easton, Burton Scott. *The Gospel Before the Gospels.* Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1928.
EdA.LTJ Edersheim, Alfred. *The Life and Times of Jesus the Messiah.* Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1971.
EdL.JVJ Edgar, L.J. *A Jewish View of Jesus.* Londres: The Liberal Jewish Synagogue, 1940.
EiR.M Eisler, R. *The Messiah Jesus and John the Baptist.* Londres, 1931. Ellwein, Edvard. "Rudolf Bultmann's Interpretation of the Kerygma." *Kerygma and History.* Rev. Carl E. Brasten e Roy A. Harrisville. Nova Iorque: Abingdon Press, 1966.
EmJ.P Emerton, J.A. "The Problem of Vernacular Hebrew in the First Century A.D. and the Language of Jesus." *Journal of Theological Studies* 24 (abril de 1973): 1-23.
EnH.JV Enelow, H.G. *A Jewish View of Jesus.* Nova Iorque: Macmillan Publishing Co., 1920.
ErM.CT Erickson, Millard J. *Christian Theology.* Grand Rapids: Baker Book House, 1983.
EvC.TR Evans, C.F. "Tertullian's References to Sentius Saturninus and the Lukan Census." *Journal of Theological Studies* 24 (abril de 1973): 24-39.
FiF.FC Filson, Floyd V. *Form Criticism.* Vol. 1 da *Twentieth Century Encyclopedia of Religious Knowledge.* Lefferts A. Loetscher, ed. Grand Rapids: Baker Book House, 1955.
FiF.OG Filson, Floyd V. *Origins of the Gospels.* Nova Iorque: Abingdon Press, 1938.
FiJ.ANT Finegan, Jack. *The Archaeology of the New Testament.* Princeton: Princeton University Press, 1969.
FiJ.BC Finegan, Jack. *Handbook of Biblical Chronology.* Princeton: Princeton University Press, 1964.
Finkel, Asher. *The Pharisees and the Teacher of Nazareth.* Leiden, Netherlands: Brill, 1964.
FiJa.MM Fitzmyer, Joseph A. "Memory and Manuscript: The Origins and Transmission of the

Gospel Tradition." *Theological Studies* 23 (setembro de 1962).

FlJ.JAS Fleming, Jim. Palestra em fita cassete e folheto intitulado "Jesus Around the Sea." P.O. Box 71055, Jerusalém, Israel.

FlJ.JJ Fleming, Jim. Palestra em fita cassete e folheto intitulado "Jesus in Jerusalem". P.O. Box 71055, Jerusalém, Israel.

FlJ.LJ Fleming, Jim. Palestra em fita cassete e folheto intitulado "Survey of the Life of Jesus". P.O. Box 71055, Jerusalém, Israel.

FlD.NS Flusser, David. "A New Sensitivy in Judaism and the Christian Message." *Harvard Theological Review* 61 (1968): 107-127.

FoG.TT Foote, Gaston. *The Transformation of the Twelve.* Nashville: Abingdon Press, 1986.

FrR.E France, R.T. *The Evidence for Jesus.* Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 1986.

FrR.G France, R.T. "The Gospels as Historical Sources for Jesus, the Founder of Christianity." *Truth* 1.81-87. *Free Inquiry* 5 (Buffalo, NY: Spring 1985): 23.

FrJP.A Free, Joseph P. *Archaeology and Bible History.* Wheaton, IL: Scripture Press Publications, 1969.

FrJM.M Freeman, James M. *Manners and Customs of the Bible.* Ed.Rev. Plainfield: Logos International, 1972.

FuH.A Furneaux, Henry. *The Annals of Tacitus.* Segunda edição. Rev. H.F. Pelham e C.D. Fisher. Oxford: Oxford University Press, 1907.

GaJ.JCM Gartenhaus, Jacob. "The Jewish Conception of the Messiah." *Christianity Today* (13 de março de 1970). Geisler, Norman L. *Christian Apologetics.* Grand Rapids: Baker Book House, 1976.

GeN.IC Geisler, Norman L. "The Importance of the Christological Issues." Ensaio lido na conferência "Jesus Cristo: Deus e Homem", um encontro internacional de eruditos cristãos realizado em Dallas, 13 a 16 de novembro de 1986.

GeN.M Geisler, Norman L. "Miracles and Modern Scientific Thought." *Truth* 167-73. Geisler, Norman L. *Miracles and Modern Thought.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1982.

GeN.GIB Geisler, Norman L. e Nix, William E. *A General Introduction to the Bible.* Chicago: Moody Press, 1986.

GeB.MM Gerhardsson, Birger. *Memory and Manuscript.* Trad. Eric J. Sharpe. Copenhague: Villadsen og Christensen, 1964.

GiJ.IS Gibbin, John. *In Search of the Double Helix: Quantum Physics and Life.* Nova Iorque: McGraw-Hill Book Co., 1985.

GiE.D Gibbon, Edward. *The Decline and Fall of the Roman Empire.* Londres, 1794. Reimpressão, Nova Iorque: Peter Fenelon Collier & Son, 1900.

GlR.EP Gleason, Robert W., ed. *The Essential Pascal.* Trad. G.F. Pullen. Nova Iorque: Mentor-Omega Books, 1966.

GlN.RD Glueck, Nelson. *Rivers in the Desert: A History of the Negev.* Nova Iorque: Farrar, Straus and Cudahy, 1959.

GoM.JN Goguel, Maurice. *Jesus the Nazarene: Myth or History?* Trad. Frederick Stephens. Nova Iorque: D. Appleton and Co., 1926.

GoM.LJ Goguel, Maurice. *The Life of Jesus.* Nova Iorque: Macmillan Publishing Co., 1944.

GoMo.JJT Goldstein, Morris. *Jesus in the Jewish Tradition.* Nova Iorque: Macmillan Publishing Co., 1950.

GoL.UH/50 Gottschalk, Louis R. *Understanding History.* Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1950.

Gol.UH/69 Gottschalk, Louis R. *Understanding History.* Segunda edição. Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1969.

GraM.JHR Grant, Michael. *Jesus: An Historian's Review of the Gospels.* Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1977.

GraR.HI Grant, Robert. *Historical Introduction to the New Testament.* Nova Iorque: Harper & Row Publishers, 1963.

GreM.EP Green, Michael. Prefácio do Editor para *I Believe in the Resurrection of Jesus* por George Eldon Ladd. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1975.

GreM.MA Green, Michael. *Man Alive!* Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 1968.

GrS.ET Greenleaf, Simon. *An Examination of the Testimony of the Four Evangelists by the Rules of Evidence Administered in the Courts of Justice.* Nova Iorque: J. Cockroft & Co., 1874. Ed. reimpressa. Grand Rapids: Baker Book House, 1965.

GrJ.I Grenlee, J. Harold. *Introduction to the New Testament Textual Criticism.* Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1964. Guignebert, Charles Alford. *Jesus.* New Hyde Park, NY: University Books, 1956.

Gur.PR Gundry, Robert H. "The Essentially Physical View of Jesus Resurrection According to the New Testament." Ensaio lido na conferência, "Jesus Cristo: Deus e Homem", Dallas, 13 a 16 de novembro de 1986.

GuS.C Gundry, Stanley N. "A Critique of the Fundamental Assumption of Form Criticism, Part I." *Bibliotheca Sacra* 123 (jan.-mar. de 1966).

GuD.NTI Guthrie, Donald. *New Testament Introduction.* Terceira Edição. Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 1970.

HaN.AO Haas, N. "Anthropological Observations on the Skeletal Remains from Giv'at ha-Mivtar." *Israel Exploration Journal* 20 (1970).

HaG.AE Habermas, Gary R. *Ancient Evidence for the Life of Jesus.* Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1984.

HaG.DJR Habermas, Gary R. e Flew, Antony G.N. *Did Jesus Rise from the Dead?: The Resurrection Debate.* Rev. Terry L. Miethe. São Francisco: Harper & Row Publishers, 1987.

HaDA.R Hagner, Donald A. *The Jewish Reclamation of Jesus.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1984.

HaE.ME Haight, E.H. *More Essays on Greek Romances.* Londres: Longmans, Green and Co., 1945.

HaJ.AD Haley, John W. *Examination of Alleged Discrepancies of the Bible.* Boston: Estes and Lauriat, 1874.

HaF.B Hamilton, Floyd. *The Basis of Christian Faith.* Edição revisada e ampliada. Nova Iorque: Harper & Row Publishers, 1964.

HaR.IOT Harrison, Ronald Kenneth. *Introduction to the Old Testament.* Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1969.

HaA.J Harvey, A.E. *Jesus and the Constraints of History.* Filadélfia: The Westminster Press, 1982.

HaDJ.RS Hayles, David J. "The Roman Census and Jesus' Birth." *Buried History* 9 (dez. de 1973): 113-32.

HaDJ.RSII Hayles, David J. "The Roman Census and Jesus' Birth (Part II)." *Buried History* 10 (março de 1974): 16-31.

HeC.LH Hemer, C.J. "Luke the Historian." *Bulletin of the John Rylands University Library of Manchester 60* (outono de 1977): 28-51.

HeJ.UN Hewitt, J.W. "The Use of Nails in the Crucifixion." *Harvard Theological Review* 25 (1932).

HoH.C. Hoehner, Harold W. *Chronological Aspects of the Life of Christ.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1977. Hoehner, Harold W. "Jesus, the Source or Product of Christianity?" Palestra na Universidade da Califórnia em San Diego, La Jolla, Califórnia, 22 de janeiro de 1976.

HoG.W Howard, George. "Was the Gospel of Matthew Originally Written in Hebrew?" *Bible Review* (inverno de 1986): 15-25.

HuE.PF Hudson, E.C. "The Principal Family of Pisidian Antioch." *Journal of Near Eastern Studies* 15 (1956).

HuD.IC Hume, David. *An Inquiry Concerning Human Understanding.* Rev. Charles W. Hendel. Indianapolis: Bobbs-Merrill, 1955.

HuA.INT Hunter, Archibald M. *Intepreting the New Testament:* 1900-1950. Londres: SCM Press Ltd., 1951.

HuA.WWJ Hunter, Archibald M. *The Work and Words of Jesus.* Filadélfia: The Westminster Press, 1950. "A Jewish Bachelor." Jerusalem Perspective 1 (out. de 1987). Käsemann, Ernst. *Essays on New Testament Themes.* Naperville, IL: Alec R. Allenson, Inc., 1964; Londres: SCM Press Ltd., 1964.

KeC.COT Keil, C.F. e Delitzsch, F. *Commentary on the Old Testament.* 10 volumes. Edimburgo: T. & T. Clark, 1866. Edição reimpressa. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1980.

KeD.WIB Kennedy, D. James. *Why I Believe.* Waco: Word Books, 1980.

KeF.BA Kenyon, Sir Frederic. *The Bible and Archaeology.* Nova Iorque: Harper & Row Publishers, 1940.

KeF.BMS Kenyon, Frederic. *The Bible and Modern Scholarship.* Londres: J. Murray, 1948.

KeF.OB/41 Kenyon, Frederic. *Our Bible and the Ancient Manuscripts.* Nova Iorque: Harper & Brothers Publishers, 1948.

KeF.OB/48 Kenyon, Frederic. *Our Bible and the Ancient Manuscripts.* Nova Iorque: Harpers & Brothers

Publishers, 1948.
KiS.G Kistemaker, Simon. *The Gospels in Current Study.* Grand Rapids: Baker Book House, 1972.
KiG.JH Kittel, Gerhard. "The Jesus of History." *Mysterium Christi.* Rev. G.K.A. Bell e G.A. Deissman. Londres: Longmans, Green, 1930. Klausner, Joseph. *From Jesus to Paul.* Nova Iorque: MacMillan Publishing Co., 1943.
KlJ.JN Klausner, Joseph. *Jesus of Nazareth.* Nova Iorque: Menorah Publishing Co., 1925.
KlJ.MI Klausner, Joseph. *The Messianic Idea in Israel.* Nova Iorque: MacMillan Publishing Co., 1955.
KuWG.INT Kümmel, Werner George. *Introduction to the New Testament.* Ed.Rev. Trad. Howard Clark Lee. Nashville: Abingdon Press, 1875.
KuWG.NT Kümmel, Werner George. *The New Testament: The History of the Investigation of its Problems.* Trad. S.McLean Gilmour e Howard C. Kee. Nashville: Abingdon, 1972.
KuW.TR Künneth, Walter. *The Theology of the Resurrection.* Londres: SCM Press Ltd., 1965.
LaGE.IBR Ladd, George Eldon. *I Believe in the Resurrection of Jesus.* Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1975. Prefácio do Editor por Michael Green. Lake, Kirsopp. *The Historical Evidence for the Resurrection of Jesus Christ.* Nova Iorque: G.P. Putnam's Sons, 1907.
LaG.IBE Lamsa, George M. *Idioms in the Bible Explained and A Key to the Original Gospels.* São Francisco: Harper & Row Publishers, 1985.
LaW.CPAA Lane, William L. "A Critique of Purportedly Authentic Agrapha." *Journal of the Evangelical Theological Society* 18 (inverno de 1975): 29-35.
LaW.GAM Lane, William L. *The Gospel According to Mark.* Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1974.
LaP.I Lapide, Pinchas. "Insight From Qumran Into the Languages of Jesus." *Revue de Qumran.* No. 32, Tome 8, Fascicle 4 (dez. de 1975): 483-501. Lapide, Pinchas. *Israelis, Jews and Jesus.* Traduzido por Heinegg. Garden City, NY: Doubleday & Co., 1979.
LaP.NTT Lapide, Pinchas. *New Testament Theology: The Proclamation of Jesus.* Trad. John Bowden. Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1971.
LaP.R Lapide, Pinchas. *The Resurrection of Jesus: A Jewish Perspective.* Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1983.
LaN.W Lardner, Nathaniel. *The Works of Nathaniel Lardner.* Volume VI. Londres: William Ball, 1838.
LaWS.DSS LaSore, William Sanford. *The Dead Sea Scrolls and the New Testament.* Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1972.
LaK.HC Latourette, Kenneth Scott. *A History of Christianity.* Nova Iorque: Harper & Brothers Publishers, 1937.
LeL.CS Legrand, L. "The Christmas Story in Luke 2.1-7." *Indian Theological Studies* 19 (dez. de 1982): 289-317.
LeJ.HF Leo, John. "A Holy Furor." *Time* (15 de agosto de 1988).
LeC.CR Lewis, C.S. *Christian Reflections.* Revisão Walter Hooper. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1974. Lewis, C.S. *Fernseed and Elephants.* Londres: Collins, 1975.
LeC.MC Lewis, C.S. *Mere Christianity.* Nova Iorque: MacMillan Publishing Co., 1943.
LeC.M Lewis, C.S. *Miracles.* Nova Iorque: Macmillan Publishing Co., 1960. Edição em brochura, 1978.
LeC.SL Lewis, C.S. *The Screwtape Letters.* Nova ed., Londres: Geoffrey Bles, The Centenary Press, 1961.
LiJ.AF Lightfoot, J.B. *The Apostolic Fathers.* Grand Rapids: Baker Book House, 1956. Lindeskog, G. *Die Jesusfrage im Neauzeitlichen Judentum* Uppsala: Almquiest & Wiksells, 1938.
LiRL.HT Lindsey, Robert L. *A Hebrew Translation of the Gospel of Mark.* Segunda edição. Jerusalem: Dugith Publishers, 1973.
LiR.MC Lindsey, Robert. "On Jesus' Messianic Claims." *Through Their Eyes 1* (novembro de 1986).
LiP.KW Little, Paul. *Know Why You Believe.* Wheaton, IL: Scripture Press Publications, 1971. Loetscher, Lefferts A., ed. *Twentieth Century Encyclopedia of Religious Knowledge.* Grand Rapids: Baker Book House, 1955. Vol. 1: *Form Criticism,* por Floyd V. Filson. Luther, Martin. *Luther's Works.* Ref. por Franklin Sherman e Helmut T. Lehmann. Vol. 47: *The Christian in Society.* Filadélfia: Fortress Press, 1971. Maccoby, Hyam. *The Mythmaker: Paul and the Invention of Christianity.* Nova Iorque: Harper & Row Publishers, 1986.
MaH.RJ Maccoby, Hyam. *Revolution in Judaea: Jesus and the Jewish Resistance.* Londres: Orbach and Chambers, 1973. Edição Reimpressa. Nova Iorque: Taplinger, 1981.
MaJG.OPR Machen, J. Gresham. *The Origin of Paul's Religion.* Nova Iorque: Macmillan Publishing Co.,

1925.
MacJ.ET Macquarrie, John. *An Existentialist Theology: A Comparison of Heidegger and Bultmann.* Nova Iorque: Harper and Row Publishers, 1965. Maier, Paul L. "The Empty Tomb as History." *Christianity Today* 19 (28 de março de 1975): 5.
MaP.FE Maier, Paul. *First Easter.* Nova Iorque: Harper & Row Publishers, 1973.
MaT.QHJ Manson, T.W. "The Quest of the Historical Jesus — Continues." *Studies in the Gospels and Epistles.* Revisão Matthew Black. Manchester: Manchester University Press, 1962.
Mat.SM Manson, T.W. *The Servant-Messiah.* Cambridge, England: Cambridge University Press, 1953. Manson, W. *Jesus the Messiah.* Londres, N.P., 1943.
MaIH.IB Marshall, I. Howard. *I Believe in the Historical Jesus.* Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1977.
MarJ.RG Martin, James. *The Reliability of the Gospels.* Londres: Hodder & Stoughton, 1959.
MaJL.RM Martyn, J. Louis. Revisão do *Mythmaker*, por Hyam Maccoby. *New York Times Book Review* (20 de julho de 1986), pp. 8-9.
McJ.A McDowell, Josh e Stewart, Don. *Answers to Tough Questions Skeptics Ask About the Christian Faith.* São Bernardino: Here's Life Publishers, 1980.
McJ.E McDowell, Josh. *Evidence That Demands a Verdict.* São Bernardino: Here's Life Publishers, 1972.
McJ.ME McDowell, Josh. *More Evidence That Demands a Verdict.* São Bernardino: Here's Life Publishers, 1975.
McJ.ME/81 McDowell, Josh. *More Evidence That Demands a Verdict.* Ed. revisada. São Bernardino: Here's Life Publishers, 1981.
McJ.MTC McDowell, Josh. *More Than a Carpenter.* Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 1977.
McJ.RF McDowell, Josh. *The Resurrection Factor.* São Bernardino: Here's Life Publishers, 1981.
McJ.D McDowell, Josh e Larson, Bart. *Jesus: A Biblical Defense of His Deity.* São Bernardino: Here's Life Publishers, 1983.
McJ.UO McDowell, Josh e Stewart, Don. *Understanding the Occult.* São Bernardino: Here's Life Publishers, 1982.
McL.FC McGinley, Lawrence J. *Form Criticism of the Synoptic Healing Narratives.* Woodstock College Press, 1944.
McE.WFC McKnight, E.V. *What Is Form Criticism?* Filadélfia: Fortress Press, 1969.
McA.IS McNeile, A.H. *An Introduction to the Study of the New Testament.* Londres: Oxford University Press, 1953.
MeB.MR Metzger, Bruce M. "Mistery Religions and Early Christianity." Em seu *Historical and Literary Studies.* Leiden, Holanda: E.S. Brill, 1968.
MeB.MSM Metzger, Bruce M. "Methodology in the Study of the Mistery Religions and Early Christianity." *Historical and Literary Studies: Pagan, Jewish, and Christian.* Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1968.
MeB.TNT Metzger, Bruce M. *The Text of the New Testament.* Nova Iorque: Oxford University Press, 1968.
MeE.AREC Meyers, Eric M. e Strange, James F. *Archaeology, the Rabbis and Early Christianity.* Nashville: Abingdon Press, 1981.
MiA.TBT Millard, Alan. *Treasure From Bible Times.* Belleville, MI: Lion Publishing Corporation, 1985.
Montefiore, C.G. "The Originality of Jesus." *Hibbert Journal* 28 (1929-30): 101.
MoC.WJT Montefiore, C.G. "What a Jew Thinks About Jesus." *Hibbert Journal* 33 (1934-35).
MoJW.CTM Montgomery, John W., ed. *Christianity for the Tough Minded.* Minneapolis: Bethany Fellowship, 1973.
MoJW.HC Montgomery, John Warwick. *History and Christianity.* Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 1971.
MoJW.WHG Montgomery, John Warwick. *Where Is History Going?* Minneapolis: Bethany Fellowship, 1967.
MoS.LM Morais, Sabato. "A Letter by Maimonides to the Jews of South Arabia Entitled 'The Inspired Hope.'" *Jewish Quarterly Review* 25 (julho de 1934 — abril de 1935).
MoJP.S Moreland, J.P. *Scaling the Secular City.* Grand Rapids: Baker Book House, 1987.
MoL.SFG Morris, Leon. *Studies in the Fourth Gospel.* Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1969. Morrison, Frank. *Who Moved the Stone?* Londres: Faber and Faber, 1930.
MoCF.IE Moule, C.F.D. "The Intentions of the Evangelists." *New Testament Essays.* Rev. de A.J.B. Higgins. Manchester: Manchester University Press, 1959.

MoCF.PNT Moule, C.F.D. *The Phenomenon of the New Testament.* Londres: SCM Press Ltd., 1967.

MuC.FH Muller, C. *Fragmenta Historizum Graezorum III.*

MuF.BR Muller, Frederich. "Bultamnn's Relationship to Classical Philology." *The Theology of Rudolf Bultmann.* Rev. de Charles W. Kegley. Londres: SCM Press Ltd., 1966.

MuCu.W Murphy, Cullen. "Who Do Men Say That I Am?" *Atlantic Monthly* (dezembro de 1986).

NaR.CF Nash, Ronald. *Christian Faith and Historical Understanding.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1984.

NaR.CHW Nash, Ronald. *Christianity and the Hellenistic World.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1984.

NeW.RB Neil, William. *The Rediscovery of the Bible.* Nova Iorque: Harper & Brothers, 1954.

NeS.INT Neil, Stephen. *The Interpretation of the New Testament.* Londres: Oxford University Press, 1964. Newsweek (8 de agosto de 1966), p.51.

OrH.AI Orlinsky, Harry. *Ancient Israel.* Ithaca: Cornell University Press, 1954.

PaW.DC Pannenberg, Wolfhart. Em "A Dialogue on Christ's Resurrection." *Christianity Today* 12 (abril de 1968).

PeN.RTJ Perrin, Norman. *Rediscovering the Teaching of Jesus.* Nova Iorque: Harper & Row Publishers, 1967.

PeN.WRC Perrin, Norman. *What Is Redaction Criticism?* Filadélfia: Fortress Press, 1969.

PhJ.RT Phillips, J.B. *The Ring of Truth.* Nova Iorque: Macmillan Publishing Co., 1967.

PiS.AVT Pines, Shlomo. *An Arabic Version of the Testimonium Flavianum and its Implications.* Jerusalem: Jerusalem Academic Press, 1971.

PiC.SF Pinnock, Clark. *Set Forth Your Case.* Nova Jérsei: The Craig Press, 1968.

PiC.TT Pinnock, Clark. "The Tombstone That Trembled." *Christianity Today* 12 (abril de 1968): 8.

PrE.LY Prophet, Elizabeth Clare. *The Lost Years of Jesus.* Livingston, MT: Summit University Press, 1984.

RaW.BRD/15 Ramsay, W.M. *The Bearing of Recent Discovery on the Trustworthiness of the New Testament.* Londres: Hodder & Stoughton, 1915.

RaW.BRD/53 Ramsay, W.M. *The Bearing of Recent Discovery on the Trustworthiness of the New Testament.* Reimpressão da edição londrina de 1915. Grand Rapids: Baker Book House, 1953.

RaW.SPT Ramsay, W.M. *St. Paul the Traveller and the Roman Citizen.* Grand Rapids: Baker Book House, 1962.

RaW.WCB Ramsay, W.M. *Was Christ Born at Bethlehem?* Londres: Hodder & Stoughton, 1898.

ReE.FC Redlich, E.B. *Form Criticism.* Edimburgo: Thomas Nelson and Sons, Ltd. 1939.

ReB.RSG Reicke, Bo. *The Roots of the Synoptic Gospels.* Filadélfia: Fortress Press, 1986.

RiG.TJ Richards. G.C. "The Testimonium of Josephus." *Journal of Theological Studies* 42 (1941).

RiG.CN Richards, G.C. e Shutt, R.J.H. "Critical Notes on Josephus" *Antiquities." Classical Quarterly* 31 (1937).

RiD.ETH Richardson, Don. *Eternity in Their Hearts.* Ventura, CA: Regal Books, 1981. Ridderbos, Herman N. *Bultmann.* Trad. David H. Freeman. Grand Rapids: Baker Book House, 1960.

RiHN.POT Ridderbos, Herman N. *Paul: An Outline of His Theology.* Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1975.

RiH.GT Riesenfeld, Harold. *The Gospel Tradition.* Filadélfia: Fortress Press, 1970.

RiH.GTB Riesenfeld, Harold. *The Gospel Tradition and its Beginnings.* Londres: A.R. Mowbray & Co. Limited, 1961.

RiHA.TS Rigg, Horace A.,Jr. "Thallus: The Samaritan?" *Harvard Theological Review* 34 (1941).

RoJM.NHL Robinson, James M., rev. *The Naag Hammadi Library.* Nova Iorque: Harper & Row Publishers, 1981.

RoJA.RNT Robinson, John A.T. *Redating the New Testament.* Filadélfia: The Westminster Press, e Londres: SCM Press Ltd. 1976.

SaS.TJE Safrai, S., e Stern, M., ed. *The Jewish People in the First Century.* 2 volumes. Amsterdam: Van Corcum, Assen, 1976.

SaC.IR Sanders, C. *Introduction to Research in English Literary History.* Nova Iorque: Macmillan Publishing Co. 1952.

SaS.JU/56 Sandmel, Samuel. *A Jewish Understanding of the New Testament.* Cincinnati: Hebrew Union College Press, 1956.Sandmel, Samuel. *A Jewish Understanding of the New Testament.* Reimpressão. Nova Iorque: Ktav Publishing House, 1974.

SaS.WJ/65 Sandmel, Samuel. *We Jews and Jesus.* Nova Iorque: Oxford University Press, 1965.

SaS.WJ/73 Sandmel, Samuel. *We Jews and Jesus.* Reimpressão. Nova Iorque: Oxford University Press,

1973. *Saturday Review* (3 de dezembro de 1966), p.43.
ScP.HCC Schaff, Philip. *History of the Christian Church.* Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1882.
ScH.TPP Schonfield, Hugh. *The Passover Plot.* Nova Iorque: Bantam Books, 1965.
ScE.HJP/90 Schürer, Emil. *A History of the Jewish People in the Times of Jesus Christ.* Edimburgo: T. & T. Clark, 1890.
ScE.HJP/73 Schürer, Emil. *The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ* (175 a.C. — 135 a.D.). Vol. 1. Editado e revisado por Geza Vermes e Fergus Millar. Edimburgo: T. & T. Clark, 1973.
ScA.PI Schweitzer, Albert. *Paul and His Interpreter.* Londres: n.p., 1912.
ScA.QHJ Schweitzer, Albert. *The Quest of the Historical Jesus.* Trad. da primeira edição germânica, *Von Reimarus zu Wrede,* 1906. Nova Iorque: Macmillan Publishing Co., 1961.
ScEF.KM Scott, Ernest Findlay. *Kingdom and the Messiah.* Edimburgo: T. & T. Clark, 1911.
SeR.L Selby, Ray. "The Language in Which Jesus Taught." *Theology.* 86 (maio de 1983): 185-193.
ShT.TFC Sheehan, Thomas. *The First Coming.* Nova Iorque: Random House, 1986.
ShA.RS Sherwin-White, A.N. *Roman Society and Roman Law in the New Testament.* Grand Rapids: Baker Book House, 1963. Sider, Ronald. "A Case for Easter." *His* (abril de 1972), p.29.Smalley, Stephen S. "Redaction Criticism." *New Testament Interpretation.* Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1977, p.181.
SmM.CA Smith, Morton. *Clement of Alexandria and a Secret Gospel of Mark.* Cambridge, MA: Harvard University Press, 1973.
SmM.JTM Smith, Morton. *Jesus the Magician.* Nova Iorque: Harper & Row Publishers, 1978.
SmM.TSG Smith, Morton. *The Secret Gospel.* Nova Iorque: Harper & Row Publishers, 1973.
SmR.CD Smith, Robert. "Caesar's Decree (Luke 2.1-2): Puzzle or Key?" *Currents in Theology and Mission* 7 (dez. de 1980: 343-51. Smith, Wilbur M. *Therefore Stand: Christian Apologetics.* Grand Rapids: Baker Book House, 1965.
SpR.ANT Spiveg, Robert A. e Smith, D. Moody, Jr. *Anatomy of the New Testament.* Londres: The Macmillan Company — Collier Macmillan Limited, 1969.
StE.JHS Stauffer, Ethelbert. *Jesus and His Story.* Trad. Dorothea M. Barton. Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1960.
StG.JH Stein, Gordon. "The Jesus of History: A Reply to Josh McDowell." Circular publicada pela The Free Thought Association, Culver City, CA, 1984.
StR.DS Stein, Robert H. *Difficult Sayings in the Gospels.* Grand Rapids: Baker Book House, 1985.
StRA.ERT Stewart, R.A. *The Early Rabbinic Tradition: And Its Importance for New Testament Background.* Londres: Inter-Varsity Fellowship, 1949. Strauss, David Frederick. *The Life of Jesus for the People.* Volume I. Segunda edição. Londres: William & Norgate, 1879.
StB.TFG Streeter, B.H. *The Four Gospels, A Study of Origins.* Londres: The Macmillan Company, 1936.
StP.M Stube, Paul. *Minim.* Rascunho. ©1987.
TaA.I Tambasco, Anthony J. *In the Days of Jesus.* Ramsey, NJ: Paulist Press, 1983.
TaV.LMJ Taylor, Vincent. *The Life and Ministry of Jesus.* Londres: n.p., 1954.
TaV.FGT Taylor, Vincent. *The Formation of the Gospel Tradition.* Segunda edição. Londres: Macmillan and Co. Ltd., 1935.
Taw.MGT Taylor, W.S. "Memory and Gospel Tradition." *Theology Today* 15 (jan. de 1959).
TeW.RIJ Temple, W. *Readings in St. John's Gospel.* Londres: Macmillan and Company, Limited, 1939 — 40,1945. P.24.
TeM.HV Tenney, Merrill C. "Historical Verities in the Gospel of Luke." *Bibliotheca Sacra* 135 (abril-junho de 1978): 126-139. Tenney, Merrill C. "The Resurrection of Jesus Christ." *Prophecy in the Making.* Editado por Carl Henry. Carol Stream, IL: Creation House, 1971, p. 59.
ThH.JTM Thackeray, H.St.J. *Josephus the Man and the Historian.* Nova Iorque: Hebrew Union College, 1929.
ThR.H Thomas, Robert L. e Gundry, Stanley N. *A Harmony of the Gospels.* São Francisco: Harper & Row Publishers, 1978.
TrW.PP Trotter, William Finlayson, *Paschal's Pensees.* Nova Iorque: E.P. Dutton & Co., 1954. "TV Series Is Ridiculed." *The Universe* (6 de abril de 1984). Tzaferis, V. "Jewish Tombs at and Near Giv'at ha-Mivtar, Jerusalem." *Israel Exploration Journal* 20 (1970): 30.
UnM.AOT Unger, Merrill F. *Archaeology and the Old Testament.* Chicago: Moody Press, 1954.
VeM.MSG Vermaseren, M.J. *Mithras? The Secret God.* Londres: Chatto and Windus, 1963.
VeM.DSS Vermes, Geza. *The Dead Sea Scrolls in English.* Harmondsworth/Baltimore, MD.: Penguin Books, 1968.
VeG.JWJ Vermes, Geza. *Jesus and the World of Judaism.* Londres: SCM Press Ltd., 1983.

VeG.JTJ Vermes, Geza. *Jesus the Jew: A Historian's Reading of the Gospels.* Nova Iorque: Macmillan Publishing Co., 1973.
VoH.EE von Campenhausen, Hans. "The Events of Easter and the Empty Tomb." *Tradition and Life in the Church.* Filadélfia: Fortress Press, 1968.
WaG.PB Wagner, Günter. *Pauline Baptism and the Pagan Mysteries.* Edimburgo: Oliver and Boyd, 1967. Wand, William. *Christianity: A Historical Religion?* Valley Forge: Judson Press, 1972.
WeJ.DE Wellhausen, Julius. *Das Evangelium Lucae.* N.p., 1904.
WeG.DJE/75 Wells, G.A. *Did Jesus Exist?* Londres: Elek/Pemberton, 1975.
WeG.DJE/86 Wells, G.A. *Did Jesus Exist?* Ed.Rev. Londres: Pemberton, 1986.
WeG.HE Wells, G.A. *The Historical Evidence for Jesus.* Buffalo: Prometheus Books, 1982.
WeG.JEC Wells, G.A. *The Jesus of the Early Christians.* Londres: Pemberton, 1971.
WeJW.GO Wenham, John W. *Easter Enigma.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1984.
WeJW.GO Wenham, John W. "Gospel Origins." *Trinity Journal* 7.2 (1978).
We&H.TNT Westcott, Brooke Foss e Hort, Fenton John Anthony. *The New Testament in the Original Greek.* Nova Iorque: The Macmillan Company, 1946. Whiston, William, trad. *The Works of Josephus.* Lynn, MA: Hendrickson Publishers, 1980.
WiA.NTI Wikenhauser, Alfred. *New Testament Introduction.* Trad. Joseph Cunningham. Freiburgo, Alemanha Ocidental: Herder and Herder, 1958.
WiI.JTE Wilson, Ian. *Jesus: The Evidence.* São Francisco: Harper & Row Publishers, 1984.
WiM.W Wilson, Marvin R. "Who is our Neighbor?" *Through Their Eyes* 1 (setembro de 1986): 10-11.
WiP.J Winter, Paul. "Excursus II — Josephus on Jesus and James." Em Schürer, Emil, *The History of the Jewish People in the Time of Jesus Christ,* vol. I. Rev. e ed. por Geza Vermes e Fergus Millar. Edimburgo: T. & T. Clark, 1973.
WoH.MEC Workman, Herbert B. *The Martyrs of the Early Church.* Londres: Charles H. Kelly, 1913.
WrM.BAC Wrenn, Michael J. "The Biblical Account of Christmas — A True Story." *The Wanderer* (22 de dezembro de 1983).
YaE.EMH Yamauchi, Edwin M. "Easter — Myth, Hallucination, or History? Part One." *Christianity Today* 4 (15 de março de 1974).
YaE.PCG Yamauchi, Edwin M. *Pre-Christian Gnosticism.* Segunda ed., Grand Rapids: Baker Book House, 1983.
YaE.SSS Yamauchi, Edwin M. "Stones, Scripts, Scholars." *Christianity Today* 13 (14 de fevereiro de 1969).

Fontes Antigas (AS)

The Apocrypha. Trad. Edgar J. Goodspeed. Nova Iorque: Random House, 1959.
BeH.FU Bell, H.I. e Skeat, T.C., eds. *Fragments of an Unknown Gospel and Other Early Christian Papyri.* Publicado por Trustees of the British Museum, 1935.
Cicero, Marcus Tullius. 28 volumes na Loeb Classical Library. Londres: William Heinemann; Cambridge, MA: Harvard University Press, 1972-
Clement, *Corinthians.* Diodoro Siculo. 12 volumes na Loeb Classical Library. Londres: William Heinemann, 1933-
Diogenes Laertius. *Lives of Eminent Philosophers.* The Loeb Classical Lybrary. Londres: William Heinemann, 1959.
Eusébio. "The Epistle of the Church in Smyrna." *Trials and Crucifixion of Christ.* Ed. A.P. Stout. Cincinnati: Standard Publishing, 1886.
Eusébio. *Demonstration of the Gospel.*
Eusébio. *The History of the Church.* Trad. G.A. Williamson. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1965.
FuH.A Furneaux, Henry. *The Annals of Tacitus.* Segunda ed. Rev. H.F. Pelham e C.D. Fisher. Oxford: Oxford University Press, 1907.
J.A/L Josephus. *Antiquities,* vol. IX, edição Loeb. Trad. Louis H. Feldman. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1965. Josephus. *The Works of Josephus.* Trad. William Whiston. Lynn, MA: Hendrickson Publishers, 1980.
LiJ.AF Lightfoot, J.B. *The Apostolic Fathers.* Grand Rapids: Baker Book House, 1956.
Luciano. *The Death of Peregrine.* Em *The Works of Lucian of Samosata,* 4 vols. Trad. H.W.Fowler e F.G.Fowler. Oxford: The Clarendon Press, 1949.

Pausânio. *Description of Greece*. Loeb Classical Library. Londres: William Heinemann, 1931. Filo. 17 volumes na Loeb Classical Library. Londres: William Heinemann, 1929-.
Plínio Segundo. *Letters and panegyricus*. 2 vols. na Loeb Classical Library. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1969.
Plínio. *Natural Histories*. 10 vols. na Loeb classical Library. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1967.
Plutarco. *Lives*. 11 vols. na Loeb Classical Library. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1948.
Prudêncio. 2 vols. na Loeb Classical Library. Londres: William Heinemann, 1961-62.
RoA.ANF Roberts, Alexander e Donaldson, James, eds. *The Ante-Nicene Fathers*. Rev. de A.Clevand Coxe, 1885. Reimpressão americana da edição de Edimburgo, Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1973.
Suetônio. *The Twelve Caesars*. Trad. Robert Graves. Rev. de Michael Grant. Nova Iorque: Viking Penguin, Inc., 1979.
Tácito. *The Annals of Imperial Rome*. Rev. e trad. de Michael Grant. Nova Iorque: Viking Penguin, Inc., 1971.
Tácito. 4 vols. na Loeb Classical Library. Londres: William Heinemann, 1931-.
WaB.AT Walker, Bessie. *The Annals of Tacitus*. Manchester: Manchester University Press, 1960.

Fontes Rabínicas (RS)

Talmude Babilônico. Editado por Isidore Epstein. Londres: The Soncino Press, 1948.
The Mishnah. Danby, Herbert, ed. Oxford: Oxford University Press, 1933.
The Talmud of the Land of Israel (Talmude de Jerusalém). Ed. por Jacob Neusner. Chicago: The University of Chicago Press, 1982-1988.
The Tosefta. Trad. Jacob Neusner. Nova Iorque: Ktav Publishing House, 1979-1981.

Obras de Referência (R)

Encyclopedia Britannica. 15a. edição.
Encyclopedia International. 1972.
Encyclopedia Judaica. Ed. C. Roth. 1971.
AcP.HBD *Harper's Bible Dictionary*. Paul J. Achtemeier, ed. São Francisco: Harper & Row Publishers, 1985.*The International Standard Bible Encyclopedia*. Ed. 1979. *The Jewish Encyclopedia*. Vol. 8. Nova Iorque: Funk and Wagnalls Co., 1906.
RoJM.NHL *The Nag Hammadi Library*. Ed. James M. Robinson. Nova Iorque: Harper & Row Publishers, 1981.*New American Standard Bible*. The Lockman Foundation, 1977.
DoJ.IDCC *The New International Dictionary of the Christian Church*. J.D. Douglas, ed. Edição revisada. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1974.
TeM.ZPE *The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible*. 5 vols. Merrill C. Tenney, Editor Geral. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1975.

ELE ANDOU ENTRE NÓS

Jamais houve um tempo em que ataques mais blasfemos tivessem sido feitos contra Jesus Cristo, o Messias. Cada fase do seu messiado está sendo desafiada: Seu nascimento, Sua vida, Seus milagres, Sua morte, Sua ressurreição... tudo foi questionado. Desde o Movimento da Nova Era até o filme infame, "A Última Tentação de Cristo", surge esta pergunta: Jesus existe?

Para responder a esta pergunta vital através de uma poderosa erudição apologética, a Trinity Broadcasting Network voltou-se para os escritos de dois eruditos modernos e está apresentando aos seus associados o trabalho destacado de Josh McDowell e Bill Wilson: ELE ANDOU ENTRE NÓS.

É nossa esperança e oração que este dom de amor fortaleça cada um de vocês para uma vida vitoriosa, testemunho mais dinâmico e resposta ponderada ao ataque do ceticismo da Nova Era que busca desestabilizar os próprios fundamentos da Igreja nestes últimos dias.

Paul e Jan Crouch
Presidentes/Fundadores
TRINITY BROADCASTING NETWORK

Editora Candeia

ISBN 85-7352-068-X

9 788573 520682